Michel Zévaco

Les Pardaillan

Be*Q*

Índice

Michel Zevaco

Os Pardaillans

BeQ_ _

Michel Zevaco

Os Pardaillans

novela

coleção **da Biblioteca Eletrônica de Quebec** *Para todos os ventos*

Volume 914: Versão 1.0

A série Pardaillan inclui: 1. O Pardaillan.

2. O épico de amor.

3. Fausta.

4. Fausta derrotada.

5. Pardaillan e Fausta.

6. Os amores do Chico.

7. O filho de Pardaillan.

8. O filho de Pardaillan *(continuação)* .

9. O fim de Pardaillan.

10. O fim de Fausta.

3

Os Pardaillans

Edição de referência:

Robert Laffont, col. Livros.

Edição completa.

4

EU

Os dois irmãos

A casa era baixa, toda térrea, com cara de humilde. Perto de uma janela aberta, numa poltrona brasonada, um homem, um velho alto de cabeça branca; um daqueles rostos ásperos usados pelos capitães que sobreviveram aos épicos bélicos do tempo do rei Francisco I.

Ele olhou tristemente para a massa cinzenta da mansão feudal de Montmorency, que erguia o orgulho de suas torres ameaçadoras à distância.

Então seus olhos desviaram.

Um suspiro terrível como uma maldição silenciosa encheu seu peito; ele perguntou :

“Minha filha?... Onde está minha filha?...

Um criado, que estava arrumando o quarto, respondeu: 5

"Mademoiselle foi ao bosque colher lírio do vale.

- Sim, é verdade ; é primavera. As sebes são perfumadas. Cada árvore é um buquê. Tudo ri, tudo canta, flores por toda parte. Mas a flor mais linda, minha Jeanne, minha filha nobre e casta, é você...

Seu olhar, então, caiu sobre a formidável silhueta da mansão agachada na colina, como um monstro de pedra que o observava de longe...

- Tudo que eu odeio está lá! ele rosnou. Aí está o poder que me quebrou, aniquilou! Sim, eu, senhor de Piennes, outrora senhor de um país inteiro, estou reduzido a viver quase miseravelmente, neste humilde canto da terra que me foi deixado pela rapacidade do condestável!... Que digo, louco? Mas ele não está tentando, neste exato momento, me expulsar deste último refúgio!... Quem sabe se amanhã minha filha ainda terá uma casa para se abrigar! Ó minha Jeanne... você está colhendo flores...

suas últimas flores talvez!...

Duas lágrimas silenciosas cavaram um amargo 6

sulco entre as rugas desse rosto desesperado.

De repente ele ficou terrivelmente pálido: um cavaleiro, vestido de preto, desmontou na frente da casa, entrou e se curvou diante dele!...

"Inferno!... O oficial de justiça de Montmorency!...

"Senhor de Piennes", disse o negro, "acabo de receber de meu senhor, o condestável, um papel que tenho ordens de lhe comunicar imediatamente.

"Um papel", murmurou o velho, enquanto um grande estremecimento de angústia o sacudia por inteiro.

– Sire de Piennes, dolorosa é minha missão: este papel aqui é uma cópia de um decreto do Parlamento de Paris datado de ontem, sábado, 25 de abril deste ano de 1553.

– Um acórdão do Parlamento! exclamou o Senhor de Piennes, que se endireitou e cruzou os braços. Fale, senhor. Com que novo golpe me atinge o ódio do policial? Vamos ver! dizer!

"Senhor", disse o oficial de justiça em voz baixa e 7

como vergonhoso, o decreto declara que você ocupa indevidamente o domínio de Margency; que o rei Luís XII ultrapassou o seu direito ao conferir-lhe a propriedade desta terra, que deve devolver à casa de Montmorency, e que lhe é ordenado devolver o castelo, a aldeia, os prados e os bosques no prazo de um mês...

O Senhor de Piennes não se moveu, nem um gesto. Só que uma palidez maior se espalhou por seu rosto e, no silêncio do quarto, enquanto lá fora, em um galho de ameixeira florida, uma toutinegra cantava, sua voz trêmula se elevou:

– Ó meu digno senhor Luís XII! e você, ilustre Francisco I! você vai sair de seus túmulos para ver como eles tratam aquele que, em quarenta campos de batalha, arriscou sua vida e derramou seu sangue? Voltem, senhores! E você assistirá a este grande espetáculo do velho soldado despojado viajando pelas estradas da Île-de-France para mendigar um pedaço de pão!

Diante desse desespero, o oficial de justiça estremeceu.

Furtivamente, colocou sobre uma mesa os 8

pergaminho amaldiçoado, e ele recuou, foi até a porta e fugiu.

Então, na pobre casa, ouviu-se um grito fúnebre de cortar o coração:

- E minha filha! Minha filha ! Minha Joana! Minha filha é sem-teto! Minha Jeanne está sem pão!

Montmorency! maldição sobre você e toda a sua raça!

O velho estendeu os punhos cerrados em direção à mansão, seus olhos convulsionaram... ele desmaiou.

A catástrofe foi terrível. De fato, Margência, que desde Luís XII pertencia ao senhor de Piennes, era tudo o que restava de seu antigo esplendor a esse homem que outrora governou a Picardia. No colapso de sua fortuna, ele se refugiou nesta terra pobre encerrada nos domínios do Condestável.

E até então apenas uma alegria o prendia à vida, uma alegria luminosa e pura; sua filha, sua Jeanne, sua paixão, sua adoração.

A baixa renda de Margency pelo menos colocava a dignidade da criança além de qualquer insulto.

9

Agora acabou! O julgamento do Parlamento foi, para Jeanne de Piennes e seu pai, miséria vergonhosa, miséria sinistra, o que o povo, com seu gênio para o epíteto pictórico, chama: miséria negra!

*

Jeanne tinha dezesseis anos. Esbelta, frágil, altiva, de requintada elegância, ela parecia uma criatura feita para o deleite dos olhos, uma emanação dessa primavera radiante, como, em sua graça ligeiramente selvagem, um espinheiro trêmulo sob o orvalho do sol nascente.

Neste domingo, 26 de abril de 1553, ela saiu como todos os dias, no mesmo horário.

Ela havia entrado na floresta de castanheiros contra a qual Margency estava encostada.

Era para a noite. Perfumes encheram a madeira. Havia amor no ar.

Na floresta, Jeanne, oprimida, com uma mão no coração, começou a andar rapidamente em
10

sussurrando:

"Ouso dizer a ele?" Esta noite, sim, a partir desta noite, falarei!... contarei este terrível segredo... e tão doce!

De repente, dois braços fortes e ternos a abraçaram. Uma boca trêmula procurou sua boca:

- Você, finalmente! Voce meu amor...

– Meu François! meu caro senhor!...

- Mas qual é o problema, meu amado? Você está tremendo...

– Escute, escute, meu François... Oh! Eu ouso...

Ele se inclinou, abraçou-a mais apertado.

Ele era um rapaz alto e bonito com olhos retos, um rosto gentil, uma testa alta e calma.

Agora, esse jovem se chamava François de Montmorency! ele era o filho mais velho daquele Condestável Anne, que acabara de arrebatar do Senhor de Piennes o último fragmento de sua fortuna!

Seus lábios estavam unidos!

11

Entrelaçados, caminhavam lentamente entre as flores abertas, cuja alma se espalhava em fragrâncias misteriosas.

Às vezes um estremecimento sacudia o amante. Ela parou, ouviu e murmurou:

– Eles nos seguem... eles nos espionam... você ouviu?

– Um dom-fafe assustado, meu doce amor...

- François! François! Oh ! Estou com medo...

- Temer ? criança... quem ousaria olhar para você enquanto meu braço o protege!

– Tudo me preocupa... Estou tremendo! Especialmente por três meses... Ah! Estou com medo...

- Querido amado! Há três meses que você é minha, desde a hora abençoada em que nosso amor impaciente precedeu a lei dos homens para obedecer à lei da natureza, mais do que nunca, Jeanne, você está sob minha proteção. Do que você tem medo? Em breve você terá meu nome. O ódio que divide nossos dois pais, eu o quebrarei!...

— Eu sei, meu senhor, eu sei! E mesmo 12

se essa felicidade não fosse reservada para mim, eu ainda ficaria feliz em ser inteiramente sua. Oh !

ame-me, ame-me, meu Francisco! pois uma calamidade está sobre minha cabeça!

"Eu te adoro, Jane. Juro pelos céus, nada no mundo pode impedir você de ser minha esposa!

Uma gargalhada, surda, ressoou nas proximidades...

"Então," continuou François, "se você está perturbado por algum luto secreto, confie-o ao seu amante... ao seu marido.

"Sim, sim!... esta noite. Escute, à meia-noite, estarei esperando por você... na minha boa enfermeira... você deve saber!... à noite, atrevo-me!

- À meia-noite, então, amado...

– E agora, vá, vá... adeus... vejo você hoje à noite...

Um abraço final os une. Um último beijo os fez estremecer. Então François de Montmorency correu para a frente, desapareceu sob as moitas.

Por um minuto Jeanne de Piennes permaneceu no mesmo lugar, comovida, palpitante.

Finalmente, com um suspiro, ela se virou. Aos 13

Ao mesmo tempo, ela ficou muito pálida: alguém estava na frente dela – um homem na casa dos vinte anos, rosto violento, olhos escuros, comportamento altivo.

Jeanne deu um grito de horror:

"Você, Henrique! vocês !

Uma expressão indescritível de amargura torceu o rosto do recém-chegado que, com voz rouca, respondeu:

"Eu, Joana!" Parece que eu te assusto!

Pelo deus da morte, não tenho o direito de falar com você... como ele... como meu irmão!

Ela continuou tremendo. E ele, caindo na gargalhada:

– Se eu não tiver esse direito, eu pego! Sim, sou eu Jeanne! Eu que, se não ouvi tudo, pelo menos vi tudo! Tudo ! seus beijos e seus abraços! Tudo, eu te digo! pelo inferno! Você me fez sofrer como o maldito! E agora me escute! Sangue de Cristo, não fui eu o primeiro a declarar meu amor a você?

Eu não valho François?

14

Uma estranha dignidade exaltava a jovem.

– Henri, ela disse, eu te amo e sempre te amarei como a um irmão... o irmão daquele a quem dei minha vida. E meu carinho por você deve ser grande, pois nunca disse uma palavra a François... nunca direi a ele... ah!

Nunca !

– Ah! é antes para poupar-lhe uma preocupação! Mas diga a ele que eu te amo!

Deixe-o vir, de braços dados, me responsabilize!

- Isso é demais, Henrique! Essas palavras são odiosas para mim, e preciso de todas as minhas forças para ainda lembrar que você é irmão dele!

"Seu irmão? Seu rival! Pense, Joana!...

– Ó meu François, disse ela, apertando as mãos, perdoe-me por ter ouvido e por me calar!

O jovem cerrou os dentes e suspirou:

"Então você está me afastando! Fale!" mas fale então!... Está calado?... Ah! pegue 15

guarda !

– Que as ameaças que leio em seus olhos recaiam somente sobre mim!

Henrique estremeceu.

“Adeus, Jeanne de Piennes,” ele rosnou; você pode me ouvir?... Adeus... e não adeus!...

Em seguida, seus olhos foram injetados. Ele estremeceu violentamente, balançou a cabeça como um javali ferido e correu pela floresta.

"Que eu seja o único atingido!" gaguejou Jeanne.

E quando ela disse essas palavras, algo desconhecido, distante, inexprimível estremeceu profundamente dentro de seu ser. Com um gesto instintivo, ela levantou as mãos para os lados e caiu de joelhos, tomada por um terror louco, ela gaguejou:

- Apenas ! só ! Mas, infeliz, não estou mais sozinho! mas há em mim um ser que vive e quer viver! que não quero deixar morrer!...

II

Meia-noite !...

O silêncio e a escuridão de uma noite sem lua pesavam sobre o vale de Montmorency. Ao longe, um cão de fazenda estava latindo até a morte. Onze horas soaram lentamente do campanário de Margency.

Jeanne de Piennes endireitou-se para contar os golpes, deixando de operar a roca!... Murmurou:

– Querida filha do meu amor, pobre e querido anjinho, quem sabe a dor que a vida te reserva!...

Ela ficou em silêncio por um longo tempo. Então, enquanto um vinco vincava sua testa pura, ela retomou:

– Esta noite, quando cheguei em casa, por que meu pai parecia perturbado por algum sofrimento desconhecido?... Por que, tão convulsivamente, ele me abraçou no coração?

Como ele estava pálido! Em vão, tentei arrancar-lhe o segredo... Pobre pai! O que eu não daria para ter minha parte de sua tristeza... mas você não diria nada...

você só chorou olhando pra mim...

Seu olhar caiu sobre uma foto emoldurada na parede.

Ela se levantou, aproximou-se, ajoelhou-se, as mãos unidas.

– Senhora Virgem, dizem que você é a mãe das mães, e que sabe tudo e pode tudo. Que meu senhor e amante não rejeite a criança que quer viver...

Virgem, boa Virgem, fazei que o fruto do meu ventre não seja amaldiçoado... e que, sozinho, eu lamento a culpa!...

A metade tinha batido... Ela esperou novamente, com uma angústia que a abalou até o coração...

Por fim, apagou a tocha, enrolou-se em um manto e, abrindo a porta, caminhou em direção à casa de um camponês localizada a cinquenta passos de distância.

Como ela contornou uma cerca viva perfumada 18

de rosas silvestres, parecia-lhe que uma sombra, uma forma humana, estava do outro lado da cerca viva.

"François!..." ela chamou, tremendo.

Nada lhe respondeu... e, balançando a cabeça, ela continuou seu caminho.

Então essa sombra começou a se mover, deslizou para a residência do Senhor de Piennes, foi direto para uma janela iluminada; e o homem, rudemente, bateu.

*

O Senhor de Piennes não tinha ido para a cama.

Lentamente, com as costas curvadas, ele caminhou pela sala, sua mente se esforçando em uma busca terrível: o que seria de sua Jeanne! A quem confiar? Para

a quem pedir, pedir hospitalidade... para ela!

para ela ! só para ela!...

A batida na janela de repente interrompeu sua caminhada sombria e o imobilizou na expectativa ofegante de uma catástrofe final.

19

Eles bateram com mais força, mais imperiosamente.

O senhor de Piennes, então, abriu, olhou!...

E um rugido de ódio, dor e desespero rasgou sua garganta... Quem atacou era filho do inimigo implacável, era Henri de Montmorency!

O velho virou-se: com um salto, correu para uma panóplia, desenganchou duas espadas, jogou-as sobre a mesa.

Henri tinha entrado pela janela, desgrenhado, abatido.

Os dois homens se encontraram cara a cara, ambos pálidos, tensos, eriçados.

Eles estavam ofegantes, incapazes de pronunciar uma palavra.

Com um sinal violento, o senhor de Piennes mostrou as duas espadas.

Henri balançou a cabeça, deu de ombros e agarrou a mão do velho.

– Não vim me medir com 20

você, ele disse com uma voz demente; para fazer o que ?

Eu te mataria. E, além disso, não tenho ódio contra você! Preocupa-me que meu pai tenha desonrado você? Eu digo ! Oh ! Eu sei: pelo policial, você perdeu seu governo; suas terras de Piennes foram confiscadas; rico e poderoso como você era, você é pobre e miserável!...

"Então o que você veio fazer aqui?" Falar ! repreendeu o velho capitão, golpeando a mesa com um golpe formidável. Sua presença nesta casa é para mim o último ultraje! E você não quer lutar! Vamos ver! você vem me desafiar?

É o teu pai que te envia, não ousando vir pessoalmente? Você veio ver se o golpe que ele me deu não me matou? Falar ! ou certifico meu ódio que você morrerá instantaneamente.

Henri, com as costas da mão, enxugou o suor que inundava sua testa.

"Você quer saber por que estou aqui?" É porque eu sei que você deve a miséria que o domina aos Montmorencys! Sim, é porque conheço seu ódio, velho tolo, que venho a você 21

gritar: Não é um abominável sacrilégio que Jeanne de Piennes seja amante de François de Montmorency!...

O Senhor de Piennes cambaleou. Uma nuvem vermelha passou diante de seus olhos. Suas pupilas dilataram. Sua mão se ergueu em supremo insulto.

Henri de Montmorency, com um gesto relâmpago, agarrou esta mão e apertou-a no chão.

- Você duvida ! ele rugiu. Velho estúpido! Eu lhe digo que sua filha, neste exato momento, está nos braços do meu irmão! Venha ! venha !

Estúpido mesmo, sem forças, sem voz, o pai de Jeanne foi violentamente arrastado pelo jovem que, com um chute, abriu a porta: no momento seguinte, os dois estavam na frente do quarto de Jeanne... Este quarto estava vazio. !...

O senhor de Piennes ergueu ao céu os braços carregados de maldição e seu clamor desesperado, como o grito de um homem sendo massacrado, 22

lamentavelmente atravessou o silêncio da noite.

Então, curvado, gemendo, cambaleando, esbarrando na parede, conseguiu voltar ao quarto...

E ele foi e caiu em sua grande poltrona, como um carvalho derrubado pela tempestade...

Henri tinha fugido na noite, como Caim uma vez teve que fugir.

*

Jeanne de Piennes havia caminhado até a casa do camponês. Ela não entrou; ela precisava das sombras da noite em seu rosto quando faria a doce e formidável confissão... Sua vida, a vida da criança que carregava em seu ventre ia ser decidida ali!

Soou a primeira badalada da meia-noite: na curva do caminho, a três passos dela, apareceu François...

Ela o reconheceu imediatamente e, no mesmo instante, estava em seus braços. O abraço foi quase violento: eles realmente se amavam com todos os seus 23

alma.

“Meu amado”, disse François de Montmorency, “os minutos estão contados para nós esta noite. Um cavaleiro acaba de chegar à mansão, uma hora antes de meu pai: o policial deve me encontrar no castelo... Fale, amado... diga-me qual é o segredo que o oprime. O que quer que você tenha que confiar em mim, lembre-se que é um marido que te ouve...

“Um marido, meu François! Oh ! você me embriaga de felicidade... um marido! você está dizendo verdade?

– Um marido, Jeanne: juro pelo meu nome glorioso e imaculado até hoje!

- Bem, ela disse toda palpitante, escute...

Ele se curvou. Ela apoiou a cabeça no ombro dele. Ela ia falar... ela estava procurando a palavra de confissão...

Naquele momento, um grito terrível, um grito de agonia horrível rasgou o silêncio das coisas...

François deu um pulo.

- É a voz do meu pai! gaguejou Jeanne, apavorada. François! François! nós cortamos a garganta dos meus 24

Papai !...

Ela se desvencilhou dos braços do amante; ela começou a correr; em poucos segundos ela estava na frente da casa e viu a porta e a janela se abrirem... Um momento depois, ela estava no quarto: seu pai gemia em uma poltrona. Ela se jogou sobre ele, toda sacudida de soluços, agarrou sua cabeça branca nos braços...

- Meu pai, meu pai, sou eu! é a sua Jeanne!

O velho abriu os olhos e fixou-os na filha. Que olhar! Que terrível maldição pesava sobre o infeliz!...

Sob esse olhar, ela deu dois passos para trás, meio louca; entre eles, não havia necessidade de palavras: ela entendia que ele sabia tudo! Ela se sentiu condenada para sempre. Suas pernas dobraram.

Ela caiu de joelhos. Duas lágrimas quentes brotaram em seus olhos.

E inconsciente, ela confessou:

- Desculpe, pai! perdoe-me por tê-lo amado, por amá-lo ainda!... Vamos, pai, não olhe para mim 25

não assim... então você quer que sua pobre Jeanne morra aos seus pés, de desespero!... Não é minha culpa, vá, se eu a amo... uma força desconhecida me jogou em seus braços.. . Oh! pai... se você soubesse o quanto eu o amo!...

Enquanto ela falava, o Senhor de Piennes se endireitou em toda a sua altura.

Ele era como um fantasma...

Ele agarrou sua filha por uma mão e a levantou.

“Você me perdoa, não é? Oh ! pai, diga-me que me perdoa!

Sem responder, ele a conduziu até a soleira da casa, estendeu o braço para a noite e disse:

"Vamos, eu não tenho mais filha!...

Ela cambaleou; um gemido soou em sua garganta...

Nesse momento, uma voz quente, masculina e ressonante surgiu de repente:

“Você está enganado, senhor. Você ainda tem uma filha. É o seu filho que lhe disse o 26

jurar!

Ao mesmo tempo, François de Montmorency apareceu no círculo de luz, enquanto Jeanne soltava um grito de esperança sem sentido e o senhor de Piennes recuava, gaguejando:

“Amante da minha filha!... aqui!... na minha frente!...

Ó vergonha suprema do meu último dia!

Calmo, sem estremecimento, François se abaixou.

"Monsenhor, você me quer como seu filho?" ele repetiu, quase se ajoelhando.

- Meu filho ! gaguejou o velho. Você, meu filho! o que eu ouvi? Isso é uma zombaria sangrenta!...

François agarra as mãos de Jeanne.

"Monsenhor, digna sua bondade conceder François de Montmorency sua filha Jeanne como uma esposa legítima", disse ele com ainda mais firmeza.

"Esposa legítima!... Estou sonhando!... Você é ignorante então... você!... filho do policial!...

“Eu sei tudo, senhor! Meu casamento com Jeanne de Piennes consertará todas as injustiças, apagará todos os infortúnios... Estou esperando, meu pai, que você denuncie o destino da minha vida...

Uma imensa alegria desceu à alma do velho, e palavras de benção já lhe subiam aos lábios, quando um pensamento trovejante atravessou seu cérebro:

“Este homem vê que eu vou morrer! Eu morto, ele vai rir da filha como ri do pai!

"Decida, meu senhor", retomou François.

"Pai, meu reverenciado pai", implorou Jeanne.

– Você quer se casar com minha filha? então disse o velho. Você quer isso ? quando?... que dia?...

O jovem entendeu o que se passava no coração daquele moribundo. Um raio de lealdade masculina gentil iluminou sua testa. E ele respondeu:

"Amanhã, meu pai!" amanhã !...

- Amanhã ! disse o senhor de Piennes, amanhã estarei morto!...

– Amanhã, você viverá... e muitos mais dias, para abençoar seus filhos.

- Amanhã ! resmungou o velho com imensa amargura. Tarde demais ! acabou... estou morrendo... estou morrendo amaldiçoado... desesperado!

François olhou em volta e viu que os criados da casa, acordados, estavam reunidos.

Então um pensamento sublime desceu sobre ele.

Abraçou com um braço a jovem perturbada, fez sinal a dois criados para que agarrassem a poltrona onde morria o senhor de Piennes, e sua voz solene, vibrando de ternura, ergueu-se:

- Para a Igreja! ele ordenou. Meu pai, é meia-noite: seu capelão pode dizer sua primeira missa... será a da união das famílias de Piennes e Montmorency.

- Oh ! Estou sonhando!... Estou sonhando!... repetiu o velho.

- No altar! François repetiu em voz alta.

Então o coração desesperado do velho capitão derreteu.

29

Algo como um gemido fez seu peito estremecer; pois grandes alegrias gemem como as profundezas.

Um suspiro de gratidão infinita, exaltada e sobre-humana o sacudiu inteiramente.

Seus olhos se encheram de lágrimas e sua mão lívida estendeu-se para o nobre filho da raça amaldiçoada!

Dez minutos depois, na capelinha de Margency, o padre oficiava no altar. Na primeira fila estavam François e Jeanne.

Atrás deles, na mesma poltrona para a qual fora transportado, estava o Senhor de Piennes. E de volta, duas mulheres, três homens, as pessoas da casa, testemunhas deste trágico casamento.

Logo os anéis foram trocados e as mãos trêmulas dos amantes se apertaram.

Então o celebrante sussurrou uma bênção:

– François de Montmorency, Jeanne de Piennes, em nome do Deus vivo, vocês estão unidos na eternidade...

30

Então os dois esposos se voltaram para o senhor de Piennes como se pedissem sua bênção.

Viram o velho tentando erguer os braços, enquanto um raio de alegria e paz transfigurava seu rosto.

Por um momento, ele sorriu para eles...

Então seus braços caíram pesadamente... e aquele sorriso permaneceu congelado para sempre em seus lábios descoloridos.

O Senhor de Piennes acabara de expirar!...

31

III

A glória do nome

Uma hora depois, François entrou na mansão de Montmorency... Ele entregou a jovem noiva, toda em prantos, nas mãos da enfermeira, confidente de seu amor, e, abraçando Jeanne em seus braços, ele disse a ela que estaria de volta com ela ao raiar do dia, assim que cumprimentasse o pai, cuja chegada fora anunciada por um cavaleiro.

Quando François entrou na armaria, viu a condestável Anne de Montmorency sentada numa suntuosa poltrona elevada três degraus, sob um dossel de veludo com franjas de ouro sustentado por lanças.

A enorme sala estava iluminada por doze candelabros de bronze, cada um sustentando doze castiçais de cera. As paredes eram 32

coberto com enormes tapeçarias nas quais reluziam espadas pesadas e punhais reluzentes.

Uma dúzia de retratos foram emoldurados nessas panóplias. E no painel em frente ao trono estava o retrato do primeiro antepassado, daquele Bouchard de feições ásperas, que por um momento teve a coroa da França em suas mãos violentas. Armaduras, couraças, braçadeiras, elmos emplumados brilhavam ao pé dessas imagens, e parecia que os ancestrais só precisavam descer para colocá-los.

Em seu trono, o velho Condestável, couraçado, vestido de aço, o elmo nas mãos de um pajem perto dele, as duas mãos apoiadas na formidável punhal , as sobrancelhas franzidas.

Cinquenta capitães imóveis ao seu lado esperavam em silêncio.

E ele próprio parecia um daqueles guerreiros antigos que decidiam o destino de batalhas gigantescas.

Desde Marignan, onde François eu tinha 1 Estramaçon: espada velha, com dois gumes.

33

abraçou, até Bordéus, onde massacrou em massa os huguenotes e salvou a religião, que golpes terríveis desferiu!...

François não via o pai há dois anos. Ele avançou para o pé do trono.

Perto deste trono estava Henri, que chegara um quarto de hora antes. Ele estava pálido e trêmulo.

O que esse jovem de vinte anos estava pensando?

Que pensamentos confusos e fatais de fratricídio rolavam pesadamente em sua cabeça como nuvens fuliginosas no céu de um furacão?

François de Montmorency não viu o olhar sangrento do irmão; profundamente, ele se curvou para o chefe da família.

O guarda, vendo a compleição forte do mais velho e sua figura vigorosa, sorriu: eram todas as suas efusões paternas.

Então, sem um movimento, ele falou, calmo e terrível:

- Escute-me. Você conhece o desastre que tem 34

sofreu o imperador Carlos V sob os muros da Met z1, no último mês de dezembro. O frio e a doença, em poucos dias, destruíram seu grande exército de sessenta mil homens de armas e reitres... Todos julgávamos então que era o fim do Império! O espanhol destruído, o huguenote esmagado por mim nos países da langue d'oc, a paz parecia assegurada; e, durante toda esta primavera, Sua Majestade Henrique II a gastou em festas, bailes e torneios... O despertar é terrível!

O policial acrescentou mais sutilmente:

– Sim, os elementos que às vezes se combinam para dar aos conquistadores terríveis lições infligiram uma derrota memorável a Carlos V!

Sim, o Imperador chorou quando abandonou seus aposentos onde deixou vinte mil cadáveres, quinze mil doentes e oitenta peças de artilharia!... Mas aí está ele levantando a cabeça! 1 Em 1552, Henrique II apreendeu os Três Bispados, Metz, Toul e Verdun. Charles Quint cerca Metz, mas é repelido pelo Duque de Guise (26 de dezembro). Em 1553, ele retomou a ofensiva, sitiando Thérouanne, uma fortaleza nas fronteiras de Flandres e Artois. A cidade é tomada e arrasada.

35

vem para a frente. Ele está sobre nós!...

François ouviu o pai com um estremecimento surdo de angústia. Henri, os braços cruzados, os olhos sombrios, manteve o olhar fixo em seu irmão.

O policial lançou seus olhos de águia sobre seus capitães e continuou:

– Ontem, às três horas, chegou-nos a primeira notícia: o imperador Carlos V prepara-se para invadir a Picardia e Artois! Este homem de ferro reconstituiu seu grande exército. E enquanto falo, um corpo de infantaria e artilharia avança em marchas forçadas sobre Thérouanne. Todos ouçam, Thérouanne tomada, é a França invadida, vocês ouvem bem!

Aqui está o que Sua Majestade e eu decidimos: meu exército está se concentrando sob Paris e partirá em dois dias. Mas, enquanto isso, um corpo de dois mil cavaleiros vai correr para Thérouanne, fechar-se lá e lutar lá até a morte para deter o inimigo.

- Até a morte ! rugiram os capitães quando um estremecimento sacudiu as plumas em seus capacetes, como uma rajada de trovão.

“Agora”, continuou o policial, “para esta expedição aventureira, era necessário um líder jovem, indomável e imprudente. Este chef, eu o escolhi!...

François, meu filho, és tu!...

- Eu ? exclamou François cambaleando, com um grito de desespero.

- Você ! Sim, você que vai salvar seu rei, seu pai e seu país ao mesmo tempo!... Dois mil cavaleiros estão lá! Coloque suas armas! Vá embora em um quarto de hora! Vá e não pare mais, exceto em Thérouanne, onde você deve vencer ou morrer!...

Henri, você ficará na mansão e a colocará em estado de defesa!

Henri mordeu os lábios até sangrar para abafar um rugido de alegria furiosa.

"Jeanne é minha!" ele rosnou profundamente dentro de si mesmo.

François, lívido, deu um passo e ofegou:

- O que ! meu pai ! ele chorou. Eu !...

Eu !...

Olhos abatidos, alma convulsa, ele teve a visão atroz de Jeanne... da esposa...

abandonado... chorando aos pés do cadáver, ali... sem consolo... sozinho no mundo!...

- Eu ! ele repetiu. Horror!... Impossível!...

O policial franziu a testa e com uma voz rouca e metálica:

"A cavalo, François de Montmorency!" a cavalo...

"Pai, me escute! Duas horas!

uma hora ! Estou te pedindo uma hora! gritou François, torcendo as mãos.

A policial Anne de Montmorency levantou-se. Uma raiva terrível fez suas bochechas tremerem. Suas palavras caíram em um silêncio implacável:

"Eu acredito que você está discutindo as ordens do rei e seu chefe!"

- Uma hora ! meu pai, uma hora!... E eu corro para a morte!...

O velho chefe do exército, todo vestido de aço, desceu os degraus de seu trono.

E ele explodiu:

"Pelo trovão do céu!" mais uma palavra, François de Montmorency... apenas uma... e pela glória do nome que você carrega, eu o detenho com minhas próprias mãos.

Com uma voz de tempestade que fez os ajudantes estremecerem e baterem nas armaduras, o Condestável continuou:

– O relâmpago me esmaga se eu blasfemar! Ele é, em cinco séculos, o primeiro da minha raça que hesita em morrer!

A indignação foi formidável. Não restava nada a Francisco a fazer a não ser se matar diante dessa assembléia de guerreiros cujos corações, como seus peitos, pareciam envoltos em aço.

Com um puxão violento, ele levantou a cabeça.

Tudo desapareceu de sua mente: amor, mulher, sonho de felicidade. Seus olhos apunhalaram os olhos de seu pai. E o rugido de suas palavras abafou as palavras do velho chefe:

"Deixe o relâmpago esmagar aquele que poderia dizer que um Montmorency está recuando!" Para a glória do nome, eu obedeço, meu pai, eu deixo! Mas se 39

Volto vivo, monsieur le constable, teremos contas terríveis a acertar. Adeus !...

Com um passo áspero, ele cruzou as fileiras dos capitães aterrorizados por essa provocação inédita, por esse encontro dado ao todo-poderoso mestre dos exércitos, ao pai!

Da porta, ouvimo-lo ordenar com batidas curtas e roucas:

"Meu valete de armas!" Meu corcel de guerra! Minha Grande Espada de Batalha!

Todos os rostos, voltados para o policial, aguardavam uma ordem de prisão.

Mas um sorriso estranho relaxou os lábios do chefe, e aqueles que estavam perto dele o ouviram murmurar:

"É um Montmorency!"

Dez minutos depois, François estava no pátio principal, blindado, arreado, pronto para montar em seu cavalo. Ele virou para uma página:

“Meu irmão Henrique! ele disse. Vamos chamar meu irmão.

– Aqui estou, François!...

Henri de Montmorency apareceu à luz das tochas. Acrescentou com esforço:

- Trouxe-lhe meus bons votos e minhas despedidas...

desde que eu fico, eu!

François agarrou-o pela mão, sem notar que sua mão ardia de febre.

“Henri”, ele disse, “você é realmente um irmão para mim?

Henri se assustou, corou, gaguejou:

"Quem permite que você duvide disso?"

- Me perdoe! sofro tanto! Você vai entender. Vou embora, Henri, vou embora para nunca mais voltar, talvez... e deixo atrás de mim uma imensa angústia...

- Sofrimento?

- Uma desgraça! Ouça com toda a sua alma; porque de sua resposta dependerá minha resolução suprema.

Você conhece Jeanne... a filha do Senhor de Piennes...

- Eu conheço ela ! respondeu Henry embotado.

41

– Bem, aqui está o infortúnio... estou indo embora... E Jeanne e eu, nós nos amamos!...

Henry sufocou um rugido de raiva.

“Cala a boca”, continuou François. Ouça até o final. Durante seis meses nos amamos; há três meses estamos juntos; por duas horas, o nome dela foi Montmorency...

Como eu !

Uma espécie de gemido ressoou na garganta de Henri. Como se nada tivesse visto, nada soubesse!...

"Não se surpreenda", continuou François febrilmente; não exclame! Ela mesma lhe dirá amanhã que o capelão de Margency nos uniu ontem à noite. Mas isso não é tudo ! Neste momento Jeanne está chorando sobre um cadáver: o senhor de Piennes está morto! Morreu na própria igreja, agora mesmo, lançando-me um último olhar que me mandava zelar pela felicidade de seu filho! E isso ainda não é tudo! Margency volta para a casa do policial! Oh !

Henri, Henri, isso é terrível! Deixo Jeanne sozinha no mundo, sem defesa ou recurso...

você pode me ouvir ? Você me entende ?

42

– Eu ouço... eu entendo!...

“Irmão, ouça-me agora. Você aceita o depósito que eu quero confiar a você? Jura cuidar da mulher que amo e que leva meu nome?...

Henri estremeceu por um longo tempo, mas respondeu:

- Eu juro para você !...

– Se a guerra me poupar, encontrarei a esposa na casa do pai, sem que ela jamais tenha sofrido na minha ausência. Porque você estará lá para protegê-la, para defendê-la. Você jura para mim?

- Eu juro para você !

– Se eu sucumbir, você revelará esse segredo ao policial e lhe imporá a vontade de seu irmão morto: que minha parte do patrimônio tire minha viúva para sempre da pobreza e lhe dê uma existência honrosa. Você jura para mim?

- Eu juro para você ! respondeu Henry pela terceira vez.

Francisco então a abraçou, dizendo:

- É bom. Agora posso ir!...

E pondo toda a sua alma nesta palavra, pronunciou lentamente:

“Você jurou... lembre-se!...

Mal estava na sela, colocou-se à frente dos dois mil cavaleiros reunidos em uma esplanada, uma massa escura e confusa eriçada com os brilhos dos sabres.

Por um minuto, François virou-se para Margency.

E ele chorou!

Pois este filho mais velho da grande raça guerreira tinha um coração que vibrava de juventude e amor.

Ele chorou e, por entre as lágrimas, seus olhos vasculharam a escuridão para descansar uma última vez no telhado que abrigava a amada.

Mas a noite era profunda, o vale negro, a aldeia invisível. Ele sussurrou:

– Adeus, Jeanne, adeus!...

E imediatamente, levantando o braço, com um clamor 44

brilhante e desesperado que o velho Montmorency deve ter ouvido das profundezas de sua mansão, ele gritou:

- À frente ! Até a morte !

Os dois mil cavaleiros – os dois mil sacrificados – rugiram descontroladamente:

- Até a morte !

Então a pesada massa de cavaleiros partiu a trote pesado, rolou como um estrondo de trovão e mergulhou em direção ao horizonte negro, com suas tochas vermelhas, seus lampejos de aço, seu tinir de armas, o mesmo que um misterioso meteoro passando no noite...

O policial, do alto da escada, ouviu o barulho de uma avalanche que se afastou...

Quando acabou, ele soltou um suspiro profundo e, montando seu cavalo por sua vez, tomou o caminho de Paris...

Henrique ficou sozinho.

45

4

O juramento fraterno

O corpo do Senhor de Piennes, vestido com suas roupas de gala, com as mãos cruzadas sobre a espada nua, como uma estátua tumular, havia sido colocado, conforme o costume, no meio do salão de honra, em uma pequena cama de acampamento .

O dia estava raiando.

Jeanne, muito pálida da noite que acabara de passar cuidando do pai, foi até a janela que abriu. Por um minuto seu olhar vagou sobre a natureza serena e radiante, as árvores em flor, os botões brotando, as sebes cheias de pássaros cantando e, acima de tudo, o azul sedoso e claro de um céu de abril, tudo banhado em pureza, terno como um sorriso da Vida materna e consoladora.

46

Jeanne virou-se para o morto. Duas lágrimas escorriam na borda de seus cílios...

E quase imediatamente, o mesmo tremor que, no dia anterior, na floresta, sacudira seus flancos, sacudiu-a novamente, como um gaguejar distante e confuso do ser que ela carregava dentro de si.

E entre suas lágrimas, ela sorriu suavemente com um sorriso inefável, como um reflexo do sorriso do céu.

– Ó meu pai, ela murmurou, apertando as mãos, meu venerável pai, perdão! Por que, no desgosto da nossa separação, não posso deixar de lado essa alegria que se mistura à minha dor?

Por que sou impotente para devolver os pensamentos excessivamente doces que espreitam os pensamentos de luto que minha piedade filial deve a você?

Essa alegria, meu pai, você é testemunha, já que os mortos lêem as almas dos vivos, que eu me censuro amargamente por isso... não conquiste!

Ela se aproximou do cadáver, inclinou-se sobre ele e, ingenuamente, com confiança, falou com ele:

47

– Bem, pai, tenho que te explicar! Não pense que sou a menina retorcida que não sofre quando seu velho pai a deixa para sempre... Ouça-me... esse segredo tão querido que tive medo de revelar ao meu senhor, esse segredo que logo eu Vou contar pra ele com tanto

orgulho já que ele é meu marido, esse segredo, pai, você vai saber primeiro... escuta... vou ser mãe!...

Mãe ! você entende agora que eu posso chorar aqueles que partem e sorrir para o que vem!

Um tom rosado mais delicado do que os matizes que sombreavam o horizonte se espalhavam por seu rosto.

Ela pensou por alguns momentos; então, como se tivesse tomado uma resolução grave:

– A criança vai levar o nome da minha mãe... daquela que eu tanto amei; Vou chamá-la de Lois. Querida pequenina, por que ele ainda não está lá!... Parece que o vejo... Lois!... o nome encantador! Ó meu pai, essa é toda a minha alegria! Tornar-me a esposa do mais ilustre senhor, ser doravante uma dama da corte, ah! você sabe que eu não penso nisso com prazer! Mas que meu filho tem um nome... um pai... e que nome! e 48

que pai! Oh ! disso, veja, estou orgulhosa e feliz como uma mulher nunca esteve!

Infelizmente! pobre Jeanne de Piennes em quem o sentimento maternal se afirmava com tão suave violência! Quem sabia que futuro o próprio poder desse sentimento lhe reservava!...

Nesse momento, ao longe, um galope de cavalo soou.

- Aqui está ! gritou a jovem em uma explosão de todo o seu ser.

Seus olhos estavam fixos na porta que ia dar passagem ao seu querido François.

Esta porta se abriu. Jeanne, que estava prestes a avançar, ficou petrificada, e um grande calafrio a percorreu: o irmão de François apareceu.

Henri de Montmorency deu três passos, parou diante dela, a cabeça coberta, sem se curvar.

“Madame”, disse ele, “sou o portador das notícias que jurei transmitir-lhe esta manhã; senão você não me veria aqui, naquele momento, no lugar daquele que você esperava...

Jeanne continuou tremendo, sentindo um 49

infortúnio.

De repente, Henry acrescentou:

– François saiu ontem à noite...

Ela soltou um gemido baixo.

- Deixei ? ela disse timidamente. Partiu... mas para voltar logo, sem dúvida?... ainda hoje, talvez?

“François não vai voltar!

Isso foi dito com a cruel clareza de uma sentença de morte.

Jeanne cambaleou e levou as duas mãos ao peito latejante. O pensamento fatal de que François a estava abandonando lhe ocorreu. Seus olhos abatidos fixaram-se em Henri, que rapidamente continuou:

– A guerra começa. Francisco pediu e obteve a honra de ir a Thérouanne para deter ali o exército de Carlos V... Deter o imperador com um punhado de cavaleiros é querer morrer!... Devo-lhe todo o meu pensamento, senhora... o pensamento de meu irmão: pego contra sua vontade em uma situação inextricável, colocado na alternativa de negar um casamento que ele 50

lamentar ou arriscar a desgraça do policial, François escolheu o mais glorioso de todos os suicídios, mas também o mais seguro!

Jeanne ficou branca como o cadáver do pai.

Um grito terrível explodiu de sua garganta. Ela caiu de joelhos. E, na dor atroz que lhe fez saltar o coração, na catástrofe devastadora que a assolou, uma palavra, uma só, resumida, condensava todo o seu desespero.

– Meu filho!... meu pobre filho!...

Por muito tempo ficou assim prostrada, soluçando, esquecendo a presença de Henri, esquecendo seu pai morto, esquecendo-se de si mesma, ah! acima de tudo ela mesma, procurando imaginar, com a coragem heróica das mães, a desgraça que se abateu sobre a criança antes mesmo dela vir ao mundo.

Mãe ! Nesta hora de desespero, ela era apenas uma mãe. E quando ela se levantou, tal determinação brilhou em seu rosto, uma chama tão augusta de maternidade irradiou em 51

seus olhos, que Henri proibiu, sombrios, trêmulos, recuaram.

"Isso é bom", disse ela. Onde o marido vai, a esposa deve ir. Esta noite, partirei para Thérouanne!...

- Sair ! vocês ! rosnou o irmão de François.

Vamos lá! você não pensa nisso! Atravessar um país invadido, linhas inimigas!... você não chegaria vivo!... Você não sairá!

"Quem vai me impedir?" ela exclamou com uma espécie de exaltação.

- Eu ! disse Henri, aborrecido, com a cabeça perdida diante daquela mulher que lhe parecia cem vezes mais bela em sua dor.

E de repente, a paixão o arrebatou, o enlouqueceu, se desencadeou dentro dele.

Agarrou a jovem nos braços, abraçou-a convulsivamente e com voz ardente:

- Joana! Joana! Ele saiu ! Ele te deixa! Covarde demais para proclamar seu amor, então ele não te ama! Mas eu, eu, Jeanne! Eu te adoro para perder a cabeça, para 52

bravo céu e inferno, para apunhalar meu pai com minhas mãos, se meu pai se opusesse ao meu amor!

Joana! Ó Joana! Que Francisco, portanto, morra a morte dos fracos, pois não soube te guardar! Eu, eu quero você! Eu vou reivindicar você antes do universo! Ó Joana, uma palavra de esperança! ou melhor, não, não diga nada... um único de seus olhares sem raiva me dirá se posso ter esperança... e se assim for, paraíso em minha alma, irei embora até que você me faça assinar para vir... E então, eu virei, mais humilde do que o cão que rasteja, mais forte do que o leão que guarda a sua leoa...

Ele falou em palavras curtas, bruscas, bruscas, tornando-se exaltado, embriagado, invadido pouco a pouco pela violência de sua paixão.

Jeanne mal o ouviu. Toda a sua vontade, toda a sua força, ela os empregou para se livrar do abraço furioso. De repente, ela conseguiu se soltar dos braços do homem, que parou de ofegar.

Então Jeanne, de pé, mais magra, aumentada, por assim dizer, pela tensão de seu ser, lançou um longo olhar para Henri, um olhar terrível que, de sua

pés, subiu à cabeça. Ela deu um passo. Seu braço esticado. Seu dedo tocou a testa de Henri. E ela diz:

“Tire o chapéu, senhor. Se não diante da mulher, pelo menos diante da morte!

Henrique começou. Seu olhar perturbado pousou por um momento no cadáver, que ele parecia ver pela primeira vez. Com um gesto lento, ele levou a mão à testa, como se derrotado, como se quisesse se descobrir. Mas este gesto, ele não terminou. Seu braço caiu. Seus olhos estavam injetados de sangue.

Todo o orgulho e toda a violência de sua raça subiram ao seu cérebro em um sopro de fogo.

E sua raiva de se sentir dominado, de se entender tão pequeno, explodiu.

"Pelo diabo-morte!" sabe, senhora, que estou em casa aqui, e que sozinho, depois de meu pai, tenho o direito de permanecer coberto lá!

- Sua casa! explodiu a jovem sem entender.

- Casa ! Sim, na minha casa! A decisão do Parlamento aqui comunicada restabelece a Margency a 54

nossa casa, e não serei vassalo...

Ele não terminou. De um salto, Jeanne correu para um caixão com os papéis do morto, abriu-o, desdobrou o primeiro pergaminho que se ofereceu a ela, passou-o por ele e, deixando-o cair, sua voz se elevou, cobrindo a de Montmorency, chamando os servos:

- Guilherme! Jaques! Toussaint! Pedra !

todos venham! entrem!... entrem todos!...

- Sra ! queria interromper Henri.

Os servos enlutados haviam entrado, e com eles vários camponeses de Margency.

"Entrem, todos", continuou Jeanne, febril, sustentada por uma estranha exaltação. Todos entrem!

E ouça a notícia: já não estou em casa!...

- Sra ! rosnou Henrique.

Jeanne agarrou uma mão gelada do cadáver e a apertou.

"Não é, meu pai, que não estamos mais em casa aqui?" não somos 55

caçar ? Você não quer ficar mais um minuto na casa da raça maldita, pai?

você não ouve que o Senhor de Piennes não está mais em casa aqui! e cace este cadáver!... Saia!... Saia, eu lhe digo!

Com as bochechas ardendo, as maçãs do rosto carmesim, os olhos ardendo, a jovem correu de um criado para outro, empurrou-os com força irresistível, colocou-os ao redor da cama de campanha... e, quando a manobra estava pronta, fez um sinal.

Oito homens agarraram a cama, colocaram-na nos ombros, e os outros formaram uma procissão, com maldições surdas, Jeanne andando à frente!...

Henri, como num pesadelo, viu o cadáver atravessar a porta, depois Jeanne desaparecer e, ao longe, na aldeia, só ouviu um murmúrio abafado de maldições...

Então, violentamente, bateu o pé no chão, saltou, pulou no cavalo e, furioso, de barriga para o chão, fugiu...

Jeanne, ao chegar à casa da velha enfermeira onde mandara levar o corpo, caiu para trás, esmagada, aniquilada, sem uma lágrima, a força fictícia que a sustentava até então se desfez subitamente.

Quase imediatamente, uma febre intensa eclodiu; ela perdeu a consciência das coisas, e apenas o delírio testemunhou que ela ainda estava viva.

*

Henri passou uma noite terrível, com acessos de vergonha humilhada, acessos de fúria demente e acessos de paixão. No dia seguinte, ele voltou para Margency, pronto para qualquer coisa, talvez assassinato.

Uma notícia o esmagou: Jeanne estava morrendo!

Seu delírio diminuiu.

A partir de então, ele voltou todos os dias para rondar a casa do camponês...

Durou meses. Quase um ano se passou... um ano atroz durante o qual sua paixão foi exacerbada, durante o qual ele também 57

de repente soube que Thérouanne havia sucumbido, que o lugar havia sido arrasado, que a guarnição havia sido passada à espada, que François havia desaparecido!...

Desapareceu !...

Talvez morto?...

Ele esperava que sim! Sim, na alma deste irmão, germinou, cresceu e fortaleceu a abominável esperança...

François tinha sido morto: tinha que ser!

E ele teve a convicção irrevogável disso no dia em que alguns soldados exaustos, emaciados e maltrapilhos passaram por Montmorency e pararam na mansão.

Ele os questionou.

Falaram da captura de Thérouanne, da cidade incendiada, arrasada, do grande massacre da guarnição...

Quanto ao chefe, quanto a Montmorency, desapareceu!

Não sabíamos o que havia acontecido com ele.

E a opinião deles era muito firme.

- Morto !...

Nós o vimos por um momento atrás de uma barricada que mais de três mil assaltantes estavam atacando...

Silencioso agora, Henri voltou a rondar a casa, esperando pacientemente que Jeanne fosse finalmente curada.

Um dia – onze meses após a partida de seu irmão! – finalmente viu Jeanne no pobre pomar da velha enfermeira. No bater de seu coração, ele entendeu que o amor era todo-poderoso dentro dele.

Jeanne estava de luto profundo.

De seu pai? Ou François?

Ninguém sabia...

Só que ela segurava em seus braços uma criança que ela apertava apaixonadamente contra seu peito.

Henri voltou-se lentamente, bolando um plano.

Finalmente, Jeanne foi curada! Finalmente, ele seria capaz de atuar! Era simples: remover o jovem 59

mulher e levá-la à força para a mansão, levá-la embora como os homens primitivos tinham que levar, em seus braços peludos, a mulher escolhida! O crime parou, estudado em todos os seus aspectos, Henri se sentiu mais calmo do que jamais se sentira em um ano.

Chegando ao pátio principal, viu um cavaleiro coberto de poeira que acabara de desmontar.

Henrique empalidece...

Por quê?... Ele não poderia ter dito isso...

Mas parecia-lhe que este homem tinha um rosto feliz, que ele era o portador de notícias que ele deve acreditar que estava feliz...

E ele não ousou questioná-la.

Mas assim que o cavaleiro o viu, caminhou em sua direção e, com voz tranquila, disse, curvando-se:

– Monsenhor François de Montmorency, libertado de seu cativeiro, estará, depois de amanhã, na mansão de seus pais. Ele me deu a honra de me enviar para anunciar sua chegada 60

seu amado irmão e todos aqueles que lhe são queridos... Estas são suas palavras expressas...

Henrique ficou lívido; em um flash, ele vislumbrou seu irmão se levantando como um vigilante, atingindo-o com o golpe mortal.

Então uma onda de sangue corou seu rosto e fez seus lábios ficarem roxos. Ele ergueu o punho para o céu e gemeu:

- Xingamento !

Então ele caiu de uma vez, abatido, atordoado como um boi no matadouro...

61

V

Loise

Durante quatro meses, Jeanne lutou contra a morte. No pobre quarto de camponesa onde a haviam dormido, lutava dia e noite contra a febre cerebral que a mataria ou a deixaria louca, na opinião de todos.

Ela não morreu. Ela não enlouqueceu.

No final do quarto mês, ela estava fora de perigo e a febre desapareceu para sempre.

Em uma cama grande, com os olhos fixos nas vigas enegrecidas pelo tempo, Jeanne passou longos anos em um silêncio aterrorizante.

No entanto, quando estava sozinha, pronunciava em voz baixa palavras vagas de ternura, de infinita ternura, dirigidas a quem?... Só ela sabia!

A doença, no entanto, a tinha quebrado. A 62

uma fraqueza insuperável a pregou a esta cama onde ela havia sofrido tanto...

Mais dois meses se passaram assim.

Numa manhã de outono, quando a janela aberta deixava entrar o sol de outubro, suave como uma despedida do verão, Jeanne sentiu-se mais forte e quis levantar-se.

A velha enfermeira a vestiu, chorando de alegria.

Uma vez de pé, Jeanne tentou ir até a janela, cuja luz alegre a atraiu.

Mas mal havia dado dois passos, ergueu rapidamente as mãos para os lados, soltando um grito de angústia: a primeira dor do parto acabava de infligir-lhe aquela mordida formidável que é o aviso supremo da Vida emergindo de seus membros.

A enfermeira a colocou na cama.

Logo lágrimas mais profundas ocorreram no ser da jovem; as dores sucederam-se mais violentamente; depois de algumas horas, em um último espasmo de 63

sofrendo, ela pensou que finalmente iria morrer...

Quando ela voltou a si, quando pôde erguer as pálpebras pesadas, quando pôde olhar, um longo estremecimento de alegria e amor a fez estremecer: ali, junto a ela, no mesmo travesseiro, seus dois punhos minúsculos firmemente fechados, suas pálpebras fechada, seu rostinho branco como leite, rosado como uma folha de rosa, seus lábios entreabertos por um gemido fraco, a criança, o ser tão esperado, tão adorado, a criança estava lá!...

- É uma menina! murmurou a velha ama, com aquele sorriso banhado em lágrimas que as mulheres têm diante do mistério do nascimento.

- Lois! gaguejou Jeanne em uma respiração imperceptível.

E com o espanto infinito, o deleite extático das jovens mães, ela repetiu:

"Minha filha... minha filha...

Ela virou o rosto para a criança, sem ousar tocá-lo, mal ousando se mover. E sorrindo, gaguejando coisas muito doces, ela o envolveu 64

da carícia do seu olhar. E de repente ela começou a chorar.

– Pobre adorada... pobre inocente querida... então é verdade!... Você não vai ter pai!...

Então, com gentis precauções, Jeanne levou os lábios ao rosto da filha.

A criança chorava delicadamente. E de repente, seu punho se abriu, sua mão caiu sobre a cabeça da mãe, seus dedos agarraram com energia uma mecha de cabelos finos; e, sob o beijo materno, como se ela se sentisse tranqüilizada, a frágil criança adormeceu de repente.

*

Loïse cresceu em força e beleza. Assim que suas feições começaram a se formar, ficou óbvio que essa garotinha seria um milagre de graça e harmonia. Seus olhos azuis riram: eram auroras de luz; sua boca era um poema de bondade. Cada um de seus movimentos, cada um 65

havia alguma elegância requintada em seus gestos. Nenhuma descrição de beleza poderia se encaixar nesse adorável bebê: ela era a própria beleza.

Jeanne tinha deixado de viver em si mesma.

Se podemos dizer assim, sua vida se transportou para a vida da criança.

Cada olhar da mãe era de êxtase; cada uma de suas palavras, um ato de adoração. Ela não amava seu filho, ela o idolatrava. E quando ela entreabriu o corpete para apresentar à pequena Loïse seu seio branco como a neve, delicadamente raiado de azul, tamanha ternura irrompeu em seu gesto, ela se entregou tão plenamente, havia um orgulho tão ingênuo em sua atitude. , augusto, sublime, que um pintor de gênio teria se desesperado de alguma vez poder traduzir tal esplendor.

Ela era a *Maternidade* , assim como Loïse era a *Bela* .

Somente à noite, quando a criança adormeceu em seu coração, uma mão em seu 66

cabelo com um gesto que rapidamente lhe se tornou familiar, só naquela hora Jeanne conseguiu separar não sua alma, mas seus pensamentos, de sua filha... e ela pensou no amante... no marido... ao pai!

François!... o querido amante!... o homem a quem ela se entregara sem restrições, completamente!...

Então era verdade que ele tinha ido vergonhosamente, sob o pretexto da guerra?...

Era realmente verdade que ele a havia abandonado, que nunca mais voltaria?

Morto ! talvez... Sem notícias!...

Nada !...

Ah! como naquelas horas silenciosas seu coração se partia cruelmente.

E a criança que dormia, às vezes acordava subitamente sob a chuva morna de lágrimas desesperadas que lhe caíam na testa...

Então Jeanne voltou a ser mãe. Então ela reprimiu os soluços, as lembranças, o amor, e tomou em seus braços o filho da desgraça, o filho sem pai, e com seu canto infinitamente doce, seu 67

melodia materna, ela adormeceu a criatura tão adorada, esta melodia que as mães transmitem de idade em idade, que é a mesma em todos os países, em todos os tempos, e cuja terna memória acompanha o homem até as portas do túmulo:

– Faça... faça... a criança faça... Minha querida Loïse... anjo amado cujo sorriso ilumina o inferno onde sua mãe luta... querubim desceu do céu para consolar o pobre aflito... ...

faz... a criança faz...

O inverno passou. Jeanne raramente saía e nunca saía do jardim. Ela havia preservado um pavor monótono de seu último encontro com Henri de Montmorency, e ela estremeceu com o simples pensamento de se encontrar na frente dele...

Então a primavera voltou, muito cedo.

Em março, Loïse estava indo para seu sexto mês –

os primeiros botões estouraram, e todos se tornaram radiantes novamente no universo, exceto no coração do pobre abandonado.

Um dia, no final deste mês de março, o 68

enfermeira e seu homem foram cortar lenha na floresta. Porque eram pessoas pobres que viviam um pouco no terreno comum.

Jeanne estava em seu quarto, olhando com ternura inexprimível para Loïse dormindo na cama.

Este quarto dava para o jardim, através de uma janela que estava entreaberta.

De repente, ouviram-se passos na primeira sala que dava para a estrada, e uma voz se ergueu, implorando caridade. Jeanne entrou nesta sala e, vendo um monge mendigo estendendo sua bolsa, cortou um pão e estendeu-o, dizendo:

"Vá em paz, bom pai. Em outros tempos, eu teria feito melhor sem dúvida...

O cobrador fungou em agradecimento, cobriu Jeanne de bênçãos e finalmente se retirou.

Então Jeanne voltou para seu quarto. Seu primeiro olhar foi para a cama onde Loise estava deitada.

E um grito horrível, um grito sem expressão humana, um grito de lobo do qual se arranca seu 69

pequeninos, um grito de mãe finalmente irrompeu de todo o seu ser aterrorizado:

Loise tinha desaparecido!

VII

O retorno do prisioneiro

Já falamos o suficiente sobre o amor apaixonado, exclusivo e indomável da mãe pelo filho? Entendemos que para Jeanne, Loïse, era o universo, era a vida, era a fé imperecível, a única razão de ser? Essa adoração que nascera na época em que Loïse ainda era apenas uma esperança, desenvolvera-se, nutrira-se de si mesma, tornara-se uma ternura ardente, o sexto sentido inexprimível que invade uma mulher e a apodera por inteiro!

Não era dor. Não era desespero. Jeanne procurava o filho com a fúria, com a raiva irresistível de um ser que busca a própria vida. Por quatro horas, abatida, desgrenhada, rugindo, assustadora de ver, ela bateu 71

as sebes, as moitas, estavam rasgadas, ensanguentadas, sem uma lágrima, lamentáveis e trágicas.

De repente lhe veio o pensamento de que a criança estava em casa... ela deu um pulo, veio ofegante...

No meio da grande sala, um homem estava lá, de pé, lívido, fatal...

Henrique de Montmorency!

- Você ! você que só aparece para mim nas horas escuras da minha vida!

Com um salto ele estava em cima dela, agarrou seus dois pulsos e em uma voz baixa, rouca e rápida:

- Você está procurando por sua filha? Diga sim!

você está procurando por isso! Bem, saiba disso: sua filha é minha! eu peguei! Eu seguro!

Ai dela se não me ouvir!

- Você ! ela gritou. Seu miserável traidor! Ah!

foi você que tirou minha filha de mim! Bem, você saberá do que uma mãe é capaz.

Com um puxão furioso, ela quis se libertar, morder, arranhar, matar! ele a segurou com força.

72

"Cala a boca," ele rosnou, machucando seus pulsos. Ouça, ouça bem! se você quiser vê-la novamente...

A mãe só ouviu esta palavra: vê-la novamente! Sua fúria derreteu. Ela começou a implorar:

- Para vê-la novamente! Oh ! O que você disse ! Vê-la novamente!... Diga! Oh ! repita por favor!

Beijarei seus joelhos, beijarei o rastro de seus passos! Eu serei seu servo! Para vê-la novamente! você disse isso? Minha filha! Meu filho !

Devolva meu filho!...

“Ouça, eu lhe digo! Sua filha, neste momento, está nas mãos de um homem meu. Um homem ?

Um tigre, se eu quiser, um escravo! Combinamos isto: escute, não se mexa!... Aqui está o que foi combinado: Que eu me aproxime desta janela, que eu levante meu boné no ar, e o homem que você ouve bem? o homem vai pegar seu punhal e enfiá-lo na garganta da criança... Mexa-se, agora!...

Ele a soltou e cruzou os braços.

Ela caiu de joelhos, e sua testa atingiu o 73

barro, querendo clamar por misericórdia, incapaz, apenas levantando as mãos em aflição e submissão...

- Ficar de pé ! ele rosnou.

Ela obedeceu prontamente, e sempre com um gesto hediondo de mãos estendidas e suplicantes –

gaguejando, se nos atrevemos a dizer, porque em certos momentos trágicos, o gesto fala.

– Você está determinado a obedecer? retomou a fera.

Ela assentiu que sim, demente, ofegante, terrível e sublime...

– Escute agora, François... meu irmão...

Bem, ele está vindo!... Você ouviu? Aqui, na sua frente, eu vou falar com ela... Se você não disser que estou mentindo, se você calar a boca... esta noite sua filha está em seus braços... Se você disser um uma única palavra, vou levantar-te o chapéu... a tua filha está a morrer!... Olha, olha... Aí vem François...

Na estrada para Montmorency, um turbilhão de poeira subia, como se impulsionado por uma rajada... e desse turbilhão veio uma voz frenética:

– Jeanne, Jeanne... Sou eu. Aqui estou !

- François! François! gritou Jeanne delirantemente.

Para mim ! Para mim !

Com um passo de tranqüilidade feroz, Henri aproximou-se da janela e rosnou:

"Então é você quem vai ter matado sua filha!"

- Graça! Graça! Estou em silêncio ! Eu obedeço!

Nesse segundo, François de Montmorency empurrou violentamente a porta e, ofegante de emoção, embriagado de alegria e amor, parou cambaleante, estendeu os braços, murmurando:

"Jeanne! Minha amada!"

*

Sim, era François de Montmorency que muita gente e o próprio Condestável acreditavam morto e que reaparecia depois de vários meses de cativeiro.

François, que partiu com dois mil cavaleiros, chegara a Thérouanne com novecentos de seus 75

homens de armas: o resto tinha caído no caminho.

Já era tempo ! na mesma noite de sua chegada, um corpo de exército alemão e espanhol investiu o local e imediatamente iniciou suas minas. Dois dias depois, foi lançado o primeiro assalto: foi lá que morreu d'Esse, um dos antigos camaradas de armas e prazer de Francisco I.

Eletrizados pelo filho mais velho do policial, a guarnição e os habitantes de Thérouanne se defenderam por dois meses com a energia do desespero. Esse punhado de homens, em uma cidade destruída pelos bombardeios, entre as ruínas fumegantes, repeliu quatorze assaltos sucessivos.

No início do terceiro mês, parlamentares inimigos se apresentaram para oferecer termos honrosos. Encontraram Francisco nas muralhas, comendo sua ração de pão composta de um pouco de farinha e muita palha picada. Ele estava cercado por alguns de seus tenentes, todos pessoas emaciadas, com olhos brilhantes, roupas rasgadas, rostos de leão.

Os parlamentares começaram a expor 76

propostas do imperador.

Quando Francisco estava prestes a responder, surgiram gritos terríveis:

- Para armas! Para armas! gritou o francês.

– *Mudo! Mudo!* (Morte! Morte!) gritaram os invasores.

Foi o corpo espanhol que, sem ter recebido a ordem, asseguram-nos, apressou-se a atacar através de uma brecha que acabava de ser aberta.

Então, nas ruas da Thérouanne incendiada, começou uma terrível confusão entre o rugido das chamas, as detonações das minas, o estrondo dos arcabuzes, as maldições e os gritos dilacerantes dos feridos.

À noite, atrás de uma barricada improvisada, havia apenas cerca de trinta combatentes, à frente dos quais um homem levantava constantemente sua espada vermelha que segurava com as duas mãos e que cada vez caía sobre um crânio. .

Um tiro de um arcabuz acaba por derrubá-lo... Este 77

foi o fim!

Este homem era François de Montmorency, que, segundo a palavra dada, havia lutado até a morte!...

Ao anoitecer, os saqueadores o encontraram deitado no mesmo local onde ele havia caído. Um deles o reconheceu e, percebendo que ainda estava vivo, o transportou para o campo inimigo, onde o entregou por uma quantia em dinheiro.

Foi assim que Thérouanne foi tomada. Sabemos que esta infeliz cidade, avançada cidadela de Artois, já destruída em 1513, foi desta vez completamente arrasada... Sabemos que os reis de França já não se preocuparam em reconstruí-la: um exemplo único, diz um historiador, de uma cidade que pereceu inteiramente.

Sabemos também que Artois foi então invadido e que o exército real sofreu uma série de contratempos, nomeadamente em Hesdin, até que finalmente, na sequência dos sucessos conquistados em Cambrésis, foi assinada uma paz de curta duração.

Esta paz pelo menos restaurou a liberdade aos 78

prisioneiros de guerra.

François de Montmorency não morreu de sua ferida. Mas durante muito tempo teve de lutar contra a morte; ele finalmente se recuperou, e um dia lhe disseram que estava livre.

Ele imediatamente partiu com cerca de quinze de seus ex-companheiros, remanescentes da grande batalha travada em Thérouanne. Na etapa seguinte, ele enviou um de seus cavaleiros para a frente, instruindo-o a avisar seu irmão de sua chegada.

Então confiante, feliz, respirando fundo, sorrindo de amor, repetindo em voz baixa o nome da mulher adorada, seguiu seu caminho.

Quando finalmente avistou as torres da Mansão de Montmorency, seu coração batia como o inferno, seus olhos se encheram de lágrimas e ele partiu a galope.

*

Os sinos de Montmorency tocaram em 79

tudo roubado. A artilharia da mansão trovejou. O povo da aldeia e das cidades vizinhas aplaudiu, reunido na esplanada de onde François, quase um ano antes, partira.

Os homens da guarnição apresentaram armas. O oficial de justiça se adiantou para ler um discurso de boas-vindas.

- Onde está meu irmão? perguntou François.

"Monsenhor", começou o oficial de justiça, "é um belo dia que...

“Senhor,” disse François, franzindo a testa, “eu ouvirei sua arenga em breve. Onde está meu irmão?

“Para Margency, meu senhor.

François esporeou seu cavalo, mordido no coração por uma incômoda inquietação.

Parecia-lhe que em todos esses rostos festivos havia algo como medo, ou talvez pena...

“Por que Henri não estava lá para me receber?... Mais rápido! Mais rápido !... "

Dez minutos depois, ele pulou, na frente de 80

a casa do senhor de Piennes.

- Fechadas! Uma cara de burro! Porta fechada!

Persianas desenhadas! O que está acontecendo?... Uau, bom velho, me diga...

O velho camponês com quem François acabara de falar estendeu o braço na direção de uma casa.

- O ! você encontrará o que procura, meu senhor e mestre!

- Mestre ! mestre ! Por que mestre?

“A Margency não é sua agora!...

François não estava mais ouvindo. Ele estava a correr. Ele saltou para a cabana da velha enfermeira, estremecendo, já suspeitando de alguma terrível catástrofe... Jeanne morta, talvez!... e ele chegou, empurrou a porta com violência, e um suspiro e uma alegria infinita ergueram seu peito largo. ...

Joana estava lá!...

Estendeu os braços, balbuciou o nome da amada...

81

Mas seus braços lentamente caíram para trás.

Pálido de felicidade, François ficou lívido de terror.

O que ! ele estava vindo! ele encontrou o amante, a querida noiva! E lá estava ela, imóvel, uma estátua de terror... remorso talvez!...

François deu três passos rápidos.

- Joana! ele repetiu.

Um suspiro de agonia sacudiu a garganta da mãe. Ela teve um sobressalto de seu ser para se jogar nos braços do homem adorado. Seu olhar demente caiu sobre Henri. Ele estava com o boné na mão e o braço levantado!...

- Não ! não, gaguejou a mãe.

- Joana! repetiu François com um grito terrível que já continha uma acusação formidável.

E seu olhar também se voltou para Henri.

- Meu irmão !...

Tanto o irmão quanto a esposa mantiveram um silêncio assustador.

Então, François, com um gesto lento, cruzou seus 82

braço sobre o peito. Com um esforço furioso, ele reprimiu o soluço que queria explodir. E grave, solene como um juiz, triste como um condenado, falou:

– Durante um ano, nem uma batida do meu coração foi pela mulher a quem este coração se entregou livremente para sempre, pela esposa que leva meu nome. Nos momentos de desespero, era a imagem adorada dessa mulher que se apresentava para mim. Nas batalhas meus pensamentos foram para ela.

Quando caí, chamei seu nome, pensando que estava morrendo. Quando acordei, cativo, nas garras da febre, cada um dos meus segundos foi um ato de fé e amor... veio até mim; pois

meu irmão, meu bom e leal irmão, havia jurado a mim cuidar dela... Agora aqui estou eu... apresso-me, meu coração cheio de amor, minha cabeça febril de felicidade... e casar com ela vira seu cabeça... e o irmão não se atreve a olhar para mim!...

O que Jeanne sofreu naquele minuto foi 83

inconcebível. A terrível provação ultrapassou os limites da concepção humana. Ela amou !

Ela adorou! E enquanto seu coração a empurrava para os braços do marido, do amante, seus olhos, fixos no infernal autor da tortura, agarravam-se invencivelmente à mão que, com um sinal, poderia matar sua filha! Seus ouvidos ouviram a voz amada sem entender seu significado, e o que zumbiu em sua cabeça foram as palavras atrozes:

“Uma palavra!... e sua filha morre!...”

Sua filha ! Sua Lois! Aquele pobre anjinho da inocência! Esta radiante maravilha de graça e beleza! O que ! abatido! O que ! o abominável monstro que a segurava, que aguardava o sinal fatal, enfiava uma faca naquela garganta bonitinha tantas vezes devorada por beijos!...

Ó mãe! mãe dolorida!... Quão sublime foi o teu silêncio!...

Jeanne estava torcendo as mãos. Uma espuma de sangue espumou no canto de seus lábios: a infeliz, para abafar o grito de seu amor, mordeu os lábios, dilacerou-os, lavou-os a 84

mordidas.

Assim que François terminou de falar, Henri se virou para ele.

Sem sair da janela aberta, a mão ameaçadora pronta para o sinal fatal, numa voz que sua tranquilidade naquele segundo terrível tornou sinistra, ele pronunciou:

– Irmão, a verdade é triste. Mas você vai saber tudo.

- Falar ! rosnou François, que, com uma mão no gibão, dilacerou seu peito.

"Aquela mulher..." disse Henri.

“Aquela mulher... minha esposa...

“Bem, eu a afugentei, eu, seu irmão!

François cambaleou. Jeanne soltou uma espécie de gemido distante, sem expressão humana. Quão singular era sua situação nos anais do drama humano!

E claramente, Henri articulou:

“Irmão, esta mulher que leva seu nome é indigna. Essa mulher te traiu. E é por isso que 85

Eu, seu irmão, em seu lugar e lugar, a afugentei como se persegue uma escória.

A acusação era capital: a mulher adúltera foi açoitada em praça pública e pendurada alta e baixa. E isso, sem julgamento nem apelação, pois François de Montmorency, na ausência do policial, tinha direito à alta e baixa justiça. Ele não era apenas o marido: era o mestre, o senhor!...

O minuto seguinte à acusação foi trágico.

Henri, pronto para qualquer evento, a mão esquerda segurando a adaga, a direita segurando o chapéu... o sinal fatal! o pensamento de um duplo assassinato se a verdade fosse revelada.

Jeanne, sob o chicote da acusação abominável, sentou-se. Por um momento inestimável, o amante foi mais forte nela do que a mãe; um choque a galvanizou como a descarga de uma corrente elétrica pode galvanizar um cadáver. Ela teve um impulso febril de todo o seu corpo; neste momento, o braço de Henri 86

começou a se levantar... A mulher infeliz viu o movimento, avançou, recuou, gaguejou sabe-se lá o quê, confusa... e abaixou a cabeça, ficou petrificada, tornou-se uma dor viva...

Vivo?... Se esta palavra pode ser aplicada ao paroxismo do horror e à quintessência do desespero daqueles que se sentem caindo em um precipício, abruptamente, com vazio na frente, atrás, em cima e embaixo.

Quanto a François, cambaleou, como havia cambaleado lá atrás, em Therouanne, quando recebeu o arcabuz de um reiter cheio no peito. Neste nobre coração, o direito feudal de alta e baixa justiça não surgiu. Mas o homem sofreu uma terrível tortura: domar em um segundo a fúria do assassinato que é desencadeada, comandar seus punhos para não esmagar o infame, para finalmente ser maior que o desastre!

Sim, naquele momento aterrorizante, na imobilidade desses três seres dominados por paixões tão diversas em suas atitudes esculturais, havia algo fantástico e pavoroso.

87

François quando se domou, quando teve certeza de não pegar o adultério em suas mãos poderosas e estrangulá-lo, François pisou em Jeanne, a quem dominou com sua alta estatura. Algo rouco e incompreensível explodiu em seus lábios brancos, algo que provavelmente significava:

- É verdade ?

Jeanne, com os olhos fixos em Henri, manteve um silêncio mortal, pois esperava ser morta.

Mais uma vez, a pergunta brota dos lábios de François:

- É verdade ?

A tortura foi além da força. Joana caiu. Nem mesmo de joelhos, mas no chão, prostrada, levantando-se com grande esforço por uma das mãos, e em um movimento espasmódico, a cabeça ainda virada para Henri, e seu olhar atroz de desespero ainda observando o gesto assassino.

E foi só então que ela murmurou, ou pensou que estava murmurando, pois ninguém ouviu suas palavras: 88

- Oh ! mas acaba comigo! mas você vê que eu morro para que nossa filha viva!...

E ela nada mais era do que um corpo inerte em que a palpitação violenta das têmporas por si só indicava vida.

Francisco olhou para ela por um momento, como o primeiro homem bíblico sem dúvida podia contemplar o paraíso perdido.

Ele esperava que ele fosse cair estupefato perto daquele que ele tanto amava.

Mas a vida, às vezes tão cruel em sua força, venceu a morte consoladora.

François voltou-se para a porta, e sem um grito, sem um gemido, afastou-se, muito devagar e um pouco curvado, como se estivesse demasiado cansado de uma daquelas corridas imensas que se fazem nos pesadelos.

Henri o seguiu – à distância.

Ele não se preocupava com Jeanne.

Que ela morresse, que ela vivesse, ele não sonhava com isso.

89

Se ela vivesse, ela era dele agora! Se ela morresse, bem, ele ao menos arrancara de sua mente o tormento agonizante do ciúme, o horror das noites sem dormir contando seus beijos, imaginando seus abraços, chorando de raiva!

E foi nesse momento solene e terrível que Henri compreendeu toda a extensão de seu ódio por seu irmão. Ele o viu arrasado... e não se sentiu satisfeito.

Ele queria outra coisa!... O quê?... que Francisco sofreu exatamente o sofrimento que ele sofreu, o mesmo!

E o seguiu com a paciência de um caçador, esperando o momento certo...

François, com o seu mesmo passo calmo, caminhava sempre em frente, ao acaso, sem escolher caminho, sem pressa nem abrandar; não que ele procurasse quebrar o desespero pela fadiga; nem mesmo que estivesse pensando... pensamentos informes se apresentavam um após o outro em sua mente, sem que ele tentasse contê-los...

90

Durou horas...

Chegou um momento em que François percebeu que já estava quase escuro.

Então ele parou, percebeu que estava no meio da floresta, e sentou-se ao pé de um castanheiro.

Assim também, com a cabeça em ambas as mãos, ele chorou... muito, muito...

Então, finalmente, como se suas lágrimas tivessem gradualmente levado a loucura de seu desespero, ele compreendeu que do mundo distante dos pensamentos da morte, ele estava voltando para o mundo dos vivos.

Com autoconsciência, ele recuperou a memória exata do que havia acontecido... seu amor, seus compromissos na casa da enfermeira, a cena com o pai de Jeanne, o casamento da meia-noite, a partida, a defesa de Thérouanne, o cativeiro e, finalmente, a horrível catástrofe: ele reviveu tudo isso!

E então, uma pergunta surgiu, ardendo em sua alma ulcerada:

“Quem me mata, quem é?... Quem me rouba a felicidade, quem é?... Maldito idiota!

91

pensei em ir embora! E eu teria mantido esta ferida ainda sangrando em meu coração! Oh ! conheça o homem! Mate-o com minhas mãos! Para matá-lo!..."

Foi um coração generoso que François de Montmorency. E, no entanto, o pensamento de assassinato o aliviou instantaneamente... Ó coração humano!

Ele se levantou, respirou, bufou alto e até um meio sorriso lívido relaxou seus lábios.

– Conheça o homem! Mate-o!... Mate-o com as minhas mãos!...

Ao se levantar, François viu seu irmão perto dele. Talvez François tivesse falado em voz alta as palavras que acreditava ter em mente. Talvez Henri os tivesse ouvido.

François não ficou surpreso ao ver o irmão. E simplesmente, como se tivesse continuado uma conversa há muito tempo, perguntou:

– Conte-me como foram as coisas.

"De que adianta, irmão?" Por que se atormentar assim com uma doença que nada pode curar... nada!

92

“Você está errado, Henrique! Alguma coisa pode me curar, disse François embotado.

- O que ? disse Henri, quase zombeteiro.

– A morte do homem!...

Henrique começou. Ele empalidece um pouco. Mas imediatamente uma estranha chama brilhou em seus olhos; sua cabeça sacudiu desafiadoramente.

- Você quer isso ?

- Quero isso ! disse François. Você jurou cuidar dela... oh! cale a boca!... sem censura, sem recriminação de minha parte! Eu vejo que é tudo... Mas você, você me deve um relato fiel do crime e o nome do criminoso!... você me deve isso, Henri! E se for preciso, exijo que fale!...

"Por sua afeição de irmão, ou por seu direito senhorial?"

"Por minha direita!"

- Eu obedeço. Assim que você partiu, monsenhor, a jovem de Piennes mostrou ao homem quão pouco ela se arrependeu de você!...

93

– O homem!... quem?... Isso antes de tudo!...

O nome do homem!...

"Paciência, meu senhor! Talvez, mesmo antes de sua partida, o homem tenha compartilhado sua boa sorte. Talvez ele fosse mais amado do que você! Talvez ela só quisesse de você o nome, a fortuna e o poder que sua qualidade de filho mais velho lhe assegurava! Sim, senhor, deve ser!

François retirou a mão do peito para fazer um gesto. Henri notou que as unhas dessa mão estavam vermelhas de sangue. Ele continuou :

“Agora que penso nisso, meu senhor, agora que chegou a hora de dizer toda a verdade, não me contento mais em conjecturar: eu afirmo... Desde antes de você, entenda-me bem, meu senhor, o homem tinha possuído Jeanne de Piennes... você foi apenas o segundo!

Um rugido retumbou no peito de François. E foi tão terrível que Henri hesitou.

Francisco lançou-lhe um olhar sangrento e disse:

- Falar...

94

"Eu obedeço", retomou Henri. Quando você partiu, as relações entre o homem e Jeanne de Piennes continuaram. Eles estavam livres agora. Jeanne tinha um nome, um título. Você ausente, o marido se foi, o amante estava feliz além de qualquer coisa que eu possa te dizer... Foram noites de prazer...

“Silêncio, desgraçado! gritou François exausto.

- Bom. Estou em silêncio !

- Não ! Não ! Falar ! Falar !

- Eu obedeço. O homem te abraçou, meu senhor! no dia em que soube de sua chegada, ele fez o que você teria feito! sua paixão foi satisfeita; ele não queria que uma de suas casas fosse mais contaminada: ele expulsou o adultério; ele afugentou, o irreverente!

François sentiu-se tonto: o abismo era mais profundo, mais insondável do que ele imaginara.

O olhar que fixou em Henri era o de um louco... E Henri, com a boca tensa, o rosto contorcido de ódio, palavras sibilantes, terminou:

– Tudo que você precisa é o nome do homem, 95

meu senhor meu irmão? Aqui está ! O amante de Jeanne de Piennes, amante antes de você, monsenhor, chama-se Henri de Montmorency...

96

VII

Pardaillan

Não era uma comédia que Henri tinha feito ao ameaçar Jeanne de mandar matar a pequena Loise: na verdade, a criança estava nas mãos de um homem; na verdade, este homem estava esperando o sinal; na verdade, ele havia concordado em enfiar sua adaga na garganta da pobre garota, se Henri, seu mestre, desse o sinal.

Seria este homem, portanto, um tigre, segundo a própria expressão de Henri de Montmorency?

Vamos apresentá-lo como ele era, como uma espécie da época: o leitor julgará.

Seu nome era Pardaillan, ou melhor, o Chevalier de Pardaillan. Era de uma antiga família Armagnac que, no século XIII, adquiriu o senhorio de Gondrin, perto de Condom. Este 97

família dividida em dois ramos. O ramo mais antigo fornece à história alguns nomes conhecidos: um desses descendentes foi o famoso Montespan; o duque d'Antin, que deu o seu nome a um distrito de Paris, descende, portanto, deste ramo, outro ramo do qual mais tarde foi anexado à família Comminges.

O segundo ramo permanece obscuro e pobre. Não podemos fazer nada contra sua pobreza; mas quanto à obscuridade, esperamos que tenha se dissipado aos olhos de nossos leitores, quando tivermos contado a vida estranha, fabulosa e prestigiosa do herói extraordinário que em breve aparecerá nesta história.

O Chevalier de Pardaillan, que nos ocupa no momento, pertencia, portanto, a esse ramo pobre e obscuro, desprezado, esquecido por seu ramo primo. Era um homem de cerca de cinquenta anos, um rei envelhecido nos arreios de guerra, um desses soldados de aventura conhecidos em todas as estradas da França e dos países vizinhos, sempre sob o casaco, tendo 98

quente e com sede no verão, com fome e frio no inverno, espancado, espancado, cortado com cortes, uma imensa espada nos calcanhares, os olhos cinzentos apertados, o bigode grisalho, o rosto sulcado pelas chuvas, queimado pelo sol, a alma de uma ingenuidade prodigiosa isenta de escrúpulos; nem bom nem mau, conhecendo apenas o bom abrigo e a boa anfitriã, xingando, xingando, cortando e golpeando com estocadas e tamanhos, sempre a soldo do maior pagador e último licitante...

O condestável de Montmorency , em sua grande cruzada no país de Armagnac, apanhou-a, pobre, mendigo, sem dinheiro ou sem dinheiro, em torno de Lectoure, amarrou-a a si mesmo, reconheceu nela uma espada invencível e a deu a seu filho Henrique.

Era costume então colocar perto dos jovens senhores velhos capitães que conquistavam vitórias para eles.

Quando o Condestável partiu para sua campanha em Artois e François de Montmorency correu para Thérouanne, o Chevalier de 1 O Condestável de Montmorency reprimiu com extremo rigor uma revolta popular contra os impostos, em Saintonge e Bordeaux (1547).

99

Pardaillan ficou na mansão perto de Henri. No decorrer daquele ano, Henri, prevendo talvez que um dia precisaria de devoção cega, se apegou a Pardaillan, trabalhou para conquistá-lo com presentes, com seu favor, com todas as carícias que poderiam seduzir um velho soldado: Pardaillan tornou-se coisa dele, Pardaillan teria sido enforcado por seu mestre, Pardaillan estava apenas esperando uma oportunidade para morrer por ele!

Um dia o velho cavaleiro ouviu a notícia que acabava de se espalhar por toda a mansão: Monsenhor François de Montmorency estava de volta!...

Meu Senhor

estava vindo !...

Monsenhor estaria lá depois de amanhã!...

Dois dias depois, pela manhã, Henri, sombrio, pálido, agitado, levou-a a Margency, mostrou-lhe a casa da velha enfermeira e ordenou que ela sequestrasse Loise; uma hora depois, Pardaillan voltou ao local onde seu mestre o esperava: ele segurava em seus braços a pobre criatura minúscula, tão fraca, tão maravilhosamente bonita que seu velho coração enrugado sentiu uma vaga emoção.

Então Henri lhe deu suas instruções, que Pardaillan ouviu com uma careta. Ao mesmo tempo, ele lhe deu um anel adornado com um magnífico diamante: o preço do horrível assassinato combinado!

Pardaillan se posicionou de modo que pudesse ver claramente a janela de onde viria o sinal abominável.

Henri entrou na casa e esperou que Jeanne voltasse. Conhecemos a cena dupla e dramática que ocorreu...

Pardaillan viu François chegar... ficou olhando para a janela, só um pouco pálido, a menininha adormecida em seus braços; foi horrível...

Quando viu François sair, quando viu Henri, por sua vez, sair de casa, Pardaillan soltou um grande e profundo suspiro de alívio: o sinal não viria agora!... E então, quem estaria perto dele? teria ouvido resmungos:

– Ainda bem que este sinal não me foi dado! Pois eu teria sido obrigado a desobedecer, a fugir, a retomar a vida errante do passado,

com uma vingança de Montmorency em meus calcanhares!... E estou muito velho... muito cansado!...

Vamos, mademoiselle, ria!... Quanto ao resto... bem, eu obedeço!... Não há mal nenhum, eu acho, em manter este pequeno por um mês ou dois, pois recebi a ordem ...

Então, muito gentilmente, o reiter envolveu a criança em uma dobra de sua capa e foi embora.

Ele chegou a uma casa baixa que ficava ao pé da grande torre do solar e entrou: um menino de quatro ou cinco anos correu ao seu encontro, com os braços estendidos.

“Jean, meu filho”, disse Pardaillan, “estou trazendo uma irmãzinha para você.

E dirigindo-se a uma camponesa que girava com uma roca:

- Ei! la Mathurine, aqui está uma menininha que terá que receber leite... E depois, nem uma palavra, por favor, a uma alma viva! Caso contrário... você pode ver aquela bela forca lá em cima na masmorra?... Bem, será para você!

Verde de medo, a empregada jurou ficar muda 102

como a sepultura, pegou a deliciosa criaturinha em seus braços, e imediatamente se ocupou em lhe dar leite, armar para ele...

Quanto ao menino, abriu os olhos arregalados, brilhando de astúcia e inteligência. Ele era uma criança de constituição admirável, cujos movimentos revelavam a força de um jovem lobo e a flexibilidade de um jovem gato.

Era filho do velho caminhoneiro, que, ele próprio morando na mansão, o criou neste chalé onde ia vê-lo todos os dias. Onde Pardaillan teve esse filho? De que dama necessitada de galanteio ele a tinha tirado? Era um mistério sobre o qual ele nunca falava...

Colocou-o de joelhos, e em seus olhos cinzentos acendeu-se uma chama de ternura... depositou Loise e agarrou a frágil menininha em seus braços nervosos.

Loise não chorou. Ela arregalou os olhos azuis suaves. Ela deu uma risada deliciosa...

Jean bateu os pés, entusiasmado:

103

- Oh ! paizinho! Oh ! linda irmãzinha...

Pardaillan levantou-se de repente, com os olhos semicerrados, e saiu pensativo, pensando na mãe!

pensando em seu desespero, nele, se seus jeans desaparecessem! E em seus olhos que nunca choraram, algo como uma névoa úmida flutuou por um momento...

Uma hora depois, Pardaillan estava em Margency.

Às vezes deslizando pelas cercas vivas, às vezes rastejando, ele se aproximava da janela, olhava, ouvia.

E o que ele viu fez seu cabelo ficar em pé.

E o que ele ouviu trouxe aos seus lombos aquele suor frio de angústia que ele não conhecera na batalha!

Oh ! as lamentações do amante ao acordar! Ataques de fúria! os acessos de insanidade em que se amaldiçoava pelo seu silêncio, onde queria correr, juntar-se a François, contar-lhe tudo!...

104

E imediatamente o pensamento de Loïse ter sua garganta cortada a fez parar! Se ela desse um passo, Loïse morreria.

E o infeliz resmungou:

- Mas eu obedeci! Estou em silêncio! Eu me matei!... Ele prometeu me devolver minha filha... não jurou?... Ele vai me devolver ela, você diz? Lois! Loïse!... Onde está você?... Meu pequeno querubim, você não vai colocar suas adoradas algemas nos cabelos de sua mãe esta noite!...

François, não ouça! Ele mente ! Oh ! o covarde desgraçado! Ele se atreve a tocar este anjo!

Devolva minha filha, bandido!... Para mim!... Para

eu!... Loise, oh minha Loise, minha pobrezinha! Você não ouve sua mãe?...

Infelizmente! o que são essas linhas frias e impassíveis! Onde está a música que jamais poderá traduzir o *lamento doloroso* da mãe que chora pelo filho perdido!...

Pardaillan, ouvindo esses acentos de desespero humano em sua forma mais augusta; ver este rosto devastado, ensanguentado de hematomas, de golpes de pregos, agarrar de passagem esses olhares de animal que está sendo morto, às vezes furioso a ponto de fazer tremer 105

vinte homens, às vezes com pena de fazer os carrascos chorarem, Pardaillan estremeceu por muito tempo, bateu os dentes, cravado em seu lugar, apavorado com o que havia feito!...

Finalmente, ele recuou lentamente no início, depois mais rápido, então começou a correr como um louco.

Quando chegou à casa de Mathurine, estava escuro: era o momento em que François e Henri, ali, na floresta, trocavam palavras, cada uma delas um drama.

La Mathurine mostrou a seu mestre Loïse, que dormia perto de seu filho. Jean, com seu pequeno braço, sustentava a cabeça tão ingenuamente confiante, com uma confiança sublime, da menininha. Então, gentilmente, para não acordá-la, ele a pegou no colo, embrulhou-a com cuidado e se dirigiu para a porta. Ao sair, ele se virou e com voz rouca disse:

– Você vai acordar John. Você vai vesti-lo.

Você vai prepará-lo para uma longa viagem... terá tudo pronto em uma hora... Ah! você vai dizer ao meu manobrista que ele está trazendo meu cavalo aqui todos os 106

selado... com meu cabide...

E Pardaillan, deixando o criado maravilhado, retomou o caminho para Margency, com a filha adormecida de Jeanne nos braços, sorrindo com seu sorriso divino para as estrelas no céu, e talvez com o pensamento que fez o velho reiter estremecer!...

Jeanne, esmagada pelo horrível cansaço de seu desespero, sua cabeça vazia, cochilava febrilmente em uma poltrona, palavras confusas nos lábios, enquanto a velha enfermeira, chorando, refrescava sua testa com panos molhados.

– Vamos, criança, implorou a velha, vamos, coitada da mocinha, você deve ir para a cama... Jesus, tem piedade dela e de todos nós!... Nossa jovem vai falecer ... Vamos, meu filho! ...

- Lois! murmurou a mãe. Ela vem!... ela vem!...

“Pobre mártir! Sim Sim ! Ela está vindo, sua Loïse... Vamos... deixe-me colocá-la na cama...

venha...

“Eu lhe digo que ela está vindo!... Loise! minha filha, 107

venha adormecer em meus braços...

Neste momento, Jeanne acordou de repente, com um choro de partir o coração. Ela se levantou, empurrou a enfermeira e pulou para a porta, gritando:

- Lois! Lois!

- Mulher louca! Jesus! Santa Virgem! Pena dela!... Louca, ai!...

- Lois! Lois! repetiu Jeanne com uma voz brilhante.

E nesse momento apareceu uma grande sombra; Jeanne, com um gesto frenético, arrancou dela algo que essa sombra carregava em seus braços; essa coisa, ela o tirou com o movimento de um ladrão, colocou-o na poltrona, e se jogou de joelhos... e já, sem uma

palavra, sem uma lágrima, sem sonhar em beijar sua filha, com o destreza instintivamente com as mãos trêmulas, ela rapidamente despiu a criança...

Só ela murmurou:

- Desde que não tenha maldade, agora!

contanto que não o machuquemos... vamos ver isso, 108

vamos ver...

Em um instante, a criança estava completamente nua, feliz, como bebês, movendo braços e pernas em uma bagunça fresca e rosada.

Avidamente, avidamente, a mãe agarrou-a, examinou-a, apalpou-a, devorou-a com o olhar dos cabelos às unhas dos pés...

Então ela começou a chorar...

Então ela o agarrou...

Assim cobriu o corpo de beijos furiosos, os ombros, a boca, os olhos, ao acaso os lábios, as covinhas dos cotovelos, as mãos, os pés, tudo, toda a filha.

A criança estava chorando, lutando...

A mãe soluçante, embriagada pelo delírio de sua alegria, murmurou apaixonadamente:

– Chora, grita, ah! grita, malvado! é isso !

é bom, vai! grita, adorado! Está aqui... é realmente você, digamos! Sim é você! É minha pequena Loise!

Uau, safado! é permitido choramingar assim! Aqui, aquele beijo de novo, anjo de sua mãe...

e então outra vez esta!... Você acredita que ela em 109

tem uma voz... Vamos ver, esses são seus olhos, seus queridos olhos celestiais, esses são sua boca, digamos, esses são seus pezinhos... Vamos, bem... puxe meu cabelo, agora! Alguém já viu um vilão desses? Escute... olhe se você não parece um anjo... É um anjo, eu lhe digo, Loïse... pequena Loïse... é sua mãe que está aí...

Loïse... minha filha... Pensar que é minha filha que está aqui!

Pardaillan assistiu a isso.

Ele estava atordoado por isso, querendo ir embora, incapaz de.

De repente, a mãe, ainda de joelhos, ainda soluçando, virou-se para ele, arrastou-se para ele, de joelhos, agarrou-lhe as mãos, beijou-as...

- Sra ! Sra !...

- Se ! E se ! Eu quero beijar suas mãos! é você que traz de volta minha filha para mim! Quem é Você ?

Sair! Posso muito bem beijar suas mãos que carregaram minha filha! Seu nome ? Seu nome ! Que eu o abençoe até o fim dos meus dias!...

110

Pardaillan fez um esforço para se libertar.

Ela se levantou, correu para a filha, abraçou-a, completamente nua, depois a entregou a Pardaillan, e mais calma:

"Vamos, beije-a!"

O velho caminhoneiro sobressaltou-se, ergueu o chapéu e gentilmente, timidamente, beijou a criança na testa.

- Seu nome ? repetiu Jeanne.

– Um velho soldado, senhora... aqui hoje...

amanhã em outro lugar... qualquer que seja meu nome...

E enquanto ele falava, a testa de Jeanne se enrugou... a amargura de seu desespero voltou para ela... com uma onda de ódio pelo desgraçado que se fez cúmplice de Henri de Montmorency.

- Como conseguiu minha filha? ela disse de repente.

“Meu Deus, senhora, é muito simples... uma conversa surpresa... vi um homem levando uma menina... eu o conhecia... interroguei-o... só isso!

111

Pardaillan corou, ficou pálido, gaguejou.

"Então", ela continuou, "você não vai me dizer seu nome, para que eu possa abençoá-lo?"

"Perdoe-me, Madame... de que adianta?...

– Então!... Diga-me o nome do outro!...

Pardaillan saltou.

"O nome da pessoa que sequestrou a criança?"

- Sim ! Você o conhece ! O nome do desgraçado que concordou em matar minha filha?

- Você quer que eu diga o nome dele...

Eu !...

- Sim ! Seu nome!... Que eu o amaldiçoe para sempre!...

Pardaillan hesitou por um minuto. Ele estava procurando por qualquer nome. E de repente um pensamento profundo desceu às obscuridades desta consciência, um pensamento de remorso, e também um pensamento redentor...

Um pouco pálido, ele murmurou:

- Bem, olhe, senhora, você está certa...

"O nome do infame!"

“Ele é chamado de Chevalier de Pardaillan!...

O velho reiter lançou o nome com voz surda e fugiu, talvez para não ouvir a maldição que irrompeu nos lábios da mãe...

VIII

A estrada para Paris

Na floresta de castanheiros, sob as árvores altas, a noite que descia sobre o vale de Montmorency já era noite. Henri, enquanto proferia a terrível calúnia em que se acusava para melhor destruir Jeanne, Henri olhou avidamente para seu irmão. Ele viu apenas um rosto pálido do qual brilhou o duplo clarão de um olhar insano.

Henri esperava blasfêmias, imprecações.

De repente, curvou-se um pouco: a mão de François acabara de cair em seu ombro. E Francisco disse:

- Você morrerá !

Com um esforço prodigioso, Henrique arrancou-se de 114

o abraço, e pulou para trás.

Ao mesmo tempo, ele desembainhou sua espada e ficou em guarda.

“Você quer dizer, meu irmão, que um de nós vai morrer aqui!

"Eu digo que você vai morrer!" repetiu François.

E sua voz era tão gélida que parecia o sopro da morte e Henri cambaleou em seus pés.

François, com um gesto lento e sem pressa, desenhou...

No momento seguinte, os dois irmãos estavam de guarda um diante do outro, espadas cruzadas, olho no olho. E nesse duplo olhar fosforescente como certos olhares de animais selvagens, havia um choque furioso de ódio e desespero.

A noite era profunda.

Eles mal se viam. Mas eles adivinharam um ao outro.

E o brilho de seus olhos os guiou.

Estranho e quase fantástico! Enquanto Henri, inteiramente no duelo, sentiu o ferro, tentou
115

fintas e até atacou duas ou três vezes, François parecia ausente da luta.

Seu braço e seu olho, por hábito longo, guiavam sua espada. Mas ele estava pensando, e seu pensamento era realmente terrível:

"Então, ele é meu irmão!" Eu não acho que doeu tanto ser traída por um irmão!

Imaginei que a traição dessa mulher tivesse levado meu desespero ao limite!... Bem, não! Restava-me aprender esta monstruosidade... o nome do amante! Por que não morri antes? Por que não arranquei minha língua em vez de pedir esse nome?... Vou matá-lo... que assim seja! mas eu, se posso viver, quem me curará do abominável sofrimento de saber que quem me traiu foi meu irmão! »

Henri pulou com força, a espada tocou François levemente na garganta, uma gota de sangue apareceu...

E lentamente, uma mudança de opinião ocorreu na mente de François.

Dizemos devagar, porque naquele minuto os segundos pareciam horas.

116

Ele veio para ver apenas os olhos de Henri.

Ele esqueceu – talvez tenha tentado – que era seu irmão. Ele só tinha a sensação de estar na presença do amante de Jeanne.

Ficou muito claro e muito forte.

Então, uma espécie de rugido retumbou em seu peito. Agarrou o punho da espada com mais nervosismo e, em três passos sucessivos, curtos e rápidos, caminhou.

Ambas as espadas se engajaram completamente. O clinch começou.

Por um ou dois segundos, houve apenas o tilintar do aço, a rouquidão das duas respirações, então uma pequena maldição de Henri, então outro momento de silêncio... e então, de repente, um suspiro, um grito, o som surdo e som pesado de um corpo caindo em uma massa...

A espada de François acabara de passar pelo lado direito do peito de Henri, acima da terceira costela.

François ajoelhou-se.

Ele notou que Henri ainda estava vivo.

De repente, ele sacou sua adaga e com um gesto furioso a ergueu...

“Morre”, ele rosnou, “morra, seu desgraçado!...

Nesse segundo, um brilho avermelhado iluminou o rosto lívido de Henri.

- Meu irmão ! Meu irmão ! murmurou François com voz louca, como se, na verdade, só então tivesse reconhecido o irmão.

Com um gesto de horror, ele jogou longe dele o punhal que ele estava segurando. E toda a lembrança da cena hedionda lhe voltou: aquele irmão!... era ele mesmo! foi ele quem o traiu! foi ele quem o torturou antes! foi ele quem proclamou sua traição.

Ele se levantou e virou a cabeça.

Então ele viu dois lenhadores cuja cabana estava a quinze passos de distância, e que vinham correndo, uma tocha de resina nas mãos, atraídos pelo estrondo das espadas...

Incapaz de pronunciar uma palavra, François, com um gesto trágico, mostrou-lhes o corpo do irmão...!

Então, lento e curvado, como quando saiu da casa da enfermeira, foi embora, sem pressa, sem voltar os olhos para aquele que havia sido seu irmão...

Duas horas depois, François chegou à mansão.

O chefe do posto na ponte levadiça soltou um débil grito de surpresa e terror ao vê-lo. E mostrou a um oficial o cabelo do filho mais velho do policial.

Este cabelo, preto de manhã, estava agora branco como o cabelo de um velho.

“Monsenhor”, disse o oficial, “preparamos seu apartamento e...

"Traga-me um cavalo", interrompeu François com uma voz rouca quase ininteligível.

"Monseigneur não para na mansão?" perguntou o oficial timidamente.

- Meu cavalo! repetiu Montmorency, batendo o pé.

Alguns momentos depois, um manobrista trouxe 119

uma montaria, e o oficial que segurava o estribo perguntou:

“Monsenhor, sem dúvida, voltará em breve!...

François saltou para a sela e respondeu:

- Nunca !

Imediatamente, ele deu a mão e, assim que saiu do recinto, mergulhou furiosamente e desapareceu.

- François! François! François!

Este chamado triplo triste, bêbado e ofegante soou naquele exato segundo, e uma mulher apareceu, segurando uma criança nos braços.

Mas, sem dúvida, Montmorency não ouviu esse grito de cortar o coração, pois não se virou. E o som do galope de seu cavalo morreu ao longe.

A mulher então se aproximou do grupo de soldados e oficiais iluminados por tochas, que saudaram a partida de seu mestre e observaram com espanto esse tipo de fuga.

- Onde ele está indo ? ela perguntou em voz 120

quebrado.

O oficial reconheceu a Mademoiselle de Piennes.

Ele se descobriu e respondeu:

“Quem sabe, senhora!

"Quando ele vai voltar?"

– Ele disse: Nunca!

"Por aqui... onde isso leva?"

– Caminho para Paris, senhora.

-Paris. Bom !...

Jeanne partiu imediatamente, abraçando nervosamente a Loise adormecida.

Quando a filha lhe foi devolvida, Jeanne, após a primeira hora de embriaguez, após a partida de Pardaillan, imediatamente tomou o caminho de Montmorency, sozinha com o filho, apesar dos esforços da velha enfermeira para acompanhar . Agora que ela estava segurando sua Loise, ninguém iria arrancá-la dela novamente, mesmo que ela nunca tivesse que deixá-la por um segundo! E agora ela podia falar, contar toda a verdade a François, desmascarar o infame!

121

– Querida esposa!... Querida amante!... Você por quem daria minha vida!... Como deve ter me amaldiçoado!... Mas isso não é nada! Como você deve ter sofrido! todas as horas da minha existência dedicadas à tua felicidade para redimir este dia em que te parti o coração!... Eu!...

Eu que te adoro!... Mas você me entende bem, meu François? E você me aprova, não é?... Se eu tivesse dito uma única palavra, sua filha morreria!... Oh! meu François! diga que não sabe! que você não conhece sua filha!...

Como você vai ser feliz, meu querido marido!

Como seus olhos bons e queridos estarão velados de doces lágrimas quando eu lhe disser: “Aqui, beije sua pequena Loïse!...”

Ela caminhou, caminhou rapidamente, cada vez mais rápido, em direção à mansão, murmurando essas palavras febris e outras além.

Quando estava a cem passos do portão principal, viu uma reunião de soldados, tochas, um cavaleiro partindo a galope.

- É ele ! é ele !...

Ela correu para a frente em um último esforço, colocou todas as suas

sua alma no chamado que brota de seus lábios...

Tarde demais!... Alguns segundos tarde demais!...

Ela questionou o oficial. François tinha tomado a estrada para Paris. É bom ! Ela iria para Paris! Além disso, se necessário! Enquanto seus passos pudessem carregá-la! até o fim da Île-de-France e esses países distantes!...

Fortalecida por seu amor de amante e de mãe, Jeanne mergulhou na noite, sob as altas árvores da floresta, que as rajadas de março dobravam em saudações majestosas vislumbradas nas sombras.

Uma exaltação indescritível a apoiou.

Ela não tinha medo: nem da noite profunda, nem das misteriosas obscuridades com que caminhava, nem dos saqueadores que infestavam as estradas e consideravam a vida humana sem valor...

Ela andava depressa, com o filho nos braços, e nem sonhava que não tinha muda de roupa, que não tinha coroa, que não conhecia Paris... ela 123

não pensava em nada... caminhava como em êxtase, o olhar brilhante fixo na imagem do amante.

*

Cerca de uma hora após a partida de François de Montmorency, os lenhadores trouxeram em uma maca o corpo ensanguentado de seu irmão Henri. Houve um grande barulho, grandes idas e vindas assustadas na mansão. Henri foi levado para seu apartamento, e o cirurgião do castelo sondou o ferimento.

"Ele vai viver", disse ele. Mas seis meses, ele não vai conseguir se levantar daqui.

Os lenhadores reconheceram François na hora do duelo.

Mas o acontecimento lhes pareceu tão estranho e tão formidável que não quiseram dizer nada.

Supunha-se, portanto, que o segundo filho do policial deve ter sido atacado por caminhoneiros.

Muito poucos foram aqueles que, nas profundezas de seus 124

pensamento, atreveu-se a estabelecer uma ligação entre esta aventura e a partida precipitada de François.

*

Foi por volta da mesma hora que o Chevalier de Pardaillan deixou Montmorency. Ele não sabia o que tinha acabado de acontecer na mansão. Mas ele sabia que tinha saído de qualquer maneira. De fato, Pardaillan conhecia Henri de Montmorency admiravelmente e sabia que não se esperava piedade dele.

“Em suma,” ele resmungou, “ao devolver a criança eu traí meu ilustre e vingativo senhor. Estudável! É porque ele adora ver um corpo balançando na ponta de uma corda, esse digno mestre! E embora eu seja um cavalheiro, o malandro não hesitaria em experimentar o novo cânhamo da grande torre em volta do meu colarinho! Agora, vamos sair daqui, e vamos tentar colocar um número respeitável de braças e léguas no meu colarinho e no dito cânhamo!

125

Tendo assim raciocinado, tendo examinado cuidadosamente a ferradura de seu cavalo e enchido seu cabide, o cavaleiro de Pardaillan montou em sua sela, colocou seu pequeno Jean à sua frente, saudou a mansão com um gesto grandioso, heróico e zombeteiro, e sentou-se ... a bom trote, em direção a Paris.

Logo ele entrou na floresta que se estendia quase até os portões de Paris e cujos últimos buquês sombreavam as colinas de Montmartre.

Depois de uns bons vinte minutos de trote, o cavaleiro pensou ter visto uma sombra a poucos passos de seu cavalo e, no mesmo instante, este deu uma guinada abrupta e parou de repente.

Pardaillan se inclinou para frente, distinguiu uma mulher e quase imediatamente a reconheceu. Ele se encolheu.

Jeanne, no entanto, continuou a andar. Talvez ela não tivesse ouvido o cavaleiro vindo.

"Madame..." disse o motorista do caminhão gentilmente.

Joana parou.

– Senhor, ela disse, estou bem no caminho 126

de Paris ?

- Sim Madame. Mas realmente... você vai assim, sozinho, na floresta, à noite?... Você me permite fazer companhia?...

Ela balançou a cabeça, murmurou um fraco obrigado.

- O que ! você quer ficar sozinho? retomou o cavaleiro.

- Sozinho, sim. Eu não temo nada.

E ela começou a andar.

Pardaillan olhou para ela por um minuto com espanto misturado com compaixão. Então, encolhendo os ombros como se quisesse dizer que não podia fazer nada neste drama, retomou o trote. Mas ele não tinha dado cem passos quando rapidamente voltou para Jeanne.

“Mas, madame,” ele recomeçou, “você tem pelo menos parentes em Paris? Você sabe para onde irá?

- Nao eu nao sei...

"Mas você não tem dúvida de algum dinheiro?"

Não se ofenda, por favor...

– Você não me ofende... não tenho dinheiro... Obrigado pela preocupação, quem quer que seja...

Uma luta violenta parecia travar-se no espírito do cavaleiro que resmungou, praguejou, praguejou baixinho, depois, tomando uma decisão repentina, inclinou-se para Jeanne, colocou um objeto brilhante no peito da pequena Loïse e fugiu a galope. essas palavras:

“Madame, não xingue demais o Chevalier de Pardaillan... ele é meu amigo!

Jeanne então reconheceu que o cavaleiro era o homem que lhe devolvera sua pequena Loise. E, tendo examinado o objeto brilhante, ela viu que era um magnífico diamante engastado em um anel.

Este diamante era o que Henri de Montmorency havia dado a Pardaillan para pagar o sequestro da pequena Loïse!...

IX

autoimolação

O condestável de Montmorency, com passo agitado, caminhava no vasto salão de honra de seu hotel em Paris. Seus cavalheiros, espalhados nos bancos, ou em grupos, contavam coisas estranhas entre si em voz baixa e tímida.

Em primeiro lugar, que o policial, tendo acabado de se debruçar em uma janela, viu uma mulher parada em frente ao portão principal do hotel, exausta, parecia muito pálida e uma criança nos braços. E o policial dera ordem para buscar essa mulher e trazê-la: agora ela estava esperando em um armário vizinho.

Então, que o filho do policial, que se acreditava estar morto, de repente chegou à noite, que ele teve uma longa e tempestuosa entrevista.

com o pai, e que partira para um destino desconhecido.

Acabava de chegar a notícia de Montmorency de que o segundo filho do policial, Henri, havia sido atacado na floresta e gravemente ferido.

Finalmente, que Sua Majestade Henrique II deveria fazer uma visita naquele mesmo dia, às quatro horas, ao seu grande amigo, ao chefe de seus exércitos. Concluiu-se que uma nova campanha estava em preparação.

Os inúmeros criados do hotel estavam ocupados em fazer tudo para honrar o visitante real. Pois já eram duas horas e dizia-se que o rei era muito pontual.

Era uma casa senhorial, este Hotel de Montmorency, situado quase em frente ao Louvre, não muito longe do ferry de Port-aux-Passeurs. Reinava o luxo grandioso daquele tempo em que Richelieu ainda não havia domesticado a nobreza, quando os senhores feudais, quase reis pela força, eram muitas vezes mais que reis pela riqueza.

Havia, portanto, no grande salão de honra, mais de sessenta cavalheiros da casa do policial: uma verdadeira corte que o velho político não se arrependeu de exibir aos olhos de Henrique II, que, certamente, não traria tantos consigo , rei da França como ele era.

Mas, naquele momento, não era isso que o Condestável tinha em mente.

Mais de uma vez ele já havia avançado até a porta do armário onde a mulher havia sido mostrada.

E ainda assim ele recuou, batendo o pé com raiva, retomando sua caminhada no semi-silêncio do salão de honra.

Por fim, ele pareceu decidir-se, empurrou a porta abruptamente e entrou.

No meio do armário, a mulher, de pé, esperava. Ela havia colocado o filho adormecido em uma poltrona e, encostado no encosto, o contemplava...

O policial deu dois passos, parou na frente dela, os tufos grisalhos de suas sobrancelhas franzidos,

eriçado.

Mais ou menos ele perguntou:

"O que você quer, senhora?"

Uma espécie de angústia aterrorizada convulsionou o rosto pálido da mulher, que murmurou:

- Meu Senhor...

“Sim”, continuou o policial, com ainda mais aspereza, “não era a mim que você estava esperando, era? Em vez do filho que ainda esperamos seduzir com palavras doces, é o pai inexorável que aparece! E isso te deixa perplexo, não é?

Jeanne de Piennes ergueu o rosto triste:

— Monsenhor — disse ela com voz trêmula —, é verdade que esperava ver François... mas uma mulher da minha raça não pode ficar desconcertada ao se encontrar na presença do pai de seu marido!

- Seu marido! rosnou o policial, cerrando os punhos. Acredite em mim, exorto-o a não invocar este título diante de mim! François me contou tudo naquela noite. Tudo, você ouve

Boa ! Eu sei que você e seu pai foram espertos o suficiente para arrancar um casamento do meu filho fraco. Que casamento, de fato!

noturno e envergonhado como um vôo!...

Um grito de Jeanne parou o velho soldado.

Roxa de indignação, ela estendeu o braço com um gesto indescritível de dignidade, encantadora nesse ser de graça e beleza.

“Você mente, senhor! ela disse com uma calma estranha.

– Pelo céu! o que ela está dizendo aí?

"Eu digo, senhor, que você só tem o vestido de um cavalheiro!" Digo que sua coroa de cabelos brancos não a protegeria do fole vingativo, se meu pai, lentamente assassinado por você, estivesse perto de mim! Eu digo que você está falando com uma mulher com o seu nome, senhor!

O tom dessas palavras havia subido, por assim dizer, da simples dignidade de uma mulher ofendida à majestade de uma rainha.

Montmorency, atônito, corou, empalideceu e pareceu hesitar por um momento em dar uma ordem.Então o velho chefe dos exércitos do rei fez uma profunda reverência. Ele foi domesticado.

“Monseigneur”, continuou Jeanne, reprimindo a violenta agitação do peito, “você me disse agora mesmo que sabia de tudo!... Compreendi muito bem a dolorosa acusação contida nessas palavras... o destino me traz antes de você, eu devo! Não, meu senhor, você não sabe tudo! Você não conhece a terrível verdade, assim como meu senhor e meu marido não sabem, como a esposa do meu coração não sabe, o homem a quem eu dei minha vida, a quem eu queria evitar uma lágrima no custo do meu sangue!... Esta verdade, meu senhor, deve ouvi-la para minha honra, para a felicidade de François, para a vida da criatura inocente que abriga neste momento o seu teto...

o filho do nosso amor!

Espantado pela nobreza do gesto e pela dor do sotaque, fascinado por tanta beleza e simplicidade, cativado pela autoridade e pela graça 134

que emanava de Jeanne, a velha Montmorency, pela segunda vez, curvou-se.

"Fale, senhora", disse ele.

E ao mesmo tempo seus olhos caíram sobre a pequena Loise adormecida.

Jeanne pega esse olhar voando. Algo como uma aurora de esperança iluminou sua alma.

Com aquele movimento de orgulho que todas as mães têm, ela pegou a delicada criatura nos braços, beijou-a longamente, e com dolorosa timidez, com um sorriso molhado de lágrimas, a entregou ao formidável ancestral.

Talvez, naquele momento fugaz, o coração de Montmorency tenha se amolecido!

Ele agitou os braços vagamente como se quisesse agarrar a criança, e perguntou:

- Qual o nome dele ?...

- O nome dela é Loise! disse Jeanne, tremendo de ternura e esperança.

Um beicinho desdenhoso franziu os lábios do policial. Uma filha!... Isso não contava aos olhos deste ancestral feudal!... Seus braços 135

caiu para trás. Jeanne sentiu um arrepio gelado nos ombros. Ela deu um passo para trás, ficando pálida, enquanto ele retomava:

"Eu prometo a você, senhora, ouvir você agora! Fale sem medo e me explique a verdade que você queria me contar.

Jeanne entendeu que o vínculo que estava sendo formado entre ela e Montmorency acabava de ser quebrado.

Mas uma mulher que ama esconde em seu coração forças que são motivo de espanto para o homem. Ela reuniu todas as suas energias e começou a se justificar aos olhos do pai de François.

Com essa voz que era como uma melodia com um encanto ao mesmo tempo delicado e poderoso, com essa poesia natural que ela extraía de seu amor, ela contou seus primeiros encontros com Francisco, a ternura irresistível que os impeliu de um para o outro, suas confissões, depois a culpa, depois a cena do casamento noturno, as ameaças de Henri, o nascimento de Loïse e, finalmente, 136

a terrível tortura final em que seu coração de amante e mãe foi esmagado...

Ela diz tudo, não omite nenhum detalhe; o velho Montmorency ouvia-o sem dizer uma palavra, o rosto endurecido numa atitude gélida.

Jeanne estava calada, palpitante; seu olhar ardente procurou em vão os olhos do policial para ler uma emoção ali.

Em um movimento de desespero, ela caiu de joelhos e apertou as mãos, enquanto tentava reprimir os soluços que a sacudiam...

– Monsenhor, vejo que não o convenci! Infeliz! Não consegui encontrar o sotaque da verdade. E, no entanto, juro que disse a verdade... juro pela minha alma... juraria pelo Evangelho... ou melhor, olhe, juro pela cabeça da minha filha!... Você não Não acha, monsenhor, que eu gostaria de lançar uma maldição sobre minha pequena Loise? Não, não é?... Bem, então, por que você não acredita em mim... por que você está calado?... Oh!

137

meu senhor... você é o pai de François...

Loïse é sua neta... uma pena da mãe!... E é verdade, garanto que não aguento mais...

Enquanto ela falava assim, com uma voz tão triste e tão quebrada que se podia realmente ver que essa pobre jovem estava no limite de suas forças e precisava de um pouco de piedade, refletiu Montmorency.

Seus olhos se estreitaram, sua mente, indiferente a esse lamentável drama, procurou um truque...

"Levante-se, senhora," ele disse finalmente. Tenho certeza que você está falando a verdade...

- Oh ! exclamou Jeanne com exaltação. Loise está salva!...

Este grito da mãe perturbou por um momento a alma obscura do guerreiro. Mas imediatamente ele se recuperou e retomou:

– Além disso, eu não sabia de tudo o que você acabou de dizer sobre meu filho Henri. François não me contou (estava mentindo), e agora mesmo, dizendo que eu sabia de tudo, estava fazendo 138

única alusão a esse casamento secreto que me ofendeu gravemente em minha autoridade paterna e em nossos interesses familiares. Este casamento é impossível, senhora!

– Este casamento, murmurou Jeanne no coração, não é possível nem impossível: é.

Isso é tudo !...

Um lampejo de raiva acendeu o rosto do policial. Palavras violentas encheram seus lábios; mas ele reprimiu sua raiva, reprimiu suas palavras, porque seus pensamentos eram ainda mais violentos.

Com uma tranquilidade que fez a jovem estremecer, tirou dois pergaminhos do gibão e desenrolou um.

"Leia isso", disse ele.

Jeanne folheou o pergaminho. Ela ficou lívida. Um tremor de terror a sacudiu, e incapaz de articular uma palavra ou pronunciar uma queixa, ela se voltou para o terrível pai de François um daqueles olhares que a ovelha deve dar ao açougueiro quando ele

levanta a faca.

O papel continha apenas algumas linhas, que terminavam com a fórmula inventada e inaugurada por François 1er. Essas linhas são:

"A todos os presentes e futuros, saudações.

A ordem é dada ao nosso reitor, senhor Tellier, para capturar a pessoa de François, Conde de Margency, o mais velho da casa de Montmorency, coronel da nossa infantaria suíça, e conduzi-lo à nossa prisão no Templo onde ele permanecerá até que agrade a Deus chame-o para Ele. Nós queremos e encomendamos assim, ao nosso reitor e a todos os oficiais de nossa Pró-Reitoria, pois tal é o nosso prazer. »

- Meu Senhor ! Oh ! Meu Senhor ! gaguejou Jeanne finalmente, o que François fez com você? Oh ! você quer me testar, me assuste! Isto é horrível!... Prisão perpétua!... Ó meu Francisco!...

"Madame", disse Montmorency, calmamente.

sinistro, este pergaminho ainda não foi assinado. Eu sou, Senhora, Condestável dos exércitos do Rei e Grão-Mestre da França. Em alguns momentos, o rei estará neste hotel. Terei apenas de apresentar este papel a ele e dizer-lhe: "Por favor, Sua Majestade afixe seu carimbo no fundo deste pergaminho". E amanhã, madame, começará a prisão... a noite eterna para quem você ama.

- Oh ! é horrível ! Minha razão está perdida! Mas o que ele fez com você, senhor? O quê ele fez pra você?

“Ele se casou com você: esse é o crime dele...

"Seu crime!" gaguejou a infeliz, cuja razão estava realmente se extraviando. meu senhor, castigue apenas a mim! Obrigado por Francisco! Apenas Deus! Bom Deus! Não há, portanto, nem justiça nem piedade aqui embaixo! Aqui, meu senhor, mate-me, pois amar é um crime...

Uma chama se acendeu no olho do velho Montmorency, que continuou friamente:

– Agora, senhora, aqui está um segundo 141

pergaminho. É um ato de renúncia voluntária de seu casamento...

- Não ! Não ! Oh ! Não ! isso não! ofegou Jeanne em um grito de cortar o coração. Me mata ! mas isso não!...

“Sei quão sério é um divórcio e quão difícil é romper um casamento.

Mas, o rei ajudando...

- Graça! Pena ! Justiça, senhor! gritou Jeanne, caindo de joelhos.

– A boa vontade do nosso Santo Padre é nossa... é só assinar...

- Pena ! Oh ! deixa-me meu François!

deixe-me amá-lo!

“Assine, senhora, e o Santo Padre anulará o casamento...

“Minha filha, senhor! Filha de François! Você está roubando o pai dele!... Você está arrancando o nome dele!...

"Já chega, senhora. Atualmente, apresentarei qualquer um desses dois pergaminhos ao rei. François estará amanhã no 142

Templo se, esta noite, eu não puder enviar sua renúncia a Roma. Assine e salve...

- Graça! Graça! soluçou a esposa martirizada.

Não ! Não ! Nunca !...

- O rei ! O rei ! Vida longa ao rei !...

Gritos irromperam no pátio principal.

Uma fanfarra de trombetas soou. Ouvimos os passos apressados dos cavalheiros correndo ao encontro de Henrique II. A porta se abriu violentamente e um homem gritou:

- Meu Senhor ! Meu Senhor ! aqui está Sua Majestade!...

- Adeus, senhora, disse lentamente

Montmorency. Rasgue esta renúncia. Vou mandar o rei assinar a ordem para prender meu filho!...

- Parar! Eu assino ! resmungou o martírio.

E ela sinalizou!... Então ela caiu para trás, enquanto um de seus braços, em um gesto instintivo e sublime, ainda tentava proteger Loïse...

O policial derreteu no pergaminho, o 143

agarrou-o, escondeu-o no gibão e com o passo pesado de um esmagador de corações, de um matador de homens e mulheres, foi ao encontro de Henrique II.

No pátio, gritos de alegria irromperam furiosamente:

- Vida longa ao rei ! Vida longa ao rei ! Viva o policial!...

144

X

A Dama de Preto

O casamento secreto de François de Montmorency e Jeanne de Piennes foi quebrado pelo papa. As memórias da época fazem um grande barulho sobre este evento e dizem que a coisa não aconteceu sem grandes dificuldades que a obstinada vontade de Henrique II superou.

No ano de 1558, François de Montmorency, marechal dos exércitos reais, casou-se com Diane de France, filha natural do rei. Uma quinzena antes da hora marcada para a cerimônia, ele foi encontrar a princesa.

“Madame,” ele disse a ela, “eu não sei quais são seus sentimentos por mim. Perdoe-me a brutal franqueza da minha linguagem: não te amo e nunca amarei...

145

A princesa ouviu com um sorriso.

“Estamos nos casando”, continuou François. Ao aceitar a notável honra de ser seu marido, obedeço ao Rei e ao Condestável, que querem esta união por motivos políticos; mas no dia em que o Arcebispo abençoar nossa união, meu coração estará ausente da cerimônia. Eu te ofendo, eu sei...

“Não, Monsieur le Maréchal,” disse Diane rapidamente. Por favor, continue, com toda a lealdade...

“Se meu coração fosse livre”, disse então François, “seria o seu; porque você é linda entre as mais lindas. Mas...

"Mas seu coração pertence a outro?"

- Não senhora! E me expressei mal: meu coração está morto, só isso!... E se eu mesmo ainda vivo, não é por falta de ter buscado ardentemente a morte no campo de batalha...

Seus olhos escureceram. E com um sorriso de partir o coração, ele acrescentou:

146

– Parece que ela não me quer... Então aqui, Madame e Princesa, está toda a verdade, por mais cruel que seja dizer para mim: nosso casamento só pode ser a união de dois nomes. .

Se a amizade mais fiel e mais ardente, se um afeto fraterno em todos os momentos, se uma devoção cega pode equilibrar a ausência de amor, humildemente lhe ofereço esta amizade e esta devoção... você com toda a sinceridade de uma lealdade que até agora ninguém suspeitou, aguardo sua decisão...

Diana se levantou.

Ela era uma mulher alta e bonita que não tinha coração nem espírito.

“Marechal,” ela disse suavemente, “vindo de qualquer pessoa além de você, tal franqueza realmente teria me ofendido. Mas a você, senhor, eu perdôo tudo, então obedeçamos ao desejo do Rei, e cada um de nós guarde nossos corações. É assim que você ouve?...

"Madame..." murmurou François, empalidecendo...

pois talvez ele esperasse outra resposta.

147

"Vamos, marechal. Respeitarei o luto do seu coração...

E enquanto ele se curvava e beijava a mão da princesa, com um sorriso melancólico, ela acrescentou:

– Maître Ambroise Paré afirma que tenho uma aptidão espantosa para a medicina... Quem sabe se não conseguirei curá-lo?...

Foi assim que o pacto foi concluído.

Após a cerimônia, Francisco se jogou de cabeça em uma série de campanhas perigosas; mas, como ele havia dito, parece que a morte não o queria.

Quanto a Henri, ele nunca mais viu o mais velho. Dir-se-ia, aliás, que os dois irmãos tentavam evitar um ao outro. Quando um estava lutando no Norte, o outro estava no Sul.

O dia da reunião estava por vir, porém, e dramas terríveis estavam se preparando para aquele dia...

Porque os dois irmãos ainda amavam.

Eles amavam a mesma mulher - agora 148

desapareceu – sem que nenhum deles, apesar das buscas ardentes, jamais a tivesse encontrado.

*

O que havia acontecido com essa amada mulher? Mais feliz do que Francisco, teria ela encontrado refúgio na morte? Ela havia parado de sofrer e a abominável provação de seu coração como esposa e mãe a levou ao túmulo?

Não ! Joana viveu!...

Se lutar incessantemente contra a dor, se sufocar a cada segundo as palpitações e os impulsos de um coração apaixonado, se passar noites, meses, anos sombrios chorando pelo paraíso perdido, pode-se dizer viver!...

Como a infeliz mulher deixou o Hôtel de Montmorency depois da cena terrível em que seu sacrifício foi consumado? Como ela não morreu de desespero? Quem a pegou e a salvou? Como passaram os anos que 149

seguido, lenta e escura agonia de amor?...

Era-nos impossível reconstruir esses episódios de uma existência murcha.

Encontramos Jeanne em uma casa pobre na rue Saint-Denis. Ela mora no topo, sob o telhado, em um apartamento estreito composto por três quartos pequenos. E desde o momento em que a encontramos, possuímos o segredo da estranha força que permitiu a Jeanne viver.

Vamos entrar na casa... vamos entrar num quarto claro, pobre, mas arrumado com gosto delicioso... vamos olhar a imagem admirável diante dos nossos olhos... vamos ouvir!...

Jeanne acaba de entrar nesta pequena sala e vai para o nicho da janela onde uma jovem está sentada.

Ao passar, ela para por um momento em frente ao espelho, olha para si mesma e pensa:

"Como ele me acharia murcha se me visse agora! Será que ele me reconheceria? Infelizmente! Não sou mais a Jeanne de outrora, não sou mais aquela que ele chamava de "a Fada 150

da primavera"... sou apenas "a Dama de preto"... já não sou eu!... »

Jeanne está enganada, ela é admiravelmente linda. Sua palidez não tira nada da beleza ideal de seu rosto, a perfeita pureza de suas linhas, o esplendor harmonioso de seus cabelos...

O brilho em seus olhos apenas suavizou e velado.

Seus lábios, onde o riso floresceu uma vez, assumiram uma ruga séria.

Mas ela ainda é a mulher radiantemente bela que as pessoas do bairro chamam de "a Dama de Preto", porque ela usa em suas roupas o mesmo luto eterno que em seu coração.

E esses próprios olhos velados retomam todo o seu brilho terno, essa boca fechada retoma também o seu sorriso adorável quando o olhar de Jeanne recai sobre a jovem que, no vão da janela, se agacha e se agita num trabalho de tapeçaria.

Ah! é que este pequeno trabalhador com dedos 151

rosas correndo pela lã, é sua filha! sua Loísa!...

Agora sabemos por que Jeanne não está morta! Por que ela queria viver!

Agora conhecemos por esse olhar e por esse sorriso de martírio aquele sentimento que se impôs nela, tão poderoso, tão doce, tão exclusivo, mesmo antes da vinda ao mundo da criança adorada.

Jeanne pode ser uma mulher que sofreu torturas indescritíveis na paixão de seu amante.

Ela pode ser uma esposa que experimentou o mais terrível infortúnio que pode acontecer a uma esposa.

Ela permanece, é sempre e sobretudo a mãe!...

E se estremeceu de alegria quando compreendeu que o mistério da maternidade ia se cumprir nela, se começou a idolatrar sua pequena Loïse desde a primeira gagueira, como não amá-la agora? !

Loïse aparece dezesseis primaveras...

Seus olhos, um azul intenso, um azul violeta, 152

parecem refletir a pureza infinita de um céu de maio, naquelas manhãs inefáveis onde a imensidão celeste parece mais profunda, onde o azul parece mais azul...

Seus cabelos formam uma auréola nublada em torno de sua testa nevada, quase fluida por ser fina e sedosa, uma auréola que se doura sob os raios do sol, como se um pintor brilhante tivesse gostado de gastar todo o ouro neles. paleta.

Sua atitude, seu gesto, sua palavra formam um poema de harmonia.

Não sabemos que força de flexibilidade e orgulho emerge desse conjunto maravilhoso.

E ainda...

Que melancolia neste rosto tão radiante, tão nobre de linhas, tão expressivo!...

Seria esse também marcado pela fatalidade!...

Os passos da filha, como os da mãe, surgirão e desencadearão as paixões tempestuosas que criam drama?

153

*

Jeanne se aproximou de seu filho.

Lois levanta a cabeça...

Mãe e filha estão sorrindo uma para a outra... e quem as visse neste momento se perguntaria qual das duas é a mais admirável, e juraria que são duas irmãs com poucos anos de diferença!

Jeanne se senta na frente de Loise, pega a outra ponta da tapeçaria e começa a trabalhar ativamente.

“Mãe”, disse Loïse, “descanse. Você passou três noites neste trabalho... Agora posso terminá-lo sozinho em algumas horas...

– Querida Loïse!... Esquece que hoje tenho que levar esta tapeçaria a esta mocinha...

- O que você me disse de boa classe média...

Lady Marie Touchet, creio eu?...

154

"Sim, meu filho...

– Ah! Mãe, por que não somos gente de classe média também? Por que somos mulheres pobres da classe trabalhadora? ..

Jeanne dá uma olhada profunda na filha e murmura assustada:

"Burguês!"

E ela se perde em um devaneio sombrio e doloroso...

"Pobre criança sem nome!... O que você diria se soubesse que seu nome é Loïse de Montmorency?..."

“O que você está pensando, mãe?

A mãe está tremendo... seus olhos estão cobertos de lágrimas... seu peito está latejando. Lentamente, como se evocando coisas mortas, com os olhos fixos no espaço, ela responde:

– Estou pensando, minha filha, minha adorada pequena Loïse, que talvez você não tenha nascido para esse trabalho doloroso... e isso é muito triste para mim.

ver picadas de agulha na ponta de seus lindos dedos...

Jeanne pega a mão da filha e cobre seus dedos de beijos.

Loïse explode com um lindo toque, uma risada clara, encantadoramente alegre.

- Bom, minha mãe! ela exclama. Você acredita que eu tenho as mãos de uma jovem princesa?...

A mãe estremece profundamente.

"Quem sabe", ela retoma. Quem sabe se, sem esses dois malditos...

Loïse larga a agulha e, muito emocionada, dessa vez:

– Ah! minha mãe ! quando você vai me contar esse terrível segredo que pesa em sua vida?...

- Nunca ! Nunca ! murmura Jeanne embotada.

– Quando vai me dizer, retoma Loïse, que não ouviu, os nomes dos dois homens, causa da desgraça que está em sua existência, posso sentir!... Desses dois nomes, você não me diz .

nunca disse um só!...

“Sim, Loïse!... O nome do Chevalier de Pardaillan!...

“Eu não esqueço, minha mãe! E juro-te que detesto este homem com todas as minhas forças, por este mal desconhecido que te fez!...

Mas o outro! o outro, mais criminoso ainda, você me disse!...

" Nunca ! Nunca ! leva Jeanne de volta ao fundo de seu coração. »

Loise respeita o silêncio da mãe e suspira. As duas mulheres se debruçam sobre a tapeçaria, e tudo o que você pode ver são suas duas mãos ágeis que vão e vêm, enquanto seus cabelos se tocam, roçam um no outro...

Logo a tapeçaria está terminada.

Jeanne, então, se envolve em um manto, e depois de abraçar Loïse em seu coração, sai para visitar a senhora que encomendou este trabalho... Dama Marie Touchet.

Loise acompanhou a mãe até o patamar. Ela então retorna, e rapidamente, como 157

atraído por uma força invencível, corre para a janela do outro quarto com vista para a rue Saint-Denis...

Em frente, fica uma grande casa: a Hôtellerie de la *Devinière* .

Loise ergue sua charmosa cabeça em direção à estalagem, com medo, furtivamente, enquanto seu jovem seio se enche de esperança e emoção.

Lá em cima, na janela do sótão, aparece um jovem cavaleiro...

Com a ponta dos dedos, ele manda um beijo para Loïse...

Loïse hesita, cora, empalidece... por um momento ela fica com os olhos fixos no desconhecido... e esse olhar talvez seja uma confissão!

*

Este jovem cavaleiro tem um nome que Loïse não conhece e que, se fosse pronunciado, ressoaria como uma maldição no coração de um jovem.

menina que se abre para o amor mais puro e profundo...

Porque o jovem cavaleiro se chama cavaleiro Jean de Pardaillan!...

159

XI

Pardaillan, Galaor, Pipeau e Giboulée Este Jean de Pardaillan morava há quase três anos em um belo quarto localizado no topo da Hôtellerie de la *Devinière* e com vista para a rue Saint-Denis. Veremos como e por que um pobre coitado como ele podia se dar ao luxo de hospedar-se na La *Devinière* , a primeira churrascaria do bairro, tão famosa em Paris a ponto de Ronsard e seu bando de poetas irem festejar; la *Devinière* , assim baptizada quarenta anos antes pelo mestre Rabelais em pessoa! La *Devinière* , dirigida pelo ilustre Landry-Grégoire, filho único e sucessor do próprio Grégoire, um famoso torrador.

Jean de Pardaillan, dizemos, era um pobre coitado, sem um tostão.

160

Ele era um jovem de vinte e poucos anos, alto, magro, flexível como uma espada viva.

No verão como no inverno, ele era visto vestido com o mesmo terno de veludo cinza; ele não usava touca, mas uma espécie de chapéu redondo, em feltro cinza – o tipo de chapéu que Henrique III mais tarde faria moda, e do qual Pardaillan foi, sem dúvida, o inventor. A este chapéu pendia uma pena de galo vermelha que brilhava ao sol e lhe dava uma aparência de caveira. Suas botas de pele cinza de rato, modelando a perna esbelta e musculosa, chegavam até as coxas quase até as calças. O calcanhar suportava esporas formidáveis; do cinto de couro gasto e arranhado pendia um florete enorme, e quando, das esporas, o olhar se ergueu para este florete, deste florete de peito largo preso em um gibão remendado, do peito aos bigodes eriçados, dos bigodes aos os olhos extravagantes e, finalmente, os olhos com um chapéu colocado na orelha, em batalha, os homens retinham desse conjunto uma impressão de força que instantaneamente os inspirava com respeito indisfarçável; o 161

mulheres, uma impressão de elegância e beleza diabólicas que mais de uma delas achava difícil esconder.

De fato, o amor das mulheres por um cavaleiro geralmente está em proporção direta ao respeito que esse cavaleiro inspira nos homens. Uma bela presença, um rosto jovem cujos olhos brilham de raiva ou paixão, uma atitude fanfarronada que tem o direito de ser, um gesto flexível, sóbrio, expressivo, lábios finos, um gesto muito gentil e muito terno sob o eriçado provocador do bigode: foi isso que se viu de Pardaillan. E embora o casaco

estivesse enrugado, envelhecido, comido pelo sol, manchado pelas chuvas, costurado a golpes de espada, quem o usava era, no entanto, um tipo maravilhoso de elegância fácil, gracioso com não se sabe o que é terrível.

Em toda a rue Saint-Denis e no bairro, na rue du Temple, na rue Saint-Antoine, nos cabarés caolhos da rue des Mauvais-Garçons, o Chevalier de Pardaillan era conhecido e temido. Mais de um marido fez o 162

fazendo careta ao vê-lo passar, orgulhoso como o rei, mendigo como um bandido; mas mais de uma burguesa se virou com um sorriso, e até as grandes damas levantaram as cortinas de sua liteira para acompanhá-la com o olhar.

E ele, de coração sincero, não vendo nada de toda aquela admiração que o escoltava, tiniu as esporas e passou, nariz ao vento, como um jovem lobo em busca de aventura –

aventura de batalha, aventura de amor, golpes para dar ou receber, grandes desdobramentos do florete cintilante, beijos furtivos, tudo era bom para ele!... enquanto esperava que fosse morto suavemente; os vigaristas da grande truanderie professavam uma admiração sem limites por ele e em vão lhe haviam oferecido o espectro do reino de Argot... retire o do leitor: não podemos fazer nada a respeito.

Portanto, o Chevalier de Pardaillan, além de sua saúde, sua força e sua elegância, nada possuía.

no mundo.

Ou melhor, estamos errados: ele possuía Galaor! ele era dono de Pipeau! ele possuía Giboulée!

O que foi Galaor? Cavalo !

Cano? Um cachorro !

Geada? Um rapieiro!

Como ele se tornou possuidor e legítimo proprietário desses três seres?... pois o próprio Giboulée, uma simples vara de aço, estava se tornando um ser, no punho de Pardaillan, um ser contorcido, rápido, vertiginoso, assobiando, tinindo, tendo uma verdadeira linguagem.

Não é sem interesse dar a conhecer, especialmente porque a história destes três seres contém com a nossa história afinidades secretas que irão emergir no tempo e no lugar.

Cerca de seis meses antes do dia em que vimos Jean de Pardaillan enviar do alto e de longe aquele beijo que lhe revelou todo um estado de alma, o sr.

de Pardaillan, o pai, chamou o filho.

O velho caminhoneiro ficou neste hotel 164

de la *Devinière* por dois anos.

Ocupava com o filho um quarto estreito e escuro que dava para um pátio escuro.

"Meu filho", disse ele, "me despeço de você...

- O que ! senhor, você está indo embora! exclamou o jovem com um impulso que fez cócegas no coração do pai.

– Sim, meu filho, vou-me embora!... No entanto, sugiro que o leve comigo...

O jovem cavaleiro, que raramente corava, que empalidecia ainda menos, corou e empalideceu em rápida sucessão com essa proposta.

O velho Pardaillan, que o examinava de baixo, deu de ombros imperceptivelmente e continuou:

– Proponho levá-lo; mas eu realmente acredito que você faria melhor em Paris.Paris, minha querida, é a grande panela onde as bruxas fervem a boa e a má sorte juntas. Fique, meu filho. Algo me diz que na distribuição que as bruxas fazem de seu pote, é uma sorte que recairá sobre você 165

compartilhando... Então eu disse bem: me despeço.

“Mas meu pai! perguntou Jean, mais emocionado do que queria parecer: "Quem está obrigando você a ir embora?"

– Muitas coisas – e muito mais.

O que você quer ? Eu anseio pela estrada alta. Lamento a queimadura de sol e os chuveiros. Estou sufocando em Paris, eu. Finalmente, eu tenho que ir!

Talvez o velho Pardaillan tivesse um motivo mais premente para fugir de Paris. Porque ele parecia bastante envergonhado.

Apressou-se a continuar:

– No momento de nos deixar, talvez para sempre, pois sou muito velho, lamento, cavaleiro, ter que lhe deixar apenas conselhos. Pelo menos esses conselhos, que constituem todo o seu patrimônio, são dignos de serem cuidadosamente observados...

Jean não conseguiu conter uma lágrima que rolou pelo seu rosto...

- O que! você está chorando, cavaleiro! Isso realmente me entristece. Reserve suas lágrimas para os infortúnios que o afetariam mais diretamente.

Estou partindo, meu querido filho; mas posso me gabar de ter feito de você um homem capaz de lutar contra essa coisa perversa e maligna chamada vida. Você é um espadachim talentoso, e não há um mestre de armas em todo o reino capaz de aparar as botas que lhe ensinei: olho de aço, pulso incansável, compostura, coragem, nada faltará. Nos últimos dezesseis anos, levei você comigo; e ou no meu cavalo ou nas minhas costas quando você era pequeno; seja nas pernas ou no monte que a sorte lhe deu, quando você era adolescente, você viajava em todas as direções pelos países da França, Borgonha, Provença e Langue d'Oc e Langue d'Oil. Então você aprendeu as coisas mais difíceis que existem: como dormir no chão, com a sela debaixo da cabeça; saber ir para a cama sem comer; ser frio e quente com indiferença, sorrir ao sol e rir na chuva; saudar o vento tempestuoso que corre em 167

sob o casaco; ter sede, ter fome... sim, você sabe tudo isso, meu filho, e é por isso que você é feito de ferro e aço!

O velho Pardaillan olhou para o filho por um momento com admiração orgulhosa.

Depois retomou:

“E, no entanto, você poderia ter vivido feliz e tranquilo, me sucedeu em um bom trabalho, no seio da riqueza e prosperidade, sob um nobre mestre como o rei, mais rico que o rei!... Um crime decidiu de outra forma meu destino e o seu.

“Um crime, meu pai! exclamou Jean, tremendo.

– Um crime ou um ato imbecil: é tudo um.

E sou eu que faço isso...

- Você ! Impossível! Você, o coração mais terno...

"Seu... seu... seu... meu filho!" Enquanto vais! Por Pilatos e Barrabás! Ouço. Depois de uma existência como caminhoneiro, um hère, um canalha, um vilão, para ser honesto, eu tinha acabado, portanto, 168

encontrar tranquilidade: festa, bons vinhos e o resto; tudo o que constitui a honestidade da vida.

Eu deveria ter me apegado a isso, especialmente para você, meu filho... Mas, um dia, meu mestre me deu a tarefa mais fácil: sequestrar uma criança atrevida em um maiô. Fiz isso e recebi como recompensa um diamante que valia três mil coroas. Prometi o dobro se ficasse com o pequenino... não estou falando com você de outra cláusula do tratado, que decidi desde o primeiro minuto não cumprir...

“Bem, meu pai?

– Bem, cometi o erro de ouvir não sei que voz absurda que murmurava não sei o que em meu coração. Em suma, devolvi a criança! E criminoso até o fim, ofereci o diamante à mãe. Resultado: dezesseis novos anos de vida errante para mim – e para você, miséria!...

"O nome dessa mãe?" O nome do mestre que lhe deu essas comissões?...

– O segredo não é meu, meu filho... continuo. Graças a este crime, você é pobre 169

como Jó nunca foi. Ali termina, aliás, a tua semelhança com este santo homem tão piedoso, tão continente, tão casto.

Jean corou um pouco. M. de Pardaillan sênior, depois de um momento de devaneio, continuou:

“Agora, cavaleiro, ouça o que eu tinha a lhe dizer... Ouça, por favor, com todo o seu coração, e colete a herança do meu bom e leal conselho... Aqui está...

Jean abriu bem os ouvidos e preparou-se para recolher piedosamente o que considerava a partir de então herança paterna.

– Primeiro, disse o velho caminhoneiro, cuidado com os homens. Ele não vale muito mais do que a velha corda que deveria enforcá-lo. Se você vir alguém se afogando, tire o chapéu para eles e siga em frente. Se você vir mafiosos atacando um burguês em uma esquina, atire na outra esquina. Se alguém se considera seu amigo, pergunte-se imediatamente o mal que ele deseja a você. Se um homem declara que tem boas intenções com você, vista uma cota de malha. Se você for chamado por ajuda, cale a boca 170

ouvidos... Você me promete não esquecer essas palavras?

"Eu prometo a você, senhor... Então?"

– Em segundo lugar, cuidado com as mulheres.

O mais doce esconde uma fúria. Seus cabelos finos são como cobras que se entrelaçam e sufocam.

Seus olhos apunhalam. Seu sorriso envenena. Você pode me ouvir bem, meu filho?

Tenha mulheres o quanto quiser. Construído do jeito que você é, você não vai perder.

Mas não se entregue a nenhum, se não quiser murchar sua vida, se não quiser perecer oprimido por mentiras e traições. Cuidado com as mulheres, cavaleiro!

“Eu prometo a você, senhor. Próximo ?...

– Terceiro, cuidado com você mesmo.

Ah! especialmente você mesmo! Desde o início de sua vida, descarte com violência os maus conselhos de misericórdia, amor e piedade, todas as armadilhas que seu coração não deixará de armar para você.

É uma questão de alguns anos. Muito facilmente, com um pouco de boa vontade, você se tornará como os outros homens: duro, 171

implacável, egoísta, e então você estará bem armado. Você me ouviu corretamente?

“Sim, pai, e prometo praticar o melhor que puder.

- Bom ! Então eu saio em paz. Vou deixá-lo com Sleet — acrescentou Pardaillan, que lançou um olhar acariciante para um longo florete pendurado na parede.

Ele a pegou e cingiu o couro envernizado ao redor do lombo do filho.

- O ! Você é um verdadeiro cavaleiro agora!

E com o tom de um rei armando um cavaleiro, pronunciou a fórmula, mas modificando-a assim:

– Seja forte contra você mesmo, forte contra as mulheres, forte contra os homens! Giboulée irá ajudá-lo. Ele é um amigo que não vai trair, uma amante sempre fiel... Adeus, meu filho, adeus...

- Meu pai ! Meu pai ! exclamou Jean fora de si, o nome daquela mãe a quem você devolveu a filha! O nome do seu antigo mestre!...

172

“Chevalier”, disse gravemente o velho caminhoneiro, “não é meu segredo, eu lhe digo!

Jean entendeu que a resolução de seu pai era imutável.

Por isso não insistiu e se contentou em acompanhar o velho caminhoneiro até os arredores de Paris, ele a pé, o Sr. de Pardaillan pai a cavalo.

Quando chegaram longe de Paris, na aldeia de Montmartre, Pardaillan desmontou, beijou o filho, abraçou-o carinhosamente contra o peito, depois, voltando para a sela, partiu a galope...

Jean chorou muito e, superando a dor, rapidamente esqueceu esse detalhe desses dois nomes que seu pai levara consigo.

Foi assim que ficou sozinho no mundo e adquiriu Giboulée.

Quinze dias depois da partida de seu pai, o Chevalier de Pardaillan caminhava uma noite, bastante melancólico, às margens do Sena, 173

quando viu um bando de garotos amarrando as pernas de um pobre cachorro com a óbvia intenção de afogá-lo.

Descer sobre a faixa, espalhá-la com algemas, desamarrar o infeliz animal foi, para o cavaleiro, coisa de um momento.

" Bom ! pensou, senhor, meu pai me disse para deixar homens se afogarem, mas não cães. Então eu não desobedeço a ele..."

Desnecessário acrescentar que o animal assim salvo se apegou ao seu libertador e o seguiu passo a passo quando ele foi embora.

Pardaillan, que já estava com muita dificuldade para se alimentar, queria mandá-lo embora. Mas o cão deitou-se a seus pés, as patas cruzadas uma sobre a outra, e olhou para ele com olhos tão gentis e suplicantes que o cavaleiro o levou ao Auberge de la *Devinière* .

Ao final de três meses, Pardaillan conhecia a força e a fraqueza de seu cão.

Ele o chamava de Pipeau.

174

Por que Pipeu? Nós não sabemos. Temos o compromisso de contar uma história, mas não de pesquisar a etimologia dos nomes de todos os nossos personagens.

Pipeau era um cão pastor de cabelos ruivos desgrenhados, nem bonito nem feio, mas de uma linha bonita, e acima de tudo admirável pela inteligência e doçura de seus olhos castanhos. Ele tinha uma mandíbula para quebrar ferro; ele era um pouco louco, gostava de correr freneticamente para os pardais, precipitando-se, derrubando tudo em seu caminho, e parecendo muito surpreso, quando parou, que os pardais não o esperavam.

Ele era um cão ganancioso, um ladrão, um flautista, um bastardo e um mentiroso – este último epíteto não surpreenderá ninguém, porque todos sabem que os cães falam e é só uma questão de saber entendê-los – mas Pipeau, entre tantos muitos defeitos, possuíam uma qualidade; ele era corajoso; e quanto à devoção, era a pérola dos cães, isto é, dos seres mais devotados da criação.

A noite ele voltou para a pousada acompanhado por 175

Pipeau, quer dizer, quinze dias depois da estranha partida de seu pai, Pardaillan foi tristemente até seu pobre gabinete escuro e lançou um olhar desolado para a tristeza daquele alojamento abafado e sem luz.

“Não é possível,” ele resmungou, “que eu viva mais nesta choupana. Morreria ali, agora que o sr. de Pardaillan não está mais lá para animá-lo. Por Pilatos e Barrabás, como disse meu pai! Eu preciso de um quarto habitável. Sim, mas onde encontrar?

Ao refletir assim, notou que a porta oposta à sua estava entreaberta.

Ele foi imediatamente, empurrou-a suavemente e enfiou a cabeça para dentro. Não havia ninguém no quarto, um lindo quarto grande, mobiliado com uma boa cama, várias cadeiras e até uma mesa e uma poltrona.

"Esse é o meu negócio! pensou Pardaillan consigo mesmo.

Abriu a janela: dava para a rue Saint-Denis.

176

"Visão agradável", continuou Pardaillan, saudável e capaz de inspirar boas ideias. »

Estava prestes a retirar a cabeça quando, tendo os olhos pousados na casa oposta, mais baixa que a hospedaria, viu, numa janela que se abria no telhado desta casa, um objeto que lhe arrancou um grito de surpresa e admiração: era a cabeça de uma jovem, tão bonita, com seus cabelos louros dourados, e um ar tão gentil, tão cândido e tão orgulhoso que Pardaillan pensou ter vislumbrado um ser celestial.

E o que aconteceu quando, passados alguns momentos, reconheceu uma jovem que encontrara várias vezes na rue Saint-Denis!...

Ao grito que ele havia soltado, ela levantou a cabeça, corou, fechou a janela e desapareceu.

Mas Pardaillan ficou uma hora no mesmo lugar, e teria ficado ainda mais tempo se uma voz não o tivesse arrancado subitamente de sua contemplação. Ele se virou com uma carranca e se viu na presença de Maître Landry Grégoire, sucessor de seu pai, atual proprietário da Hôtellerie de la *Devinière* .

Mestre Landry tinha sido em sua infância um 177

sendo franzino e com as pernas tão curtas que os fregueses da churrascaria o apelidaram de Landry Cul de Lampe. À medida que envelhecia, em vez de ficar mais alto, ele ficava mais largo. Ele ganhou em redondeza o que os outros ganharam em tamanho. Assim, por volta dos quarenta, ou seja, na época em que o apresentamos aos nossos leitores, Mestre Landry apareceu ao olhar atônito como uma espécie de bola colocada em equilíbrio sobre duas massas carnudas e encimada por uma cabeça de pão de açúcar perfurada por dois pequenos olhos medrosos, desconfiados, perscrutadores e astutos.

"Eu estava vindo para vê-lo, monsieur le chevalier", disse Maître Landry, fazendo um esforço inútil para se curvar.

- Bem, aí está você! disse Pardaillan, acomodando-se na poltrona.

- Como, eu estou lá! gaguejou Landry Grégoire, tomado por um doloroso pressentimento.

– Sim, mudei de lugar: a partir desta noite, vou me mudar para cá.

178

Mestre Grégoire ficou vermelho, como se fosse ter um derrame.

“Senhor”, disse ele, extraindo a energia necessária de sua consciência de seus direitos, “vim para lhe dizer que é impossível para mim continuar a colocá-lo no gabinete escuro...

- Você vê ! Concordamos, observou o cavaleiro com grande compostura.

“A fortiori”, continuou Grégoire, exasperado, “não posso lhe dar este quarto que vale cinquenta coroas por ano. É hora de falar, monsieur le chevalier. Quando monsieur seu pai me deu a honra de vir morar comigo, há dois anos, ele prometeu me pagar regularmente. Esperei seis meses, ou seja, cinco meses a mais do que qualquer um dos meus colegas teria feito...

“Isso o honra muito, mestre Landry.

– Sim, mas isso dificilmente me enriquece! Ao fim de seis meses, portanto, não tendo ainda recebido um centavo, apresentei-me a seu pai, e 179

implorei para que ele me pagasse os atrasados...

"E o que meu venerável pai fez?" Ele te pagou, eu acho?

"Ele me espancou, senhor!" disse Landry com indignação majestosa.

"E então você estava convencido da impertinência de exigir dinheiro de um cavalheiro honrado?"

Devinière simplesmente . Mas devo dizer que seu pai me fez alguns favores. Ele protegia minha churrasqueira e não tinha igual em agarrar um bêbado pela cintura e jogá-lo na rua.

“Nesse caso, você deve a ele, mestre Landry. De qualquer forma, vou dar-lhe crédito.

Landry, que já estava vermelho, ficou roxo.

Ele suspirou por dois minutos. Depois retomou:

- Pare de brincar, senhor.

"Então o que você quer?" Explique-se, porra!

“Senhor, eu quero que você vá, a menos que você possa me pagar os dois anos de atraso que você e seu pai me devem!

"Essa é sua última palavra, mestre?" perguntou Pardaillan pacificamente.

Encorajado pela gentileza do jovem, o estalajadeiro respondeu energicamente:

- Minha última palavra. Ouvi dizer que amanhã o gabinete estará livre!

Silenciosamente, o cavaleiro entrou em seus aposentos, pegou de um canto uma vara curta, a mesma que havia sido usada por seu pai, agarrou Landry por uma das barbatanas curtas que lhe serviam de braço, levantou a vara e deixou-a cair sobre a espinha dorsal do estalajadeiro.

“Um bom filho deve imitar as virtudes de seu pai”, disse ele; meu pai te espancou: meu dever é te espancar!...

E Pardaillan começou, de fato, a espancar Mestre Grégoire com uma consciência que provava que ele não podia fazer nada pela metade. O estalajadeiro empurrou 181

uivos terríveis, e seu clamor ressoou por toda a casa.

Logo sua esposa correu, e atrás dela os garçons, os criados, armados com lardoirs, vassouras, gritando, vociferando: “Fogo! Para assassinar!

Ao bandido! e outras chamadas semelhantes que não incomodavam ninguém, dada a sua frequência.

Os vizinhos presumiram que estavam matando um huguenote, só isso. Mas as pessoas da casa não se enganaram.

Em um instante, a sala foi invadida pelos criados.

Então Pardaillan empurrou o infeliz Grégoire para a janela, que ele escancarou, agarrou-o, arpoou-o com firmeza, passou-o pela janela e, com os braços estendidos, manteve-o suspenso no vazio.

- Fora, pessoal! ele disse com sua voz calma e cortante, saia, ou eu vou decepcioná-lo!...

"Vá embora!... vá embora!..." gemeu o estalajadeiro, mais morto do que vivo.

Houve uma retirada apressada dos 182

funcionários. Sozinha, a Sra. Landry permaneceu, e deve-se dizer que ela não parecia excessivamente assustada com a situação perigosa em que seu marido se encontrava.

"Obrigado, monsieur le chevalier!" murmurou Landry com uma voz fraca.

– Nós concordamos, não concordamos? Mais desses pedidos intempestivos?...

- Nunca ! Nunca !

"E eu posso viver neste quarto?"

– Sim, sim!... Mas leva-me para dentro, pelo amor da Virgem!... Estou a morrer!...

O cavaleiro, sem pressa, recolocou o estalajadeiro no quarto e o sentou, quase desmaiado, na poltrona onde Madame Landry se apressou em banhar suas têmporas com vinagre.

– Ah! monsieur le chevalier, disse ela com um olhar não muito severo, que susto você me deu! Se, no entanto, você tivesse decepcionado o pobre homem... Ele teria se matado instantaneamente...

– Impossível... Sem dúvida, minha querida!

Você teria caído de bruços e teria se recuperado sem se machucar, como a bala de uma funda...

Landry ficou tão surpreso com a explicação que quase desmaiou.

Quando voltou a si, teve uma explicação com o Chevalier de Pardaillan, após a qual ficou combinado que o belo quarto continuaria sendo o alojamento do jovem, e que ele poderia até tomar suas refeições à noite na rotisserie, desde que continuasse a tipo de serviços que seu pai havia prestado.

Ao qual o cavaleiro jurou sua honra.

E foi assim que se firmou a paz entre o mestre Landry Grégoire e o aventureiro.

Assim, explicamos como aconteceu que, tão pobre, Pardaillan se alojou, e bem, numa das melhores estalagens de Paris.

Tendo contado como ele herdou Giboulée, como ele adquiriu Pipeau e conquistou sua casa, resta-nos dizer como ele

tornou-se o governante de Galaor.

Uma noite, o Chevalier de Pardaillan saía de um antro da rue des Francs-Bourgeois, onde acabara de beber com alguns bandidos de seus amigos, uma boa dose de hipócrates. Ele estava bastante bêbado. Ou seja, seu bigode fino ficou em pé mais do que nunca, e Snowfall em batalha atrás de suas panturrilhas ocupava toda a largura da rua estreita.

Ele estava cantando um soneto da moda, que mestre

Ronsard1 tinha feito, dizia-se, para uma princesa poderosa:

Quando você é muito velho, à noite, no

/ vela

Sentado junto ao fogo, conversando e girando, Você dirá, cantando meus versos e maravilhando-se:

– "Ronsard me celebrou quando eu

/ lindo !... "

– Por Pilatos e Barrabás! resmungou o 1 Pierre de Ronsard, *Sonnets pour Hélène* , XLIII (segundo livro).

cavaleiro emergindo na rue de la Tixeranderie. Estarei realmente apaixonado?... Hum! cuidado com as mulheres!

Oh ! o sábio conselho do Sr. de Pardaillan, meu pai, onde está você?...

E começou com uma voz bela, justa e cálida a segunda quadra do soneto tão bonito *: Já sob a labuta meio adormecida, Quem, ao som do meu nome, não acorda, Abençoando seu nome com louvor imortal.*

"Seus cabelos finos são como cobras sufocantes! continuou Pardaillan em voz baixa. Seu sorriso envenena. Estudável!

e seus olhos? Ah! os olhos dela, os dela!... Cuidado com as mulheres!...

E os dois tercetos – ou troistets, como se dizia então – voaram num ritmo ao mesmo tempo irônico e melancólico:

Eu estarei no subsolo, e, fantasma desossado, Através das sombras de mirto descansarei, Você estará em casa uma velha de cócoras, Lamentando meu amor e seu desdém orgulhoso!

Ao vivo, se você acredita em mim, não espere até amanhã: Colha as rosas da vida hoje!...

- Zumbir! que eu seja eviscerado se esta não for a mais bela queda de um soneto de todos os tempos!...

"Assassinato!" para o bandido! gritou uma voz ao longe.

- Olá ! disse Pardaillan, aqui está um senhor que me parece que vai descansar entre as sombras das murtas!...

- Ajuda ! Ver! veio a voz – a voz de um velho, parecia.

“Agora aqui”, disse Pardaillan, “os gritos vêm da rue Saint-Antoine: de acordo com o conselho de meu pai, devo dar meia-volta e chegar a La *Devinière* . Eu também, parece-me!

187

Desde a primeira chamada, o jovem cavaleiro também começou a correr com a flexibilidade e agilidade de um homem que passou a adolescência subindo em árvores, escalando rochas, atravessando torrentes nadando. , e que, mais de uma vez, teve que pedir segurança às pernas , diante de algum inimigo muito numeroso.

Não demorou muito para chegar à rue Saint-Antoine.

"Ei", disse ele, "eu poderia jurar que tinha virado para a rue Saint-Denis!...

Lá, ele viu dois homens abraçados perto de uma dúzia de bandidos. Ambos estavam a cavalo. Um deles segurava na mão uma terceira montaria totalmente selada. Ele era um homem velho, vestido como um criado em uma casa grande. Foi ele quem gritou:

"Assassinato!" Incêndio ! Ver!

Mas os bandidos, sabendo muito bem que ninguém iria intervir e que o vigia, ao ouvir os gritos, se afastaria cautelosamente, não deu atenção ao velho e cercaram o outro cavaleiro que, sem dizer uma palavra, se defendeu.

energicamente, como evidenciam os dois francos burgueses que estavam estendidos na estrada, seus crânios despedaçados.

No entanto, este homem, por mais vigoroso e corajoso que fosse, estava prestes a sucumbir.

Seus agressores o encurralaram e estavam tentando derrubá-lo.

- Espere, senhor! de repente gritou uma voz calma e um tanto zombeteira, estamos indo até você!...

Ao mesmo tempo, Pardaillan irrompeu na briga e começou a desferir uma chuva de golpes nos bandidos. Ele não havia desenhado o famoso Giboulée; mas agarrando pelo pescoço os dois primeiros da faixa que lhe caíam ao alcance, aproximou-os com um movimento irresistível e rápido; os dois rostos colidiram, os dois narizes começaram a sangrar; depois, por um movimento inverso, Pardaillan os separou, empurrou-os um para a direita, outro para a esquerda, lançou-os como uma dupla catapulta; cada um dos bandidos rolou dez passos, arrastando para baixo dois ou três de seus companheiros, e imediatamente o cavaleiro se colocou à sua frente.

o estranho agredido, e com um gesto largo, puxou o extravagante Giboulée...

Os gângsteres ficaram aterrorizados com a manobra e a força muscular que ela mostrou?

Eles reconheceram Pardaillan, que entre eles tinha a reputação de ser um cortador de montanhas?

De qualquer forma, houve um movimento de retirada silenciosa e apressada entre eles; em um instante, todos eles desapareceram, carregando seus feridos, como fantasmas desaparecendo na noite.

“Pelo mordieu, meu bravo! então exclamou o cavaleiro desconhecido, você salvou minha vida!

O cavaleiro de Pardaillan embainhou friamente a espada, ergueu o chapéu e disse:

“Sabe, senhor, o que acabei de fazer?

- Ei! pelo diabo! Você acabou de me salvar, eu lhe digo! Você deus! que pulso! que golpes brutais!...

"Não, senhor", disse Pardaillan com o mesmo 190

catarro, acabei de cometer um crime.

- Um crime ? Este ! você está de brincadeira? exclamou o cavaleiro estupefato.

– Não: desobedeci ao desejo formal de meu pai. E temo que a má sorte aconteça comigo.

Essas últimas palavras foram pronunciadas em um tom gelado que fez o estranho estremecer.

“De qualquer forma,” ele continuou, “você me prestou um grande serviço. O que posso fazer para você ?...

- Nada !

– Aceite pelo menos em memória deste encontro a montaria que meu servo tem na mão. Galaor é o melhor cavalo dos meus estábulos. E então, tem um nome que vai te agradar, já que você se comporta como um verdadeiro Galaor.

- Aquilo é ! Eu aceito o cavalo! respondeu Pardaillan com o tom e o gesto de um rei que aceita a homenagem de um súdito.

E com a leveza de um cavaleiro que, desde os cinco anos de idade, cavalgava colinas e vales, saltou sobre Galaor.

O estranho acenou adeus e foi embora como um homem com pressa.

No momento em que o velho criado se preparava para seguir seu mestre a uma distância respeitosa, Pardaillan aproximou-se dele e perguntou em voz baixa:

"É inconveniente para mim saber o nome deste senhor por quem cometi o crime de desobedecer ao voto de meu pai?...

"Nenhuma, senhor", disse o velho atônito.

"Então este cavaleiro?"

– É o Monsenhor Henri de Montmorency, Marechal de Damville...

XII

A casa na rue des Barrés

Naquela noite, Jean de Pardaillan trouxe, portanto, um novo hóspede ao Auberge de la *Devinière* ; chegou no momento em que a pousada estava fechando: sem perguntar a ninguém, levou Galaor ao estábulo, instalou-o no melhor lugar e despejou uma medida de aveia na manjedoura. Então, tendo acendido uma lanterna, começou a examinar sua aquisição com o cuidado e a habilidade de um perfeito conhecedor.

Um longo assobio modulado acompanhado por um aceno significativo da cabeça expressou toda a sua admiração.

Galaor era um auber cape de more que podia continuar seus quatro anos; ele tinha uma bela cabeça, testa larga, narinas abertas, cernelha bem definida, garupa flexível, pernas magras.

Era uma fera magnífica.

- Oh aquilo ! O que diabos você está fazendo aqui?

de repente perguntou a voz gordurosa de Mestre Landry.

Pardaillan virou ligeiramente a cabeça para a bola de gordura representada pelo estalajadeiro e respondeu por cima do ombro:

- Estou a examinar os rendimentos do meu último crime.

Landry estremeceu.

"Então", disse ele, "este cavalo é seu, monsieur le chevalier?"

“Eu lhe disse, mestre Landry”, respondeu Pardaillan, jogando um belo molho de alfafa na prateleira.

“E”, continuou o estalajadeiro, com o coração pesado, “terei que alimentá-lo?

- Oh aquilo ! você, por acaso, gostaria que este nobre animal morresse de fome?...

E o cavaleiro, assegurando-se com um último olhar de que nada faltava a Galaor, deu boa-noite ao horrorizado estalajadeiro e foi embora.

dormir.

Mestre Landry Grégoire então agarrou sua cabeça pontiaguda com as duas mãos e, em seu ataque de desespero, tentou arrancar-lhe os cabelos.

Devemos dizer que ele não conseguiu: na verdade, o mestre Landry era completamente careca, e seu crânio tinha a majestade, mas também a nudez absoluta de um belo marfim antigo e solene.

Daquele dia em diante, Pardaillan só foi visto montado em Galaor, e Pipeau o precedendo, nariz contra o vento, em busca de tudo o que havia de bom para comer e roubar das vitrines dos mercadores de aves; quanto a Galaor, por nada no mundo ele perturbava a linha reta: isto é, as pessoas tinham que se alinhar rapidamente se não quisessem ser empurradas e pisoteadas. Deve-se acrescentar que por um sussurro, por um olhar de soslaio, o formidável Giboulée emergiu sozinho de sua bainha.

Pardaillan sur Galaor, complicado por Pipeau, agravado por Giboulée, tornou-se assim o terror do bairro – queremos dizer o terror dos insolentes, dos escudeiros saqueadores, dos espadachins.

e capitães fervilhando; porque o cavaleiro –

e isso talvez o reconcilie com o leitor indisposto pelo retrato acima, infelizmente muito parecido – o cavaleiro nunca interveio em uma briga a não ser para defender os mais fracos; às vezes ele pegava com ele algum mendigo a quem sentava à mesa à sua frente e a quem convidava para jantar, cortando os melhores bocados para ele, servindo-lhe montes de copos.

Naqueles dias, mestre Landry estava radiante, embora a presença de um mendigo em sua esplanada bem frequentada o ofendesse um pouco. De fato, naqueles dias, Pardaillan, que nunca pagava quando estava sozinho, pagava generosamente. Certa vez, o estalajadeiro apontou timidamente para o cavaleiro, que lhe respondeu friamente:

"Então você se considera um grande senhor, minha querida?" Fosse o duque de Guise, fosse o próprio rei, não lhe permitiria a impertinência de pagar as refeições dos meus convidados. Meus anfitriões são meus, 196

Senhor Gregório!

Outras vezes, o víamos chegar à pousada, sempre frio, sempre insensível, escolher um bom frango bem frito, juntar um pão, uma garrafa de vinho, e ir embora depois de jogar uma coroa no garçom ou no criado . E então, se esse garoto intrigado o seguiu astutamente, aqui está o que ele viu.

Pardaillan entrava em alguma choupana onde havia notado a pobreza, colocava sua trouxa de mantimentos na frente do povo pobre e assustado, saudava com um grande aceno de seu chapéu de penas de galo e se retirava sem dizer uma palavra.

Só que, ao se afastar, resmungou:

- Vamos, ok! Acabo de desobedecer de novo ao meu pai, o Sr. de Pardaillan! Eu certamente serei condenado no outro mundo!...

Enquanto isso, o cavaleiro estava ficando entediado neste.

Disse a si mesmo, não sem razão, que esta existência era indigna de um homem sedento de grandes aventuras e que se sentia forte o suficiente para aspirar a

boas coisas.

Ambições embotadas, desejos vagos o faziam estremecer.

Resumindo, ele estava entediado...

Os melhores momentos foram aqueles que ele passou lançando o fogo do seu olhar no telhado em frente. E quando, depois de horas de observação paciente, vislumbrou o rosto radiante do desconhecido, ficou feliz! ele chamou isso de encher o coração de alegria.

O vizinho, aos poucos, foi domado.

Ela veio para não fechar a janela apressadamente! Ela veio levantar a cabeça! Ela veio responder ao olhar do jovem com um olhar que não se assustava!

Mas a coisa não foi adiante.

Pardaillan e Loise nada sabiam um do outro. Eles se amavam?... Eles sabiam que se amavam?...

O cavaleiro só sabia que ela era filha dessa bela estranha chamada Dama de Preto, e que as duas mulheres viviam 198

modestamente do produto das tapeçarias que faziam para damas da nobreza ou burgueses ricos...

Um dia Pardaillan estava ocupado em seu quarto consertando seu gibão.

Normalmente, era a Sra. Landry quem cuidava desses cuidados. Mas a bela estalajadeira, tendo surpreendido o cavaleiro com os olhos fixos no telhado em frente, estava amuada há vários dias, retirou-se para a tenda, isto é, entre as suas caçarolas.

Não foi sem alguma melancolia que ele se entregou a esse trabalho. Na verdade, ele não conseguia esconder que seu terno de veludo cinza puído dificilmente poderia inspirar admiração em uma garota bonita.

"Contanto que eu não tenha encontrado uma maneira de me vestir como vejo MM. os senhores da corte, ela não me amará!

Pode-se amar um pobre diabo cuja roupa clama miséria?...”

A partir dessas reflexões, poderemos saber que Pardaillan era, no fundo, uma alma muito cândida.

199

Tendo reparado de alguma forma o nó que estava tentando remover, Pardaillan vestiu seu gibão, amarrou sua espada e se preparou para sair, determinado a conquistar a todo custo o vestido suntuoso com que sonhava.

Mas antes de ir embora, ele parou na janela; nesse momento, ele viu a Dama de Preto saindo da casa e indo para a Rue Saint-Antoine. No mesmo momento, Loise apareceu na janela.

Levado talvez por uma espécie de bravata pela miséria de seu traje, por um desafio à impossibilidade de ser amado como se via, pela primeira vez, com um gesto inteiramente instintivo, mandou um beijo...

Loise cora, é verdade! mas ela permaneceu por um segundo olhando para o cavaleiro, sem raiva, então, lentamente, ela voltou.

" Oh ! pensou Pardaillan, com o coração acelerado, mas parece que ela não está indignada! Por Pilatos! por Barrabás! Então eu não podia esperar! Devo falar com a mãe dele imediatamente!..."

200

Um roué diria: vou aproveitar a ausência da mãe para ir me jogar aos pés dessa linda criança!...

Sem pensar mais, o cavaleiro saiu correndo, desceu as escadas quatro a quatro, saiu a pé como uma rajada de vento e alcançou a Dama de Preto no momento em que ela virava à esquerda na esquina da rue Saint-Denis e pegava a rue Saint-Antoine na direção da Bastilha.

Mas então ele não ousou mais!

Parecia-lhe que tinha de dizer coisas enormes.

E ele se contentou em seguir a Dama de Preto a uma distância respeitosa.

Chegada não muito longe da Bastilha, Jeanne virou à direita neste labirinto de vielas que serviam de comunicação entre a rue Saint-Antoine e o porto Saint-Paul.

Acabou parando na rue des Barrés, no local exato onde antes havia um convento carmelita. Esses dignos monges estavam vestidos de branco e preto; daí o nome barrado como seu
201

deu ao povo; daí o nome rue des Barrés, que a rua em que moravam havia tomado naturalmente. O convento havia desaparecido, os carmelitas se mudaram para a montanha de Sainte-Geneviève sob Luís XII. Mas a rua continuou a se chamar rue des Barrés. Mais tarde, o acento agudo de *é* acabou caindo, não da placa de sinalização, porque não havia nenhuma, mas da pronúncia popular, e a rua passou a ser chamada de rue des Barres.

A casa em frente à qual Jeanne de Piennes parou situava-se no mesmo local do antigo convento dos Barres; era cercado por belos jardins; ela era pequena, mas bonita na aparência, embora um pouco misteriosa.

Pardaillan viu a Dama de Preto bater no martelo e logo depois entrar na casa.

Vou falar com ela quando ela sair, pensou. Eu preciso falar com ele ! »

E postou-se como sentinela, numa ponta da rua.

Um servo robusto e cauteloso tinha 202

apresentou Jeanne e a levou ao primeiro andar, a uma bela sala grande e agradavelmente mobiliada, onde nada faltava no que hoje chamamos de confortável.

Ao entrar, um jovem e uma mulher que estavam sentados próximos um do outro viraram a cabeça.

– Ah! disse a mulher, aqui está a minha tapeçaria!

- Bom ! disse o jovem, dirigindo-se a Jeanne. Você levou em conta a inscrição que lhe enviei?

"Sim, senhor", disse Jeanne.

– Qual registro? perguntou a mulher com uma voz tímida e muito suave.

- Você vai ver ! respondeu o jovem, esfregando alegremente as mãos pálidas.

Esse jovem parecia ter no máximo vinte anos. Ele estava vestido como um rico burguês, com roupas finas; sua roupa era preta; mas em seu gorro de veludo preto brilhava um enorme diamante.

Ele era de estatura média e parecia estar em 203 de saúde.

delicado; seu rosto estava pálido e até bilioso; ele tinha uma testa arredondada; os olhos astutos não olhavam diretamente para o rosto; a boca geralmente enrugada sob o esforço de um sorriso, geralmente malvado, às vezes sinistro, mas que, no momento, estava cheio de verdadeira cordialidade; as mãos se contraíram e os dedos se contraíram como resultado de alguma mania; talvez este jovem estivesse sofrendo de uma doença nervosa.

Às vezes ele desatou a rir de repente, sem motivo, e esse riso, que desmentia o fogo escuro em seus olhos, era terrível de ouvir, terrível de ver.

Quanto à mulher, ela era três ou quatro anos mais velha que a companheira. Era uma loura bonita e modesta que, no meio da multidão, não deve ter provocado aquele murmúrio que forma um rastro de admiração pela passagem de certas mulheres soberanas pela beleza. Tudo nela era uma auto-anulação modesta, quase tímida; mas ela tinha olhos de infinita gentileza e extraordinária ternura quando os colocou sobre o jovem. Essa modéstia, essa gentileza, essa ternura constituíam o caráter essencial desse 204

mulheres. À primeira vista, adivinhava-se nela um desses seres de devoção muito pura que vivem de amor e morrem se for preciso sem reclamar.

- Vamos ver a inscrição! ela continuou com uma curiosidade impaciente.

- Olha, Maria! disse o jovem, tirando a tapeçaria das mãos da Dama de Preto.

Essa tapeçaria representava uma série de buquês de flores-de-lis que se entrelaçavam e corriam ao redor do tecido; no centro havia uma cartela sobre fundo azul; e é nesta cartela que se destaca a seguinte inscrição em letras douradas:

eu 1

E CHARME TUDO.

A que chamávamos de Marie levantada no 1 Sabemos que o *i* e o *j* são escritos da mesma forma em letras maiúsculas. Escrevemos “Iésus” para Jesus, “Iérôme” para Jérôme, “Ie” para Je, etc., etc., (Nota de M. Zévaco.) 205

jovem um olhar questionador. Este esfregou lentamente as mãos pálidas e disse com um sorriso feliz:

“Querida Marie, você não consegue adivinhar?

“Não, meu amado Charles...

– Bem, esse será o seu lema de agora em diante, Marie... Fui eu que descobri isso!

- Oh ! Charles... meu bom Charles...

– Ouça até o final, Marie! Queria um mote para os teus móveis, para os teus talheres, para todos os teus talheres, para toda a tua casa, enfim! Perguntei a Ronsard e até a Messire Jean Dorat, professor de latim e grego do College de France; mas eles não encontraram nada que me agrade; então comecei a me procurar, e encontrei isso, eu...

Veja, Marie, só o amor pode inspirar boas ideias...

- Carlos! Charlie! Você me faz tão feliz!...

- Ouça até o fim! disse o jovem burguês que se chamava Charles. Você sabe onde eu encontrei 206

esta listagem? Adivinhe um pouco...

"Como eu poderia adivinhar, meu doce amigo?"

- Nós iremos ! exclamou Charles triunfante, está em seu nome!... "Ie charme tout" é apenas o anagrama de "Marie Touchet", seu nome!... Você só precisa verificar... .

Marie Touchet correu para uma secretária, escreveu rapidamente seu nome e descobriu que todas as letras da inscrição: "Ie charme tout" estavam em "Marie Touchet".

Então, corada de verdadeira felicidade, ela voltou a se jogar nos braços de seu amante, que a abraçou com força contra o peito com uma expressão indescritível de ternura.

Jeanne de Piennes presenciara, imóvel e dolorosa, esta cena de felicidade íntima e pacífica.

“Como eles se amam! ela pensou. Como são felizes, este bom burguês e esta gentil burguesa! Infelizmente! Eu também poderia ter sido feliz!

"Sim, Marie", disse o jovem em voz baixa.

cara, sim, isso é o que eu tenho pensado ultimamente! Pois é só com você que sonho no fundo do meu Louvre! E enquanto minha mãe pensa que estou ocupado destruindo os huguenotes, enquanto meu irmão de Anjou se pergunta se estou pensando em uma maneira de matá-lo, enquanto Guise tenta surpreender na minha testa o segredo de seu destino, acho que amo você, só você, já que só você me ama, e que em Marie Touchet há realmente "o encanto de tudo"!

Marie ouviu estas palavras com embriaguez... Esqueceu-se da presença da Senhora de preto.

- Senhor! Senhor! ela disse, quase em voz alta, você me embriaga de felicidade.

- Senhor! murmurou Jeanne, sobressaltando-se profundamente. O Rei da França!...

E em sua pobre e torturada imaginação, ocorreu um choque violento. Ela estava diante de Carlos IX... Esse burguês pálido e sombrio era o rei!... O rei da França!...

O homem com quem tantas vezes sonhara aproximar-se para implorar justiça... não para ela, ah! certamente ! mas por sua filha, por sua Loïse!...

208

Ofegante, com a cabeça em chamas, ela deu um passo à frente.

Carlos IX tinha abraçado Maria Touchet. Ele retomou em voz baixa:

“Não há senhor aqui! Não há Majestade, ouviu, Marie? Só existe Carlos! Seu bom Charles, como você me chama... Pois só você, Marie, pode dizer que eu sou bom e isso me alivia, você vê, que ilumina o horror dos meus pensamentos...

O rei ! Eu sou o rei!... Maria, sou uma pobre criança a quem sua mãe odeia, a quem seus irmãos odeiam! No Louvre não me atrevo a comer, tenho medo do copo de água que me trazem, tenho medo do ar que respiro... Aqui, como, durmo, bebo sem medo, aqui ! ah! Eu respiro fundo! Veja como meu peito se expande!...

- Carlos! Charlie! acalmar...

Mas Carlos IX estava exultante. Seus olhos estavam em chamas. Sua fala tornou-se rouca e sibilante.

209

Jeanne, tremendo, recuou para um canto escuro.

Uma palidez lívida invadiu o rosto do rei.

O tremor nervoso de suas mãos aumentou.

- Digo-te que me querem morto! ele grunhiu de repente sem tomar a precaução de baixar a voz. Ah! Maria, Maria! Salve-me, esconda-me!... Li seus pensamentos, eu lhe digo! Vasculhei suas consciências e vi minha condenação escrita em letras de fogo!

- Carlos! pela graça, acalme-se!... Oh! aqui está seu acesso novamente!... Charles! voltar para você! Você está perto de mim... perto de Maria!...

Carlos IX havia repelido Maria Touchet. A crise foi terrivelmente repentina. Com as duas mãos, agarrou-se ao encosto de uma poltrona. Um suor frio escorria por seu rosto; seus olhos ensanguentados olhavam fixamente para seres imaginários, e ele soltou uma gargalhada que ecoou horrivelmente.

- Desgraçado! ele rosnou. Aqui eles estão procurando como eles vão me matar! Quem terá meu 210

trono?... É você, Guise infernal? É você, Anjou? É você, Bearn? Oh ! tudo ! tudo ! Aqui estão tramando!... E aqueles que avançam na escuridão, quem está à frente deles?... Esse desgraçado Coligny... Ah! bandidos! esperar!...

eu meus guardas! Pare-me todos esses parpaillots! Passa-me ao fio da espada!...

Ah! eles me matam! matar!... a mim!...

As últimas palavras morreram na garganta do rei, entre gargalhadas que fariam o mais corajoso estremecer; ele se jogou de volta nos braços de Marie Touchet, nas garras de uma crise assustadora, seus olhos convulsionados, suas mãos torcidas...

Jeanne correu para ajudar Marie.

- Oh ! madame, balbuciou o último, por pena do meu pobre Charles, que estava tão infeliz, nunca uma palavra disso, peço-lhe... a qualquer um no mundo!...

- Tenha certeza ! disse Jeanne com aquela dignidade doce e simples que a tornava tão admirável, aprendida 211

silêncio...

Marie assentiu em agradecimento. E foi tocante, esta oração feita a um humilde tapeceiro, pela amante do rei, para o rei!

- Posso ajudar? retomou Jeanne.

“Não, não,” disse Marie rapidamente; ser agradecido e abençoado... Eu sei que essas crises terríveis... Charles, em alguns instantes, será dele... Você vê, eu só tenho que mantê-lo assim em meus braços... ele não é isso a única coisa que o acalma...

– Nesse caso, deixo você... ele não deve perceber que sua fraqueza teve uma testemunha...

– Ah! senhora ! exclamou Marie com uma explosão de gratidão, você tem todas as iguarias... Como deve ter amado!...

Um sorriso fugaz e doloroso passou pelos lábios descoloridos de Jeanne, que fez um sinal de despedida e se retirou, desmaiada, como uma sombra leve... sacrificando o imenso interesse que teria por ela falar com o rei.

Assim que ela desapareceu, Charles IX

212

abriu os olhos, passou lentamente as mãos pelo rosto, lançou um olhar desvairado ao redor e, ao ver Marie debruçada sobre ele, sorriu tristemente.

– Outro acesso? ele disse com angústia maçante.

"Nada, quase nada, meu Charles! Muito mais fraco que o anterior... não se preocupe... acabou...

– Tinha alguém aqui agora... ah!

sim... a mulher que fez esta tapeçaria... onde ela está?...

– Foi, meu Charles, foi há dois minutos...

– Antes do acesso?

– Sim, sim, meu bom Charles, primeiro!... Vamos lá, você se recuperou... Beba um pouco desse elixir... aí...

descanse sua pobre cabeça por um momento... ali... no meu coração... meu bom Charles.

Ela sentou-se, puxou-o para o colo, e Charles, dócil como uma criança, esmagado pelo cansaço pela violência e pela violência devastadora do ataque, obedeceu, baixou a cabeça.

pálido e escuro.

Fez-se um grande silêncio...

O rei da França, aninhado nos braços de Maria Touchet, adormeceu, com a cabeça no peito dela, com a felicidade inexprimível de saber que um anjo o vigiava...

214

XIII

Vox Populi vox dei!...

O Chevalier de Pardaillan esperara que Jeanne partisse com a paciência de um amante.

Ele estava determinado a falar com ela. Para lhe dizer o quê?

Que ele amava sua filha? Que ele a queria para sua esposa? Isso pode ser. No fundo, ele realmente não sabia, e só queria se aproximar da mãe e da jovem.

Ao vê-la sair e voltar para ele, preparou um discurso muito específico, segundo ele, para produzir uma forte emoção em quem o ouvisse.

Infelizmente, no minuto em que a Dama de Preto passou por ele, ele simplesmente esqueceu o início de seu discurso, a passagem mais bonita, segundo ele, de todos os tempos. Então ele ficou sem palavras... Jeanne passou, e o cavaleiro

levantou o chapéu em um de seus familiares gestos de varredura, que ela já estava longe dele.

Pardaillan então saiu correndo, dizendo a si mesmo que estava se entregando até a rue Saint-Denis para se aproximar da Dama de Preto e explicar seu pedido a ela, ao qual, para maior precaução, acrescentou uma peroração patética. Porque agora a memória voltou para ele.

O cavaleiro nem sequer sonhou que a maneira mais simples, e afinal a mais adequada, era apresentar-se nos aposentos da dama.

Não pensamos em tudo. E resolvera falar imediatamente.

Mas quando ele saiu na rue Saint-Antoine, ele descobriu que o aspecto de Paris havia mudado, como às vezes, com a aproximação das primeiras rajadas de uma tempestade, o oceano muda de cara subitamente.

Numerosos grupos, burgueses e populares, marcharam em direção ao Louvre.

A grande artéria tornara-se um rio de homens de onde brotavam murmúrios.

ameaçador, às vezes explosões de voz.

O que estava acontecendo ?

Pardaillan tentou não perder de vista a Dama de Preto que caminhava vinte passos à sua frente.

A certa altura, ocorreu um daqueles redemoinhos violentos que agitam a multidão sem saber por que. Jeanne, envolta neste redemoinho, desapareceu. O cavaleiro saltou para a frente, distribuindo golpes fortes, empurrando e forçando seu caminho com golpes de golpes; mas já não encontrava a Dama de Preto.

Assim, deixou-se levar pela multidão que se tornava mais apertada, mais compacta.

À sua frente, de braços dados, caminhavam três homens, três Hércules, com pescoço de touro, rostos vermelhos, olhos ameaçadores. E a multidão, ao passar, vociferava:

– Viva Kervier! Viva Pezo! Viva o Cruce!

– O que são esses três elefantes? Pardaillan perguntou ao seu vizinho mais próximo.

O vizinho, um burguês respeitável na aparência 217

rico, olhou de soslaio para o cavaleiro, mas vendo que carregava um belo florete, respondeu educadamente:

- Como, senhor! você não conhece Crucé, o ourives da ponte de madeira? E Pezou, o açougueiro da rue du Roi-de-Sicile? E Kervier, o livreiro universitário? Kervier, especialmente! Pode ver que não se preocupa com livros, senhor.

"Com licença, eu venho das províncias", disse Pardaillan. Ah!... aquele é o açougueiro, o livreiro e o ourives? Bom ! Estou feliz por ter visto isso, eu!

– Os três grandes amigos de

Senhor de Guise! continuou o burguês entusiasmado.

- Praga! É uma grande honra para Monsieur de Guise!

- Sim senhor ! defensores da santa religião, por favor.

- Que ? perguntou Pardaillan friamente.

- Que ? perguntou o homem espantado. Nossa, 218

Senhor ! A do Papa! a do rei! o da rainha! o de Grand Guise! o do povo!

– Ah! muito bom ! E o que nossa religião quer? Porque uma religião que é de tanta gente também deve ser um pouco de mim...

“O que ela quer?... Escute!...

Nesse momento, Pardaillan chegou perto da ponte de madeira. Ali, uma enorme multidão, agitada por essas longas e poderosas ondulações, gritava:

"Vive Guise! Morte aos huguenotes!"

- Você ouve ? disse o burguês. Você ouve as pessoas? Agora, você sabe, *vox populi, vox Dei!...*

- Desculpe, observou o cavaleiro gentilmente, não entendo inglês...

"Não é inglês, senhor", disse o homem com desdém. É latim. E este latim significa que a voz do povo é a voz de Deus.

"É bom saber", disse Pardaillan.

Assim, neste momento, é Deus quem grita: Morte 219

aos parpaillots!

- Sim senhor ! E é Deus também que, pela voz do seu povo, aclama o grande Guise para quem esta multidão se reuniu, o grande Guise que hoje entra em Paris e vai passar por aqui a caminho do Louvre! Viva Guise! Morte ao Bearn! Morte a Albert!...

A burguesia, neste momento, foi separada de Pardaillan por um empurrão do povo: um forte esquadrão de besteiros e arqueiros da guarda desobstruiu os acessos à ponte para deixar livre passagem a Henri de Guise, cuja aproximação foi sinalizada.

Pardaillan foi colocado na entrada da ponte, contra a primeira casa do lado esquerdo: um prédio antigo, meio arruinado, que provavelmente estava abandonado, pois as janelas estavam fechadas, enquanto todas as outras casas da ponte mostravam espectadores. seus telhados.

No entanto, o cavaleiro notou que a primeira casa do lado direito que dava para o prédio abandonado também estava fechada: 220

apenas uma de suas janelas estava aberta, mas esta janela estava trancada com uma grossa treliça.

Por trás dessa treliça, nas sombras, Pardaillan acreditou por um momento ter visto o rosto de uma mulher cujos olhos incandescentes lançavam olhares fulgurantes sobre a multidão, que resmungou surdamente:

"Morte aos huguenotes!"

Por quê?... Naquela época não havia huguenotes em Paris. Ou se houvesse, eles estavam se escondendo! E, além disso, a paz assinada em Saint-Germ não havia prometido aos protestantes tranquilidade na capital?

Pardaillan de repente viu o ourives, o açougueiro e o livreiro, Crucé, Pezou e Kervier, correndo entre os grupos e emitindo uma palavra de ordem.

Assim que passaram, gritamos ainda mais alto:

- Para o parpaillot! Morte ao Bearn! Na água, Albret!...

Então Crucé, Pezou e Kervier vieram e se posicionaram no lado esquerdo da ponte, a três passos da 1 A paz de Saint-Germain (1570) pôs fim à terceira guerra religiosa.

221

cavaleiro.

– Por Pilatos e Barrabás! ele resmungou, acho que vou ver algumas coisas interessantes hoje!...

– Ah! ah! gritou Crucé neste momento, aqui está passando M. de Biron! Biron, o coxo!...

"E M. de Mesmes, Senhor de MalAssise!"

acrescentou Kervier.

– Os signatários da paz de Saint-Germain!

gritou Pezou. Os amigos dos malditos huguenotes!...

- Oh ! uma paz manca! zombou o ourives em voz alta, apontando para Biron, que de fato estava mancando.

- E mal sentado! completou o livreiro, apontando para o Sire de Mesmes de Malassie.

Ao redor deles, a multidão estremeceu de alegria e gritou:

"Abaixo a paz de Saint-Germain!" Abaixo a paz manca e mal estabelecida! Morte aos parpaillots!

222

Crucé olhou para a janela gradeada onde Pardaillan pensou ter notado o rosto de uma mulher. Desta vez foi o rosto de um homem que apareceu por trás da farda grossa. Este homem trocou um sinal rápido com Crucé, depois desapareceu no interior...

Entremos por um momento nesta casa, a primeira, como dissemos, do lado direito da ponte.

Ali, na sala da janela gradeada, uma mulher alta e magra, toda vestida de preto, com cabeça de ave de rapina, nariz de abutre, boca apertada, olhar penetrante, está sentada em uma grande poltrona.

Esta mulher é viúva de Henrique II, mãe de Carlos IX, Catarina de Médicis...

Ao lado dela, um homem ainda jovem, e que deve ter sido muito bonito, enfático nos gestos, teatral no porte, sabe-se lá com que agilidade no andar e felino nas atitudes...

Este homem é Ruggieri, o astrólogo!...

O que os dois estão fazendo lá? O que 223

misteriosos conhecidos permitem ao astrólogo florentino manter essa atitude diante da rainha onde há mais carícia do que respeito? Que tarefa sinistra os uniu nesta casa?

Catherine chuta nervosamente com os dedos dos pés. Ela parece impaciente. Às vezes ela estremece.

"Paciência, paciência, *Catharina mia* ", disse Ruggieri, sorrindo um sorriso lívido.

"E você tem certeza, René, que ela está em Paris?"

Vamos ver! diga-me novamente para ver isso um pouco!

– Com certeza! A Rainha de Navarra entrou em Paris secretamente ontem. Jeanne d'Albret deve ter vindo ver algum personagem importante.

– Mas como você sabia, René?... Fala, meu amigo, fala!

- Ei! como eu poderia saber, se não pela bela Béarnaise que você colocou perto dela?

“Alice de Lux?...

- Ela própria ! Ah! ela é uma garota preciosa e 224

um espião leal...

"E você tem certeza de que Jeanne d'Albret vai atravessar aquela ponte?"

– Você acha que, sem isso, eu teria chamado Crucé, Pezou e Kervier lá? Ruggieri deu de ombros. É para aclamar Henri de Guise, na sua opinião, que o povo de Paris se levantou?... Paciência, Catarina, você verá!...

- Oh ! murmurou Catherine de' Medici, juntando as mãos, "é porque eu a odeio, você vê, que Jeanne d'Albret!" Gui não é nada. Eu o seguro na minha mão e vou quebrá-lo quando eu quiser. Mas Albret, esse é o inimigo, René, o único inimigo realmente formidável para mim! Ah! se eu pudesse segurá-la aqui e estrangulá-la com minhas mãos!...

- Bah! minha rainha, disse Ruggieri, deixe essa tarefa para o bom povo de Paris. Espere, aqui está ele se preparando! Ouço ! Olhar ! Por Altaïr e Aldéb aran1 se é bom olhar para o céu quando tais horrores magníficos estão acontecendo na terra.

1 Nomes de estrelas. (Nota de M. Zévaco.)

225

Na verdade, uivos terríveis irromperam do lado de fora.

Ruggieri se aproximou da treliça, seguido por Catherine. Suas duas cabeças inclinadas quase se tocavam, e agora, com os dentes cerrados, olhos em chamas, narinas chupando na matança, hediondos, eles pareciam...

"Só vejo Henri de Guise", engasgou Catherine de' Medici embotada.

– Olha ali... no final da ponte... essa liteira, atrás da escolta...

- Sim Sim !...

– A liteira não pode recuar... a multidão está a rodeá-la... daqui a pouco, quando aqui chegarmos... as cortinas vão abrir-se por um momento... e será por Deus que se o nosso amigo Crucé não reconhece a Rainha de Navarra!...

Na ponte, Henri de Guise avançou, seguido por cerca de trinta cavaleiros.

Ele acenava e sorria, e de vez em quando gritava:

– Viva a massa!

226

– Viva a massa! Morte aos huguenotes!

repetiu a multidão delirante.

Foi um espetáculo formidável e magnífico.

Esses senhores da escolta, montados em cavalos esplendidamente arreados, usavam trajes deslumbrantes reluzentes de jóias...

O ouro, a seda, o cetim, as cores cintilantes, as penas de seus chapéus, os diamantes de seus colares formavam um todo maravilhoso.

Mas o mais bonito de todos, o mais brilhante, era seu líder: Henri de Guise. É no máximo se ele tivesse vinte anos. Ele era alto, bem formado, com um rosto que brilhava com orgulho suntuoso; um grande manto de cetim azul flutuava sobre seus ombros, e seu chapéu trazia uma tripla fileira de pérolas.

- Acho! Acho! vociferava o povo com aclamações, que Catarina de Médici ouvia enquanto cravava as unhas afiadas nas palmas das mãos.

E ali, na casinha da rue des Barrés, na casa de Marie Touchet, o rei da França dormia tranquilo, com a cabeça no ombro.

mãe de sua amante...

No entanto, Henri de Guise e sua escolta haviam cruzado a ponte. Mas então eles encontraram a multidão tão densa que eles tiveram que parar por vários minutos. Nesse momento, atrás deles, gritos tão ferozes irromperam que o duque de Guise instintivamente colocou a mão na adaga e se virou.

Não, não era ele que estávamos atrás!...

Ele embainhou a adaga, e esta foi a visão terrível que lhe ocorreu, assim como a Catherine de' Medici e René Ruggieri.

Uma liteira, avançando com grande dificuldade, chegou à boca da ponte, em frente à casa em ruínas, perto da qual estavam Crucé, Pezou e Kervier. Esta liteira era modesta e suas cortinas de couro eram hermeticamente fechadas.

Nesse momento, as cortinas se abriram por um segundo. Mas aquele segundo foi o suficiente!...

- Inferno ! rugiu Crucé, cuja voz estentária dominava o clamor. Ela é a Rainha de Navarra!

Morte ao parpaillote! Morte a Jeanne d'Albret!...

228

E com seus amigos, ele correu para a liteira.

- Finalmente ! murmurou Catherine, com um sorriso terrível que mostrava seus dentes afiados.

Em um instante, um grupo grande e disciplinado havia cercado a liteira, gesticulando e vociferando:

- Alberto! Alberto! Morte ao Albret! Na água, o huguenote!...

A liteira foi levantada como um fio de palha pelas ondas do oceano; derrubado, pisoteado, desapareceu...

Mas as duas mulheres que continha tiveram tempo de pular.

“Piedade de Sua Majestade! exclamou a mais jovem das duas mulheres, uma mulher maravilhosamente bela que, por algum motivo, não parecia tão assustada quanto deveria.

- Aqui está ! Aqui está ! trovejaram Crucé e Pezou, apontando para a outra senhora, que estava segurando uma espécie de bolsinha de couro na mão.

Era Jeanne d'Albret, de fato!...

229

Com um gesto de majestade soberana, ela puxou o véu para trás sobre o rosto. Um empurrão poderoso e irresistível a jogou contra a porta da casa em ruínas com seu companheiro. Mil braços foram levantados. A Rainha de Navarra ia ser agarrada, esmagada, dilacerada...

Naquele momento, Catarina de Médici e Ruggieri, do alto de sua janela, o Duque de Guise, do alto de seu cavalo, viram um espetáculo inédito, fantástico e maravilhoso... Um jovem acabava de avançar, varrendo a multidão com os punhos, com a cabeça, com os cotovelos, entrando, penetrando como uma cunha de ferro, e parecendo criar um vácuo ao seu redor, por uma espécie de formidável rolar de ombros... Num piscar de olhos , formou-se um espaço entre a porta da casa em ruínas contra a qual as duas mulheres estavam encostadas e a multidão furiosa à frente da qual estavam o ourives, o açougueiro e o livreiro.

Então o jovem sacou sua espada longa e sólida, que ardia, e começou a descrever um carretel vertiginoso, que ele só interrompeu para lançar de segundo a segundo golpes de

ponto furioso, enquanto a multidão estupefata e aterrorizada recuava, alargando o semicírculo!...

- René! rosnou Catherine, este jovem deve morrer ou deve ser meu!

- Eu estava pensando nisso! respondeu Ruggieri, correndo para a frente.

– Saint-Megrin! disse o Duque de Guise ao seu lado, tente descobrir quem é esse louco.

Chifres do diabo, o magnífico javali! Que golpes! Impulso, ponta, tamanho, como ele ataca!...

Esse louco, como disse Guise, esse javali que enfrentou a matilha humana, era o Chevalier de Pardaillan.

Quando Crucé e sua turma se jogaram na liteira, ele viu que essa liteira continha duas mulheres.

Ele queria saltar para a frente, e sentiu-se retido pelo braço. Quem o agarrou quando ele passou foi o burguês que, há pouco, lhe deu uma informação tão gentil.

- Deixe estar! gritou este homem com uma espécie de ênfase de doutorado. Deixe o povo fazer isso!

Lembrar! *Vox populi, vox Dei* !...

- Ei! monsieur, respondeu Pardaillan, sem a menor impaciência, já lhe informei que não entendo inglês!

Enquanto falava, ele se sacudiu. E sacudindo-se, mandou o infeliz latinista rolar para as primeiras fileiras dos assaltantes; então ele correu para a frente, de cabeça baixa, como um carneiro humano.

– Por Baco! gritou o homem, apoiando o maxilar danificado com uma mão; isto é Hércules em pessoa, ou já não sou Jean Dorat, *Johannus Auratus* , o maior poeta da Pléiade, o Virgílio do nosso tempo!...

232

XIV

A Rainha de Navarra

Por quase meio minuto foi a imagem homérica de uma rocha inutilmente assaltada por ondas furiosas. As pessoas giravam em torno de Pardaillan com vociferações assustadoras. Crucé, Kervier e Pezou lançaram-lhe ameaças apocalípticas. E Pardaillan, curvado sobre si mesmo, com os maxilares cerrados, sem uma palavra, sem um gesto inútil, fez o Giboulée em chamas girar entre os relâmpagos.

No entanto, não poderia continuar assim.

O semicírculo se fechou, apesar da resistência da primeira fila; massas profundas, atrás, empurravam, com movimentos tumultuosos de fluxo e refluxo.

233

Pardaillan entendeu que ia ser esmagado...

Lançou a Jeanne d'Albret e sua companheira um olhar que durou como um relâmpago e gritou:

- Alinhar !

As duas mulheres obedeceram.

Então ele, ainda coberto pelo longo florete, inclinou-se para a frente, equilibrando-se na perna esquerda, enquanto com o pé direito começou a desferir chutes frenéticos contra a porta carcomida.

Ao primeiro chute, que ressoou como o choque de uma prancha, a multidão compreendeu a manobra, soltou um grito de raiva e tentou se lançar sobre o louco que tentava o milagre de salvar o huguenote. Dois ou três homens caíram, sangrando, e Giboulée descreveu um círculo de aço tão ardente que houve um momento de desordem indescritível.

No segundo chute, a porta sacudida gemeu e um de seus encaixes caiu.

No terceiro, abriu-se violentamente, a fechadura quebrou.

234

- Vamos, Alice! disse Jeanne d'Albret com uma voz estranhamente calma.

E ela entrou na casa, seguida por seu companheiro.

As pessoas, vendo que sua vítima estava escapando deles, rugiram tanto que parecia que a velha casa estava prestes a desmoronar; Crucé, Pezou e Kervier não estavam mais na liderança; eles haviam desaparecido nos vastos redemoinhos desse swell humano; era como uma investida, a marcha irresistível de um poço de maré, a queda gigantesca de uma tromba d'água... o povo derrubado e as imprecações dos outros, essa massa, dizemos, parou, ofegante, rugindo, desmoronada por seus próprios movimentos, diante da porta fechada!...

De fato, mal a rainha de Navarra desapareceu e Pardaillan, parando seu carretel, levado para a direita, para a esquerda, na frente, ao acaso, dez golpes, cada um seguido de 235

com um uivo de dor. Então, naquele espaço de tempo inestimável em que a multidão parou, hesitante, atordoada, ele pulou para trás, de cabeça, empurrou a porta e lançou um olhar ardente ao seu redor...

A casa, antiga casa de um marceneiro ou carpinteiro, estava cheia de tábuas.

Apoderar-se de cinco ou seis dessas vigas, apoiá-las contra a porta, estabelecer uma muralha solidamente armada, foi para o cavaleiro uma questão de um minuto, e a porta arrancada de suas dobradiças pelo exército atacante caiu com um estrondo que o obstáculo foi já subindo, eriçado diante da multidão.

A primeira palavra de Jeanne d'Albret foi:

"Você é religioso, senhor ?"

- Ei! madame, sou da religião do viver... principalmente neste momento em que um mau mercador seria aquele que compraria minha pele por mais de um sol.

Jeanne d'Albret lançou um olhar de admiração: Você é protestante? (Nota de M. Zévaco.) 236

naquele jovem esfarrapado, com as mãos rasgadas com arranhões ensanguentados, que continuava a sorrir. Neste momento, ele estava realmente bonito, radiante de audácia, com algo irônico no canto dos olhos.

"Se vamos morrer", retomou a Rainha de Navarra, "primeiro quero agradecer-lhe e dizer-lhe que no momento da minha morte terei conhecido o cavalheiro mais heróico que já vi...

- Oh ! murmurou Pardaillan, ainda não estamos mortos: temos três minutos pela frente!... Silêncio, meus lobinhos!

acrescentou, respondendo às vociferações do povo. Um pouco de paciência, que diabos, você está nos ensurdecendo e quebrando nossos ouvidos!

No entanto, ele não tinha perdido um segundo.

Com um olhar, ele inspecionou onde estava. Era uma sala imensa que deve ter servido de oficina para um carpinteiro. Não havia teto. Era a própria cobertura que cobria esta oficina, e esta cobertura era sustentada por três vigas verticais que pareciam atingir a sua base pelo chão, no 237º

porões.

Em menos tempo do que leva para escrevê-lo, Pardaillan atravessou a sala.

Chegando pelas traseiras, isto é, do lado que dava para o rio, viu um alçapão aberto que permitia descer às caves.

Com um grito, ele chamou as duas mulheres que correram.

- Desça! ele disse.

- E você ? perguntou a rainha.

“Fique abaixada, senhora. Por favor, sem perguntas no momento!

Jeanne d'Albret e seu companheiro obedeceram. No fundo da escada, descobriram que não estavam em um porão, mas em uma sala semelhante à de cima; debaixo do chão, ouviram-se salpicos... a casa foi construída sobre estacas! E era o Sena que corria abaixo deles!... E acima de suas cabeças, lá em cima, havia uma terrível tempestade de clamores humanos onde dominavam gritos de morte, como estrondos de trovões.

dominar o tumulto das tempestades!... Morte acima! morto abaixo!...

A essa altura, cerca de um minuto havia se passado desde o momento em que entraram na casa.

Jeanne d'Albret escutou por um segundo.

Em uma espécie de calmaria nas rajadas populares, ela pensou ter ouvido lá em cima algo como o ranger de uma serra...

Então, febrilmente, ela começou a procurar...

o que ! ela não sabia! Naqueles momentos horríveis em que a morte está próxima e parece inevitável, o espírito adquire uma estranha lucidez nas naturezas vigorosas!... Jeanne d'Albret teve a intuição de que se deve poder comunicar com o rio... golpeou um anel de ferro... ela se abaixou com um grito de alegria poderosa, levantou-o com um esforço

incrível, arrancou a escotilha de sua cela... e lá, sob seus olhos, com o suspiro rouco do condenado salva-vidas , sim, lá ela viu uma escada que levava ao 239

rio entre as estacas!... E no fundo desta escada, um barco!

"Senhor, senhor", ela rugiu.

- Aqui estou ! Pardaillan trovejou. Se morrermos, será em muitas companhias!...

E o cavaleiro apareceu no topo da escada, segurando uma corda grossa na mão. Nessa corda, ele se enrijeceu, se preparou, com tanto esforço que os músculos de suas pernas se projetavam e as veias de suas têmporas pareciam prestes a estourar...

Neste momento, a horrenda multidão faminta pela morte, com um estrondo assustador, apressou-se, apressou-se...

- Morrer ! morrer ! morrer !...

Nada se ouvia a não ser o sinistro clamor!...

Neste momento, também, Pardaillan, com um último puxão frenético, como um titã tentando arrancar um velho carvalho, puxado pela corda!...

Ouviu-se um rangido tremendo, a casa pareceu balançar por um momento, então, em meio a clamores atrozes de desespero, um estrondo estrondoso.

poderoso, algo como um trovão retumbante... a casa estava desmoronando! As vigas foram rasgadas! todo o telhado caiu em um bloco: telhas, ferragens, pedaços de madeira, tudo caiu em um sinistro estrondo, esmagando, ferindo, matando os assassinos às centenas!...

Então um enorme silêncio pesou sobre essa cena incrível.

O que tinha acontecido?

Pardaillan havia serrado as três vigas que sustentavam o telhado!...

Pardaillan os havia amarrado com a mesma corda!

Pardaillan, sacudindo freneticamente esta corda, fez com que as vigas caíssem!

E então, com um salto, um salto, atirou-se no vazio, caiu ao pé da escada, e correu em direção a Jeanne d'Albret, enquanto no chão que acabava de deixar desabou o telhado da velha casa!. ..

A rainha, com um gesto, mostrou-lhe o rio, a escada, o barco!...

Em um instante, os três estavam lá... 241

Chevalier cortou a corda que segurava o barco leve, e este, levado pela corrente, começou a girar em direção ao Louvre.

*

Pardaillan guiou o barco por meio de um remo que encontrou no fundo. Cinco minutos depois, ele aterrissou abaixo do Louvre, onde ficava o recinto das Tulherias alguns anos antes, e onde Catarina de Médici mandava construir um palácio por seu arquiteto Philibert Delorme.

Quando desembarcaram, Pardaillan parou na margem, chapéu na mão, na atitude sorridente de um cavalheiro que, tendo acompanhado duas senhoras para passear, se prepara para partir.

"Monsieur", disse então Jeanne d'Albret, com aquela calma enérgica da qual ela não se afastou um momento sequer durante a terrível cena que acabamos de relatar, "eu sou a Rainha de Navarra...

242

E você?

“Meu nome é Chevalier de Pardaillan, madame.

"Você acaba de prestar à casa de Bourbon um serviço que ela jamais esquecerá...

O cavaleiro fez um gesto.

"Não negue", retomou a rainha.

não na minha frente, pelo menos! ela acrescentou amargamente!

Pardaillan entendeu: defender o huguenote talvez fosse merecer a morte!

"Nem na sua frente, nem na frente de ninguém, madame", disse ele com aquela simplicidade que era tão notável nele. Estou consciente de ter, de fato, prestado um grande serviço a Vossa Majestade, pois salvei sua vida; mas devo declarar que não sabia que grande rainha tive a honra de defender quando tentei arrancar da morte as duas mulheres que passaram numa liteira.

Jeanne d'Albret, que durante anos foi 243

guerra, Jeanne d'Albret, diplomata consumado e verdadeiro general do exército, Jeanne d'Albret que comandou heróis e deve ter conhecido o heroísmo, foi atingida por essa dignidade fria, corrigida por quem sabe que ironia e atrevida, que emanava de toda a pessoa de o Cavaleiro.

Foi assim que, enquanto dava essa resposta, seu rosto estava imóvel, seus olhos muito frios, mas sua mão deixou o punho da espada para fazer um daqueles gestos intraduzíveis de um menino que zomba de si mesmo.

"Monsieur", retomou a rainha, depois de examiná-lo com admiração, "se você me seguir até o acampamento de meu filho Henri, sua fortuna está feita.

Pardaillan sobressaltou-se e ergueu os ouvidos ao ouvir a palavra fortuna.

No mesmo momento, a imagem da jovem de cabelos dourados, da adorável vizinha que ele observava por horas em sua janela, esta imagem doce e radiante passou diante de seus olhos, ele sentiu, ao pensar em deixar Paris, um inexprimível 244

uma pontada de coração que o surpreendeu, o dominou e o encantou ao mesmo tempo.

Ele, portanto, fez uma careta de arrependimento por essa fortuna que desapareceu assim que a viu, e respondeu, curvando-se com graça altiva:

– Que Vossa Majestade se dignasse receber a homenagem de minha gratidão: mas é em Paris que resolvi buscar minha fortuna.

- Isso é bom, senhor. Mas se alguém meu quisesse te conhecer, onde ele te encontraria?

“No Auberge de la *Devinière* , madame, rue Saint-Denis.

Jeanne d'Albret então assentiu e virou-se para seu companheiro.

Esta era realmente uma criatura maravilhosa: grandes olhos vivos, uma boca carmesim e sensual, magníficos cabelos castanhos, uma altura e um andar de suprema elegância.

Ela parecia terrivelmente preocupada e às vezes lançava um rápido olhar para Jeanne d'Albret.

245

"Alice", disse o último, "você foi muito imprudente ao passar a maca pela ponte...

“Achei que a passagem estava clara, Majestade”, respondeu a jovem com certa firmeza.

"Alice", retomou a rainha, "foste muito imprudente ao levantar as cortinas...

“Um movimento de curiosidade...” disse Alice com menos segurança.

"Alice", continuou Jeanne d'Albret, "você foi muito imprudente ao dizer meu nome em voz alta na frente dessa multidão hostil...

- Perdi a cabeça, madame! respondeu a jovem, desta vez com uma verdadeira gagueira.

A rainha de Navarra lançou-lhe um olhar profundo e permaneceu pensativa por um momento.

"Sem repreendê-lo por isso, meu filho", disse ela lentamente. Mas no final, alguém que quisesse me entregar não teria agido de outra forma...

- Oh ! Majestade!...

246

"Outra vez, tome mais cuidado", finalizou a rainha com tal serenidade que Alice de Lux (Ruggieri nos disse o nome dela) imediatamente se tranquilizou e explodiu em devotados protestos.

"Monsieur le Chevalier", disse Jeanne d'Albret, "vou tirar vantagem de você...

— Estou a seu serviço, senhora.

- Bom. Obrigado. Por favor, siga-nos à distância para onde estamos indo... Sob a proteção de uma espada como a sua, eu não temeria cruzar um exército.

Pardaillan recebeu o elogio sem vacilar.

Só que ele suspirou e murmurou:

– Que pena não poder mais sair de Paris!... Muito bem! Monsieur, meu pai me disse assim... Cuidado com as mulheres!... Já é tempo, por Pilatos e Barrabás!... Aqui estou eu amarrado pelos cabelos dourados do meu vizinho... famosas serpentes que se entrelaçam e sufocar!... E pensar, acrescentou, lançando um olhar lamentável ao seu gibão esfarrapado, dizer que saí para conquistar o traje de um príncipe!... Ele vai me dizer.

ter que empunhar a agulha a noite toda, depois de ter empunhado a espada o dia todo!... Bom! a diferença é tão grande?...

Enquanto fazia solilóquio, o chevalier seguia a dez passos, os olhos atentos, a mão no punho da espada, as duas mulheres que rapidamente se precipitaram em Paris.

A noite começava a cair.

Pardaillan, que, na pressa de seguir a mãe de Loise, saiu sem almoçar, começou a sentir uma pontada furiosa no estômago.

Depois de incontáveis desvios, Jeanne d'Albret e seu companheiro finalmente chegaram ao Templo.

Em frente à prisão sombria cuja torre alta, enegrecida pelo tempo, dominava o bairro como uma ameaça, uma casa de aparência burguesa erguia-se um andar.

A um gesto da rainha, Alice de Lux bateu à porta.

Quase imediatamente abrimos.

Jeanne d'Albret fez um sinal para Pardaillan para 248

mais próximo.

“Senhor”, disse ela, “agora você tem o direito de conhecer meus negócios. Entre, por favor.

“Madame”, disse Pardaillan, “Vossa Majestade está enganada: só tenho um direito, o de obedecer às suas ordens.

“Você é um cavalheiro encantador. Aprenda então que a presença de um homem – e de um homem como você! – não será inútil para mim nesta casa.

“Nesse caso, eu obedeço, Madame”, disse Pardaillan, que pensou consigo mesmo:

“Neste momento, as galinhas do mestre Landry devem estar perfeitas. Por que não posso me colocar em suas ordens!

A porta, porém, estava fechada. Os três visitantes foram conduzidos por uma criada, uma espécie de gigante feminina, até uma sala estreita, mal mobiliada, mas bastante limpa.

Ali, um velho de nariz curvo, longa barba bíblica, estava sentado a uma mesa na qual ele 249

encontrou três balanças de diferentes calibres. Este homem lançou um olhar penetrante para Jeanne d'Albret, e um sorriso imperceptível surgiu em seus lábios.

– Ah! ah! ele disse com exagerada cordialidade, é você de novo madame... madame... como então, já? Faz três anos que não te vejo... mas seu nome está inscrito lá, no meu baú...

“Madame Leroux,” disse a rainha secamente.

- Isso mesmo ! Eu ia dizer! E você ainda tem algum colar de pérolas, algum fecho de diamante para vender para aquele bom Isaac Ruben?

Nem é preciso dizer que o velho pronunciava Rupen por Ruben, matame por madame, acrace por fecho e gollier por colar. Deixamos para o leitor, que várias literaturas acostumaram a esse exercício, restaurar a pronúncia do judeu.

Pedimos ao nosso leitor que se lembre que a Rainha de Navarra, aos 250 anos

saltou da liteira, segurando uma bolsa de couro na mão.

E se ele esqueceu, nós o lembramos.

Este saco, Jeanne d'Albret colocou-o sobre a mesa, abriu-o e despejou o conteúdo, desordenadamente.

Os olhos de Isaac Ruben brilharam. Estendeu as mãos sobre os diamantes, os rubis, as esmeraldas, as pedras preciosas que brilhavam sobre a mesa e cruzavam seus fogos. Seus dedos os acariciaram por um momento. O mercador de ouro era um poeta à sua maneira, e todo aquele esplendor espalhado sobre a mesa de pobre madeira branca trouxe um sorriso tênue aos seus lábios.

Quanto a Pardaillan, devemos resistir à tentação de mostrá-lo mais belo que a natureza, e confessar a verdade, ainda que esta verdade lhe tire uma parte notável da simpatia do leitor: diante dessa fortuna que levou o mais suntuoso forma e a mais poética da fortuna, diante dessas chamas azuis, vermelhas e verdes que pareciam brilhar no fundo de uma lareira mágica, ele arregalou os olhos espantado e estremeceu.

Quando penso, pensou ele, que a menor dessas pedras faria de mim um homem rico! »

251

E por um rápido jogo de imaginação, viu-se possuidor desse tesouro: viu-se desfilando sob as janelas da Dama de Preto e sua filha com um traje extravagante capaz de fazer sufocar de inveja os mais elegantes lacaios. de Anjou – o mestre da elegância suntuosa!

Então, voltando a olhar para si mesmo, viu-se tão mendigo com sua grande coliquimarde, tão surrada, tão surrada e tão rasgada, que mordeu os lábios com despeito e, para escapar do fascínio do tesouro, começou a examinar Jeanne d'Albret.

A rainha de Navarra era então uma mulher de quarenta e dois anos. Ela ainda usava luto pelo marido, Antoine de Bourbon, falecido em 1562, embora nunca tivesse lamentado seriamente esse homem fraco e indeciso, agitado pelas festas e que só conseguira aguentar uma: a de morrer a tempo e deixando o campo aberto ao espírito viril, audacioso e empreendedor de Jeanne d'Albret. Ela tinha olhos cinzentos, com um olhar poderoso que penetrava na alma. Sua voz provocou entusiasmo. Sua boca 252

tinha um vinco grave; e, à primeira vista, essa mulher parecia gelada. Mas quando a paixão a levou, ela foi transformada. Para se tornar a heroína guerreira consumada, a Joana d'Arc do protestantismo, ela só precisava de uma oportunidade real para mostrar suas qualidades, e tudo o que ela precisava era não ser interrompida ao longo do caminho. Ela parecia orgulhosa, com um ar de dignidade soberana. Ela deve ter parecido com a mãe dos Gracchi. A história, que só estuda o gesto exterior, não lhe atribuiu o grande lugar a que tinha direito. O romancista, a quem é permitido perscrutar a alma sob as dobras escultóricas da estátua, procurar penetrar os motivos sob atos públicos, reverenciar e admirar. Apresentamos, com Jeanne de Piennes, um tipo de mãe. Com Catarina de Médici, vamos nos deparar com outra figura de mãe. E ainda é uma mãe que encontramos em Jeanne d'Albret. Estávamos falando da paixão que às vezes a transfigurava.

No entanto, Jeanne d'Albret tinha apenas uma paixão: seu filho. Foi por seu filho que, uma mulher simples, apaixonada pela vida patriarcal de Béarn, ela se lançou em 253

corpo perdido na vida dos campos. Foi por causa do filho que ela abandonou sua roca e seus livros para inflamar velhos generais. Foi por seu filho que ela foi corajosa, estóica a ponto de desafiar a morte na cara. Era para seu filho, para pagar o exército de seu filho, que ela já havia vendido metade de suas jóias e que estava vendendo naquele dia o que restava de sua opulência anterior e real.

Pardaillan tinha começado.

O judeu sorriu.

Ela sozinha permaneceu impassível.

No entanto, Isaac Ruben havia acabado de separar as pedras e organizá-las por categorias e, dentro de cada categoria, por ordem de mérito. Ele os examinou, a testa franzida, a testa franzida com o esforço de cálculo. Sem tocá-los, sem pesá-los, sem examinar suas falhas, permaneceu em meditação por cinco minutos.

"O trabalho de estimativa está prestes a começar", pensou Pardaillan; temos três ou quatro horas. »

254

“Madame”, disse o judeu abruptamente, levantando a cabeça, “há cento e cinquenta mil coroas de pedras lá.

“Isso mesmo”, disse Jeanne d'Albret.

“Ofereço-lhe cento e quarenta e cinco mil coroas.

O resto é meu benefício e meu risco.

- Eu aceito.

- Como você quer que eu te pague?

- Como da última vez.

"Em uma carta para um dos meus correspondentes?"

- Sim. Só que não é com o seu correspondente em Bordeaux que quero falar.

– Escolha, senhora. Tenho correspondentes em todos os lugares. O nome da cidade?

– Santos.

Sem dizer mais nada, o judeu começou a escrever algumas linhas, assinou-as, colocou um selo especial no pergaminho, releu cuidadosamente essa espécie de letra de câmbio e a entregou a Jeanne d'Albret que, depois de lê-la, escondeu 255

seu seio.

Isaac Reuben levantou-se dizendo:

“Eu permaneço em suas ordens, senhora, para qualquer operação deste tipo.

A rainha de Navarra sobressaltou-se e um suspiro rapidamente reprimido inundou-lhe o peito: o que acabara de vender eram as suas últimas joias; não havia mais nada para ele!

Acenando para o mercador, ela se retirou, seguida por Alice.

Pardaillan os seguiu, maravilhado, maravilhado, embriagado, sem saber o que mais admiraria: ou a ciência do judeu que acabara de, sem controle prévio, dar uma quantia tão grande de ouro, com a certeza de não errar. ; ou a confiança da Rainha de Navarra que partiu sem sequer olhar para estas jóias cintilantes, levando apenas um simples pergaminho com assinatura e selo!

256

XV

Os três embaixadores

Jeanne d'Albret deixou Paris pela Porte Saint-Martin, perto do Templo. Em duzentos

braças dali esperava uma carruagem de viagem atrelada a quatro vigorosos cavalinhos Tarbes, conduzidos por dois postilhões. A Rainha de Navarra caminhou até esta carruagem sem dizer uma palavra. Ela fez Alice de Lux subir primeiro, e depois virando-se para Pardaillan:

“Senhor,” ela disse com aquela voz profunda que se tornava tão harmoniosa em certas circunstâncias, “você não é um daqueles a quem se deve agradecer. Você é um cavaleiro dos tempos heróicos, e da consciência de que deve ter 1 Toise: antiga medida de comprimento igual a 1.949 metros.

200 braças = cerca de 400 metros.

257

do seu valor, deve colocá-lo acima de qualquer palavra de gratidão. Ao me despedir de vocês, só quero dizer que levo para casa a lembrança de um dos últimos paladinos do mundo...

Ao mesmo tempo, ela estendeu a mão.

Com aquela graça altiva que lhe era peculiar, o cavaleiro inclinou-se sobre aquela mão e beijou-a respeitosamente. Ele estava completamente comovido, completamente surpreso com o que acabara de ouvir.

O carro galopou para longe de seus nervosos tarbes.

Por muito tempo ele permaneceu lá sonhando.

Um cavaleiro de tempos heróicos, pensou. Um paladino! Eu!... E porque não! Sim !

Por que não tentaria mostrar aos homens do meu tempo que a força viril, a coragem indomável são vícios hediondos quando colocados à disposição do espírito de ódio e intriga? e que se tornem virtudes, quando..."

Com essa palavra virtude, ele parou e riu.

como ele ria: isto é, com as pontas dos dentes e sem fazer barulho.

A princípio endireitou-se e, apoiando-se na bainha de Giboulée, ergueu a cintura, o bigode eriçado, os olhos ardendo.

Ao ouvir a palavra virtude, encolheu os ombros, mandou Giboulée de volta às panturrilhas com um chute no calcanhar e resmungou:

"M. de Pardaillan, meu pai, me fez jurar acima de tudo desconfiar de mim mesmo!"

Vamos ver se sobrou alguma perdiz ou carcaça de frango na casa do Mestre Landry!

Ele partiu imediatamente, assobiando uma fanfarra de caça que o rei Carlos IX, um grande amante de bandas de metais, acabara de tornar moda, e voltou a Paris quando os portões estavam prestes a ser fechados.

Uma hora depois, na rotisserie *Devinière* , ele estava sentado em frente a uma magnífica ave que a Sra. Landry Grégoire, querendo fazer as pazes, cortou ela mesma, que 259

tornou possível enfatizar a redondeza de um braço nu até o cotovelo.

Deve-se dizer que essa demonstração de amizade foi em vão: o herói, o paladino, tomado por um apetite feroz, só tinha olhos para as aves e as garrafas de Saumur que o acompanhavam. Ele não comeu, ele devorou...

Satisfeito, Pardaillan foi para a cama tranquilamente, enquanto Mestre Landry soltou um suspiro de desespero ao notar que três garrafas sucumbiram aos ataques de seu anfitrião, e que Huguette Landry Grégoire, sua esposa, soltou outra em desolação. resistiu aos seus ataques.

No dia seguinte, cansado da grande batalha do dia anterior, Pardaillan acordou bem tarde. Levantou-se, vestiu os calções e, tendo jogado sobre os ombros um velho manto desbotado que o pai lhe havia deixado, pôs-se a remendar o gibão, operação que lhe era mais familiar. Talvez, na mente de tal leitor, um humilde 260

ocupação fará descer o cavaleiro do pedestal onde já o colocou. Apenas indicaremos a este leitor que nossa intenção é representar com exatidão os detalhes da existência de um aventureiro durante o reinado de Carlos IX.

Pardaillan, portanto, apodera-se de uma espécie de kit copiosamente provido de agulhas, linhas, aiguillettes, cordões, grampos e tudo o que é necessário para costurar, remendar, remendar, apagar com dedo habilidoso os emaranhados, os rasgos e as punhaladas.

Ele havia se colocado perto da janela para obter luz do dia e estava de costas para a porta. Ele tinha acabado de tapar um primeiro buraco e estava atacando um problema no peito quando alguém arranhou levemente a porta.

- Entre ! ele gritou sem se incomodar.

A porta se abriu. Ouviu a voz gordurosa do mestre Landry Grégoire dizer com respeitosa ânsia:

- Está aqui, meu príncipe, está bem aqui...

261

E tendo virado a cabeça por cima do ombro para ver que príncipe era, Pardaillan viu de fato o senhor mais magnífico que já havia cruzado a soleira da *Devinière* : botas altas de pele fina, com esporas douradas, calções de veludo violeta, gibão de cetim, aiguillettes de ouro, fitas malva, grande casaco de cetim violeta pálido, touca com pena violeta presa a uma esmeralda; e, nesse traje, um jovem de cabelos cacheados, almiscarados, pomadas, perfumados, bigodes passados, bochechas pintadas, lábios vermelhos: um esplêndido mignon.

O cavaleiro levantou-se e, agulha na mão, disse educadamente:

- Por favor, entre, senhor.

– Vá, disse o estranho – príncipe ou bonitinho – vá dizer a seu mestre que Paul de Stuer de Caussade, conde de Saint-Mégrin, deseja ter a honra de mantê-lo.

"Desculpe-me", disse o cavaleiro friamente, "que mestre?"

1 Mignon: termo sob o qual foram designados os favoritos do duque de Anjou, irmão de Carlos IX, futuro Henrique III.

– Mas a sua, barriga de veado! Eu disse seu mestre, pelo sambleu!

Pardaillan virou gelo e, com a soberba tranquilidade que o caracterizava, respondeu:

- Meu mestre, sou eu!

Grande palavra para uma época em que todos, exceto o rei, tinham um mestre. E, no entanto, o rei reconheceu o papa como seu mestre.

Saint-Mégrin ficou atônito ou não; permaneceu impassível, temendo sobretudo perturbar a renda do colarinho. Só que, do topo desta coleira, ele deixou cair estas palavras:

"Você é, por acaso, o Chevalier de Pardaillan?"

“Tenho esta honra”, disse o cavaleiro com aquele ar de uva que espantava as pessoas e as deixava perplexas, perguntando-se se estavam lidando com um diplomata profundo ou um ingênuo prodigioso.

Saint-Mégrin, em todas as regras da arte, tirou o chapéu e executou sua mais requintada reverência.

Pardaillan puxou seu velho casaco desbotado sobre os ombros e gesticulou para que o conde indicasse a única poltrona da sala, enquanto se sentava em uma cadeira.

"Chevalier", disse Saint-Mégrin, depois de tomar seu lugar com todas as precauções imagináveis para não enrugar seu manto de cetim violeta-claro, "eu fui enviado a você por Monsenhor Duque de Guise para lhe dizer que ele detém você em grande estima e grande admiração.

"Acredite em mim, monsieur", disse Pardaillan no tom mais natural, "que lhe devolvo esta estima e esta admiração."

– O caso de ontem o colocou em uma posição muito boa.

"Que negócio? Ah! sim... a ponte de madeira...

- Ei! não se trata apenas disso no tribunal. E agora mesmo, na insurreição de Sua Majestade, a história foi contada ao Rei por seu poeta favorito, Jean Dorat, que estava presente na coisa.

- Bom ! E o que esse poeta disse?

– Que você mereceu a Bastilha por ter salvado dois criminosos. Porque parece comprovado que as duas mulheres eram criminosas que escaparam.

"E o que o rei disse?"

“Se você fosse um homem da corte, senhor, saberia que Sua Majestade fala muito pouco... Seja como for, você agora passa por um Alcide ou um Achille. Enfrentar um povo inteiro para proteger duas mulheres, isso é fabuloso!

Você sabe que é um herói, algo como um Cavaleiro da Távola Redonda?

- Eu não digo não.

– E, sobretudo, este carretel do florete! E os socos no final! E esta casa que está desmoronando!...

– Ah! Não tenho nada a ver com isso, acredite.

“Em suma, Monsenhor Duque de Guise ficaria encantado em ser agradável para você. E como prova, ele me pediu para implorar que você aceitasse este pequeno diamante como um primeiro sinal de sua amizade. Oh ! não recuse, você seria um insulto 265

esse grande capitão...

"Mas eu não recuso", disse Pardaillan, ainda em paz.

E pôs no dedo o magnífico anel que o conde lhe estendeu, não sem ter, por assim dizer, pesado o diamante com o canto do olho.

"Você me vê encantado com a recepção gentil que está disposta a me dar", retomou Saint-Mégrin.

“Toda a honra é minha, assim como o lucro.

- Oh ! não vamos mais falar desse anel... uma miséria.

- Malepest! Eu não julgo assim. Mas eu só queria falar do proveito que pode haver para mim em ter recebido nesta choupana um senhor de sua importância. Confesso que queria muito ver um homem bonito de perto. E aqui estou plenamente satisfeito. Por Pilatos! Eu teria que ser muito difícil! Seu casaco por si só é uma maravilha. Quanto ao seu gibão, não ouso realmente apreciá-lo. Não é por causa daquelas calças roxas que 266

não me surpreenda. E seu boné, monsieur le comte!

Ah! seu chapeu! Nunca mais me atrevo a colocar meu chapéu!...

- Obrigada! Você me supera! Você me esmaga!

Pardaillan, que até então se mostrava pouco falante, tornou-se lírico. Seu olhar absorveu todos os esplendores do traje de Saint-Mégrin. E em vão o conde pediu misericórdia, multiplicou suas reverências, mas o chevalier continuou a deixar transbordar a torrente de sua admiração.

Só que ele não disse uma palavra mais alto que a outra. E este fluxo fluiu como um jato gelado.

Era impossível adivinhar nele um pensamento de zombaria ou ceticismo. Mas um observador poderia captar com o canto do olho o intenso júbilo de um homem se divertindo prodigiosamente.

“Agora então,” disse o Conde finalmente, “vamos ao que interessa. Nosso grande Henri de Guise está remontando sua casa em vista de certos eventos que estão sendo preparados. Você quer ser? O 267

pergunta é franca.

– Vou responder com a mesma franqueza: quero pertencer a apenas uma casa.

- Que ?

- Minha !

E Pardaillan executou uma reverência tão maravilhosamente copiada das de Saint-Mégrin que a guloseima mais exigente só poderia admirar.

"É esta a resposta que devo dar ao Duque de Guise?" disse a contagem.

“Diga a meu senhor que estou emocionado com sua grande benevolência e que eu mesmo lhe darei minha resposta.

" Bom ! pensou Saint-Mégrin, ele é nosso.

Mas ele se reserva o direito de discutir o preço da espada que traz. »

Preenchido com essa ideia, encantado, aliás, pelos elogios que Pardaillan não lhe poupara, estendeu a mão que estava entre as pontas dos dedos.

O cavaleiro o acompanhou até sua porta, onde 268

salamalecs e saudações aconteceram.

"Hum! pensou Pardaillan quando estava sozinho.

Isso é o que eu posso chamar de uma proposta inesperada. Estar na suíte do Duque de Guise!

Quer dizer, do senhor mais suntuoso, mais generoso, mais rico, mais poderoso, ah!

Nunca encontrarei palavras qualitativas suficientes...

Mas isso é sorte! Talvez seja a glória!... Hum! Ah! aí, de onde vem que eu não pulo de alegria? Que animal caprichoso, mal-humorado, taciturno e hipocondríaco se esconde em mim?... Por Barrabás! Devo aceitar, morbleu!... Não, não vou aceitar!...

Por quê ? »

Pardaillan começou a andar inquieto pelo quarto.

"Ei! por Deus, eu estou lá! Não aceito porque o senhor meu pai mandou que eu me desafiasse!... Aqui está a explicação, ou que estou estripado!... Que bom filho eu sou!... »

Fico feliz por ter encontrado ou fingido encontrar essa explicação, e não ter que pensar mais, operação cerebral que foi 269

Totalmente antipático, o cavaleiro olhou com admiração – sincera, desta vez – para o diamante que Saint-Mégrin lhe havia deixado.

"Isso vale bem cem pistolas", ele murmurou.

Talvez cento e vinte, quem sabe se não me dão cento e cinquenta?

Estava com duzentas pistolas quando a porta se abriu novamente, e Pardaillan viu um homem entrar, envolto em uma longa capa, vestido simplesmente como um mercador. Este homem curvou-se profundamente ao cavaleiro espantado e disse:

"É diante do Chevalier de Pardaillan que tenho a honra de me curvar?"

- De fato, senhor. O que posso fazer pelo seu serviço?

"Vou lhe dizer, senhor", disse o estranho, olhando para o jovem. Mas antes de tudo, você poderia me dizer em que dia você nasceu? Que horas ?

Qual mês ? Que ano ?

Pardaillan certificou-se de relance que 270

Chuveiros estavam ao alcance.

"Vamos torcer para que ele não fique bravo", pensou.

O estranho, no entanto, apesar da estranheza de suas perguntas, não parecia um louco. É verdade que seus olhos brilhavam com um fogo extraordinário; mas nada em sua atitude denunciava insanidade.

– Senhor, disse Pardaillan com a maior gentileza, tudo o que posso dizer é que nasci em 49, no mês de fevereiro. Quanto ao dia e à hora, não os conheço.

- *Peccato!* murmurou o estranho visitante.

Finalmente ! Vou tentar reconstruir o horóscopo o melhor que puder. Senhor, ele continuou em voz alta, você está livre?

"Vamos poupá-lo", disse o cavaleiro para si mesmo. Livre, senhor? Ei! quem pode se gabar de ser assim? O rei é um, quando não pode dar um passo para fora de seu Louvre? A rainha Catarina, que dizem ser mais rainha do que o rei é rei, não é? É M. de Guise? Livre! como você vai, minha querida 271

Senhor ! É como me perguntar se sou rico. Tudo é relativo. Nos dias em que tenho uma coroa, me considero rico como um príncipe. Nos dias em que posso me sentar para uma boa garrafa de Saumur, acho que sou tão nobre quanto um Montmorency. Livre! Por Pilatos! Se com isso você quer dizer que posso me levantar ao meio-dia e ir para a cama de madrugada, que posso, sem medo, sem remorso, sem olhar para quem me segue, entrar no cabaré ou na igreja, comer se tiver fome, bebo se estou com sede... (paz, Pipeau! Do que você está reclamando, imbecil!), beije as duas bochechas da bela Madame Huguette, ou belisque os servos do *Corno de Ouro* , bata Paris dia ou noite como eu por favor (não tenha medo, ele não morde!), tire sarro de mafiosos e vigias, não tenha guia senão minha imaginação e nenhum mestre senão a hora do momento, sim, senhor, estou livre! E você?

O estranho havia escutado o cavaleiro com notável atenção, estremecendo em certas entonações céticas, levantando um rápido olhar para outras nas quais uma raiva involuntária perfurava... ou talvez uma emoção.

272

Sem dizer uma palavra, ele foi até a mesa e colocou uma bolsa que tirou de debaixo do casaco.

“Monsieur,” ele disse então, “há duzentas coroas lá.

"Duzentas coroas?" Diabo !

– Seis quilos.

- Oh ! Oh ! Seis quilos? Você diz: seis libras?

"Paris, senhor!"

– Parisienses! Bem, senhor, isso é um saco honesto.

"Ele é seu", disse o homem abruptamente.

"Nesse caso", disse Pardaillan, com aquela calma fria que ele assumiu de repente, "às vezes, nesse caso, deixe-me colocá-lo em um lugar seguro."

E ele pegou o saco roliço, trancou-o em um baú no qual se sentou e perguntou:

“Agora me diga por que essas duzentas coroas de seis libras parisienses são minhas.

O estranho pensou que tinha atropelado um homem. Este 273

era ele quem era. Esperava agradecimentos entusiásticos, recebeu no coração a pergunta de Pardaillan. No entanto, ele se recuperou rapidamente e, reconhecendo em seu coração que estava lidando com uma justa, resolveu atordoar seu adversário com uma palavra.

“Estas duzentas coroas são suas”, disse ele, “porque vim comprar sua liberdade.

Pardaillan não vacilou, não se mexeu.

"Nesse caso, senhor", ele murmurou com os dentes, "são novecentos e noventa e nove mil e oitocentas coroas de seis libras parisienses que você me deve."

" *Bricone!"* o homem murmurou, seus ombros caindo. Uau, senhor! É, portanto, em um milhão de coroas que você estima sua liberdade?

"Pelo primeiro ano", disse Pardaillan sem vacilar.

Desta vez, René Ruggieri – que certamente adivinhamos – admitiu a derrota.

"Senhor", ele disse depois de olhar para

de admiração no cavaleiro, modesto e pacífico no peito, vejo que empunhas a palavra como a espada e que conheces toda a esgrima. Peço desculpas por tentar surpreendê-lo. E eu chego ao ponto do meu negócio. Mantenha sua liberdade, senhor. Você é um homem de coração e espírito...

Diabo, pensou o cavaleiro; segure firme, o louco está ficando furioso. »

“Você acabou de me provar que tem inteligência, assim como provou ontem que tem coração. *Por baco* , senhor! Você tem uma espada afiada e palavras que atordoam!

O que você diria se eu sugerisse que você colocasse os dois a serviço de uma causa nobre e justa entre todos, uma causa santa, para melhor dizer! E de uma princesa poderosa, boa e generosa...

– Vamos deixar o caso e ver a princesa.

Poderia ser Madame de Montpensier?

- Puxa! Senhor !...

- Oh ! Oh ! Poderia ser Madame de Nemours?

275

- Claro que não! disse Ruggieri rapidamente. Mas espere, não olhe! Basta você saber que ela é a princesa mais poderosa que ele é na França.

“No entanto, devo saber a quem e a que juro minha fé?

- Apenas ! simplesmente não podemos! Venha, por favor, amanhã à noite, às dez horas, à ponte de madeira, e bata três vezes na primeira casa que fica à direita da ponte...

Pardaillan não pôde deixar de estremecer ao pensar naquele rosto pálido que ele pensou ter vislumbrado atrás da misteriosa treliça da janela gradeada. Em um instante, sua decisão foi tomada.

- Nós estaremos lá ! ele disse secamente.

"Isso é tudo que eu queria... por enquanto!"

respondeu Ruggieri, que fez uma saudação profunda, na qual o cavaleiro julgou detectar algo irônico ou ameaçador.

Alguns momentos depois, o estranho visitante havia desaparecido. E Pardaillan começou a pensar: 276

"Quero que o diabo arranque os pêlos do meu bigode um a um se essa princesa, a mais poderosa que existe, não se chama Catarina de Médici!" Quanto à causa mais nobre e santa, veremos. Entretanto, este homem sabe quem eu sou, e eu nem sei o nome dele!... Bom! Vamos ver se pelo menos os escudos dele têm um nome que é corrente nas tavernas! »

Tirou o saco do cofre, abriu-o, sentou-se à mesa e começou a contar as coroas que arrumou nas pilhas mais metódicas, enquanto um largo sorriso eriçou-lhe mais do que nunca o bigode.

“Eles estão lá, minha fé! Aqui estão as duzentas coroas, todas novas e com a efígie do nosso digno senhor o rei! Mas é que estou bem acordado, por Pilatos! Eu não sonho! Aqui estão as peças brancas, e aqui está o diamante... Aqui, aqui! estou a caminho de ficar rico? Ah, mas acho que me emocionei! Eu teria medo da boa sorte, eu que nunca tive medo do mal? »

O sonhador Pardaillan estava lá em seus pensamentos quando, pela terceira vez, a porta 277

aberto.

Ele deu um pulo, realmente assustado, ele que fazia questão de honra não se assustar com nada ...

mirari , 1 como diria Jean Dorat, o poeta do rei, que condescendeu em citar Horácio quando não estava citando a si mesmo.

Mas quase imediatamente, seu espanto, sem diminuir de intensidade, mudou de assunto. De fato, o homem que entrou era o retrato vivo do homem que acabara de sair. Era o mesmo ar de orgulho sombrio, o mesmo porte enfático da cabeça, as mesmas feições acentuadas, o mesmo olhar ardente.

Apenas o homem com duzentas coroas (Rene Ruggieri, como sabemos) parecia ter quarenta e cinco anos. Ele era de estatura mediana. O fogo em seus olhos estava velado pela hipocrisia. Ele parecia confiar mais na astúcia do que na força.

O recém-chegado, ao contrário, tinha apenas vinte e cinco anos, era alto; franquia 1 *Nilo mirari* . Fórmula favorita do poeta latino Horácio que aconselha a não se preocupar com nada, nem com os reveses da fortuna nem com as ameaças de morte.

brilhou em seus olhos, seu orgulho era orgulho.

Mas uma tristeza pesada parecia pesar sobre ele; havia algo fatal neste homem. Seus gestos, como os de Ruggieri, eram enfáticos; mas sua voz tinha uma estranha expressão de melancolia.

Os dois homens se estudaram por um momento e, embora um parecesse a antítese do outro, ambos se sentiram tranqüilizados por uma simpatia indefinível.

"Você é o Chevalier de Pardaillan?"

perguntou este terceiro visitante.

“Sim, senhor,” disse Pardaillan com uma gentileza que era incomum para ele. Você me daria a honra de me dizer quem tenho a alegria de receber em minha pobre casa?

A esta pergunta, bastante natural (embora feita nos termos anfigóricos da época), o estranho sobressaltou-se e empalideceu ligeiramente. Então, levantando a cabeça como se desafiasse não o cavaleiro, mas o destino, ele respondeu

devidamente:

- É apenas. A polidez exige que eu lhe diga meu nome.

“Monsieur”, disse Pardaillan rapidamente, “acredite em mim que minha pergunta foi motivada pela amizade que sinto por você. Se o seu nome é um segredo, eu me sentiria desonrado em perguntar a você.

- Meu nome não é segredo, cavaleiro, então disse o estranho com evidente amargura: meu nome é Déodat.

Pardaillan fez um gesto.

“Sim”, continuou o jovem, “Déodat tout court. Deoda não mais. Ou seja, um nome que não é um. Um nome que grita que não temos pai nem mãe. Deodat, senhor, significa: dado a Deus. Na verdade, sou um enjeitado, apanhado em frente ao pórtico de uma igreja. Arrancada deste Deus a quem meus pais desconhecidos me deram.

Confiado por acaso a uma mulher que era para mim mais que um Deus. Esse é o meu nome, senhor, e a história desse nome. Esta história, eu conto em 280

quem quer ouvi-lo, na esperança de que um dia açoite aqueles que, tendo-me trazido ao mundo, me abandonaram à dor.

A imprevisibilidade dessa cena, a brusquidão desse tipo de confissão, o tom ao mesmo tempo amargo, sombrio e orgulhoso daquele que se chamava Déodat causaram profunda impressão no cavaleiro, que, para esconder sua confusão, perguntou mecanicamente:

"E essa mulher que o acolheu?"

– Ela é a Rainha de Navarra.

"Madame d'Albret!"

- Sim senhor. E isso me lembra minha missão, que peço desculpas por ter esquecido de falar com você sobre minha pessoa medíocre...

“Meu caro senhor”, disse Pardaillan, “você me fez uma grande honra ao me tratar como um amigo desde a primeira vista; sua pessoa, que você pode chamar de medíocre, desperta à primeira vista uma curiosidade que em mim não era nada trivial, acredite. Seu ar me toca, e sua figura me 281

totalmente de volta...

O cavaleiro estendeu a mão.

E seu próprio rosto brilhava com tanta lealdade, seu sorriso estava estampado com uma simpatia tão bonita que o mensageiro de Jeanne d'Albret parecia sobrecarregado de emoção e seu olhar nublado.

- Senhor ! Senhor ! ele disse com a voz rouca, agarrando e apertando a mão de Pardaillan.

- Nós iremos ? sorriu o cavaleiro.

"Então você não está me afastando, está?" você que eu não conheço! você que eu vi por cinco minutos! para que não desprezes aquele que não tem nome!

"Repelir você!" Despreze você! Por Barrabás, meu caro! quando alguém tem seu porte, e esses ombros atléticos, e essa boa espada que pende ao seu lado, não pode ser desprezado. Mas se você fosse fraco, feio, desarmado, eu não pensaria que tinha o direito de tratá-lo como você diz por esse motivo.

– Ah! senhor, faz muito tempo desde que eu 282

nunca tive um momento de tanta alegria! Percebo em sua atitude, em seus olhos e em sua voz uma generosidade de coração que me toca mais do que posso dizer. Acho que você é superior a tantos grandes senhores e príncipes que abordei...

E aquele a quem chamamos Deodat, já que assim se chamava, cobriu por um momento os olhos com uma das mãos.

- Lubina! Lubin! vociferou Pardaillan.

- O que é isso ? disse Deodato.

- Há, minha querida, que uma conversa iniciada nestes termos só pode terminar com dignidade à mesa. O relógio bate meio-dia. E para qualquer homem honesto, meio-dia é hora do jantar, quando no entanto a honestidade se une por meio do jantar, que é o meu caso hoje.

Lubin! Pronto, monge orgulhoso, vou cortar suas orelhas!

– Ah, cavaleiro! você expande meu coração!

- Ouço. Vamos concordar em uma coisa, desde que você me dê a honra de ser um dos meus amigos: seu nome é Deodat. Meu nome é 283

Jeans. Bem, não conhecemos nenhum outro nome, nenhum de nós!

Essa proposta, de tão engenhosa delicadeza, fez com que Deodat deixasse cair os últimos véus daquele orgulho suspeito e daquela pesada tristeza que apontamos. Ele desabrochou e depois apareceu como realmente era, dotado de uma beleza estranha, uma nobreza de atitude e uma gentileza de semblante que Pardaillan havia desembaraçado instintivamente.

- Lubina! Lubin! chamou o cavaleiro novamente. Lubin, acrescentou, é o garoto da churrascaria. Imagine que este sujeito é um ex-monge que deixou seu convento e se tornou um menino de La *Devinière* , por amor a patês e galinhas! Quando estou rico e de bom humor, me divirto fazendo-o beber; e apesar de ter mais de cinquenta anos, ele me enfrenta muito bem... Ah! aqui está !

Era Lubin, de fato, mas Lubin ladeado pelo próprio Landry. Landry havia subido os andares com a velocidade majestosa de um odre.

que sobe no ar. De fato, Lubin o havia empurrado para trás. E Landry aparecia com um sorriso de um metro de largura, gorro na mão, o que nunca aconteceu com ele, boca em forma de coração e dois punhos na barriga.

- Que diabos está fazendo? perguntou Pardaillan, surpreso com essa atitude.

“Estou tentando”, disse Landry, soprando, “entrar nessa maldita barriga... mas não consigo...

Monsenhor vai me perdoar... por não me curvar.

"Você está falando comigo?"

“Sim, senhor... Monsenhor, quero dizer!

perguntou Landry, olhando de lado, consternado, para as pilhas de coroas deixadas sobre a mesa.

- Bom ! Nós iremos ! disse Pardaillan, que imediatamente retomou seu sorriso frio e imóvel de figo e uva, você já sabe que de simples cavaleiro, me torno príncipe. Você está bem informado, Mestre Landry.

O estalajadeiro arregalou os olhos.

Pardaillan continuou:

“Por favor, trate-nos como príncipes do sangue” (Deodat ficou terrivelmente pálido com essa palavra) e preparou para nós os elementos de um jantar principesco, ou melhor, real (Deodat foi sacudido como se por um). A saber: uma boa peça bem tostada; duas dessas salsichas grelhadas que são a glória da sua pousada; uma daquelas tortas de ameixa de que a bela Madame Huguette guarda o segredo; sem contar alguns presuntos, daqueles à esquerda da terceira trave, na cozinha; para não falar de uma omelete leve e bem recheada. Com isso, duas garrafas de Saumur, do ano de 1556, mais duas dessas garrafas das Côtes de Mâcon, e finalmente duas garrafas desse Bordeaux que você reserva para Maître Ronsard.

“Muito bem, senhor! perguntou Landry.

- Um homem! disse Lubin, estalando a língua; pois o ex-monge já se via esvaziando o fundo dos frascos abençoados mencionados. Ó meu digno irmão Thibaut, ele acrescentou, com lágrimas nos olhos, que

você não está aí ?...

Um quarto de hora depois, Jean e Déodat, o cavaleiro e o homem sem nome, sentaram-se diante das riquezas gastronômicas arranjadas com amor por Lubin. Ele queria servir à mesa.

Mas, para grande desespero do ex-monge, Pardaillan fechou a porta dizendo que serviria a si mesmo, príncipe como de repente se tornara.

"Meu caro Jean", disse então Déodat, "você me vê maravilhado, encantado e profundamente comovido com essa amizade que você tem a gentileza de me mostrar na primeira tentativa.

Mas isso não deve me impedir de cumprir minha missão.

- Bom ! Eu conheço ela !

- Você conhece ela ?

- Sim. A Rainha de Navarra o manda dizer que me agradece novamente por tê-lo impresso.1 O leitor tenha paciência. Este irmão Thibaut logo aparecerá em nossa história. Não nos parece inútil dizer aqui que este Lubin e este Thibaut são precisamente as mesmas pessoas que tiveram a honra, sob François I, de serem cantadas por Clément Marot. (Nota de M. Zévaco.) 287

ontem, das mãos desses loucos: ela pede que você me repita a oferta que ela me fez para entrar em seu serviço; e, finalmente, ela me envia através de você uma jóia preciosa. É isso ?

- Como você sabe ?...

– É bem simples. Esta manhã recebi um embaixador de um certo grande senhor que me deu um diamante muito bonito e que me perguntou se eu queria servir ao seu mestre; Recebi então um deputado misterioso que me deu duzentas coroas e me fez saber que uma certa princesa quer que eu seja contado entre seus cavalheiros. Finalmente, aqui está você, o terceiro. E acho que a ordem lógica das coisas vai continuar.

"Aqui está realmente a jóia", disse Deodat, entregando ao cavaleiro um esplêndido fecho composto de três rubis.

- O que eu disse-lhe! exclamou Pardaillan, agarrando o fecho suntuoso e deslumbrante.

"Sua Majestade", continuou Deodat, "encarregou-me de lhe dizer que ela distraiu esta joia de um certo

bolsa que você deve ter visto. Ela acrescenta que nunca esquecerá o que lhe deve. E quanto a se classificar em seu exército, você o fará quando lhe convier.

"Mas", perguntou Pardaillan, "você conheceu a rainha?"

“Não a conheci: esperava-a em Saint-Germain, de onde Sua Majestade partiu para Saintes depois de me dar a comissão que me rendeu a felicidade de me tornar seu amigo.

- Bom. Outra pergunta: você encontrou, no caminho para cá, um homem envolto em um manto, parecendo ter quarenta ou cinquenta anos?

"Eu não conheci ninguém", disse Deodat.

– Última pergunta: quando você vai embora?

"Eu não vou voltar", respondeu Deodat, cujo semblante tornou-se sombrio novamente; a Rainha de Navarra me encarregou de várias missões que exigirão algum tempo e, além disso, também tenho que me cuidar um pouco.

289

- Bom. Neste caso, sua acomodação está toda encontrada; você se instala aqui.

“Mil obrigado, cavaleiro. Eu sou esperado em alguém que... Mas o que estou dizendo?... Fi!

Eu teria um segredo para um homem como você!

Jean, sou esperado na casa do sr. de Teligny, que está secretamente em Paris.

- O genro do almirante Coligny?

- Ele mesmo. E é no Hôtel de l'Amiral, rue de Béthisy, que você deveria vir me perguntar se minha estrela da sorte queria que você precisasse de mim. O hotel está aparentemente deserto. Mas tudo que você tem a fazer é bater três batidas na portinha do bastardo. E quando tirarmos o olho mágico, você dirá: Jarnac e Moncontour.

“Excelente, caro amigo. Mas sobre a Téligny, você sabe o que se costuma dizer?

"Aquele Teligny é pobre?" Que ele tem apenas sua intrepidez e sua inteligência como prerrogativa? Que o almirante errou muito ao entregar sua filha a um pobre cavalheiro?

290

- Nós dizemos isso. Mas também dizemos outra coisa.

Ah, ele é um certo mafioso, um homem de saco e corda que já trabalhou em mais de um emprego e viu muito. Disseram-me, portanto, que, na véspera do casamento de Teligny, um cavalheiro de alta estatura teria se apresentado ao almirante para lhe dizer que amava sua filha Louise.

– Este cavalheiro – interrompeu Deodat – chama-se Henri de Guise. Você vê que eu conheço a história. Sim, é verdade. Henri de Guise amava Louise de Coligny. Ele veio a representar

ao almirante que seu pai, o grande François de Guise, e ele haviam feito suas primeiras armas juntos em Cerisoles, que a união da casa de Guise e a casa de Châtillon representada por Coligny poria fim à guerra. freiras de guerra; finalmente, o orgulhoso cavalheiro inclinou-se ao ponto de chorar diante do almirante, implorando-lhe que rompesse o casamento projetado e lhe concedesse Luísa.

- Isso mesmo. E o que o Almirante respondeu?

– O Almirante respondeu que tinha apenas uma palavra e que esta palavra foi confiada a Teligny. Acrescentou que, além disso, este casamento era desejado por 291

sua filha que, em suma, afirmou, foi a primeira juíza neste caso. Henri de Guise partiu em desespero. Teligny casou-se com Louise de Coligny. E, desgostoso, Guise atirou-se à cabeça de Catherine de Cleves, com quem se casara há dez meses.

"Que Catherine, temos certeza, ama onde quer que ela possa, exceto na casa do marido!"

“Ela tem um amante”, disse Deodat.

- De quem é o nome ?

– Saint-Megrin.

Pardaillan caiu na gargalhada.

- Você conhece? perguntou o enviado de Jeanne d'Albret.

“Eu o conheço desde esta manhã. Mas, caro amigo, deixe-me contar uma novidade: Henri de Guise está em Paris.

- Tem certeza ? exclamou Deodat, que começou e se levantou.

– Eu vi com meus próprios olhos. E eu lhe respondo que o bom povo de Paris não o poupou 292

Felicidades!

Deodat rapidamente afivelou a espada e jogou a capa sobre os ombros.

“Adeus,” ele disse secamente, de repente tornando-se sombrio novamente.

E como Pardaillan se levantou por sua vez:

"Deixe-me te beijar", acrescentou. Acabei de passar uma hora de alegria pacífica, pois conheci muito poucos em minha vida.

“Eu ia oferecer-lhe o abraço fraterno”, respondeu o cavaleiro.

Os dois jovens se abraçaram cordialmente.

"Não se esqueça", disse Deodat; Hotel Coligny...

a portinha...

– "Jarnac e Moncontour". Fique tranquilo, caro amigo. O dia em que eu precisar que alguém venha e seja morto perto de mim, pensarei em você primeiro.

- Obrigado ! disse Deodat simplesmente.

E ele se apressou. Quanto a 293

Pardaillan, seu primeiro cuidado foi correr até um brechó para trocar de roupa. Escolheu um terno de veludo cinza igual ao que estava deixando, com a diferença de que era novinho em folha. Então ele prendeu o fecho de rubi em seu novo chapéu para prender a pena do galo ali. Então ele foi ao judeu Isaac Ruben para vender-lhe o belo diamante do Duque de Guise, do qual ele conseguiu cento e sessenta pistolas.

294

XVI

Uma cerimônia pagã

A noite começava a cair quando Pardaillan voltou a La *Devinière* . Instintivamente, seus olhos olharam para a janelinha onde o rosto encantador de Loise lhe aparecia tantas vezes. Ele teria dado metade das coroas de que se tornou possuidor para ser visto em seu belo traje. Mas a janela estava fechada.

O chevalier soltou um suspiro e voltou-se para os degraus de La *Devinière* . À esquerda deste alpendre, viu então três senhores que, de nariz empinado, pareciam examinar cuidadosamente a casa onde morava a Dama de Preto.

"Você diz que está realmente lá, Maurevert?" um deles disse.

"Está aí, conde de Quelus. No primeiro andar, o 295

proprietária, velhinha intolerante, surda e cristalizada em orações. O segundo é meu desde esta manhã.

"Maugiron", continuou o homem que acabara de ser chamado de Conde de Quelus, "pode conceber as paixões bizarras de Sua Alteza pelos pequenos burgueses?"

"Menos que burgueses, Quélus. Aquele que tem o tribunal!...

"Melhor que a corte, Maugiron: ele tem Margot!

Os dois cavalheiros caíram na gargalhada e continuaram a conversar entre si sem dar atenção a Maurevert, por quem mal tentavam disfarçar um sentimento de desprezo e medo.

Maurevert foi embora dizendo:

“Vejo vocês hoje à noite, cavalheiros!

Quélus e Maugiron iam fazer o mesmo quando viram à sua frente um jovem que, com gélida polidez, pôs o chapéu e perguntou:

– Senhores, me perdoem por 296

me diga o que você estava assistindo tão atentamente naquela casa?

Os dois cavalheiros, surpresos, trocaram um olhar.

"Por que você nos faz essa pergunta, senhor?" perguntou Maugiron com altivez.

“Porque”, respondeu Pardaillan, “esta casa me pertence.

O cavaleiro estava um pouco pálido. Mas essa palidez deve ter passado despercebida por seus interlocutores, que não o conheciam. Além disso, sua atitude foi extremamente educada.

"E você supõe", disse Quelus, "que gostaríamos de comprá-lo?"

"Minha casa não está à venda, senhores", disse Pardaillan com o rosto imóvel.

- Então o que você quer?

– Basta dizer-lhe isto: não quero que ninguém olhe para o que me pertence e, sobretudo, ria disso. Agora, você olhou, e você riu.

297

- Você não quer ! gritou Maugiron, empalidecendo de raiva.

"Venha", disse Quelus. Ele é um louco.

“Senhores”, disse Pardaillan, ainda impassível, “não estou louco. Repito que odeio os insolentes que olham para o que não deveriam ver...

“Droga, senhor! Você terá suas orelhas cortadas!

"E que tenho o hábito de punir aqueles cuja risada me desagrada", finalizou Pardaillan. Vá rir em outro lugar.

– Ah! ah! disse Quelus. E onde diabos você quer que a gente vá rindo?

– Mas, por exemplo, nos pequenos Pré-aux-Clercs.

- É bom. E quando ?

- Imediatamente, se você quiser!

- Não. Mas amanhã de manhã, por volta das dez horas, estaremos lá, meu amigo e eu. E você, senhor, tente dar boas risadas esta noite. Porque é 298

Provavelmente amanhã você não vai mais rir.

- Vou tentar, senhores! disse Pardaillan, que saudou com um grande gesto da pena de seu pênis...

Quélus e Maugiron partiram na direção que Maurevert já havia tomado.

Pardaillan, inquieto e perturbado, entrou no salão de La *Devinière* e sentou-se a uma mesa.

“Que diabos esses dois estorninhos estavam fazendo ali?... E o outro, com sua cara de ave de mau agouro!... Eles teriam ido até lá por ela?... Pelos chifres de todos os infernos! Se fosse!... Mas não, vejamos... que aparência tem?... Ela sai tão raramente! quem teria notado? »

Finalmente, em suma, o raciocínio ajudando, e também uma boa garrafa de vinho de Anjou, Pardaillan conseguiu se tranqüilizar e, de acordo com seus hábitos de observador, começou a olhar em volta.

Naquela noite houve uma grande comoção na estalagem. Os criados estavam arrumando a mesa para uma grande mesa em uma sala contígua.

Mestre Landry e suas caudas acenaram com força 299

panelas.

- Oh aquilo ! perguntou o cavaleiro de Lubin, que o servia, haverá uma boa e numerosa companhia esta noite?

- Sim senhor. E você me vê todo feliz com isso.

– Por que feliz?

– Em primeiro lugar, porque os senhores poetas são muito generosos... eles bebem bem, e me fazem beber.

"Então são os poetas que estão vindo?"

“Como todo mês, na primeira sexta-feira, monsieur le chevalier. Eles se reúnem para dizer poesias que me fariam corar, se eu não estivesse muito ocupado bebendo para ouvir.

- Bom. Então?... Seu outro motivo de alegria?

- Oh sim ! Bem, o irmão Thibaut está chegando.

- O monge ? Ele também é poeta?

- Não. Mas... com licença, monsieur le chevalier, aqui está... uma pena vermelha...

E, sem terminar a frase, Lubin, que parecia 300

muito envergonhado, correu ao encontro de um cavaleiro que acabara de entrar no salão. Este cavaleiro tinha uma pena vermelha em seu chapéu. Ele se enrolou cuidadosamente em seu casaco, que puxou até o nariz. Mas tão bem que escondeu o rosto, Pardaillan, que tinha olhos penetrantes e olhar ágil, vislumbrou aquele rosto por um momento.

"M. de Cosseins!" ele sussurrou.

Cosseins foi o capitão da guarda de Carlos IX, isto é, o primeiro personagem militar do Louvre.

Ele estava em todos os desfiles, todas as caçadas reais. Pardaillan o vira mais de uma vez.

“O que é essa sociedade de poetas da qual pertencem o capitão da guarda e o monge Thibaut? pensou o cavaleiro. Por que é Lubin e não mestre Landry quem vai ao encontro de tal personagem? »

E, com excitada curiosidade, observou os truques de Lubin e Cosseins. Landry, 301

Ocupado em seu fogão na churrasqueira, não prestou atenção ao recém-chegado, embora da cozinha à esquerda do grande salão pudesse ver através de uma grande janela o que estava acontecendo na estalagem.

Agora, Lubin e o capitão entraram na sala onde os criados estavam arrumando a mesa.

"O banquete será aqui, senhor poeta", disse Lubin, tentando em vão encarar o homem da pena vermelha.

- Ir além ! disse Cosseins.

A próxima sala estava vazia e dava para uma quarta sala, também vazia, mas onde estavam preparados assentos, cerca de quinze em número.

À esquerda desta sala abriu um armário escuro. Cosseins entrou.

– O que é essa porta?

perguntou o capitão.

– Abre para o beco que percorre os quatro quartos e dá para a rua.

"Ninguém pode entrar aqui?"

302

Lubin sorriu e apontou para os dois parafusos enormes segurando a porta maciça.

- É bom. Onde estará o monge?

– Irmão Thibaut? No grande salão, em frente à porta do banquete. Oh ! ninguém entrará, e você poderá cantar seus sonetos e suas baladas à vontade.

– É porque, você entende, tem tanta gente invejosa que ficaria muito feliz em aproveitar nossas produções!

– Sim, plagiadores!

Cosseins assentiu e, sem dúvida satisfeito com sua inspeção, voltou pelos quartos, alcançou a porta da sala e desapareceu.

"Que diabos vai acontecer esta noite no La *Devinière* ? Pardaillan se perguntou.

O cavaleiro não era homem de perder tempo em meditação. Ele era curioso por natureza e por necessidade de defesa pessoal. Ele não hesitou e resolveu saber a verdade que Lubin aparentemente desconhecia.

Pardaillan conhecia o negócio hoteleiro de fundo em 303

cheio.

Então ele se levantou sem afetação, chamou Pipeau com um estalar de língua e entrou no salão de banquetes onde três criados aterrorizados estavam terminando de arrumar a mesa. Ele passou rapidamente e entrou na sala vazia, fechando a porta atrás de si. Então ele chegou à sala onde as cadeiras estavam guardadas e, finalmente, ao armário escuro.

Esse armário era, aliás, apenas uma espécie de abóbada com paredes de pedra úmida, e toda forrada de teias de aranha. Comunicava-se com o corredor pela pesada porta que mencionamos, e com a sala dos assentos por uma porta perfurada por um olho mágico cuja treliça desaparecia sob espessas camadas de poeira.

Agora, esta adega era a antecâmara das adegas do Mestre Landry.

No fundo havia um alçapão que era fechado por uma tampa com argola de ferro.

Pardaillan, ainda seguido por seu fiel Pipeau, desceu as escadas que levavam ao 304

porões, inspecionou-os cuidadosamente e, não notando nada de anormal, voltou a se instalar no armário escuro, deixando o alçapão dos porões aberto.

Vamos deixá-lo à facção voluntária que ele se impôs e voltaremos ao grande salão da pousada.

Lá, por volta das nove horas, apareceram três homens muito embrulhados, usando penas vermelhas em seus bonés.

Lubin correu para encontrar esses personagens misteriosos e os conduziu ao salão de banquetes.

Dez minutos depois, dois outros cavaleiros, e finalmente três novos, todos com uma pluma vermelha em seus chapéus, entraram no *Devinière* e foram conduzidos por Lubin, que então murmurou:

– Oito penas vermelhas. A conta está lá!

Nesse momento, um monge de barba branca, olhos maliciosos e rosto corado, por sua vez, cruzou a soleira.

– Irmão Thibaut, exclamou Lubin, disparando para 305

encontro com o monge.

“Meu irmão”, disse este em voz baixa, “chegaram nossos oito poetas?

"Eles estão lá", respondeu Lubin, apontando para o salão de banquetes.

- Muito bem. Então, por favor, ouça-me, meu querido irmão. São coisas sérias. Você entende. São poetas estrangeiros que vêm discutir com os nossos.

“Mas, meu irmão, como você se envolve em questões de poesia?

“Irmão Lubin”, disse o monge severamente, “se nosso reverendo e venerável abade, Mons. Sorbin de Sainte-Foi, permitiu que você deixasse o convento para vir festejar e festejar nesta estalagem...

- Irmão ! ah! irmão Thibault!...

– Se o reverendo, com pena de sua sede inextinguível, lhe deu uma prova tão extraordinária de sua clemência, não é que ele esteja tolerando além disso o pecado mortal da curiosidade!

306

“Estou calado, meu irmão!

– Você não tem perguntas a fazer. Caso contrário, você volta para o convento!

- Misericórdia ! Eu juro para você, meu irmão... meu excelente irmão...

- É bom. Agora, ponha-me uma mesinha ali, bem na frente da porta desta sala, porque sinto um pouco de apetite.

Assim dizendo, o irmão Thibaut assumiu um rosto menos severo; seus olhos se suavizaram e ele passou a ponta da língua pelos lábios.

“Como você está feliz, irmão Lubin! ele não pôde deixar de murmurar.

"O que devo lhe dar para o jantar, meu querido irmão?"

– O mínimo: meio frango, uma frigideira do Sena, um patê, uma omelete e geleias, com quatro garrafas de vinho Anjou... Antigamente, irmão Lubin, eu teria pedido seis! Infelizmente! estamos ficando velhos...

O monge, portanto, instalou-se em frente à porta, de 307

para que ninguém pudesse entrar sem sua permissão.

Quando Lubin trouxe à mesa os elementos da modesta refeição solicitada pelo irmão Thibaut, este continuou:

“Agora, irmão Lubin, ouça-me com atenção.

Você conhece o beco que leva ao armário escuro? Agora, você vai ficar de sentinela na porta deste corredor, na rua, até eu soltar você.

Lubin, que viu desaparecer todos os seus sonhos gastronômicos e bacanais, soltou um suspiro que teria abrandado um tigre. Mas o irmão Thibaut não pareceu notar.

'Se alguém quiser entrar no corredor', ele continuou, 'você vai se opor a isso. Se esse alguém persistir, você dará um grito de alarme. Vá, meu querido irmão, depressa...

Lubin foi forçado a obedecer.

Então,

irmão

Thibaut

atacado

conscientemente seu meio-frango.

As nove e meia soaram.

Neste momento, seis novos personagens fizeram 308

sua entrada na pousada.

– Aí vêm os incrédulos! rosnou o irmão Thibaut.

Eu sou como o irmão Lubin, eu. Não entendo por que me obrigam a manter a porta aberta para fabricantes de Phébus como esse Ronsard, esse Baïf, esse Rémy Belleau, esse Jean Dorat, esse Jodelle e esse Pontus de Thyard!...

Resmungando assim, o irmão Thibaut olhou sucessivamente para os seis poetas e se afastou para deixá-los entrar no salão de banquetes.

Escusado será dizer que a chegada dos poetas e o seu desaparecimento passaram despercebidos. E para obter um relato exato dessa cena, nosso leitor deve imaginar o grande salão do *Devinière .*

cheio de soldados, escolares,

aventureiros, senhores; aqui e ali, alguns palavrões: no meio da sala, um boêmio fazendo prestidigitação; as gargalhadas, as canções, os gritos de bebedores pedindo vinho, hipócratas, hidromel, o barulho de potes de estanho e copos batendo juntos; finalmente tudo 309

a agitação de uma taverna bem abastecida no minuto em que o toque de recolher está prestes a tocar, a pousada está prestes a fechar e as pessoas correm para tomar um último drinque.

Os seis poetas da Plêiade (Joachim du Bellay, o sétimo, morreu em 1560) entraram, portanto, sem despertar a menor curiosidade, e entraram no salão da festa.

Lá, Jean Dorat parou seus colegas com um gesto e disse a eles:

– Então aqui estamos, mais uma vez, unidos na celebração dos nossos mistérios. Posso dizer que estamos aqui a flor da poesia antiga e moderna, e que nunca uma assembléia de doutores mais orgulhosos na arte sublime foi mais digna de subir o Parnaso para saudar os deuses tutelares de lá. Você Pontus de Thyard com seus *erros amorosos* e sua *fúria poética* ; você, Étienne Jodelle, senhor da tragédia, com sua *Cleópatra* e seu *Dido* ; você, Rémy Belleau, lapidário cintilante de *Pedras gemas mágicas* evocativas de ametista e ágata, safira e pérola; você, Antônio 310

Baïf, o grande reformador do ditongo, o prestigioso autor dos sete livros do *Amor* ; e eu, enfim, eu, Dorat, que não ousa me citar depois de tantas glórias, aqui estamos reunidos em torno de nosso mestre de tudo, mestre do antigo, mestre do presente, o grande e definitivo poeta que aproveitou o grego e o latim para forjar uma nova língua, o filho de Apolo que, desde os tempos longínquos em que lhe ensinei, no Colégio Coqueret, a arte de falar como os deuses falavam, me superou em cem côvados, e nos esmaga sob o peso de suas *ondas* , seus *Amores* , sua *Bocage Real* , suas *Máscaras* , suas *Éclogas* , suas *Alegrias* , seus *Sonetos* e suas *Elegias* ... Mestres, prostremo-nos diante de nosso mestre, Sir Pierre de Ronsard!...

Acreditamos que devemos aqui destacar que Jean Dorat se expressou em latim com uma facilidade e exatidão que comprovavam seu perfeito conhecimento dessa língua1. Os poetas 1 Observaremos também que mesmo quando se expressavam em francês, no vernáculo, esses poetas em particular, e os diversos personagens de nossa história em geral, usavam muitos termos que traduzimos como "modernos".

curvou-se diante de Ronsard, que aceitou esta homenagem com majestosa simplicidade.

Ronsard, que era mais surdo do que o sineiro de Notre-Dame, não ouvira uma palavra da arenga. Mas como muitos surdos, ele não admitiu sua enfermidade.

Foi, portanto, no tom mais natural que ele respondeu:

– Maître Dorat acaba de dizer algumas coisas maravilhosamente precisas com as quais concordo plenamente.

- *Nunc é bibendum* ! Agora temos que beber! exclamou Pontus, que gostava de provocar o ilustre surdo.

Conforme as coisas progridem. A partir daí, muitos anacronismos na boca de nossos heróis. Mas tivemos que escolher entre a cor local e a claridade; não hesitamos. Como dissemos de nossos trabalhos anteriores, visamos apenas dar ao leitor uma ideia do estado de nossos personagens e, consequentemente, das cenas e costumes da época em que eles evoluem. O resto só tornaria a narrativa mais pesada. Além disso, apressemo-nos a acrescentar que não temos outra pretensão senão interessar o leitor em alguns episódios dramáticos de tempos que já não existem. (Nota do Sr.

Zevaco.)

- Obrigado meu filho! disse Ronsard com um sorriso gracioso.

Jean Dorat, com uma emoção imperceptível de ansiedade, então retomou:

– Senhores, falei com vocês há uma semana sobre aqueles poucos ilustres estrangeiros que desejam assistir à celebração de um de nossos mistérios.

– São poetas trágicos? perguntou Jodel.

- De jeito nenhum. E mesmo eles não são poetas.

Mas respondo que são pessoas honestas. Eles me confiaram seus nomes sob o sigilo.

Mestre Ronsard aprova sua admissão. E já não toleramos a presença de estranhos entre nós mais de uma vez?

“Mas se eles nos traírem? observou Remy Belleau.

"Eles juraram silêncio", respondeu Dorat rapidamente. Além disso, senhores, eles partem amanhã, é provável que nunca mais voltem a Paris.

Pontus de Thyard, que comia e bebia 313

elite, Pontus que foi chamado de "Grand Pontus"

por causa de seu tamanho hercúleo, mas que sempre fingiu acreditar que esse epíteto se dirigia à grandeza de seu gênio, Pontus disse então:

– Pessoalmente, acho que jantamos de mau humor e digerimos mal quando...

“Esses nobres estrangeiros não comparecerão ao nosso ágape! interrompeu Dorat. Por fim, direi que somos suspeitos, e que justamente a presença entre nós de convidados ilustres, a cujo depoimento poderíamos apelar, serviria apenas para provar a inocência de nossos encontros. Além disso, vamos votar!

As votações, nesta reunião, eram feitas à maneira dos romanos que, no circo, exigiam a vida ou a morte do belado vencido. Para dizer sim, levantamos nossos polegares; para dizer não, nós abaixamos.

Com uma satisfação viva que ele escondeu, Jean Dorat notou que todos os polegares estavam levantados no ar, mesmo o de Ronsard, que não ouvira uma palavra da discussão.

314

Em seguida, os seis poetas cantaram uma canção bacanal em coro. E foi aos acentos desta canção (que lamentamos não poder dar aqui, pois não chegou até nós) que entraram na sala dos fundos onde já estavam os oito estranhos de penas vermelhas.

Eles estavam sentados em duas filas, como pessoas que vieram a um show.

Todos estavam mascarados.

Os seis poetas pareciam não tê-los visto.

Assim que eles entraram, seu canto bacanal (provavelmente uma espécie de *Gaudeamus igitur*) se transformou em um canto bizarramente rítmico que deve ter sido uma invocação.

Ao mesmo tempo, eles se enfileiraram em uma única fila em frente ao painel no fundo da sala que dava para a porta do armário escuro por onde eles entraram nos porões. Foi contra esta porta que se sentaram os oito espectadores mascarados.

Imediatamente, Jean Dorat abriu a porta de um vasto 315

armário que ocupava todo o painel.

Este armário escavado profundamente na forma de uma alcova.

E foi isso que os oito espectadores viram.

Na parte de trás desta alcova havia uma espécie de altar antigo. Este altar, que era de granito rosa, assumiu a forma primitiva e rudimentar das grandes pedras que, antigamente, no tempo dos mistérios, eram usadas para os sacrifícios. Mas sua base era decorada com esculturas e medalhões gregos; um desses medalhões representava Febo ou Apolo, deus da poesia; em outra, era Ceres, deusa das colheitas: uma terceira figurava Mercúrio, deus do comércio e dos ladrões, na verdade, deus da engenhosidade.

Ao pé do altar, uma grande pedra também decorada, e cavada com canal.

Na frente, um incensário, sobre um tripé alto de ouro ou dourado.

No altar, busto de cabeça estranha, careta de sorriso largo, orelhas peludas, 316

cabeça de Pan, do grande Pan, soberano da natureza, para os iniciados.

À esquerda e à direita do altar pendiam túnicas brancas e coroas de folhagem.

Finalmente, por um incrível mas verdadeiro capricho ou talvez por uma mistura de paganismo e religião cristã da qual certamente foi banido qualquer espírito de profanação, ou talvez finalmente por um descuido singular, atrás do altar, um pouco à esquerda, pendurado no parede, sem dúvida muito surpreso ao encontrá-lo ali, era uma iluminação representando a Virgem esmagando uma cobra!...

Devemos completar este estranho quadro dizendo que à direita do altar havia um anel de ferro dourado, e a este anel estava preso um bode, um bode real, muito vivo, um bode coroado de flores, folhas cobertas, e que , no momento, estava pacificamente ocupado folheando as ervas perfumadas espalhadas à sua frente.

Mal se abriu a porta da alcova 317

que Jean Dorat entrou, tirou as túnicas brancas e as coroas e estendeu-as aos amigos.

Em um instante os seis poetas estavam vestidos como sacerdotes de algum templo em Delfos e coroados com folhagens e flores entrelaçadas.

Então eles se colocaram à esquerda do altar e começaram, em grego, um dístico modulado em música primitiva; terminado o dístico, evoluíram em fila e chegaram a situar-se à direita do altar onde teve lugar, na mesma música, a retomada de um segundo dístico, figurando sem dúvida a antístrofe, enquanto o primeiro figurava a estrofe.

Então, de repente, tudo ficou em silêncio.

Ronsard avançou em direção a um incensário e jogou dentro dele o conteúdo de uma caçarola que acabara de tirar do altar. Imediatamente, uma leve fumaça branca subiu no ar, enchendo a alcova da sala com um cheiro sutil de mirra ou canela.

Então houve um refrão em um canto mais lento.

Então tudo ficou quieto novamente.

Ronsard curvou-se para o busto carrancudo, erguendo as mãos acima da cabeça, com as palmas abertas voltadas para cima. E ele pronunciou esta invocação!

– Panelas, agipans e faunos! Sátiros e Dríades!

Oréades e napées! Todos vocês, gentis habitantes das florestas, vocês que entre as madressilvas, à sombra das faias e dos carvalhos, bolam e pulam na grama! Vocês silvestres amigos das árvores, que vivem livres, orgulhosos e zombadores, longe de médicos e confessores, longe de pedantes malévolos por quem a existência é tão amarga, por que não posso me misturar em seus jogos inocentes! Oh

dríades amáveis, e vocês faunos sorridentes, oh!

quando posso, também, debruçar-me sobre o mistério das fontes límpidas e, chafurdando entre os perfumes das florestas, ouvir a folha que cai, o esquilo que toca e a música infinita dos grandes ramos agitados pelos ventos? ! Quando poderei fugir dos homens das cidades, da corte enganosa, dos padres odiosos, dos bispos que com suas cruzes sonham derrubar os inocentes,

os cortesãos, pálidos impostores, os reis que sugam a medula do povo, os homens de armas que andam de arcabuz na mão e escuridão no coração, procurando alguém para massacrar! Ó Pan, ó Natureza! é para ti que vão os sonhos do pobre vermífugo! és tu quem meu espírito adora, ó criador Pan, protagonista de fecundações perenes, amor, doçura, Vida, ó Vida materna insultada pelos pensamentos mortais dos homens!

Receba os desejos dos poetas, ó Pan! Receba nossos espíritos em seu vasto seio! E já que estamos proibidos de ir até você, deixe sua alma penetrar em nossas almas! Inspira-nos a amar os espaços abertos, as sombras solitárias, as fontes farfalhantes, oh Pan, o amor do amor, da amizade, da natureza, da Vida! E aqui receba nossa modesta homenagem! Que o sangue deste bode te agrade e te torne favorável aos nossos sonhos!

Que o sangue deste ser que te é querido flua como oferenda expiatória, em vez do sangue dos homens como oferenda aos pensamentos mortais dos sacerdotes! Deixe fluir alegremente como o vinho fluirá em nossas taças enquanto bebemos para sua glória, para sua glória pacífica, oh Pan! a sua beleza 320

soberana, ó Natureza! ao teu poder eterno, ó Vida! à vossa juventude secular, ó napées e oréades, ó sátiros e dríades!...

Então, enquanto o coro, em ritmo maior, retomava seu canto, enquanto Ronsard derramava novos perfumes sobre as brasas do tripé, Pontus de Thyard, que era o colosso de Pléiade, avançava, levava sobre o altar uma longa faca com cabo de prata, agarrou o bode pelos chifres e o conduziu até a pedra escavada por uma trincheira.

No momento seguinte, um pouco de sangue fluiu para a sarjeta.

- Evohe! gritaram os poetas.

A cabra não tinha sido abatida como se poderia supor. Pontus contentara-se em sangrar-lhe o pescoço, para cumprir o rito indicado por Ronsard.

Soltado, o bode sacudiu-se rapidamente e voltou a pastar em sua grama. Ao mesmo tempo, os poetas se livraram de suas túnicas brancas, mas mantiveram em suas cabeças seus 321

coroas de flores.

A porta da alcova foi fechada de repente.

E os poetas, atacando o canto bacanal que servira de entrada para essa estranha cena do paganismo, enfileiraram-se e desapareceram no salão da festa, onde imediatamente se ouviu o choque dos copos, o barulho das conversas e as gargalhadas .

“Aqui estão grandes loucos, ou filósofos dignos! resmungou o Chevalier de Pardaillan.

Nossos leitores não esqueceram, de fato, que o cavaleiro havia entrado no gabinete escuro, pronto para correr para o alçapão do porão ao menor perigo de ser descoberto.

Depois que os poetas desapareceram, os oito mascarados se levantaram.

“Sacrilégio e profanação! rosnou um deles, tirando a máscara.

– Bispo Sorbin de Sainte-Foi! murmurou Pardaillan, que abafou uma exclamação de surpresa.

322

"E estou sendo forçado", retomou Sorbin, "a testemunhar tais infâmias!" Ah! a fé vai embora.

A heresia está nos sufocando! É hora de agir!... E este Ronsard recebeu os benefícios de Bellozane e Croix-Val! e o convento de Évailles!...

"O que você quer, senhor! gritou outro, que também tirou a máscara. Dorat é um de nós. Ele nos cobre. Ele está monitorando esta reunião. Onde você quer ir ? Sua casa?

Em uma hora estávamos todos presos. Em todos os lugares, o reitor está vigiando. Aqui estamos em perfeita segurança!

E, no homem que acabara de falar assim, Pardaillan reconheceu Cosseins, o capitão da guarda do rei!

Ele não estava no fim de suas surpresas.

Porque os outros seis, por sua vez, se desmascararam, reconheceu com espanto o duque Henri de Guise e seu tio, o cardeal de Lorraine!

Quanto aos últimos quatro, ele não os conhecia.

323

“Não nos preocupemos”, disse o Cardeal de Lorena, “com a comédia desses poetas. Mais tarde, veremos como sufocar essa nova heresia...

Mais tarde, quando formos os mestres.

Cosseins, você estudou as instalações?

- Sim, meu senhor.

"Você diz que estamos seguros lá?"

- Na minha cabeça !

"Bem, senhores, vamos falar sobre nossos negócios", disse o Duque de Guise em tom de autoridade.

Acalme-se, Bispo, os tempos estão próximos. Quando houver um rei digno desse nome no trono da França, você se vingará. Jurei a você que a heresia seria exterminada; você vai me ver no trabalho.

Agora os conspiradores ouviam o jovem duque com um respeito exagerado que teria parecido estranho para quem não conhecesse o objetivo dessa conspiração.

- Onde estamos ? retomou Henri de Guise.

Fale primeiro, tio.

“Eu”, disse o Cardeal de Lorraine, “fiz o 324

pesquisas necessárias, e agora posso provar que os capetianos eram usurpadores, e que aqueles que os sucederam apenas perpetuaram a usurpação. Por Lother, Duque de Lorraine, você é descendente de Carlos Magno, Henrique.

"E você, marechal de Tavannes?" disse Henri de Guise baixinho.

“Tenho seis mil infantes prontos para marchar”, disse o marechal laconicamente.

"E você, marechal de Damville?"

Pardaillan começou. Marechal de Damville! aquele que ele havia resgatado das mãos dos bandidos! Aquele que lhe dera Galaor!...

"Tenho quatro mil arcabuzeiros e três mil homens de armas a cavalo", disse Henri de Montmorency. Mas quero lembrá-lo das minhas condições.

"Veja se eu os esqueço", disse Henri de Guise com um sorriso.

É isso ?

325

Henri de Montmorency fez uma reverência.

E Pardaillan viu brilhar em seus olhos uma chama rápida de ambição ou ódio.

"Sua vez, Monsieur de Guitalens!" retomou o Duque de Guise.

“Quanto a mim, na qualidade de governador da Bastilha, meu papel foi definido para mim. Traga-me o prisioneiro em questão, e eu respondo que ele não sairá vivo.

Quem era o prisioneiro em questão?...

"Sua vez, Cosseins!" disse Henrique de Guise.

“Eu respondo pelos guardas do Louvre. As empresas são minhas. Ao primeiro sinal, agarrei *-o , coloquei -o* numa carruagem e levei *-o* ao Sr. de Guitalens!...

– Para você, M. Marcel1.

“Eu, Mestre Le Charron, me suplantei em minha posição como Reitor dos Mercadores. Mas eu tenho as pessoas comigo. Da Bastilha ao Louvre, todos os quarteniers e dez décadas estão prontos para fazer 1 Que nossos leitores tomem o cuidado de não confundir com Étienne Marcel. (Nota de M. Zévaco.)

326

marchar com seus homens quando eu quiser.

“Sua vez, bispo.

“Amanhã”, disse Sorbin de Sainte-Foi, “começo o grande sermão contra Carlos, protetor dos hereges. Amanhã, deixo meus pregadores, e os púlpitos de todas as igrejas em Paris começam a trovejar.

Henri de Guise permaneceu pensativo por um momento.

Talvez, no momento de se lançar nessa série de conspirações que culminariam na sangrenta tragédia de Blois, ele ainda hesitasse.

"E o Duque d'Anjou?" O que faremos com ele?

perguntou Tavannes de repente. E o Duque d'Alençon?

"Os irmãos do rei!" murmurou Guise, começando.

- A família é amaldiçoada! respondeu Sorbin de Sainte-Foi duramente. Vamos primeiro bater na cabeça; os membros estão apodrecendo!

“Senhores”, disse Henri de Guise, “cada dia tem sua própria tarefa. Nós nos vimos. Agora sabemos em que estamos 327

podemos confiar para realizar nosso grande trabalho. Em breve sairemos do período preparatório para entrar no período de ação.

Senhores, podem contar comigo...

Todos ouviram e absorveram ansiosamente suas palavras.

"Conte comigo", retomou Guise, "não apenas para a ação, mas para o que deve seguir a ação. Um pacto me liga a cada um de vocês; Eu vou segurá-lo religiosamente. Eu lhe dou licença para prometer a cada um de seus administradores o que melhor lhe convém de acordo com sua ambição e de acordo com a ajuda que ele pode nos trazer: Eu cumprirei suas promessas. Os tempos estão próximos. Você receberá a senha. Até lá, que todos retomem suas ocupações normais. Agora, cavalheiros, vamos seguir nossos caminhos separados. Quanto menos estivermos juntos, menos será possível suspeitar de nós.

Então todos, um após o outro, vieram beijar a mão de Guise, uma homenagem real que o jovem duque aceitou como uma coisa verdadeiramente natural.

Então eles saíram, espaçando-se alguns 328

minutos.

Henri de Guise e o Cardeal de Lorraine foram os primeiros a entrar no gabinete escuro.

Cosseins puxou os ferrolhos da porta que dava para o beco.

Do outro lado do beco, Lubin ainda estava de sentinela.

Depois foram Cosseins, Tavannes e o bispo juntos.

Então o ex-reitor Marcel saiu com o governador da Bastilha, Guitalens.

Finalmente, Henri de Montmorency, deixado sozinho, foi embora por sua vez.

Então o alçapão do porão se abriu e a cabeça de Pardaillan apareceu. O cavaleiro estava um pouco pálido pelo que acabara de ver e ouvir.

Era um segredo formidável que ele acabara de ouvir, um daqueles segredos que matam sem remissão. 329

o colapso de uma casa, Pardaillan estremeceu ao se sentir senhor – ou escravo! – de tal sigilo. Ele flexionou os ombros como um atleta que de repente recebe um golpe muito forte. E ele considerou a solução assustadora.

Ou o Duque de Guise saberia que a cena de La *Devinière* teve uma testemunha.

E, portanto, esta testemunha era um homem morto!

Pardaillan não temia a morte vista cara a cara, com uma boa lâmina na mão. Mas o que ele temia era viver doravante na companhia desse convidado sinistro que se chama Terror! Cada esquina seria uma emboscada! Cada pilar seria uma emboscada! O pão que ele comeria conteria um daqueles venenos implacáveis que Catarina de Médici trouxera da Itália! Chega de vagar livre! Chega de lambidas francas: morte por toda parte, morte sorrateira, covarde, que espreita nas sombras!

Ou Guise e os conspiradores não saberiam de nada...

E então, o que fazer? Ele Deve Assistir, 330

espectador impotente, para a tragédia que se preparava? Não ! mil vezes não! Um ódio veio a ele contra esses conspiradores... Pardaillan não gostava do rei... Ou melhor, ele não sabia disso...

Carlos IX era indiferente a ele. Quem quer que fosse o rei da França, ele era seu próprio rei... Mas realmente, essas pessoas pareciam muito vis para ele! O que ! Este Cosseins, capitão dos guardas! Este Guitalens, governador da Bastilha! Este Tavannes, Marechal! Este Montmorency, outro marechal!

Todos, todos, deviam ao rei seus lugares, seus empregos, suas honras... Todos faziam parte de sua corte, elogiavam-no, adulavam-no! E por trás queriam bater nele. Parecia-lhe uma coisa extremamente feia, ele que instintivamente tinha um culto ao belo gesto!

Então, o quê?... Denunciá-los?... Nunca, ah!

nunca isso, por exemplo! Ele não era o homem para um trabalho tão sujo.

Esses pensamentos passaram pela mente do cavaleiro.

Ele empurrou os ombros como 331

livrar-se de um fardo.

E como a contemplação não era sua praia, ele cuidadosamente cobriu o rosto com o casaco e correu pelo corredor, no momento em que Lubin estava indo em sua direção para fechar a porta deixada aberta por Montmorency.

Lubin, a quem o irmão Thibaut havia palestrado, sabia que oito personagens, oito poetas, tinham que sair pelo corredor. Ele havia contado, muito feliz com a ideia de fazer companhia ao irmão Thibaut.

- Olá ! ele chorou ao ver esse nono personagem que perturbou seu cálculo, o que você está fazendo aqui?

Mas o espanto de Lubin mudou instantaneamente para terror.

Pois ele mal tinha acabado de falar quando recebeu um tapa violento, que o deixou de corpo inteiro no corredor. Pardaillan pulou agilmente sobre o Lubin gemendo, e imediatamente se viu na rua.

332

XVII

O tigre à espreita

Naquela época, a Hôtellerie de la *Devinière* foi fechada. Feche também as lojas vizinhas. As casas dormiam, as tampas das janelas bem fechadas. A rua era uma solidão escura. O silêncio era profundo.

Só que, ao longe, às vezes passava pela lanterna de um burguês que acabava de visitar algum vizinho.

Você tem que imaginar uma rua dessa hora, à noite.

As casas desalinhadas, transbordando ou reentrando por ângulos inesperados, os telhados pontiagudos, as torres e os cata-ventos que rompem o céu escuro, o alinhamento dos signos que, como alabardas de duas fileiras inimigas, eriçam-se de uma ponta à outra , o 333

terminais cavalheiros espaçados como fantasmas de plantão, as fachadas com vitrais em cujos contornos góticos a lua desenha, o pavimento sulcado em alguns lugares, seu riacho no meio, envolto em paralelepípedos deslocados, as poças de água, o enorme silêncio, o mesmo para o silêncio do campo, um silêncio do qual a Paris moderna não pode de forma alguma, a qualquer hora da noite, dar uma ideia; de vez em quando, o ruído ritmado de uma patrulha de arcabuzeiros, ou então o clamor de um transeunte atacado por picaretas e, acima de tudo isso, acima de tudo aquela sombra, a sombra de inúmeras igrejas, campanários de conventos, porque o de hoje, com seus três milhões de habitantes, dificilmente tem mais do que a Paris de então, que tinha menos de duzentas mil almas –

e sobre este silêncio, as horas graves, estridentes, solenes, estridentes, imperiosas, rabugentas, lentas, rápidas que caem destes campanários como vozes de bronze que se cumprimentam.

Era preciso ser um cavaleiro corajoso e ousado para se aventurar sozinho pelas ruas, que, a partir do toque de recolher, se tornaram o domínio vasto e inextricável 334

gangsters, mendigos, bad boys, capões, argotiers e francos burgueses. Um senhor daquela época só saía a cavalo, pois as estradas eram fossas de lama fétida; à noite ele nunca saía, exceto com uma escolta e portadores de tochas. Uma dama não podia ir senão em uma liteira. A maioria dos burgueses tinha um cavalo, uma mula ou até um burro para fazer suas compras. Só os pobres pisavam a calçada do rei, o que ainda é um jeito de falar, porque pouquíssimas ruas eram pavimentadas.

Então você tinha que ser um cúmplice sólido, um bandido ou um aventureiro, para se aventurar sozinho à noite, sem luz, a pé, em uma rua de Paris, ou então você tinha que ter algum motivo poderoso.

Henri de Montmorency tomara a rue Saint-Denis sem hesitar.

Sob o manto, ele segurava na mão uma adaga forte e bem manejada.

Caminhou sem pressa, roçando as casas à direita, na direção do Sena.

De repente, ele parou, bateu em um 335

canto escuro, parado contra um poste de amarração.

A vinte passos, vindo em sua direção, ele acabava de distinguir um grupo confuso que, no momento seguinte, emergiu da escuridão e lhe apareceu, composto por quatro pessoas, a pé.

- Bandidos! pensou o marechal de Damville, segurando o cabo de sua adaga na mão.

Mas não. Não poderia ser um bando de bandidos. Esses estranhos tinham aquele andar seguro que indica pessoas em perfeita amizade com o relógio e sua consciência. Eles estavam falando livremente, e o marechal ouviu suas gargalhadas abafadas.

Passaram por ele sem vê-lo.

“Senhores, senhores”, disse um deles neste momento, “não riam. Esta pessoa tem um nome.

"A voz do Duque de Anjou!" – murmurou Henri de Montmorency, embotado.

"E esse nome, meu príncipe?" ecoou outro da gangue.

– Na rue Saint-Denis, chama-se 336

Madame Jeanne, ou a Dama de Preto.

– Nome para dar frio nas costas!

“Concordo, senhores. Mas o que importa o nome da mãe se a filha é bonita. E você consegue pensar em algo mais arrebatador do que essa pequena Loise! Ah! senhores, vocês vão ver a maravilha, e eu quero...

O resto se perdeu em um sussurro abafado.

Mas o marechal não estava mais ouvindo.

Ao ouvir o nome de Jeanne, ele começou violentamente. Ao nome de Loise, abafou um rugido e, quase sem tomar nenhuma precaução, lançou-se em perseguição do duque d'Anjou e sua escolta.

- Joana! Lois!...

Esses dois nomes ressoaram nele como um trovão. Quem era essa Joana?

Quem era essa Loise? Foram *eles* ?... Ah! ele queria saber a todo custo! Deveria interrogar o Duque d'Anjou! Sim ! mesmo que tenha provocado o irmão do rei!...

- Elas ! Oh ! se fossem eles! e porque 337

não seriam eles?

Por um momento, Henri de Montmorency parou, sufocado. O que ! dezesseis anos se foram! E esse nome lançado na noite, esse nome que talvez não o designasse, que talvez se aplicasse a outra pessoa, esse nome desencadeou nele a paixão que julgava extinta.

“Jane! Joana! »

Seria possível que ele a visse novamente, que ele falasse com ela! Seria possível que, viva, ela ainda aparecesse para ele, quando ele pensava que ela estava morta, quando ele esperava ter sufocado o amor do passado sob as cinzas de suas ambições!

Sim. Ele amou. Ele amou como antes. Talvez mais do que antes...

A banda assumiu a liderança.

Em alguns saltos, ele se juntou a ela.

E de repente, um pensamento terrível brilhou entre os pensamentos tumultuosos que assaltaram sua mente, como um raio iluminando de repente um céu carregado de nuvens lívidas.

“Mas se for ela! Se ela está em Paris! Com 338

sua filha!... Se François souber disso!... Se o acaso ou o inferno os colocarem frente a frente!... Se ele souber da minha traição!... Oh! meu irmão diante de mim, como outrora, ali na floresta de castanheiros!... François pedindo-me para prestar contas da impostura!... O que devo dizer?... O que devo fazer?.. . »

Ele enxugou as grandes gotas de suor que escorriam por suas têmporas.

E uma risada silenciosa, uma gargalhada terrível ressoou, condensando os vapores de terror e vingança que lhe subiram à cabeça.

– Então não vou esperar que Henri de Guise se torne rei da França para se tornar o chefe da casa de Montmorency! E como François é demais, que morra!...

Nesse momento, ele viu que a banda havia parado em frente à Hôtellerie de la *Devinière* .

Montmorency – ou Damville, se você quiser dar-lhe o nome pelo qual ele era conhecido – encostou-se a uma parede, sob um toldo, e ali, quase cambaleando, respirando roucamente, ele tentou ver, 339

ele tentou ouvir.

"Maurevert, a chave!" disse a voz do Duque d'Anjou.

“Aqui está, senhor.

"Vamos, senhores!...

Os quatro caminharam em direção à porta da casa que dava para o *Devinière* ...

- Oh ! repreendeu Henri de Damville, diabos, devo saber!

Ele fez um movimento para avançar.

Mas ele parou de repente, abaixou-se sob o toldo...

Na frente da porta, um homem tinha acabado de se levantar de repente. E este homem disse sem zombaria, sem raiva:

“Por Pilatos e Barrabás, senhores! Você está me forçando a desobedecer às ordens do meu pai! Que esta culpa caia apenas sobre você!

"Quem é esse mestre louco?" disse o Duque d'Anjou, recuando três passos.

- Ei! Pardieu, Maugiron, ele é nosso homem 340

em breve!

"É ele mesmo, ou Deus me amaldiçoe!" gritou Maugiron. Oh aquilo ! meu digno proprietário, você monta guarda na frente de sua casa.

"Como você vê, meu querido querido", respondeu Pardaillan. Dia, noite, estou sempre lá! De dia, por medo dos impertinentes que riem.

- E a noite? perguntou Quelus.

– À noite, por medo de ladrões de casa.

- Este ! explodiu o Duque d'Anjou, vamos acabar com isso, senhor patife; saia daí!

– Ah! cavalheiros", disse Pardaillan com voz muito calma, dirigindo-se a Quélus e Maugiron, "recomende que seu lacaio fique quieto, ou ele será tratado, como vocês, amanhã de manhã, no pequeno prado. -aux-Clercs, são você vai se cortar?

- Desgraçado! rugiram os cavalheiros. Não é amanhã de manhã, você vai morrer imediatamente.

Pardaillan desembainhou sua espada.

341

Maurevert, sem dizer uma palavra, correu para a frente.

Mas ele recuou com um uivo de dor e raiva.

O cavaleiro, dizemos, havia desembainhado sua espada com aquele gesto amplo e arrebatador que fez Giboulée assobiar em sua mão. A lâmina descreveu um semicírculo flamejante, caiu para trás como um chicote de aço e cortou a bochecha de Maurevert. Um longo arranhão sangrento descrevia sua marca vermelha naquela bochecha, e Pardaillan, ao mesmo tempo, caindo em guarda, começou a dizer calmamente:

- Já que você quer que seja logo, estou disposto! Mas, por Pilatos! o que meu pai diria se me visse aqui?

Certamente ele me culparia! Ah! senhor, estou desesperado por desobedecê-lo dando-lhe este impulso!

Desta vez foi Maugiron quem gritou e recuou, seu braço direito flácido e soltando a espada.

Quelus, por sua vez, saltou para a frente.

- Parar! veio a voz imperiosa do duque 342

de Anjou. Pare, Quelus!

O duque rapidamente empurrou Quelus para o lado e avançou, desarmado, até Pardaillan, que, baixando a espada, apoiou a ponta dela na ponta da bota.

"Monsieur", disse o Duque d'Anjou, "eu o considero um bom cavalheiro."

Pardaillan fez continência para o chão, mas seus olhos nunca perderam de vista seus oponentes amontoados atrás dele.

“Você disse coisas agora que você se arrependeria amargamente se soubesse com quem estava falando.

"Monsieur", disse Pardaillan, "sua polidez já me faz lamentar." Por mais vil e indigna que seja a conduta de um cavalheiro, é ir um pouco longe chamá-lo de lacaio. Sinto muito, e você me vê todo chateado.

A frase era tão equívoca, tão ambígua, que o duque empalideceu de vergonha. Mas ele estava determinado a ignorá-lo e fingir não dar valor a uma desculpa que era apenas uma nova afronta.

– Aceito suas desculpas, ele disse nasalmente, este 343

o que aconteceu com ele quando ele queria se dar mais majestade do que ele realmente tinha. E agora que nos explicamos honestamente, devo dizer-lhe que tenho negócios nesta casa.

– Ah! ah! Por que você não diz isso imediatamente!... Negócios! Diabo ! Você tem negócios aqui?

“Caso de amor, senhor!

- Eu não fazia ideia, sério!

"Então você vai nos dar passagem grátis?"

- Não ! perguntou Pardaillan calmamente.

– Ah! cuidado, senhor! Diz-se que a paciência do rei é curta. O do irmão dele é ainda mais curto!

Ao falar assim, o Duque d'Anjou procurou endireitar sua figura. Pois ele era bem pequeno e mal chegava ao ombro de Pardaillan. O chevalier fingiu não ter entendido que Henri d'Anjou, na verdade, acabava de tomar seu nome. E, com aquele ar de engenho que assumiu em circunstâncias graves, respondeu:

– Senhor, em nome de toda esta amizade

notícia com a qual você teve a bondade de me honrar, peço-lhe que não insista: você me desobedeceria cruelmente...

A situação estava se tornando ridícula, ou seja, terrível para o Duque d'Anjou.

Ele empalideceu de fúria e, num estremecimento de raiva, levantou a mão.

No mesmo instante, ele sentiu a ponta da espada de Pardaillan em sua garganta. Os três cavalheiros soltaram um grito e, agarrando o duque, arrastaram-no violentamente para trás.

- Carregar! disse Quelus.

- Não ! respondeu o duque, estremecendo de vergonha. Vamos voltar aos negócios, cavalheiros. Maugiron está fora de ação, Maurevert não pode ver.

Quanto a mim, não posso me comprometer decentemente com esse mafioso! Frase, Quelus!

Refrão, meu amigo, voltaremos em número.

E, dirigindo-se a Pardaillan, que, de espada em punho, apoiando a mão esquerda na porta, esperava, imóvel, calado:

- Adeus senhor. Você receberá meu 345

novo...

"Espero que eles sejam bons, senhor!" respondeu o cavaleiro.

Um momento depois, a fita sumiu.

Por mais de uma hora Pardaillan permaneceu no mesmo lugar, ouvindo atentamente, espada na mão.

Ele estava esperando por um retorno ofensivo.

Mas a partir de então a rua permaneceu deserta e silenciosa.

O chevalier, certo de que não haveria mais ataques, pelo menos naquela noite, bateu com o punho na porta baixa de La *Devinière* , mandou abrir a porta e subiu tranquilamente para o seu quarto.

Então, sob o pretexto de mais segurança, ele abriu a janela e lançou um olhar penetrante para a estrada. Mas daquela altura ele não conseguia ver nada, ou se via alguma coisa, era apenas a janelinha oposta para a qual seus olhos se viam invencivelmente atraídos.

A janela estava escura. Loïse e sua mãe estavam dormindo – se você pode chamar de sono

aquela sonolência febril misturada com sonhos que durante anos foram o único descanso de Jeanne de Piennes. Quanto a Loïse, ela dormia profundamente, ainda naquela idade feliz e rapidamente ultrapassada em que os problemas da vida se dissipam como uma visão assim que você fecha os olhos.

Devemos dizer que Pardaillan ficou a princípio horrorizado com o que acabara de fazer. Reconhecera perfeitamente o duque d'Anjou. E agora que o calor da ação havia diminuído, ele entendeu a enormidade de seu ato.

O irmão do rei, herdeiro da coroa, era de fato uma figura popular em Paris.

Durante as grandes guerras que acabavam de ser travadas contra os huguenotes, ele se cobriu de glória. Ele tinha sido colocado na idade de dezesseis anos à frente dos exércitos reais. Ele havia vencido as batalhas de Jarnac e Moncontour1,

ele havia derrotado Coligny, ele havia matado com suas próprias mãos quem sabe quantos hereges. Ele mataria mais de 1 Victory Royale na Terceira Guerra Religiosa (1569).

novamente, isso era certo! Finalmente, ele era a esperança do povo e da religião. Houve, de fato, algumas fofocas para dizer que o marechal de Tavannes havia liderado essas expedições de fato, enquanto o duque d'Anjou as havia liderado apenas de nome. Esses mesmos malandros – há quem denegrir a glória a todo o momento – afirmavam que o irmão de Carlos IX era bom apenas para fazer tapeçarias e jogar bola, suas duas ocupações favoritas, que ele entendia principalmente em questões de toalete, e que de fato de exército ele nunca soubera comandar que o exército dos lacaios, que, maquiado, perfumado, vestido com uma magnificência indecente o escoltava por toda parte.

Mas essas eram apenas palavras de ciúmes. Na realidade, os parisienses, que são grandes conhecedores e nunca cometem erros, aclamaram em voz alta o Duque d'Anjou durante as duas ou três entradas triunfais que ele fez em um maravilhoso traje de cetim, montado em um cavalo branco que empinava e se curvava . Afinal, o cavalo branco e seus arcos teriam bastado para legitimar o entusiasmo popular 348

que desagradou muito Carlos IX.

Seja como for, o Duque d'Anjou era popular.

Pardaillan, atento como qualquer bom parisiense, teve o cuidado de não perder essas entradas triunfais que acabamos de mencionar, e o rosto do duque d'Anjou lhe era familiar.

Então, apesar da noite, ele o havia reconhecido. E, como dissemos, ele ficou horrorizado.

"A algarade é muito estúpida", pensou. Que a praga me sufoque por atacar tal adversário! Se ele me descobrir, estou perdido.

Que mosca estúpida e venenosa me picou? Que necessidade eu tinha de ir e me jogar nas pernas desses senhores dignos? Oh aquilo !

mas então não tenho sentimentos honestos e respeitáveis em meu coração? O que ! nem o menor respeito pelos príncipes! Que minha carcaça seja devorada pelos cães de Montfaucon! O que !

nem a menor reverência pelo irmão de Sua Majestade? Que a maldição do céu torça meu pescoço! Na ausência desses sentimentos tão justos, tão naturais no coração de qualquer bom assunto, eu não poderia, 349

como filho submisso, seguir os preciosos conselhos de meu pai!... Não! Eu tive que ir jogar a coisa altiva, e fazer algumas rodadas da perna! Eu tive que – a quartaine me matar se eu sei por quê – eu tive que, eu digo, atrapalhar a vontade do príncipe! E porque ? Sim porque ? Quem me prova que esse alto personagem tinha rancor contra ela?

Ele não poderia ter negócios nesta casa? Talvez haja um vendedor de bugigangas lá?..."

Mas imediatamente, em uma mudança de coração muito natural nele, Pardaillan, depois de se gratificar liberalmente com vários insultos, pensou que não era hora de ir comprar bugigangas, e que, certamente, os cavalheiros tinham má sorte.

No entanto, ele persistiu em achar sua intervenção incongruente. Notou com amargura que uma espécie de fatalidade o levava a se meter no que não lhe dizia respeito, e que, filho desnaturado, rebelde aos votos sagrados de seu pai, seguia exatamente o contrário de seu sábio conselho, que, por mais 350

ele jurava a si mesmo todas as manhãs observar religiosamente.

O Chevalier de Pardaillan estava longe de ser um tolo. E ele só era ingênuo quando lhe convinha.

Ele pertenceu a uma época cheia de violência, febre, sangue, onde paixões terríveis agitavam as massas populares como se intoxicadas por um veneno sutil, onde a vida humana pouco contava, onde a moralidade, no sentido que atribuímos a essa palavra, era desconhecido, onde todos atacaram e se defenderam da melhor forma que puderam...

Não havia, portanto, nele, como se poderia imaginar, nenhuma comédia sentimental representada em relação a si mesmo. Foi com sinceridade que considerou excelentes os conselhos de seu pai, e com não menos sinceridade que jurou a si mesmo segui-los, e que se injuriava quando desobedecera generosamente.

Essa generosidade de alma que o tornava superior aos seus contemporâneos, ele não sentia.

351

Em vez disso, ele atribuiu suas ações heróicas a uma espécie de mania que ele tinha de desembainhar uma espada, por prazer.

Esse pouco de psicologia foi necessário para acampar esse personagem em sua verdadeira atitude.

Quanto à sua última explosão, ele teve que admitir que nenhuma probabilidade o desculpava. Ele não podia admitir que o duque d'Anjou, o maior personagem do reino imediatamente depois do rei, tivesse escolhido um pobre, obscuro, pequeno trabalhador sem nome.

Finalmente, ele deu de ombros familiar que significava:

- Vamos lá ! o vinho for tirado, terá que ser bebido! E além disso, vamos ver!

Enquanto isso, prometeu a si mesmo ter cuidado e não ir no dia seguinte aos Pre-aux-Clercs, onde tinha um encontro com Quélus e Maugiron.

Servi a um desses cavalheiros da melhor forma que pude, pensou. Quanto ao outro, procurarei uma oportunidade para acertá-lo.

352

Mas, quanto a ir aos Pré-aux-Clercs, isso me jogaria nos braços dos capangas que o Duque d'Anjou não deixaria de apostatar e que me levariam direto para a Bastilha. »

Feliz por ter arranjado as coisas dessa maneira, foi dormir sonhando com Loise.

Lá embaixo, na rua, o marechal de Damville havia presenciado toda a cena sem reconhecer Pardaillan, que ele mal vira naquela noite escura há vários meses, e cujo nome e rosto ele não conhecia.

Sem sair do lugar onde havia parado, ele viu a intervenção repentina do jovem, a partida do duque de Anjou e seus acólitos e, finalmente, o retorno de Pardaillan ao Auberge de la *Devinière* .

Quando teve a certeza de que a rua ficaria tranquila de agora em diante, deixou seu posto de observação e, contornando as lojas fechadas, parou diante da casa onde o duque d'Anjou queria entrar.

Então a questão surgiu novamente nele: 353

"Quem é essa Jeanne? Quem é essa Loise?... Eles! com certeza ! Coincidência para um nome, passe! Mas coincidência para os dois nomes! É possível ? Não não ! são eles!... É ela que está lá!... Oh! Devo conhecê-lo, certificar-me disso!... Voltarei ao dia... Sim, mas e se, até lá, desaparecer?...

Não, eu devo ficar aqui até descobrir!..."

Seus olhos erguidos questionaram, procuraram, esquadrinharam febrilmente o rosto mudo da casa.

Pensamentos turbulentos foram desencadeados dentro dele.

Essa alma violenta, esse espírito sombrio teve sua vigília do crime naquela noite.

Pensamentos de amor, explosão de paixão mal extinta pelo tempo, projetos de ódio contra seu irmão, todos esses elementos colidiram, como as nuvens de tempestade que vêm de todos os cantos do horizonte colidem, e de seu choque formidável veio o estrondo do trovão, brilhou o flash lívido de um pensamento de crime.

354

A noite passou.

O dia amanheceu.

Pouco a pouco, as lojas foram abrindo; a rua ganhou vida; os mascates passaram e viram com espanto aquele homem pálido que mantinha os olhos fixos na casa... duro, tão imperioso, que o alguém se apressou.

Henri de Montmorency não se mexeu.

Às vezes, um arrepio o sacudia.

De repente, lá em cima, uma janela se abriu, a cabeça de uma mulher apareceu por um segundo; mas aquele segundo foi suficiente, Henri de Montmorency abafou um grito... era Jeanne de Piennes!...

355

XVIII

Catarina de Médici

Eram nove horas da noite. Na casa de Pont de Bois, onde já apresentamos nossos leitores, Catarina de Médici e o astrólogo Ruggieri esperavam o Chevalier de Pardaillan que, como lembramos, o florentino havia combinado de se encontrar.

A rainha escrevia numa mesa, enquanto o astrólogo caminhava devagar, vindo de vez em quando para dar uma olhada no que Catarina escrevia, sem tentar esconder essa indiscrição, mas como um homem que tem o direito de ser indiscreto – ou que leva.

Um monte de cartas já lacradas estavam empilhadas em uma cesta.

E Catherine ainda estava escrevendo. Apenas um 356

carta terminada, ela começou outra.

A atividade prodigiosa desta rainha foi assim gasta. Sua mente não teve um minuto de paz. Com uma flexibilidade verdadeiramente surpreendente, ela passou de um assunto para outro quase sem pensar.

Assim, depois de uma carta de oito páginas apertadas em que explicava à sua filha, a Rainha de Espanha, a situação dos partidos religiosos em França e onde lhe pedia que persuadisse o Rei de Espanha a intervir, escreveu a Philibert Delorme, seu arquitecto, por lhe dar indicações de extraordinária lucidez e precisão no Palácio das Tulherias; depois escreveu a Coligny em termos afetuosos para lhe assegurar que a paz de Saint-Germain seria duradoura; depois terminou uma carta para Maitre Jean Dorat; ela então escreveu ao papa, depois ao mestre de cerimônias, para lhe dizer que organizasse uma festa. De vez em quando, e sem se interromper, ela soltava uma palavra breve.

"Esse jovem virá?"

- Definitivamente. Pobre, sem apoio, ele só 357

não quero perder a chance de fazer uma fortuna.

“É uma espada dura, René.

– Sim, mas o que você quer fazer com esse espadachim?

Catherine de' Medici largou a caneta, olhou profundamente para o astrólogo e disse:

– Preciso de homens, René. Grandes coisas estão no ar. Preciso de homens... e acima de tudo preciso de um bom espadachim, como você diz.

– Temos Maurevert.

- É verdade ; mas Maurevert me preocupa. Ele sabe demais agora. E então Maurevert foi atingido em seu último duelo. Seu braço tremeu.

Venha uma circunstância trágica, venha um daqueles segundos terríveis quando o destino de um império repousa sobre uma espada... deixe esta espada tremer por um milésimo de segundo... estar desmoronando... René, o braço desse jovem não está tremendo!

“Ele será nosso, não se preocupe, Catherine.

A rainha selou as últimas cartas que ela 358

apenas escreveu e disse:

– A propósito, René, o hotel que construí para você está pronto. Deram-me as chaves esta manhã.

“Eu vi, minha rainha, eu vi. Contornei pela rue du Four, rue des Deux-Écus e rue de Grenelle. Esta é toda a localização do Hotel de Soissons. Você faz as coisas lindamente.

– O que você diz sobre a torre que eu te fiz construir?

Catarina sorriu.

– Digo que Paris nunca terá visto tamanha maravilha de ousadia elegante. É um sonho, para um homem como eu, poder aproximar-se das estrelas, dominar as ondas dos telhados e do mar, ler mais de perto este grande livro que o Destino traçou sobre nossas cabeças, entrar, assim falar, em um nível nas doze casas celestes, e ter apenas que estender a mão para tocar o zodíaco!...

Mas a mente de Catherine já estava seguindo um 1 Esta é a torre que você ainda pode ver na Bourse du Commerce. (Nota de M. Zévaco.)

359

outra faixa.

“Sim,” ela continuou lentamente, “este jovem será útil para mim. Você tentou, René, estabelecer seu destino pelo conhecimento sublime que você tem das estrelas?

– Ainda faltam vários elementos; mas eu vou chegar lá. Além disso, minha rainha, por que se preocupar tanto com essa querida? Você não tem seus cavalheiros, suas criaturas, suas mulheres?

– Sim, René, tenho minhas cento e cinquenta jovens, e através delas sei o que cento e cinquenta inimigos podem confiar ao ouvido de uma amante: sim, tenho minhas criaturas tão longe quanto Guise, até Béarn ; e por essas criaturas eu conheço os planos daqueles que me querem morto, e em vez de ser morto, sou eu quem mato; sim, tenho meus cavalheiros, e através deles mantenho o Louvre e Paris. Mas eu me desafio, René!...

Ela descansou a cabeça pálida na mão, tão pálida que parecia sem sangue, como a cabeça de um vampiro.

Seu olhar estava perdido na imprecisão.

360

Ela parecia evocar coisas passadas, como um fantasma evoca coisas mortas.

"René", ela disse com uma voz gélida, "eu tinha quatorze anos quando vim para a França. Eu tenho cinquenta. Quanto custa isso?

"Já se passaram trinta e seis anos, Majestade! perguntou Ruggieri espantado.

– Então são trinta e seis anos de sofrimento e tortura, trinta e seis anos de humilhação, de raiva ainda mais terrível que tive que disfarçar sob sorrisos, trinta e seis anos em que fui por sua vez desprezado, ridicularizado, reduzido a o status de servo, e finalmente odiado... mas ser odiado não é nada!... Começou na minha noite de núpcias, René...

- Catarina! Catarina! que bom são essas memórias? disse Ruggieri, franzindo a testa.

- Memórias reacendem o ódio! — disse Catherine de' Medici, embotada. Sim, a longa humilhação começou na noite do meu casamento, e se eu vivesse mais cem anos, nunca esquecerei aquele momento em que o filho de François I, 361

tendo me levado ao nosso apartamento, curvou-se diante de mim e saiu sem me dizer uma palavra... Na noite seguinte e nas outras, foi a mesma coisa...

Quando meu marido se tornou rei da França, a rainha, a verdadeira rainha, não fui eu...

Poitiers1. Os anos se passaram para mim na solidão: um dia soube que Henrique da França queria me repudiar. Tremendo, com raiva no coração, questionei meu confessor sobre as razões que meu marido real poderia apresentar... Sabe o que ele me respondeu?

Ruggieri balançou a cabeça.

Catarina de Médici, lívida como um cadáver, retomou:

“Madame”, disse o confessor, “o rei afirma que você cheira a morte!

Ruggieri estremeceu e ficou pálido.

- Eu cheirava a morte! continuou Catherine de' Medici, retomando sua cadeira.

Voce entende ? Eu era mortal para tudo que tocava... E, coisa terrível, René, parece 1 Diane de Poitiers, favorita real, amante de Henrique II, que mandou construir para ela o Château d'Anet (1499-1566).

que Henrique II estava certo em falar assim...

Quando, empurrado por seus conselheiros, pela própria Diane de Poitiers, cuja generosidade foi para mim o último resquício da fel, o rei resolveu me manter, quando, a pedido dos padres, ele consentiu em me fazer sua verdadeira esposa, quando finalmente tive filhos, ah! René... o que eram essas crianças? François morreu aos vinte anos, após um ano de reinado, de uma terrível doença de ouvido, cuja origem permanece desconhecida.

Só que Ambroise Paré me disse que tinha morrido de podridão.

Catherine parou por um momento, os lábios apertados, a testa franzida.

- Olha Carlos! ela continuou com uma voz mais suave. Crises terríveis o derrubam, e às vezes me pergunto se ele não vai acabar na loucura, no apodrecimento de sua inteligência, como François acabou no apodrecimento de seu corpo. Olhe para o Duc d'Alençon, meu último filho! com seu rosto devastado, não parece ele também marcado por um sinal fatal? Finalmente veja o Duc d'Anjou! (E aqui a voz áspera da rainha levou

uma expressão de ternura que foi surpreendente.) Ele parece vigoroso, não é? Bem, eu que o conheço, que cuido dele, só eu vejo os sinais de debilidade nessa criança incapaz de ligar duas ideias...

E, com uma espécie de raiva contida:

- François está morto. Carlos está condenado.

Henrique, em breve, sem dúvida, subirá ao trono e colocará em sua cabeça fraca uma coroa cujo peso o esmagará. Você vê claramente que eu mesmo devo ser forte para suportar o peso desta Coroa e reinar sobre a França, enquanto Henri se diverte!

Ela se levantou novamente, deu alguns passos ao redor da sala, então, voltando para Ruggieri:

“Reine”, disse ela, “reine finalmente! Não fique mais à mercê desses Guises, desses Colignys, desses Montmorencys que estão competindo pelo poder! René, pense que um dia Guise

teve a audácia de levar para casa as chaves da casa do rei! Pense que eu era quase um prisioneiro na corte! Pense que o maldito Coligny está trabalhando para substituir os Valois por Bourbons! pensar tanto 364

de inimigos que me encheram de ultrajes quando eu estava fraco e sozinho, e pensam que, com dentes e garras, defenderei o bem do meu filho...

- Que ? Ruggieri perguntou friamente.

– Henri, o futuro rei da França! Henri, que sozinho me ama e me compreende! Henri d'Anjou, de quem Charles tem ciúmes, pobre criança! Henri, que acabou de receber a espada do policial! Henri, meu filho, finalmente! Eu entendo o que você quer dizer ! Charles também é meu filho, não é? François d'Alençon também é meu filho?

O que você quer, uma mãe só se sente realmente mãe pelo filho que é realmente seu filho, de acordo com seu coração e sua mente!...

Ruggieri balançou a cabeça novamente, e em voz baixa, como se temesse ser ouvido, embora não houvesse ninguém na casa:

"E o outro, senhora... você nunca fala sobre isso...

Catarina começou. Seus olhos se arregalaram e olharam nitidamente nos olhos do astrólogo.

365

- Esse é o outro? ela perguntou com frieza gelada, o que você quer dizer?

Sob aquele olhar, sob aquela palavra, que parecia a palavra e o olhar de um fantasma, Ruggieri inclinou a cabeça. Realmente, naquele momento, Catarina de Médici, segundo a terrível expressão que usara, cheirava a morte.

“Eu acho,” ela adicionou, “que você não está em seu juízo perfeito. Cuide bem para que nunca uma questão desse tipo ainda lhe escape.

"No entanto, eu devo falar!"

Ruggieri, deixando de lado essas palavras, manteve a cabeça baixa.

E foi nessa atitude que ele continuou:

- Oh ! não tenha medo, senhora, ninguém nos ouvirá; Tomei minhas precauções; estamos sozinhos, e se eu decidir contar-te coisas que, nas minhas noites sem dormir, tive medo de dizer a mim mesmo no pesado silêncio da minha consciência, são apenas horas graves e solenes que podem soar 366

disco da justiça eterna... Se me atrevo a falar, minha rainha, é porque questionei as estrelas, e as estrelas me responderam!

Catarina estremeceu.

O terror congelou este coração firme.

Catarina de Médici, que não estremeceu diante do crime, tremeu diante da ameaça das estrelas.

Certo agora de ser ouvido, Ruggieri continuou, levantando a cabeça:

“Então, senhora, pode ficar tranquila! Então, Catherine, você nunca pensa no outro! Eu, estou pensando nisso. Eu, por muito tempo, só durmo um sono febril. E toda vez que adormeço, Catherine, o mesmo sonho sinistro surge em minha consciência, os mesmos fantasmas vêm se sentar ao lado da minha cama. Eu vejo um homem saindo de um palácio, em uma noite escura, enquanto a esposa, a amante, a mãe finalmente lhe dá um último gesto implacável... esse homem chorou, implorou em 367

em vão... o amante pronunciou uma condenação irrevogável... o homem, portanto, deixa o palácio...

debaixo do casaco, ele carrega quem sabe o quê...

algo que, no entanto, vive, porque geme, reclama, clama por misericórdia... e o homem é impiedoso, porque o homem, uma vez na vida, solta, tem medo da mulher!... Ele vai.. .ele coloca o recém-nascido nos degraus de uma igreja... e depois foge!

Catherine, suas feições duras, seu rosto fechado, imóvel e gélido, murmurou embotado:

– Você esqueceu de uma coisa, René! Você esqueceu o melhor! Já que estamos no processo de evocar esse espectro, evoque-o inteiramente!...

- Não, eu não esqueci! Não, Catarina!

Feliz se eu pudesse esquecer!... Antes de levar o recém-nascido para abandoná-lo, deixei uma gota cair em seus lábios...

só um!... de um licor branco... é isso que você quer dizer, não é?...

- Sem dúvida! Já que, graças a esse veneno, a criança não poderia viver mais de dois meses.

Você foi corajoso, René, você foi estóico... e eu não consegui 368

arrepender-se de tê-lo amado, já que jogou fora a prova do adultério da rainha... Mas de que adiantava, mais uma vez, despertar tais lembranças? É verdade, eu te amei! Você veio em uma hora em que o rei, meu marido, me obrigou a me curvar à sua amante, quando os

cavalheiros da corte me viraram as costas, quando as pessoas encolheram os ombros quando eu falei, quando os próprios servos me esperaram. que Diane de Poitiers havia confirmado minhas ordens. Sozinho, desprezado, humilhado, devorado pela raiva e pelo desespero, um dia vi um lampejo de pena em seus olhos... Fomos um em direção ao outro... Passamos dias falando de Florença e noites falando das estrelas. Você me ensinou sua arte sublime. Você fez mais: me contou os segredos dos Bórgias. Graças a você, René, eu conheci a *acqua tofana* , Graças a você, aprendi a ciência que torna o homem igual a Deus, pois lhe dá o direito de vida e morte.

Aprendi a envolver a morte num anel de engaste, no perfume de uma flor, na folha de um livro, no beijo de uma amante. E a partir de então tornei-me mais formidável que os próprios Bórgias, pois sob o poder de César, I 369

juntou a fortaleza de Alexandre e o sorriso mortal de Lucrécio! É daí que vem minha fortuna, René... Eu devia isso a você. Você recebeu a recompensa que lhe convinha... Você dividiu a cama de uma rainha!...

Catarina de Médici fez esse tipo de confissão aterradora, imbuída de um devaneio sombrio, em voz baixa, como se estivesse falando consigo mesma.

“E agora”, ela acrescentou, “agora que me tornei rainha, agora que um após o outro eu acertei meus inimigos, agora que nas ruínas amontoadas construirei um poder soberano que surpreenderá o mundo, você vem falar para mim do passado...

René, ontem morreu. É o amanhã que conta!

A criança? Por que eu iria parar meus pensamentos sobre esse ser perdido? A criança, sem dúvida, foi apanhada por alguma mulher que o levou embora. E então, como você derramou a semente da morte sobre ele, sem dúvida, depois de dois meses, ele voltou ao nada do qual não deveria ter emergido...

Ruggieri agarrou a mão de Catherine e apertou-a 370

fortemente:

- E se eu estivesse errado? ele disse estupidamente.

Catherine permaneceu imobilizada, muda, com a boca entreaberta como se fosse soltar um grito que se engasgou em sua garganta.

– Se a dose foi insuficiente! Ou se o milagre tivesse acontecido, René continuou. Se a criança vivesse!...

- Xingamento ! rosnou a rainha.

“Ouça, Catherine, escute! Quantas vezes, desde aquela noite terrível, interroguei as estrelas!

E as estrelas sempre me responderam que ele viveu!... Em vão esperei estar errado! Em vão comecei meus cálculos de declinação e conjunção! A mesma resposta implacável me foi dada... ele viveu!...

- Xingamento ! repetiu a rainha em tal tom que Ruggieri sentiu uma gota de suor frio em sua testa.

“Eu não lhe contei sobre isso”, continuou o astrólogo, “guardei o terror, a dor e o remorso para mim mesmo.

Mas agora o silêncio, minha rainha, seria um 371

crime... um crime contra você que permaneceu o ídolo da minha vida!...

No entanto, Catarina de Médici, com aquela força de caráter que talvez a tornasse mais formidável que seus venenos, impôs calma à sua mente. Colocada de repente diante de um evento que poderia ser uma ameaça terrível, ela resolveu considerá-lo friamente. Ela conteve os sobressaltos não de seu coração, que estava petrificado, mas de sua imaginação, que ela dirigiu com firmeza robusta.

"Muito bem", disse ela, "admitamos que a criança viva."

O que isso pode fazer comigo? Ele vive, mas nunca saberá quem é! Ele mora, mas é em algum bairro desconhecido, filho sem nome, enjeitado, pobre com toda a probabilidade. Ele mora, mas nunca saberemos onde ele está, como sempre ele nunca saberá o nome de sua mãe!

“Catherine”, disse Ruggieri, “prepare toda sua coragem: a criança está em Paris, e eu o vi!

- Você viu isso ! rugiu a rainha. Você viu isso ! Ou então ?

372

“Em Paris, eu lhe digo!

- Quando ? Quando ? Mas fale!

- Ontem. !... E antes de mais nada, saiba o nome da mulher que o acolheu, o salvou, o criou...

- Isto é ?

"Jeanne d'Albret!"

– Fatalidade!...

Catarina de Médici se endireitou e deu um passo para trás, como se um abismo se abrisse de repente diante de seus olhos.

O relâmpago caindo a seus pés não poderia tê-la atingido com um estupor mais avassalador.

- Fatalidade! recomeçou, abalada por um estremecimento convulsivo... Meu filho vivo!... A prova do adultério nas mãos do meu implacável inimigo!...

“Ela não sabe, sem dúvida! gaguejou Ruggieri.

- Cala a sua boca ! Cala a sua boca ! ela rosnou. Como foi Jeanne d'Albret quem criou a criança, ela sabe!... Como? Não sei ! Mas ela 373

sabe, eu te digo! Oh ! você vê que ela deve morrer! Você vê que minha segunda visão não me enganou, mostrando-me nela o obstáculo que devo enfrentar! Ah! Joana de Albret!

Não é mais uma questão de você para mim de ambição! Não é mais uma questão de saber se é a sua raça ou a minha que vai reinar... Entre você e eu, é uma questão de vida ou morte!... E é você quem vai morrer!. ..

Depois dessas palavras que lhe escaparam, rouca e sibilante, Catarina de Médici se acalmou aos poucos. Seu peito latejante retomou uma imobilidade de mármore. Seus olhos ardentes se desvaneceram.

Ela voltou a ser a estátua fria... o cadáver que ela parecia estar em repouso...

- Falar ! ela disse então. Quando e como você descobriu?

Ruggieri, quase humilde, apavorado com a fúria que acabava de desencadear, respondeu:

- Ontem, senhora. Eu estava deixando esse jovem...

374

"Aquele que a salvou?"

“Sim, este Pardaillan. Ao sair da hospedaria, fui petrificado por uma espécie de visão que a princípio me surpreendeu: um homem vinha em minha direção. E, coisa assustadora que me fez arrepiar os cabelos, este homem, parecia-me que era eu! Eu mesmo ! Eu que andei contra mim! Mas eu como devo ter sido há vinte e quatro anos! Eu jovem, como se meu espelho de repente devolvesse minha própria imagem, fazendo-me parecer um quarto de século mais jovem...

Ruggieri acenou com a mão sobre os olhos como se quisesse afugentar um fantasma.

- Continue indo ! disse a rainha friamente.

“Meu primeiro pensamento foi que eu estava ficando louco.

A segunda foi cobrir meu rosto. Pois, se este homem me tivesse visto, sem dúvida teria sentido a mesma impressão que eu... Quando voltei do meu estupor, vi-o entrar na hospedaria da qual acabara de sair... Fiquei chateada, Catherine !... Se você tivesse visto como ele parecia triste!...

375

E Ruggieri esperou um momento, esperando talvez captar algum indício de emoção, por mais tênue que fosse.

Mas Catherine permaneceu fria no rosto e na atitude.

“Então”, continuou o astrólogo com um suspiro, “um pensamento terrível passou pela minha cabeça. Lembrei-me de que as estrelas haviam afirmado sua existência para mim e, em meu coração, exclamei: "É ele!" é meu filho! “Ah! Catherine, vou poupá-la de todos os pensamentos que, naquele momento, colidiram dentro de mim... Então pensei em você! Pensei no possível perigo que poderia ameaçá-lo, e tudo desapareceu, tudo! Exceto o desejo ardente de salvá-lo...

Catherine fez esses gestos como se faz para acariciar mastins fiéis.

– Emocionante, voltei para a pousada, subi as escadas, reencontrei o jovem... vi-o entrar neste Pardaillan de onde tinha acabado de sair... coloquei o ouvido na porta. ...

Eu ouvi toda a conversa deles... e desta entrevista, Catherine, veio a prova para mim.

implacável que seja ele! ele é nosso filho!

uma vez coletado, salvo, então criado por Jeanne d'Albret!...

Houve um grande silêncio. Catarina de Médici estava pensando profundamente.

Finalmente, hesitante, ela perguntou:

"E ele... ele suspeita?"

- Não não ! disse Ruggieri rapidamente. Eu respondo.

"Mas o que ele está fazendo em Paris?"

– Ele está a serviço da Rainha de Navarra e, sem dúvida, agora se juntará a ela.

Catherine caiu em sua meditação. O que ela estava fazendo, neste momento em que a existência de seu filho acabava de ser revelada a ela? Que pensamentos agitavam esta mãe!

Teria levado Ariel para adivinhar, para ler aquela mente sombria.

E talvez o anjo ou o demônio que levantou o véu dessa consciência recuasse aterrorizado.

De repente, Catherine de Medici começou.

- Alguém bateu! ela disse com um sotaque de terror que criminosos surpreendidos em seu trabalho sinistro devem ter.

“É o Chevalier de Pardaillan. Marquei-lhe um encontro para as dez horas e as dez horas da torre do palácio.

"O Cavaleiro de Pardaillan!" perguntou Catarina de Médici, passando a mão pela testa polida como um marfim velho. Ah! sim!... Escute, René... por que ele estava indo para Pardaillan?...

Então eles são amigos?...

“Não, senhora, ele estava simplesmente vindo agradecer ao cavaleiro em nome da Rainha de Navarra.

"Então eles não são amigos?" Catarina insistiu.

- Pelo menos, eles se viram ontem pela primeira vez...

Um sorriso lívido deslizou sobre os lábios finos da rainha. Ruggieri estremeceu.

– Vai abrir, René, vai meu amigo... Achei 378

ocupação para este jovem. Você diz que ele é pobre, não é? e orgulhoso? Você me contou isso sobre esse Pardaillan?

“Sim, senhora, pobre até a miséria; orgulhoso ao ponto da loucura.

– Ou seja, capaz de entender tudo e empreender tudo. Abra, René...

- Sra ! senhora ! Que pensamento passa pela sua cabeça!...

- Oh aquilo ! você está perdendo a cabeça? Esta é a terceira vez que o nosso visitante bate à porta!

- Catarina! gemeu Ruggieri... Obrigado! Pena meu filho!...

A rainha estendeu o braço e repetiu:

- Abra!

Ruggieri, sob o gesto dominador, abaixou-se e, cambaleando, obedeceu...

Catherine de' Medici, durante os dois minutos em que permaneceu sozinha, esboçou rapidamente seu plano e compôs o rosto para que, quando o Chevalier de Pardaillan 379

apareceu, ele viu diante dele apenas uma mulher com um sorriso melancólico, mas não mais sinistro, com uma atitude orgulhosa, mas não mais altiva.

Ele se curvou profundamente.

À primeira vista, reconhecera Catarina de Médici.

"Monsieur", disse a última com uma voz que ela sabia fazer se não gentil, pelo menos livre daquela aspereza que às vezes a tornava tão difícil de ouvir; senhor, você sabe quem eu sou?

"Vamos segurar firme", pensou Pardaillan. Ela vai mentir, é hora de mentir como ela. »

E em voz alta ele respondeu:

“Espero que você me dê a honra de me contar, madame.

"Você está diante da mãe do rei", disse Catarina, com majestosa simplicidade.

Ruggieri admirou o tiro. Pardaillan inclinou-se ainda mais e, endireitando-se, permaneceu de pé naquela pose ingênua que lhe convinha maravilhosamente. Catherine o examinou com atenção constante. O cavaleiro tinha 380

seu lindo terno novo que mostrava sua altura.

Ele apareceu em toda a flexibilidade harmoniosa de sua força em repouso. Seu rosto imóvel, sem ansiedade, sem curiosidade, seu olhar de uma estranha firmeza causaram grande impressão em Catherine.

"Monsieur", ela continuou, "o que você fez ontem foi muito ousado e muito bom... Se jogar em tal luta e arriscar a morte para salvar duas mulheres desconhecidas, é admirável...

Catarina esperava a resposta habitual e mentirosa: eu só fiz o que qualquer outra pessoa teria feito... Ela se assustou, ouvindo o cavaleiro responder com sinceridade, sem se gabar:

“Eu sei disso, Majestade.

- É ainda mais bonito que essas duas mulheres não tenham sido nada para você.

“É verdade, Majestade: essas duas senhoras eram completamente desconhecidas para mim.

"Mas você sabe seus nomes agora?"

E, por sua vez, Catarina disse a si mesma:

"Ele vai mentir. »

381

“Sei”, respondeu Pardaillan, “que tive a honra de defender o melhor que pude. Sua Majestade a Rainha de Navarra e um de seus servos.

"Eu também sei, senhor", disse Catherine, atônita. E é por isso que eu queria te conhecer. Você salvou uma rainha, senhor, e as rainhas estão juntas. O que meu primo pode não ter conseguido fazer, eu quero fazer.

Entenda-me, cavaleiro. A Rainha de Navarra é pobre e suas dificuldades são grandes.

No entanto, é certo que você é recompensado.

- Oh ! quanto a isso, tranquilize-se Vossa Majestade: fui recompensado de acordo com meu mérito.

- O que você quer dizer ?

“Por uma palavra que Sua Majestade a Rainha de Navarra teve a bondade de me dizer.

Catarina permaneceu pensativa. Tudo o que este jovem dizia estava imbuído de uma simplicidade tão nobre que ela ficou como que surpreendida. Ela assumiu uma atitude mais melancólica. Sua voz era 382

mais carinhoso.

“Mas”, ela retomou, “meu primo de Navarra não lhe ofereceu um emprego com ela?

- Sim, senhora. Mas tive que recusar.

- Por que ? perguntou Catherine rapidamente.

“Porque é impossível para mim sair de Paris.

“E se eu te oferecesse para entrar no meu serviço, o que você diria? Espere antes de me responder.

Você não quer sair de Paris? Bem, isso é exatamente o que eu lhe perguntaria. Cavaleiro, você que se joga de cabeça na defesa de duas incógnitas, quer ajudar a defender sua rainha?

- O que! Sua Majestade precisa então ser defendida? exclamou Pardaillan sinceramente.

Um sorriso fugaz passou nos lábios da rainha: ela segurava a falha na couraça.

- Sim ! isso te surpreende! ela disse em sua voz mais sedutora. E, no entanto, isto é, cavaleiro! Cercado por inimigos, forçado a vigiar dia e noite pela segurança do rei, passo minha vida em 383

tremer. Você não sabe tudo o que desperta ambições surdas e tramas covardes em torno de um trono...

Pardaillan estremeceu ao pensar nessa trama, cujo segredo surpreendera em La *Devinière* .

“E para me defender”, continuou a rainha, “para defender o rei, para aplacar os alarmes do meu coração maternal, estou quase sozinha. Ah! se fosse apenas sobre mim, como, há muito tempo, eu teria me abandonado aos inimigos que me espreitam. Mas eu sou mãe, infelizmente! E eu quero viver para os meus filhos...

“Madame”, disse o cavaleiro, sem emoção aparente, “não há um cavalheiro digno desse nome que hesitaria em dar-lhe o apoio de sua espada. Uma mãe é sagrada, Majestade. E quando essa mãe é rainha, o que era apenas uma obrigação da humanidade se torna um dever do qual ninguém pode fugir.

"Então você não hesitaria em se classificar entre aqueles cavalheiros muito raros que, tendo piedade da rainha e da mãe, se devotam a mim?"

384

“Sou seu, madame”, respondeu Pardaillan. E se Vossa Majestade me disser como um pobre diabo como eu pode ser útil para ele...

A rainha reprimiu um estremecimento de alegria...

Ruggieri empalideceu e sufocou um suspiro.

“Antes de lhe dizer o que pode fazer por mim”, retomou Catarina de Médici, “quero dizer-lhe o que farei por você: você é pobre, eu o enriquecerei; você é obscuro, terá as honras que um homem como você pode reivindicar. E para começar, o que você diz de um posto no Louvre, com uma renda de vinte mil libras?

“Digo que estou deslumbrado, madame, e que me pergunto se estou sonhando...

“Você não está sonhando, cavaleiro. É dever dos reis e rainhas encontrar ocupação em espadas como a sua.

“Vamos ver a ocupação”, disse Pardaillan, aguçando as orelhas.

Catherine de Medici manteve o 385 por um momento

silêncio. Ruggieri enxugou o suor do rosto. Ele sabia o que a rainha ia perguntar ao cavaleiro.

“Senhor”, disse a rainha, enfatizando o tom triste de suas palavras, “falei-lhe dos meus inimigos, que são os do rei. Sua audácia cresce dia a dia. E se não fosse pelos poucos cavalheiros dedicados de quem falei com você, eu teria ficado impressionado há muito tempo. Agora, vou lhe dizer, senhor, como eu ajo quando vejo um de meus inimigos se aproximando de mim.

Eu primeiro tento desarmá-lo com minhas orações, minhas promessas, minhas lágrimas, e devo dizer que muitas vezes consigo... porque os homens são menos perversos do que dizem...

"E quando Vossa Majestade falhar?" perguntou Pardaillan com uma emoção da qual não era dono.

“Então eu apelo para o julgamento de Deus.

– Vossa Majestade me perdoe... não entendo muito bem...

- Nós iremos ! Um dos meus cavalheiros é 386

devotado; ele vai encontrar o inimigo, desafiá-lo para uma luta justa, matá-lo ou ser morto... Se ele for morto, com certeza será lamentado e vingado. Se ele matar, ele salvou sua rainha e seu rei, nenhum dos quais é ingrato.O que você diz sobre os meios, senhor?

“Digo que peço apenas para desembainhar a espada em campo fechado, madame! Lutar por sua dama ou por sua rainha é uma coisa natural.

"Então... se eu apontar um desses seres malignos...

- Vou provocá-lo! perguntou Pardaillan, endireitando a cintura e eriçando o bigode. Eu iria provocá-lo, se ele fosse chamado...

Ele parou bem a tempo, quando estava prestes a exclamar:

“Se chamava Guise ou Montmorency!...

Um duelo com o Duque de Guise!

Com o pensamento, os olhos de Pardaillan brilharam. Ele se sentiu crescendo. Ele não era mais o cavaleiro da rainha. Ele se tornou o salvador da realeza.

387

“Era o nome dele?” perguntou Catherine, cujas suspeitas foram desencadeadas instantaneamente. Você parou quando estava prestes a dizer um nome.

“Quando eu estava procurando um nome, Majestade! perguntou Pardaillan, recuperando toda a compostura. Quis dizer que não hesitaria, por mais terrível que fosse o adversário, ou por mais alto que fosse –

que é tudo um!

– Ah! você é exatamente como eu esperava de você!

gritou a rainha. Chevalier, estou encarregado de sua fortuna, ouviu? Mas não vá, com muita generosidade, comprometer sua vida...

A partir deste dia, você me pertence e não tem mais o direito de ser imprudente.

“Eu não entendo, senhora.

"Ouça", disse Catherine lentamente, sondando, por assim dizer, palavra por palavra, a mente do cavaleiro; me escute com atenção... Um duelo é uma coisa boa... mas existem mil maneiras de lutar... Oh! Certamente, ela acrescentou, olhando diretamente nos olhos de Pardaillan, eu não o aconselharia... a esperar pelo inimigo... um 388

noite... na curva de alguma rua... e bater nele até a morte... com um bom golpe de punhal... não, não, ela concluiu rapidamente, eu não te aconselharia a fazer isso!

“De fato, senhora”, disse Pardaillan, “seria um assassinato. Eu, luto dia ou noite, mas cara a cara, espada contra espada, peito contra peito. É do meu jeito, Majestade. Perdoe-me se não for o certo.

- É assim que eu ouço! Catherine apressou-se a dizer. Mas de qualquer forma, a prudência pode ser combinada com a coragem, e como não se pode pedir que você seja corajoso, já que você é a própria coragem, recomendo que seja prudente...

isso é tudo.

“Só me resta saber com qual inimigo devo me medir”, retomou Pardaillan.

"Eu vou te dizer", disse a rainha.

Ruggieri, com um gesto, tentou uma tentativa suprema. Suas mãos se juntaram em Catherine enquanto seus olhos eloquentes clamavam por misericórdia.

A rainha olhou para ele.

Ruggieri deu um passo para trás, abaixando a cabeça.

"Vamos segurar firme", pensou Pardaillan.

Obviamente, é o Duque de Guise. Pare Guise, impossível! E, no entanto, Guise conspira.

Ela sabe disso como eu, sem dúvida. Um duelo com Henri de Guise! Que honra para Giboulée!...”

"Monsieur", disse a rainha de repente, "ontem você recebeu uma visita...

- Recebi vários, senhora...

“Quero dizer este jovem que veio até você da Rainha de Navarra. Este, senhor, é um daqueles inimigos implacáveis de que lhe falava, talvez o mais amargo, o mais terrível de todos, porque age nas sombras e só ataca com certeza. Este me assusta, senhor... não para mim, infelizmente! Sacrifiquei minha vida... mas por meu pobre filho... por Charles... seu rei!

Pardaillan tinha, por assim dizer, se recomposto.

Seu sonho de uma luta heróica contra um senhor poderoso, valente acima de tudo, de um duelo onde ele era o campeão de uma rainha e uma mãe, esse sonho estava se esvaindo, e ele vislumbrou realidades sombrias.

Sua sobrancelha franziu. Seu bigode se eriçou.

Então, de repente, suas feições relaxaram e seu rosto retomou aquela imobilidade, aquele sorriso vago, com uma ironia desdenhosa no canto dos lábios.

"Você hesitaria, meu caro senhor?" perguntou a rainha, surpresa com seu silêncio.

E o tom de sua voz tornou-se tão ameaçador que o cavaleiro, mais do que nunca, sentou-se, eriçado.

- Eu não hesito. Majestade, disse ele.

- Tudo em bom tempo ! exclamou a rainha, cuja voz retomou imediatamente toda a sua doçura acariciante. Não esperava menos de um cavaleiro andante como você, de um valente que percorre o mundo colocando seu braço à disposição das pobres princesas oprimidas.

"Oh! pensou Pardaillan, cujo rosto brilhava, você está gaseando aqui e zombando de um pobre diabo!

que tem a infelicidade de não poder sufocar seu coração, segundo o sábio conselho de seu pai. Espere um pouco ! »

E em voz alta:

– Não hesito: recuso.

Acostumada a ver espinhas dobradas diante dela, a ouvir palavras gaguejantes, Catarina de Médici teve um momento de profundo espanto. Ela poderia esperar uma recusa, mas não tal atitude. Ela olhou ao redor como se procurasse seu capitão dos guardas para lhe dar uma ordem. Ela vive sozinha, indefesa. Um leve rubor que subiu para seu rosto pálido disse a Ruggieri da fúria que foi desencadeada dentro dela. Mas Catherine há muito estava acostumada a dissimular, ela que escondeu toda a sua vida.

– Você vai pelo menos nos dar boas razões? ela disse com a mesma gentileza.

“Excelentes, senhora, e que um grande coração como o seu entenderá instantaneamente. O homem de quem Vossa Majestade fala veio à minha casa, 392

sentado à minha mesa, era meu anfitrião e me chamava de seu amigo; Até que essa amizade seja quebrada por algum ato vil, esse homem é sagrado para mim.

“Estas são, de fato, razões que me convencem, cavaleiro. E qual é o nome dele, seu amigo?

“Eu não sei, senhora.

- Quão ! Este homem é seu amigo, e você não sabe o nome dele!

“Ele não me deu a honra de me contar.

Além disso, é menos surpreendente ignorar o nome de um amigo do que o de um inimigo tão implacável.

Catherine baixou a cabeça pensativamente.

“Aqui está um homem! ela pensou. Só é mais perigoso. E já que ele não quer me servir..."

“Senhor”, ela acrescentou em voz alta, “eu estava lhe pedindo esse nome para ver se realmente concordamos com a pessoa. Mas vejo que não lhe falta qualidade. Hoje em dia, a discrição é mais do que uma qualidade: é 393

uma virtude. Não vamos mais falar desse homem. Compreendo e respeito o sentimento que o guia...

– Ah! senhora, você me vê muito feliz! Tive tanto medo de ter desagradado Vossa Majestade!...

- Porquê então ? Fiel à amizade significa: forte contra o inimigo comum. Vá, senhor, e lembre-se de que estou encarregado de sua fortuna. Amanhã de manhã, espero você no Louvre.

Catarina de Médici levantou-se.

Pardaillan curvou-se diante da rainha que lhe deu seu sorriso mais gracioso.

Alguns momentos depois, ele estava do lado de fora, encontrou seu fiel Pipeau na porta e voltou para La *Devinière* , tentando decifrar o enigma vivo que era a rainha Catarina...

"Ela disse: amanhã de manhã, no Louvre", conclui. Bom. Nós estaremos lá. O Louvre é a grande antecâmara da fortuna! Decididamente, 394

Creio que M. Pardaillan, meu pai, se enganou!...

Uma hora depois dessa cena, Catarina de Médici voltou ao Louvre, mandou chamar seu capitão e lhe disse:

"Monsieur de Nancey, amanhã de manhã, às primeiras horas, levará doze homens e uma carruagem, irá para a hospedaria de La *Devinière* , rue Saint-Denis; você vai prender um conspirador que se chama Chevalier de Pardaillan, e você vai levá-lo para a Bastilha...

395

XIX

Marechal de Damville

Pardaillan levantou-se de madrugada depois de ter dormido muito mal. Não chegamos de repente à fortuna sem que o pensamento seja profundamente perturbado.

O cavaleiro, que se via a caminho de se tornar o favorito de uma grande rainha, não considerou sem emoção as mudanças que sua nova situação traria em sua vida.

Como era um homem de método, acabara, à força de revirar-se e revirar-se na cama, tranquilizando-se em todos os pontos obscuros que o preocupavam.

Eis como ele organizou as coisas.

1° Ele iria ao Louvre, a convite de Catarina de Médici.

2° Iria ao Hôtel Coligny avisar Déodat 396

que ele tinha que deixar Paris o mais rápido possível.

3. Ele provocaria Henri de Guise e, assim, prestaria à rainha o serviço mais notável.

Uma vez seguro de sua nova posição, iria encontrar a Dama de Preto, contar-lhe seu amor por sua filha e, cavalheiro da corte, sem dúvida o favorito do rei, obteria Loïse em casamento.

5° Ele seria, portanto, o homem mais feliz do mundo.

6. Ele procuraria seu pai e lhe daria uma boa e doce velhice, não sem lhe dizer que o filho Pardaillan havia chegado à fortuna e à felicidade ao desobedecer aos desejos do pai Pardaillan.

Tendo assim arranjado a sua vida, o chevalier conseguiu dormir algumas horas.

Mas ao amanhecer, como dissemos, ele se levantou.

Ele fez um banheiro limpo. Tratava-se de provar aos senhores da corte que um Pardaillan estava à vontade em todos os terrenos.

Quando ele estava pronto, tendo apenas que colocar seus 397

espada pendurada na parede, descobriu que ainda tinha duas ou três horas antes de poder apresentar-se razoavelmente no Louvre.

Então ele foi até a janela sem muita esperança de ver Loise.

Mas, para um amante, olhar para a janela atrás da qual o amado dorme, “ainda é felicidade” como se canta nas óperas cômicas.

Nesse momento, Pipeau gemeu baixinho.

Pardaillan não prestou atenção a esse rosnado e abriu a janela.

Quase ao mesmo tempo, a própria janela de Loïse se abriu com violência, e a jovem, cabelos soltos, olhos desgrenhados, apareceu, ergueu a cabeça na direção de Pardaillan e gritou:

- Venha ! Venha !

- Inferno ! rosnou Pardaillan, que também empalideceu.

O que está acontecendo ?

Era a primeira vez que Loise falava com o cavaleiro. E foi, aparentemente, para implorar sua ajuda, e levou 398

que o perigo era grave para ela ter ousado soltar aquele grito que parecia um grito de terror.

- Eu corro! rugiu Pardaillan, virando-se para subir as escadas.

No mesmo instante, Pipeau soltou um latido furioso, a porta foi arrombada, uma dúzia de homens armados entrou correndo na sala e um deles gritou:

"Em nome do rei!"

Pardaillan tentou correr em direção a sua espada, que permaneceu na parede; mas antes que pudesse fazer um movimento, foi cercado, agarrado pelos braços e pelas pernas, e caiu.

- Xingamento ! gritou o cavaleiro.

"Meu, senhor", gritou a voz de Loise.

Pardaillan, estirado no chão, apoiou-se na cabeça e nos calcanhares; e ele levantou todo o aglomerado humano... mas havia muitos deles!... Ele caiu para trás, espumando...

- Para mim ! gritou Loise novamente.

E esta voz arrancou do cavaleiro um 399

rugido.

Ela o galvanizou como um choque elétrico.

Em um esforço prodigioso, ele retesou os músculos... e então descobriu que suas pernas estavam amarradas! Também amarrou seus braços. Fechou os olhos e das pálpebras cerradas brotou uma lágrima que devorou a febre das bochechas...

Durante esse tempo, o cachorro estava uivando, saqueando, mordendo, na pilha.

Quando o cavaleiro ficou impotente, Nancey contou ao seu redor dois mortos e cinco feridos.

Pardaillan nocauteou um dos mortos com um soco na têmpora. Pipeau havia estrangulado o outro.

- A caminho ! ordenou o capitão.

Pardaillan, todo amarrado, foi apreendido, levado... e o latido longo e lúgubre do cachorro pontuou a derrota de seu dono.

Na rua, o cavaleiro abriu os olhos e viu três carruagens.

400

Um estava alinhado contra a porta do albergue e este era para ele.

Os outros dois estacionaram em frente à casa em frente; o primeiro estava vazio; no segundo, Pardaillan reconheceu Henri de Montmorency, marechal de Damville!

Ele não teve mais tempo de ver, pois foi jogado na carruagem que lhe era destinada, os manteletes foram imediatamente dobrados e ele se viu em uma prisão rolante que imediatamente começou a se mover.

Pardaillan estava louco de fúria e desespero.

Mas, por mais desesperado que estivesse, mantinha a compostura suficiente para seguir em sua imaginação as curvas e desvios do carro que o arrastava. Ele conhecia sua Paris admiravelmente e, depois de alguns minutos, estava consertado...

Um suor frio a invade...

Seu cabelo ficou em pé...

E murmurou com uma angústia que o fez estremecer:

401

"Estou sendo levado para a Bastilha!"

A Bastilha!... A fama da sinistra prisão estatal foi, desde então, o que viria a ser mais tarde, sob Luís XIV e Luís XV. Apenas Henrique IV e Luís XIII deram preferência a outras masmorras de prisão.

A Bastilha não era mais uma prisão como o Templo, como o Châtelet, como tantos outros.

A Bastilha era a masmorra, era a tumba, era a morte lenta nas profundezas de alguma masmorra sem ar.

Havia uma atmosfera de terror em torno de sua enorme massa.

Pardaillan entendeu que estava perdido.

Perdido ! no momento em que a sorte parecia sorrir para ele!

No momento em que aquele que ele amava o chamou em seu socorro e quando ela confessou que o amava!

Quando o carro, tendo cruzado pontes-402

levis e portas, finalmente pararam, quando Pardaillan desceu, olhou ao redor e se viu em um pátio escuro, cercado por soldados.

Por um momento, ele teve o pensamento de correr sobre eles, na esperança de receber imediatamente o golpe mortal e acabar com sua vida...

Mas antes mesmo que esse pensamento se formasse nele, foi agarrado por dois ou três carcereiros hercúleos que o carregaram em vez de fazê-lo andar. Atravessou uma porta de ferro, entrou num longo corredor húmido cujas paredes corroídas pelo salitre exalavam fumos mortíferos: depois subiram uma escada de pedra em caracol, depois passaram por

dois portões de ferro, depois caminharam por um corredor e, finalmente, Pardaillan foi empurrado para uma sala bastante grande, localizada no terceiro andar da torre oeste.

Ele ouviu a porta bater.

Abatido, quase demente, ele ouviu o som de enormes cadeados se fechando.

Então, como seus laços foram cortados, ele soltou um longo grito de desespero e correu para o 403

a porta ele sacudiu freneticamente...

Logo, ele percebeu que seus esforços foram em vão...

E ele caiu sobre as lajes, desmaiou.

*

O que estava acontecendo na casa da rue Saint-Denis? Por que Loise, que nunca havia falado com o Chevalier de Pardaillan, estava pedindo ajuda? É isso que vamos dizer.

O marechal de Damville tinha, como vimos, reconhecido Jeanne de Piennes.

Uma vez certo de que não estava enganado em seus pressentimentos, olhou em volta e notou que era dia claro e que, das lojas vizinhas, as pessoas o observavam com curiosidade.

Então ele foi embora e voltou para o Hotel de Mesm es1 onde morava sempre que vinha -Avoye. (Nota do Sr.

Zevaco.)

404

em Paris.

Era uma habitação sombria que parecia emprestar uma ou outra coisa de melancolia, seja da vizinhança da prisão do Templo, situada no mesmo distrito, seja do caráter da pessoa que ali morava. Vimos apenas servos ou soldados silenciosos que deram a este hotel a aparência de uma fortaleza.

O dia inteiro Henri passou em um quarto isolado, tremendo ao menor ruído, ouvindo quando uma porta se abria.

De fato, Damville, que não tinha medo de nada no mundo, Damville que, mesmo nestes tempos de ferocidade, era considerado feroz, Damville estremeceu diante dessa ideia que estava escrita em letras de sangue e chamas como um *Mané Thécel Pharès* nas profundezas de sua imaginação atormentada:

"As mesmas causas que me trouxeram a Paris não podem trazer François para lá?" O mesmo acaso que me levou a rue Saint-Denis não poderia levar meu irmão até lá? E se ele a vê como eu a vi! Se ele fala com ela! Se ela disser tudo! Se ela evoca este passado abominável que é 405

o pesadelo da minha vida!

Então um suor frio inundou sua testa.

Ele se sentiu pálido.

- Sim ! ele recomeçou, eu venho tentando esquecer há anos! E mesmo nas batalhas, mesmo na carnificina dos huguenotes, quando estou bêbado de sangue, mesmo nas festas que dou aos meus oficiais, quando estou bêbado de vinho, não consigo esquecer!... Sempre eu vê-la de novo como eu a vi... ali, no chalé de Margency, tão pálida que se poderia pensar que ela estava morta... Ainda ouço sua voz murmurando para François... "Oh! acabe comigo! Não vê que estou morrendo!..." Como ela me odiava! Como ela me desprezava! Ah! minha vingança foi terrível! Destruí três existências ao mesmo tempo: o pai, a mãe e a filha!... Ai de quem me odeia! Porque o meu ódio, para mim, não perdoa!

Por um momento ele foi exaltado em seus pensamentos de orgulho e força.

Mas imediatamente, o pensamento deste homem - seu 406

irmão – cuja existência ele havia despedaçado, voltou para ele, não mais como remorso, mas como terror.

Sim, suas memórias, uma após a outra, surgiram da tumba do passado, surgiram diante dele como espectros.

Mas havia um que ele não podia suportar, que ele estava tentando afastar, tremendo...

Ele se viu novamente no bosque de castanheiros, caindo sob a espada de seu irmão...

Ele viu François inclinando-se para ele novamente...

E era o olhar de seu irmão que o perseguia, que pesava sobre ele e o enlouquecia.

O que ! Seria possível que Francisco não soubesse a verdade!... E o que faria então!...

Henri, com esse pensamento, afundou em uma poltrona e segurou sua cabeça com as duas mãos.

A ideia de fugir lhe ocorreu. Fugir ! Mas onde ? Se fosse no fim da terra, François se juntaria a ele!...

E foi quando ele se viu levado aos últimos limites do terror, foi quando 407

que uma reação de violência selvagem ocorreu nele.

Ele soltou um suspiro rouco, de repente sacou sua adaga e, com um gesto violento, enfiou-a profundamente na madeira de uma mesa, como se tivesse esfaqueado seu irmão.

A arma vibrou por um longo tempo, com uma espécie de gemido.

- Crimes! ele apertou, seu rosto convulsionou, crimes! assassinatos! Aquilo é ! Meus terrores, vou afogá-los em sangue!... Minhas velhas lembranças, vou sufocá-las sob novas lembranças!... Deixe meu irmão aparecer! E este punhal, para sempre, me livrará dele! Quanto a ela, quanto à filha... que morram também!

Mas assim que ele gritou, ou melhor, pensou nessas palavras, ele começou violentamente.

Essa mulher ele queria matar... mas ele a amava!... ele sempre a amara!... Ele sempre a amaria!

Por muito tempo, Henri lutou entre esse amor e esse terror que também o dominava.

Finalmente, um sorriso relaxou seus lábios; sem 408

dúvida, ele havia encontrado uma maneira de conciliar o terror e o amor. Chamou um de seus oficiais e lhe deu suas instruções.

O resultado da determinação que acabara de tomar foi que conseguiu jantar com bastante apetite.

Ele se jogou completamente vestido em uma cama e dormiu por algumas horas.

A meio da noite, isto é, da altura em que, na véspera, encontrara o duque d'Anjou e os seus acólitos, levantou-se, armou-se com cuidado e dirigiu-se à rua St. Denis.

Ele passou o resto da noite guardando o lugar que havia escolhido na noite anterior.

De manhã, chegaram duas carruagens, seguidas por homens de armas. Os soldados tiveram o cuidado de depositar as marcas distintivas da casa de Damville. Henri entrou em uma das duas carruagens, para não ser notado, e sinalizou ao oficial que poderia operar.

O oficial, seguido por meia dúzia de soldados, entrou na casa.

409

A senhoria, uma velha intolerante, recebeu-os tremendo e benzeu-se horrorizada quando ouviu o oficial dizer-lhe:

“Madame, você abriga em sua casa duas mulheres de religião. Esses dois huguenotes são acusados de conhecer os inimigos do rei...

– É possível Jesus! gaguejou a velha.

Mas quais inimigos?

– Malditos huguenotes.

- Santa Maria! Mas eu serei amaldiçoado então!

- É possível. De qualquer forma, é muito provável que você passe por cúmplice.

- Eu !...

“A menos que você me ajude a detê-los silenciosamente, sem barulho.

“Estou ao seu comando, oficial. Quem teria acreditado nisso! Huguenotes em minha casa! Eu me disse bem também; por que eles nunca vão à igreja? Que aventura, doce Jesus!

Enquanto murmurava estas palavras entre os 410

lhe restando quatro dentes, o bom devoto subiu as escadas, seguido pelo oficial e pelos soldados.

Ela bateu.

E assim que ela percebeu que o ferrolho estava sendo puxado de dentro, ela deu um passo para o lado.

Jeanne de Piennes se viu na presença do oficial.

Ela empalideceu ligeiramente.

Mas, acostumada ao infortúnio, manteve toda a compostura e, com a voz que não tremia, perguntou:

"O que você quer, senhor?"

O oficial cora. A comissão só lhe servia pela metade. Foi, em suma, uma boa emboscada. Ele não tinha autoridade para fazer uma prisão. E agora, diante dessa mulher de porte tão digno e firme, diante dessa beleza pura idealizada pela tristeza, compreendia que era odioso.

Mas imediatamente a imagem furiosa do marechal passou diante de seus olhos.

411

E mais trêmulo que Jeanne, respondeu em voz baixa, como se envergonhado:

– Senhora... é uma ordem estrita que devo cumprir... desculpe-me, só estou obedecendo.

Quantos crimes na história da humanidade, com esta terrível desculpa: eu obedeço! Não sou responsável!... Como se houvesse disciplinas superiores à disciplina da consciência! Como se tudo estivesse dito quando o assassino pode responder: me mandaram matar, só obedeci!...

- Que ordem? disse Jeanne, lançando um olhar de angústia no quarto onde estava a filha.

“Eu vim para prendê-la, madame. Você é acusado de ser religioso e de ter desobedecido os últimos decretos.

Nesse momento, a porta de Loise se abriu. A jovem entendeu tudo de relance.

“Senhor,” disse a Dama de Preto, “você está enganado.

– Isso será fácil para você estabelecer, 412

senhora. Enquanto isso, por favor, siga-me em silêncio.

- Minha filha ! Eles me separam da minha filha! exclamou Jeanne, cuja resolução inteira desmoronou.

Loise soltou um grito. Em pânico, sem saber o que estava fazendo, correu para a janela, abriu-a com violência, viu o Chevalier de Pardaillan. E a sua primeira palavra – um grito de sublime confiança e amor – foi chamar este homem a quem nunca tinha falado:

- Venha ! Venha !

O oficial, vendo que as coisas iam dar errado, entrou na casa, seguido por seus soldados.

“Madame,” ele gritou, “eu juro a você que você não será separada de mademoiselle, já que ela deve segui-la. Eu juro que estou levando vocês dois para o mesmo lugar...

Obedeça então em silêncio... pois você me forçaria a usar a violência, da qual eu me arrependeria por toda a minha vida.

Jeanne viu esse oficial resolvido a fazer o que ele disse. Ela viu a casa invadida pelos soldados. Ela 413

compreendeu o perigo e a inutilidade da resistência.

Além disso, eles garantiram que ela não seria separada de Loïse. Finalmente, parecia fácil provar que ela não havia transgredido de forma alguma os decretos da religião.

“Isso é bom, senhor,” ela disse, recuperando sua firmeza. Você pode me dar cinco minutos para ficar pronto?

“De boa vontade, madame”, respondeu o oficial, feliz por sair tão barato.

E ele saiu com seus soldados, enquanto Jeanne fazia sinal para a velha senhoria entrar.

Este obedece, depois de ter consultado o oficial do olhar.

Jeanne então correu para a filha que ela arrancou da janela e abraçou.

As duas mulheres estavam em uma daquelas situações em que os pensamentos contam o dobro, onde as palavras valem os discursos.

Jeanne olhou nos olhos da filha.

"Para quem você estava ligando, meu filho?" ele perguntou 414

ela muito gentilmente.

“O único homem que pode ser de alguma ajuda para nós, minha mãe.

“Aquele jovem cavaleiro que olha com tanta frequência e obstinação para as janelas desta casa?

"Sim, minha mãe", respondeu Loise na exaltação da febre, e sem perceber que essas palavras eram uma confissão.

Jeanne abraçou a criança com mais ternura ao coração e, ainda mais gentilmente, perguntou:

- Então você o ama?

Loise empalideceu, corou, abaixou a cabeça e duas lágrimas se formaram em seus cílios.

- E ele ? perguntou Joana.

“Acredito... sim... tenho certeza! gaguejou Loise.

"Se for esse o caso, você acha que podemos contar com ele?" Pense nisso, meu filho... Eu lhe pergunto se você acredita na lealdade e generosidade deste cavaleiro...

415

– Ah! minha mãe, exclamou Loise com uma explosão de todo o coração, ele é o homem mais leal, vou responder de cabeça!

- Qual o nome dele ? perguntou Joana.

Loïse ergueu seus lindos olhos assustados como os de um cervo...

"Mas..." ela disse com adorável ingenuidade... "Ainda não sei... o nome dela..."

- Oh ! candura! murmurou Jeanne com um sorriso molhado de lágrimas.

E ela pensou que ela também, uma vez, tinha amado por muito tempo sem sequer saber o nome de quem ela amava. Uma onda de amargura subiu em seu coração, seus olhos nublados.

Mas recuperando imediatamente:

"Isso é bom", disse ela. Não temos tempo nem escolha! Não se engane!...

Ela correu para uma caixa, tirou uma carta lacrada que provavelmente havia escrito há muito tempo e, pegando uma folha de papel, escreveu apressadamente:

416

" Senhor,

Duas pobres mulheres provadas pelo infortúnio confiam em sua lealdade. Você é jovem e, sem dúvida, acessível à piedade, na ausência de qualquer outro sentimento. Se você for como pensamos, minha filha e eu, você entregará a carta contida neste envelope no endereço dela.

Seja agradecido e abençoado pelo imenso serviço que você nos prestou. »

A Dama de Preto.

Então ela selou tudo e ligou para a velha senhoria:

“Lady Maguelonne,” ela disse, “você vai me fazer um grande serviço?

“Eu quero, minha filha. E, no entanto, quem teria pensado que você era um huguenote, você é uma pessoa tão bonita e tão sábia.

“Lady Maguelonne, você acredita que sou capaz de mentir?

417

- Que Deus desagrade!

- Nós iremos ! Juro-te que sou vítima de um engano... a não ser, acrescentou com pungente tristeza, que tudo isto seja uma horrível comédia.

“Nesse caso”, disse o devoto com firmeza, “diga-me como posso ser útil a você, e tão certo como não temer nada no mundo além de Deus Pai, Deus Filho, a Virgem e São Magloire, farei sua comissão, mesmo que me custe!

— Não lhe custará nada, minha boa senhora.

Trata-se de entregar este envelope a um jovem cavaleiro que mora ali, nesta hospedaria, na última janela, lá em cima.

A velha fez o papel desaparecer.

“Em dez minutos sua carta chegará.

Querida senhora! Que o erro seja rapidamente reconhecido. Pois quem não os amaria e quem poderia sustentar que vocês são realmente huguenotes?

Jeanne, no entanto, agradeceu ao digno fanático e abriu a porta.

"Senhor, estamos prontos", disse ela.

418

O oficial fez continência e começou a descer. Ele pode ter se preocupado com o que seu prisioneiro poderia ter dito à velha senhoria. Mas, como vimos, ele estava bastante envergonhado do papel que estava desempenhando e, desde que conseguisse trazer a Dama de Preto e sua filha de volta ao Hôtel de Mesmes, estava determinado a não pedir mais.

Henri de Montmorency, escondido em sua carruagem, abafou um rugido de alegria furiosa ao ver Jeanne e sua filha. Ele nem tinha percebido que uma prisão acabara de ocorrer na hospedaria de La *Devinière* e que vários grupos comentavam o evento.

Jeanne e Loïse entraram na carruagem que estava estacionada em frente à porta.

Dame Maguelonne os seguira até lá.

Assim que a carruagem estava prestes a partir, Jeanne lançou-lhe um olhar de suprema recomendação.

A velha aproximou-se rapidamente, no momento em que os manteletes estavam prestes a cair, e murmurou: 419

– Não tenha medo: em poucos minutos, a carta estará nas mãos do Chevalier de Pardaillan...

Um grito terrível, um grito de angústia, horror e terror ressoou, e Jeanne, lívida, quis correr.

Mas naquele segundo, os manteletes foram derrubados.

A carruagem começou a se mover...

Jeanne desmaiou, murmurando:

"O Chevalier de Pardaillan! Ah! Fatalidade!...

420

XX

O Hotel de Mesmes

De acordo com a promessa que fizera, Dame Maguelonne, sem sequer voltar para casa, foi direto para La *Devinière* assim que as duas carruagens desapareceram em uma curva da rua.

Dama Maguelonne era como todas as velhas que não têm nada para fazer: passava o tempo espiando. Ela havia, portanto, notado perfeitamente o jovem cavaleiro que fazia longas paradas em sua janela; ela soubera para que endereço o jovem estava procurando e, como se dava melhor com um dos criados da estalagem, habilmente a questionou e, assim, há muito sabia tudo o que se podia imaginar. o Chevalier de Pardaillan, enquanto Loïse nem sabia seu nome.

421

A velha devota, portanto, cheirou um caso de amor no qual ela estava prestes a se ver envolvida.

E o que poderia ser mais emocionante para a curiosidade de um velho confinado na devoção!

Assim foi com os olhos baixos, mas com a mente alerta, que ela entrou em La *Devinière* e disse à sua vizinha, Dame Huguette Landry Grégoire:

“Gostaria de falar com o Chevalier de Pardaillan.

"O Cavaleiro de Pardaillan!" gritou Mestre Landry, que tinha ouvido. Mas você não viu nada.

– Não... eu não sei de nada... O que está acontecendo?...

– Ah! ah! novo ! A rua inteira está falando sobre isso. É verdade que, do seu lado, você deve ter estado muito ocupado. Aqui estão os eventos!...

“Mas o que, em nome do céu, está acontecendo?

– Bem, o terrível Pardaillan... Pardaillan o matador, Pardaillan o valentão, bem, ele está preso!

- Parou ! disse a velha empalidecendo – não 422

que ela estava interessada no destino do cavaleiro, mas já estava com medo de ser comprometida.

Huguette Landry fez um triste sinal de que o marido estava dizendo a verdade exata, enquanto o estalajadeiro, radiante, todo vermelho de alegria, ou talvez simplesmente pelo fogo de seu fogão, retomava:

- É a vez dele! Isso vai ensiná-lo a pegar o bom burguês pelo colarinho e mantê-lo pendurado no ar! Ah! mas... bem feito.

"E o que ele fez?"

"Parece que ele estava conspirando com os malditos huguenotes", disse Landry em voz baixa, olhando ao redor, como se o simples fato de conhecer tal segredo pudesse lhe trazer inúmeras calamidades.

De repente, Lady Maguelonne começou a tremer.

Ela retirou-se apressadamente, foi para casa e enterrou a carta que lhe fora confiada em um esconderijo.

“Tudo fica claro! ela pensou. foram 423

muitos huguenotes, e eles estavam conspirando com o parpaillot oposto! E eu que ia me tornar, sem saber, um inimigo de nossa santa religião! Só uma boa novena a São Magloire pode me absolver deste pecado mortal..."

Enquanto isso acontecia na rue Saint-Denis, a carruagem que levava Jeanne de Piennes e sua filha chegou em segurança ao Hotel de Mesmes, entrou no pátio escuro e triste onde a grama crescia entre os paralelepípedos e a porta se abriu.

O oficial então fez as duas mulheres descerem...

Jeanne lançou um rápido olhar ao redor.

Mas como seu único terror naquele momento era ser separada de sua filha, a quem ela segurava com força, ela nem percebeu que a prisão para onde a tinham levado pouco parecia uma prisão.

O hotel era sombrio, é verdade.

Mas a casa mais sinistra, se comparada à prisão mais alegre, ainda mantém um ar de cordialidade e honestidade que é 424

impossível para uma prisão postar apesar de todos os seus esforços.

As duas mulheres, abraçadas, seguiram o oficial que as conduziu ao primeiro andar.

Ele parou em frente a uma porta e disse com uma reverência:

– Por favor, entre aqui: minha missão está completa, e gostaria de não ter dito ou feito nada que pudesse incorrer em sua ira.

Jeanne de Piennes respondeu com um aceno de cabeça e abriu a porta.

Assim que ela entrou com a filha, esta porta se fechou.

Eles ouviram o som da chave.

Desta vez, eles eram realmente prisioneiros.

Mas também desta vez, Jeanne teve a impressão muito clara de que não estava numa prisão.

O quarto onde tinham acabado de ser trancados era de bom tamanho e ricamente mobiliado.

425

As paredes estavam cobertas de tapeçarias; Nessas tapeçarias, Jeanne notou a localização de duas molduras que haviam sido removidas e ocorreu-lhe a ideia de que essas molduras continham sem dúvida retratos.

No fundo da sala, havia uma porta aberta. Dava para um quarto no final do qual havia um segundo quarto. E foi isso. Este compunha um espaçoso apartamento de três quartos, todas as janelas que davam para o pátio do hotel. Essas janelas não eram gradeadas, mas Loise, aproximando-se de uma delas, notou que o pátio, que acabara de ficar deserto, estava agora ocupado por dois funcionários que caminhavam de alabardas na mão.

Um terror crescente invadiu Jeanne de Piennes.

Quanto mais ela observava que esta prisão era realmente apenas uma residência luxuosa, mais ela ficava horrorizada com o mistério dessa prisão.

Ela voltou para o primeiro quarto, e deixou-se 426

cair em uma cadeira.

- Uma letra ! exclamou Loise, apontando para um pedaço de papel sobre a mesa.

Ela pegou e leu:

“Os prisioneiros não têm nada a temer.

Se quiserem alguma coisa, basta tocar a campainha que está perto desta carta.

Uma empregada está a seu serviço e virá correndo ao primeiro sinal. É esta mulher que servirá as refeições aos prisioneiros. Há todas as chances de que essa prisão dure apenas alguns dias. »

- O que tudo isso significa? murmurou Loise. Felizmente, mãe, não parece que estamos numa prisão!

"Talvez fosse cem vezes melhor se estivéssemos realmente na casa de um rei."

“O que você quer dizer, mãe! Eles não parecem estar mal-dispostos em relação a nós.

427

Jeanne balançou a cabeça, como se quisesse afastar as terríveis suspeitas que lhe ocorreram.

“Vamos esperar, meu filho, vamos esperar. Em breve saberemos o que esperar. Mas, enquanto isso, tenho uma séria confidência a lhe fazer.

“Diga-me, mãe”, disse Loïse, sentando-se ao lado de Jeanne.

– Meu filho, é sobre este jovem cavaleiro.

Lois corou.

"Então é bem verdade que você o ama!" gritou Jeanne dolorosamente.

Lois abaixou a cabeça.

A mãe ficou em silêncio por alguns minutos, como se agora hesitasse em falar.

“Nós sabemos o nome dele agora,” ela disse lentamente.

- Sim. Lady Maguelonne nos ensinou isso. Ele é chamado de Chevalier de Pardaillan.

E Loise pronunciou essas palavras com tanta ternura que Jeanne estremeceu.

"O Cavaleiro de Pardaillan!" ela sussurrou 428

com desânimo.

- Mãe ! mãe ! exclamou Loise, pode-se dizer na verdade que esse nome não é desconhecido para você e que lhe causa algum desgosto secreto que eu não percebo... E eu penso nisso! Já agora, quando Dame Maguelonne pronunciou esse nome, você soltou um grito de angústia e, dir-se-ia, quase terror...

Você desmaiou, mãe! E quando você acordou, eu o questionei em vão... Oh! Eu tremo... parece-me que vou aprender algo terrível!...

– Sim... terrível! disse Jeanne mecanicamente, como se respondesse a si mesma.

- Oh ! fala, minha mãe!

– É preciso, minha filha, minha filha adorada... é preciso que te salves...

“Você me apavora, minha mãe!

“Ouça, minha Loise. Quando você nasceu, sua pobre mãe já havia passado por muitas desgraças. Terríveis desastres haviam acontecido com ela. Então, Loïse, se você tivesse 429

estivesse lá, então eu teria morrido de dor e desespero. Você nunca será capaz de entender o quanto eu te adorava...

– Mãe, basta olhar para você para perceber! perguntou Loise, tremendo.

– Querida criança!... Sim, eu te amei como te amo agora. Eu te amei mais do que a mim mesmo, mais do que tudo no mundo, pois te amei mais do que a ele!...

- Dele !...

– Meu marido... seu pai!...

– Ah! mãe ! Você nunca quis me dizer o nome dele!

- Bem, você saberá! A hora chegou.

Seu pai, Loise, chamava-se...

Ela parou de pulsar, como se todo o seu amor passado de repente tivesse surgido diante dela.

“Termine, minha mãe! exclamou Loise.

– François de Montmorency! Jeanne sussurrou.

430

Loise soltou um grito fraco.

Não que ficasse deslumbrada com esse grande nome, ela que sempre se julgara de origem pobre; mas lembrou-se então de que sua mãe sempre lhe ensinara que um dos dois homens que ela mais temia no mundo se chamava Henri de Montmorency.

Pulsando, ela pendurou, por assim dizer, nos lábios de sua mãe, que continuou:

“Seu pai, Loïse, partiu para uma campanha difícil. Eu pensei que ele estava morto. Um dia - um dia de alegria infinita e infelicidade implacável - soube que ele estava vivo, soube que ele estava de volta e que vinha para mim... irmão do pai, e era Henri de Montmorency!

- O que eu vou aprender! gaguejou Loise.

“Aprenda alguma coisa também, meu filho!

É porque este homem, antes de me dar esta notícia, tinha-te raptado por um desgraçado...

um tigre, como ele mesmo chamava. E depois de me contar sobre o retorno de seu pai, depois de 431

me dizendo que mandara sequestrar você, acrescentou que se eu contradissesse as palavras que ia proferir na presença de meu marido, a um sinal dele, você teria sua garganta cortada!

- Horror !...

- Sim, horror! Porque ninguém jamais saberá o que sofri quando, na frente de meu marido, Henri de Montmorency me acusou de crime! Eu queria protestar! mas, a cada um dos meus gestos, vi o seu braço pronto a dar o sinal da tua morte ao tigre que te levou... calo-me!...

- Oh ! mãe ! mãe ! exclamou Loise, jogando-se nos braços de Jeanne, "como você deve ter sofrido!" Para mim ! Para me salvar!

Um sorriso heróico e doloroso de Jeanne foi sua única resposta.

Pouco a pouco, sob as carícias apaixonadas de sua filha, ela conseguiu acalmar as palpitações de seu coração.

Ela então continuou:

– Você entende agora porque eu sempre te disse que havia um homem no mundo 432

que você deveria odiar, que você deveria fugir como se foge do infortúnio e da morte... foi Henri de Montmorency...

“E a outra mãe, a outra!” disse Loise com a voz moribunda.

“O outro, meu filho, aquele que te sequestrou!...

"Sim, mãe!...

– Aquele que aceitou a horrível comissão de cortar sua garganta... o tigre, finalmente!

"Sim, mãe!...

– Loise, prepare sua coragem... esse monstro se chamava Chevalier de Pardaillan!

Loise não gritou, não se mexeu.

Ela permaneceu como se estivesse atordoada, muito pálida, e duas grandes lágrimas rolaram de seus olhos.

Então ela cruzou as mãos sobre o peito, abaixou a cabeça e murmurou:

- O pai de quem eu amo!

Jeanne agarrou-a nos braços, abraçou-a convulsivamente.

433

"Sim", ela disse, febril, sua cabeça perdida. Sim, minha amada Loïse... nós dois estamos marcados para o infortúnio... Um homem generoso te salvou, trouxe você de volta para mim... e foi ele quem me ensinou o nome do monstro... Sim, foi o pai de quem você ama... porque eu sabia que o monstro tinha um filho... quatro ou cinco anos... O tigre provavelmente está morto... mas a criança cresceu... e a mesma coisa infortúnio que põe o pai no meu caminho põe o filho no seu caminho!...

Loise não disse nada.

Uma dor terrível apertou seu coração.

Ela amava o filho do homem execrável por quem sua mãe havia sido condenada a uma vida de miséria!

E quem sabia se esse filho não cumprisse as mesmas tarefas que o pai?

Por que o jovem cavaleiro não veio correndo em seu auxílio?

Por que ele estava sob observação na hora em que ambos foram presos?

Por que, por tanto tempo, assisti-los-434

ele ?...

Ah! não havia mais dúvidas! Este cavaleiro de Pardaillan era o emissário do homem que o aprisionou e que aprisionou sua mãe!...

E quem poderia ser esse estranho!...

Com o pensamento que lhe ocorreu então, ela estremeceu de horror. E ao lançar um olhar de infinita desolação sobre a mãe, viu-a tão pálida, com tanto horror nos olhos, que compreendeu que provavelmente ela também tinha o mesmo pensamento.

- Oh ! mãe ! ela disse em um sussurro de angústia, meu coração está partido...

– Pobre amada querida... tinha que ser, veja bem, para evitar maiores infortúnios...

“Meu coração está como se estivesse morto”, recomeçou Loïse; mas não estou pensando em mim...

“Então o que você está pensando, meu filho? disse Jeanne, lançando um olhar profundo para a filha. Para

ele, sem dúvida! Ah! meu filho, desvie seus pensamentos...

Loise balançou a cabeça.

“Estou pensando,” ela disse com um estremecimento, “no homem que acabou de nos sequestrar.

Jeanne estremeceu de terror. Porque seu pensamento era de fato o de seu filho.

“E,” Loïse terminou, “juntando tudo o que aconteceu conosco, tudo o que acontece conosco, acho que posso adivinhar quem é esse homem... Ele é...

- Oh ! Cale-se ! Cale-se ! gaguejou Jeanne como se o nome que estava nos lábios de sua filha e em seus próprios lábios fosse uma maldição...

As duas mulheres, cada vez mais aterrorizadas, abraçaram-se.

Nesse momento, Jeanne abraçou a filha com mais força com o braço direito, enquanto o braço esquerdo se estendia em direção à porta que acabava de se abrir sem fazer barulho...

- Dele ! ela sussurrou ficando lívida...

Na soleira da porta, lívido, como um fantasma imóvel, estava Henri de Montmorency!...

XXI

o espião

Há um personagem nesta história que mal vislumbramos e que é hora de destacar. Queremos falar sobre essa Alice de Lux que seguiu a Rainha de Navarra. Vimos como Jeanne d'Albret e Alice de Lux, salvas pelo Chevalier de Pardaillan, foram ambas à casa do judeu Isaac Ruben, e como entraram na carruagem que estava estacionada fora dos muros, não muito longe da a Porta Saint-Martin.

A carruagem, levada pelos seus quatro bidês tarbes, havia contornado Paris, passando ao pé da colina de Montmartre, atravessando o pequeno rio que, em torno de Grange-Batelière, se transformou em pântanos, seguindo direto para Saint-Germain, onde a paz era assinado entre 437

Católicos e Reformados, uma paz que era pouco mais que um armistício ameaçador, cada uma das duas partes trabalhando com ardor para concentrar novas forças para uma luta decisiva.

Os padres nas igrejas pregavam abertamente o massacre.

O rei Carlos IX teve que decretar que apenas nobres e homens de armas portariam a espada.

Uma casa foi incendiada porque se supunha que os reformadores se reuniam lá em segredo. Deve-se lembrar que o crime dos reformadores foi rezar em francês ao mesmo Deus que os católicos rezavam em latim.

No dia da Batalha de Moncontour, Catarina de Médici foi informada pela primeira vez de que os huguenotes estavam vencendo.

– Então vamos rezar a missa em francês!

ela respondeu simplesmente.

E quando ela soube que os huguenotes haviam sido cortados em pedaços:

- Deus seja louvado! Ainda é em latim que rezaremos a missa!

438

Oito dias após a assinatura da paz, em uma igreja, um homem acidentalmente esbarrou em uma velha. Esta mulher procurou um insulto e encontrou apenas este:

"Luterano!"

A este grito, a multidão caiu sobre o infeliz que em poucos momentos foi morto, dilacerado, despedaçado. Dois bons burgueses que, indignados, resolveram ajudá-lo, tiveram o mesmo destino.

Em cada esquina havia estátuas da Virgem. Ao pé dessas estátuas estavam constantemente estacionados vinte ladrões armados até os dentes. No espaço de dois meses, cerca de cinquenta desafortunados transeuntes tiveram suas gargantas cortadas por não saudarem e ajoelharem-se.

Em pouco tempo, exigia-se que cada transeunte depositasse uma oferenda em uma cesta de um dos bandidos: ai do desgraçado que se recusasse a pagar essa contribuição forçada.

Então, para voltar à nossa história, a Rainha de Navarra e Alice de Lux chegaram a Saint-
439

Germain. Jeanne d'Albret desceu a uma casa num beco que dava para o lado direito do castelo.

Lá ela encontrou três cavalheiros esperando por ela em uma sala baixa.

“Venha, conde de Marillac”, disse ela a um deles.

O que ela acabara de ligar era um jovem de cerca de vinte e cinco anos, vigorosamente desacoplado, o rosto marcado pela tristeza.

Na entrada da rainha e de sua criada, esse semblante se iluminou de repente; dir-se-ia que um daqueles pálidos raios de inverno que às vezes cruzam as nuvens geladas veio brincar por um momento em sua testa.

Alice de Lux, por sua vez, olhou para ele.

Uma perturbação inexprimível fez seu peito latejar.

Mas toda essa emoção que ninguém havia notado durou apenas um segundo. Já o conde de Marillac havia se curvado diante do 440

rainha, a seguiu até o armário isolado no qual ela acabara de entrar.

"Por que Sua Majestade me chama assim?" perguntou então ao jovem que, sem dúvida, conhecia a rainha por ser o primeiro a interrogar.

Jeanne d'Albret lançou um olhar melancólico ao conde.

"Não é esse o seu nome?" ela diz. Não o criei Conde de Marillac?

O jovem balançou a cabeça.

"Devo tudo a Vossa Majestade", disse ele, "vida, fortuna, título... Meu reconhecimento só terminará com meu último batimento cardíaco... mas meu nome é simplesmente Déodat... Todos os títulos que minha rainha poderia conferir em mim não vai me dar um nome! Todos os véus que você lançar sobre mim não poderão cobrir a tristeza e talvez a infâmia do meu nascimento...

Ó minha rainha! Então você não vê que você é o único a me dar este título de Conde de Marillac, e que todos me chamam Déodat, 441

o enjeitado!...

“Minha filha”, disse a rainha com terna severidade, “você deve banir essas ideias. Eles vão te matar. Corajoso, leal, intrépido, você está marcado para um belo destino se não persistir nessa busca mortal que pode paralisar tudo o que há de bom e generoso em você...

– Ah! disse o conde de Marillac em voz baixa, por que ouvi esta conversa!

Por que o destino quis que eu aprendesse o nome da minha mãe! E por que não morri no dia em que, aprendendo esse nome, também soube que minha mãe era a desastrosa rainha, a tigresa alterada pelo sangue, a implacável Médici...

Nesse momento, um grito abafado soou na sala ao lado.

Grito de espanto infinito, talvez, ou grito de terror...

Mas nem a rainha de Navarra nem o conde de Marillac, absortos em seus pensamentos, ouviram esse grito.

442

- Filho ! Filho ! disse Jeanne d'Albret, tome cuidado para não se perder! Cuidado para não correr em direção a miragens quiméricas... cuidado com a desilusão...

“A desilusão está em meu coração, Majestade.

“Seja o que for”, retomou a rainha com firmeza, “tranque esse segredo fatal dentro de você.

Você sabe o quanto eu te amo: criei você como meu próprio filho; você subiu a montanha com meu Henri; você teve os mesmos mestres... continue sendo meu filho adotivo... Há espaço para dois no coração da minha mãe...

O conde de Marillac curvou-se com respeito cheio de emoção, pegou a mão da rainha e a levou aos lábios.

“Agora”, retomou a Rainha de Navarra, “ouça-me, Conde. Preciso de um homem em Paris em quem possa confiar como se fosse realmente meu filho.

- Eu serei esse homem! perguntou Deodat rapidamente.

– Eu estava esperando sua proposta, meu filho, disse 443

a rainha mal contendo sua emoção. Mas cuidado, pode ser a sua vida que você vai expor.

- Minha vida pertence a você. Arrisquei cem vezes por quem quer me chamar de irmão mais velho... por seu filho, madame. Quanto mais eu arriscaria por você...

"Talvez também", retomou lentamente a Rainha de Navarra, "você terá que arriscar mais do que sua vida...

talvez você se encontre diante de circunstâncias em que terá que lutar contra seu próprio coração... espero só em você...

– Quaisquer que sejam as circunstâncias.

Majestade, ser-me-á impossível esquecer que, se vivo, é a ti que o devo! Se não sou um pobre condenado ao infortúnio e à miséria, é porque a tua mão amiga estendeu-se sobre mim. Então, aguardo sua boa vontade e suas ordens.

- Sim ! murmurou a pensativa rainha, deve ser!

444

Ouça-me, meu filho, meu querido filho...

Então Jeanne d'Albret, embora tivesse certeza de que ninguém estava olhando suas palavras, começou a falar tão baixo que o conde de Marillac, para ouvi-la, concentrou toda sua atividade em ouvir, fechou os olhos, e sua cabeça quase tocou a cabeça da rainha.

A entrevista, ou melhor, o monólogo, durou uma hora.

Ao fim desta hora, o Conde repetiu, resumindo-as, as instruções que acabavam de lhe ser dadas.

Então ele queria se curvar para saudar a rainha.

Mas Jeanne d'Albret agarrou-o, puxou-o para si e, beijando-lhe a testa, disse-lhe:

– Vá, meu filho, vá embora com minha benção…

Deodat se afastou e atravessou a sala onde os outros dois cavalheiros esperavam. Ele deu uma rápida olhada ao seu redor; mas sem dúvida não encontrou o que esperava ver ou ver de novo nesta sala de baixo, pois saiu para o beco, desamarrou um cavalo cuja rédea estava presa no 445

catraca de uma veneziana, subiu na sela e começou a descer a grande colina arborizada, em direção a Paris.

Talvez ele tenha sentido uma espécie de arrependimento ao se afastar assim, pois deixou seu cavalo andar a passo e, depois de colocá-lo no caminho, não se preocupou mais com ele para levantá-lo com um chute. contra alguma pedra.

Na verdade, a estrada que ele estava seguindo era pouco mais que um caminho mal conservado, e a inclinação era íngreme.

Depois de vinte minutos, o conde de Marillac — ou Deodat, como você o chamará — chegou a um grupo de chalés amontoados em torno de um pobre campanário. Esta aldeia chamava-

se Mareil. Na escuridão, o conde distinguiu uma moita de carvalho e buxo acima de uma porta. Era uma pousada.

Ele parou, olhando para trás como se examinasse as alturas que acabara de descer; mas a escuridão era profunda. Saint-Germain só apareceu para ele como uma linha mais escura

no cume do morro.

Suspirou e desmontou, dando a si mesmo a desculpa de que os portões de Paris estavam fechados àquela hora e que seria melhor esperar lá pela manhã, em vez de procurar um alojamento perto de Rueil ou Saint-Cloud.

Ele bateu na porta de cortiça com o punho da espada. Ao cabo de dez minutos, um camponês que era meio estalajadeiro veio deixá-lo entrar; e ao ver a espada ainda mais do que ao ver um escudo brilhante, consentiu em servir uma refeição ao conde no canto de uma mesa perto da lareira.

Deodat apoiou-se nos cotovelos, as botas esticadas em direção ao fogo, enquanto seu cavalo era conduzido ao estábulo.

Por muito tempo, a omelete que acabara de ser frita às pressas para ele sobre a chama brilhante estava na frente dele.

Ele não tocou...

Ele estava pensando.

Após a partida do conde de Marillac, a rainha de Navarra permaneceu sozinha e pensativa por alguns minutos.

Então ela fez um esforço para retornar à situação atual.

Ela bateu duas vezes em um selo com um pequeno martelo.

Ela esperou um minuto, então, vendo que ninguém estava vindo, ela bateu duas vezes novamente.

Desta vez uma porta se abriu e Alice de Lux apareceu.

"Peço perdão a Vossa Majestade", disse ela loquazmente; Acho que ela me ligou duas vezes; mas eu estava tão longe desta sala... que não tinha certeza...

A rainha de Navarra estava sentada em uma poltrona.

Ela fixou seu olhar límpido na jovem e, sob esse olhar, Alice de Lux permaneceu perturbada, palpitante.

"Alice", disse Jeanne d'Albret finalmente, "eu lhe disse agora, quando fomos salvos, que você tinha sido muito imprudente em nos fazer atravessar a ponte, mais imprudente.

novamente abrir as cortinas da liteira e, por fim, mais imprudente ainda, pronunciar meu nome diante de uma multidão que, certamente, me era hostil...

“É verdade... mas pensei que tinha explicado a Vossa Majestade...

"Alice", interrompeu a rainha, dizendo que você tinha sido imprudente, "eu me enganei...

ou fingi estar errado; pois se eu lhe tivesse dito naquele momento meu verdadeiro pensamento, talvez você tivesse cometido alguma nova imprudência que, desta vez, teria sido fatal para mim.

"Eu não entendo, Madame", gaguejou Alice de Lux, ficando muito pálida.

– Você vai me entender agora.

Quando você veio à corte de Navarra, Alice, você me disse que tinha que fugir da ira da rainha Catarina porque queria abraçar a religião reformada... Isso foi há oito meses. acolheu os perseguidos; e como você era de bom nascimento, coloquei você entre minhas damas de honra. Durante os últimos oito meses, você teve uma reprovação para me dirigir? Fale 449

francamente, eu te ordeno.

“Vossa Majestade me agradou”, disse Alice, recuperando um pouco de firmeza, “mas já que minha rainha se digna a me questionar, que ela, por sua vez, permita que eu faça uma pergunta. Eu, portanto, demérito? Não cumpri, durante oito meses, com zelo todos os deveres do meu cargo? Dei origem a alguma calúnia?

Chamavam-me La Belle Béarnaise, Madame; e, no entanto, apesar dessa beleza que as pessoas queriam reconhecer em mim, tentei alguma vez desviar algum cavalheiro dos cuidados da guerra?

Finalmente, desde a minha conversão, não dei à minha nova religião todas as marcas de apego que se poderia esperar de um neófito?

“Eu reconheço,” disse a rainha com uma gravidade que trouxe uma nuvem para a testa da jovem, “eu reconheço que você mostrou um zelo que alguns podem ter ficado surpresos. O que devo dizer a você? Eu teria preferido você católico ao invés de protestante neste momento. Quanto à sua conduta em relação aos meus senhores, é 450

impecável; e aí, novamente, admito que teria ficado menos surpreso ao vê-lo um pouco menos...

rigoroso ; enfim, seu serviço sempre foi admirável, a ponto de que mesmo quando você não estava de serviço, mesmo quando eu não precisava de você, você estava sempre perto o suficiente de mim para ver tudo, se não para ouvir tudo.

Desta vez a acusação foi tão clara que Alice de Lux cambaleou.

- Oh ! Majestade, ela murmurou, eu odeio entender!

Jeanne d'Albret olhou para ela com uma espécie de pena.

"No entanto, você deve entender", disse ela finalmente. Minhas suspeitas só foram despertadas por quinze dias. Eu gostaria de poupá-la da dor de se envergonhar, Alice, porque eu a amava. No entanto, devo me separar de você, pois adquiri a convicção de que você me trai...

"Vossa Majestade está me afastando!" gaguejou a garota.

451

“Sim”, disse a Rainha de Navarra simplesmente.

Houve um momento de silêncio esmagador.

Alice de Lux, apoiada no espaldar de uma poltrona, lançou em torno dela aqueles olhos desfigurados que os condenados têm; ela juntara as mãos em um gesto mecânico de súplica.

Finalmente, um longo suspiro inundou seu seio escultural, e ela conseguiu pronunciar algumas palavras:

– Vossa Majestade está enganada... sou vítima de calúnias infames...

A rainha de Navarra talvez tenha sofrido mais do que a jovem.

Para uma alma generosa, de fato, não há espetáculo mais doloroso do que a traição de um ser em quem se depositou toda a confiança. E quando este ser, colocado frente a frente com uma vergonha irremediável, luta sob o peso da acusação, quando o vemos ofegante e fazendo inúteis esforços para reunir as provas de sua lealdade, o espetáculo é certamente mais terrível. inimigo vencido.

452

“Ouça, Alice”, disse Jeanne d'Albret com uma voz tão triste que a jovem estremeceu, “eu poderia tê-la feito, e talvez devesse tê-la entregue aos nossos juízes trazendo-lhes prova de sua traição; Eu não tenho coragem. Estou contente em mandá-lo de volta para sua amante, a rainha Catarina...

“Vossa Majestade está enganada!” murmurou Alice novamente, com uma espécie de gemido.

A Rainha de Navarra balançou a cabeça.

– Naquele dia em que cheguei à sua casa e quando a surpreendi escrevendo, por que, Alice, você jogou sua carta no fogo, arriscando-se a provocar perguntas que, aliás, eu não lhe fiz?...

- Sra ! exclamou Alice, com o ardor de um afogado que sente sob os dedos enrijecidos um fiapo de palha, madame, devo confessar-lhe a verdade!... eu amo... eu estava escrevendo para quem eu amo!.. .

“Isso é realmente o que eu supunha, e é por isso que estou em silêncio. Aquele dia em que um dos meus 453

os policiais viram você conversando com um mensageiro que estava partindo para Paris, Alice... O mensageiro saiu às pressas: ele nunca mais voltou.

Por quê ?

“Eu costumava dar-lhe recados para amigos que tenho em Paris, Madame! É minha culpa que o homem não voltou? Quem sabe, além disso, se ele não foi morto?

“Quando os chefes do exército se reuniram para deliberar, por que, Alice, você foi encontrada naquele gabinete que dava para a sala de deliberações?

“Fiquei surpreso com a chegada desses soldados, madame; Eu não tinha mais coragem de sair.

– Sim, essas são as diferentes explicações que você deu, e eu acreditei em você.

No entanto, há quinze dias, como lhe disse, comecei a suspeitar seriamente de você.

"Por que, senhora?" para que ?...

– Sua insistência em me acompanhar a Paris me lembrou os fatos de que acabei de chegar 454

para expor você, e muitos outros. Eu me decidi, Alice, porque queria colocar você à prova. Você vê como eu estava relutante em acreditar em você... o que vários de meus conselheiros o acusaram de ser, já que arrisquei minha vida na esperança de provar sua inocência.

Trêmula, abatida, suando na testa, Alice de Lux tentou um último esforço:

“Bem, Majestade, você pode ver que eu sou inocente, já que você vive...

- Não é sua culpa ! disse a rainha embotada. Alice de Lux, você estava em aliança com aqueles que queriam me matar.

- Nunca...

– Alice de Lux! Foi você que quis que a liteira passasse pela ponte! Foi você quem abriu as cortinas! Foi o seu grito que me marcou para os assassinos. Foi a você que um deles quis dar este bilhete quando a liteira foi virada. Parece que fiquei ainda menos perturbado do que você, desde que vi este bilhete quando caiu no seu colo, desde que o vi 455

apanhado do chão, já que o guardei, já que aqui está!...

Ao dizer essas palavras, a Rainha de Navarra entregou a Alice um pedaço de papel dobrado em triângulo e de tamanho minúsculo.

A jovem caiu de joelhos, ou melhor, desmoronou, esmagada de tanta vergonha que lhe parecia que nunca mais ousaria levantar-se.

- Leva ! disse Jeanne d'Albret. Este post foi para você. Isso pertence a você.

O espião permaneceu imóvel, petrificado, inconsciente.

- Leva ! repetiu duramente a Rainha de Navarra.

Desta vez, o espião obedece. Sem levantar a cabeça, ela estendeu a mão.

- Ler ! ordenou Jeanne d'Albret. Leia, pois este post contém uma ordem de seus mestres.

A espiã, cativada, ofegante, desdobrou o bilhete, e ela leu...

456

“Se o negócio for bem-sucedido, esteja no Louvre amanhã de manhã. Se o caso não der certo, deixe seu posto o mais rápido possível, pedindo licença em situação regular e venha dentro de uma semana. A rainha quer falar com você. »

Não havia assinatura.

Um grito fraco que soou como o gemido excruciante de vergonha rompeu os lábios inchados do espião.

Então, novamente, ela caiu sobre si mesma, sua cabeça perdida, terrivelmente infeliz.

A Rainha de Navarra lançou a Alice de Lux um olhar de soberana misericórdia.

Então ela disse:

- Prossiga...

O espião levantou-se lentamente; ela viu a rainha, com o braço estendido, mostrando-lhe a porta, e deu um passo para trás com pequenos passos até se encontrar contra a porta. Com as mãos hesitantes e trêmulas, ela abriu, saiu, e era 457

só então ela começou a correr como uma louca.

Jeanne d'Albret saiu por sua vez e entrou na sala de baixo onde os dois cavalheiros a esperavam.

"Estamos saindo, cavalheiros", disse ela.

Ela foi até o carro e, ao entrar, olhou para a direita e para a esquerda como se quisesse descobrir o que havia acontecido com Alice de Lux.

- Criança infeliz! ela sussurrou com um suspiro. No entanto, aqui estão algumas de suas obras, O Medici!...

Alguns momentos depois, a carruagem, escoltada pelos dois cavalheiros a cavalo, partiu rapidamente.

Alice de Lux, ao sair de casa, passou a correr, como acabamos de dizer, como uma louca. Sua primeira ideia foi fugir o mais rápido possível do lugar onde acabara de sofrer a tortura da vergonha.

Ela atravessou a esplanada em frente a 458

o castelo, sem saber para onde ia.

De repente, ela parou, tremendo, olhou ao redor.

- Onde ir ! ela sussurrou. Onde se esconder!

O que será de mim quando ele descobrir! Estou perdido ! O que fazer ? Ir para Paris ? Submeter-se às ordens da implacável Catarina? Oh ! não, não!... O que eu fiz!... Eu queria assassinar a Rainha de Navarra!... Quem sou eu?... O que eu sou?... Que abjeção na minha alma! Oh ! Tenho vergonha!... Felizmente, está escuro... ninguém me vê... mas dentro de algumas horas será dia!

Eles vão me ver... E quem não vai adivinhar, só para minha vergonha, que ser horrível eu me tornei!...

Ela se sentou em uma pedra, seu queixo em ambas as mãos.

Esta mulher era jovem.

Ela era bela, com aquela beleza sombria e provocadora dos Béarnaises, meio andaluza na palidez opaca da testa, pelos lábios maravilhosos como romãs abertas, pelo fogo do olhar velado por pálpebras pesadas.

voluptuoso.

Lá, nas montanhas onde o filho de Jeanne d'Albret perseguia o lobo quando não estava perseguindo a donzela, ele era chamado de Belle Béarnaise.

E esse apelido combinava perfeitamente com ele.

Mas, naquele minuto, ninguém reconheceria a beleza que estamos apontando, naqueles traços convulsivos, naqueles olhos descompostos, naquela testa manchada de manchas lívidas...

- O que fazer ! ela retomou. Fugir da Rainha Catarina?... Insano! Para fugir disso, há apenas um refúgio: a sepultura... e não quero morrer... Não! Oh não ! Sou muito jovem para morrer... Anda, desgraçado! Você tem que ir até o fim de sua infâmia... Vamos, levante-se, espião! A rainha está esperando por você...

Foi assim que essa infeliz criatura se torturou.

Para ter pena dela ou dominá-la, ainda não chegou a hora... Os eventos que se desenrolarão nesta história nos mostrarão o que 460

mulher, que monstro ou que mulher infeliz havia em Alice de Lux.

Mecanicamente, levantou-se e retomou o caminho que acabara de percorrer, dirigindo-se a Paris à vontade, pois mal conhecia o país.

Uma tristeza avassaladora pesava sobre ela.

Seus pés arranharam as pedras da descida íngreme.

Mas ela não sentiu fadiga nem dor.

Ela estava indo em direção a Paris como se uma força magnética a tivesse atraído para lá contra sua vontade.

Depois de caminhar por uma hora, ela vislumbrou algumas casas baixas e olhou ansiosamente.

Ela julgou que devia estar bem longe de Saint-Germain e que, além disso, a rainha de Navarra já devia ter saído de lá.

E seu único pensamento, neste momento, era colocar o máximo de espaço possível entre ela e Jeanne d'Albret como se, assim, ela tivesse se distanciado da vergonha. A vergonha o esmagava, o oprimia, parecia-lhe intolerável.

Sofrimento. Ao mesmo tempo, sentiu-se subitamente exausta, não pelo curto caminho que acabara de percorrer, mas pela necessidade de ficar sozinha em um quarto, de esconder a cabeça sob um travesseiro, de não ter mais nada. lhe o imenso cansaço do ar livre. Temia as árvores, os fantasmas vacilantes, as estrelas que olhavam, o céu desprezador, e imaginava que estar coberta a aliviaria imediatamente, pois poderia fugir das testemunhas invisíveis de sua vergonha que sua imaginação despertava a cada passo.

A dez passos dela, parecia-lhe que uma daquelas casas baixas em frente à qual ela havia parado deixava entrar um pouco de luz. Com a resolução inconsciente que governava todos os seus movimentos, ela caminhou em direção a essa luz e bateu em uma porta.

Abrimos quase imediatamente.

"Um quarto para esta noite", disse ela, batendo os dentes.

"Sim", disse o homem. Mas venha aquecer.

Você está tremendo, senhora.

Ela assentiu que ela aceitou.

O homem abriu outra porta, que dava para uma espécie de quarto de hospedaria iluminado pela chama da lareira colocada à esquerda, afastada da porta.

Ela entrou e, instintivamente, virou-se para essa luz, para esse calor.

E ela viu um cavaleiro de costas para ela, encostado no canto de uma mesa.

E na primeira vez, ela o reconheceu. Pois uma chama subiu para suas bochechas pálidas, e um grito escapou dela.

XXII

Pousada Mareil

Ao grito que ela soltou, o cavaleiro se virou rapidamente: era Deodat. Vendo Alice imóvel e como que petrificada, ele empalideceu, levantou-se apressadamente, correu até ela e pegou sua mão.

- O que ! Alice! ele disse com uma voz ardente. Eu não sonho. É realmente você! Você quando minha alma se afogou de tristeza com o pensamento de uma longa separação! Oh ! Não estou, portanto, totalmente amaldiçoado, pois vejo você novamente!

Falou com uma espécie de febre, no estupor de tal alegria que nem sequer sonhou em perguntar-se por que e como ela estava ali.

Ele a arrastou para a grande chama clara da lareira, fez com que ela se sentasse, e ele estava segurando seu 464

mãos na dele.

- Oh ! mas você está congelando... Você está tremendo, Alice... Suas mãos estão frias... Chegue mais perto... ali... mais perto do fogo... O quê! É você !

É você ! Oh ! me diga... Por que você está tremendo assim? Como você está pálida!

Como você parece cansado...

“O que vou dizer a ele! ela pensou.

- Querida querida! No momento em que te vi ali, encostado naquela porta, pensei: Acabou! Nunca mais a verei! Estamos separados para sempre!... E aqui está você!

Você está aí !...

" Oh ! ela soluçou até o fundo de si mesma, o que posso dizer! o que inventar!... »

E seu silêncio agora surpreendeu o jovem.

Ela ficou em silêncio. Por que ?...

Ei! pardieu! Ela não deveria estar espantada com sua audácia? O que ! esta jovem tinha deixado a Rainha de Navarra para juntar-se a ele, cumprindo assim um acto que a comprometia 465

para sempre, quem a perdeu! E foi ridículo o bastante para se perguntar as razões de sua palidez, de sua angústia, de seu silêncio!

É verdade que eles se amavam, que juraram sua fé um ao outro, que ficaram noivos!

Mas mesmo assim uma criança, uma criança pura e casta como Alice não corre atrás de um homem – nem mesmo de seu noivo! – sem sentir uma emoção profunda!

Ah! como se arrependeu, a esta hora, de não ter confiado este amor à rainha de Navarra! Ela teria consolado a sua doce noiva, a boa e maternal rainha! Ela o teria feito aceitar a separação pacientemente!

E o jovem, agora, não sabia como demonstrar ao amado todo o respeito de que sua alma estava cheia, ao mesmo tempo que a gratidão que transbordava de seu coração.

Ele apertou as duas mãos com mais timidez.

– Alice! ele sussurrou.

Ela semicerrou os olhos.

“Aqui está o momento horrível! ela pensou. Oh !

466

morra! antes que meus lábios se separem!

"Alice", ele continuou, e sua voz assumiu as inflexões de uma carícia infinita, "vou levá-la de volta a Saint-Germain para a Rainha...

Que ela ainda não tenha ido...

Ela estremeceu com um choque profundo e olhou para ele descontroladamente.

– Alice, querida Alice, querido anjo da minha triste vida, em vão procuraria palavras capazes de te agradecer pelo que acabaste de fazer...

Se alguma vez tive a infelicidade de duvidar do teu amor, que prova mais magnífica e mais adorável poderias oferecer-me do que aquela confiança sublime que te impeliu a partir porque eu partia!... Oh! Alice...

como vou reconhecer esse momento de felicidade inefável que você me dá esta noite... esta noite abençoada!...

Os olhos da garota se encheram de espanto infinito.

E no fundo desse espanto já estava surgindo a trêmula aurora da esperança...

467

Cautelosa até o fim, ela, no entanto, continuou em silêncio.

“Mas o que você fez, Alice,” ele continuou suavemente, “ninguém deve saber disso.

Venha... ainda há tempo... venha, minha alma querida... em meia hora, estaremos em Saint-Germain... e contaremos tudo à Rainha... então retomarei minha jornada. . , e você vai esperar por mim, tranquilo, confiante...

Alice, então, falou.

Ela tinha acabado de encontrar o que dizer.

E, de cabeça baixa, voz trêmula, murmurou:

- A rainha se foi...

“Desapareceu!” exclamou o jovem, batendo palmas.

"Ela está muito longe agora!"

Houve um silêncio. Marillac, profundamente perturbado, olhou com ternura inexprimível para Alice de Lux, que agora estava se recuperando um pouco.

468

De fato, o relâmpago desapareceu por um momento.

Por algumas horas ou alguns dias, a formidável explicação foi descartada pelo simples fato de o conde acreditar no capricho amoroso da jovem: um ato de loucura, certo, mas que ele não podia culpar.

Então foi ela quem continuou:

“Aproveitei o exato momento em que Sua Majestade estava prestes a entrar em sua carruagem para me levar embora…

Ouvi dizer que me chamavam, que me procuravam... então vi a carruagem partir à noite.

"É uma grande desgraça", disse o conde. Oh !

me entenda, Alice. Para mim, você continua sendo a noiva pura e nobre que é, a escolhida do meu coração; e eu o estimaria mais, se fosse possível, por sua generosa loucura... Mas o que vamos dizer? O que a rainha vai pensar?

Alice levantou a chama aveludada de seu olhar para o jovem.

Então suas pálpebras pesadas com longos cílios negros 469

se abaixou. E ela sussurrou:

– O que me importa o que as pessoas possam dizer ou pensar, desde que te vi... não aguentei a ideia de uma separação mais longa... e quando te vi tomar o caminho de Paris, uma força irresistível me empurrou para partir, eu também... Ó meu amigo... não me despeças...

Enquanto falava assim, Alice de Lux parecia sobrecarregada. Ela realmente era. Só que não era a excitação do amor nem a perturbação da modéstia. Foi a mentira dele que a aborreceu.

E foram também as consequências dessa mentira.

Mas Déodat viu apenas a explosão do amor. Seu coração se encheu de admiração apaixonada. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele se ajoelhou na frente da jovem, pegou suas duas mãos e as cobriu de beijos.

- Com licença, Alice, oh! desculpe ! ele exclamou no arrebatamento de sua alma. Você é mais alto, mais orgulhoso, mais generoso do que eu, e eu não mereço ser amado por uma garota como você. Oh ! neste minuto você me dá 470

esta sublime e magnífica prova da tua confiança e do teu amor, vou falar-te de não sei que medos infantis!... Sim, sim, minha Alice, tu és minha, e eu sou inteiramente tua, para todos Tempo ; e isso data do primeiro dia em que te vi...

Lembre-se, Alice... você era de Paris...

você estava sozinho... seu carro quebrou nas montanhas... seus motoristas o abandonaram... valente, você seguiu seu caminho a pé e eu o encontrei nas margens deste riacho da montanha que você não podia atravessar. .. e então você me contou sua história... e enquanto você falava, eu te admirava...

Por muito tempo, ficamos sozinhos, sob a grande nogueira... e ao anoitecer, eu te peguei nos braços, te carreguei para o outro lado do riacho, te levei até a Rainha de Navarra. .

Ele levantou.

De pé, braços cruzados, testa baixa como se estivesse sob o peso de memórias pesadas, sua figura alta brilhantemente iluminada de um lado pelo 471

chama da lareira, enquanto o outro permaneceu na sombra, ele apareceu como um desses seres que o destino escolheu para grandes paixões, para existências tempestuosas.

E ela, sentada, de cabeça erguida, fitou-o com uma espécie de admiração feroz.

Ambos esqueceram que estavam nos fundos desta pobre estalagem camponesa.

Eles não se importavam se eram ouvidos, se eram observados.

Foi um daqueles momentos inesquecíveis, terríveis e extremamente deliciosos em que o amor explode em todo o seu esplendor radiante em duas almas que instintivamente sentem que abismos horríveis os separam.

Então, parece que o céu vai se abrir para deixar ver o espetáculo eterno e sublime da felicidade absoluta, e neste exato momento, os olhos não se atrevem a erguer-se para este céu por medo de encontrar ali a tempestade e o relâmpago .

E ela era linda, essa espiã, linda como um daqueles anjos maus, tipo, no antigo 472

lendas, o poder das trevas os desperta para semear desastres no caminho que percorrem, como meteoros assustadores e admiráveis.

Ela era linda com sua beleza fatal, linda também com o amor imenso, puro, sincero que ardia em seu coração!

Sim ! para odiá-lo ou ter pena dele, esperemos para conhecê-lo completamente...

O filho de Catarina de Médici, diante do espião, como dissemos, continuou:

"É a partir deste dia, Alice, que meu amor data, e mesmo que eu tivesse que viver cem existências, nunca poderia esquecer este momento em que carreguei você em meus braços. Ah! é porque você entrou na minha vida como um raio de sol entrando em uma masmorra! É porque eu carregava em mim pensamentos terríveis negros como nuvens de tempestade e então meus pensamentos clarearam! É que eu fui um infortúnio ambulante e que sobre esse infortúnio você jogou o manto azul dos sonhos de felicidade! É que eu era desespero, vergonha, humilhação, e te ver tão radiante 473

e tão bela, dignando-me a dobrar tua beleza sobre minha miséria, conheci a esperança, triunfei sobre a vergonha e a humilhação transformada em orgulho real em minha alma! Oh! Alice, minha Alice! Mais uma vez, você acabou de me esclarecer. Sejamos um mundo de felicidade um para o outro e esqueçamos o resto do universo! Não importa o que digam... era isso que você estava dizendo! Sim, que importa!... Meu amor está aí para te abrir, e minha espada para apagar para sempre o olhar zombeteiro que ousaria erguer-se sobre você!...

Alice de Lux, no mesmo instante, estava de pé.

Ela abraçou o pescoço do jovem com seus dois braços delicadamente modelados, mas soberbamente vigorosos.

Ela encostou a cabeça pálida no coração daquele que amava e sussurrou:

- Oh ! se você estivesse falando a verdade! Se pudéssemos esquecer tudo no mundo! Escute, escute, meu querido amante... Eu também fiquei triste com a morte. Eu também estava cercado pela escuridão. Eu também sofri terríveis torturas. Não, não se preocupe, você veio, e eu vi 474 também

para clarear o horizonte sinistro onde o destino me empurrava. Somos então dois malditos que um anjo de misericórdia lançou um ao outro para salvá-los do desespero! Sim, deve ser! Bem, já que você é tudo para mim, já que eu sou tudo para você, vamos fugir, oh meu amante, vamos fugir!

Deixe a França! Vamos atravessar as montanhas e se necessário os mares! Vamos esconder a tristeza do nosso passado e as intoxicações do nosso amor... Diga! você quer! Leve-me, leve-me para onde quiser, desde que seja longe de Paris, longe da França! Farei de ti uma

vida de delícias, servir-te-ei, serei tua mulher, tua amante e tua serva... porque tu me salvaste de mim mesmo!...

Ela estava tremendo. Seus dentes batiam. Um terror vertiginoso tomou conta dela...

– Alice! Alice! voltar para você! exclamou Deodat, apavorado.

Ela olhou ao redor descontroladamente e gaguejou:

“Estamos fugindo, não estamos? Oh!

não esperemos o dia... Venha, vamos!...

475

– Alice! Alice! repetiu o jovem.

Por que essas palavras estranhas! Por que você quer ser salvo de si mesmo!

A espiã fez um esforço enérgico para se reconquistar.

Ela sentiu que havia chegado a um daqueles pontos de virada formidáveis em que uma palavra ou um gesto o condena à morte.

Ela estremeceu de horror ao pensar que talvez uma dessas palavras lhe tivesse escapado.

- O que foi que eu disse? murmurou ela, enquanto seu peito arfava em palpitações apressadas, o que eu disse?... Nada, meu querido amante, nada que deveria te assustar...

Ela tentou rir.

- Me compreende. Eu sugiro que você vá embora. Eu disse fugir...é uma maneira de falar...Eu disse fugir? Do que eu poderia fugir? Não tenho do que fugir!

mas vá com você. Então eu teria todos vocês!

Não há mais separação! Nada mais do que o nosso amor!

Eu não seria salvo da tristeza dessa maneira!

476

– Sim, querida adorada!... mas você estava estranhamente exaltado...

- Veremos! Estou calma. E é na paz de espírito que repito para você: vamos embora.

Vamos para a Espanha ou Itália, mais adiante se necessário. Corajoso, forte como você é, você encontrará o uso de sua espada em todos os lugares... e que príncipe não ficará feliz em contá-lo entre seus cavalheiros!...

O conde de Marillac balançou a cabeça lentamente.

Ele desamarrou os dois braços de sua amante que estavam em volta do pescoço dela, fez com que ela se sentasse perto da lareira, jogou um feixe de lenha seca no fogo que reavivou, e cuja grande chama clara iluminou mais uma vez a pobre sala de jantar.

"Ouça-me, minha Alice", disse ele por sua vez. Juro-te pela minha alma que, se eu fosse livre, responder-te-ia: tu queres que partamos... partamos; vamos onde você quiser. Espanha ou Itália, tudo será bom para mim.

- Mas você não está livre! disse Alice com imensa amargura.

– Você não sabe?... Um dia, vou te contar o segredo do meu nascimento... todo o meu segredo... e até o nome da minha mãe...

Alice se encolheu.

Esse segredo, ela o havia surpreendido!

Ali, na casa de Saint-Germain, foi ela quem soltou aquele grito abafado quando o conde de Marillac falou de sua mãe...

Catarina de Médici!

"Sim", retomou o jovem; um dia, em breve, sem dúvida, vou te contar tudo! Mas saiba a partir de agora que ele é alguém no mundo que eu adoro, a ponto de morrer se necessário para salvar essa mulher. Porque ela é uma mulher, Alice, você a conhece: ela é a Rainha de Navarra, aquela que chamamos de nossa boa rainha. Ela me salvou. Ela era minha mãe. Ela me levou, miserável e nu, para me fazer um homem. Devo tudo a ele: vida, honra e honras. Bem, a Rainha Jeanne precisa de mim. Jurei realizar seus desejos. Se eu saísse agora, não seria apenas fugir, seria covardia, traição. eu seria mais malvado do que um desses espiões

o que a rainha Catarina sustenta... Você me entende, minha Alice?...

"Eu entendo," ela respirou, ficando lívida.

E mais baixo ainda, como se estivesse sobrecarregado:

"Então não vamos sair?"

“Lembre-se de que grandes infortúnios aconteceriam à nossa rainha se eu não fosse a Paris! disse ele, com o profundo espanto que a insistência de Alice lhe causou.

– Sim, sim, é verdade... a rainha está ameaçada...

você não precisa ir...

- Eu te encontro, generoso amigo!... Mas não pense ao menos que meu dever para com a rainha me faz esquecer meu amor. Dois anjos se inclinaram sobre mim. Jeanne d'Albret é um desses anjos. Você é a outra, Alice, desde que a rainha de Navarra partiu, já que você não pode sonhar em se juntar a ela agora, você virá para Paris comigo. Conheço uma casa onde você será acolhida como uma filha amada porque eu mesmo sou acolhida lá como um filho... É aí que 479

você vai esperar, protegido de toda suspeita, protegido de todo infortúnio também, até que estejamos unidos para sempre.

- Esta casa? ela perguntou.

“É a do nosso ilustre líder, Almirante Coligny.

O mesmo tremor profundo que já havia sacudido o espião várias vezes durante essa perigosa entrevista a sacudiu por inteiro, e a mesma tonalidade cadavérica se espalhou por seu rosto.

Por sua vez, ela balançou a cabeça.

“Você não quer se refugiar com o almirante”, perguntou o conde.

Ela fechou os olhos, oprimida. Ela realmente era. Ela só tinha um pensamento: poder ficar uma hora sozinha, calar-se, refletir, medir seu desastre, inventar uma nova mentira...

- Estou cansada, ela murmurou, cansada a ponto de não ter mais a cabeça para mim...

– Essas emoções estão te machucando demais... Ó Alice, 480

meu pobre anjo... como terei que te pagar por todo esse mal em felicidade.

- Não é nada... se eu pudesse dormir... ali...

perto deste fogo... sob seu olhar... parece-me que todo o meu cansaço iria embora.

E como se tivesse sucumbido ao sono, jogou a cabeça para trás.

O conde de Marillac, na ponta dos pés, foi pedir ao estalajadeiro um ou dois travesseiros, um cobertor.

Arrumou os travesseiros para apoiar a cabeça da amada, jogou o cobertor sobre os joelhos e, entendendo pela regularidade de sua respiração que ela dormia tranquilamente, sentou-se, apoiou-se na mesa e, com os olhos fixos nela, esperou ela acordar.

O estalajadeiro, depois de perguntar se o senhor queria alguma coisa, fechou a porta da sua rolha e foi deitar-se.

O silêncio era profundo por fora e por dentro.

Só o silvo da videira dispara que 481

se contorcer e babar no fogo trouxe um pouco de vida a esse silêncio.

Profundamente tocado, Deodat cuidou de sua noiva.

Alice de Lux estava meditando.

E é necessário que tentemos resumir aqui esta meditação. Sem esse cuidado, certas atitudes desses personagens permaneceriam incompreendidas.

A situação dessa mulher era trágica. O drama aqui foi excepcional. Uma palavra explica: o espião adorava o conde de Marillac. Em vez de lhe parecer o que ela era, ela teria morrido mil vezes. Déodat, filho de Catarina, pertencia de corpo e alma a Jeanne d'Albret. Alice de Lux estava espionando em nome de Catherine de Medici, para perder Jeanne d'Albret. Dessas terríveis premissas emergiu uma conclusão implacável: Alice e Deodat estavam juntos, mas inimigos como um poderia ser então, ou seja, o dever de cada um deles era matar o outro. Agora, se Déodat não sabia nada sobre Alice, o espião sabia tudo sobre o emissário de 482

Joana de Albret.

O que dizemos ali, Alice de Lux colocou claramente em sua mente como um terrível teorema.

Dito isso, ela considerou dois casos possíveis:

1° Ela estava se matando.

2° Ela viveu.

Continuemos, portanto, na dramática simplicidade geométrica do raciocínio dessa mulher, a seguir as deduções que se apresentaram ao seu cérebro.

Primeiro caso. Ela estava se matando. A coisa não o envergonhou. Ela sempre carregava consigo um veneno devastador. Então nada poderia ser mais fácil. Desta forma ela escapou da terrível vergonha. Sim, mas ela estava renunciando a uma vida de amor. Ela amou. À sua maneira, é verdade. Ela amava o amor, talvez ainda mais do que amava Deodat. Morrer era

afastar-se de um espetáculo que ela ansiava por contemplar; era renunciar às felicidades que seus 483

a imaginação exaltada forjou-se magnífica.

Criatura jovem, bonita, vigorosa, admirável, ela não podia morrer. O próprio pensamento de que ela poderia parar com essa solução a deixou horrorizada. Mais uma vez, não era covardia, nem medo da morte: o amor era mais forte que tudo.

Ela rejeitou esta solução.

Segundo caso. Ela viveu. Ela poderia tentar arrastar Deodat para longe de Paris. Sim, pode funcionar. O principal era que ele não sabia de nada. Ela poderia tentar se livrar da dominação da rainha Catarina. Ela deve ter previsto dificuldades intransponíveis (de que ordem? Logo saberemos), uma impossibilidade talvez. Pois naquele momento Deodat a viu estremecer de tal forma que puxou o cobertor sobre ela e, muito preocupado, pegou uma de suas mãos. Esta mão estava congelada. Gentilmente, ela o puxou, como se faz durante o sono.

A conclusão foi esta.

Separando-se de Déodat por um tempo 484

impossível delimitar. Invente as razões para uma separação. Volte para Catherine e espere. Assim que ela fosse liberada de Catherine, ela se juntaria ao conde e o convenceria a ir embora com ela.

Sim, mas se, durante este tempo, voltasse a ver a Rainha de Navarra?...

Se a rainha falasse!...

Por que Jeanne d'Albret falaria se ele estivesse em silêncio?...

Então ela teve que inventar algo para que Deodat nunca falasse dela na frente da Rainha de Navarra.

Adotados esses diferentes pontos, restava descobrir o motivo da separação.

Mas era necessário que a separação fosse completa? Não, isso não foi útil. Era até perigoso.

Ela tinha que ser capaz de vê-lo de vez em quando.

E se, de repente, um dia, lhe dissesse: Conheço a tua infâmia!... Pois então, seria tempo de fugir da vergonha, da desgraça, do seu

desprezo, ao seu ódio, a tudo... pela morte!

Tal foi a meditação desta mulher verdadeiramente corajosa naquela noite abominável.

O amanhecer começava a embranquecer as grossas janelas do quarto da pousada quando o espião fingiu acordar. Ela sorriu para o conde de Marillac. E aquele sorriso continha um amor tão profundo e sincero que o jovem estremeceu da cabeça aos pés.

“Essa”, disse ele, “foi uma noite que vou lembrar para o resto da minha vida.

"Eu também", ela respondeu gravemente.

- É hora de tomar uma decisão. Caro amado, sugeri que você se refugiasse no hotel do Almirante.

- Sério ? ela perguntou com um ar de ingenuidade.

Você estava sugerindo isso para mim?

E ao mesmo tempo pensou:

" Oh ! triste miserável que sou! Oh !

o horror das mentiras! Mentira ! Sempre mentira! E eu o amo muito!”

486

"Lembre-se, Alice...

“Ah sim,” ela disse rapidamente. Mas é uma coisa impossível, meu amado. Considere que você mesmo, pelo que entendi, vai morar neste mesmo hotel.

Ele está corando. E nem por um momento o pensamento lhe ocorreu até que antes de adormecer, ela parecia determinada a enfrentar tudo para estar com ele.

"Sim, é verdade", ele gaguejou.

“Ouça, meu querido amante. Tenho um velho parente em Paris, algo como uma tia, que caiu um pouco na desgraça, mas que me ama. Sua casa é modesta. Mas estarei lá admiravelmente até o dia em que puder ser todo seu... É para lá que você vai me levar, meu amigo.

- Isso é uma alegria! exclamou Deodat radiante, pois não havia contemplado sem terror secreto a solução que havia proposto, o Hotel Coligny possivelmente se tornando um centro de ação violenta. Mas, acrescentou, posso vê-lo?

487

- Oh ! ela respondeu voluvelmente, muito facilmente. Minha parente é uma boa pessoa... Vou contar a ela parte do meu doce segredo... Você virá duas vezes por semana, segundas e sextas, se quiser.

- Bom ! E o horário das nossas reuniões?

"Mas, por volta das nove horas da noite...

Ele começou a rir. Ele estava feliz que as coisas estavam funcionando assim.

"A propósito", disse ele, "onde mora sua tia?"

"Rue de la Hache", ela respondeu sem hesitação.

"Perto do hotel da rainha?" ele exclamou, surpreendente.

- É isso. Não muito longe da nova torre do hotel. Você verá, quase na esquina da rue de la Hache e rue Traversine, uma pequena casa recuada, com uma porta pintada de verde.

Está aqui...

– Tão perto do Louvre! tão perto da rainha!

murmurou a contagem embotada... Mas o que 488

Vou me preocupar com isso?...

E tendo aparecido o estalajadeiro, ocupou-se em fazer um almoço resumido servido à jovem.

Sentaram-se à mesa. Ela comeu com vontade.

Foi uma hora adorável.

Por fim, Déodat montou em seu cavalo e levou Alice atrás, como era de costume. A garota estava acostumada com a manobra. O conde pôde partir a trote bastante rápido e, por volta das oito horas da manhã, entrou em Paris.

Logo chegou à rue de la Hache e deixou seu companheiro em frente à casa indicada. Na verdade, estava a poucos passos da coluna dórica que Catarina de Médici erigira para Ruggieri.

Algumas cabeças curiosas apareceram; o jovem saudava gravemente Alice de Lux, ao mesmo tempo que, com os olhos, lhe despedia apaixonadamente.

Então ele se afastou sem olhar para trás.

Alice o seguiu com o olhar até ele virar a esquina.

489

Então ela soltou um suspiro profundo; toda a força de alma que a havia sustentado até então de repente desapareceu.

Falhando, ela bateu a aldrava na porta verde e sussurrou:

– Adeus, talvez para sempre, sonho de amor, sonho de pureza, sonho de felicidade...

490

XXIII

Alice de Lux

A porta se abriu. A jovem atravessou uma espécie de jardinzinho de sete ou oito passos de profundidade, e entrou na casa, que consistia de um térreo e um primeiro andar. Um muro bastante alto, no qual se abria a porta verde, separava o jardim da rue de la Hache – um beco, uma viela estreita e tranquila, atormentada durante três anos pelos ruídos dos pedreiros que trabalhavam no Hôtel de la Rainha, mas agora revertido para a paz e o silêncio, a ponto de a passagem de um cavaleiro causar ali sensação, como acabamos de ver.

Se a rua, por causa desse silêncio, por causa da sombra do grande edifício da rainha Catarina, parecia bastante misteriosa, a casa era ainda mais.

491

Ninguém nunca entrou nele.

Uma mulher na casa dos cinquenta morava lá sozinha.

Era impossível dizer se aquela mulher estava ali como criada, governanta ou senhoria.

Ela era conhecida no bairro como Lady Laura. Estava sempre bem vestida, e até com certo refinamento. Ela falou pouco. Quando ela saía, deslizava silenciosamente pelas paredes, e suas saídas aconteciam sempre de manhã cedo ou ao entardecer.

Tínhamos um pouco de medo dela, embora ela parecesse uma boa pessoa, e embora aos domingos ela frequentasse a missa e os cultos com muita regularidade.

Bem, ele era um daqueles seres esquisitos que falamos muito em um bairro, justamente porque não há nada a dizer sobre ele. Quanto ao seu nome com terminação italiana, não poderia ser motivo de desconfiança, sendo a rainha Catarina ela mesma florentina.

Laura, vendo Alice entrar, não conseguiu um 492

gesto de surpresa. Fazia, no entanto, quase dez meses desde que a jovem chegara à casa. Talvez ela estivesse esperando esse retorno.

“Aqui está você, Alice! ela disse sem emoção.

– Quebrada, machucada, minha boa Laura, cansada, de corpo e alma, desgostosa com minha infâmia, desgostosa de viver...

- Acalmar ! Você se foi de novo...

Você ainda é o mesmo... exultante, surpreendente por nada.

“Prepare-me um pouco daquele elixir que você costumava me dar.

- Sim. E você não comeria?

- Eu não estou com fome.

“Um mau sinal em uma mulher como você”, disse a velha, derramando algumas gotas de uma garrafa em uma taça de prata que ela tirou de um armário.

Alice engoliu a bebida que tinha acabado de ser preparada para ela. Ela pareceu experimentar uma espécie de bem-estar imediatamente, e seus lábios pálidos retomaram a cor.

493

Ela se despiu e vestiu uma roupa de interior, de lã branca, amarrada na cintura com um cordão de seda.

Em seguida, examinou tudo ao seu redor, como se tivesse tido prazer em se familiarizar com esse interior.

Seus olhos de repente caíram em um retrato.

Ela se assustou e olhou para ele por um longo tempo.

Laura a observava e acompanhava cada movimento com grande interesse. Era óbvio que ela era mais que uma serva. Talvez houvesse alguma conexão misteriosa entre essas duas mulheres, pois Alice parecia não ter nada escondido da velha.

Após alguns minutos dessa contemplação, Alice mostrou o retrato para Laura.

"Devemos remover esta tela", disse ela.

"Para colocá-lo em seu quarto?" disse a velha com um sorriso que poderia parecer cínico.

"Para destruí-lo!" Alice corou.

494

Destrua-o imediatamente, na minha frente...

“Pobre Marechal! murmurou Laura, que, levantando-se de uma cadeira, tirou o quadro.

Em pouco tempo, ela havia despregado a tela; e ela o rasgou em pedaços e o jogou no fogo.

Alice assistiu sem dizer uma palavra a esta execução que ela acabara de ordenar.

Então ela se deixou cair em uma grande poltrona e estendeu as mãos para a chama, como se estivesse muito frio.

“Laura”, disse ela com uma espécie de embaraço, “um rapaz virá aqui na sexta à noite...

A velha, que, com um estranho sorriso no canto dos lábios, observava os últimos fragmentos do retrato queimarem, olhou de volta para a jovem. E desta vez, em seus olhos, ela estava tentando colocar uma expressão de pena.

"Por que você está olhando assim para mim?" disse Alice. Você tem pena de mim, não é? Bem, sim, realmente tenho pena... Mas ouça-me com atenção... este jovem virá todas as segundas e sextas-feiras...

495

- Como o outro! Laura disse, atiçando o fogo.

- Sim ! como o outro... já que segundas e sextas são os únicos dias em que estou livre...

Você entende o que espero de você, não é, minha querida Laura?

“Eu entendo muito bem, Alice. Tornei-me seu parente novamente... seu velho primo?

– Não, eu disse que você é minha tia.

- Bom. Subo na classificação. Seu novo amante deve ser mais importante que o pobre marechal de Damville.

"Cala a boca, Laurinha! disse Alice estupidamente. Henri de Montmorency era apenas meu amante.

- E este ?

– Este... eu adoro!...

- E o outro ! não o marechal... mas o primeiro, você não o amava também?

Alice empalidece.

"O Marquês de Pani-Garola!" ela sussurrou.

"Sim, aquele digno marquês!" A propósito, você sabe o que acontece com ele?

496

- Como eu iria saber?

– Ele entrou na religião.

Alice soltou um choro fraco.

“Isso te surpreende, não é? Mas é! Esse diabo de quatro, esse matador, esse espadachim, esse herói de todas as orgias, bem, ele agora é um carmelita digno... Monge aos vinte e quatro! quem diria isso do brilhante marquês?Ontem ele pregou contra os huguenotes.

- Monge! O Marquês de Pani-Garola!

sussurrou Alice.

"Agora reverendo Panigarola!" respondeu a velha. Como a vida. Ontem demônio, hoje anjo de Deus... a não ser que seja exatamente o contrário. Mas voltemos ao seu jovem. Qual o nome dele ?

Alice de Lux não ouviu. Ela estava pensando profundamente. Seu rosto assumiu uma expressão sombria que gradualmente se iluminou.

- Oh ! se isso fosse possível! ela sussurrou.

Eu estaria livre!... Você diz, continuou ela em voz alta, que o marquês se tornou monge?... De que ordem? De 497

que convento?

– Ele está nos Carmelitas da montanha Sainte-Geneviève.

"E ele prega?"

– Em Saint-Germain-l'Auxerrois, onde há multidões para ouvi-lo. As mais belas damas querem ser suas penitentes. Quantas absolvições ele deve dar depois de ter condenado tantas almas!

– Em Saint-Germain-l'Auxerrois. Bem, Laura, você pode salvar minha vida, se quiser...

- O que devo fazer?

“Chame o Marquês... Reverendo Panigarola para ouvir minha confissão.

A velha lançou um olhar penetrante para Alice; mas ela só viu um rosto abalado por profunda dor e imensa esperança.

" Oh ! Oh ! ela pensou, há algum segredo aqui que eu preciso saber..."

"Não vai ser fácil," ela continuou, respondendo a Alice. O reverendo está cercado...

mas, enfim, acho que vou chegar lá, principalmente se 498

Digo que novo penitente implora a ajuda do digno pai...

- Cuidado para não dizer que é sobre mim!

gritou Alice. Ouça, Laura, minha boa Laura, você sabe o quanto eu te amo, e que confiança eu tenho em você, já que você já me salvou uma vez...

“Sim, você confia em mim, mas ainda não me disse o nome desse jovem que está por vir...

"Mais tarde, Laura, mais tarde!" Este nome, você vê, é um segredo terrível, e agora mal ouso pronunciá-lo em meu coração, para que ninguém ouça as batidas deste coração e adivinhe o terrível mistério que ele contém... Apenas saiba que eu o amo. ..

Oh ! Eu o amo para dar a minha vida para salvá-lo da dor... ele sofreu tanto!... E quem sabe os sofrimentos que ainda estão reservados para ele!... Para dizer o quanto eu o amo... poderia! Parece-me que me purificou... fez-me conhecer o amor em todo o seu esplendor e sacralidade, alegrias que já não me julgava digna de experimentar.

Oh ! Por que ainda sou a virgem casta que ele 499

pensa que encontrou em mim! Por que posso oferecer apenas um corpo murcho e uma alma caída!...

Ela juntou as mãos e as apertou com força uma contra a outra.

"Eu não posso te dizer o nome dela, Laura!" E é porque eu o amo!... Melhor eu morrer do que revelar quem ele é... Mas escute... Você sabe o que eu sofro com a maldita Catherine. Você sabe o horror que eu tenho de mim mesmo! Sabes que me vi tão infame que quis matar-me... e que sem ti, sem o teu cuidado que me reanimava, sem as tuas carícias maternais que me consolavam, eu teria morrido!...

Bem, hoje mais do que nunca, devo deixar de ser, como tantos infelizes, um instrumento nas mãos desta mulher impiedosa. Qual instrumento! Instrumento de acusações baixas, de intrigas vis, instrumento de morte muitas vezes! Meu corpo entregue aos beijos de quem ela me aponta! Os segredos dos meus amantes presos no travesseiro! A infame comédia de amor tocada quando a rainha quer! Oh !

isso é terrível, você vê! Isso me assusta, este 500

pensei que meus beijos são mortais e que o homem cujo amor eu capturo deve ser entregue por mim!... E agora, agora que eu amo, você pode conceber meu terror, meu horror! Você percebe que devo escapar de tal vergonha, do terrível despotismo que faz de mim uma criatura sem nome!...

Ela desfez-se em lágrimas...

- Acalmar ! disse a velha Laura, "tudo isso vai passar; você está cansado, nervoso; o que você precisa é de um pouco de descanso, e esses pensamentos sombrios irão embora...

– Ah! sim, cansado! disse Alice, enxugando os olhos; cansado além do que você pode imaginar... E, acrescentou com uma voz mais sombria, se certas coisas que eu espero não acontecerem, só haverá um descanso possível para mim... a morte!

"Morte na sua idade!" Vamos, livre-se rapidamente desses pensamentos fúnebres, ou acho que você quer imitar seu belo Marquês de Pani-Garola que se tornou o monge Panigarola, que é uma maneira de morrer!

501

Com essas palavras, pronunciadas com uma voz mordaz e zombeteira, Alice estremeceu.

- O monge ! ela sussurrou, passando a mão pela testa.

— Tranquilize-se, madame, cuidarei de que seja ouvida por ele na confissão.

- E quando ? disse a jovem rapidamente.

– Aqui... hoje é terça. Bem, o mais tardar no sábado à noite; agora, deixe-me fazer uma pergunta: que dia você pretende ir ao Louvre?

Alice estremeceu por um longo tempo.

"Você sabe que é esperado", insistiu a velha.

"Você me disse que eu poderia falar com o monge no sábado à noite?"

- Eu prometo.

– Bem, vou ao Louvre no sábado de manhã.

Agora deixa-me. Preciso muito descansar, minha pobre Laura, e esses dias não serão demais para me recuperar...

502

Alice de Lux pareceu então mergulhar em um profundo devaneio que a velha Laura respeitava.

Naquela noite, quando as luzes estavam apagadas e tudo parecia dormir na casa, por volta das dez horas, quando o silêncio e a solidão eram profundos nessas ruas estreitas, a porta verde se abriu silenciosamente e uma mulher saiu para a rue de la Hache.

Ela caminhou com um passo abafado e rápido em direção à torre do hotel da rainha.

Esta torre era perfurada por estreitas claraboias que iluminavam a escadaria interior, e a primeira dessas claraboias, gradeada com barras sólidas, estava quase ao nível dos olhos.

A mulher que acabamos de mencionar parou diante dessa clarabóia e, na ponta dos pés, esticando o braço, deixou cair um bilhete no interior da torre construída para o astrólogo Ruggieri.

Então ela correu de volta, escapando como um fantasma.

Silenciosamente, ela entrou na casa pela porta 503

verde, onde Alice de Lux dormia, esmagada pelo cansaço.

Essa mulher era a velha Laura!...

504

XXIV

Cano

Este capítulo será curto; mas embora tenha no título o simples nome de uma besta, não deixa de ser importante em nossa história. E por que um cachorro não deveria ter direito ao seu capítulo, assim como outro personagem? Seja como for, entre os atos e gestos desse cão, há um que teve uma influência singular no destino de seu dono e, consequentemente, no destino de vários heróis ou heroínas que aparecem nesse drama.

É este gesto de Pipeau que devemos expor aqui aos nossos leitores.

Agora, naquela manhã em que o Chevalier de Pardaillan foi preso, Pipeau, por um sentimento de amizade fraterna, fez o possível para defender seu mestre - seu amigo.

505

Se, nesta luta memorável, houve bezerros que sangraram, se houve calções em péssimo estado, se até um soldado ficou no chão, morto estrangulado - na companhia dos que foram nocauteados pelo cavaleiro, é porque Pipeau usava suas mandíbulas de ferro para essas várias tarefas, das quais se desempenhava com zelo, e não sem fortes estrondos e latidos.

Pardaillan foi derrotado.

Pipeau foi derrotado.

Surpresos, impressionados com o número, o cão e seu dono sofreram a derrota que dissemos.

Pipeau, portanto, desceu as escadas nos calcanhares dos soldados que levaram Pardaillan.

Não foi, aliás, sem receber alguns pontapés e até um golpe da espada que lhe partiu a orelha.

Uma vez na rua, o cachorro começou a seguir a carruagem na qual o cavaleiro havia sido jogado.

Cauda e cabeça baixa, nosso herói - estamos falando do cachorro - chegou à Bastilha, 506

e, na simplicidade de sua alma, naturalmente quis entrar.

Pipeau ignorou as instruções, o que é errado, mesmo para um cachorro.

Mas as sentinelas da fortaleza eram, pelo contrário, muito treinadas na questão dos armários.

Resultou desta ignorância de um e deste conhecimento dos outros que o pobre animal bateu o focinho na ponta de uma alabarda, e que, tendo efetuado uma retirada, foi acompanhado nesta retirada por uma saraivada de pedras e projéteis diversos. . E quando quis voltar à carga, se viu diante de uma porta fechada.

Diante dessa porta, Pipeau soltou um latido prolongado e lúgubre, seguido de ganidos furiosos.

O latido era uma reclamação para seu mestre, os ganidos uma ameaça para os sentinelas.

Descobrindo que nem seu mestre nem as sentinelas responderam às suas queixas ou provocações, Pipeau começou a circular em torno de 507

a fortaleza com seu habitual ritmo desordenado.

Mas ele voltou ao ponto de partida sem ter encontrado o que, em seu raciocínio primitivo e confuso, talvez esperasse encontrar, ou seja, uma saída pela qual seu mestre teria partido.

De fato, como pode entrar na cabeça de um cachorro que um homem seja arrastado para o interior de paredes grossas para nunca mais sair? Esta é uma ideia humana.

Algumas horas se passaram para o pobre animal em ansiedade sombria.

Acabou se acomodando a cerca de vinte passos da porta e da ponte levadiça e, com o focinho empinado, inspecionou aquela coisa enorme e enegrecida na qual seu mestre havia sido engolido.

Crianças jogavam pedras nele, uma diversão que imediatamente provou a Pipeau que esses jovens estranhos pertenciam a uma raça superior.

Mas ele estava contente em ir e se estabelecer um pouco mais.

508

No entanto, o dia passou. O apetite veio, Pipeau resistiu heroicamente às dores do estômago e permaneceu firme em seu posto de observação; é no máximo se ele concordou em bocejar para enganar sua fome.

A noite chegou.

Não queremos sugerir que este cão raciocinou. Se dermos razão ao cão, o que seria do respeito humano? Temos muito desse respeito para deixar alguém suspeitar que esse animal tinha coração e mente; a teoria da superioridade e inferioridade raciais é uma boa teoria; e se a vencêssemos, chegaríamos a monstruosidades; seria quase necessário admitir que um negro vale um branco e que um judeu vale um cristão, o que seria uma abominação. Então, vamos nos ater à boa teoria.

Pipeau, de raça inferior, não raciocinou.

No entanto, pessoas interessadas em sua manobra se aproximaram dele. Um deles queria levá-lo embora, ele mostrou suas presas. Ele foi visto inspecionando com atenção constante o 509

diferentes andares do edifício sombrio. Às vezes ele aguçava as orelhas e a ponta do nariz se contraía.

Então ele soltou um grito alto. E, como nada lhe respondeu, deu um latido queixoso.

Pipeau não raciocinou.

Mas quando chegou a noite, se não foi por um claro silogismo, foi pelo menos por alguma associação de ideias que decidiu ir embora.

Quem sabe se ele não está pensando neste momento:

“Talvez ele tenha voltado para lá, para a estalagem certa. É a hora em que ele se senta a uma mesa de onde caem pedaços que agarro de passagem..."

Seja como for, Pipeau seguiu em linha reta em direção a La *Devinière* , seguindo exatamente o caminho que havia seguido pela manhã na direção oposta.

Ele entrou direto, atravessou a sala comunal, inspecionou-a com um olhar e subiu ao quarto de Pardaillan.

Lá, sua desolação não conhecia limites.

A sala estava fechada e seu mestre não estava lá 510

não: foi o que ele se assegurou cheirando a maçaneta. Triste de morte, ele desceu novamente, admitindo, no entanto, que seu apetite parecia aumentar como resultado direto de sua dor. Pelo menos, supomos que ele deve ter feito essa confissão para si mesmo, porque, sem hesitação, com a resolução cínica de um ser que não teme Landry, nem Grégoire, ele entrou na cozinha e parou no meio, o nariz no ar , olhos cheios de desafio.

Deve-se dizer que todas as reuniões anteriores de Pipeau e Landry sempre resultaram em um chute sorrateiro do homem com o cachorro.

A julgar pela audácia do cachorro e pelo espanto de Landry ao ver Pipeau plantado no meio de sua cozinha, como se tivesse o direito de estar ali.

Mas Landry estava apenas cortando uma galinha.

Ele parou. Suas bochechas tremeram de indignação. E exclamou:

511

“Aqui está você, cachorro bêbado!...

Diante desse insulto, Pipeau permaneceu impassível.

Só que ele se sentou de bunda e olhou fixamente para Mestre Landry.

“Sim”, continuou o último sem qualquer majestade, “você está tentando entender; mas você é muito estúpido, você não é um desses cães honestos que guardam a casa e respeitam a cozinha, e a um sinal do dono protegem o que é bom para comer e comer; você, você não compreende esses tons de delicadeza e honestidade; além disso, como mestre, como cão. Qual é o seu mestre? Um ladrão, um bandido, alguém que não sei quem veio de quem sabe de onde e que quase me amaldiçoou. Ladrão como ele, quantas vezes eu te surpreendi aqui fazendo algum roubo vil!

De majestosa, a voz de Mestre Landry tornou-se furiosa.

Pipeau ainda não se mexeu.

Mas o canto de seu lábio se curvou ligeiramente para trás e expôs um dente muito branco e muito afiado, e seu bigode estremeceu; 512

ele evitou olhar para o mestre Landry; evidentemente, ele estava atento ao seu discurso, mas outros pensamentos também o atraíam.

“Agora”, terminou o estalajadeiro, “desde que seu mestre, que o diabo o leve! conseguiu se impor aqui, tive que fingir para você uma amizade que estava longe do meu coração. Tubo aqui! Tubo ali! Oh ! o cachorro lindo! cachorro honesto! E fiel! E inteligente ! Huguette, dê-lhe esta carcaça de pombo! Mas eu estava reclamando muito comigo mesmo! Finalmente, acabou, aqui estou eu livre, já que seu mestre está na prisão. E já que estou livre, estou caçando você! Você escuta ? Eu caço você! Fora daqui! Lubin, meu lardoire!... ou melhor, espere! um bom pontapé no estômago!...

Com essas palavras, Mestre Landry decolou.

Com aquela graça especial que os hipopótamos podem ter, ele balançou a perna direita por um momento e balançou o pé.

Houve um latido alto, imediatamente seguido por um gemido.

513

No mesmo momento, Pipeau podia ser visto fugindo a toda velocidade pela rua, enquanto o estalajadeiro, esparramado no chão da cozinha, fazia esforços em vão para se levantar.

Simplesmente, Maître Landry errou seu alvo; o cachorro pulou para o lado; o pé do estalajadeiro bateu no vazio, o homem girou e caiu, arrastado por sua massa pesada.

Quando os criados o levantaram, não sem esforço, e não sem os gemidos do estalajadeiro, este disse estas palavras:

– O inimigo está fugindo. Huguette, teremos que dar um grande jantar para comemorar o desaparecimento do cachorro e do dono.

Mas, ao mesmo tempo, soltou um grito de desespero e, com a mão trêmula, apontou para o prato em que estava esculpindo uma ave quando Pipeau chegou.

As aves desapareceram!...

Pipeau tinha vencido!...

Foi este último ato de roubo que ele 514

havia meditado durante o discurso do Mestre Landry!...

Assim, o cachorro fugiu, carregado com uma bela galinha destinada a algum cliente rico, e pôde jantar como um rei naquela noite.

Ele provavelmente passou a noite sob algum toldo; e como caía uma chuvinha fria, mestre Landry ao menos se vingou das amargas reflexões que o pobre animal deve ter tido.

Por alguns dias, Pipeau desapareceu.

O que aconteceu com ele naqueles dias sombrios? Ele foi visto em duas ou três ocasiões olhando para o Auberge de la *Devinière à distância* , como um paraíso perdido.

Quais eram seus almoços e jantares? Sem dúvida, houve altos e baixos. Sem dúvida, muitos açougueiros foram chamados por ele.

Porque Pipeau – um ladrão e um cão mentiroso, como dissemos – conhecia admiravelmente a manobra que consiste em aproximar-se de uma exibição muito silenciosamente, sem sequer parecer vê-la, e aproveitar no momento certo alguma iguaria.

515

Seja como for, o distrito da Bastilha tornou-se sua sede.

Passou dias inteiros ali, sentado em frente à porta por onde seu mestre havia desaparecido, o nariz empinado, muito atento.

Nós o encontraremos novamente, na manhã do décimo dia, neste mesmo lugar.

O pobre Pipeau era magro. Mas supomos que foi a dor que o colocou nesse estado. Sujo, desgrenhado, molhado, bigode eriçado. Ah! certamente, ele não era mais o belo Pipeau que seu mestre gostava de escovar cuidadosamente. Ele não era mais do que um cão vadio, um cão sem dono! Qual é o cúmulo da má sorte para os cães em geral, e alguns homens em particular.

Pipeau, com o canto do olho, olhou melancólico para a grande torre que ficava na esquina da Bastilha.

Claro, ele disse a si mesmo:

"Por que diabos ele não está saindo?" O que ele pode fazer tanto tempo lá? »

516

De repente, ele ficou sobre as quatro patas, as bochechas tremendo, os olhos ardendo, o rabo abanando suavemente.

Pipeau tinha acabado de ver algo.

Lá em cima, numa das janelas estreitas, apareceu um rosto atrás das grades!

Mas Pipeau ainda não tinha certeza!

Esse algo, esse rosto, ele olhou, sem se atrever a dar um passo. Apenas o balançar de sua cauda testemunhava a esperança que nasceu nela.

Mas agora o rosto chegou bem perto das barras.

Pipeau deu quatro passos, cheirou o ar, arregalou os olhos, olhou com o nariz, olhou com os olhos... e de repente se convenceu!

- É ele ! ele exclamou...

Nossos leitores nos perdoarão por empregarmos as mesmas expressões para um cachorro e para um homem. Mas realmente, o latido sonoro, alegre, sangrento, delirante, o latido do cachorro tinha o sentido de um verbo humano:

517

- É ele ! É ele !...

Pipeau testemunhou sua alegria correndo de um lado para outro como um louco, girando loucamente sobre si mesmo para pegar o rabo, rolando na lama, rastejando, pulando, enfim por todas as extravagâncias que traduzem a felicidade de um cachorro.

Finalmente, ele se aproximou o mais próximo possível da vala, levantou a cabeça para o rosto e deu três latidos vivos e claros:

- Sou eu ! Sou eu ! Então olhe para mim!...

- Piper! gritou uma voz que caiu da brecha grelhada.

O cachorro respondeu com uma voz curta.

- Atenção ! recomeçou a voz, que parecia não se preocupar em ser ouvida pelas sentinelas próximas.

Outro latido muito claro que significava:

- Estou pronto ! O que você quer ?

Neste momento, sentinelas de plantão na frente de 518

a porta se aproximou. Esta estranha conversa de um cão com um prisioneiro parecia-lhes algo sério; talvez uma tentativa de fuga. Em qualquer caso, um ato ilegal, contrário a todos os regulamentos.

Agora, naquele mesmo segundo, um objeto branco escapou da janelinha e, lançado vigorosamente, descreveu sua trajetória, atravessou o fosso e caiu a vinte passos do cachorro.

Este objeto branco era um pedaço de papel enrolado em uma bola e pesado por alguma pedrinha.

Os guardas correram para a frente.

Mas mais rápido que um relâmpago, Pipeau já havia alcançado o papel e o pegou na boca.

Mil vezes, seu mestre o havia acostumado a esse jogo.

Pipeau, portanto, preparou-se para voltar à vala para trazer de volta a bola de papel que estava segurando na boca.

A pressa vociferante dos guardas o fez se virar.

A toda velocidade, ele foge na rue Saint-519

Antônio.

- Parou ! Parou ! gritaram os guardas, que se lançaram em uma perseguição frenética.

Pipeau acelerou como o vento. A multidão se reuniu e se perguntou que mafioso, que huguenote estava sendo perseguido. Em segundos, o cachorro desapareceu no horizonte. Então os guardas, com toda a pressa, voltaram à Bastilha para avisar o governador desse fato exorbitante:

– Um prisioneiro se correspondia com o exterior, mandava cartas! E seu mensageiro era um cachorro!...

Este prisioneiro era Pardaillan...

Quanto a Pipeau, quando estava fora de alcance, quando parou de ofegar, largou a bola de papel que havia carregado até agora e não deu importância a essa coisa que não era boa para comer. desvios, recuperou a Bastilha.

Um transeunte que viu este carrossel pegou a bola, desdobrou cuidadosamente o papel, examinou-o 520

em ambos os lados...

O papel não tinha nenhuma escrita, nenhum sinal...

O transeunte jogou de volta... e o papel caiu no córrego da rua.

A corrente levou o papel que se foi entre outros destroços, à deriva...

521

XXV

A Bastilha

O Chevalier de Pardaillan, ao ouvir a porta se fechar, ao perceber que a porta de sua masmorra era inabalável, caíra sobre as lajes quase inconsciente.

Sob seu exterior bastante frio e irônico, Pardaillan escondia uma natureza excessivamente impressionável.

A sua cólera e as suas alegrias, para não se exprimir do lado de fora em gestos exuberantes, eram ainda mais violentas.

Quando voltou a si, o primeiro uso que fez de sua energia foi reduzir-se à mais absoluta calma e domar a fúria que fervia dentro dele.

522

Em seguida, examinou o quarto onde estava trancado.

Era uma sala bastante grande, cujo piso era feito de grandes lajes. Só que num canto inteiro, com as lajes quebradas, foram substituídas por telhas.

As paredes e a abóbada rebaixada eram feitas de pedra lavrada e enegrecida pelo tempo; mas não estavam muito úmidos, pois a masmorra ficava bem no alto da torre.

No entanto, estava frio nesta sala, como numa adega, graças, sem dúvida, à espessura das paredes.

Uma clarabóia estreita, colocada bem no alto, deixava entrar um pouco – muito pouco – luz e ar.

Mas montando um banco de madeira, o único assento nesta prisão, era fácil chegar a esta janela.

Um fardo de palha, um cântaro cheio de água sobre o qual foi colocado um pão completavam o mobiliário do quarto.

Uma tristeza pesada reinou ali, acentuada por 523

o silêncio do ambiente.

No corredor ouviam-se os passos lentos e sonoros de uma sentinela.

Os ruídos de Paris vinham apenas muito fracos e como se fossem de longe.

Pardaillan atirou-se sobre a palha bem limpa que lhe serviria de cama. Um cobertor rasgado e puído estava sobre a palha.

Para crédito do nosso herói, digamos que neste momento de terrível angústia para um homem que sabia perfeitamente que só se sai da Bastilha "primeiro os pés", neste momento, todos os seus pensamentos se voltaram para Loïse.

A amargura de sua prisão veio-lhe sobretudo pelo fato de não ter podido correr em socorro de seu pequeno vizinho.

Ela me ligou, pensou. Ela pensou em mim primeiro em perigo.

E aqui estou eu na prisão! Na sepultura, sim!

O que ela vai dizer? O que ela vai pensar?..."

Lágrimas de raiva e dor escaparam de seus olhos.

524

Por um longo tempo, ele jogou e virou em todas as direções, pensando que havia dado um azar incrível para ele ser preso naquele momento.

Nunca Pardaillan disse a si mesmo de uma forma muito positiva que amava aquela jovem.

O desgosto que sentiu foi uma revelação para ele. E foi quase com espanto que repetiu baixinho para si mesmo:

" Eu amo isso ! »

Mas de que adianta esse amor? ele a veria novamente? Estávamos saindo da Bastilha! E mesmo admitindo que um milagre o tirou da fortaleza escura depois de muitos anos, ele encontraria Loise?

E que perigo poderia ser esse que a ameaçara a ponto de pedir socorro a um homem que mal conhecia de vista?

Foi no duque d'Anjou que Pardaillan pensou.

Sem dúvida, o duque e seus acólitos haviam retornado de manhã cedo. Ou talvez até ne 525

não tinham se afastado...

Com imenso desespero, Pardaillan disse a si mesmo que se tivesse passado a noite na rua, como havia pensado por um momento, não só estaria lá para proteger Loïse, mas também não teria sido preso!

Ao pensar nisso, ao pensar que Loïse estava agora sob o poder do Duque d'Anjou, ele mordeu os punhos e desatou a chorar.

Esse estado de desespero, por assim dizer retrospectivo, durou quatro dias.

Nesse lapso de tempo, o infeliz jovem mal dormiu, comeu aqui e ali uns bocados de pão; por outro lado, seu cântaro de água estava sempre vazio três ou quatro horas antes que o carcereiro viesse renovar seu suprimento; uma sede ardente o devorava: ele estava com febre.

Para se cansar, para dormir um pouco, ele andava o dia todo em torno de sua masmorra, com o mesmo passo rápido e flexível.

Ele não percebeu que pensando assim em 526

Loise, concentrar seu desespero nesse ponto, ainda era um consolo e impedia que ela caísse em um desespero mais sério.

Este momento chegou.

À força de pensar no que havia de tão terrivelmente irônico no destino que o suprimiu do mundo dos vivos, na hora exata em que poderia ter sido tão feliz, chegou a se perguntar por que foi preso...

Ele adivinhou vagamente que o golpe tinha vindo da rainha Catarina.

E, no entanto, ela se mostrara tão boa, tão franca, que combinara de encontrá-lo no Louvre com uma firmeza tão natural, que ele se recusou a insistir nessa suspeita.

Mas quem, então?

"É este enredo que eu ouvi... é o Duc de Guise... mas não!" como ele saberia!

A pergunta logo se tornou uma tortura mental obsessiva.

527

Depois de cinco ou seis dias, ninguém teria reconhecido Pardaillan. À força de se perguntar os mesmos problemas insolúveis, seu rosto adquirira uma espécie de imobilidade dolorosa, na qual apenas resplandecia o duplo jato de fogo escuro que escapava de seus olhos.

Na noite do sexto dia, não aguentou mais e resolveu descobrir pelo menos de que crime era acusado.

A ideia da prisão o aterrorizava agora.

O infeliz que é jogado em uma prisão ou em uma colônia penal por cinco anos, por vinte anos, aquele que pode prever uma ressurreição por mais distante que seja, não conhece os últimos limites do desespero. Mesmo aquele que está condenado à prisão perpétua, que conhece seu futuro, encontra uma espécie de amargo consolo na própria certeza de sua desgraça.

Mas ser apreendido em plena vida, com força total, em plena expansão da juventude, e, sem saber por quê, sem vislumbrar os limites da detenção, não mais do que por uma noite profunda 528

não pode vislumbrar o fundo de um precipício, ter apenas quatro paredes negras como horizonte sem saber por que é arrancado do horizonte do céu e da terra, ignorar o amanhã, considerar que morre aos vinte e que se verá morrendo hora a hora por quarenta ou cinquenta anos, Pardaillan tocou nesse desespero especial.

Oh ! saber ! saiba a todo custo!...

Quando o carcereiro entrou em sua masmorra naquela noite, Pardaillan falou com ele pela primeira vez.

- Meu amigo... ele disse com uma voz muito suave.

O carcereiro olhou para ele de soslaio.

– Gostaria de lhe fazer uma pergunta... peço-lhe que me responda...

“Estou proibido de falar com prisioneiros”, disse o carcereiro abruptamente.

- Uma palavra ! Apenas um! Por que estou aqui?...

Não vá embora! Fale comigo !...

O carcereiro se dirigia para a porta. Ele se virou para o jovem e o viu tão chateado, tão pálido, tão lamentável, que sem dúvida ele 529

foi movido.

“Ouça,” ele disse em uma voz um pouco menos áspera, “eu o advirto pela última vez: estou proibido de falar com você; se insistisse, eu seria obrigado a reportar ao governador.

"E o que aconteceria então?" perguntou o cavaleiro, ofegante.

- Aconteceria que você seria levado para as masmorras!

- Nós iremos ! rugiu Pardaillan, deixe acontecer! Mas eu quero saber ! Eu quero, você ouve! Fale, miserável, ou eu juro que vou estrangulá-lo!

Ele pulou para correr para o carcereiro.

Mas este, sem dúvida, esperava algum ataque porque, no mesmo instante, estava no corredor e fechou a porta com violência.

Como no primeiro dia, Pardaillan então se jogou naquela porta; ele mal consegue sacudi-la. Mas desta vez, sua impotência, longe de acalmá-lo, só exacerbou sua fúria.

Durante toda a noite e no dia seguinte fez tanto barulho, soltou tantos gritos, deu tantos golpes na porta que o carcereiro não ousou entrar na masmorra.

No entanto, o governador avisado levou uma dúzia de soldados solidamente armados e, assim escoltado, foi para a masmorra do louco.

"É o governador que vem ver você!"

gritou o carcereiro pela porta.

- Finalmente ! Então eu vou descobrir! murmurou Pardaillan, escorrendo suor e sangue.

Instantaneamente, ele ficou em silêncio e ficou parado.

A porta foi aberta. Os soldados cruzaram suas alabardas.

Pardaillan, em uma espécie de ataque de loucura, estava prestes a saltar sobre essas alabardas.

De repente ele parou...

Uma estranha expressão de espanto se espalhou por seu rosto...

Ele acabara de ver o governador no meio dos soldados.

531

E esse governador, ele o reconheceu!

Ele era um dos conspiradores que tinha visto na sala dos fundos de La *Devinière* !

– Ah! ah! disse o governador, "parece que a visão das alabardas produz o mesmo efeito em você como em todos os enfurecidos de sua espécie!" Você está recuando agora! Bom, bom!... Você não diz mais nada?... Escute, eu sou uma boa alma, eu; que nunca mais aconteça, ouviu? Caso contrário, na primeira recorrência, a masmorra; à segunda, privação de água; na terceira, tortura. Pronto, você foi avisado agora. Que diabo, minha querida, se você não consegue dormir, pelo menos deixe os outros dormirem.

Pardaillan havia, de fato, dado dois passos para trás.

Então ele parou, sua mente tensa em tal busca que seu rosto parecia expressar nada além de profundo espanto.

O governador, convencido de que conseguira aterrorizar o prisioneiro com a sua mera presença, encolheu os ombros com uma piedade indulgente.

532

“Há muitos desses demônios às quatro!

ele resmungou desdenhosamente.

Pardaillan ainda mantinha o mesmo silêncio.

Franzindo a testa, punhos cerrados, toda a sua atitude rígida, ele estava pensando...

- Vamos lá ! resumiu o governador, você é sábio... e avisado! Estacione o cavalo !... Espero que fique quieto. E me agradeça por não ser mais malvado.

Ele fez um movimento para se retirar.

Então Pardaillan correu para a frente.

"Sr. Governador", disse ele com uma voz cuja calma teria parecido admirável para qualquer um que soubesse o que estava acontecendo dentro dele, "Sr. Governador, tenho um pedido a fazer a você... oh! não tenha medo... não tentarei mais me rebelar... você me convenceu...

"Parbleu", disse o governador.

"Um simples pedido", retomou Pardaillan.

- Conhecido ! Você quer saber por que você 1 Cavalete: antigo instrumento de tortura.

533

você está aqui?... Bem, minha querida, deixe-me ensinar-lhe uma coisa: é que eu nunca me preocupo em saber o crime dos meus prisioneiros. Um homem é entregue a mim, eu o levo, isso é tudo!

Só que também posso te ensinar que, com toda probabilidade, você nunca sairá daqui... Então, tente se dar bem comigo e com seus dignos guardiões.

– Não peço nada melhor, senhor Governador, e agradeço seus bons conselhos... mas não era esse o pedido que queria lhe fazer.

"Então o que você queria?"

– Apenas papel, caneta e tinta.

- É proibido. E então, nos arruinaríamos em pergaminho, se deixássemos os prisioneiros escreverem suas Memórias... Vamos! adeus, meu querido!

“Senhor Governador”, exclamou Pardaillan, “esta é uma revelação da maior importância!

- Uma revelação?

- Sim. O que eu quero fazer com você por escrito. Descobri acidentalmente uma conspiração.

534

- Uma conspiração! disse o governador, empalidecendo.

"Um complô de huguenotes, governador!" Não é nada menos do que o assassinato de M. de Guise e vários outros personagens que são conhecidos por serem ligados à nossa Igreja...

– Ah! ah! diabo ! e você descobriu isso?

“Eu lhe darei por escrito os meios de capturar os malditos huguenotes e a prova do complô. Espero que as pessoas sejam gratas a mim e que eu possa assim retornar às boas graças... Assim que eu tiver escrito e dado minha revelação a vocês, vocês terão minha tinta, canetas e papel removidos, e eu ganhei não peça mais nada...

Vou simplesmente esperar que a minha boa vontade seja recompensada... pois este é um serviço importante!

- De fato, de fato! disse o governador. E se as coisas são como você diz...

- É ainda mais terrível!

- Diabo !...

– Mais terrível do que qualquer coisa que você possa imaginar.

535

“Bem, se for assim, eu prometo a você, farei tudo no mundo para acelerar sua libertação.

O digno governador elaborou imediatamente seu plano.

Deixaria que o prisioneiro escrevesse sua denúncia, depois, ao primeiro pretexto, o mandaria para uma daquelas boas masmorras onde um homem morre em poucos meses.

Armado com as revelações, ele se tornaria não apenas o salvador de Guise, segundo ele o futuro rei da França, mas também o salvador da Santa Igreja.

Ele se aposentou radiante.

Um quarto de hora depois, o carcereiro trouxe a Pardaillan duas folhas de papel, tinta e canetas, todas cortadas antecipadamente.

O cavaleiro avidamente pega o papel. Uma alegria singular brilhou em seus olhos.

- Em poucos dias, estarei livre! ele chorou.

O carcereiro sorriu.

536

"É seu próprio mestre que vai abrir as portas para mim", continuou Pardaillan.

- Minha professora ? perguntou o carcereiro, que achou que deveria desistir de suas instruções.

"Sim, o governador, M. de Guitalens.

"E você diz que o governador vai abrir as portas para você?"

- Ele mesmo!

O carcereiro assentiu e se retirou, pensando:

"É um tipo diferente de loucura; mas pelo menos desta vez é uma doce loucura. »

Na manhã seguinte, muito cedo, ele chegou ao calabouço dizendo:

- Nós iremos ! esta revelação está escrita? Senhor.

o governador pode vir buscá-la?

– Ainda não!... Você entende... Tenho que me lembrar de tudo bem!

"Apresse-se, nesse caso. O Governador está impaciente!"

- Bom ! Diga a ele que por esperar, ele 537

só será melhor servido por seus méritos. Eu juro que ele vai ficar feliz.

– A ponto de abrir as portas para você mesmo! zombou o carcereiro enquanto se retirava.

Pardaillan, que ficou sozinho, levou o banco até a janela, apressou-se a subir nele e pressionou o rosto rapidamente contra as barras.

O que ele esperava? Que pensamento de repente iluminou seu desespero?

Esse pensamento deve ter sido muito poderoso, porque às vezes ele estremecia.

Durante todo o dia, ele inspecionou os arredores da prisão de cima de seu banquinho... Viu seu cachorro vagando umas duas ou três vezes e murmurou com um sorriso terno:

"Pobre Piper!...

De repente, ao pronunciar esta palavra, abafou um grito de alegria louca.

- Eu encontrei ! ele gritou, descendo de seu banco. Eu encontrei !...

E ele começou a correr loucamente em torno de seu 538

masmorra; o condenado a quem a graça é trazida experimenta aquelas alegrias poderosas nas quais o corpo sente a necessidade de se esforçar, para que o cérebro não estoure.

Foi assim que o carcereiro o encontrou.

"Bem, este papel?" ele disse sem convicção.

Porque, cada vez mais, ele estava convencido de que o prisioneiro havia enlouquecido.

- Amanhã de manhã ! disse Pardaillan.

O carcereiro renovou o suprimento de água, colocou a ração de pão no cântaro e se retirou.

Imediatamente, Pardaillan pegou uma das duas folhas de papel que lhe haviam sido dadas e começou a escrever cerca de dez linhas.

Então ele cuidadosamente dobrou o papel e o escondeu em seu gibão.

Feito isso, com chutes de calcanhar, quebrou uma das telhas que em um canto do calabouço substituiu as lajes, escolheu um pedaço bastante pesado desse arenito e o escondeu cuidadosamente em seu gibão.

539

Então ele se deitou em seu canudo, fechou os olhos e ficou imóvel para se forçar a ficar quieto, e também para completar seu plano.

Ele passou nessa posição o resto do dia e a noite toda; mas se seus olhos estivessem constantemente fechados, ele não dormia nem por um momento; se ele mantivesse a imobilidade de uma estátua, seus pensamentos fervilhavam.

Na manhã seguinte, Pardaillan, aparentemente muito calmo e com muito frio, pegou a folha de papel que havia deixado, ou seja, aquela em que não havia escrito nada.

Enrolou-o no pedaço de vidro que quebrara, subiu na escada e, com o coração batendo, retomou seu lugar à janela, ou melhor, à clarabóia.

Seu olhar imediatamente caiu sobre Pipeau, que também montava sua guarda, melancólico e fiel.

- Está na hora ! murmurou Pardaillan com um estremecimento de angústia que não conseguiu controlar.

E em voz alta chamou:

540

- Piper!...

De onde estava, podia ver um canto da porta da frente. Ao grito que emitiu, viu as sentinelas erguerem a cabeça.

- Funciona ! ele rosnou.

E com ainda mais força gritou:

- Piper! Atenção !...

No mesmo instante, dando um pequeno passo para trás, jogou violentamente no espaço um pedaço de azulejo embrulhado em seu papel branco.

O momento seguinte foi para ele um segundo de terrível angústia. Lívido, suor na testa, ele viu o papel rolando no chão, Pipeau agarrando-o, os guardas correndo atrás do cachorro.

E foi só quando os viu voltando que desceu da escada.

Sentou-se, passou as duas mãos pela testa e murmurou:

– Se o cachorro deixou cair o papel na frente dos guardas, estou perdido!

Sua liberdade, seu amor, sua vida foi jogada em um 541

coincidência...

Logo, um som de passos apressados ecoou no corredor.

Pardaillan estava pálido como a morte.

A porta se abriu com violência: o governador apareceu, cercado de guardas; Pardaillan pendia, por assim dizer, em seus lábios e aguardava suas primeiras palavras com uma ansiedade que beirava a loucura.

- Senhor ! rosnou o governador, "você vai me dizer o que continha a carta que você jogou fora, ou eu vou mandar você fazer a pergunta imediatamente!"

Pardaillan soltou um profundo e rouco suspiro de alegria delirante.

- Estou salvo! ele sussurrou.

– Em vão você vai negar! retomou Guitalens. Você foi ouvido chamando o cachorro! Você foi visto! Responda...

“Estou pronto para responder a você”, disse Pardaillan com uma voz vibrante. Pergunte-me!

542

"Esse cachorro é seu?"

“Ele é meu mesmo.

– Você jogou um pedaço de papel nele e ele o tirou.

Não negue!

- Eu não nego. vou dizer mais. É que há muito tempo, o meu cão é treinado neste tipo de exercícios.

"Então ele sabe onde deve levar este papel?"

“Ele sabe perfeitamente; ele esteve lá uma centena de vezes.

- Então era para isso que você pretendia o papel, sob o pretexto de me revelar!...

Ah! você vai me pagar caro por isso!... E a menos que você me conte tudo...

- Tudo o que?...

- Você escreveu ?...

– Parbleu!...

“Prisioneiro, você é muito insolente. Cuidar!

- Eu respondo, isso é tudo!

– Para quem você escreveu?

543

– A uma pessoa que vou nomear logo diante de você sozinho.

"E é para essa pessoa que o cachorro vai entregar a carta?"

– Não, mas a um dos meus amigos, um amigo de confiança e fiel que, esta noite, entregará a carta a quem a ler. Acrescento apenas que meu amigo tem seus ingressos para o Louvre o tempo todo.

O governador Guitalens começou.

– Então a pessoa que vai ler a carta mora no Louvre?

- Ela mora lá!

– O nome dessa pessoa!

- Você vai descobrir em breve.

Guitalens pensa por um minuto. O prisioneiro respondeu com tanta franqueza, ou melhor, com tanta desenvoltura, que o início de uma vaga inquietação se insinuou na mente do governador.

"Isso é bom", ele retomou. Agora, você quer dizer o que estava na carta?

"Com prazer, Monsieur de Guitalens", disse 544.

calmamente Pardaillan. Mas seria melhor se eu te contasse isso sozinho... Você pode acreditar em mim...

O governador lançou um rápido olhar ao prisioneiro, e a preocupação se aprofundou nele. Mas retomou com a mesma severidade:

“Eu exijo que você fale imediatamente.

"Assim seja, senhor!" Eu simplesmente escrevi para a pessoa em questão que uma noite, não muito tempo atrás, eu estava em uma pousada em Paris...

- Uma pousada ! perguntou Guitalens embotado.

– Uma pousada na rue Saint-Denis...

- Silêncio! rosnou o governador, empalidecendo.

"E onde vão beber os poetas... e outros personagens..." continuou Pardaillan, levantando a voz.

Guitalens ficou lívido.

“Prisioneiro”, ele interrompeu com voz trêmula, “certifique-se de que sua carta seja séria o suficiente para discutirmos sozinhos no 545.

só ?

"É um segredo de Estado, senhor", disse o chevalier gravemente.

“Nesse caso, é realmente melhor que eu seja o único a ouvi-lo.

Ele se virou e gesticulou.

Soldados e carcereiros saíram instantaneamente.

Guitalens os acompanhou até o corredor.

- Mais longe ! mais longe ! ele disse-lhes.

"Mas, governador", observou um carcereiro, "se este homem tem más intenções?"

- Oh ! não há perigo! respondeu Guitalens febrilmente. E além disso, é um segredo de estado! O primeiro que se aproximar desta porta, eu o joguei em uma masmorra!...

Os guardas se retiraram apressadamente.

Guitalens voltou ao calabouço, fechou a porta por maior precaução e marchou rapidamente para Pardaillan. Ele estava tremendo em todos os membros. Ele queria falar: nenhum som saiu de sua garganta...

546

“Senhor”, disse o chevalier, “não devo surpreendê-lo muito ao informá-lo de que a pessoa a quem minha carta é endereçada...

- Mais baixo ! mais baixo ! implorou Guitalens.

"Ele é o rei da França!" terminou Pardaillan.

“O rei!” murmurou o governador, caindo no banco.

“Agora, se você quiser saber o que estou escrevendo para Sua Majestade, fiz uma duplicata de minha carta para você; este duplo, aqui está. Leia-o.

Pardaillan tirou do gibão o papel em que havia escrito no dia anterior e o entregou ao governador.

Este último o agarra, dando todos os sinais de terror extraordinário.

Ele finalmente conseguiu desdobrá-lo, lê-lo, ou melhor, escaneou-o com um único olhar e depois soltou um gemido de horror.

Eis o que o papel continha:

547

“Sua Majestade foi informada de que há um plano para assassiná-la. MILÍMETROS. de Guise, de Damville, de Tavannes, de Cosseins, de Sainte-Foi, de Guitalens, governador da Bastilha, conspiram para matar o rei e coroar em seu lugar o Sr. le Duc de Guise. Sua Majestade terá a prova do complô ao interrogar o monge Thibaut, ou M. de Guitalens, um dos mais

implacáveis. A última reunião dos conspiradores ocorreu em uma sala dos fundos do Auberge de la *Devinière* , rue Saint-Denis. »

"Estou perdido", gaguejou Guitalens.

Meio desmaiado, ele caiu para trás e teria caído se Pardaillan não o tivesse apoiado.

"Coragem, morbleu! perguntou o cavaleiro em voz baixa.

Ao mesmo tempo, apertou vigorosamente o braço de Guitalens.

- Coragem? perguntou o infeliz governador.

- Ei sim! Se houver uma chance, apenas um 548

sorte de salvação para você, você vai perdê-la desmaiando como um fraco em vez de endurecer...

- Desgraçado! repreendeu Guitalens, no fim de sua força moral, depois de ter me perdido, você ainda me insulta com sua zombaria! Ah! você compra sua liberdade a esse preço... bem...

- Senhor ! interrompeu Pardaillan em uma voz solene, cuidado com o que você diz ou faz. Não me acuse. Eu sou um inocente sendo jogado nesta terrível prisão pelo resto da vida! Estou procurando minha liberdade, só isso!

Mas eu posso te salvar...

"Você! ... você me salvaria!" E como?... Não! Não ! acrescentou ele, torcendo as mãos, não há mais esperança! Em alguns momentos, o rei saberá a horrível verdade... eles virão me prender...

- Ei! exclamou Pardaillan, sacudindo o braço de Guitalens, que lhe diz que o rei será informado dentro de instantes!...

- A carta !

549

"Ele não terá isto até esta noite. Meu amigo só deve usá-lo esta noite, às oito horas, você ouviu!

Então temos um dia inteiro pela frente!...

– Fugir?... Mas para onde fugir?... Me juntarei!...

- Não ! não fuja! Apenas certifique-se de que a carta não chegue ao rei!

- E como ?

– Apenas um homem é capaz de deter esta carta em seu caminho: sou eu. Tire-me daqui; em uma hora estarei na casa do meu amigo, pegarei a carta de volta e a queimarei.

Guitalens olhou para Pardaillan com os olhos apagados pelo terror trazido ao seu paroxismo.

"E quem me garante que você faria isso?"

ele gaguejou.

“Monsieur”, gritou o chevalier, “olhe para mim.

Juro pela minha cabeça que se você me tirar, esta carta não chegará ao rei.

Que eu seja derrubado se mentir!... E agora escute: este é o seu último 550

Sorte, não lhe direi mais nada: se você não me soltar, o rei que estou salvando vai me libertar! O que estou arriscando? Ficar aqui um dia, dois dias no máximo... Enquanto você... se não me tirar, é um homem morto... Adeus, senhor.

A esta palavra, Pardaillan retirou-se para um canto da masmorra.

Guitalens permaneceu caído na escada por alguns minutos, fazendo esforços incríveis para organizar seus pensamentos vacilantes. O golpe que o atingiu foi realmente terrível; viu-se condenado à morte; e que morte! alguma tortura terrível sem dúvida quebraria seu corpo antes que ele balançasse na ponta de uma das cordas de Montfaucon!

Naquele momento, com a estranha velocidade do pensamento, com a extraordinária precisão que a imaginação adquire em certos momentos de angústia, reconstruiu as torturas que testemunhara na qualidade de governador da grande prisão real. Ele revive os fantasmas dos infelizes que ele amarrou na cama de 551

tortura, as cunhas de madeira que são enfiadas entre as pernas com golpes de martelo e que esmagam os ossos, as pinças incandescentes com as quais os peitos são arrancados, os alicates que são usados para arrancar as unhas uma após a outra das dez dedos, o funil que é enfiado na boca do paciente e no qual se despeja água até o estômago estourar, os cavalos poderosos que puxam os membros dos parricidas em quatro direções diferentes... e a encenação fúnebre desses espetáculos hediondos, o multidão gananciosa balançando e pisando em volta do condenado, as velas acesas, os monges cantando...

Ele viu tudo de novo!

E o que faríamos com ele! para ele, regicídio!

Um terror sem nome se apoderou dele. Deve-se dizer que Guitalens não estava mais ligado a Henrique de Guise, a quem ele queria coroar, do que a Carlos IX, a quem ele queria destronar. Como todos aqueles que conspiram não por uma mudança de estado social, não por uma ideia, mas por uma mudança de pessoal governamental, para os homens, somente a ambição o havia decidido em 552

arriscar a aventura.

E agora, diante da morte, diante da inevitável tortura, ele amaldiçoou essa ambição.

Ele teria dado qualquer coisa para ser apenas um daqueles carcereiros humildes que ele intimidava todos os dias, ou mesmo um daqueles prisioneiros sob sua custódia.

Virou um olho moribundo para Pardaillan e o viu calmo, indiferente, como um homem seguro de si.

Então pensou que os guardas e carcereiros que deixara no corredor ficariam surpresos com sua longa entrevista com um prisioneiro, talvez suspeitando dele!

E, no entanto, ele não conseguia se decidir. Sua vontade foi paralisada. Parecia-lhe que nunca conseguiria levantar-se daquele banco.

De repente, um barulho alto e triste, com um toque prolongado, ressoou no corredor.

Guitalens sentou-se, os olhos esbugalhados, os cabelos em pé, com um gemido nos lábios torcidos, com este pensamento assustador: 553

"Fui descoberto... eles vieram me pegar!..."

No entanto, o silêncio mais uma vez pesou nessa cena de drama que se desencadeou na consciência humana.

Não viemos à procura de Guitalens. Ele não foi descoberto.

Simplesmente, um carcereiro deixou cair seu molho de chaves nas lajes do corredor.

Pardaillan, que fingia uma bela e calma indiferença, observara pelo canto do olho no semblante de Guitalens o progresso do terror e da angústia.

Aguardava com profunda ansiedade o desfecho fatal da cena.

Ou Guitalens ficaria com medo o suficiente para libertá-lo.

Ou esse mesmo medo, levado ao clímax, o paralisaria.

Neste último caso, pensou, sou um homem perdido. Se em cinco minutos esse homem não estiver convencido de que só pode se salvar em 554

salvando-me, ele irá para casa e aguardará os acontecimentos. Ele vai tremer uma semana, uma quinzena, um mês... depois, quando vir que eu menti, que não o denunciei, ou mesmo quando ele disser a si mesmo que, depois de denunciá-lo, o cachorro pode perder o papel revelador, então ele terá coragem e se vingará: serei jogado em alguma passagem subterrânea que se tornará um túmulo! »

A queda das chaves também o fez sobressaltar-se violentamente.

E estava prestes a marchar sobre Guitalens, para fazer alguma tentativa desesperada, quando viu o governador endireitar-se e, tropeçando, aproximar-se dele.

Guitalens batia os dentes.

"Jura-me", gaguejou, "jura-me... por Cristo... pelo Evangelho... que chegarás a tempo... de repetir a carta...

"Eu juro o que você quiser", disse Pardaillan com uma voz muito calma, "mas vou lhe dizer que o tempo está passando... seus próprios guardas ficarão surpresos...

- É verdade ! Guitalens perguntou, enxugando a testa suada.

- Nós iremos ?...

Uma luta final ocorreu na mente do governador. Pardaillan fervia de impaciência.

Mas suas feições só permaneceram mais rígidas.

“Além disso”, disse o cavaleiro, “talvez seja melhor que as coisas sigam seu curso natural... meu amigo receberá a carta, ele a entregará ao rei, eu serei entregue... e quanto a você, sem sem dúvida, você não terá vergonha de se desculpar...

“Monsieur”, disse Guitalens com voz rouca, “em meia hora você estará fora.

Pardaillan tinha poder suficiente sobre si mesmo para comandar seu rosto a expressar apenas uma alegria de polidez.

- Como quiser ! ele respondeu.

Guitalens ergueu os braços para a abóbada, como se implorasse ajuda divina. De fato, traidores como Guitalens fizeram um Deus muito conveniente que sempre chega na hora certa

em seus discursos e gestos para se tornar seu cúmplice.

Então, sem dúvida satisfeito por ter colocado Deus ao seu lado com este simples gesto, abriu a porta, chamou os guardas e, diante deles, voltou-se para o prisioneiro.

- Senhor ! ele disse, seu segredo realmente vale a pena passar para Sua Majestade. Não duvido da gratidão do rei, e espero que em alguns momentos eu possa abrir as portas desta Bastilha para você.

O carcereiro de Pardaillan ficou estupefato.

- Eu te disse ! sorriu o cavaleiro.

- Fé! Achei que você estava louco, disse o carcereiro; mas agora...

- Agora ?

- Eu acredito que você é um mago!

O governador, com toda a pressa, mandou arrear a carruagem e entrou nela, dizendo em voz alta que ia ao Louvre. Ele foi lá e ficou lá o tempo suficiente para seus 557

as pessoas podiam acreditar que ele havia falado com o rei.

Depois de não meia hora como ele havia dito, mas uma hora, ele estava de volta e gritando na frente de alguns oficiais:

– Ah! é um grande serviço que este homem presta a Sua Majestade! Mas, senhores, silêncio absoluto sobre tudo isso. É sobre seu trabalho, e talvez sua liberdade. Questão de estado.

Os oficiais estremeceram.

Assunto de Estado era uma palavra mágica capaz de amordaçar o mais falador.

Guitalens, no local, foi para a prisão de Pardaillan.

“Senhor”, disse-lhe, “tenho prazer em informá-lo que, pelo serviço que lhe presta, Sua Majestade o perdoa...

“Eu tinha certeza disso!” disse Pardaillan, curvando-se.

Cinco minutos depois, o cavaleiro estava do lado de fora. O governador o escoltou até a ponte levadiça, uma honra que provou a todos a estima que ele tinha por seu ex-prisioneiro. No momento 558

onde Pardaillan estava prestes a se afastar, Guitalens apertou sua mão significativamente.

– Quer que eu te tranquilize? perguntou Pardaillan, tomado de pena.

Os olhos de Guitalens brilharam.

– Bem, escute então: o papel que eu joguei no meu cachorro...

- Sim...

“O amigo que deveria levá-lo ao rei...

- Sim Sim...

– Bem, o amigo não existe; o papel estava em branco... sou incapaz de denunciar, nem de salvar minha vida...

Guitalens abafou um grito em que havia tanta alegria quanto arrependimento. Por um momento teve a ideia de colocar a mão no colarinho do homem que confessou tê-lo enganado. Mas como era um homem de duas caras, naturalmente supôs que Pardaillan pudesse estar mentindo, que o jornal poderia conter a denúncia...

Ele fez uma careta com um sorriso:

559

“Você é um cavalheiro encantador”, disse ele, “e estou muito feliz em lhe dar a chave do campo. Mas se, por acaso, você mudar de ideia, se colocar na cabeça de fato enviar o papel em questão, espero que consiga reconhecer o serviço que estou prestando hoje.

- O que você quer dizer ?

"Esquecendo meu nome!"

560

XXVI

A carta de Jeanne de Piennes

Levamos nossos leitores de volta por um momento a Dame Maguelonne – a idosa proprietária da casa onde Jeanne de Piennes e sua filha moravam. Vimos que esta respeitável matrona tinha ido ao Auberge de la *Devinière* , como ali soubera da prisão do Chevalier de Pardaillan, que coincidia tão estranhamente com a de seus dois inquilinos, e como voltara para casa muito assustada. saber que sua casa tinha sido um ninho de conspiração huguenote.

Seu primeiro pensamento foi queimar a carta que lhe foi confiada por Jeanne de Piennes.

O terror de ser tomada como cúmplice a perseguia. Mas Dame Maguelonne era uma mulher, velha e devota. No entanto, se considerarmos que a curiosidade 561

de um devoto é o quadrado da curiosidade de uma velha que não é preconceituosa, que a curiosidade de uma velha é ela mesma o quadrado da curiosidade de uma jovem; e que finalmente a curiosidade de uma jovem já representa um número respeitável na proporção dos sentimentos humanos, este pequeno trabalho de matemática conseguirá dar uma boa ideia da curiosidade que estava seguindo Lady Maguelonne. Que se do ponto de vista aritmético passarmos ao ponto de vista sentimental, descobriremos que essa venerável mulher tremia de terror ao pensar que essa carta pudesse ser encontrada em sua casa – e que, no entanto, ela não a queimou !

Quando, depois de três ou quatro dias lutando contra seu medo, Dame Maguelonne finalmente resolveu não queimar este papel, ela teve que enfrentar uma nova luta.

De fato, assim que ficou sozinha, correu para fechar a porta e as janelas, foi buscar a carta, sentou-se e ficou horas inteiras pensando:

“O que poderia estar lá? »

562

A boa senhora estava definhando.

Este papel, mil e mil vezes, ela o virou em todas as direções, arranhou as costuras com a unha, tentou com um alfinete levantar a dobra. Havia tanto que no final a carta se abriu.

Dame Maguelonne ficou por um momento assustada.

Então ela exclamou:

- Eu não abri!

Sua conclusão foi:

"Para que eu possa ler!"

Aliás, ela já estava lendo no momento em que ainda hesitava em se autorizar a fazê-lo.

O envelope continha um bilhete endereçado ao Chevalier de Pardaillan e uma carta com um cabeçalho... Com o bilhete, a Dama de Preto implorou ao Chevalier que enviasse a carta para seu endereço.

E esse endereço era: "Para François, Marechal de Montmorency". »

A velha senhora ficou atordoada e cheia de remorso. Na verdade, ela viu claramente que ele
563

não havia a menor conivência entre a Dama de Preto e o Chevalier de Pardaillan; daí seu espanto. E, por outro lado, sua curiosidade permaneceu insaciável, pois havia uma segunda carta para abrir; daí seu remorso.

O que poderia haver em comum entre a Dama de Preto e o Marechal de Montmorency?

Esta é a pergunta que começou a atormentar o velho devoto.

Heroicamente, resistiu por vários dias ao desejo excessivo de saber o que um pobre trabalhador como seu inquilino poderia ter a dizer a um grande senhor como François de Montmorency.

Finalmente, ela não aguentou mais.

Um dia, quando, pela milésima vez, ela repetiu para si mesma que não tinha o direito de abrir a carta, e que a Dama de Preto teria o direito de dar-lhe repreensões sangrentas quando fosse libertada, sua decisão foi tomada de repente: ela correu para a carta, colocou-a sobre uma mesa, sentou-se 564

e estourou o selo.

Nesse momento, ela pulou.

Alguém tinha acabado de bater em sua porta.

No mesmo momento, esta porta se abriu. A velha soltou um grito de terror. Em sua impaciência, ela havia esquecido de se calar. E alguém entrou.

E esse alguém era o Chevalier de Pardaillan!

- Você ! gritou Dame Maguelonne, cobrindo os papéis deixados na mesa com as mãos trêmulas.

O cavaleiro ficou surpreso por um momento.

"Aquela velha me conhece então", pensou.

Em seguida, curvando-se com aquela graciosa polidez da qual ele tinha o segredo:

“Madame”, disse ele, “tranqüilize-se, não quero lhe fazer mal; apenas me perdoe por entrar assim em sua casa e talvez tê-la assustado... um interesse sério me fez esquecer por um momento o decoro.

565

– Sim, a carta! disse a velha, muito assustada.

- Qual carta ? perguntou Pardaillan, cada vez mais atônito.

Dame Maguelonne mordeu o lábio; ela acabara de se trair; ela desajeitadamente tentou esconder os papéis, mas Pardaillan os viu e manteve os olhos neles.

"Então você não está mais na prisão?" retomou a velha para dar-se tempo.

“Você vê, madame; houve um erro, e o erro tendo sido reconhecido, fui imediatamente liberado. E minha primeira visita é para você, minha querida senhora. Com uma palavra pode aliviar-me da minha grande ansiedade.

"Ele não fala comigo sobre a carta", pensou o devoto.

“Ou pelo menos,” Pardaillan terminou, “me ajude a consertar a incerteza que está me fazendo um mal terrível.

“Pobre jovem!... Fale, responderei o melhor que puder.

566

“Há dez dias, senhora, fui preso e levado para a Bastilha por um erro que, como vê, não demorou a ser reconhecido. Agora, no exato momento em que minha casa foi invadida, duas pessoas que moram com você foram ameaçadas de grande perigo, pois me chamaram em seu socorro. Eu sei que essas duas pessoas foram sequestradas violentamente no mesmo dia da minha prisão...

- Ao mesmo tempo.

- É isso ! Bem, senhora, você pode me dar alguma informação sobre este assunto?

Como aconteceu esse sequestro?

Pardaillan falou com uma emoção que conquistou a velha.

“Vou contar tudo o que sei”, disse ela. A Dama de Preto e sua filha Loïse foram presas, dizem, porque estavam conspirando com você.

- Comigo !

“Mas é bastante óbvio que eles eram inocentes, as pobres e queridas criaturas, já que você é tão você mesmo...

567

"E me diga, quem veio para prendê-los?"

– Soldados, um oficial...

"Um oficial do rei?"

- Senhora, eu realmente não sei... ah! se fosse religioso, eu teria reconhecido o traje imediatamente.

"O Duque d'Anjou não estava entre essas pessoas?"

- Oh não ! disse a velha assustada.

Pardaillan permaneceu em silêncio. Ele entendeu que não saberia nada dessa velha. O mistério, longe de ser esclarecido, tornava-se cada vez mais difícil de desvendar...

- Você não tem ideia, continuou ele, para onde poderíamos tê-los levado?

– Por isso, não... eu estava tão incomodado, você entende.

"Mas", disse o chevalier de repente, "quando entrei, você falou de uma carta. Essas mulheres infelizes teriam escrito?

As mãos da velha apertaram os papéis que ela acabara deixando cair no avental.

568

"Quer dizer..." ela gaguejou.

"Vamos, Madame, que papéis são esses que você está amassando?"

"Senhor, eu não os abri, eu juro! gritou a velha.

E, com um gesto convulsivo, entregou os papéis a Pardaillan, que os apanhou avidamente e, com um olhar, folheou a carta que lhe era dirigida.

"Aquela querida senhora me fez prometer entregar-lhe estes escritos", continuou Dame Maguelonne *loquazmente* ...

- Alguém os viu? disse Pardaillan com voz trêmula.

"Ninguém, meu caro senhor, ninguém no mundo... eu juro a você pela Virgem...

"Quem os abriu?"

- Ei! eles abriram sozinhos! ela respondeu com a desenvoltura do desespero, eles estavam mal selados...

569

– Mas você os leu?

"Apenas um, senhor, apenas um! Aquele que foi feito para você...

- E o outro ?

"A carta do marechal de Montmorency?"

- Sim.

- Eu ia ler, mas você chegou...

“Madame”, disse Pardaillan, levantando-se, “vou levar estes papéis. Veja, fui instruído a encaminhar esta carta ao marechal de Montmorency; nada no mundo poderá me impedir de cumprir a vontade daquela que me honrou com sua confiança. Quanto a você, senhora, fez uma má ação ao abrir estes papéis. Eu te perdôo com uma condição...

"Qual deles, meu bom rapaz?"

“É porque você nunca falou com uma alma viva sobre esses papéis.

- Oh ! para isso, pode ter certeza!

Eu teria muito medo de ser comprometido! caber 570

ingenuamente o devoto.

" Bom ! pensou Pardaillan, isso me tranquiliza mais do que todos os juramentos. »

O cavaleiro saudou Lady Maguelonne e se retirou. Do lado de fora, ele encontrou Pipeau esperando por ele.

Ele calmamente atravessou a rua e entrou na pousada.

Mestre Landry, que levava uma jarra de vinho aos fregueses, largou-a e parou, tomado de espanto.

“Olá, Monsieur Grégoire”, disse Pardaillan.

- Cavaleiro ! disse o estalajadeiro horrorizado.

“Acalme-se, caro senhor, compreendo toda a alegria que sente ao me ver novamente; mas enfim, isso não é motivo para não me perguntar se estou com fome e o que comeria bem.

Landry respondeu apenas com um gemido.

Seu olhar vacilante vagou do mestre que estava sentado à mesa para o cachorro mostrando os dentes.

Então, cambaleando em desespero, ele fugiu para a cozinha, caiu em uma escada e desferiu dois grandes socos na cabeça. À vista de 571

Nessa desolação, Huguette entendeu que uma catástrofe havia acontecido; ela correu para o corredor e, vendo Pardaillan, entendeu tudo.

Só que, se ela sentiu o mesmo desespero que o marido, esse sentimento foi expresso nela por uma expressão completamente diferente. Ela corou, aproximou-se ansiosamente do chevalier e, enquanto o parabenizava por seu retorno, começou a pôr a mesa ativamente.

– Ah! monsieur le chevalier, ela disse baixinho, que medo eu tinha de você!

Por dez dias, mal consegui fechar os olhos.

“Pobre huguete! pensou Pardaillan. Que pena ter percebido que amo Loïse!...”

Apesar desse arrependimento bizarro, os olhos do cavaleiro eram talvez mais ternos do que Dame Huguette estava acostumada a vê-los, pois ela corou ainda mais. “Vestidas leves e curtas”, ela andava de um lado para o outro, sorrindo, cantarolando um rondeau, empurrando os servos e preparando um banquete digno de Pardaillan.

572

“Pobre jovem! como ele se tornou magro, ela disse ao mestre Landry.

– Por que não derreteu como manteiga na frigideira!

“Monsieur Grégoire, você seria mau?

– Não, Madame Grégoire. Mas este homem e seu cachorro vão me arruinar, por ter jejuado dez dias!

- Bom ! Você é pago antecipadamente!

- O que você quer dizer ! Landry disse majestosamente.

"Você esqueceu que pegou todo o dinheiro que aquele cavalheiro deixou em seu quarto?" E se ele te perguntar, o que você vai dizer? Acredite em mim, Monsieur Grégoire, dê uma boa cara ao seu anfitrião, para que ele não o responsabilize.

Landry Grégoire compreendeu toda a força desse raciocínio.

Ele imediatamente fez uma cara muito feliz e deu a volta ao cavaleiro, a quem Dame Huguette já estava servindo uma fatia de um certo patê que Pardaillan gostava.

573

- Ei! Huguette, ele gritou, você não vê o pobre Pipeau mostrando a língua! Aquele querido Pipeau! Então aqui está ele de volta também! Ah!

que cachorro fiel você tem aí, monsieur le chevalier! Huguette, vá ver se não sobram alguns ossos apresentáveis... Senhor, dê-me um gostinho deste pequeno Saumur... Eu o estava guardando para o seu retorno!

Pardaillan se soltou e sorriu em seu bigode.

Pipeau, magnânimo, não rosnou e se contentou em observar o pé de mestre Landry com o canto do olho.

Assim, a paz foi restaurada para toda a casa.

Pardaillan então foi ao estábulo, descobriu que seu cavalo ainda estava na cremalheira e que o nobre animal não havia sofrido com sua ausência.

Depois subiu para o quarto e seu primeiro movimento foi cingir a espada que ficara pendurada na parede.

574

Então ele leu três ou quatro vezes seguidas o bilhete que a Dama de Preto lhe enviara.

– Em suma, concluiu, trata-se de enviar a carta anexa ao Marechal Duque de Montmorency.

E, como Dame Maguelonne, Pardaillan se perguntou o que poderia haver em comum entre aquele que ele acreditava ser um trabalhador pobre e o grão-marechal de Montmorency.

A carta estava ali, sobre a mesa.

Pardaillan estava andando para cima e para baixo, sonhador.

E a cada volta que ele fazia, seus olhos literalmente voltavam.

Ela estava aberta.

Mas certamente, ele não o leria!...

E ainda!

Que mal faria ele ao lê-lo! E quem sabe se ele não encontraria informações valiosas sobre as pessoas que prenderam Loise e sua mãe!

575

Sem dúvida, a Dama de Preto implorava a proteção do marechal de Montmorency.

Se assim fosse, ele, Pardaillan, substituiria o marechal. A proteção de um senhor tão grande era muito problemática –

enquanto o dele foi assegurado a Loïse...

"O que o marechal precisa?" ele conclui. Se alguém tem que libertar Loise e sua mãe, sou eu! Não quero que mais ninguém se envolva!...

Vamos, vamos ler!...

Agarrando a carta que Dame Maguelonne abrira, Pardaillan teve uma última hesitação. Mas o pensamento de que era necessário ajudar Loise e que ali encontraria as informações necessárias aliviou seus escrúpulos.

E então se misturou a esses sentimentos uma espécie de ciúme instintivo: ele não queria que mais ninguém se envolvesse em salvar Loise e sua mãe.

O jovem então desdobrou o pergaminho abruptamente e começou a ler.

Essa leitura, feita com atenção sustentada, durou muito tempo.

Quando acabou, o Chevalier de Pardaillan estava muito pálido.

Ele havia colocado o pergaminho em uma mesa e estava olhando para ele com um sorriso amargo no canto dos lábios.

Apoiado na mesa, talvez pela primeira vez na vida, o cavaleiro começou a sonhar.

Sua imaginação deve tê-lo atraído para as regiões fuliginosas do desespero, pois quanto mais ele sonhava, mais escuro seu rosto ficava.

Um suspiro profundo inchou em seu peito.

Retomou a carta e a releu de capa a capa, voltando a duas ou três passagens essenciais, repetindo frases inteiras em voz baixa, como se só o testemunho de seus olhos fosse insuficiente para convencê-lo.

E quando esta segunda leitura terminou, desta vez a carta escapou de suas mãos...

O Chevalier de Pardaillan baixou a cabeça sobre o peito e começou a chorar.

*

A carta de Jeanne de Piennes era datada de 20 de agosto de 1558, ou seja, o mesmo ano em que François de Montmorency se casou com Diane de France, filha natural de Henrique II.

Fazia cerca de quatorze anos desde que aquela carta foi escrita.

Há quatorze anos ela esperava em seu caixão a hora de se exumar, como um espectro que sai do túmulo para lançar entre os vivos uma palavra de verdades mortas...

Esta carta está aqui:

“Então hoje eu sofri a pior dor que um amante pode experimentar. Eu sofri isso, essa dor, minha alma ainda está entorpecida, meu coração está dilacerado, e ainda assim não estou morrendo!

Talvez minha hora ainda não tenha chegado. E então, o que me conecta a este 578

vida miserável é curvar-se sobre a caminha da criança. Se eu morrer, quem vai cuidar dela?

devo viver...

Quando os soluços me sufocam, quando me parece que este pobre coração murcho vai parar de bater, quando vejo que a dor finalmente vai me dominar, vou sentar-me perto de sua cama e contemplo-a... e então, pouco a pouco, coragem e vida voltam ao meu ser.

Ela tem cinco. Se você pudesse vê-la, ó meu François! Agora, ela está dormindo, tranquila, confiante... ela sabe que sua mãe está cuidando dela.

Seu cabelo solto, espalhado no travesseiro, lhe dá uma auréola loira; seus lábios sorriem; seu peito está subindo suavemente... ela está feliz.

Como ela é bonita! Que anjo, Francisco!...

Nada poderia ser mais gracioso, mais terno e mais puro... Ela é sua filha, oh meu querido marido!

Hoje, François, seu casamento foi celebrado. Toda a pobre rua onde moro fala da pompa desta cerimónia e diz que Madame Diane é a digna esposa de um senhor orgulhoso como 579

do que você... ai! eu não era digno de assegurar sua felicidade?

Hoje tudo acabou. O último lampejo de esperança que cintilou em minha alma acabou de se apagar.

O dia em que seu pai me perseguiu, esmagou meu coração como se o tivesse agarrado em sua manopla do dia da batalha, o dia em que, quase louco, saí cambaleando daquele hotel onde, para salvá-lo, acabara de assinar meu pobre declínio, o dia em que, atormentado, moribundo, mergulhei na escura Paris, minha filha nos braços, naquele dia, François, pensei ter ultrapassado os limites da dor humana.

Infelizmente! Ainda não tinha experimentado este dia!...

Por maior que tenha sido minha desgraça, ainda vislumbrei além dos horizontes fúnebres que me cercavam algo como uma aurora... hoje, acabou: tudo está escuro em mim.

Acabou, François! ainda, um indissolúvel 580

link conecta você a mim. Seu filho vive. Seu filho vai viver. Foi por ela que rasguei meus lábios que queriam falar, foi por ela que subi as provações do desespero, foi por ela que sofri o martírio... Sua filha viverá, François!

Eu deveria calar a boca para minha filha. Hoje, pela minha filha, tenho que falar...

Já lhe disse que o nome dela é Loise?... A querida criança leva admiravelmente este lindo nome. Se você quer imaginar sua filha, imagine a Loise mais linda que existe no mundo, e mesmo assim não! Você deve ser capaz de vê-la.

Que eu fui atingido, eu admito. Que minha vida seja despedaçada, que eu seja despojada do meu título de esposa sem ter merecido esta suprema afronta, seja! Mas quero que Loïse seja feliz: tudo o que me resta da vida, força, vontade, energia, pensamento, está tudo lá! Não quero que Loïse seja atingida injustamente como eu fui.

Para isso, você tem que ser capaz de abrir seu coração para sua filha. Ela deve poder entrar em sua casa com a cabeça erguida, Loïse deve poder ocupar o lugar que lhe é devido em sua casa!

581

E para isso, meu querido marido, você deve conhecer a terrível, a solene verdade...

Eu ainda te chamo de meu marido. Porque você continuará assim até o fim dos meus dias.

Livremente, você se casou comigo na antiga capela de Margency. Lembre-se daquela noite heróica em que nossa união foi testemunhada por um moribundo e quando diante dos mortos... diante de meu pai atordoado pela emoção, você jurou me amar sempre!

Como te vi nesta noite, oh meu querido marido, como te vejo de novo.

E que importam as ordens do condestável, do rei, do papa! Não importa o que eles decidiram, queriam, arranjaram! Você é meu marido, François...

Agora, você deve conhecer o crime abominável que nos separou. Você saberá de tudo: e que seu pai foi cruel, e que seu irmão era um criminoso, e que seu amante, sua esposa, pode orgulhosamente levar seu nome, e que sua filha tem o direito de vir e sentar-se na casa dos Montmorency.

Mas não pense que pelo menos eu quero 582

perturbar sua vida.

Esta carta, François, estou escrevendo porque a verdade tem que vir à tona.

Mas para enviar, para enviar para você, espero três coisas:

A primeira é que seu pai está morto ! [1] Pois é sobre você que o policial lançaria o peso de seu ódio se soubesse que o segredo fatal é conhecido por você.

A segunda é que minha filha... sua Loïse...

tenha idade suficiente para defender minha memória e falar com ousadia como convém a uma Montmorency, filha de um dos Piennes, herdeira irrepreensível dos Montmorency.

A terceira é que sinto por minha morte, ou que um grave perigo ameaça nosso filho.

Até que estas três condições se cumpram, ó meu François, quero ficar na minha sombra, ainda feliz por poder dizer a mim mesmo, tinha sido escrito. Teremos que falar desta morte. (Nota de M. Zévaco.) 583

que, calando, garanto a paz e a felicidade do homem que tanto amei...

Porque minha própria vida não conta mais.

Mas o que conta, François, é a vida e a felicidade do nosso filho.

Quando você receber esta carta, Loise terá idade suficiente para falar com você. Seu pai estará morto, e não terei mais nada a temer deste lado por você...

Mas também... ou estarei morrendo, ou Loise estará em perigo.

Em ambos os casos, François, a vontade suprema de seu amante, de sua esposa, é que você transfira para Loïse esse afeto de que tanto me orgulho, que lhe devolva o nome ao qual ela nunca deixou de ter direito, pois ela nasceu quando eu era sua esposa, que você finalmente dê a ela a existência que deveria ser dela: a de uma herdeira direta dos Montmorency.

E agora, François, meu amante, meu querido marido, aqui está o terrível segredo.

Seu irmão Henry me amava...

Todo o nosso infortúnio está contido nestas palavras: Seu irmão Henri me amava.

Ele não tinha medo de confessar para mim. Mas eu esperava que a justiça eventualmente prevalecesse neste homem ainda tão jovem. Eu esperava que meu amor por você me protegesse contra o dano de seu amor por ele. Estou calado para não desencadear a guerra a uma família ilustre.

Na noite em que você partiu para a guerra, um segredo estava em meus lábios... Você sabe que acontecimentos precipitados aconteceram, e que nosso casamento aconteceu... No dia seguinte, esperei por você em vão: você se foi!

A confiança que estava nos meus lábios, aqui está, meu François: eu estava grávida, ia te dar um filho!

Esta criança nasceu enquanto você lutava... é a nossa Loïse.

Naqueles meses terríveis em que pensei que você estava morto, quando eu quase morri, seu irmão desapareceu, e eu esperava que ele tivesse ido embora para sempre.

Um dia minha filha foi tirada de mim. e como 585

perturbado por eu estar procurando por ela, seu irmão apareceu para mim, anunciou seu retorno, e ao mesmo tempo me disse que conhecia o homem que havia sequestrado Loise.

E enquanto eu permanecia emocionado com a felicidade de saber que você estava vivo, enquanto eu me perguntava que loucura poderia levar seu irmão, então, François, o abismo em que eu iria me afundar se abriu diante de meus olhos.

Aqui está a coisa horrível que aprendi no exato momento em que você veio correndo, quando eu já ouvi sua querida voz...

Nossa Loise estava nas mãos de um homem pago por seu irmão... um desgraçado chamado Chevalier de Pardaillan. Este monstro iria, a um único sinal de seu irmão, massacrar a pobre criatura... sua filha, François... aquele querido anjinho...

E este sinal, seu irmão deveria chegar ao Chevalier de Pardaillan se eu tivesse a infelicidade de proferir uma única palavra na sua frente, enquanto eu era acusado... acusado de confisco por seu próprio irmão!

A cena terrível que se seguiu, você sabe disso!

586

Agora você sabe por que me calei quando seu irmão me acusou!...

Estou calado, François! E ainda assim minha alma gritava de desespero, minha carne gritava de dor! Fiquei calado, e senti a loucura invadir minha cabeça! Fiquei calado, e a natureza sem dúvida teve pena de mim... porque eu desmaiei e quando acordei, você tinha desaparecido...

Eu estava condenado! mas Loise, sua filha, foi salva!

Ah! François! maldito seja para sempre o ser abominável que leva seu nome... seu irmão... seu irmão desgraçado que naquele dia era um demônio do inferno empenhado em arruinar a mim e aos seus!

Maldito seja este Pardaillan, este cúmplice hediondo que aceitou a terrível tarefa!...

Mas você precisa saber o resto. Você partiu, minha filha me foi devolvida por um estranho, corri para Montmorency para lhe contar tudo: você estava a caminho de Paris! Corri para Paris... vi o policial...

E o policial que sabia toda a verdade através de mim 587

me deu para escolher:

Ou eu renunciaria ao meu título de esposa, ou você seria trancada no Templo pelo resto da vida!

Eu assinei!...

Eu assinei, eu te digo! E eu desapareci, machucada, quebrada... mas minha filha ficou comigo! Eu vivia para ela; Vou viver por ela... devo viver...

Agora, meu querido marido, você conhece a terrível verdade.

Juro a você que se eu tivesse sido atingido sozinho, teria morrido, levando o terrível segredo para o túmulo.

Este segredo, eu anoto.

Eu a enviarei a você na hora da minha morte; quando eu morrer, quero ter certeza de que sua Loïse retomará o posto a que tem direito e que uma vida de felicidade se abrirá diante dela.

Apresse-se então, ó meu marido!

Seja qual for o ano, seja qual for o dia, seja qual for a hora em que decido enviar-lhe esta carta, quando a receber, 588

vem, segue o mensageiro que te enviarei...

corra para sua esposa inocente que nunca deixou de ser digna de você e de te adorar; perto de sua filha, sua Loïse, que quero colocar de volta nos braços de seu pai!

Joana de Piennes,

Duquesa de Montmorency.

Tal era a carta que o Chevalier de Pardaillan acabara de ler! Por uma espécie de comovente adoração, talvez por revolta, por uma consciência de seu direito moral e de sua perfeita inocência, a infeliz Jeanne a assinara com seu título: duquesa de Montmorency.

O papel, dissemos, havia caído das mãos de Pardaillan.

Por alguns minutos o jovem permaneceu imóvel, como se tivesse sabido de alguma catástrofe.

E, de fato, foi uma catástrofe que caiu sobre ele.

Ele chorou silenciosamente, lágrimas 589

escorria por suas bochechas sem que ele pensasse em limpá-las.

Por fim, apanhou o pergaminho, tirou-o mecanicamente da manga e colocou-o à sua frente, como se quisesse convencer-se da sua desgraça. Seus olhos caíram sobre a assinatura.

“Duquesa de Montmorency!... Loïse era filha dos Montmorency!...

Essa exclamação abafada revelou parte de sua amargura.

De fato, Pardaillan, um pobre coitado, sem dinheiro ou sem dinheiro, poderia ter se casado com Loise, filha de um trabalhador modesto.

Mas Loise, filha do marechal de Montmorency, não podia tornar-se esposa do pobre cavaleiro; se já passou o tempo em que os reis se casavam com as pastoras, menos ainda o tempo em que as princesas davam a mão a aventureiros sem título, sem glória, sem dinheiro.

É necessário perceber que este nome de Montmorency evocava então formidável poder e esplendor.

Com o condestável, esta casa, uma das mais orgulhosas da nobreza do reino, conhecera o apogeu da grandeza. O policial morto, o nome ainda mantinha todo o seu prestígio. E se pensarmos que François se tornou o líder de um partido poderoso que derrotou os Guise por um lado, e o rei por outro, entenderemos que Pardaillan sentiu uma espécie de vertigem ao medir a distância que agora o separava de Loise.

- Está tudo acabado! murmurou, repetindo as palavras desesperadas que lera na carta da Dama de Preto, ou seja, de Jeanne de Piennes...

Foi realmente o fim de um sonho!

Às vezes, porém, parecia ao cavaleiro que um pouco de esperança voltava ao seu coração. Se Loise o amasse! Se ela não se deixasse deslumbrar pela nova situação que a esperava!...

“Não, seu pobre tolo! ele retomou imediatamente.

Mesmo quando Loise me ama, seu pai pode consentir em tal desarmonia! O que eu sou ? Menos que nada, quase um mafioso em 591

olhos de muitos; um aventureiro sem fogo ou lugar; Tenho no mundo apenas minha espada, meu cavalo e meu cachorro...

Pipeau veio neste momento para deitar sua cabeça expressiva nos joelhos de seu mestre, e Pardaillan o acariciou suavemente.

"E além disso", continuou ele, "quem me prova que me ama!" É uma imaginação que eu forjei. Eu nunca falei com ele. Porque ela me olhou sem raiva no dia em que lhe mandei aquele beijo, porque ela me chamou para ajudá-la em um momento de pânico, vou imaginar que ela me ama! Ah! tolo triplo! Vamos, não pense mais nisso!

Ele se levantou e deu alguns passos rápidos para dentro do quarto.

- Oh ! ele disse, cerrando os punhos, eu esqueci de novo! Não só Loïse não pode ser minha, não só ela não me ama, com toda a probabilidade, mas ela também deve me odiar!... O dia em que sua mãe lhe disser qual é o meu pai fez, no dia em que ela souber que meu nome é Pardaillan, que sentimentos ela poderá

ela tem para mim, senão aquelas de uma repulsa instintiva? Ah! meu pai ! meu pai ! o que é que você fez ? E por que, sendo seu filho, não poderia seguir seu conselho!...

Voltou à carta, releu a passagem relativa ao pai como se esperasse ter cometido um erro.

Mas a acusação era clara, precisa, terrível!

Ele amava Loïse e seu pai havia sequestrado essa mesma Loïse para uma tarefa monstruosa!... Só podia haver ódio e desprezo no coração de Loïse pelo velho Pardaillan... e por seu filho!

O cavaleiro teve um movimento de raiva.

- Nós iremos ! — exclamou ele, sem graça, já que é assim, já que tudo nos separa, já que ela deve me odiar, por que eu deveria me preocupar com ela de novo? por que eu deveria levar esta carta?... E o que Madame la Duquesa de Montmorency está fazendo comigo, que amaldiçoa meu pai, que me amaldiçoará?... E o que sua filha está fazendo comigo?...

Eles são infelizes! Bem, esse outro 593

correr em seu auxílio! Que chamem o rico e poderoso cavalheiro que será digno de se aliar a um Montmorency!Vamos, chega de fraquezas! Meu pai, meu pobre pai! Por que você não está aqui para me encorajar! Na ausência de sua presença, eu tenho seu conselho! E eu juro a você, desta vez, não se afastar dela! Vamos ser um homem, morbleu! A vida e a felicidade pertencem aos mais fortes: façamos como os fortes! Esmaguemos os fracos, tampemos os ouvidos aos gritos de piedade, ponhamos uma couraça tripla em nosso coração e avancemos para a conquista da felicidade pelo ferro, pois não posso alcançá-la pelo amor!...

Uma estranha exaltação tomou conta do jovem. Ele andava a passos largos, gesticulava, tão contido em seus gestos, falava alto, ele que, em sua maior raiva, sempre manteve uma polidez aguda.

Ele resumiu sua situação.

Ela era assustadora.

Tinha contra si a rainha Catarina, isto é, uma das mulheres mais poderosas e implacáveis da época; ele tinha contra ele 594

o duque d'Anjou e seus lacaios a quem ele ofendera seriamente; tinha contra ele o duque de Guise, a quem Guitalens sem dúvida se apressaria a informar sobre o que acontecera na Bastilha! La Medici, irmão do rei, líder do partido religioso!... Que inimigos!...

E quando ele pensou que ele, insignificante, ele que tinha apenas sua espada, havia feito adversários tão formidáveis, cada um dos quais teria quebrado como vidro os senhores mais poderosos do reino, uma espécie de orgulho o invadiu, a loucura da batalha o sacudiu...

"Sozinho contra a rainha!" sozinho contra Anjou!

sozinho contra Guise! Vamos lá ! se eu morrer, se sucumbir, não será possível dizer que ataquei pobres adversários!

Ele explodiu em uma risada amarga.

- Esqueci!... Na nomenclatura dos meus inimigos, esqueci Montmorency! Praga! Isso não é o menos, e quando Madame de Piennes lhe repetir o que meu pai tentou contra sua filha, ficarei muito surpreso se esse digno senhor não procurar me matar, caso os Médici não 595

não teria me jogado em algum poço baixo! Caso os lacaios não tivessem me esfaqueado na curva de algum beco! Caso o senhor de Guise não me tivesse nocauteado por um Crucé, por um Pezou, por um Kervier!... Batalha, então, batalha! Sinto que nasci para a batalha, eu! Cuidado, senhores! Cuida, eu cuido!...

E, desembainhando sua espada, em um daqueles gestos extravagantes que lhe eram familiares, Pardaillan se lançou contra a parede cinco ou seis vezes... olhos ele era, naquele momento, magnífico e terrível.

- Ei ! Senhor Jesus, do que você está falando, monsieur le chevalier!

E a Sra. Huguette Grégoire apareceu pronunciando essas palavras com sua voz suave e meiga.

Pardaillan parou de repente, embainhou Giboulée, instantaneamente se recompôs e respondeu:

“Eu estava praticando, minha querida Madame Huguette; meu braço ficou dormente durante esses dez dias, 596

e... mas vamos deixar isso... você sabe que é encantador vir me ver assim?... Vamos, não se defenda disso... você é a pérola da rue Saint -Denis...

- Oh ! senhor cavaleiro...

"Sim, morbleu!" E o primeiro que afirmar que você não é a anfitriã mais bonita de Paris, eu o exterminarei!...

“Obrigado, senhor! disse Huguette com um belo grito de terror.

Pardaillan a agarrou pela cintura e dois beijos retumbantes soaram nas bochechas frescas de Madame Grégoire.

Este último, corado de prazer, balbuciou:

– Perdoe-me por entrar assim... eu só estava...

“Não importa, Huguette! Você sempre aparece. Por Pilatos! Nunca vi uma boca mais vermelhão e um olho mais travesso! Você está para morrer por um arcebispo...

"Eu vim... para isso..." Huguette terminou, no entanto.

597

- Este ? disse Pardaillan, examinando com o canto do olho uma bolsa gorda que a anfitriã estava colocando no canto da mesa.

“Sim, Senhor Cavaleiro. Quando você foi preso... você esqueceu seu dinheiro...

aí... Então, você entende... Eu guardei para você...

e eu vou denunciá-lo para você!

Pardaillan ficou pensativo.

“Madame Huguette”, ele disse de repente, “você está mentindo.

“Eu, meu Deus!... juro-te...

“Não jure: foi seu marido, maître Landry, que roubou minhas pobres coroas; e você, boa anfitriã, você os traz de volta para mim!...

– Quando seria? ela perguntou timidamente.

“Madame Grégoire”, disse Pardaillan, retomando aquele ar irônico que deixava a bela Huguette tão desesperada, “você se enganou: eu devia aquele dinheiro ao mestre Grégoire. Não esqueci: deixei para ele. Então, caro amigo, você vai ganhar essa bolsa no baú 598

do seu estimado marido...

– Mas o que será de você?... Vamos compartilhar, pelo menos!

– Minha querida Huguette, saiba de uma coisa: nunca me sinto tão rico como quando não tenho um centavo. Além disso, ainda tenho este fecho, acrescentou, apontando para a joia que a rainha Navarra lhe enviara e que estava presa ao seu chapéu.

Huguette pegou a bolsa de volta, sorrindo.

"Mas", continuou o chevalier, abraçando-a novamente, "eu te amo mesmo assim... você tem um bom coração, Huguette... você é tão boa quanto bonita...

- Bom... talvez! mas bonito...

“Já que eu te digo, morbleu! Você vai me negar? Eu lhe digo que você é a criatura mais bonita que eu já vi. Essa garganta firme e branca, essas bochechas rosadas, esses dentes deslumbrantes, esse olhar lânguido, esses braços de brancura deslumbrante... ah! Huguette, creio, decididamente, que te adoro!...

599

Huguette abaixou a cabeça e duas lágrimas brotaram de seus cílios.

- O que ! Você está chorando, Huguette? gritou Pardaillan com a mesma febre, enquanto o desespero brilhava em seus olhos; você está chorando!

quando eu te juro que te amo!...

Huguette se libertou gentilmente dos braços de Pardaillan.

"Como você deve sofrer!" ela sussurrou em uma voz alterada.

Pardaillan começou.

- Eu ! Sofra ? De onde você tira que eu sofro?...

"Sr. Cavaleiro...

“Querida Huguette!...

"Você não vai ficar com raiva se eu te contar tudo o que penso?"

"E o que diabos você acha?" Vamos ver! Eu ficaria curioso para saber...

Huguette ergueu seus lindos olhos para o jovem.

600

“Eu acho,” ela disse melancolicamente, “que você está muito triste. Oh ! não ria assim.

Você me machucou, e você se machucou ainda mais! Sim, monsieur le chevalier, seu coração está pesado... porque você ama... Você acredita então que eu não percebi?... Perdoe-me, eu te observei... eu te vi passar horas e horas naquela janela, olhando para a janelinha em frente... eu vi você descer taciturno e de mau humor quando ela se abriu... Você gosta... ...de você deixou seu coração ali... e aquele que desapareceu levou com ela... E você acredita, pobre rapaz, que não é amado... Bem! pense de novo... nós te amamos...

Pardaillan agarrou a mão de Madame Grégoire rapidamente.

- Como você sabe ? ele disse ansiosamente.

- Eu sei, senhor, porque se eu te observei, eu a observei também! Eu sei, porque é fácil enganar um indiferente, mas é impossível enganar uma mulher...

601

Huguette ficou em silêncio. Seu peito latejava. E foi seu coração que terminou:

"Para enganar uma mulher ciumenta... uma mulher que ama!" »

Pardaillan não ouviu essas palavras porque não foram pronunciadas, mas entendeu. Uma emoção indescritível apertou sua garganta, e ele murmurou baixinho:

– Huguette, você é um anjo...

E, apesar de seus melhores esforços, seus olhos se encheram de lágrimas.

"Então você realmente gosta dele", disse Huguette em voz baixa.

Ele não respondeu e apertou convulsivamente as mãos da anfitriã. Aproximou-se dele e deu-lhe um beijo na testa onde a sua alma boa e gentil trazia um mundo de consolação quase maternal.

Nós realmente não sabemos como essa cena teria terminado, se a voz de Mestre Landry, que estava chamando sua esposa do andar de baixo, não tivesse sido ouvida.

602

Huguette fugiu levemente, meio feliz, meio arrependida.

“Pobre huguete! pensou Pardaillan. Ela me ama e, no entanto, tentou me consolar enganando-me. Mas agora acabou.

Loise não me ama, não pode me amar. Bem, eu não gosto mais dele! Volto a ser livre... livre do meu coração, do meu pensamento, dos meus passos... Para o inferno com Paris!... Amanhã, vou à procura do meu pai!... E quanto a esta carta... . .

esta carta... chegará ao seu endereço da melhor maneira possível!..."

Ao dizer essas palavras, Pardaillan pegou a carta de Jeanne de Piennes, fechou-a rapidamente, enfiou-a no gibão com um movimento raivoso e correu para fora, firmemente decidido a não se preocupar mais com nada que preocupasse Loïse e sua mãe e todos os Montmorency de França.

Eram então duas horas da tarde.

O que Pardaillan fez naquele dia, ele provavelmente nunca soube. Nós o vimos em dois ou três cabarés onde ele era conhecido. Ele 603

não teve o cuidado de esconder. No entanto, sua posição era assustadora. Ele sem dúvida vagava um pouco ao acaso, parecendo às vezes se insultar, ou pelo menos debater furiosamente alguma resolução importante.

Por volta das cinco horas, ele se viu calmo, tranquilo, senhor de si mesmo. Olhou ao redor e se viu não muito longe do Sena, quase em frente ao Louvre, em frente a um suntuoso hotel.

E como se não soubesse que sua raça o havia trazido até lá, como se tivesse chegado lá contra sua vontade, gritou com raiva:

"O Hôtel de Montmorency!" Com certeza não irei!...

Quase ao mesmo tempo, Pardaillan aproximou-se da grande porta e bateu furiosamente o martelo!...

604

XXVII

o confessor

Na véspera daquele dia em que o Chevalier de Pardaillan deixou a Bastilha graças ao belo ardil que havia imaginado e quando, apesar de sua firme determinação, se viu diante do Hôtel de Montmorency, uma cena importante havia ocorrido. Igreja de Saint-Germain-l'Auxerrois.

Eram cerca de nove horas da noite. O pregador acabara de terminar seu sermão diante de uma enorme multidão que invadira a antiga basílica – uma multidão composta em grande parte por mulheres elegantes cujos vestidos ricos brilhavam nas sombras.

Este pregador era um monge soberbo, alto e alto.

Ele usava com uma espécie de distinção teatral 605

o traje preto e branco dos carmelitas.

Eles o chamavam de reverendo Panigarola.

Este monge, apesar de sua juventude, produziu uma impressão de ascetismo severo que foi muito apropriadamente corrigido pelo entusiasmo pouco religioso que ele despertou nesses belos ouvintes.

Além disso, ele era notavelmente bonito; ele possuía a arte do gesto, aquele grande gesto dos braços levantados para as abóbadas distantes e subitamente abaixados para ameaçar ou abençoar. Sua voz era áspera e às vezes explodia com uma fúria que abalou a platéia.

Mas o que mais admirávamos nele era a veemência de seus ataques, que não poupou nem o rei.

Este Panigarola pregou abertamente a guerra contra a heresia e o extermínio dos huguenotes. Ele incluiu no mesmo ódio a rainha de Navarra, Joana d'Albret, seu filho Henrique, o príncipe de Condé, o almirante Coligny, enfim todos os huguenotes e aqueles que, como o rei Carlos IX, tiveram a fraqueza de tolerá-los.

606

Panigarola inspirava uma curiosidade apaixonada nas mulheres que o ouviam.

Para alguns, e especialmente para as mulheres do povo, ele era um homem santo que a rainha Catarina de Médici trouxe da Itália para salvar a França e redimir seus pecados. Mas para a maioria das nobres damas que acompanhavam seus sermões, ele era mais e melhor que um santo: era um homem...

Um homem que muito pecou, e a quem, segundo o preceito do Evangelho, muito perdoaram.

Eles o conheciam há pouco tempo, o brilhante Marquês de Pani-Garola! Ele estava em todas as festas, todas as orgias; ele era então um rude espadachim que tinha meia dúzia de

cadáveres em sua consciência; um corredor de cabaré, um desses belos espadachins cuja insolência, luxo e força espantavam os pobres.

Então, de repente, ele se foi.

E aqui o encontramos sob o manto de carmelita, mais belo do que nunca, mais extravagante, 607

mas o anátema para os lábios, enquanto anteriormente esses lábios tinham apenas sorrisos.

Naquela noite, quando, depois de uma estrondosa invocação, caiu de joelhos e pareceu entregar-se a uma profunda meditação, houve na multidão batidas de pés e exclamações barulhentas, que em nada moderaram o respeito devido ao lugar santo.

Então essa multidão lentamente se desfez e se espalhou do lado de fora, gritando:

"Morte aos huguenotes!"

Apenas cerca de quinze mulheres bonitas permaneceram, que rezaram em torno de um confessionário.

Mas um bedel veio avisá-los que o reverendo, muito cansado naquela noite, não ouviria nenhum de seus penitentes.

Então, com um murmúrio de decepção, os penitentes saíram por sua vez, com exceção de dois deles que persistiram em permanecer ali.

Uma, jovem e bonita até onde se podia julgar sob os grandes véus negros dos quais ela era 608

coberto, estava caído sobre um genuflexório; às vezes um calafrio o percorria. Enquanto o monge deslizava silenciosamente pela igreja, seu companheiro a cutucou e sussurrou:

"Lá vem ele, Alice!"

Alice de Lux levantou a cabeça e estremeceu.

A vasta nave estava agora mergulhada na escuridão. Ao longe, em direção ao altar-mor, uma luz veio e se foi; era o bedel quem arrumava os ornamentos do coro. Lá em cima, as abóbadas desapareciam nas sombras, o menor ruído ecoava estranhamente neste grande silêncio.

Panigarola passou perto do penitente e se trancou no confessionário.

- Nós iremos ? disse o companheiro de Alice em voz baixa.

"Laura... agora não me atrevo mais", respondeu a jovem com a voz trêmula.

- Vamos então! Eu obtive um favor extraordinário para você, os outros penitentes foram dispensados...

609

- Pelo menos você não disse meu nome!

exclamou Alice estupidamente.

“O Reverendo está esperando por você! respondeu a velha, encolhendo os ombros.

Alice aproximou-se do confessionário e ajoelhou-se no pequeno nicho reservado aos penitentes. Ela estava separada do monge por uma leve treliça de madeira; além disso, seus véus escondiam seu rosto; finalmente, a escuridão era tão grande que ela não conseguia distinguir claramente o confessor.

Ela, portanto, tranquilizou-se sobre o medo de ser vista.

No entanto, o monge estava murmurando orações.

Terminada a oração, pronunciou com voz indiferente:

"Estou ouvindo, senhora...

Ele não sabe que sou eu, pensou Alice.

Vamos tentar surpreendê-lo fortemente e arrebatá-lo..."

Um breve debate ocorreu dentro dela e, de repente, embotada, ela disse:

610

– Marquês de Pani-Garola, sou Alice de Lux. Eu sou a mulher que você amou, talvez ainda ame... e essa mulher vem até você implorando...

“Estou ouvindo você, senhora”, respondeu o monge com a mesma voz indiferente.

Alice se encolheu de terror. Ele parecia entender que por trás dessa cerca não era um homem que o ouvia, mas uma estátua impassível.

"Clement", disse ela com seriedade, "não reconhece minha voz?"

“Não existe mais um Clemente, Madame, assim como não existe um Marquês de Pani-Garola. Há diante de você apenas um homem de Deus que a ouvirá em Deus, e que pedirá a Deus que tenha piedade de você, se você merece essa piedade... Fale, senhora, estou ouvindo...

- Oh ! gaguejou Alice com desespero concentrado, é impossível que você tenha esquecido nosso amor, e seus lábios ainda carregam o rastro dos meus beijos...

"Madame, se você falar assim comigo, serei obrigado a me aposentar.

- Não, não, fique! Eu preciso falar com você !...

– Então faça como se estivesse falando com Deus, senhora... o homem que você mencionou está morto...

– Assim seja!... Pois bem, escute-me, meu reverendo padre... e quando eu lhe tiver falado como a Deus, você me dirá se expiei suficientemente minhas faltas e meus crimes, e se o braço de Deus que pesava sobre mim não me atingiu o suficiente!

"Estou ouvindo você, minha filha", disse o monge com o mesmo sotaque de terrível indiferença.

– Vou lhe dizer a culpa primeiro; então eu vou falar sobre a expiação. Então você pode julgar. Eu mal tinha dezesseis anos. eu era linda. fui adorado. Uma grande rainha me escolheu e me fez uma de suas damas de honra. E como eu era órfão, como já não tinha pai, mãe ou família, esta rainha garantiu-me que seria minha mãe e

tomaria o lugar da família...

Alice de Lux, palpitando, parou por um momento; um soluço engasgou em sua garganta.

Quando ela conseguiu colocar alguma ordem em seus pensamentos, ela continuou com uma voz maçante e oprimida:

"Naquela época, muitos jovens senhores me diziam que me amavam... mas eu não amava nenhum deles. Eu não amava ninguém!... Eu amava o luxo, eu amava as rendas, eu amava as joias... e eu era pobre...

A rainha, de quem vos falo, prometeu-me não só luxo, mas riqueza, opulência, se eu seguisse o seu conselho... Prometi-lhe obedecer-lhe cegamente... Esse foi o meu primeiro crime; a visão de algumas caixas cheias de diamantes me enlouqueceu e para possuí-los, para me enfeitar com eles como quisesse, teria assinado um pacto com Satanás...

ai! o pacto foi assinado... Um dia, a rainha me chamou em seu oratório... ela abriu diante de mim uma gaveta resplandecente de pérolas, esmeraldas, rubis, diamantes... e ela me disse que tudo isso era meu se eu obedecesse ele... febril, o 613

bochechas em chamas, alma transtornada, exclamei:

"O que devo fazer, Majestade!..."

A rainha sorriu, pegou-me pela mão, conduziu-me a uma sala que antecedia a sua oratória e ergueu uma cortina: atrás da cortina estava a grande galeria que contígua aos aposentos do rei... ali andavam os cavalheiros que eu conhecia. .. Ela me apontou um e disse:

- Faça-se amada por este homem!

O penitente, mais uma vez, calou-se, esperando talvez um gesto, uma palavra, um movimento... o reverendo teria sido uma daquelas estátuas que, em seus nichos, conservam uma eterna insensibilidade...

A voz de Alice ficou mais trêmula, mais abafada, como se as palavras tivessem dificuldade em se formular em seus lábios.

“Um mês depois”, ela continuou tão baixinho que o monge mal a ouviu, “eu era a senhora de 614

este senhor...

Então, sem um gesto, o monge perguntou:

- Qual era o nome desse homem?

Alice se encolheu. Ela entendeu a indignação e, tremendo, respondeu:

- Sim ! Você quer dizer que eu tive tantos amantes que é necessário especificar, não é! Nós iremos ! Seu nome era Clement-Jacques de Panigarola. Ele era um marquês. Ele veio da Itália.

Você deve tê-lo conhecido um pouco, meu pai!

"Vá em frente, minha filha", disse o monge calmamente. Este homem, sem dúvida você o amava?

Nós iremos ! se a culpa é toda sua, posso garantir-lhe que Deus o perdoará, pois estou pronto para absolvê-lo... O que você não pode perdoar a uma pobre mulher que ama?...

Uma revolta sacudiu a jovem. Ela fez um movimento para se levantar e se aposentar. Mas sem dúvida ela ficou horrorizada com as consequências desse voo, pois ela caiu, seus ombros tremendo.

"Você está zombando de mim", ela sussurrou. Bem, 615

fique quieto! Faça graça, mas escute: este senhor, eu não o amava!

Foi a vez do monge tremer com uma emoção profunda. Ele sufocou um suspiro. Os sentidos exasperados da jovem perceberam esse início e esse suspiro, fracos como eram.

“Eu não gostava dele,” ela continuou com uma voz suave. E, no entanto, nunca um cavaleiro mais brilhante apareceu aos meus olhos. Seu orgulho, a nobreza de seus modos, sua louca bravura, sua magnificência, tudo fazia dele um ser destinado ao amor... e eu não o amava!

- E ele ? perguntou o monge estupidamente.

“Ele!... Ele me amava, ele me adorava... pelo menos, creio que era assim... Seja como for, meu reverendo, um ano depois de ter recebido da rainha a ordem que tenho exposta a você, me tornei mãe...

A criança nasceu em uma casinha na rue de la Hache que a rainha me deu...

Este nascimento permaneceu em segredo... o pai levou o recém-nascido...

616

Aqui os soluços novamente pararam Alice.

"Eu entendo", disse o monge, rangendo os dentes. Um sentimento maternal tardio floresceu em seu coração, o remorso o atormenta. e você quer saber o que aconteceu com a criança... Eu posso te falar sobre esse ponto... Eu o vejo todos os dias!

“Então a criança não está morta!” gemeu Alice em um espasmo de horror. Então você mentiu para mim! Falar ! Fala então! Ou desperto este bairro com meus gritos e o denuncio ao escândalo público!

"Silêncio", rosnou Panigarola. Silêncio, ou eu te deixo para sempre!

- Não não ! Graça!... Tem piedade de mim...

falar !

– Deus permitiu que a criança vivesse. Talvez ele quisesse fazer disso o instrumento de sua justa ira!... O pai, esse marquês, esse senhor brilhante e ingênuo, levou-o, como você diz, confiou-o a uma enfermeira e deu-lhe um nome. ..

- Que ? Alice perguntou baixinho.

– O que ele mesmo usava. A Criança 617

chama-se Jacques-Clement...

- Onde ele está ? Onde ele está!... resmungou a mãe.

– Ele foi criado em um convento em Paris... Eu lhe disse: ele é um filho do Senhor... e talvez o Senhor o tenha reservado para alguma aventura heróica. Era isso que você queria saber? continuou o monge com curiosidade ardente. É este o remorso que te jogou aos meus pés?

Você vê que ainda tenho pena de você desde que lhe digo a verdade! Já que agora você sabe que o crime não foi consumado! Já que a criança não morreu!...

Esmagado, Alice permaneceu em silêncio.

E esse silêncio talvez fosse mais terrível do que o confessor podia imaginar.

Talvez Alice de Lux interrogasse o seu coração, naquele momento em que lhe foi afirmada a existência do filho que julgava morto, e talvez, em vez da alegria materna, encontrasse naquele coração apenas um novo horror!

O monge, com a voz áspera, como se arranhado pelas emoções poderosas que se desencadearam em 618

continuou, deixando de lado, desta vez, a ficção que queria adotar, deixando de ser o confessor para voltar a ser o homem:

"Você queria falar comigo, Alice! Bem, você vai me ouvir por sua vez! Você veio para perturbar a paz que começava a se espalhar como uma mortalha sobre meu miserável coração... você despertou a amargura, a angústia, o desespero, e toda essa escória sobe à superfície da minha alma... Ah! você pensou que a criança estava morta! e talvez arrependido, você veio me pedir absolvição pelo crime que não foi cometido...

Ele não viu o gesto de negação desesperada de Alice e continuou:

"Você já se perguntou por que esse crime foi planejado? Dizer! você já calculou as causas da minha atitude em relação a você? Você já tentou descobrir por que, tendo levado a criança, eu não reapareci mais com a mãe, por que me joguei no turbilhão das festas, por que desci ao inferno da orgia e por que finalmente sou jogado neste 619

abismo sem fundo chamado convento!...

- Clemente! gaguejou a jovem, não só eu me perguntei, mas eu soube quase imediatamente! E é isso que me traz aos seus pés! É sua vingança que venho implorar que suspenda! Ah!... acredite, já me impressionou bastante! Já sofri bastante!

O monge estremeceu.

- Vamos ver! Falar ! ele rosnou. Diga-me o que você aprendeu... Acima de tudo, diga-me as origens do crime, se você quer que eu meça o mal e a expiação!

Então Alice de Lux, com uma voz entrecortada e quase imperceptível, começou:

– A rainha supôs que o partido de Montmorency havia buscado alianças na Itália. Ela sabia que você tinha passado por Verona, Mântua, Parma e Veneza. Você foi visto com François, marechal de Montmorency... A rainha queria ter provas dessa conspiração, e por isso me tornei sua amante... Essa é a origem do crime.

620

- Sim ! disse o monge. O crime em si agora. Diga tudo!...

– Uma noite em que você dormiu profundamente, exausta pelas minhas carícias. Oh ! Clemente!...

obrigado!... não me force a tanta vergonha!...

"A vergonha é uma expiação como qualquer outra", disse o monge asperamente. Falar !

“Bem”, gaguejou a infeliz, “eu aproveitei o seu sono para...

Ela parou, latejando.

- Você não ousa terminar. Eu vou terminar, eu!

Panigarola rosnou. Você aproveitou meu sono para roubar meus papéis... e na manhã seguinte eles estavam nas mãos de Catarina de Médici!

Alice, devastada, manteve um silêncio sombrio.

"Vi imediatamente o que tinha acontecido", continuou o monge. E em poucos dias, adquiri a certeza de que a mulher que eu adorava era uma espiã miserável!...

- Graça! gemeu Alice. Eu me arrependi, ah! Eu juro para você !...

621

“Felizmente, esses papéis eram insignificantes. No entanto, o marechal de Montmorency teve que fugir. A vida de uma dúzia de homens estava por um fio. Não vou falar sobre o meu, porque eu morreria de bom grado para ter certeza de que não tinha sonhado um pesadelo terrível!

- Graça! Cale-se !...

– Um mês depois, você deu à luz... Eu, naqueles dias mortais, estudei minha vingança...

- Vingança assustadora! quase gritou a garota. Vingança hedionda que te reduziu ao meu nível! Você se aproveitou do estado de fraqueza em que me encontrava, do delírio da febre, para me fazer escrever e assinar uma carta que você me ditou palavra por palavra! E nesta carta, eu me acusei de ter matado meu filho!...

O monge rangeu os dentes furiosamente.

- Não foi combinado! ele ofegou. Dizer!

Você não consentiu que eu levasse a criança para ser morta?... Amante pérfido, mãe 622

sem coração, é você que agora me acusa!...

- Não ! Não ! gemeu Alice apavorada, eu não acuso, eu imploro!... Sua vingança foi justa, mas como foi terrível! Esta carta que me entrega ao carrasco! Esta carta que me faz noiva da forca! Você deu a Catarina de Médici!...

- Sim ! disse o monge com clareza gelada...

Alice agarrou-se à treliça de madeira que a separava do confessor. Sua boca espumava.

"E você sabe o que resultou disso?" Dizer ! Você sabe!... Como resultado, tornei-me um instrumento de infâmia nas mãos da rainha! que passo meus dias e minhas noites tremendo! que eu tinha que me submeter ao abraço de todos aqueles de quem a impiedosa Catherine suspeitava! que tive de me comprometer a ser amante de François de Montmorency! que não tendo conseguido seduzir este homem que passa pela vida como um espectro gélido, tive que seduzir seu próprio irmão, Henri! Eu não falo sobre meus outros 623

amantes! mas digo-vos que vivo na mais hedionda abjeção, e que é demais, que não posso ir mais longe!...

- Nós iremos ! disse o monge com um sorriso lívido, que o impede de se libertar!... Já que agora sabe que o crime não foi cometido, que a criança está viva!...

“Como posso provar isso?” murmurou o espião com lamentável desânimo.

O sorriso do monge tornou-se triunfante.

- Oh ! é horrível ! soluçou o infeliz.

Sua vingança é atroz!...

– Você adotou um ofício: procurei os meios para obrigá-lo a continuar, isso é tudo!

– Sem piedade!... ah! ele é implacável!...

“Quem disse que eu sou sem piedade! exclamou Panigarola. Você já me pediu alguma coisa!

– Alice estremeceu. Uma esperança furiosa explodiu nesta alma das trevas. Suas mãos se apertaram convulsivamente uma contra a outra.

- Oh ! ela gaguejou, se isso fosse possível! Eu 624

Eu me prostraria diante de você como diante de um Deus salvador! Eu beijaria a poeira em seus passos!... Clemente! Clemente! Diga-me novamente que talvez você me tire do meu inferno! Que talvez eu deixe de ser uma daquelas malditas mulheres cuja cada segundo de vida é uma hora de desespero! Diga-me que você pode me perdoar!...

Aquele sorriso lívido que vagava pelos lábios do monge desapareceu.

Uma dor pungente torceu suas feições.

Com as costas da mão enxugou o suor que escorria pela testa e disse lentamente:

“Diga-me o que posso fazer por você.

– Ah! estou salvo! gritou Alice com uma voz que reverberou em longos ecos na grande nave silenciosa.

Esses ecos o aterrorizavam. Ela olhou em volta com terror. Mas ela só viu ao longe a sombra incerta da velha Laura esperando por ela, ajoelhada em um genuflexório.

625

Então, em voz baixa e fervorosa, ela murmurou:

- Clemente, você pode me salvar! Você pode me arrebatar da vergonha, do desespero, da morte! E tudo que você tem a fazer é dizer uma palavra! Clemente, é isso que eu vim te perguntar! Quando soube que você se entregou a Deus, pensei que talvez a paz tivesse descido ao seu coração. Eu disse a mim mesmo que este coração feroz agora anseia por misericórdia... Clemente, eu te fiz muito mal... seja grande... seja generoso... perdoe...

perdoar!...

"O que posso fazer para salvá-lo?" repetiu o monge.

– Podes tudo!... Ó Clemente, vim como suplicante, pensa que me amas... Escuta... Não sei que pacto te liga agora a Catarina... mas conheço-a. .. Conheço muitos dos seus segredos... Sei que, por mais que suspeitasse de ti, agora te admira... Nada te pode recusar, Clément!...

Diga uma palavra... e ela lhe devolverá o fatal, o horrível 626

carta.

- Foi isso que você veio me perguntar! disse Panigarola baixinho.

“Sim!...” ela respondeu com um suspiro de angústia.

"Você não está enganado", retomou o monge com uma espécie de gravidade. Tenho muita influência sobre a mente da rainha. E quanto a esta carta, tudo o que tenho a fazer é pedi-la novamente. Em poucas horas estaria em suas mãos; você iria queimá-lo... e você seria liberto...

- Oh ! Eu tinha assim prejulgado bem o teu grande coração!... Oh! você me deixa louco de alegria!...

"Então eu vou pedir esta carta..."

- Clemente! Clemente! seja abençoado !...

“Com uma condição...” terminou o monge.

"Fala! Ah! tudo o que você vai querer! Seus desejos serão ordens!...

– Simplesmente isto: prove-me que é útil que esta carta lhe seja devolvida... Quero dizer útil para você!

627

Um medo repentino arregalou os olhos de Alice.

Ela gaguejou:

– Mas eu não te disse... o quanto eu sofro!...

“Isso não pode ser uma razão válida.

Alguns amantes, algumas traições mais ou menos não podem contar em sua vida.

Diga-me o verdadeiro motivo...

- Juro !...

- Vamos lá ! Vejo que eu mesmo vou ter que extrair sua confissão, e que provo sem sua ajuda como é necessário que você se liberte... Se você quer sua liberdade, Alice, se você sofre em seu corpo que você desista e em seu coração se afogou de vergonha, é que finalmente você ama! Finalmente!... É verdade?... Devo dizer-lhe o nome de quem você ama?... Seu nome é o Conde de Marillac!... Se isso é verdade, obviamente é necessário que você seja liberado...

- Bem, sim ! é verdade ! ofegou a espiã, apertando as mãos. Eu gosto ! Para os primeiros 628

momento da minha vida, eu amo com todo meu coração e toda minha alma!... Deixe-me amar! o que importa para você o que eu posso me tornar! Você se vingou!

Sofri, expiei... vou sumir... oh meu Clemente... lembre-se que você me amou...

lembre-se que em minha indignidade, meu coração se comoveu por você... Salve-me... deixe-me viver novamente, deixe-me renascer para uma existência de amor e pureza!...

Panigarola permaneceu em silêncio por alguns minutos. Esse grito de amor que acabara de escapar do penitente talvez tivesse desencadeado nele alguma tempestade que ele tentou em vão aplacar.

- Você para de falar? implorou a menina.

“Eu vou te responder”, disse a carmelita com uma voz tão rouca e quebrada que Alice mal a reconheceu. Está me pedindo para encontrar a rainha Catherine e pegar a carta acusatória que dei a ela? Isso mesmo, não é? Bem, isso é impossível. Eu não sou a favor da rainha como você pensa e como eu mesmo te disse, para você 629

encorajar a desenvolver todo o seu pensamento. Faz muito tempo que não vejo a rainha, e é provável que nunca a veja. Acredite que lamento sinceramente minha impotência...

O sotaque do monge era monótono. Ele falou com uma voz pálida, por assim dizer. Obviamente, seus pensamentos estavam em outro lugar. Talvez ele estivesse tentando se dar uma pausa, ou se acalmar pela aparente calma de suas expressões... Alice permaneceu estupefata, atordoada, sem entender.

“Você se recusa a me salvar! ela sussurrou.

Uma súbita explosão de vozes ecoou no confessionário.

"Salvar você!" rosnou o monge, incapaz de se conter por mais tempo. Ou seja, das profundezas da minha desgraça, contemplar sua felicidade que seria minha obra! Ou seja, permita que você ame este Marillac!... Vamos lá!

Você é louco !...

Alice soltou uma reclamação abafada. O monge se revelou a ela. Não foi o confessor Panigarola, o homem apaziguado pela oração, o 630

monge misericordioso... era ainda e sempre aquele Marquês de Pani-Garola, aquele senhor de paixões devoradoras que ela conhecera!

Ela endureceu contra o desespero. Por ora, um novo terror se abateu sobre ele.

Como Panigarola sabia o nome do homem que ela chamava de noivo?

Quem lhe havia revelado esse amor?...

O próprio monge ia ensiná-lo.

Levado, toda a sua paixão dominada, sem se preocupar em ser ouvido, continuou, áspero e violento, e a sua voz tinha estranhas sonoridades no silêncio da vasta basílica.

“Você acha que eu perdi você de vista por um único momento? Das profundezas do meu claustro, segui-te passo a passo. Vi seus gestos, ouvi suas palavras; não é um de seus atos, quer dizer, não é uma de suas traições, cuja história eu não poderia contar para você; Eu poderia nomear todos os seus amantes um após o outro! Mas não pense que eu estava com ciúmes. Fui eu que entreguei 631

sua carne como a carne de um rebelde. É por minha vontade que você desce um a um os graus da infâmia. Ao te entregar à rainha, eu sabia o que estava fazendo! E essa foi a minha vingança! Deleitei-me em conhecer as manchas deste corpo que eu tinha adorado! E eu, que fui o primeiro a ser traído, o havia condenado à traição eterna!... Não sabia que minha vingança um dia seria mais completa e mais bela! Quando você foi enviado para a corte de Navarra, fui informado dia a dia do que você estava dizendo, o que você estava fazendo! Eu conhecia seus pensamentos! Eu conheci o seu amor! E este conde de Marillac, eu o abençoei pela alegria que ele me trouxe com uma vingança mais profunda!...

Ah! você gosta disso ! tanto quanto você é capaz de amar, pelo menos! Que você possa, portanto, conhecer plenamente o amor em sua forma mais desesperada! Que este homem seja verdadeiramente digno de uma grande paixão, pois assim conhecerás, no seu horror fúnebre, o sofrimento que me fizeste sofrer!...

Ele desatou a rir terrivelmente, enquanto a espiã, esmagada em si mesma, ofegava.

de terror.

- O que ! Você vem a mim, e sou eu quem você quer fazer o fabricante de sua felicidade!

O que ! Eu revelo a você a existência de seu filho!

Estou tentando despertar em você um sentimento humano capaz de lhe render o esquecimento, senão a pena! E você só pensa no seu amor!

Insano! Você diz que é a absolvição de seus crimes que você veio buscar aqui! Diga uma maldição em vez disso! Se este Deus que eu prego existe, se ele nos vê, se ele ouve a oração ardente que se eleva em meu coração, sob o risco de minha condenação eterna, peço-lhe em voz alta sua desgraça, sua vergonha e seu desespero!

O monge havia se levantado. Ele havia saído do confessionário. Seus braços foram erguidos para o altar-mor em um gesto de imprecação... E assim ele foi, escapuliu como um fantasma, sacudido por soluços roucos, e desapareceu nas profundezas da escuridão, deixando Alice jogada para trás, desmaiada...

Então a velha Laura, com um sorriso no canto dos lábios finos, correu até Alice do 633

Lux e o fez respirar um violento repulsivo. Em um instante, a jovem voltou a si. Abatida, assustada, ela se pôs de pé, olhou em volta com ar desnorteado, depois agarrou os braços de Laura:

"Vamos fugir", disse ela em desespero triste.

Vamos fugir! Esta é a morada do horror, do crime e da condenação!

XXVIII

A política de Catarina

Alice de Lux passou uma noite terrível. Mas tal era a energia moral dessa mulher que ela não perdeu tempo em reclamar. Com toda a probabilidade, ela estava condenada. Sua vida estava destinada a terminar em desastre. Mas nesta noite, todas as fontes de sua inteligência, ela os esforçou na busca de um meio de resgate.

- Lute até o fim! ela disse com um estremecimento.

De qualquer forma, o que ela esperava estava se tornando impossível.

Se seu ex-amante se compadecesse dela, se o monge tivesse arrebatado de Catarina de Médici a terrível carta que a tornou sua escrava, seu plano era voltar ao Louvre apenas para dizer 635

para a rainha:

"Até agora eu servi você. Agora recupero minha liberdade. Não peço nada de você além de sua neutralidade, espero nada além de ser esquecido por você. Vou embora, só isso, e o resto é comigo. »

Todo esse sonho de liberdade, de felicidade estava desmoronando.

A cadeia tinha que ser retomada, era preciso ir ao Louvre o mais rápido possível, de acordo com as ordens recebidas; é verdade que ela poderia dizer que o bilhete que a rainha de Navarra lhe dera com tanto desdém não chegou até ela. Mas ela conhecia a raiva de Catherine... era hora de se apresentar a ela.

Na manhã seguinte, Alice de Lux voltou a ficar impassível, como se a cena do dia anterior não passasse de um pesadelo.

Com a ajuda de Laura, vestiu-se com cuidado e, acompanhada pela velha, foi direto ao Louvre.

Logo ela chegou nos aposentos privados da rainha onde teve que passar pelos mil 636

perguntas das damas de honra.

Ela respondeu com aquele humor brincalhão e notável presença de espírito que lhe haviam conquistado a terrível confiança da rainha.

Catarina de Médici foi informada de que Mademoiselle Alice de Lux, ao voltar de uma longa viagem, pedia a honra de lhe apresentar o dever de casa.

Ela respondeu que receberia Alice assim que estivesse livre e que sua dama de honra não deveria deixar o Louvre até que ela a visse.

Catherine estava de fato em conferência com seu astrólogo Ruggieri.

Ela também deveria ter uma entrevista com o rei, e Carlos IX, sabendo que a rainha desejava falar com ela, esperava sua visita com aquela curiosidade secreta e ansiosa que sua mãe sempre lhe inspirava.

Entramos, portanto, em um amplo e magnífico escritório contíguo ao quarto de Catherine.

Este gabinete foi mobiliado com uma suntuosidade verdadeiramente real.

Foi adornado com um grande número de telas de mestres italianos.

Tintoretto, Raphael Sanzio, Perugino, Ticiano, Veronese e Primaticcio foram representados nas altas paredes com fundo de veludo vermelho por suas pinturas sacras e suas pinturas eróticas, Dianas lascivas e Madonas extáticas desordenadas, em molduras que elas mesmas eram maravilhas – molduras de madeira trabalhadas por escultores geniais e cobertas com uma camada uniforme de ouro velho. Catarina de Médici conhecia de fato o poder artístico do ouro. Ouro, material puro, metal admirável, ouro, alegria para os olhos, o ouro é a única cor que realça o colorido de uma pintura; uma pintura emoldurada em ouro assume todo o seu significado: o ouro não desvia o olhar –

como prata, como madeira, como estanho –

do fundo da pintura; o ouro se adapta e harmoniza com violência, suavidade, esplendor, delicadeza, Rembrandt, Ticiano, Rubens, Watteau; ouro é o cenário perfeito.

Acrescentemos que essas tabelas estavam então em

todo o brilho de sua coloração, e aquele tempo ainda não os havia rachado ou manchado. Catarina foi contemporânea desses prestigiosos mestres que encontraram a harmonia das cores.

Essas telas que agora desaparecem sob a pátina fuliginosa de séculos, e que, nas vastas necrópoles de arte que chamamos de museus, parecem ao olho melancólico como fantasmas tristes, essas telas não merecem mais nossa veneração sentimental, pois mal as vemos, e que persistimos em admirar com confiança, enquanto a arte moderna ofereceria aos nossos olhos tão belas alegrias, no esplendor juvenil das cores, essas telas agora envelhecidas, enrugadas, apagadas, dignas da meditação do filósofo, mas para o artista tornam-se impuras como todas as coisas velhas – quão hedionda é a decrepitude – essas telas, dizemos, eram então reluzentes e, sem dúvida, tinham um significado completamente diferente, de beleza, de harmonia, de força ativa.

Catherine, uma artista consumada, os havia montado com perfeito gosto, sem se preocupar 639

do tema representado pelos pintores.

Seria errado, de fato, imaginar Catarina de Médici como um patife vulgar ocupado fazendo o mal pelo prazer do mal. Ela tinha uma imaginação prodigiosa. Ela amava a vida em todas as suas manifestações. Quando acompanhava os filhos à guerra, era seguida por artistas, músicos, decoradores e, nos campos de batalha, improvisava festas suntuosas.

A infelicidade do povo quis que esta mulher fosse rainha, e que, para satisfação de seus vastos apetites, ela desencadeasse terríveis desastres... as mãos dele? O que é a mulher que, colocada no cume do poder, não experimenta imediatamente a vertigem da tirania?

Cética, incrédula, sedenta de poder e prazer, devorada pelo amargo arrependimento por ter passado a juventude tremendo em vez de viver, Catarina de Médici, no limiar da velhice, finalmente desabrochou com todos os seus instintos.

de artista e dominatrix.

E por isso se cercou de obras maravilhosas para combinar cenas de terror.

Precisava de uma atmosfera de gênio para se preparar para o mal, que julgava capaz de garantir sua felicidade. Foi em um armário com móveis de fantástica suntuosidade, com estátuas emocionantes, com pinturas que destilavam a força da invenção, foi numa harmonia de beleza soberana que ela encontrou suas mais formidáveis inspirações.

É aqui que a encontramos com seu confidente, seu ex-amante, seu verdadeiro amigo, o astrólogo Ruggieri.

Catherine tinha plena confiança na ciência de Ruggieri. E o próprio Ruggieri não era um charlatão. Ele considerava a astrologia a única ciência que valia a pena estudar.

Isso não é uma contradição. Catherine, que não acreditava em Deus, era imaginativa e artística o suficiente para acreditar em uma ciência que deve ter lhe parecido uma fada sedutora. Este audacioso escrutinador de 641

consciências, este poeta desenfreado deve ter desejado o absoluto. E a astrologia que torna possível ler no futuro, é o absoluto. Estimamos, segundo o gesto geral de Catarina, que, se ela tivesse acreditado em Deus e em Satã, suas preferências teriam sido por Satã, porque o teria achado mais interessante em sua revolta, mais bonito em sua atitude. , mais poética, mais parecida com ela mesma.

Quando entramos no gabinete da rainha, Ruggieri estava se despedindo dela.

"Então", disse o astrólogo, "é paz?"

– Sim, René, a paz... a paz, que às vezes é uma arma mais formidável que a guerra.

"E você acha que Jeanne d'Albret virá para Paris?"

“Ela virá, René.

"Coligny?"

- Ele virá. Condé, Henri de Béarn virá, pense no que lhe recomendei.

"Espalhar o boato de que a Rainha de Navarra está doente?"

642

– É isso, meu caro René, disse Catherine com um sorriso, e posso garantir que ela está muito doente. Mas isso não é tudo... Você esqueceu o principal.

– Espalhe o boato de que Jeanne d'Albret tem outro filho que Henri! Ruggieri disse, ficando pálido.

– Sim, uma criança ainda mais velha que Henri de Béarn... e que teria muitos direitos... se Henri desaparecesse... você o conhece! ela acrescentou, fixando um olhar dominante no astrólogo.

Ele abaixou a cabeça e sussurrou com um suspiro:

- Meu filho !...

Então endireitando:

“Uma calúnia, Catarina!

“Sim, uma calúnia, René!...

"Ninguém vai acreditar", disse ele, balançando a cabeça.

Catarina deu de ombros e disse:

– Antigamente, René, conheci um homem inteligente 643

que fez uma breve aparição na corte de Francisco I. Ele foi uma das mentes mais firmes e lúcidas que conheci. Ele tinha um gênio para grandes empreendimentos que sobrevivem ao seu criador e carregam sua marca nos séculos futuros. Ele não apenas sonhava em dominar o mundo, durante sua vida, como um rei comum, mas em dominá-lo novamente após sua morte pela força dos ensinamentos legados a seus discípulos. Seu nome era Loyola.

A rainha ficou em silêncio por um momento, pensativa, talvez pensando que ela mesma era uma discípula digna de seu grande homem.

“M. de Loyola”, continuou ela, “me viu abandonada por todos. Não sei se ele teve pena de mim, ou melhor, se entendeu que minha mente era terreno fértil para a boa semente. Mas ele me falou com força, sacudiu meu desespero e, antes de deixar a corte de Francisco, dei-me de presente uma arma preciosa de ataque e defesa.

– Esta arma? perguntou Ruggieri.

- Isso é uma mentira.

644

- A mentira !...

– A arma do forte, a arma de quem olhou a vida cara a cara e disse à vida: Você não é nada! A arma daqueles que sondaram sua consciência e disseram à sua consciência: Você é apenas imaginação. O vulgar, o rebanho que governamos deve odiar mentiras. Porque se ele entendesse o poder da mentira, ele o usaria contra nós e estaríamos perdidos. Mas nós, René, podemos e devemos mentir, pois a mentira é a própria base de qualquer governo sólido.

- Arma, seja! disse o astrólogo. Mas uma arma formidável para quem a usa, cuidado, minha rainha!

“Foi exatamente isso que indiquei ao sr. de Loyola. E este grande homem me respondeu:

“Uma arma formidável em mãos desajeitadas.

E chamo de desajeitadas as mãos que não ousam bater forte. Se você encontrar um mastim raivoso e a faca estiver tremendo em sua mão, o mastim será ferido; mas antes de morrer, ele terá tido tempo de te morder e você terá 645

envenenado; pelo contrário, se você der um bom golpe no coração do animal, você está salvo. »

Catherine de' Medici sorriu pálida com essa ideia de um inimigo bem atingido, bem abatido ao primeiro golpe.

Ela continuou:

“Monsieur de Loyola, tendo assim falado, então me expôs suas idéias sobre a mentira:

“Se você mentir timidamente, o mundo vai te abominar ou fingir que te abomina.

Se você mentir com energia, se afirmar a mentira com toda a força necessária, se a repetir incansavelmente com golpes redobrados, o mundo verá que você está dizendo a verdade; e se ele vir você mentindo, ele vai fingir que acredita na sua mentira, e isso é tudo que precisa. É uma fraqueza se preocupar com a plausibilidade da mentira. Não há mentira

implausível; há apenas a energia ou a timidez do mentiroso. A mentira é provável por causa da energia de quem mente. Suponha, por exemplo, que eu diga ou 646

fazer saber que Madame d'Étampes tentou envenenar François Ier. Pense, primeiro, no enorme número de imbecis que dirão: não há fumaça sem fogo; acrescente a essa multidão a multidão de inimigos particulares de Madame d'Etampes, que vão embora repetindo: Eu não acredito, de minha parte, mas afirma-se que Madame d'Etampes quis envenenar o rei Francisco. Acrescente a essas duas multidões a multidão de pessoas que querem um escândalo, seja para seu próprio benefício ou simplesmente por amor ao escândalo. E aqui está Madame d'Etampes já envolta em uma rede apertada de afirmações.

Então, duas coisas acontecem: ou ela despreza responder à mentira, ou ela quer se defender. Se ela não responder, a mentira segue seu caminho. Você a repete ou a repete até que as multidões de que lhe falei gritem, com o vigor da falsa indignação: Ela não diz nada, portanto é culpada!... Se ela quer se defender, dê um detalhe, novo mentira que abriga o primeiro. Digamos, por exemplo, que o veneno era um pó verde. Madame d'Étampes coloca você em 647

desafio para provar que ela já teve pó verde em sua casa. Então ela está perdida. Ela não discute mais a mentira principal, mas a mentira acessória. Os cortesãos, os burgueses, o povo apostam a favor ou contra o pó verde. E, como resultado de um fenômeno bastante natural, depois de algum tempo, discutimos se o envenenador tinha pó verde ou azul, mas a própria questão do envenenamento não é mais questionada por ninguém ... "

Catarina de Médici ficou em silêncio por um momento, toda sorrisos.

Então ela acrescentou:

“Isso é o que o Sr. de Loyola, que foi um grande filósofo, me disse. Eu guardei suas palavras.

– E, perguntou René, você aplicou?

"Muitas vezes", respondeu Catherine simplesmente.

"Você sabe como é assustador, minha rainha?"

E se alguém usasse tal arma...

“Esse alguém seria o mestre do mundo. Para

648

na falta de alguém, um grupo de homens bem disciplinados pode governar por esse meio. Era isso que o Sr. de Loyola queria. Acredite, chegará o dia em que os partidos políticos entenderão o enorme poder da mentira e o usarão com ousadia. Chamo de partidos políticos os grupos de homens marcados para a dominação, aqueles que entendem que a imensa e estúpida multidão deve trabalhar inteiramente para a felicidade de poucos. Pense

na fabulosa soma de mentiras acumuladas ao longo dos séculos para que os povos venham a ter no sangue a necessidade do rei, do mestre, do governador, seja ele quem for! E pare de desconfiar de mentiras.

Proclame comigo que mentir é sagrado, que é nosso começo e nosso fim, que devemos tudo o que toda a humanidade deseja! Ah! René, vamos mentir, mentir com força, mentir com coragem, mentir com frenesi, e continuamos sendo os mestres!...

"Então eu vou mentir, minha bela rainha! gritou Ruggieri.

– A Rainha de Navarra virá a Paris, digo-vos 649

diga novamente. A mentira já deve ter preparado nosso caminho antes mesmo de chegar. Em primeiro lugar, ela está doente, sabe? Então ela tem um filho... Por que você está triste? E quem lhe diz que este filho... não o reservo para altos destinos! Quem lhe diz que ele não será rei de Navarra no lugar de Henrique!...

Ruggieri sufocou um grito de alegria que morreu em seus lábios.

- Silêncio! rosnou Catarina de Médici.

– Ah! Catarina, murmurou o astrólogo, apertando os lábios na mão da rainha, como você é grande! Quão profundo é o seu pensamento! E como humildemente te admiro!...

- Vai ! disse a rainha, sorrindo, vá e pense em me obedecer...

– Cegamente! gritou o astrólogo, correndo para fora do escritório.

Por sua vez, Catarina de Médici saiu de seus aposentos sem passar pela sala onde estavam reunidas suas damas e, pelos corredores 650

reservado, chegou aos aposentos do rei.

Ao se aproximar, ela ouviu um sino de caça.

Carlos IX, grande caçador, tinha uma paixão furiosa pela arte da caça em geral e por todas as artes a ela relacionadas em particular.

Ele tocou sua trombeta para se fazer suspirar, para ficar doente.

Seu médico, Ambroise Paré, aconselhou-o em vão a se dedicar com as maiores precauções à sua paixão favorita. Era necessário que todos os dias passasse por ali o repertório completo das caçadas reais.

E, no entanto, esse repertório foi muitas vezes aumentado por algum novo ar.

Antes de entrar na casa do rei, Catarina se recompôs e assumiu seu ar mais melancólico.

Quando ela entrou, Carlos IX imediatamente pousou a trombeta na qual tocava com a convicção de um caçador e, avançando em sua direção, tomou-a por uma mão, beijou-a e a conduziu 651

finalmente para uma grande poltrona de ébano na qual a rainha estava sentada.

“Meu filho”, disse Catherine então, “venho, como faço todas as manhãs, para saber sobre sua saúde. Como você está?... Vire-se para a janela, para que eu possa ver você... Mas você me parece bem... muito bem... Ah! Eu respiro... Você vê, eu não estou vivo desde que esses ataques malditos levaram você... e especialmente desde que Ambroise Paré me disse...

“Termine, mãe,” Charles disse sem preocupação aparente.

“Aquele doutor instruído me disse que um desses ataques poderia matá-lo instantaneamente; mas não acredito, Charles; além disso, ordenei orações secretas em três igrejas e em particular em Notre-Dame.

“O que você está me dizendo aí, madame, me tranquilizaria se eu precisasse ser tranquilizado; mas eu sou como você, não acredito nas previsões sinistras do Mestre Paré, que eu nem conhecia... continuo sólido, e quem puder se alegrar com minha morte terá que 652

Espero.

- Um homem! disse Catarina. Mas, meu filho, você acredita que há pessoas que se alegram com a morte do rei? Em que tempos vivemos, ai!... Quando seu ilustre pai caiu nesta triste festa sob os golpes de seu capitão, toda Paris chorou, o reino ficou de luto, e o mundo civilizado testemunhou sua dor. Por que não deveria ser o mesmo quando agrada a Deus chamá-lo de volta para ele?

Carlos IX empalideceu. Era raiva ou medo? Ambos, sem dúvida.

Ele olhou para sua mãe e exclamou:

– Ei, Madame, de onde você tira essas ideias fúnebres? Não posso falar dois minutos com você sem que seja uma questão de minha morte!

– A ansiedade constante de uma mãe, Charles, nunca desarma antes da aparência de segurança.

“E eu, pelo deus da morte, lhes digo que estou me saindo maravilhosamente! Então não vamos mais falar sobre isso.

Quanto a essas pessoas que eu estava falando sobre quem 653

regozijo-me secretamente assim que tiver cólicas, elas estão por toda parte e até neste palácio!

“Você quer dizer os huguenotes, meu filho. Nós iremos ! Eu só queria falar com você sobre eles. Se estiver tudo bem para você, senhor, agora seria uma boa hora...

E Catherine lançou um olhar significativo para três ou quatro da comitiva real que, quando a rainha-mãe entrou, respeitosamente se retiraram para um canto.

O rei deu de ombros impaciente e virou-se para essas pessoas.

“Senhores”, disse ele, “a rainha quer falar comigo...

Mestre Pompeu, você voltará em uma hora para minha aula de esgrima... Ah! Traga-me algumas dessas lâminas árabes de que você me falou, mestre Crucé, amanhã falaremos de ferragens; Eu quero ver esse novo modelo de fechadura que você inventou; senhores, até breve.

O mestre de armas, Crucé, os senhores saíram depois de uma profunda saudação à rainha.

654

Quando Crucé fez uma reverência, ele trocou um rápido olhar com Catherine.

"Estou ouvindo, senhora! disse então Carlos IX, atirando-se nas almofadas de uma grande poltrona. Aqui, Niso! Euyalus!

Dois magníficos galgos que, desde a entrada da rainha, não pararam de rosnar baixinho, vieram deitar-se perto do rei, que mecanicamente começou a provocá-los com a mão pendente.

"Charles", disse Catherine então, "o estado de seu reino não lhe parece lamentável?"

Você não acha que essa longa disputa, essas guerras desastrosas em que os melhores cavalheiros de ambas as partes sucumbem um após o outro, não acabarão empobrecendo a herança que você tem de seu pai e que você deve passar intacta aos seus sucessores? ?

- Sim, pardieu! Acho que é realmente pagar demais pelo prazer de ouvir missa, ver sucumbir tanta gente corajosa que poderia ter encontrado um emprego mais útil de sua vida e de seu sangue a nosso serviço!

655

"Gosto de vê-lo assim, senhor", disse Catherine com um sorriso.

“Só estou surpreso com uma coisa, madame; é porque essas disposições parecem surpreendê-lo.

Não preguei sempre que a paz deveria ser feita entre as duas religiões? Não demonstrei meu horror ao derramamento de sangue gritando decretos atrás de decretos nas ruas de

Paris contra pessoas que querem lutar? Finalmente, não fui eu que quis que a paz fosse assinada em Saint-Germain?... Portanto, é a sua atitude e não a minha que surpreende. Porque aqui está uma novidade! É você que vem pregar a harmonia para mim, enquanto eu sempre tive que resistir ao seu forte apetite por guerra e massacre!

“Como me conheces mal, meu filho!...

- Ei! Senhora, só peço para conhecer melhor minha mãe! gritou Charles amargamente. Mas admita que se eu te conheço tão mal, é porque outros de seus filhos tiveram a melhor parte de sua confiança...

Catarina, como em todos os 656

circunstâncias em que ela estava envergonhada, fingiu não ter ouvido.

"Além disso", ela retomou melancolicamente, "eu passei minha vida sendo incompreendida... Mas, meu filho, eu não estou lhe dizendo nada de novo, eu acredito, dizendo a você que eu queria que a guerra tivesse paz.

– Sim, sim, conheço seus motivos: vamos destruir os huguenotes, até o último, e ficaremos em paz... Você viu o belo resultado que obtivemos. Apesar de Jarnac, apesar de Moncontour onde meu irmão de Anjou se cobriu de glória, como Tavannes me assegurou (Catherine mordeu o lábio), apesar de dez vitórias, vimos o velho Coligny 1 nos repelir em Arnay-le -Duque com um novo exército, para empurrar até as margens do Loing e talvez ameaçar Paris se eu não o tivesse impedido com a oferta de uma paz honrosa. Essas guerras sempre terão que ser recomeçadas. Os reformadores derrotados em um ponto reaparecem mais fortes em outro.

1 Derrotado em Moncontour, Coligny derrotou os católicos em La Roche-Abeille e Arnay-le-Duc, antes de assinar a Paz de Saint-Germain (1570).

657

Isso é o suficiente, pelo deus da morte! Quero dizer que minha vontade seja feita, que todos os seus tordos e lacaios parem de provocar os huguenotes, e que esses malditos monges como o seu Panigarola... Veremos, pardieu! de repente acrescentou Carlos IX, subindo, que comanda em Paris! Esses queridos arrogantes, vou colocá-los na Bastilha! Que pena para o meu irmão se ele chorar! E quanto aos seus monges, vou trazê-los à razão. E pra começar, sua Panigarola, eu paro!...

O jovem rei estava exultante. Ele andava inquieto. Nas últimas palavras, ele pisou em Catarina com um ar tão ameaçador que a rainha se levantou, de lado, esticando o braço.

- Ei! meu filho, ela chorou, com uma risada forçada, você diria mesmo que é com sua mãe que você está com raiva!...

Carlos IX parou de repente; um leve rubor subiu-lhe à testa, geralmente pálido como cera.

“Com licença, senhora,” ele disse, tomando seu assento novamente. Essas pessoas me exasperam a 658

o longo. Quanto a acreditar que você está ameaçado no meu Louvre, espero que tal pensamento não tenha surgido em você...

– Não, meu filho... e é um jeito simples de falar. Mas se você acredita em mim, você não vai prender ninguém, não mais Panigarola que Maugiron ou Quélus...

“Vou prendê-los, por favor, Madame!

Prenderei Henri se necessário! cuidado, minha paciência tem limites.

- Bom ! disse a rainha, "você fala de paz, e você só sonha com prisões mesmo em sua família!"

Mas já Carlos IX, com um grande gesto de cansaço, estava recostado na cadeira.

A explosão de raiva que acabou de escapar dele destruiu sua energia fraca.

Catherine estava esperando por ele lá.

“Você não vai prender ninguém,” ela disse, “se eu lhe der uma boa maneira de garantir a paz geral.

“E você teria encontrado este caminho, madame?

659

- Eu encontrei.

"E não é uma boa carnificina, alguma nova batalha, alguma arrecadação de tropas e dinheiro?"

“Nada disso, meu filho! disse a rainha com um sorriso maternal.

"Estou ouvindo, senhora", disse Charles, armando-se com desafio.

“Há muito tempo venho pensando nisso. Enquanto você pensa que estou ocupada sonhando com a guerra como não sei que heroína, sou apenas uma pobre mãe tentando garantir a felicidade de seus filhos, ela insistiu em um gesto de Charles. E eis o que encontrei, meu filho: os huguenotes não são mais nada, ou pelo menos deixam de ser perigosos, se não tiverem mais Henri de Béarn e Coligny.

- Então você pensaria em...

“Espere, meu filho. Digo que, privados desses dois líderes, os huguenotes não poderiam mais guerrear contra você.

– Mas, senhora, não é para mim que eles 660

faço !

- Aquilo é ! Mas sim! Suponhamos agora que Coligny e Henri de Béarn apresentem-se.

"Eles nunca vão consentir com isso!"

- Nós iremos ! exclamou Catherine triunfante: "Achei melhor do que arrancar deles uma submissão que talvez fosse hipócrita." Encontrei uma maneira de torná-los os amigos mais ardentes do rei, seus aliados!

– Pelo deus-da-morte, senhora, confesso que se o encontrou, vou admirá-lo.

- Bom. Ouça-me então. O que você acha que o velho Coligny faria se você lhe desse um exército para ir à Holanda defender seus correligionários massacrados pelo duque de Alba?

“Eu digo que ele cairia aos meus pés. Mas, madame, isso seria guerra com o espanhol!

“Vamos falar sobre isso no conselho, meu filho.

Conheço uma maneira de evitar a guerra com a Espanha, que é e deve continuar sendo nossa fiel amiga.

661

Concedido, você decidiu fazer a proposta ao Almirante que estou lhe dizendo?

“Sim, porra! e mesmo à custa de uma guerra com a Espanha, porque afinal, melhor guerra de fronteira do que guerra interna!

- Bom. Admite que nestas condições o almirante é nosso? Aqui, então, estão os rascunhos do partido huguenote que não tem mais um líder e vem se alinhar ao seu redor.

- Sem dúvida. Mas Henri de Béarn? exigiu Carlos IX ansiosamente.

– Ah! aqui é onde minha idéia é boa! Henri de Béarn é seu inimigo... bem, eu faço mais que seu amigo, faço dele seu irmão...

“Henri não é mais meu inimigo do que o almirante, madame. Somos nós que os empurramos para a guerra até agora. Admitir nossos erros...

mas de qualquer forma, eu ficaria curioso para saber como o Béarnais pode se tornar meu irmão...

"Casando com sua irmã... minha filha Marguerite!" disse Catherine triunfante.

- Margot! exclamou Charles, espantado.

- Ela própria ! Você acredita que ele vai recusar a aliança? Você acredita que a orgulhosa Jeanne d'Albret não ficará orgulhosa e feliz com tal união?

– A ideia é admirável, de fato. Mas o que Margot vai dizer?

"Marguerite vai dizer o que queremos. Para

faltando sua submissão, sua inteligência nos assegura sua devoção.

"Pelo deus da morte!" exclamou o rei, levantando-se: "Aqui, senhora, está um pensamento bonito e profundo...

Sim, sim, isso nos garante a paz... Os Béarnais voltando para minha família, e Coligny ocupado na Holanda, não há mais partido huguenote!... É admirável, realmente... Mais guerra, não mais sangue nas ruas de Paris... festas, caçadas, danças... Mort-dieu, Madame, a bela corte que vamos ter. Você sabe que estava começando a ficar muito triste? É encantador, quero deixar claro... reúna o conselho para amanhã!... Ah! Eu respiro !

E o rei Charles, como uma criança real, ele 663

foi, esboçou um passo de dança, depois agarrou sua mãe com os dois braços e beijou-a nas duas bochechas, então, alegremente, soou uma melodia de caça a toda velocidade...

Catherine, com seu ar gélido, acompanhou toda essa expansão da alegria juvenil.

De repente, ela viu seu filho ficar pálido. Charles levou a mão fechada ao coração e parou, ofegante. Seu olhar nublado. Suas pupilas dilataram.

Por dois segundos ele pareceu ser vítima de alguma visão misteriosa ou tontura.

Então suas feições se acalmaram. Seu olhar se acalmou. Ele respirou mais livremente.

– Veja, mãe, disse ele com um sorriso triste, aqui está uma crise abortada. A alegria que você me deu já me fortalece... Ah! se não houvesse mais em volta do meu trono nem ódios ocultos nem intrigas... se finalmente tivéssemos paz!...

"Você terá, Charles! disse Catherine, levantando-se. Descanse em sua mãe que cuida de você... Portanto, tenho sua aprovação para abrir 664

conferências para este casamento?

"Sim, Madame, vamos lá... E eu vou agora mesmo ver Margot e fazê-la ouvir a razão.

A rainha-mãe sorriu bruscamente. Ela se retirou depois de lançar um olhar profundo para seu filho, que, cheio de alegria e cantarolando, de fato foi para sua irmã Marguerite.

Foi assim que se decidiu um ato político que, preparado para garantir a paz do reino, terminaria em uma das tragédias mais atrozes e sangrentas que já aterrorizaram a história.

Mas não terminamos com este capítulo onde queríamos mostrar sob um triplo aspecto a política sombria e tortuosa de Catarina de Médici. Esta terceira parte deste episódio completará as outras duas e lançará uma luz lívida sobre o pensamento que guiou a rainha em sua entrevista com Ruggieri, primeiro, depois com Carlos IX.

Ela voltou para seus aposentos, lenta e meditativa, e entrou em seu oratório.

665

Esta sala era a antítese daquela onde primeiro apresentamos nossos leitores: aqui, não há mais pinturas, não há mais estátuas, não há mais cortinas de brocado, não há mais almofadas... Paredes cobertas com uma tapeçaria escura, uma mesa de ébano, uma poltrona de ébano também, um ajoelhador, e acima deste ajoelhador um enorme Cristo de prata em sua cruz negra...

“Paola”, disse Catherine a um atendente italiano que ainda estava ao seu alcance, “traga Alice para mim.

Alguns momentos depois, Alice de Lux entrou no oratório e fez uma profunda reverência tanto para obedecer às regras de etiqueta quanto para esconder em parte sua confusão.

"Então você está de volta, minha criança", disse Catherine com grande gentileza. Você provavelmente chegou ontem?

Alice de Lux fez um esforço e respondeu:

– Não, senhora, cheguei há onze dias...

"Onze dias, Alice!" gritou a rainha, mas 666

sem gravidade. Onze dias, e aqui está você só hoje!

“Estava muito cansada, senhora”, gaguejou a dama de honra.

– Sim, sim... eu entendo, você precisava descansar... e talvez também pensar um pouco... concordar consigo mesmo... Mas vamos deixar isso... estou feliz por você, meu filho ... Você compreendeu admiravelmente sua missão, e eu não conheço um diplomata melhor do que você... Alice, você serviu nobremente aos meus interesses, que são os do rei e da realeza, você será recompensada por isso.

"Vossa Majestade me enche", murmurou a infeliz mulher.

- Não, não, só estou dizendo a verdade exata...

graças a você, meu querido embaixador, pude aprender a tempo e frustrar os planos de nosso inimigo mais determinado... a rainha Jeanne.

Ah! neste sentido, seja elogiado pela escolha de seus mensageiros... todos homens confiáveis e diligentes... e pela composição de suas cartas...

todas as obras-primas de clareza... Sim, meu 667

criança, você nos prestou um grande serviço...

E a culpa não é sua, afinal, se esses serviços não foram além...

"Eu não sei o que Vossa Majestade quer dizer...

“Alice, como a Rainha de Navarra saiu de Paris?... Porque ela veio para lá, eu sei...

Conte-me um pouco sobre tudo isso... você fez parte da viagem? Não me disseram que tinha havido algo como uma revolta na ponte de madeira?... Ficaria zangado se algo de mau tivesse acontecido ao meu primo de Navarra... Vejamos, o que aconteceu?

Alice imediatamente começou o breve relato da briga que relatamos.

Ela contou essa história em termos curtos e claros, com uma voz monótona.

- Jesus! disse Catherine então, apertando as mãos. É possível que corresse tanto perigo!... Quando penso que um pouco mais a Rainha de Navarra foi morta, não posso deixar de tremer... porque, afinal, não quero a morte dela, para isso pobre rainha... basta que eu 668

reduzido à impotência... estou me defendendo, só isso... E a prova de que não quero lhe fazer mal é que estou pensando em fazer as pazes... e que vou mandar você de volta para ela para preparar sua mente para um grande evento... Você deve estar descansado, meu filho... você pode sair hoje...

Enquanto falava assim, Catherine fixou um olhar penetrante em Alice.

A jovem, de cabeça baixa, trêmula, permanecia estupefata como o pássaro que vê os círculos em que o falcão tenta envolvê-la bem acima dela.

"A propósito", retomou Catarina de repente, "o que a rainha de Navarra estava fazendo em Paris?"

“Ela veio vender suas joias, Majestade!

– Ah! *pecato* ! Coitadinha... Suas jóias!... Bem, bem... E ela conseguiu um bom preço por elas, pelo menos?... Na verdade, não me importo, não quero ser indiscreto ... Além disso, ela ainda está muito feliz por ter jóias para vender... Eu, só tenho 669 sobrando...

alguns... e novamente, eles não são mais meus...

Eu os pretendo para amigos... Aqui, olhe, Alice!

Leve este caixão um pouco... ali, no prie-Dieu...

Nós iremos.

Alice obedeceu e colocou uma caixa de ébano sobre a mesa, que Catherine abriu imediatamente.

Este caixão foi organizado em fileiras sobrepostas; cada fileira consistia em uma tábua de veludo e podia ser removida do caixão por meio de dois cordões de seda colocados em cada extremidade.

A caixa se abriu, a primeira fila apareceu nos olhos de Alice.

Consistia em um clipe de cinto e um par de brincos. Essas joias eram incrustadas de pérolas cujo brilho suave brilhava levemente no fundo de veludo.

Alice permaneceu indiferente e congelada. A rainha olhou para ele, e um sorriso fino pairou sobre seus lábios.

"Praga! ela pensou. A jovem tornou-se difícil!..."

670

- O que você acha, meu filho? ela recomeçou em voz alta.

“Digo que essas joias são muito bonitas, madame.

– Sim, certamente... A água destas pérolas é admirável, e em vão procurar-se-ia um defeito...

Mas o que estávamos dizendo?... Tenho tantas coisas na cabeça... Ah sim! que a Rainha de Navarra havia vendido suas últimas joias... para quem, você disse?

"No judeu Isaac Ruben", respondeu Alice, que ainda não havia dito nada sobre esse endereço.

“Sim, era isso que você estava dizendo”, disse Catherine. E você acrescentou que essa boa rainha se foi...

“Para Saint-Germain, senhora; depois para Saintes, passando por Tours, Chinon, Loudun, Moncontour, Parthenay, Niort, Saint-Jean d'Angély. Pelo menos ; esta é a rota que eu conhecia. Poderia ter sido alterado. Acredito que, de Saintes, Sua Majestade a Rainha de Navarra irá para La Rochelle.

671

Catherine ouvira atentamente esta nomenclatura, que o espião recitara em voz baixa, como uma lição da qual se apressa a desafogar a memória.

"Mas por que, Alice, você disse que talvez essa rota fosse mudada?" perguntou Catarina que, dependendo do momento e das necessidades, conhecia ou não a dama de honra.

“Eu direi a Vossa Majestade logo.

“Venha, meu filho, por que você parece preocupado? No entanto, você descansou por dez dias. E eu não disse nada sobre o constrangimento que você pode ter me causado por não ir imediatamente às minhas ordens... Mas agora é uma questão de ficar bem... mais um esforço, minha pequena Alice... cercado de inimigos... você verá que não tenho segredos para você... vou lhe contar uma ótima notícia... o rei quer se reconciliar completamente com os huguenotes... entendeu?... e depois a minha prima de Navarra torna-se então amiga... vem cá... a Paris... a esta corte...

Enquanto Catherine falava, Alice ficava cada vez mais pálida.

Nas últimas palavras, ela abafou um grito que a rainha fingiu não ouvir.

“Então,” ela continuou, “eu tenho que mandar uma mensagem para a Rainha de Navarra... uma mensagem verbal, uma mensagem que precederá as propostas oficiais... você sabe? grande missão.

Alice fez um gesto como se quisesse interromper a rainha.

"Cala a boca", ela continuou. Ouça-me com atenção, porque você entende que nosso tempo é precioso... Você vai sair. Em uma hora você encontrará uma cadeira de viagem à sua porta; você vai liderar um grande trem...

até você se juntar à rainha...

Agora, abra bem sua mente e grave minhas palavras em sua cabeça... Vou lhe confiar uma dupla missão... a primeira, será apresentar à rainha, com toda a delicadeza necessária, as ofertas o que te explico daqui a pouco... o segundo, será, de acordo com os arranjos em que você a encontrar, oferecê-la... ou não oferecê-la...

um presente... um pequeno presente... que deve vir de você mesmo, você ouve... eu não quero estar lá para nada... ah! não se preocupe... este presente... vai ser fácil... é só uma caixa de luvas...

Cale a boca, eu sei tudo o que você poderia objetar...

você vai dizer, você vai inventar o que você quer explicar que você está no comando da mensagem por mim... quanto às luvas, eu não tenho nada a ver com isso...

foste tu que os compraste em Paris para agradar a tua benfeitora...

– Peço a Vossa Majestade que não vá mais longe... é inútil! gritou Alice.

"Ela já descobriu as luvas!" pensou Catarina. E ela está com medo!..."

Rapidamente, ela tirou o primeiro compartimento da caixa de joias. A segunda fila apareceu.

"Deixe-a respirar por cinco minutos!" »

continuou a rainha para si mesma.

"O que você diz sobre isso, minha querida Alice?" ela disse em voz alta...

– Isso?... O quê?... o que você estava dizendo, 674

senhora," gaguejou Alice, passando a mão pela testa.

- Ei! não... isso!... esses rubis! Olhe, veja!

Na segunda fila que acabava de aparecer brilhava um grande pente de ouro coroado por seis grandes rubis cujos fogos escuros e suntuosos incendiavam a noite de veludo negro... Era uma jóia real.

"Esse pente vai ficar maravilhoso no seu cabelo", disse a rainha. Parece uma coroa. Você é digna, minha filha.

Alice, com um movimento desesperado, torceu suas lindas mãos.

"Hum! o golpe é duro! pensou Catarina.

Luvas ! Luvas ! Este é um grande negócio!

Ah! as mulheres desta época estão degenerando.

Vamos ver... vamos tranquilizar um pouco o espírito dessa garotinha. »

Ela pegou o pente e brilhou em suas mãos.

"A propósito," ela exclamou, "você não me disse 675

Como você chegou lá... Conte-me um pouco sobre isso...

"Fiz como combinado", respondeu Alice, com aquela volubilidade febril que já notamos nela em certas ocasiões; o motorista dirigiu o carro até o local que você indicou; O carro avariou-se; Eu esperei... alguém veio, ela acrescentou com uma voz moribunda.

- Alguém ? disse a rainha, levantando a cabeça abruptamente.

– Um cavalheiro da Rainha de Navarra. Ele me levou até a rainha... eu contei a história combinada... que eu queria me converter à Reforma... que você me perseguiu... que eu resolvi me refugiar em Béarn... rainha me acolheu... você sabe o resto...

- Qual era o nome desse senhor?

"Eu nunca soube o nome dele," Alice disse com um estremecimento. Ele saiu no mesmo dia... Ah!

Majestade, você pode ver que não posso cumprir esta missão, desde que eu tinha 676

perseguido por você... Como a rainha se explicaria...

"E você diz que nunca soube o nome dele..."

- Nome de quem? disse Alice com a sublime desenvoltura do desespero.

“Aquele cavalheiro... Ah sim! é verdade... ele saiu no mesmo dia... não vamos falar mais sobre isso. Quanto às suspeitas que Joana d'Albret possa ter, você é apenas uma criança... Você veio a Paris, eu sabia que você estava lá, eu sabia que você estava no seu melhor com a rainha de Navarra e no meu desejo de conciliação , para agradar minha nova amiga, é a você que estou pedindo para contar a ela... o que você vai saber depois... Mas vamos falar primeiro das luvas. A propósito, exorto-o a não experimentá-los, e nem mesmo abrir a caixa que os contém!...

"Mas isso é impossível, Madame!" Eu te digo que é impossível!...

O sotaque desta vez era tão firme, embora a voz estivesse trêmula, que Catherine fixou um olhar penetrante no espião.

677

- O que aconteceu com você ? ela perguntou. Diga-me o obstáculo, veremos como superá-lo.

“O obstáculo é intransponível, senhora. Eu não queria falar sobre isso porque sinto meu coração quebrando de vergonha toda vez que coloco minha mente nessas coisas.

- Vamos ver! perguntou Catarina severamente.

Alice abaixou a cabeça, cobriu os olhos com as duas mãos e sussurrou:

– A Rainha de Navarra... notou...

– Percebeu o quê?... Está louco?

“Porque eu estava com ela, madame!

"Jeanne d'Albret adivinhou você!" exclamou Catarina de Médici furiosamente.

- Sim Madame !

- É certo?

- Sim Madame...

– Corpo de Cristo! repreendeu Catarina que, empurrando violentamente a mesa diante da qual estava sentada, começou a caminhar pelo oratório.

678

Alguns minutos se passaram.

Catarina estava pensando. Sua agitação gradualmente se acalmou. Ela não era uma mulher para se entregar à raiva por muito tempo; voltou a ocupar o seu lugar e, com voz indiferente:

“Diga-me, de uma vez por todas, como aconteceu.

Alice, com as mãos ainda sobre os olhos, respondeu:

– No caso da ponte... alguém jogou um bilhete no meu colo... que me deu ordens... Esse bilhete, eu não vi... a rainha pegou... ela já tinha vagas suspeitas ... transformaram-se em certezas... ela me deixou vir para Saint-Germain, e lá... ela...

caçado.

Houve um momento de silêncio.

O espião estava soluçando baixinho. E esses soluços surpreenderam Catarina de Médici, que pensou que deveria haver "algo mais" no coração da jovem. Com efeito, houve

" algo mais " ! E Alice ficou muito feliz neste 679

momento de ter esse pretexto para deixar transbordar sua dor.

"Venha, acalme-se", retomou a rainha. Afinal, você está fora para sempre. O golpe é forte...

especialmente para mim. Eu entendo o que você deve ter sofrido... mas considere que você sofreu pelo serviço de sua rainha e seu rei... eu deveria acusá-lo de falta de jeito, mas não tenho coragem... verdade, sua dor me dói ...

Venha, pequena Alice, de coração, pelo deus da morte, como diz meu filho Charles... Não tenha medo que eu a mande embora... Vou encontrar uma ocupação digna de sua inteligência... e sua beleza... .

Nunca mais falaremos da Rainha de Navarra... nunca!... Mas você ainda tem toda a minha confiança, e eu vou provar isso para você.

Alice estremeceu.

O que fazer ? Antecipar-se às novas propostas que Catherine estava prestes a fazer a ele? Tentando escapar dessa terrível confiança? Pretexto de cansaço, necessidade absoluta de descanso?... Mas ela arriscava despertar as suspeitas desse terrível inquisidor, a quem ele
680

Era impossível esconder um pensamento: Alice permanecia perplexa, como que estupefata, incapaz de se revoltar.

Ela estava esperando... Que novo golpe a atingiria?...

“Vamos”, retomou a rainha de repente, “aí está você mais calmo. Não pense mais no passado... Eu tenho um futuro brilhante reservado para você... você não pode mais ser útil para mim fora de Paris, você será útil para mim em Paris, isso é tudo.

"Mas, Madame", observou timidamente o espião, "não me disse que a Rainha de Navarra viria aqui?"

- Sim ; Espero que sim, pelo menos... mas tome cuidado para não falar sobre isso. Esqueça tudo o que eu te disse...

Você sabe o que espera os infelizes que me traem... Oh! é só para avisá-lo... eu confio em você... bem, que mal você vê em Jeanne d'Albret vindo aqui?

"No Louvre, Madame?"

- Sim ! no Louvre! Eu deveria esperar que sim.

"Mas se ela me vir, senhora?... Não seria melhor, para Vossa Majestade

sobretudo, e depois um pouco para mim também, que a Rainha de Navarra não me viu? Se Vossa Majestade consentisse, eu iria embora por um tempo... seis meses... um ano... além disso, eu poderia manter correspondência com você, madame...

“Você está certo... Jeanne d'Albret não deve ver você!

A alegria que a espiã sentiu foi tão forte que ela fechou os olhos para não demonstrar essa alegria à rainha.

Alegria de curta duração! Já Catarina continuou:

"Então você não vai se mostrar no Louvre."

Além disso, para a missão que tenho reservado para você, não é necessário que você apareça lá... mas você não sairá de Paris, e nós simplesmente nos corresponderemos... de la Picado. Todas as noites, você me enviará os resultados de suas observações. Aqui está como... Você me segue, não é?

- Sim, Majestade! disse Alice desanimada.

682

– Você viu o novo hotel que eu construí? Você viu a torre?... Bem, a primeira abertura na parte inferior da torre está quase na altura dos olhos. Esta abertura é barrada por duas barras; mas há espaço para passar a mão; todas as noites, você virá e jogará suas pequenas missivas lá; e quando eu tiver alguma ordem para lhe enviar, uma mão lhe entregará o bilhete que você terá que ler. Você entendeu tudo isso?

- Sim, Majestade! repetiu Alice com o mesmo desespero concentrado.

- Muito bem. Agora preste atenção.

Primeiro, deixe-me dizer-lhe uma coisa. É que você já fez o suficiente por mim para eu fazer algo por você. Por quase seis anos, Alice, eu a empreguei para meus propósitos, que são os do rei... minha filha! Diga a si mesmo que em tudo que você fez, você cumpriu bravamente seu dever para a glória do rei. Eu só tinha que me elogiar por seu zelo e sua inteligência...

Agora Alice, você já trabalhou o suficiente... a missão que estou impondo a você será a última... você ouve bem, a última!...

683

“Vossa Majestade está dizendo a verdade! gritou Alice em uma explosão de alegria.

“É verdade, meu filho. Eu juro a você que após este último... serviço que você prestou à realeza, você será inteiramente livre.

- Oh ! senhora ! disse Alice tremendo.

– Você será livre: eu juro por este Cristo que nos ouve! Mas não me considerarei livre em relação a você. Vou enriquecê-la, Alice. Em primeiro lugar, você pode contar com o registro no caixão real para uma pensão de doze mil coroas. Então, eu tenho sete ou oito hotéis em Paris, você escolherá o que quiser, e eu o darei a você totalmente mobiliado, com seus

cavalos e seus soldados; então, no dia em que você se casar, no meu próprio cassete, você receberá cem mil libras em dinheiro. Porque pretendo me casar com você, acrescentou a rainha, olhando fixamente para sua dama de honra.

Alice, por um prodigioso esforço de vontade, conseguiu mostrar nem aprovação nem desaprovação, e ficar muito indiferente na aparência a este projeto.

684

"Então", retomou Catherine, completamente tranqüilizada, "encontro para você um belo cavalheiro que vai amá-la, a quem você vai amar. Você mora em Paris ou nas províncias como quiser; você vem ou não vem ao Tribunal; enfim, você é completamente livre, e você, minha filha, você não é apenas livre, mas feliz, rica, invejada... e olhe, minha filha, aqui estão as jóias que você usará no dia do seu casamento!

Dizendo essas palavras, Catherine ergueu o segundo compartimento da caixa de joias.

A terceira fila apareceu.

Ela era deslumbrante.

Ali, preso por colchetes de ouro claro, enrolou um colar de diamantes verdadeiramente digno de um soberano para um dia de coroação. Nos quatro cantos do compartimento, cabem quatro pulseiras enormes, cada uma revelando uma pérola do tamanho de uma noz!

Os intervalos entre as pulseiras e o colar eram ocupados por anéis e brincos incrustados de safiras; finalmente, no centro do espaço ocupado pela gola, foi colocado um fecho 685

composto por duas esmeraldas monstruosas semelhantes a dois olhos glaucos que teriam procurado fascinar a jovem.

Alice sentiu apenas uma espécie de horror por essas jóias que uma vez exerceram sobre ela uma tentação irresistível.

Ela olhou para esta exibição de jóias suntuosas; as esmeraldas, os olhos malditos que a fitavam com ironia fatal a faziam estremecer... Mas ela compreendia a enorme falta que cometera ao permanecer indiferente. Ela fez um esforço para recuperar sua antiga admiração e exclamou:

- Oh ! Senhora, não é possível que pretenda uma recompensa tão magnífica para mim...

E, consigo mesma, a infeliz pensou:

"A última vergonha! A última infâmia! E depois serei livre!... livre!... oh meu amante!... oh tu que me regeneraste através da dor, do amor, do desespero!..."

E a rainha, por sua vez, pensou:

"Hum! qual é o problema com ela?... O terceiro 686

compartimento em si não a comove?... Veremos em breve o que ela dirá diante do quarto e último!..."

Depois retomou em voz baixa, como se, em seu cinismo, tivesse sentido algum constrangimento mesmo assim.

"Então está combinado, não está?"

Agora aqui está a missão... Preste atenção, meu filho, isso é excepcionalmente grave... Eu te perdoei por não ter conseguido com François de Montmorency... Eu não, eu não te perdoaria por falhar com este... porque é sobre um homem... Ouça-me, este homem deve ter fé cega em você... . que não apenas o coração dele, mas a mente dele seja sua... você deve conhecer seus pensamentos íntimos. ..

você tem que ser capaz de me trazer isso em algum momento... onde eu vou te dizer... Você me entendeu?

"Sim senhora," disse Alice com certa firmeza.

– O homem, retomou a rainha com voz sibilante, como no silêncio da mata o apito do 687

víboras, o homem está em Paris; ele é meu inimigo mortal, mais do que meu inimigo... ele é uma terrível ameaça viva para mim... Eu vou te dizer como você pode encontrá-lo, conhecê-lo... porque eu não sei onde ele está escondido. ..mas você, facilmente, com minhas indicações, você descobrirá... Então, seja engenhoso... encontre, invente, seja prudente como seria um Bórgia, seja bela como era Diana, seja modesta ou imodesta, seja o que você vai, seja um gênio!... mas este homem, eu preciso dele!

- O nome dela ! Alice perguntou.

"O Conde de Marillac!" respondeu Catarina de Médici.

O nome soou como um trovão nos ouvidos de Alice de Lux.

O minuto seguinte ao momento em que foi pronunciado foi para ela um daqueles inesquecíveis minutos em que a alma está tonta, quando tudo parece desmoronar na consciência, quando o espírito mais forte foge ao acaso da loucura como um pássaro ferido rodopiando na respiração do furacão no ar delirante...

688

Lívida, sacudida por um tremor convulsivo, agarrada ao espaldar de uma poltrona, ela lutava com uma energia assustadora, com um gasto supremo de todas as suas forças para manter uma máscara impassível, não gritar, não desmaiar, para não despertar. suspeita.

Mas Catherine, naquele momento, a havia estudado profundamente... adivinhou talvez...

Pois ela se levantou e foi até o espião.

Alice a viu chegar como o pássaro fascinado pode ver chegar o réptil que vai devorá-lo...

A rainha a pegou pela mão. Ela apertou aquela mão furiosamente e com a voz rouca de querer manter a calma:

- Você conhece este homem? ela diz.

Por um momento ela teve a ideia de cair aos pés da rainha. Ela se conteve e respondeu:

- Não !...

Teria sido impossível para ele pronunciar outra palavra.

"E eu digo que você o conhece!" disse a rainha 689

em um rosnado terrível.

Feroz, obstinada, perturbada, tentando em vão reunir uma ideia, ela não encontrou nada para responder a não ser sua palavra, que lançou em um espasmo:

- Não !...

Catherine permaneceu por um minuto debruçada sobre o espião, com os olhos nos olhos, examinando-a nas profundezas de sua consciência.

O momento foi trágico.

Essas duas cabeças, uma admiravelmente bela, mas decomposta pela angústia, a outra violenta, sinistra, de olhos deslumbrantes, essas duas cabeças quase se tocando, davam a exata impressão do drama criado pelo choque dessas duas consciências.

Sob o olhar de Catherine, Alice, vacilante, inclinou-se para trás, como se fugisse de uma visão terrível.

A luta foi terrível e curta.

Alice tombou, caiu, ofegante, sem que o fascinador a tivesse tocado.

690

Catarina ajoelhou-se.

E sua voz rouca, rouca, não surge como uma pergunta, mas como uma afirmação definitiva:

- Você adora!...

A espiã reuniu toda a sua energia e teve forças para sussurrar:

- Eu não o conheço !...

Então ela desmaia.

Catherine pegou de seu capelão um frasco de cristal que ela cuidadosamente abriu. Ela fez a jovem respirar. O efeito foi imediato.

Um choque violento galvanizou Alice. Ela abriu os olhos. Seu rosto estava coberto de suor abundante.

- De pé! rosnou a rainha.

Alice de Lux obedece. Ao se levantar, Catherine retomou seu lugar na cadeira.

Ao mesmo tempo, seu rosto, prodigiosamente apto a assumir todas as expressões, tornou-se pacífico e sereno novamente. Seus olhos 691

suavizado, não aos poucos, mas em um instante.

Um sorriso vagou em seus lábios. E sua voz tornou-se acariciante:

“Então, o que está acontecendo com você, meu filho?

Você está tão cansado? Ou você teria perdido nesta última viagem aquelas belas qualidades de energia e força moral que eu admirava em você? Vamos, fale comigo sem medo... conte-me todos os seus pensamentos... você sabe bem, no fundo, que eu te amo o suficiente para aturar um pouco seus caprichos...

Ela deu de ombros carinhosamente. Ela era admiravelmente bem-humorada.

Alice de Lux ficou por um momento suspensa entre dois abismos: o terror de um possível engano, a esperança de que a rainha, por afeto, por capricho, talvez por política, a poupasse.

*

Investigando juízes e policiais, quando querem arrebatar seu prisioneiro 692

a confissão que o mandará para a prisão ou para o cadafalso, dedicam-se a uma tarefa espantosa que é uma vergonha para o espírito humano. Quaisquer que sejam os direitos que uma sociedade tem para se defender, existem aqueles meios sinistros que, quando você pensa sobre isso, fazem você envergonhar por pertencer à mesma espécie animal que o juiz de instrução ou o policial.

Culpado ou inocente, o réu é submetido a uma tortura moral exatamente comparável às torturas físicas da Inquisição; e esta é uma verdade infelizmente indiscutível, pois vimos pessoas inocentes confessarem tudo o que queríamos, para escapar desta tortura.

Esse trabalho hediondo do juiz de instrução ou do policial consiste em fazer o acusado passar, no menor espaço de tempo possível, por estados de espírito tão antitéticos e tão violentamente opostos quanto possível. Tal seria, por exemplo, o burguês abastado, de fortuna média, a quem saberíamos no mesmo instante que acabava de herdar dez milhões, depois da alegria poderosa, que não só não herdou, mas 693

que ele está arruinado; são poucas as mentes que resistem a esse golpe duplo. Da mesma forma, o juiz de instrução faz a alma de seu réu passar por correntes contrárias: empurra-o para a vertigem do terror, mostra-lhe o cadafalso, pinta-lhe a última noite do condenado, o despertar, a marcha com uma faca, e de repente lhe oferece a liberdade, mostra-lhe as portas da cela que se abrem, o ar puro lá fora, a reentrada na família. Essas oscilações violentas impressas em um pensamento levam rapidamente à loucura ou a um desarranjo que se assemelha a ele.

Esta obra tem um nome de gíria tão hediondo e ignóbil em sua baixa expressão quanto a própria obra.

Isso é chamado de "cozinhar" um réu.

Ora, o bom jovem que, depois de ter cochilado nos livros de direito, depois de cinco ou seis anos de fabricação de cerveja, finalmente depois do que constitui seus estudos, passa nos exames, e a quem, portanto, a abominável organização social confere o direito temível do inquisidor, esse bom rapaz, dizemos, quando se admira por cozinhar seu 694

avisado, deve colocar na cabeça que ele não inventou nada – nem isso!... Esses costumes terríveis nos vêm desde os séculos em que a batalha do homem contra o homem estava em seu período agudo. Maldito seja as sociedades que perpetuam tais tradições! Vergonha das repúblicas que não se atrevem ou não querem entrar neste covil que se chama tribunal e agarrar pelos chifres esses touros descarados que se chamam juízes!... Juízes, advogados, advogados, oficiais de justiça... um todo formidável máquina para esmagar o mundo pobre!

*

Foi a este trabalho que Catarina de Médici se dedicou. Ela começou a cozinhar o espião. E a situação de Alice de Lux era de fato a da prisioneira que mencionamos. Ela era de fato prisioneira de Catherine.

“Vamos”, retomou a rainha com seu bom sorriso, “admita-me que está cansada. meu 695

Deus, eu entendo isso! Estava a pedir-te um último favor, só isso. Se isso estiver além de suas forças, não acredite ao menos que estou aproveitando para retirar minhas promessas. Não, não, Alice, tenho você em especial estima e afeição entre todas as minhas damas de

honra. Se você quer descansar agora, saiba que vou manter tudo o que prometi, o dote, o casamento, as coroas, as joias, tudo, minha filha!

Alice estudou com atenção apaixonada as palavras, o gesto, a voz, todo o semblante da rainha.

Uma coisa lhe parecia, se não certa, pelo menos muito provável: era essa afeição de Catherine. E então, a rainha era realmente natural; era impossível para o espião detectar um indício de afetação ou ironia.

- Oh ! Senhora, ela gritou, apertando as mãos, se Vossa Majestade se dignasse a autorizar-me!...

- Permitir você? Para quê? Vamos, tente ser claro e preciso. Você sabe que não tenho tempo a perder.

696

Esse movimento de impaciência resmungona era, na mente de Alice, a prova da sinceridade de Catherine.

"Bem, sim," ela disse com uma voz trêmula, "estou cansada... além do que Vossa Majestade poderia imaginar. Agora mesmo, levado pelo desejo de agradá-lo, e também pela certeza de que esse esforço seria o último, prometi-lhe fazer o meu melhor para... seduzir a pessoa... que Vossa Majestade me designaria. .. mas quando me vi diante do fato de realizar...

quando entendi a iminência disso... senti todo o meu cansaço...

"Então não foi o nome do homem que fez você desmaiar?" perguntou a rainha.

Alice endureceu.

– O nome deste homem?... mas já o esqueci, Majestade!... aquele ou aquele...

o que isso importa!

Ela pronunciou essas palavras com uma veemência que teria sido suficiente para provar que ela estava mentindo, se provas fossem necessárias.

697

"Não," ela continuou, "não é o homem que me horroriza (ela pensou que tinha encontrado um meio decisivo de rastrear a rainha), por que ele deveria me horrorizar? Eu não o conheço ! E mesmo quando ele me horrorizava, Vossa Majestade sabe que eu ignoraria... Não, senhora, é cansaço, cansaço só... Oh! Preciso descansar... solidão... nada peço a Vossa Majestade... Além disso, ela já me regou com seus benefícios... Sou rico, tenho terras, tenho dois benefícios, tenho mais jóias do que Eu quero...

tudo isso, madame, daria para ser um pouco eu mesma, para poder ir e vir, rir e chorar à vontade... principalmente chorar!...

Enquanto falava assim, a infeliz começou a chorar.

Catherine acenou com a cabeça suavemente.

– Pobre menininha, murmurou como para si mesma, como parece estar com dor! A culpa também é minha... Eu deveria ter percebido que essa criança ansiava por uma vida de calma...

A espiã caiu de joelhos e soluçou: 698

- Sim, Majestade! é isso... uma vida de calma! Vossa Majestade é uma grande rainha!...

- Quão ! Ouviste-me?

"Vossa Majestade me perdoe!" disse Alice, tentando sorrir miseravelmente, ela sabe muito bem que eu tenho um bom ouvido e que ouço tudo o que quero... Ó minha rainha, tenha piedade de mim! Eu o servi fielmente, coloquei meu corpo e minha alma a seu serviço... Fui leal e, posso dizer, fui corajoso... Os interesses de Vossa Majestade eram sagrados... agora eu' m no meu juízo final...

“Levante-se, então”, interrompeu a rainha, “me dói ver você aos meus pés como um suplicante, como um... criminoso...

Alice tinha a imperceptível suspeita de que Catherine estava atrás dela. Mas essa suspeita desapareceu imediatamente quando ela ouviu a rainha continuar:

"Então é a sua licença que você quer, minha querida Alice?"

“Se Vossa Majestade me concedesse”, disse 699

Alice ao levantar, eu ficaria grato a ela pelo resto da minha vida... quer dizer: grato. Não é uma palavra... quero dizer que se a rainha tivesse pena de mim, eu morreria de bom grado por ela na primeira oportunidade de perigo...

"Então", continuou Catherine, continuando a sorrir, "você nem quer fazer esse pequeno esforço, o último, minha querida, o último...

- Oh ! exclamou Alice, Vossa Majestade não me entendeu!

“A última, Alice, a última!...

“Tenha piedade de mim, minha rainha!

- Bah! Eu lhe digo que você ainda pode fazer esse pequeno esforço, o último! Ouça, você não sabe? Eu lhe darei uma jóia de valor inestimável...

Eu tenho lá, nesta caixa.

– Vossa Majestade me mostrou essas joias das quais uma princesa teria ciúmes... não as invejei...

– Sim, mas a joia do último compartimento, Alice! Você não pode imaginar sua beleza. Os 700

pingentes de pérolas, o pente de rubi, o colar de diamantes, o fecho de esmeralda, tudo isso não é nada...

"Senhora, eu te imploro...

– Aqui, deixe-me mostrar para você, e então você decide!

Com essas palavras, Catherine rapidamente levantou o terceiro compartimento da caixa de joias. O fundo apareceu. Estava coberto de veludo preto, como as outras fileiras.

“Olhe”, disse Catarina de Médici, levantando-se.

Alice olhou com indiferença para a nova joia que a rainha estava lhe mostrando.

Imediatamente, ela ficou lívida; ela deu dois passos rápidos, com as mãos estendidas, como para afastar um espectro, e um grito rouco escapou de sua garganta:

“A carta!... Minha carta!...

Catarina de Médici, ao movimento do espião, apanhou o papel e enfiou-o no peito.

701

- Sua carta ! ela rosnou. Você a reconhece?

É mesmo ela. Você sabe o que fazemos com as mães que mataram seus filhos e admitem isso cinicamente, como você admite em sua carta?

- Está errado ! gritou o espião. Está errado !

A criança não está morta!

"Mas a confissão existe mesmo assim", zombou Catherine. A mãe criminosa, Alice, é levada perante o tribunal de reitores...

- Graça!...

- ... que a condena à morte...

- Graça! Pena!... A criança vive!...

– Então a mãe culpada é entregue ao carrasco que a arrasta para a forca...

- Graça! repetiu Alice, caindo de joelhos e colocando as duas mãos no pescoço.

- Escolher ! disse a rainha com uma voz gélida.

Obedeça ou eu te entrego.

- Horrível ! É horrível ! Não posso ! Juro-te que não posso!...

Catherine bateu violentamente em um selo.

702

Paola, aquela atendente italiana que mencionamos, apareceu.

"M. de Nancey!" disse a rainha.

“Ele está aqui, Majestade!

- Traga-o!

- Pena ! Pena ! gemeu Alice prostrada.

O capitão da guarda de Catarina apareceu neste momento na entrada do oratório.

“Monsieur de Nancey”, começou a rainha.

No mesmo instante Alice estava de pé e, ofegante, num gemido de agonia, sussurrou:

- Eu obedeço!...

“Monsieur de Nancey,” Catherine terminou com um sorriso, “você vê Mademoiselle de Lux?

- Sim Madame.

“Bem, é possível que um dia desses ela precise de você e seus homens.

Lembre-se de que você terá que obedecê-la, segui-la por onde ela o levar, dar a mão a ela e prender a pessoa que ela designar para você. Vamos, 703

e não se esqueça.

O capitão curvou-se sem surpresa, como um homem que viu e ouviu muitos outros.

Assim que ele se foi, Catherine virou-se para o espião; sua voz tornou-se áspera novamente.

- Você decidiu? bem decidido?

"Sim, senhora", gaguejou a infeliz mulher.

"Você vai se colocar em contato com o conde de Marillac?"

- Sim Madame.

- Bom ; Agora ouça... Se você me traiu...

Alice estremeceu ao ser adivinhada.

"Se você me traísse", continuou a rainha, "eu não enviaria sua carta ao reitor... eu ainda teria pena de você o suficiente para deixá-lo viver."

Alice lançou ao terrível algoz um olhar de questionamento frenético.

"Eu vou dar para outra pessoa!" disse Catarina. E eu vou adicionar sua história de vida, 704

com provas de apoio.

- Outro ! gaguejou o infeliz.

“E este outro se chama Conde de Marillac”, finalizou Catarina de Médici.

Um longo grito de terror e horror ressoou no oratório, e Alice de Lux caiu para trás, aos pés da rainha, inconsciente...

705

XXIX

Um encontro

Como explicamos no início de um capítulo anterior, as cenas que acabamos de relatar ocorreram na manhã do dia em que o cavaleiro de Pardaillan deixou a Bastilha com a... cumplicidade involuntária do governador, M. de Guitalens.

Vimos como resultado de que raciocínio o jovem cavaleiro tomou a resolução de se preocupar doravante apenas consigo mesmo, e como, tendo em seu poder a carta de Jeanne de Piennes a François de Montmorency, decidiu não que ela chegasse. em seu endereço.

Certo não só de não ser amado por Loïse, mas também de ser odiado por ela, convencido de que mesmo que não fosse odiado, um 706

O casamento entre Loïse e ele estava se tornando um sonho impossível, porque sua jovem e bonita vizinha era filha de um senhor alto e poderoso, Pardaillan disse a si mesmo:

"Afinal, eu seria muito estúpido para cuidar de negócios que não me dizem respeito... Por que eu levaria esta carta?" O que eu e os Montmorency temos em comum? »

Apesar de suas boas resoluções, o chevalier enfiou a missiva em seu gibão e saiu de La *Devinière* — para se deslumbrar ao ar livre, disse a si mesmo.

Na realidade, por muitas voltas e voltas e depois de muitas paragens em vários cabarés mais ou menos desonestos, dirigiu-se ao Hotel de Montmorency e, afirmando-se a si mesmo que não entraria, bateu no martelo da grande porta.

Esse pobre Chevalier de Pardaillan parecia impelido por algum gênio do mal a sempre fazer o contrário do que havia resolvido.

Tendo atingido com uma espécie de raiva – raiva 707

contra quem ? contra si mesmo, sem dúvida! –, o cavaleiro esperou alguns minutos, resmungando.

E como não estávamos chegando rápido o suficiente, ele começou a fazer barulho para assustar a vizinhança.

Não foi a porta principal que se abriu, mas a porta desgraçada.

Saiu um suíço gigantesco armado com um porrete.

- O que você quer ? resmungou este colosso, agitando sua bengala com o ar menos pacífico do mundo.

Caiu bem. O Chevalier de Pardaillan, furioso com os Montmorencys da França, furioso consigo mesmo, estava de excelente humor. O tom arrogante, o casaco reluzente de bordados e, sobretudo, o porrete do suíço transformaram seu mau humor em exasperação.

Instantaneamente, seu semblante assumiu aquela impassibilidade avinagrado e a frieza de uma lâmina afiada que lhe era peculiar. Apenas o sorriso trêmulo sob o bigode eriçado 708

teria indicado, para quem o conhecesse bem, aquele estado especial do homem que sente a necessidade de quebrar qualquer coisa, mesmo uma espinha dorsal, e que de repente encontra algo ao alcance de sua mão para se satisfazer.

- O que você quer ? repetiu o gigante asperamente.

O chevalier examinou o suíço dos pés largos ao boné de penas; mas para ver esse boné ele teve que levantar a cabeça.

Foi nessa posição de pigmeu contemplando um colosso que ele respondeu com sua voz mais doce, estridente, fria e educada:

“Meu filho, eu gostaria de falar com seu mestre...

Nada poderia retratar o espanto, perplexidade e ar de majestade ofendida do digno suíço ao ouvir-se chamado de "meu filho" por esse tipo de menino com o olhar gélido, com o florete em batalha nas panturrilhas, o punho no quadril em uma atitude fria de bullying.

- Você diz ? ele gaguejou.

709

“Eu digo: meu filho, gostaria de falar com seu mestre, o marechal.

O suíço olhou ao redor como se quisesse ter certeza de que era realmente a ele que este discurso era dirigido.

"Você está falando comigo?" ele perguntou.

“Sim, meu filho, para você mesmo.

Então o porteiro caiu numa gargalhada tão grande que os vitrais do hotel estremeceram em suas molduras de chumbo dourado.

Mas, mal começou esta sinfonia trovejante, pareceu-lhe que um eco respondeu à sua risada com uma risada estridente e amarga, uma risada que perfuraria os ouvidos mais robustos.

Ele parou de repente. E tendo inclinado a cabeça para o menino, ou pelo menos para aquele que em sua mente ele chamava assim, viu que era o cavaleiro que ria, mas que ria apenas com os lábios e a garganta, enquanto seu olhar permanecia gelado. .

O suíço baixou os braços, que cruzou sobre a barriga para rir melhor. De repente 710

com o punho, ele jogou o boné para o lado e coçou a cabeça.

Por que coçamos a cabeça quando estamos envergonhados?

De repente, graças a esse arranhão energético, o gigante teve uma inspiração. Ficou roxo, seja pela própria inspiração, seja pelo esforço intelectual que acabara de fazer. Ele então se abaixou, dobrando os joelhos e colocando as mãos sobre os joelhos, de modo que seu rosto ficasse na altura do rosto de Pardaillan. E rosnou furiosamente:

- Oh aquilo ! mas diga! Você está zombando de mim!

Pardaillan acabara de executar o movimento oposto; ou seja, tendo se levantado na ponta dos pés ao mesmo tempo que o suíço se agachou, ele se viu dominando o gigante. E ele respondeu simplesmente:

"Sim, meu filho!...

O suíço ficou atordoado, atordoado com a resposta, envergonhado por seu porrete, e colocado como 711

O burro de Buridan equidistante de dois sentimentos: rir ou ficar com raiva.

O riso tinha falhado com ele. Resolveu ficar com raiva. Ele se endireitou em toda a sua altura, enquanto Pardaillan recuperou sua altura natural caindo sobre os calcanhares. E, franzindo a testa, estufando as bochechas e cruzando os braços sobre o grande tórax, vociferou:

- E você tem a audácia de dizer isso na minha cara!

"Tanto quanto podemos falar na sua cara, minha criança!"

"E é por isso que você está tentando demolir a grande porta batendo!...

– Não, não para isso: ser apresentado ao seu mestre, meu filho...

"Seu filho!" a filha dela! rugiu o colosso, exasperado por essa denominação obstinada. Mas aqui, meu homenzinho, vamos sair do caminho imediatamente, ou cuidado com o porrete!

"Cuidado, garotão", disse o cavaleiro com sua polidez mais refinada, "você vai se machucar.

errado com este brinquedo... Acredite em mim, guarde-o para sua esposa, quando você tiver idade suficiente para se casar.

Graças a este bastão, você obterá paz em sua pequena casa. Você não evitará, é verdade, os chifres a que aspira sua testa razoável, mas pelo menos encontrará sua sopa quente e seu vinho fresco. Assim, meu filho, guarda o teu cacete precioso para a tua casta metade, quando chegar a hora de ocupares o teu lugar entre a imensa multidão de cornos; mas, por favor, não se agite assim por enquanto, pense que você pode estourar a barriga...

Durante esse discurso metodicamente proferido, o suíço espumava, debandava, revirava os olhos e soltava suspiros de fúria.

- Ele insulta minha esposa! ele gritou no final.

Deus da morte! Cabeça grisalha! Tripas e chifres! Você vai saborear!

"De sua esposa", perguntou o cavaleiro com ingenuidade feroz.

- Do meu porrete! trovejou o gigante.

E ele correu, o porrete alto, com um 713

 rugido de vingança.

Pardaillan, flexível e leve como uma barra de aço, saltou para o lado.

Levados pelo ímpeto, os suíços administraram no vazio um formidável golpe de bastão. Mas ele mal executou esse movimento e sentiu o porrete sendo arrancado de suas mãos com uma força irresistível; ao mesmo tempo, Pardaillan o colocou sobre as pernas; o gigante tropeçou, tremeu em seus pés, bateu os braços e finalmente se esparramou do outro lado da rua...

- Meu nariz está sangrando! ele gritou.

Ao mesmo tempo, ele ouviu um latido alto e sentiu duas presas afundarem na parte inferior das costas...

"Seu nariz está realmente sangrando?" disse Pardaillan.

"Assassinato!" gritou o suíço sobre o qual Pipeau acabara de se apressar em plena consciência.

“Aqui, Piper! ordenou o cavaleiro severamente. Jogue isso fora ! É uma peça ruim!

714

O cachorro obedece. E Pardaillan, com o porrete na mão esquerda, ofereceu a direita ao gigante consternado para ajudá-lo a se levantar.

O suíço hesitou por um segundo, mas sem dúvida refletiu que não era forte o suficiente para lutar contra tal adversário. Pois, enquanto gemia, ele aceitou a ajuda de Pardaillan, e aleijado, confuso, sangrando por cima, sangrando por baixo, ele se levantou.

“Percebi imediatamente que esse caso terminaria mal para um de nós”, disse Pardaillan friamente.

– Malpraguе e febre quartã! resmungou o suíço que, para andar, tinha que se apoiar no ombro do adversário.

E, apesar de seus gemidos, notou com respeitosa admiração que, sob seu enorme peso, o dito ombro permanecia firme como uma rocha.

“Meus cumprimentos, senhor! ele não pôde deixar de dizer enquanto se sentava em seu camarote para onde Pardaillan acabara de levá-lo.

715

- Oh aquilo ! perguntou o cavaleiro, surpreso com tal exclamação, "você é um homem de inteligência, por acaso?"

O infeliz suíço não teve tempo de considerar o quão irritante poderia ser essa felicitação. Ao sentar-se, acabara de sentir uma dor dupla, aguda e latejante.

– Aqui estou condenado a não me sentar por pelo menos oito dias! ele disse, endireitando-se de repente.

"Não é nada", disse Pardaillan consoladoramente.

- Gostaria de te ver lá, parbleu!

"Quero dizer que você vai superar isso rapidamente se você seguir o meu remédio."

- Vamos ver o remédio, ai!... Que seja bom!

“É muito justo que eu dê a você, depois de ter lhe dado o trabalho.

- Ei! não é você... é seu cachorro...

um lindo cachorro, diga-se de passagem.

716

– É a mesma coisa... Aqui está o truque: você ferve vinho, óleo, mel juntos, polvilhando tudo com uma pitada de gengibre. E você se esfrega duas vezes por dia com este bálsamo; você vai me contar maravilhas sobre isso.E agora que estou aqui, meu caro senhor, você teria a cortesia de informar ao marechal que o cavaleiro de Pardaillan deseja mantê-lo em negócios sérios?

"Monsieur le marshal não está em seu hotel", disse o porteiro.

- Diabo ! E quando estará lá? Fale sem medo, meu bravo agora que você parece pronto para responder. Diga-me, quando estará lá?

- Isso é o que eu não sei. Talvez amanhã, talvez em uma semana.

- Diabo ! Diabo ! Então ele não está em Paris?

"Não senhor. Ai!...

- Diabo ! Diabo ! Diabo ! perguntou Pardaillan, que, embora parecendo desesperado, no entanto sentiu uma espécie de amarga alegria dentro de si. voltarei assim...mas espero 717

nossa próxima entrevista será marcada pela cortesia que adorna suas falas neste momento.

"Não tenha medo, senhor", respondeu o gigante lisonjeado. Então você estava dizendo... vinho...

– Óleo, mel e gengibre. Tudo deve ferver por umas boas duas horas. Adeus meu caro. Diga ao marechal, assim que chegar, que voltarei, que é um assunto de grande importância para ele, só para ele e não para mim.

Com essas palavras, Pardaillan chamou Pipeau e, tendo saudado o porteiro com um gesto afável, retirou-se.

“Por Pilatos! pensou, enquanto subia o Sena, fiz o que pude!... Deixe-os cuidar agora!... Onde diabos eles estão?... O marechal não está em Paris... bom! Quando ele estiver lá, a carta será entregue a ele; Eu posso ir tão longe... Mas de resto, eu lavo minhas mãos! Que o Marechal os salve, pois pertencem à sua família! Mas eu... ah!

Eu não tenho família. »

718

A noite estava chegando. Em frente a Pardaillan, do outro lado da água, erguiam-se na neblina as construções inacabadas do palácio que mestre Delorme estava erigindo para Catarina de Médici no local do recinto das Tulherias; mais adiante estavam as torres ameaçadoras do velho Louvre, mais adiante estava o campanário de Saint-Germain-l'Auxerrois, então aquela confusão de telhados pontiagudos ali, em direção à costa, era o Hôtel de Ville.

O cavaleiro parou debaixo de uma moita de choupos altos que o mês de abril já cobria de folhagem fina, de um verde delicado. Sentou-se em uma grande pedra na margem e, com a cabeça entre as duas mãos, observou o correr das águas claras cor de absinto, ocupação cara a quem não sabe o que fazer com a hora que bate, e, nesta multidão, particularmente, à tribo dos amantes.

Um amante está sempre inclinado a filosofar. Só que, para alguns – os felizes – esta filosofia é risonha e mostra-lhes o mundo sob as cores do prisma mais cintilante; para outros – o infeliz 719

– é amargo e só deixa ver tristeza e escuridão neste pobre planeta. Assim, a cada segundo que passa, o mundo é abençoado e amaldiçoado por duas categorias de seres que extraem maldições e bênçãos da mesma fonte.

Paciência, leitor!... Então Pardaillan começou a filosofar vendo o Sena fluir e, claro, filosofou mais amargamente do mundo. Ele acusou o céu e a terra de conspirar para seu infortúnio.

Agora, o jovem cavaleiro estava infeliz? Apesar de sua resolução de não pensar mais em Loise?

Somos forçados a concordar: no exato momento em que se sentou na pedra da praia, Pardaillan fez uma declaração muito séria para si mesmo:

“Tudo o que acabei de dizer é hipocrisia e mentira. Não posso esconder de mim mesmo que amo Loïse mais do que minha vida, que a amo sem esperança e...

Nesse momento, Pipeau, que estava estendido na areia quente, bocejou por um longo tempo, o que não significava que a filosofia de seu mestre o entediasse, mas simplesmente que ele estava com fome.

Pardaillan deu-lhe um olhar de soslaio. Pipeau entendeu que acabara de cometer uma impropriedade e cruzou as pernas como se dissesse que decidira ser paciente.

"Eu a amo sem esperança", continuou o cavaleiro, "e estou descontente com o mal que se abate sobre ela." Sei perfeitamente que se conseguir libertá-la, outro será recompensado com seu amor... porque pode um Montmorency amar um pobre coitado como eu? E ainda assim a ideia de não ajudá-la é insuportável para mim. Então eu tenho que ir procurá-lo. Eu devo encontrá-la! E que eu a liberte, ou vou morrer lá! E então eu vou dizer a ele... ou melhor, não, eu não vou dizer nada a ele...

basta encontrá-lo, e então veremos..."

Pelas flutuações desse discurso, perceber-se-á que o pobre cavaleiro estava muito hesitante.

A despeito de si mesmo, sua mente sempre levou a esse

dilema pouco animador: ou dava à luz Loïse, e a jovem estava então muito perdida para ele, pois nem sequer ousava conceber a possibilidade de uma união com a herdeira de uma família rica e poderosa. Ou ele não a entregaria, e ela estava ainda mais perdida.

No entanto, o resultado dessa meditação nas margens do Sena, sob os choupos altos agitados pela brisa da tarde, foi que o cavaleiro resolveu deixar de lado toda a esperança de recompensa amorosa e dedicar-se a Loïse, fosse o que fosse. acontecer.

Alguns anos depois, Cervantes publicaria seu imortal *Dom Quixote* . Não sabemos se o romancista espanhol conheceu nosso herói durante alguma visita que fez a Paris.

É possível. Pardaillan, como Dom Quixote, passou a vida se dedicando a princesas oprimidas, correndo atrás de opressores. Portanto, não seria surpreendente se o Chevalier de Pardaillan servisse de protótipo para Cervantes. Mas por que ele o fez de tolo?

Pardaillan, depois de ter tomado esta grande resolução de se dedicar à felicidade de Loïse –

o que o torna um tipo especial na categoria dos amantes, pessoas muito egoístas - viu-se aliviado de um grande peso, e anunciou ao seu cão que era hora de ir jantar.

Levantou-se imediatamente e tomou o caminho de La *Devinière* .

Ele caminhava com aquele passo calmo e flexível que é a marca da robustez, e acabava de entrar na Rue Saint-Denis quando ouviu pessoas correndo atrás dele.

Embora estivesse escuro e a rua deserta, Pardaillan desdenhou de se virar.

No mesmo momento, o estranho correndo estava em cima dele.

Houve um choque violento.

Empurrado inesperadamente, o cavaleiro cambaleou; recuperou-se imediatamente e, desembainhando furiosamente a espada, ia provocar com grande pressa o iletrado, quando foi cravado no local por estas palavras que

resmungou o estranho:

"Por Barrabás!" Alinhamos, pelo menos!...

Quando o cavaleiro voltou a si, o estranho, ainda correndo, havia desaparecido.

- Essa voz! murmurou Pardaillan, aquele juramento...

Oh ! mas, parece que é ele! meu pai !...

E começou a correr também. Mas era tarde demais. Não via mais ninguém na rue Saint-Denis.

Quando entrou em La *Devinière* , sua primeira pergunta a Dame Huguette foi saber se por acaso alguém não tinha vindo chamá-lo dez minutos antes.

Diante da resposta negativa da anfitriã, ele se convenceu de que havia cometido um erro e, portanto, se arrependeu de ter deixado fugir a pessoa que o empurrou.

Tendo jantado fartamente – outra peculiaridade que lhe confere um lugar especial na tribo dos amantes, pessoas de pouco apetite – o cavaleiro afivelou o cinto, completou seu armamento por meio de um punhal curto de lâmina sólida e,

pelas ruas silenciosas, escuras e desertas, dirigiu-se ao hotel do almirante Coligny.

Como Deodat havia recomendado, ele bateu de leve três vezes na portinha do bastardo.

Quase imediatamente, ele viu o olho mágico aberto.

Claro, alguém tinha que estar constantemente observando por trás dessa porta.

Pardaillan colocou o rosto no olho mágico e pronunciou as duas palavras combinadas em voz baixa:

– Jarnac e Moncontour...

Imediatamente a porta se abriu e um homem apareceu, coberto com um peitoral de couro, uma pistola na mão.

- A quem você pergunta? ele perguntou com uma voz bastante áspera.

“Gostaria de ver meu amigo Deodat”, disse Pardaillan, já se perguntando se não se sairia melhor no Hotel Coligny do que no Hotel Montmorency.

"Desculpe-me, senhor", retomou o homem, suavizando-se imediatamente. "Pode me dizer seu nome?"

725

“Eu sou o Chevalier de Pardaillan.

O homem abafou um grito de alegria, escancarou a porta e puxou o jovem para o interior de um pátio.

"Monsieur de Pardaillan", exclamou.

Ah! de nada ! Eu queria tanto te conhecer!...

- Perdoe-me, disse o cavaleiro surpreso, mas...

“Você não me conhece, não é?

Bem, vamos nos conhecer... Sou M. de Téligny.

726

XXX

Os huguenotes

Téligny, genro do almirante Coligny, era um homem de vinte e oito ou trinta anos. Ele era forte, e dizia-se que era muito forte em armas, pois era excelente em conselhos. Ele tinha um semblante aberto, olhos muito gentis; tinha maneiras requintadas, polidez refinada,

porte elegante e uma mente muito culta, e era perfeitamente compreensível que a filha do almirante o tivesse preferido a muitas festas mais ricas, e em particular, diziam, ao próprio duque de Guise.

Tendo introduzido o cavaleiro no pátio, o cavalheiro apressou-se a fechar a porta com firmeza, chamou um criado e entregou-lhe a pistola, dizendo:

– Estamos esperando apenas uma pessoa, tu 727

sabe quem: então você não pode estar errado...

Então, pegando Pardaillan pela mão, ele o conduziu pelo pátio, o conduziu por uma bela escadaria de pedra e o conduziu a uma pequena sala.

"Estava a vigiar-me", explicou enquanto caminhava, "porque temos uma reunião esta noite: o Almirante está lá, o Sr. de Condé também, e também Sua Majestade o Rei de Navarra...

Pardaillan não ficou surpreso com a extrema confiança assim demonstrada nele. Mas ele pensou:

"Vou assistir à contraparte da cena *Devinière* ? Depois dos Guises, verei os huguenotes tramando? »

No entanto, Téligny, depois de introduzir o chevalier no armário, tomou-o nos braços com uma alegria tão óbvia e sincera que o jovem se comoveu suavemente.

"Aí está, então, o herói que salvou nossa grande e nobre Jeanne! exclamou Teligny. Ah! Chevalier, quantas vezes nestes últimos dias desejamos ardentemente vê-lo, agradecer-lhe...

728

É lindo o que você fez lá... principalmente porque não sendo da Reforma, você não tinha motivos para se dedicar...

"Fé, confesso a você que mal sabia em homenagem a qual ilustre princesa eu estava desembainhando minha espada... para mim...

"Estamos todos lá, cavaleiro!" exclamou Teligny. Quanto ao Conde de Marillac...

"O Conde de Marillac?"

"Esse é o verdadeiro nome do nosso querido Deodat.

Então eu estava dizendo que, para aquele, você o enfeitiçou; ele jura por você...

"Ele está neste hotel esta noite?"

- Ele está lá. vou encomendar.

Téligny chamou um manobrista e deu-lhe um pedido.

O manobrista foi embora, não sem Pardaillan notar que esse homem, como todos os criados do hotel, estava armado para a guerra, o que dava ao hotel da rue de Béthisy a aparência de 729

de uma fortaleza se preparando para resistir a um cerco.

Alguns momentos se passaram. Então, passos apressados foram ouvidos, uma porta se abriu, o Conde de Marillac apareceu e correu para Pardaillan com as mãos estendidas.

“Você aqui, caro amigo! ele gritou, eu ficaria feliz o suficiente para você precisar de mim? É minha bolsa, é minha espada que você veio buscar? Ambos são seus...

O cavaleiro sentiu seu coração se expandir.

Essa cordialidade real, essa amizade calorosa na qual se sentia envolvido, ele que sempre vivera só, fechado em si mesmo, sem expansão de alegria ou tristeza, essa fraternidade visível derretia o gelo artificial de seu rosto; seus olhos umedeceram; compreendia quão infeliz estava com seu amor, e quão doce era essa amizade para ele.

"Realmente", ele gaguejou, "eu não sei como te agradecer...

- Para me agradecer! exclamou Deodat. Mas é 730

Eu, que estou em dívida com você... estamos todos agradecidos aqui, já que você salvou nossa grande rainha...

e eu sou, eu especialmente, eu que jamais esquecerei a hora tão doce que passei perto de você!...

Téligny, ao ver os dois amigos no tête-à-tête, retirou-se discretamente.

Pardaillan e Marillac sentaram-se.

– Hora de consolação! continuou a contagem.

Cheguei a Paris desesperado, com a alma ulcerada... seus olhos bondosos, seu riso, seu espírito e seu coração me reconciliaram comigo mesmo. Aqui, caro amigo, você me trouxe sorte.

“Mas, na verdade, você parece estar menos triste do que no dia em que veio me ver na minha pousada. Seus olhos se iluminam, seus lábios sorriem... algum evento feliz aconteceu com você?

- Diga uma grande felicidade!...

– E é?... ah! desculpe, essa é minha curiosidade...

"Minha querida", disse o Conde, "eu tenho um 731 para você.

sincero carinho que minha felicidade era um segredo –

e é em parte – vou dizer de novo, não querendo esconder nada de você. Mas resumindo, essa felicidade é só um segredo porque não quero contar para quem está ao meu redor aqui...

não que eu seja suspeito... mas tenho medo de não ser compreendido.

"E você acha que eu vou te entender?" Pardaillan disse com um sorriso.

- Tenho certeza. Finalmente, aqui está: estou apaixonado.

Pardaillan soltou um suspiro.

“Apaixonado por quase um ano”, continuou Deodat. Mas tão apaixonado que dei todo o meu coração e para sempre, espere, apaixonado como você estaria...

– Ah! perguntou o cavaleiro.

– Quer dizer que para mim nada existe a não ser aquele que amo. Ela se tornou meu mundo. Se eu tivesse que desistir dela, eu ficaria louco... e se eu descobrisse que ela me traiu...

- Nós iremos ?...

732

“Bem, eu morreria disso”, disse o Conde com grave simplicidade. Agora, aqui é onde eu acredito que você me trouxe sorte. Vim para Paris com a convicção de que estava separado dela há muito tempo, talvez para sempre. No entanto, de acordo com as ordens que recebi, tive que ir a Saint-Germain onde a rainha Jeanne me deu várias missões e entre outras aquelas de lhe trazer seus agradecimentos... Bem, é vindo até você para ver que, perto de Paris, em uma pequena aldeia, encontrei quem eu amava... É toda uma história que vou contar mais tarde...

só sei que posso vê-la duas vezes por semana, enquanto espero...

- Espera...

– Que eu possa trazê-la de volta para Béarn e casar com ela. Minha noiva está sozinha no mundo... Sou seu irmão até o dia em que serei seu marido.

“Agora entendo sua felicidade”, disse Pardaillan com outro suspiro.

– Este é o egoísmo do amor! exclamou o conde. Eu te derrubo com minhas histórias que você tem a cortesia de ouvir pacientemente, e eu 733

nem pense em perguntar...

“Em uma palavra, aqui está a coisa”, disse Pardaillan; Estou apaixonado, como você.

- Que sorte ! Celebraremos nossas uniões no mesmo dia.

– Espere... eu amo, como você, meu querido, o jeito que você retratou... Eu também sinto que vou enlouquecer se ficar separado dela para sempre... E eu também, acredito Eu morreria de traição. Só você pode ver sua noiva duas vezes por semana, e eu nunca falei com ela. Você tem certeza de ser amado, e eu tenho medo de ser odiado; você sabe onde encontrar o que você ama, e aquele que eu amo se foi. Agora, quero reencontrá-la a todo custo, mesmo que seja apenas para me ouvir dizer que sou odiada. E é por isso que vim pedir sua ajuda.

- Conte comigo ! disse o conde calorosamente. Procuraremos Paris juntos. Mas você não poderia, agora mesmo, especificar as circunstâncias do desaparecimento?

734

Pardaillan contou brevemente a história de seu amor, sua prisão quando Loïse o chamou, sua estadia na Bastilha, sua partida, a carta que ele foi responsável por entregar, enfim, tudo o que nossos leitores já sabem.

Em tudo isso, ele não disse nada além do nome de Montmorency, reservando-se para dizê-lo no momento certo. E esse seria o momento em que a pesquisa começaria.

“Tenho uma vaga suspeita”, acrescentou ele em conclusão, “de onde ela pode estar e do homem que poderia ter interesse em sequestrar Loise e sua mãe. E, se desejar, iniciaremos nossa busca nas proximidades do Templo.

“Muito bem, caro amigo; quando você quer que comecemos?

- Mas amanhã.

“A partir de amanhã, bom; Eu sou todo seu.

Agora, deixe-me apresentá-lo a algumas pessoas que querem vê-lo.

- Quem são essas pessoas?

– O Rei de Navarra, o Príncipe de Condé, 735

Almirante... Venha, venha, sem educação, meu querido, você é conhecido aqui, e sua história de fuga da Bastilha vai lhe render a admiração desses grandes senhores...

Querendo ou não, Pardaillan foi treinado pelo Conde de Marillac.

Atravessou rapidamente dois ou três quartos e chegou ao grand salon d'honneur do Hotel Coligny.

Ali, ao redor de uma mesa, estavam sentadas cinco figuras.

Pardaillan reconheceu imediatamente dois deles:

Téligny, que acabara de ver, e o almirante Coligny, que tivera ocasião de ver de longe duas ou três vezes.

Os outros três eram desconhecidos para ele.

O conde de Marillac, ainda segurando Pardaillan pela mão, aproximou-se da mesa e disse:

– Sire, e você, monsenhor, e você, monsieur l'admiral, e você, meu caro coronel, 736

aqui está o salvador da rainha, Monsieur le Chevalier Jean de Pardaillan.

A essas palavras, esses personagens que não tinham visto um estranho entrar sem ansiedade, embora esse estranho fosse trazido por um dos seus, esses personagens, dizemos, levantaram ao cavaleiro olhos cheios de benevolência, cordialidade e 'admiração'.

“Toque-o, jovem! gritou Coligny primeiro. Você foi forte como Sansão, corajoso como Davi, e salvou a Reforma de um infortúnio irreparável.

O cavaleiro segurou a mão estendida com visível respeito e emoção.

“E eu também quero tocar aquela mão que salvou minha mãe”, disse um jovem de dezessete ou dezoito anos, que não era outro senão o rei de Navarra, com um forte e desagradável sotaque gascão. nome de Henrique IV.

Pardaillan dobrou o joelho, de acordo com os costumes da época, agarrou a mão real com a ponta de seu 737

dedos e curvou-se sobre ela com uma graça altiva que provocou a admiração da figura colocada ao lado do rei.

Ele também era um homem muito jovem, parecendo ter apenas dezenove anos, mas havia algo de cavalheiresco e imponente em seu semblante e postura que faltava aos Bearnais.

Era Henrique I de Bourbon, Príncipe de Condé, primo de Henrique de Navarra.

O príncipe de Condé também estendeu a mão para Pardaillan; mas no momento em que este se inclinou, puxou-a para si e beijou-a cordialmente, dizendo:

“Cavaleiro, Sua Majestade a Rainha nos disse que você era um verdadeiro paladino dos tempos antigos; vamos fazer como os paladinos fizeram quando se conheceram, e vamos abraçar... o Rei de Navarra, meu primo, permite...

“Monsenhor”, disse Pardaillan, que reconheceu o jovem príncipe de Condé com estas últimas palavras, “posso hoje aceitar este título de paladino, 738

pois me foi dado pelo digno filho de Louis de Bourbon, isto é, de um valente guerreiro, o mais valente dos que caíram no campo de batalha.

"Bem dito, ventre-seïnt-gris!" exclamou o Bearnais.

O jovem príncipe, gentilmente comovido por este elogio que, com tato e propriedade encantadores, o cavaleiro deu ao pai morto, em vez de tentar bajular ele mesmo, respondeu:

“Você é tão espirituoso quanto corajoso, senhor, e terei grande prazer em conversar com você.

O último personagem, que ainda não havia dito nada, felicitou o cavaleiro por sua vez, dizendo:

“Se a amizade do velho d'Andelot pode ser agradável para você, é sua, meu jovem...

“O coronel d'Andelot”, respondeu Pardaillan, “sem dúvida está enganado ao me oferecer sua amizade; ele quis dizer seu exemplo e suas lições; e nunca mais puro exemplo de devoção, modéstia e 739

de bravura terá sido oferecida a um jovem aventureiro como eu que ainda tem tudo a aprender...

– Exceto o espírito! disse o Príncipe do Conde.

- E bravura! acrescentou o rei. Chevalier, você é um sujeito ousado e eu acho você estranhamente atraente. Quanto ao meu velho d'Andelot, se você acha que ele é bom para servir de exemplo para você, ele já foi um para nós, não é, primo?

- Senhor! murmurou o soldado.

- Eu sei o que digo; e não é minha culpa se ele não é um marechal; mas eu lhe darei a espada de ouro do policial.

- Oh ! Senhor!... você me confunde! disse d'Andelot, ruborizado de prazer.

E como Pardaillan era a causa direta dessas belas palavras que o rei acabava de proferir, o resultado foi que o velho soldado, todo emocionado, apertou a mão do cavaleiro até o osso e sussurrou em seu ouvido:

– Jovem, eu sou seu, para a vida no 740

morto...

“Muito bem”, resumiu o Béarnais, “eu lhe digo que você será policial, como meu primo de Condé será tenente-general, meu venerável pai, o almirante, será grão-mestre de meu Conselho, assim como Téligny será ajudante. general da minha cavalaria, pois Marillac será o primeiro dos meus cavalheiros palacianos... Ventre-Saint-Gris! Quero tanta devoção para receber sua recompensa, um dia ou outro... quero ver apenas olhos risonhos ao meu redor, e rostos de um metro de largura... paciência, paciência... Depois da chuva, bom tempo, sandis! Deixe-me crescer, e você verá! Enquanto isso, sempre guarde isso no bolso.

Essas eram as promessas que os Bearnais acabavam de entregar com tão magnifica liberalidade, e sobretudo com tanto bom humor e um sotaque de astúcia gascão tão agradavelmente exagerado que todos caíram na gargalhada.

- Tudo em bom tempo ! gritou Henrique de Navarra; aqui estão as figuras como eu gosto delas!...

Senhor, que tal um 741

reino onde todos ririam assim?

“Eu diria, senhor, que este reino teria a sorte de possuir um rei de gênio.

“Bravo”, disse Henri, “mas talvez não seja tanto gênio que seja necessário para fazer as pessoas felizes. Um dia, em minhas montanhas do Béarn, voltei de lá, meus sapatos rasgados, meu gibão em farrapos, tanto que eu havia vasculhado os arbustos; Eu tinha perdido meu caminho; Tive medo, ao voltar para casa, de apanhar; Eu estava com fome, estava com sede; em suma, fiquei o mais infeliz possível quando vi a cabana de um lenhador de onde vinha uma canção tão alegre que imediatamente disse a mim mesmo: Deve viver um homem bom. De fato, o lenhador me fez beber de sua cabaça uma certa cerveja da qual ainda lambo os lábios quando penso nisso; ele me fez comer maçãs e peras que ele guardava para o inverno; e quando eu estava satisfeito, ele me colocou no meu caminho.

“Senhor”, ele me disse, “aqui está o seu caminho e aqui é o meu. Até mais, senhor! »

– Vi então que ele me havia reconhecido e disse-lhe 742

Perguntou:

“Bom homem, vejo que você é perfeitamente feliz, mais feliz do que eu; é verdade que você não é obrigado a aprender grego, como eu, e que não precisa temer a surra por ter desenterrado pintassilgos; mas como você consegue ser tão feliz em sua cabine? »

"Ei! Sire, ele me disse, eu não sabia que estava tão feliz. Mas enfim, como sou feliz segundo você, acredito que minha felicidade vem do fato de ninguém se dar ao trabalho de querer me fazer feliz. Estou perdido nas profundezas desta floresta.

Eles me ignoram. Por isso ignoro a corvéia, o imposto e tudo o que serve para fazer as pessoas felizes a despeito de si mesmas. Tente se lembrar disso quando você reinar, Sire! Isso, concluiu o rei de Navarra, foi o que me disse o bom lenhador.

Você pode ver claramente que não é preciso tanto gênio e que, em suma, basta deixar as pessoas em paz porque elas arranjam para si uma felicidade... a esmo!...

"Sua anedota é encantadora, senhor", disse o príncipe de Condé. Mas deixe-me 743

completo...

- Estamos ouvindo, primo.

“Quase três anos atrás, na Batalha de Jarnac, ataquei perto de meu pai. Você conhece o terrível infortúnio que me atingiu naquele dia.

Meu pai foi levado, e eu fui arrastado por nossa gente para longe dali; amarraram-me à sela, porque queria carregar sozinho para libertar meu pai. Nos movimentos desordenados que fiz, meu cavalo virou, e eis o espetáculo pavoroso que tive diante de meus olhos: sob um grande carvalho, pude distinguir perfeitamente meu pai; ele deve ter sido ferido no braço, pois um cirurgião o estava curando; ele estava de pé; um grosso da cavalaria do duque de Anjou estava lá, desmontado; de repente, um desses loucos avançou, vi um relâmpago, ouvi a detonação da pistola, vi meu pai cair, a cabeça despedaçada, assassinado covardemente, enquanto, prisioneiro, estava sob a proteção de seus inimigos.

O jovem príncipe de Condé parou por um momento, sua garganta apertada com essas lembranças.

744

“Eu desmaiei,” ele continuou. Eu tinha então um pouco menos de dezesseis anos, e essa fraqueza teria sido desculpável mesmo em um caminhoneiro mais velho...

Mas antes de desmaiar, tive tempo de ouvir um dos nossos exclamar:

"É aquele desgraçado do Montesquiou que acabou de matar o príncipe!" »

- Bom. Se eu chorei, você vai acreditar sem dificuldade, porque eu adorava meu pai. No entanto, ao fim de seis meses, pensei que talvez tivesse outra coisa para fazer do que chorar, tirei uma licença e vim para Paris...

– Ah! ah! disse o rei de Navarra, você nunca nos disse isso!

“Fé, a oportunidade é boa e eu a aproveito.

Então vim para Paris, onde logo soube que esse Montesquiou era o capitão do M.

o duque de Anjou. Escondi-me na casa de um amigo nosso que se dispôs a aceitar uma comissão que lhe dei...

"Ninguém jamais soube o que aconteceu com esse Montesquiou", interrompeu d'Andelot.

745

- Paciência! reassumiu o Príncipe do Conde. A comissão consistia em ir pedir ao capitão que ficasse na bruma às margens do Sena, um pouco mais abaixo do antigo Tuilerie...

Montesquiou aceitou galantemente o cartel, devo dizer; ele veio sozinho ao encontro na hora marcada e me encontrou lá sozinho. Aproximando-se de mim, ele disse:

“O que você quer de mim, jovem?

- Matar você.

"O diabo! Você é muito jovem; Eu teria vergonha de cruzar espadas com você...

– Diga que está com medo, Montesquiou!

- Quem é Você ! disse ele, surpreso.

“Sou filho de Luís I de Bourbon, príncipe de Condé, assassinado por você em Jarnac! »

Então ele não se opôs mais, largou sua capa e puxou sua espada. Eu fiz o mesmo, e ficamos em guarda sem dizer uma palavra.

Eu estava como um louco. Não sei como ataquei, nem como me defendi ou retaliei. O que eu só sei é que depois de três 746

minutos, senti meu ferro afundar como se estivesse no vazio; Olhei através da névoa sangrenta que cobria meus olhos, vi minha espada toda vermelha, vi o capitão Montesquiou estendido no chão batendo com o calcanhar na areia da praia em que seus dedos se contraíam. Eu entendi que ele ia morrer. Então me inclinei sobre ele e disse:

“Alguém empurrou você para o seu ato?

Falar ! Diga a verdade, já que você vai morrer!

- Ninguém ! ele ofegou.

"Ninguém? Nem mesmo seu mestre, o irmão do rei?"

- Ninguém ! ele repetiu. Eu agi por minha própria vontade.

- Mas por que ! Porquê dizer! Por que este crime em um prisioneiro!

– Eu estava convencido de que a morte do príncipe era necessária para a felicidade do reino e que não havia paz nem felicidade enquanto as pessoas recusassem a missa!... Vejo agora que estava errado... »

747

Ao dizer essas palavras, ele derramou um fluxo de sangue e deu seu último suspiro. Quanto a mim, montei no meu cavalo e fui embora, antes fugi, a toda velocidade, feliz por ter vingado meu pai, e dizendo a mim mesmo que muitos crimes ainda serão cometidos enquanto eles quiserem obrigar o povo a rezar em latim em vez de francês...

“O que significa, meu primo”, disse o rei de Navarra, “que um rei não precisa se preocupar com a religião de seus súditos. Bem, eu aceito a lição!

Quer rezem em francês, grego ou latim...

O Bearnais parou de repente: uma ruga de preocupação cruzou a testa de Coligny.

Mas para si mesmo, o gascão acrescentou:

“E mesmo que não rezem!...

enquanto eu reinar em Paris!...”

O jovem príncipe de Condé ficou ofuscado pela história que acabara de contar. Pardaillan examinou-o com curiosidade simpática. Esse semblante aberto, esses olhos francos, esse olhar, ora de grande doçura, ora cheio de lampejos, esse rosto de um frescor encantador e
748

de verdadeira beleza, este conjunto de graça e força apareceu-lhe em total contraste com o semblante do rei.

Este, embora mais jovem que o primo, trazia os sinais de uma astúcia jactanciosa que, sem dúvida, disfarçava pensamentos de egoísmo.

Ele era uma figura mais astuta do que astuta. Os Bearnais riram com frequência e em todas as ocasiões. Ele riu alto e falou alto; seus olhos brilharam, mas ele evitou olhar diretamente no rosto; ele tinha uma piada fácil e muitas vezes rude; por isso, ele passou por ter sagacidade, como se a sagacidade estivesse na palavra certa; ele fingia esse tipo de piada que se chama Galicidade, contava histórias de mulheres, regozijava-se com seus sucessos com uma jactância bastante natural em um espírito tão "gaulês".

Ele estava longe de ser antipático, a propósito; era um desses egoístas gordos e gordos que a multidão perdoa muitas coisas porque sabem rir; Basicamente, o tipo de viajante comercial, como representado nos romances de trinta anos atrás, e também nas cantigas...

faça chuva ou faça sol, ele sempre canta'... Ele teve a incrível felicidade de conhecer Sully. Reputação superestimada como a de Francisco I. Deve-se notar, além disso, que o povo mantinha uma espécie de amizade pelos reis lascivos. Ele ainda amaldiçoa Luís XI, fala de cavalheirismo quando se trata de Francisco I e sorri com indulgência quando fala de Henrique IV.

Mas é hora de voltar à nossa história.

O que Coligny, o Príncipe de Condé, o Rei de Navarra estava fazendo em Paris?

É o que descobriremos em breve.

O que nos interessou no momento foi a apresentação do Chevalier de Pardaillan a esses vários personagens que acabamos de encenar.

A reunião deveria ter terminado no momento em que esta apresentação foi feita.

No entanto, como vimos no início deste capítulo, alguém ainda estava esperando.

No entanto, o jovem rei de Navarra fixou um olhar astuto no cavaleiro, e ele estava procurando talvez 750

algum meio de prendê-lo à sua fortuna, quando a porta se abriu; um daqueles servos armados de guerra que Pardaillan notara foi rapidamente até o almirante Coligny e sussurrou duas palavras em seu ouvido:

"Senhor", disse Coligny, com certo tom de alegria, "o marechal de Montmorency teve a gentileza de aceitar meu convite. Ele está lá. E ele espera o prazer de Vossa Majestade.

Um lampejo de satisfação brilhou no olhar dos Bearnais: mas esse lampejo se extinguiu imediatamente; e, com seu bom humor gascão, o rei exclamou:

"Caro François!" Eu ficarei feliz em vê-lo. Deixe-o entrar! deixe-o entrar! Sr. Almirante, e você, meu primo, terá a bondade de ficar comigo durante esta entrevista.

Os outros personagens nesta cena se levantaram para se aposentar.

"Bem!..." disse Deodat, agarrando o braço de Pardaillan, "no que você está pensando?"

Pardaillan começou, como se estivesse acordando 751

de um sonho. O anúncio de que o marechal de Montmorency estava prestes a entrar nesta sala o mergulhou numa espécie de estupor.

"Desculpe", ele gaguejou.

E inclinou-se perante o rei de Navarra que, pela segunda vez, lhe estendeu a mão e disse:

“O conde de Marillac me disse que você não valoriza nada mais do que sua independência e que pretende manter-se fora de todas as brigas; no entanto, quero acreditar que nosso encontro terá um amanhã e quanto a mim, ficaria feliz em vê-lo entre nós.

“Senhor”, respondeu Pardaillan, “devo total franqueza a tanta benevolência: as guerras religiosas me assustam porque tenho a infelicidade de estar quase sem religião... meu pai esqueceu de me dar uma.

Pardaillan não viu o movimento que Coligny fizera e não pareceu suspeitar que ele acabara de dizer algo ultrajante. Perante esta enormidade, o futuro Henrique IV tinha ainda 752

feliz em sorrir. E aquele sorriso dizia muito sobre os sentimentos religiosos dos Bearnais.

"Mas", finalizou o cavaleiro, "confesso a Vossa Majestade que se a simpatia ardente de um pobre diabo como eu lhe pode ser útil, essa simpatia, venha a ocasião, não lhe faltará...

"Bem, bem... vamos retomar esta conversa", disse o rei.

Pardaillan saiu com Marillac. O velho d'Andelot e Teligny já tinham saído juntos.

– Que fraqueza tomou conta de você agora, caro amigo? Marilac então perguntou. Você parecia muito emocionado e ainda está pálido.

"Ouça", disse Pardaillan, "é mesmo o marechal de Montmorency que vai ser apresentado ao rei?"

- Ele mesmo?

“François de Montmorency, não é?

“Sim, sim”, disse Marillac, atônito.

– Bem, este Montmorency é o pai de 753

aquele que eu gosto! Devo entregar-lhe a carta que tenho debaixo do meu gibão e que me queima o peito. Se eu não lhe der esta carta, sou um criminoso e estou privando Loise de sua proteção mais natural e séria. E se eu der a ele, esse homem vai me odiar, e Loïse está perdida para sempre para mim!...

754

XXXI

François de Montmorency

O homem esperado no Hôtel de Coligny e que acabava de ser apresentado ao rei de Navarra parecia ter cerca de quarenta anos. Ele era alto, de compleição forte, e seus membros tinham aquela flexibilidade peculiar a pessoas que se dedicam a exercícios violentos do corpo.

Seu cabelo era branco.

E foi uma surpresa para os olhos que essa brancura da velhice nessa cabeça ainda jovem: de fato, o bigode, de uma bela castanha escura, manteve sua cor; nenhuma ruga enrugou aquele rosto; os olhos, aliás sem chama, e como que velados, tinham um olhar límpido, firme e reto.

755

Uma indefinível lassidão de espírito parecia, no entanto, destruir a harmonia de vigor que emanava desse todo.

Ao longo dos anos, lentamente, pedaço por pedaço, a dor foi embora.

Mas a tristeza permaneceu profunda e pesou sobre este homem, com o mesmo peso; daí, sem dúvida, este cansaço...

François de Montmorency tinha, de fato, a atitude de quem se conforma com a vida, sem ter prazer nela.

Parecia-lhe, aliás, que esta vida havia parado no dia fatal em que, voltando tão feliz, tão apaixonado, tão ansioso, da guerra e do cativeiro, fora atingido pela grande desgraça cujo fardo sem poder romper longe da doce lembrança de seu amor e de sua juventude.

Era como aqueles viajantes que, ao desembarcar depois de uma longa travessia, encontram a casa incendiada, a família destruída, a ruína e a desgraça, e depois ficam como que estupefatos.

pelo excesso de injustiça que os atinge.

François de Montmorency era uma daquelas pessoas que não recuperam o coração depois de o ter dado.

Esse amor muito puro, muito profundo que sentira por Jeanne de Piennes ainda estava inteiramente em sua alma. Só que ele havia assumido outra forma. Pode-se dizer que desde o desastre ele não passava uma hora sem pensar em Jeanne – para amaldiçoá-la, é verdade!

Muitas vezes ele sentiu uma vaga tentação de vê-la novamente; mas sempre reprimira esses desejos, e depois sempre se lançava em alguma nova campanha, em algum empreendimento militar ou político onde se desdobrava em atividades febris sem conseguir se desprender da memória que o obcecava.

O fantasma de Jeanne montou atrás de seu cavalo de batalha e entrou com ele nos conselhos.

Às vezes nós o víamos, no meio de uma discussão, parar de repente, olhar para 757

olhando para o espaço; então ele não ouviu mais nada; só que às vezes ele murmurava palavras sem resultado.

Pensava pouco em Henri de Montmorency.

Ele a havia perdoado?

– Não, sem dúvida. Mas ele tentou esquecê-la e conseguiu com bastante facilidade, enquanto Jeanne estava sempre presente em sua imaginação.

Com esta personagem, com tantas raízes de amor no coração, é quase inútil dizer que François de Montmorency nunca sonhou em fazer outra felicidade, outra família, numa palavra, outra vida.

Ele havia, no entanto, aceitado seu casamento com Diane de France.

Ao aceitar essa união, ele queria sobretudo escapar às obsessões tirânicas do velho policial, seu pai, talvez também esperasse por um momento que acabasse se apegando a um novo amor; e, se tudo estiver dito e feito, foi decidido por essa crença que a morte não tardaria em libertá-lo.

758

Esta morte, ele não se contentou em desejá-la, ele a buscou.

Infelizmente para ele, foi poupado.

Sua existência com Diane de France era estritamente o que eles concordaram que seria: uma simples associação. Cultivada, espirituosa, ambiciosa, Diane de France nunca procurou um marido, mas uma companheira no homem com quem se casou. No final da vida, tendo as ambições políticas pouco sucesso com ele, e encontrando em François apenas um conspirador pouco zeloso, as relações cessaram completamente entre eles.

Eles se viam a longos intervalos; em oito anos, François de Montmorency teve apenas três ou quatro encontros com essa princesa que levava seu nome muito dignamente: isto é, se ela teve muitos amantes, como afirma a crônica, sempre teve bastante estima e até afeto pelo marido , para manter as aparências; naquela época, já era muito bonito.

Francisco provavelmente desconhecia a conduta de 759

sua esposa, simplesmente porque ele não tinha nenhum interesse de coração ou mente em conhecê-la: Diane de France era sua esposa apenas de nome.

Devemos acrescentar que duas ou três vezes, François de Montmorency também teve a ideia de ir ao castelo.

Um dia, ele partiu com a intenção definida de refazer a história do crime que despedaçou sua vida, de conhecê-lo em todos os seus detalhes.

Afinal, disse a si mesmo, só conhecia o fato, confessado por Jeanne, proclamado pelo próprio irmão.

Ele queria saber tudo, questionar as pessoas, reconstruir toda aquela terrível aventura.

Ele chegou, muito determinado, até uma altura de onde, saindo de um bosque, você podia ver Montmorency e, mais adiante, a aldeia de Margency. Mas ali sua força enfraqueceu. Ele parou seu cavalo nervosamente. E, para não demonstrar a emoção que o perturbava, ordenou à sua escolta que retomasse o caminho de Paris sem ele.

Essa emoção foi violenta.

Cada olhar que ele lançava avidamente à distância, 760

despertou uma memória, evocou um fantasma doce ou terrível.

A visão dos lugares onde se amou, onde se sofreu, especifica, há longos anos, com clareza incomparável, os sentimentos que começavam a se confundir na memória.

Francisco não suportava pensar que ia atravessar este bosque de castanheiros onde recebera a primeira confissão de Joana, que ia entrar nesta velha habitação onde aparecera ao Senhor de Piennes, na antiga capela cujo sino , neste momento, tilintou tristemente.

Duas lágrimas escorriam por suas bochechas pálidas.

Por muito tempo ficou ali, contemplando o cenário de sua felicidade e de seu desastre.

Então ele foi embora.

E nunca mais lhe ocorreu a idéia de voltar a rondar Margency: ele havia sofrido demais ali.

O destino dos homens muitas vezes depende de muito pouco: se Francisco tivesse tido a coragem de 761

indo até Margency e coletando provas lá, quem sabe se ele não chegaria em breve a constatar a perfeita inocência de Jeanne de Piennes?

Houve, porém, uma circunstância em que essa inocência quase explodiu nos olhos de François, sem que ele a tivesse procurado.

Em 1567 ocorreu a batalha de Saint-Denis .

entre huguenotes e católicos. Os huguenotes tinham acabado de ganhar algumas vantagens e avançaram muito perto de Paris. O policial Anne fez uma surtida, atacou à frente de sua cavalaria, e naquele dia novamente houve uma grande carnificina de hereges.

Só que, na luta, o Condestável foi mortalmente ferido.

O homem ferido foi levado para o Hôtel de Mesmes, que pertencia a seu filho, Henrique, Duque de Damville.

Nessa época, Henrique estava na Guiana, onde se distinguiu pelo zelo de impor a missa aos hereges. François estava em Paris. Ele não via o pai há três anos. Na primeira 1 Batalha de Saint-Denis. Segunda guerra religiosa.

762

Com a notícia de que o condestável estava gravemente ferido, ele se apressou para o Hôtel de Mesmes, certo de que não encontraria seu irmão lá.

Encontrou o policial deitado, a cabeça enfaixada, ditando seus últimos desejos ao escriba.

Quando o velho Montmorency terminou, viu seu filho mais velho que acabava de entrar na sala, e um raio de alegria iluminou sua cabeça moribunda.

Chegou um cônego de Notre-Dame, que lhe administrou a extrema-unção.

E como seus servos, de joelhos, choravam na sala, ele lhes mostrou com um sorriso que suas lamentações poderiam perturbar o cônego. Quase imediatamente, ele recebeu um enviado do rei e de Catarina de Médici que expressou a intensa dor real de seus mestres. E como este embaixador queria consolá-lo:

“Em oitenta anos de existência”, ele respondeu, “você acha que eu não aprendi a morrer em dez minutos?

763

E mandou todos embora, fazendo sinal ao filho François para ficar a sós com ele.

No entanto, a agonia estava próxima. A respiração do policial tornou-se ofegante. O moribundo teve de fazer um grande esforço para pronunciar algumas palavras que François conseguiu recolher ao se debruçar sobre ele.

– Meu filho, disse ele, tão perto da morte, a gente vê as coisas de forma diferente do que se viu... Talvez, em certas circunstâncias, eu não tenha me preocupado o suficiente com a sua felicidade.. Responda-me com franqueza, você está feliz?...

“Acalme-se, meu pai, estou tão feliz quanto me é permitido estar.

- Seu irmão...

François sobressaltou-se e de repente empalideceu.

"Você não quer se reconciliar com ele?"

- Nunca ! respondeu François com uma voz monótona.

O policial fez um novo esforço para lutar contra a agonia.

764

– Escute... talvez ele seja menos culpado...

do que você pensa...

François balançou a cabeça violentamente.

“Aquela jovem”, retomou o policial, “o que aconteceu com ela?...

— De quem você está falando, meu pai?

“A filha... do Senhor de Piennes... Ah! eu morro... François...

– Pai, acalme-se... Tudo isso está morto para mim!

- François! Estou lhe dizendo... temos que encontrá-la...

ela... e ela...

O policial não teve tempo de pronunciar a palavra que estava em seus lábios. Ele entrou em agonia, gaguejou algumas palavras sem sentido e expirou.

Assim, o segredo de Jeanne de Piennes não foi revelado a François de Montmorency, que não tentou descobrir por que seu pai queria encontrar Jeanne... capricho fúnebre de um espírito afundando no nada, pensou.

O policial teve um funeral quase 765

real. Mas desde os Guise, que temiam seu poder, até Catarina de Médici, que apoiava impacientemente sua grandeza, todos estavam felizes com sua morte.

Só Francisco chorou sinceramente por este homem em quem uma era inteira estava desaparecendo.

François de Montmorency, após a batalha de Saint-Denis, viveu afastado dos campos de batalha.

Um dia, quando a rainha-mãe lhe ofereceu uma ordem contra os huguenotes, ele recusou, dizendo que considerava os reformados como irmãos de armas e não como inimigos contra os quais deveria lutar.

Essa atitude lhe rendeu as suspeitas e o ódio de Catarina de Médici, que tentou em vão penetrar em seus segredos enviando-lhe Alice de Lux.

Vimos que Alice falhou.

Além disso, François não tinha segredos; ele simplesmente se retirou das lutas em que havia participado apenas para obedecer ao policial.

Essa atitude também o levou a ser observado de perto por um grande partido que formava

então e quem viu nele um possível líder.

Este partido, indignado por ver tanto derramamento de sangue em nome de uma religião de paz, sonhava em restaurar a harmonia entre todos os franceses, huguenotes ou católicos.

Chamava-se Partido da Política.

Francisco tornou-se seu líder, um pouco a contragosto, mas seduzido por esse pensamento de uma paz duradoura e sincera.

Foi nesse meio tempo, e nesse estado de espírito, que um dia recebeu a visita do conde de Marillac.

O conde estava chegando, enviado por Jeanne d'Albret; obteve do marechal a promessa de se encontrar com o rei de Navarra.

Henri de Béarn, que veio secretamente a Paris com o príncipe de Condé e Coligny, marcou um encontro com François de Montmorency. No dia marcado, na hora marcada, o marechal apresentou-se no hotel da rue de Bethisy. Vimos que efeito o anúncio de sua chegada teve sobre o Chevalier de Pardaillan.

Deixaremos o cavaleiro explicar a seu amigo Marillac as causas de sua emoção, e seguiremos o marechal, esta entrevista com Henri de Béarn tendo uma influência considerável no resto de nossa história.

Os Bearnais receberam o marechal com uma espécie de gravidade. Ele primava, de fato, por se sintonizar, por assim dizer, com as pessoas que desejava seduzir, alegres ou tristes, dependendo do caráter do homem com quem falava.

"Olá", disse ele ao ilustre defensor de Thérouanne.

A palavra estava certa. Entre as façanhas de armas do marechal, não havia nenhuma mais cara para ele, seja porque a defesa de Therouanne era obra de sua juventude, ou porque a ela atribuía lembranças íntimas.

Francisco curvou-se ao jovem rei.

“Senhor”, disse ele, “você me deu a honra de me enviar uma mensagem para discutir a situação geral dos partidos religiosos. Espero que Vossa Majestade explique suas intenções para mim e eu 768

vou responder com franqueza.

Por mais astuto que fosse, o Bearnais ficou desconcertado com essa nitidez um tanto seca. Esperava insinuações, meias palavras, e tinha diante de si um homem que dizia falar sem rodeios.

"Tome este assento", disse ele, para se dar tempo para refletir; Não permitirei que o marechal de Montmorency permaneça de pé quando estou sentado, um simples cadete ainda na profissão de armas.

- Senhor, respeito...

“Eu tenho,” disse Henri com um sorriso.

Montmorency então obedeceu.

“Marechal”, retomou o rei após um momento de silêncio, durante o qual estudou o semblante viril de seu interlocutor, “não lhe falarei da confiança que tenho em você. Embora tenhamos lutado em lados opostos, sempre o tive em estima singular, e a melhor prova é que você está aqui, sozinho em toda Paris, sabendo da minha chegada ao asilo que escolhi.

769

“Esta confiança me honra”, disse o marechal; mas direi a Vossa Majestade que não há um único cavalheiro capaz de trair seu segredo.

- Você pensa ? disse o rei com um sorriso cético. Não sou da sua opinião e repito que você é o único que eu poderia trazer aqui, com a certeza de poder dormir tranquilamente esta noite.

O marechal curvou-se sem responder.

“O resultado dessa confiança”, continuou o Bearnais, “é que vou falar com você de coração aberto e que, desde a primeira palavra, vou lhe contar o objetivo da minha viagem a Paris.

Coligny e Condé lançaram um olhar de espanto ao rei.

Mas ele não viu aquele olhar, ou fingiu não ter visto.

Com uma voz muito calma, ele disse:

– Marechal, pretendemos sequestrar Carlos IX, rei da França.

O que você acha ?

Coligny empalideceu ligeiramente. Condé começou a brincar nervosamente com as aiguillettes de seu gibão. A entrevista foi no primeiro golpe levada a uma altura onde o perigo de vertigem é permanente.

No entanto, o marechal não vacilou. Sua voz permaneceu tão calma quanto a do Bearnais.

“Senhor”, disse ele, “vossa Majestade está me perguntando sobre a possibilidade da aventura ou sobre as consequências que ela pode ter, seja em caso de sucesso ou em caso de fracasso?

“Vamos falar sobre isso agora, Monsieur le Maréchal. No momento, desejo apenas saber sua opinião sobre... a justiça desse ato que se tornou necessário. Vamos, o que você diz? Você será para nós? Você será contra nós? Você vai apenas se manter neutro?

"Tudo depende, senhor, do que você quer fazer com o rei da França. Não tenho que me elogiar nem reclamar de Carlos IX. Mas ele é meu rei. Devo-lhe ajuda e assistência. Todo cavalheiro é um traidor que não corre em socorro de seu rei em perigo. Então, senhor, você pretende

viola o rei da França, e você sonha com alguma substituição familiar no trono? Eu sou contra você! Você procura obter garantias justas para o livre exercício de sua religião?

Eu permaneço neutro. Sob nenhuma circunstância, senhor, eu o ajudarei neste sequestro.

- Isso é conversa direta! E é um prazer conversar com você, Marechal.

Por isso resolvemos sequestrar meu primo Charles. Eu sei, sabemos que a rainha-mãe está planejando novas guerras. Nossos recursos estão esgotados. Em homens e em dinheiro, não podemos mais segurar a campanha. No entanto, mais do que nunca, estamos ameaçados. O ato que estamos preparando é um ato de guerra perfeitamente legítimo. Se Carlos marchasse à frente de seus exércitos, eu não procuraria prendê-lo?... Estamos de acordo nesse ponto, eu acho?

“Sim, senhor, e confesso que se eu tivesse a honra de ser seu feudal, em vez de ser o do rei da França, daria as duas mãos ao seu projeto.

- Muito bem. Portanto, resta a questão do que faremos com o rei quando ele for feito prisioneiro...

“De fato, senhor, esse é o ponto delicado”, disse o marechal.

O Bearnais tinha um longo olhar pensativo.

O que ele previu no futuro cujas brumas ele então procurou perfurar? Foi a coroa da França? Ou ele estava simplesmente procurando uma maneira de parecer leal a esse homem que lhe parecia ser a lealdade encarnada?

Seja como for, seu semblante de repente perdeu aquela expressão astuta que era tão visível em seu rosto. E não foi sem uma espécie de melancolia e grandeza que ele disse:

– Marechal, por meu pai Antoine de Bourbon, descendente direto de Roberto, sexto filho de Luís IX (São Luís), sou o primeiro príncipe de sangue da casa da França. Tenho, portanto, algum direito de me meter nos assuntos do reino, e se por acaso conceber este pensamento de que um dia, talvez, a coroa da França terá que repousar sobre minha cabeça, 773

 esse pensamento não poderia ser ilegítimo. Mas os Valois reinam pela graça de Deus. Aguardarei, portanto, a graça de Deus para saber se os Bourbons, por sua vez, devem ocupar este trono, o mais belo do mundo. E minha intenção não é ajudar a vontade divina de forma alguma... nesse ponto, pelo menos. Você vê que penetrei em seus pensamentos, meu caro duque.

“Senhor, longe de suspeitar das intenções de Vossa Majestade, nem quero me permitir examiná-las. Eu só estava dizendo, e repito, que não quero fazer nada contra meu rei.

“Acredito que lhe dei total satisfação. Não culpo a coroa de Charles. Que ele reine, querida prima, que ele reine, pelo menos tanto quanto se pode reinar quando se tem uma Catarina de Médici por mãe! Mas, barriga-santo-cinza! se não culpamos Charles, por que ele nos culpa? O que significam essas perseguições aos huguenotes apesar da Paz de Saint-Germain? Por que fazemos a diferença entre quem vai à missa e quem não vai?

 não vão? Tudo isso tem que acabar? E como não somos fortes o suficiente para manter a campanha, devo obter pela persuasão o que a guerra não pode nos dar!

E para isso, não deveria eu poder conversar tranquilamente com Charles, como estou falando com você neste momento? Vamos, duque, não é um ato legítimo que estamos empreendendo tentando pegar Charles? Oh ! nenhum mal será feito a ele. E mesmo, ele estará livre para aceitar ou rejeitar nossas condições. Eu simplesmente quero falar com ele a sós, sem que ele precise ser influenciado...

Os Béarnais tinham acabado de executar um movimento de rotação que Coligny admirava em si mesmo.

Não se tratava mais de uma captura, de um ato de guerra, mas de uma reunião em que as duas partes opostas ficariam livres para assinar ou rejeitar o contrato proposto.

"Nestas condições", finalizou o rei de Navarra, "posso contar com você?"

"Para capturar o rei, senhor?" Franquia para franquia. Estou sozinho aqui. E você é 775

numerosos. Posso, portanto, falar com você tão livremente quanto minha consciência exige, não tendo nada a temer, exceto a morte...

Coligny deu um passo.

“Duque”, disse ele, “você é meu convidado; o que você disser, você vai sair daqui sem um fio de cabelo na cabeça. Fale agora.

– Eu queria dizer isso: vou esquecer a entrevista para a qual tive a honra de ser convidado, não é da minha natureza fazer o papel de Provost Marshal. Mas eu lhe dou minha palavra, senhor, que tudo o que eu puder fazer para proteger o rei Charles, sem dizer a ele, bem, eu farei!

“Invejo meu primo Charles por ter amigos como você”, disse o Bearnais com um suspiro, “e eu me consideraria sortudo se todos os nossos inimigos fossem como você.

“Vossa Majestade está enganada em ambos os casos.

Não sou amigo de Charles. Eu sou um servo da França, isso é tudo. Quanto a ser seu inimigo, senhor, eu juro que ninguém faz 776

desejos mais ardentes e mais sinceros do que os meus para que os huguenotes sejam finalmente tratados com justiça.

"Obrigado, marechal", disse o desapontado Bearnais. Então não temos que confiar em você ou seus amigos?

- Não senhor! disse François com modesta firmeza. Mas deixe-me acrescentar que se um dia eu for convocado para um conselho que será realizado entre você e o rei da França...

- Nós iremos ? perguntou Coligny com um movimento de alegria.

“Se houvesse uma entrevista”, continuou Francisco, “e Sua Majestade Carlos IX me chamasse lá, eu não perguntaria como esta entrevista foi preparada; Apoiaria com todas as minhas forças as decisões do Rei, e não teria medo de proclamar que eu, católico, me envergonho e indignado com a atitude dos católicos...

"Você faria isso, duque!" exclamou o rei de Navarra, cujos olhos brilhavam.

"Eu me comprometo a isso, Sire!" respondeu François. Eu 777

comprometo-me a isso tanto melhor porque, assim que eu cruzar a soleira deste hotel, vou tomar medidas para que esta entrevista de que falo tenha sido livremente consentida.

– Bravo, leal e fiel! disse Coligny, estendendo a mão para o marechal.

“Duque”, disse o Bearnais, “mantenho sua palavra.

Espero que a entrevista aconteça em breve. Vá duque, estou encantado por poder dizer a mim mesmo que você não está entre nossos inimigos.

“E eu, senhor, posso assegurar a Vossa Majestade que minha devoção a você é adquirida, exceto, porém, em relação a certos empreendimentos”, acrescentou François com um sorriso pálido.

Com estas palavras, o marechal retirou-se, escoltado pelo almirante, que o queria homenagear, até à porta do seu hotel.

Enquanto atravessavam o pátio, precedidos por dois lacaios, mas sem luzes, o hotel devia ser considerado desabitado, dois homens aproximaram-se rapidamente de François de Montmorency.

Este último, confiando na palavra do almirante, não fez nenhum gesto de defesa, embora lhe cruzasse o pensamento de que estava prestes a ser esfaqueado. Mas essa suspeita se dissipou instantaneamente.

“Marechal”, disse um dos dois homens, “permite que eu apresente um de meus amigos a você, pedindo que desculpe as circunstâncias dessa apresentação.

“Seus amigos são meus, conde de Marillac”, disse François, reconhecendo quem falava com ele.

“Então aqui está Monsieur le Chevalier de Pardaillan, que tem uma comunicação urgente para fazer com você.

“Monsieur”, disse o marechal, dirigindo-se a Pardaillan, “estarei no meu hotel o dia todo amanhã e ficarei feliz em recebê-lo lá.

“Não é amanhã”, disse Pardaillan com a voz alterada.

A emoção da voz, a virada da frase

tanto imperativo quanto reservado causaram uma profunda impressão no marechal.

Coligny, espantado com a cena, mas certo de que Pardaillan não poderia ter tido intenções suspeitas, interveio dizendo:

“Marechal, dou-lhe o chevalier de um dos cavalheiros mais corajosos e leais que conheci.

“Aqui está um elogio que, caindo de tal boca, faz de você meu amigo, meu jovem”, disse François. Venha, então, já que o assunto sobre o qual você deseja falar comigo não pode ser adiado.

Com esta palavra "amigo" Pardaillan começou.

Ele rapidamente se despediu de Marillac enquanto o duque se despedia em Coligny. Então os dois homens saíram juntos. Tal era a confiança de Montmorency e seu medo de comprometer o segredo do rei de Navarra que ele não trouxe escolta com ele. Mas neste momento ele tinha na pessoa de Pardaillan uma escolta que um rei teria invejado.

De qualquer forma, eles não fizeram 780

encontro ruim. A estrada da Rue de Béthisy para o Hôtel de Montmorency foi feita rápida e silenciosamente. De fato, para espanto do marechal, seu jovem companheiro não disse uma palavra durante a viagem, e ele tinha aquela alta polidez que consiste em não questionar as pessoas quando lhes agrada calar.

O marechal conduziu o cavaleiro a um escritório no hotel, contíguo ao grande salão de honra.

Foi nesse mesmo gabinete que Jeanne de Piennes, torturada pelo velho policial, assinou sua renúncia ao casamento secreto.

Mas Francis sempre ignorou essa cena terrível.

"Vou deixá-lo por um momento", disse o marechal, "hora de se livrar desta couraça de couro e minha cota de malha."

Enquanto falava, olhava para o jovem, mas este se contentou em fazer uma reverência.

– Certamente, pensou François ao se aposentar, este 781

não há uma figura de *bem feito* 1.

Deixado sozinho, Pardaillan enxugou o suor da testa. O momento desejado e temido havia chegado! Ia, portanto, revelar a François de Montmorency que tinha uma filha!

O marechal saberia, portanto, que se até então desconhecia a existência dessa moça, se repudiava Jeanne de Piennes, se talvez tivesse sofrido, se, em todo caso, uma abominável injustiça havia sido cometida, devia isso a um Pardaillan! E era um Pardaillan que ia contar tudo isso a ele.

Chegara o momento em que ia acusar o pai e arruinar Loïse para sempre!

- Isso deve ! Isso deve ! repetiu o jovem, lançando um olhar perplexo ao seu redor.

Esse olhar de repente caiu sobre um retrato pendurado no canto mais escuro do armário.

Pardaillan foi sacudido por um longo estremecimento.

Este retrato... Ele o contemplou avidamente, 1 *Bravo* : palavra italiana que designa um assassino de aluguel.

estendeu as mãos.

- Lois! Lois! ele sussurrou.

E imediatamente, este pensamento veio à tona em seu cérebro:

"Como o marechal, que não sabe que tem uma filha, possui o retrato desta filha?..."

Mas logo, à força de examinar os traços delicados da jovem maravilhosamente bela representada pela pintura, a verdade caiu sobre ele:

"Não é Loïse!... É a mãe dela, a mãe dela, quando ela era jovem!..."

Nesse momento, François de Montmorency entrou no estúdio e viu o jovem em êxtase diante do retrato de Jeanne de Piennes.

Uma nuvem passou por sua testa. Ele caminhou até Pardaillan e colocou a mão em seu ombro. O cavaleiro deu um pulo, como se tivesse sido violentamente arrancado de algum sonho.

"Com licença, marechal", ele gaguejou.

"Você estava olhando para aquela mulher...

- Com efeito...

"E você pensou que ela era bonita, sem dúvida, adorável?"

“É verdade, senhor... esta senhora alta e nobre é dotada de uma beleza que me impressionou.

– E talvez, em sua alma ainda cheia de ilusões, você disse a si mesmo que ficaria feliz em encontrar no caminho da vida uma mulher como esta... com esses mesmos olhos de tão bela franqueza... com isso sorriso doce... com aquela sobrancelha pura?...

O marechal parecia ser vítima de uma emoção extraordinária. Ele havia parado de olhar para Pardaillan, e seus olhos ardentes fixaram sua chama escura no retrato. Um suspiro profundo escapou de seu peito.

"Você leu minha mente, monsenhor", disse Pardaillan, com uma gentileza velada pela tristeza; Sonhei, de fato, encontrar-me para amá-la, adorá-la, dedicar minha vida e minhas forças a ela, a mulher cujo sorriso brilha em 784

essa pintura, essa mulher cuja testa, tão pura, como você diz, nunca foi capaz de abrigar um pensamento ruim... ou, na falta dessa mesma mulher, uma muito parecida, que seria sua irmã, por exemplo... ou sua filha... sim, essa seria sua filha! E se você me viu tão perturbado, foi porque eu disse a mim mesmo que sem dúvida, além disso, esse encontro seria um desastre, já que uma mulher de tão alta nobreza nem poderia perceber que um pobre aventureiro como eu o ama até morrer .

"Jovem", disse ele, "eu gosto de você. Coligny seja dourado.

Seu ar decidido e ingênuo ao mesmo tempo, a franqueza do seu olhar, tudo em você me inspira uma verdadeira simpatia...

"Você me enche, monsenhor", disse Pardaillan, com uma emoção que surpreendeu o marechal; Eu realmente não me atrevo a acreditar que suas palavras contenham algo além de uma polidez digna de sua grande mente... Sem isso, eu 785

Eu me deixaria levar por esperanças quiméricas...

Quais eram essas expectativas? O marechal disse a si mesmo que sem dúvida se relacionavam com o andar do jovem.

“Essa simpatia é tão real”, ele retomou, “que vou contar uma história. Faz muito, muito tempo desde que eu disse isso... Parece-me que isso vai me aliviar e, além disso, seu ar definitivamente me toca mais do que nunca. Você é desconhecido para mim, e me parece que se eu tivesse um filho, gostaria que ele fosse como você...

- Meu Senhor ! exclamou Pardaillan com uma estranha exaltação.

– Aqui, sente-se ali... em frente a este retrato, desde que ele bateu em você.

Pardaillan obedeceu e notou que o marechal, ao se sentar, se posicionou de forma a dar as costas ao retrato.

– Aqui, pensou, um homem que deve ter sofrido atrozmente…

– Esta mulher, então disse François de 786

Montmorency, é a esposa de um amigo meu...

ou melhor, ela era... Ela era pobre; o pai dela era inimigo da família do meu amigo: ele a via, a amava... ele se casou com ela. Mas esteja ciente de que para se casar com ela, ele teve que desafiar a maldição paterna; ele teve que arriscar se rebelar contra seu pai, um senhor alto e poderoso... No próprio dia do casamento, meu amigo teve que partir para a guerra. Quando ele voltou, você sabe o que ele aprendeu?

Pardaillan permaneceu em silêncio.

“A jovem de testa pura”, continuou François com uma voz muito calma, “bom, ela era uma irreverente! Antes mesmo do casamento, ela traiu meu amigo... Jovem, cuidado com as mulheres!

O cavaleiro estremeceu ao se lembrar do conselho que seu pai lhe dera quando partiu.

O marechal acrescentou sem amargura aparente:

– Meu amigo havia colocado nesta mulher todo o seu amor, sua esperança, sua felicidade, sua vida... Ele estava condenado ao ódio, ao desespero, ao infortúnio e 787

sua vida foi destruída, isso é tudo. O que foi necessário para isso? Simplesmente conhecer em uma noite de primavera uma jovem que tinha a alma de um irreverente...

Pardaillan, com essas palavras, havia se levantado; aproximou-se do marechal e disse em tom firme:

"Seu amigo está enganado, meu senhor...

François olhou surpreso para o chevalier; ele não entendeu.

"Ou melhor", continuou Pardaillan, "você está enganado...

O marechal imaginou que seu visitante, ainda ingênuo e cheio de fé, protestava de maneira geral contra as acusações com que os homens amontoam as mulheres.

Fez um gesto de polidez indiferente e disse:

“Se você acredita em mim, jovem, vamos ao motivo de sua visita. Como posso ajudá-lo ?

"Muito bem", disse Pardaillan, retomando seu lugar.

Lançou um último olhar ao retrato de Jeanne de Piennes, como se a chamasse para testemunhar o sacrifício que fazia. Nesse momento, seu rosto viril se iluminou com tal raio de heroísmo que o marechal, tomado de espanto, começou a entender que ia dizer coisas sérias para si mesmo ali.

“Monsenhor”, começou Pardaillan, “moro na rue Saint-Denis, no Auberge de la *Devinière* . Em frente à hospedaria ergue-se uma casa modesta, como pode-se viver em pobres que são obrigados a algum trabalho para garantir a sua existência; as duas mulheres de quem vim falar, milorde, são as pobres de quem estou falando.

- Duas mulheres ! interrompeu devidamente o marechal.

- Sim. A mãe e a filha.

- A mãe e a filha! O nome deles ?

“Eu não sei, senhor. Ou melhor, não quero que você saiba por enquanto. Mas eu tenho que te interessar nesses 789

duas criaturas tão injustamente infelizes, e por isso, devo contar-lhe a sua história.

Estas últimas palavras tranquilizaram o marechal, cuja imaginação começava a despertar.

"Estou ouvindo você", disse ele, com mais gentileza para com seu interlocutor do que para os dois estranhos.

“Estas duas mulheres”, continuou o cavaleiro, “são consideradas na cidade como dignas de todo respeito. A mãe, principalmente. Por cerca de quatorze anos que ela viveu nesta pobre casa, a calúnia nunca teve poder sobre ela.

Tudo o que sabemos dela é que ela se mata trabalhando em tapeçarias para dar à filha uma educação de princesa. Sim, monsenhor, de uma princesa: pois esta jovem sabe ler, escrever, bordar e pintar missais. Ela mesma é um anjo de gentileza e bondade.

“Chevalier”, disse Montmorency, “você defende a causa de seus humildes protegidos com tanto ardor que eu já estou do lado deles. O que seria ? Falar...

790

“Um pouco de paciência, marechal.

Esqueci de lhe dizer que a mãe cujo nome verdadeiro não sabemos se chama Dama de Preto. Na verdade, ela ainda está em luto profundo. Há nesta existência tão nobre e tão pura uma terrível desgraça...

E Pardaillan continuou com a voz mudada:

– Este infortúnio, eu gostaria de resgatá-lo à custa do meu sangue, porque alguém meu é a causa...

"Alguém seu, cavaleiro!"

"Sim, meu pai, meu próprio pai, Monsieur le Chevalier de Pardaillan!"

"E como seu pai...

“Vou contar-lhe, meu senhor, contando-lhe a história da catástrofe que se abateu sobre esta nobre dama. Saiba então que ela era casada... e que seu marido teve que se ausentar por muito tempo...

Você vê, é como a história do amigo que você estava me contando.

“Vá em frente, cavaleiro.

– Após a partida do marido, cinco ou seis 791

meses depois, esta senhora deu à luz uma criança.

De repente, o marido voltou. Foi então que meu pai cometeu o crime...

- O crime !...

"Sim, monsenhor", disse Pardaillan enquanto duas lágrimas ardentes escapavam de seus olhos com uma chama dupla de sacrifício... o crime!

E o que estou dizendo aqui, se alguém repetisse, eu mataria esse alguém antes que ele terminasse de dizer a palavra... Meu pai levou a garotinha embora. E a mãe, a mãe que adorava seu filho, a mãe que morrera para evitar uma lágrima pelo anjinho, a mãe, monsenhor, foi colocada diante dessa terrível alternativa: ou ela consentiria em aparecer aos olhos de seu marido por perjúrio e adultério, ou seu filho morreria!...

François de Montmorency estava terrivelmente pálido.

Ele estava sufocando.

Com um gesto violento, ele arrancou a gola de seu gibão.

- O nome ! ele rosnou com a voz rouca.

792

“Não cabe a mim dizer-lhe, meu senhor...

- Como você sabia? Diga!... resmungou François, levantando-se, lutando contra a loucura que invadia seu cérebro.

- Este é o fim. Estas duas mulheres, a mãe e a filha, acabaram de ser raptadas... enviaram-me uma carta endereçada a um grande senhor.

Pardaillan ajoelhou-se, remexeu no gibão e terminou:

“Esta carta, aqui está, meu senhor!...

Montmorency não notou a homenagem real que lhe foi prestada pelo cavaleiro. Ele não viu aquele semblante intrépido aureolado naquele momento pela chama do sacrifício, e que se elevou em direção a ele em um movimento de orgulho indescritível.

François viu aberta apenas esta carta que lhe foi estendida.

Ele não aceitou imediatamente.

Convulsivamente, ele levou as duas mãos à testa.

793

O que ! Ele não estava sonhando!... Este jovem acabava de lhe contar a história de Jeanne de Piennes!... Ah! Este nome não havia sido pronunciado, mas ressoou em seu coração com um som de trovão!

O que ! Joana viva! Jeanne trabalhando como uma humilde trabalhadora para criar sua filha!... sua filha!... Ele teve uma filha! Joana inocente! Era bem verdade, esse drama terrível da mãe torturada deixando-se acusar para salvar a criança!...

Era possível?

E esta carta! Esta carta sobre a qual lançava um olhar extravagante!... Continha, pois, a história da lamentável tragédia! Foi Jeanne quem escreveu para ele! Joana inocente e fiel!

- Ler ! meu senhor, disse Pardaillan, leia...

e quando tiver lido, questione-me... pois se não fui testemunha do crime, sou pelo menos filho do homem que é denunciado ao seu ódio... e este homem... meu pai! .. bem, ele falou comigo ...

ele me disse coisas que no passado eu não 794

entendido, mas que ficaram gravados em minha memória... Leia, meu senhor...

Então o marechal pegou a carta.

Mas esta carta agora tremia, dançava em suas mãos...

“Vem agora”, disse François consigo mesmo, “é tudo um sonho, e daqui a pouco vou acordar na realidade que me parecerá mais horrível depois deste momento de esperança... Sejamos homem!... .Ah! Eu suportei bem a dor mais terrível.

por que não posso suportar falsa alegria...

porque é tudo um sonho... este jovem é apenas um fantasma... esta carta é uma ilusão... Não, não acredito, não quero acreditar... e agora, vamos tentar ler!...

Ele imediatamente reconheceu a caligrafia de Jeanne.

Ele resistiu violentamente à tentação de levar à boca esse papel que ela havia tocado, esses personagens que ela traçara e que a faziam estremecer viva e presente diante dele.

Ele leu, enquanto um grande zumbido enchia seus ouvidos como se uma voz tivesse 795

proclamou a inocência de Jeanne.

Ele leu em traços largos, duas ou três vezes...

Então, quando terminou de ler, voltou-se para o retrato, sacudido por terríveis soluços, caiu no chão, arrastou-se de joelhos, as mãos levantadas em desespero, com um grito rouco que brotou de seus lábios lívidos. :

- Desculpe ! Desculpe !

Então ele de repente ficou imóvel, inconsciente...

O cavaleiro correu para ele.

Agora não era hora de pedir ajuda, envolver estranhos ou lacaios em tal drama.

Pardaillan fez o possível para reviver o marechal. Sacudiu-o, lavou a testa com água fria, desfez as algemas do gibão...

Após alguns minutos a síncope cessou; François abriu os olhos.

Ele levantou. Uma estranha chama brilhou em 796

os olhos deles. Alegria, dor, esperanças intensas, arrependimentos profundos como abismos, os sentimentos mais contraditórios colidiram em sua cabeça.

Pardaillan queria falar.

“Cala a boca”, murmurou François, “cala a boca... mais tarde... espere por mim... aqui... me prometa...

"Eu prometo isso", disse Pardaillan.

Montmorency colocou a carta sob o gibão, sobre o coração, e saiu correndo do armário. Correu para os estábulos, selou ele próprio um cavalo, mandou abrir-lhe a porta do hotel, e o chevalier ouviu o galope de um cavalo que se afastava.

Era uma da manhã

François cavalgou por Paris a toda velocidade, guiando seu cavalo instintivamente, respirando fundo, tentando restaurar o equilíbrio de seus pensamentos.

O cavalo parou diante do portão de Montmartre, fechado como todos os portões de Paris.

"Ordem do rei!" gritou François na noite.

797

O chefe do posto saiu assustado, reconheceu o marechal, e apressou-se a mandar abrir a porta e baixar a ponte levadiça, que naqueles tempos conturbados levantavam todas as noites.

O marechal, em um instante, desapareceu no campo, e os soldados disseram a si mesmos que deveria ter ocorrido um evento grave, talvez uma tomada de armas pelos huguenotes.

No campo silencioso e escuro, a voz rouca de François rugiu com fragmentos de palavras abafados pelas sonoridades quádruplas do galope de seu cavalo batendo no chão com um casco em pânico.

“Viva!... Inocente!... Jeanne!... minha filha!...

Pouco a pouco a fúria da raça aplacou a fúria dos sentimentos desencadeados.

Quando François chegou a Montmorency, perto de Margency, sentiu-se mais calmo.

Mais calma, já que a alegria poderosa de agora há pouco deu lugar à dor de tantos anos de felicidade perdida!...

798

O marechal, bem à frente, sem hesitar, correu direto para a cabana onde havia aparecido para Jeanne e Henri.

"Essas pessoas ainda estão vivas?" ele falou pra si próprio. Oh !

enquanto viverem!...

Eles viveram ! Muito velhos, muito quebrados, mas eles viveram!

Com os golpes duros de François, o homem acordou, vestiu-se, armou um velho arcabuz e perguntou pela porta:

- Quem está aí ?

– Aberto, pelo céu! rosnou François.

A mulher, a velha enfermeira de cabeça vacilante, com a lentidão precipitada dos velhos, saltou da cama, jogou um casaco sobre os ombros e agarrou a mão do marido.

- É ele ! disse ela, dominada pela emoção.

- Quem, ele?

"O Senhor de Montmorency e Margency!" Abrir! Ele sabe tudo agora!

Já que ele está vindo!...

799

E ela arrancou a barra da porta e disse:

"Entre, meu senhor, eu estava esperando por você...

Entre... eu não queria morrer... eu sabia que você viria...

O homem acendeu uma tocha de resina que ardia emitindo um triste brilho vermelho.

Montmorency entrou. Ele estava com a cabeça descoberta, a gola de seu gibão estava rasgada, suas esporas estavam ensanguentadas. Podíamos ouvir o cavalo, a rédea no pescoço, as pernas trêmulas, bufando com golpes apressados.

François havia caído em uma escada, ofegante.

No brilho vermelho da tocha, ele viu a velha de pé diante dele, tentando endireitar sua figura curvada pela idade e pelos longos trabalhos da terra.

E, curiosamente, como se tivesse entendido que naquele momento as distâncias estavam desaparecendo, foi a humilde senhoria que questionou o alto e poderoso senhor.

- Você veio a saber tudo? ela diz.

- Sim ! ele disse com a voz quebrada.

800

Ele estava tremendo. A velha parecia calma. Talvez, também, que as emoções já não a dominassem.

"Você aprendeu, não é?...

- Sim !...

"Então há justiça!" disse a velha com solene lentidão.

E ela acrescentou:

- Venha, meu filho.

E o senhor de Montmorency, neste momento pungente, não se surpreendeu que este pobre, um personagem infinitamente humilde em seu ducado, o chamasse de filho. E a velha também não se surpreendeu que essa expressão lhe tivesse vindo com naturalidade, ela que tanto adorava Jeanne de Piennes chamando-a de filha!

François levantou-se e seguiu a velha que caminhava devagar, curvada, apoiada numa bengala.

– Ilumine-nos! ela ordenou ao seu homem.

801

Ela abriu uma porta nos fundos. O marechal entrou. Encontrou-se num pequeno quarto cuja limpeza quase elegante contrastava com o resto da miserável habitação. Havia uma poltrona, um luxo surpreendente neste chalé, e uma grande cama de dossel, coberta com sua colcha. A cama não estava desfeita. Na parede, ao fundo, havia duas ou três imagens, uma virgem grosseiramente iluminada, um judeu errante, um crucifixo com uma caixinha atravessada e, ao lado da cama, uma miniatura: o marechal se reconheceu, seus olhos inchou, duas lágrimas brotaram dela...

A velha então falou:

"Foi aqui que ela veio, meu senhor, no dia seguinte à sua partida; é aqui, nesta cama, que ela ficou quatro meses como morta porque lhe disseram que você a abandonou, é aqui que ela chorou, rezou, implorou enquanto pronunciava seu nome em seu delírio...

O marechal caiu de joelhos.

Um soluço assustador de tal homem ecoou pela cabana.

802

A velha ficou em silêncio, respeitando a dor e a meditação de seu senhor. Na entrada da sala, o velho camponês, de pé, com a tocha de resina na mão, parecia uma dessas cariátides que se vê nos sonhos.

Quando o marechal se levantou, a enfermeira de Jeanne continuou:

– Foi aqui que ela lentamente voltou à vida... A partir daí, vestiu-se de luto.

- A Dama de Preto! sussurrou François embotado.

"Foi nesta cama, meu senhor, que nasceu Loïse, sua filha...

Um arrepio sacudiu Montmorency.

A velha continuou:

– O nascimento do filho salvou a mãe. Ela que, pouco a pouco, estava definhando, recuperou as forças para o pequeno. Quando Loïse cresceu, a mãe voltou à vida. Quando a criança sorriu pela primeira vez, a mãe, pela primeira vez desde a sua partida, sorriu também, monsenhor.

François abafou uma espécie de rugido, e 803

com um aceno repentino de sua mão, enxugou o suor frio que inundou seu rosto.

"Devo lhe contar o resto?" perguntou a enfermeira.

– Tudo!... tudo que você sabe...

- Então vem ! disse a velha.

Ela saiu de casa, seguida passo a passo por Montmorency. O homem também o seguiu; mas ele havia deixado a tocha em casa: a noite, aliás, estava clara; o vale aparecia ao luar leitoso, com suas massas de sombras opacas cortadas nitidamente contra os planos de luz difusa.

Dir-se-ia três caçadores noturnos por algum tesouro, para vê-los andando devagar, e suas silhuetas tinham atitudes estranhas como a noite dá aos seres do campo solitário.

No canto de uma sebe espessa de azevinho e espinheiro, a velha parou, virou-se e estendeu o braço em direção à casa.

“Olhe, meu senhor,” ela disse; daqui em 804

vê a janela, neste momento a lua a ilumina; em plena luz do dia, deste lugar, podia-se ver facilmente alguém de pé contra esta janela, dentro da casa, e podia-se perceber todos os gestos que alguém estava fazendo.

“Meu irmão estava naquela posição perto da janela quando entrei!

Essas palavras Francisco não pronunciou, mas as chorou dentro de si; como num clarão lívido que havia perfurado a escuridão, ele viu Henri novamente perto da janela, o chapéu na mão; ele o via melhor do que na realidade, pois agora dava sentido a certos gestos de Henri!...

A velha então se virou para o marido:

- Conte o que você viu...

O homem aproximou-se, fez uma reverência ao seu senhor e disse:

– Coisas ficaram na minha cabeça como se fossem de ontem; então, naquele dia, desde a manhã, eu estava trabalhando naquele campo, do outro lado daquela cerca; deitado no 805

a sombra para dormir, eis o que vi quando acordei: um homem estava ali, a poucos passos de mim, segurando no casaco que eu não sabia bem o quê; ele parecia um oficial do castelo, e eu me calei, pelo medo natural que oficiais e soldados devem nos inspirar; ele permaneceu ali, talvez meia hora, e eu não me mexi; então, de repente, ele se endireitou e foi embora rapidamente, curvado sobre as sebes; ao sair, vislumbrei o que escondia no casaco: era uma criança, mas estava longe de supor que essa criança fosse filha de nossa senhora... Foi isso que vi, meu senhor, e aquilo é tão certo quanto você está lá. Quando cheguei em casa, soube que você tinha vindo e que nossa senhora tinha ido embora.

A enfermeira então retomou:

"O que aconteceu entre você e ela e Monsenhor Henri, eu não sabia a princípio, mas adivinhei em parte pelas palavras desesperadas que escaparam da pobre mãe...

Veio um homem... estava trazendo a menininha... a mãe quase enlouqueceu de alegria... Ela correu para o 806

encontrá-lo, proibindo-nos de segui-la...

O que ela se tornou? Não sei. Estou de luto por ela desde então, como se ela estivesse morta. Isso é tudo que sabemos, senhor. Consegui, vamos! Eu compreendia a desgraça, e que você suspeitasse injustamente da mais pura e fiel das esposas... Durante os primeiros anos, quando ainda era forte, vinha a Paris em cada aniversário da desgraça; mas nunca mais pude te ver, nunca mais pude encontrá-la, ela... Agora não choro mais, porque meus olhos não têm mais lágrimas, mas morrerei abençoando aquele que vem me dizer: "Ela vive... ela será feliz... tanta injustiça será reparada! "Monsenhor, foi isso que veio dizer à pobre e velha enfermeira de Jeanne?...

O Duque de Montmorency ajoelhou-se diante da velha camponesa:

– Então me abençoe, ele disse com a voz quebrada pelos soluços, pois eu lhe digo: Ela vive! Tanta injustiça receberá uma reparação brilhante, e Jeanne ficará feliz.

807

A humilde senhoria fez o que seu senhor pediu; ela estendeu as mãos trêmulas sobre a cabeça dele e o abençoou.Então os três, em silêncio, voltaram para casa.

François se trancou por uma hora no quartinho onde Loise nasceu. Ficou ali sem luz. Os dois velhos ouviam-no chorar, falar alto, ora com rajadas de fúria, ora com infinita doçura.

Então, quando um pouco de calma voltou para ele, ele saiu da sala, despediu-se dos dois velhos e montou em seu cavalo. Em Montmorency, parou em frente à casa do oficial de

justiça que acordou e que, com pressa, bastante apavorado com esse retorno inesperado do senhor, quis correr para tocar os sinos.

Mas François deteve-o com um gesto e contentou-se em pedir pergaminhos nos quais escreveu rapidamente algumas linhas.

Esses pergaminhos, a velha enfermeira os recebeu no dia seguinte: era uma doação para ela e seus descendentes da casa em que morava com os campos adjacentes, e uma doação de vinte 808

cinco mil libras de prata.

Deixando o oficial de justiça, Francisco foi ao castelo; lá novamente, houve grande excitação; mas o marechal contentou-se em chamar o intendente e mandou-o pôr tudo em ordem, dizendo que em breve viria morar no castelo; insistiu especialmente que toda uma ala fosse reformada e luxuosamente decorada, acrescentando simplesmente que teria a honra de hospedar duas princesas de alta qualidade a quem esta ala do castelo seria destinada.

Só então partiu a galope e tomou a estrada para Paris.

Ele chegou lá quando as portas foram abertas, e seguiu em uma corrida furiosa em direção ao seu hotel.

Seus pensamentos permaneceram confusos. Sua cabeça parecia dolorida pelo evento extraordinário que havia perturbado sua existência de cima a baixo.

Por lampejos fugazes, esta observação surgiu em sua mente, Jeanne foi fiel!

Jeanne era sua verdadeira esposa! E ele tinha 809

casou com outro!

Mas este pensamento ele descartou com uma espécie de raiva e concentrou todo o seu esforço neste único ponto:

Jeanne estava em sério perigo!

Era preciso encontrá-la, salvá-la, devolver-lhe em felicidade cem vezes mais o que ela havia sofrido...

Que tipo de felicidade seria essa? O que ele faria? Ele tentaria uma separação com Diane de France? Tudo isso passava pela sua cabeça, mas ele sempre voltava ao pensamento que o fazia enfiar furiosamente as esporas nos flancos de seu cavalo: "Encontre-a primeiro!..."

E foi assim, em uma corrida frenética de sua imaginação superexcitada, assim como os saltos de seu cavalo, que ele correu em direção ao hotel onde Pardaillan o esperava.

O chevalier passara aquela noite numa ansiedade e agitação que, quando pensava nisso, não podia deixar de surpreendê-lo. Ele tentou brincar consigo mesmo, mas só conseguiu se exasperar. Ele tentou dormir em um 810

cadeira, mas assim que se sentou, a necessidade de dar passos largos o fez ficar de pé.

Por que o marechal foi embora? Onde ele estava? Talvez ele estivesse apenas tentando se acalmar com uma longa corrida? Essas perguntas o interessaram por uma hora.

Mas logo percebeu que a verdadeira e terrível questão era o que o marechal pensaria de seu pai.

É verdade que o velho Pardaillan trouxe ele mesmo a criança.

O cavaleiro lembrava-se perfeitamente que seu pai lhe dissera isso... E não havia dado um diamante para a mãe da garota sequestrada?

Mas tudo isso era uma desculpa pobre; o fato brutal e terrível permaneceu intacto: graças a esse sequestro realizado pelo velho Pardaillan, o marechal havia repudiado sua esposa!

Jeanne de Piennes sofreu dezesseis anos de tortura!

811

Foi nessa inquietação crescente que o chevalier esperou pelo retorno do marechal.

Pela manhã, ele caminhava com passos grandes e agitados no armário, quando a porta se abriu.

Os suíços, com os quais tivera de lidar no dia anterior, apareceram e permaneceram imóveis por um momento, estupefatos.

Deve-se dizer que o marechal não havia informado a ninguém da presença do cavaleiro no hotel; quando partiu, febril, quase louco, havia esquecido completamente que havia um Pardaillan no mundo. Por outro lado, o digno suíço não tinha visto o cavaleiro entrar.

Seu espanto foi, portanto, muito natural.

- Você ! ele chorou quando conseguiu pronunciar uma palavra.

“Eu, meu caro amigo”, disse Pardaillan, “como está o seu ferimento?

- Onde você entrou?

- Pela porta.

O suíço, pouco a pouco, sentiu-se dominado por uma daquelas fúrias brancas que experimentara no dia anterior. No entanto, a memória de 812

a força empregada pelo jovem mantinha essa raiva dentro de limites razoáveis.

- Pela porta ! ele chorou! E quem te abriu?

“Você, meu caro amigo.

O suíço fez o gesto de arrancar os cabelos.

– Ah! lá, ele rosnou, você vai me explicar como você está aqui!

“Estou me matando contando isso há dez minutos; Entrei pela porta! E foi você quem me abriu a porta!

"Fui eu também quem te apresentou a este gabinete?"

E o suíço, com suprema ironia, acrescentou:

"Diga imediatamente que é o Marechal!"

- Aí está você. Desde o primeiro tiro. Eu não teria pensado que você era tão inteligente.

Os suíços então explodiram:

- Fora daqui! Ou melhor, não! Vou levá-lo ao hotel que você quer roubar! eu vou 813

você prendeu e colocou nas mãos do reitor... Uma boa corda será a recompensa digna...

Os suíços não tiveram tempo de terminar o discurso prometido por este exórdio cheio de um ressentimento exagerado. De repente, sentiu-se agarrado por um braço e, virando-se, viu-se frente a frente com o marechal.

“Deixe-nos”, disse o último, “e certifique-se de que eles não nos perturbem.

O gigante curvou-se subitamente, ainda mais sob o peso da surpresa do que sob o respeito, e François desapareceu atrás da porta fechada que ainda fazia saudações perplexas.

“Chevalier,” disse Montmorency ao entrar, “por favor, desculpe a forma como o deixei.

Fiquei... muito emocionado... emocionado, se assim posso dizer.

Aqui estou eu agora acalmado pelo recado que acabei de fazer, e vamos conversar.

Pardaillan entendeu o que estava passando pela mente do marechal.

814

“Monseigneur”, disse ele, com aquela fria simplicidade que dava um valor especial às palavras desse jovem, “sempre ouvi falar de você como de um caráter nobre; Também

sempre ouvi falar do orgulho dos Montmorency e do valor que atribuem à grandeza de sua casa; mas esta grandeza e esta nobreza nunca brilharam mais claramente aos meus olhos do que agora, quando vi o teu orgulho derreter-se de emoção, quando te vi chorar diante deste retrato...

“Você está certo”, gritou o marechal; Eu chorei, é verdade; e confesso que é uma coisa doce poder chorar na frente de um amigo...

Deixe-me dar-lhe este título... Você não me trouxe a maior alegria da minha vida!...

“Marechal”, disse o chevalier com a voz alterada, “você esquece que sou filho de M.

de Pardaillan.

- Não, não tenho! E é por isso que não só te amo pela alegria que te devo, mas também porque te admiro por 815

o sacrifício feito por você... Porque, obviamente, você ama seu pai!...

“Sim”, disse o jovem, “tenho uma profunda afeição pelo Sr. de Pardaillan. Como poderia ser de outra forma? Eu não conhecia minha mãe, e desde minha infância, é meu pai que vejo debruçado sobre meu berço, apoiando meus passos incertos, dobrando sua dureza de caminhoneiro às minhas exigências infantis; depois, mais tarde, comprometendo-me a fazer de mim um homem valente, conduzindo-me ao corpo a corpo, protegendo-me com sua espada; nas noites frias em que dormimos mal, quantas vezes o peguei tirando o casaco para me cobrir! E muitas vezes, quando ele me dizia: "Aqui, coma e beba, vou guardar minha parte para mais tarde", eu vasculhava seu cabide e percebia que ele não tinha guardado nada para si.

Sim, o Sr. de Pardaillan, na minha vida até agora solitário e sem amizade, aparece-me como o digno amigo devotado até a morte, a quem devo tudo... e a quem amo... tendo apenas a ele para amar!

– Chevalier, disse Montmorency comovido, você é 816

um grande coração. Você que ama tanto seu pai, não hesitou em me trazer esta carta que o acusa formalmente...

Pardaillan ergueu a cabeça com orgulho.

"É porque eu não te contei tudo, marechal!" Se consenti, para reparar uma grande injustiça, trazer-lhe a carta de acusação, foi porque me reservei para defender meu pai de vez em quando. Eu digo: defenda-o! E por todos os meios em meu poder! Ou seja, eu me tornaria o inimigo mortal de quem ousasse, diante de mim, repetir o que eu podia dizer: que o Sr. de Pardaillan havia cometido um crime!

Um gesto feroz escapou do cavaleiro.

O momento era sério para ele: em um momento, ele seria o amigo declarado ou inimigo do pai de Loise, dependendo do que ele respondesse. No entanto, ele continuou sem hesitação:

“Então, Monsieur le Maréchal, suponho que você me dará a honra de me tratar por um momento como um igual. Deixe-me explicar. Antes de nós 817

estávamos conversando mais, peço que me diga com toda franqueza que atitude pretende tomar em relação ao meu pai. Você é o inimigo dele? Eu me torno seu! Você sonha em se vingar do mal que ele pode ter feito? Estou pronto para defendê-lo, espada na mão...

O cavaleiro parou, tremendo.

Um entusiasmo nobre aureolava este rosto encantador com audácia radiante.

Montmorency, pensativo, contemplou-o e admirou-o. O que ele teria dito se soubesse que essas palavras provocativas que Pardaillan pronunciava com desespero em seu coração, se soubesse que amava sua filha!

Ele pareceu hesitar por um minuto. Não tinha pensado nesta questão, que o chevalier acabava de esclarecer com tanta firmeza. Em suma, pediam-lhe que apagasse com uma palavra o que considerava uma perda!... E que perda!...

Graças a Pardaillan, cúmplice de Henri, o terrível erro pôde ser cometido e duas existências foram destruídas...

818

Mas em uma mente tão firme e reta como a do marechal, a hesitação não durou muito. Paz ou guerra, ele teve que tomar sua decisão com a presteza e generosidade de sempre. Ele estendeu a mão para Pardaillan:

“Chevalier”, disse com voz grave, “existe e só pode existir um Pardaillan para mim: é aquele que acaba de me arrancar de um desespero que os anos aprofundaram. Se eu conhecesse seu pai, seria para parabenizá-lo por ter um filho como você...

O cavaleiro agarrou a mão estendida com transporte.

– Ah! Posso dizer agora que se uma palavra de ódio contra meu pai tivesse saído de sua boca, seria com a morte na alma que eu teria saído daqui!

O marechal olhou para Pardaillan com espanto.

O jovem viu que quase havia traído seu segredo. Apressou-se a continuar:

– Agora, meu senhor, agora posso 819

também lhe digo que meu pai tentou reparar o mal que havia feito.

- O que você quer dizer ? perguntou o marechal rapidamente.

- Eu tenho isso por si só. Ele me contou essas coisas, ou melhor, meio que as revelou para mim, em um momento em que certamente não achava que um dia eu teria a honra de ser apresentado a você. Monsenhor, foi o Sr. de Pardaillan quem raptou a criança, é verdade; mas foi ele quem a trouxe de volta para a mãe, apesar das ordens que recebera...

“Sim, sim”, disse o marechal, “eu vejo como as coisas devem ter acontecido... há um criminoso em tudo isso, e o verdadeiro criminoso leva meu nome!

François agarrou abruptamente a mão do cavaleiro e, com voz sombria, continuou:

– Meu filho, isso é uma coisa horrível de se pensar! Que tal crime possa ter sido concebido por meu próprio irmão, que as invenções dessa traição possam ter se originado no homem a quem confiei minha esposa, isso me parece um sonho impossível e terrível... .

este. Knight, eu me encarregarei da libertação da infeliz mulher que sofreu tanto...

Você vai me dar um relato exato e detalhado de tudo o que sabe?

Pardaillan contou como foi preso e como, ao sair da Bastilha, abriu completamente a carta de Jeanne de Piennes.

Apenas um ponto permaneceu obscuro em seu relato: por que Jeanne de Piennes e Loïse se dirigiram a ele?... Ele teve o cuidado de escorregar rapidamente por essa perigosa passagem. Quanto a poder dizer qual o perigo que ameaçava as duas mulheres que as sequestraram, onde estavam, Pardaillan não soube dizer nada específico sobre isso. Mas ele tinha suspeitas que ele explicou:

— Há duas pistas possíveis — concluiu ele — Eu lhe disse que tinha visto o duque d'Anjou e seus subordinados rondando a casa da rue Saint-Denis. Talvez seja, portanto, ao irmão do rei que você terá que pedir contas desse desaparecimento.

821

O marechal balançou a cabeça.

"Conheço Henri d'Anjou", disse ele. A ação violenta o assusta. Ele não é homem para arriscar um escândalo.

“Então, senhor, volto à suposição que continua me assombrando. Suponho que o acaso trouxe o marechal de Damville à presença da duquesa de Montmorency, e que devemos começar nossa busca perto do Hôtel de Mesmes.

Foi o que disse ontem à noite ao conde de Marillac, a quem vim pedir que me ajudasse na pesquisa.

"Acho que você está certo", disse o marechal, com agitação violenta. Vou encontrar meu irmão agora... Mas diga-me, se você não tivesse me encontrado em Paris, você teria feito essa libertação? Por quê ? Que interesse particular poderia guiá-lo?

“Monseigneur”, disse Pardaillan, que quase se encolheu, “eu considerei um dever reparar em parte o mal pelo qual meu pai era parcialmente responsável...

822

– Sim, é verdade... você realmente é uma bela natureza, cavaleiro. Me perdoe essas perguntas...

"Quanto a ir encontrar o marechal de Damville", retomou Pardaillan, apressando-se a deixar cair esta parte perturbadora da entrevista, "eu imagino que o passo seja perigoso...

– Ah! exclamou François com exaltação concentrada, posso conhecê-lo! E veremos de que lado vem o perigo!

“Eu não falo por você, meu senhor, mas por eles... É só deles que eles estão falando!

- Elas ! perguntou o marechal, que começou.

- Sem dúvida! Quem sabe a que extremos pode chegar o Duque de Damville, se estão com ele, e se você vai provocá-lo! Quem sabe que ordens ele terá dado! Quem sabe se um novo cúmplice não executaria desta vez o que meu pai uma vez se recusou a executar!

- Minha filha ! gaguejou François, empalidecendo.

– Monsenhor, peço-lhe um dia e 823

uma noite de paciência. Me deixe fazê-lo ! Comprometo-me, a partir desta noite, a saber o que se passa no Hotel de Mesmes. Se eles estiverem lá, avisaremos, e acho que teremos que ser espertos...

você estará livre para usar a força quando for apenas uma questão de vingança.

“Na verdade, Chevalier”, exclamou François, “quanto mais te escuto, mais admiro a tua energia e a tua flexibilidade. Nosso encontro é uma grande felicidade para mim...

“Então, meu senhor, você me deixa fazer isso?

– Até amanhã, sim!

“Monsenhor”, retomou Pardaillan friamente, “até o dia em que eu possa me apresentar no Hôtel de Mesmes e saber exatamente o que está acontecendo lá. Além disso, espero que até esta noite, eu tenha conseguido.

“Faça isso, meu filho. E se você tiver sucesso, eu vou te dever mais do que minha vida...

O cavaleiro levantou-se para se aposentar. O marechal beijou-a com ternura. Compreendia que, no estado de emoção violenta em que

qualquer coisa que ele tivesse feito se voltaria contra ele, e ele considerava o cavaleiro como um ser especialmente criado para salvá-lo, para salvar Jeanne, para salvar sua filha.

Pardaillan afastou-se do Hotel de Montmorency.

Ele foi direto para La *Devinière* , onde fez um banheiro que mais parecia uma briga. Então ele saiu, dizendo para si mesmo:

– E agora, talvez, à conquista da felicidade!... no Hôtel de Mesmes!...

825

XXXII

Monsieur de Pardaillan pai

Cerca de dois meses antes dos acontecimentos que acabamos de relatar, dois homens, ao entardecer de um dia frio, pararam na única hospedaria de Ponts-de-Cé, perto de Angers.

Um deles tinha o traje e o porte de algum capitão reunindo-se à sua companhia por pequenos palcos; o outro parecia ser seu escudeiro.

Ora, esse capitão era o marechal de Damville, que, vindo de Bordeaux para ir a Paris, virou para parar em Ponts-de-Cé.

E se ele estava viajando em uma tripulação modesta, provavelmente era porque ele não queria chamar a atenção para si mesmo.

Por outro lado, se ele tivesse fisgado 826

considerável, não era para admirar as belas paisagens de Anjou, com suas densas florestas sob céus acetinados, com seus rios lentos e lascivos arrastando-se frouxamente entre os prados, nem para se refrescar com vinho claro e espumante. feito tão excelente nesta vila graciosa, nem finalmente flertar com essas cortesias campestres com ricos e longos cocares brancos que passavam pelos mais bonitos e menos tímidos do país da França.

Simplesmente, o marechal tinha um encontro na pousada de Ponts-de-Cé.

A cada momento o escudeiro saía para a estrada e olhava na direção de Angers.

Às oito horas o estalajadeiro quis fechar a porta; mas o marechal o impediu, dizendo que esperava alguém.

Finalmente, à noite escura, um cavaleiro parou em frente à pousada e, sem desmontar, perguntou sobre um viajante que devia ter chegado no dia anterior ou no mesmo dia. E quando lhe foi respondido que um viajante e seu escudeiro eram de fato 827

na estalagem, ele desmontou e entrou.

Este homem foi colocado na presença de Henri de Montmorency, que esboçou um sinal misterioso.

A um sinal semelhante, que o recém-chegado fez, o Marechal fechou cuidadosamente a porta e perguntou ansiosamente:

"Você é do Chateau d'Angers?"

- Sim, meu senhor.

"Você tem que falar comigo em nome do duque?"

"Qual duque, meu senhor?" disse o cavaleiro, mantendo a reserva.

– Mas... aquele que teve que fazer uma visita esses dias... ao castelo.

- Por favor, especifique, meu senhor...

"O Duque de Guise!" perguntou Montmorency em voz baixa.

- Nós concordamos. Desculpe todas essas precauções, Monsieur le Maréchal, somos vigiados de perto...

- Bom ! Guise ainda está em Angers?

828

- Não. Ele saiu de lá há três dias e está indo para Paris. O Duque de Anjou partiu ontem.

"Você sabe se houve algum entendimento entre eles?"

"Acho que não, senhor. O Duque d'Anjou está muito preocupado com seu lindo cabelo e seus bobes.

"Então você me traz alguma palavra de ordem de Henri de Guise?"

- Sim, meu senhor ; aqui está...

O homem baixou a voz:

– No próximo dia 30 de março, às nove e meia da noite, no Auberge de la *Devinière* , em Paris, rue Saint-Denis. Você vai se lembrar, marechal?

- Eu vou lembrar.

– Você vai perguntar pelo Sr. de Ronsard, o poeta.

Você será mascarado. Você terá uma pena vermelha em seu chapéu.

– Na noite de 30 de março, rue Saint-Denis, em La *Devinière* , tudo bem. Isso é tudo ?

829

- Sim, meu senhor. Posso retirar? Porque minha ausência não deve ter sido notada...

- Vamos, meu amigo, vamos...

— Ficarei grato se você informar ao monsenhor Henri de Guise que me comportei bem da comissão e lhe disser que sou seu corpo e alma, embora pertença ao Duque d'Anjou... aparência!

- Será feito. Qual o seu nome ?

– Maurevert, para atendê-lo, aqui e em Paris, onde devo estar em breve.

E Maurevert, tendo se curvado, retirou-se; e alguns momentos depois, o marechal ouviu o galope de seu cavalo enquanto ele acelerava pela estrada para Angers.

"Essa é a cara de um verdadeiro patife", pensou.

Como Henri de Guise pode empregar tais servos?... Aqui está alguém que trai seu mestre hoje. Quem disse que ele não vai nos trair amanhã? Quanto a esta reunião no meio da rue Saint-Denis, eu vou, mas vou tomar minhas precauções!

830

Os nossos leitores já viram que Henri de Montmorency iria mesmo assistir à reunião de La *Devinière* , naquela noite em que Ronsard e os seus poetas fingiam matar uma cabra e onde o duque de Guise e os seus acólitos procuravam uma forma de matar um rei.

Depois da partida de Maurevert, o escudeiro subiu ao quarto do marechal, que ficava no primeiro andar e dava para um pequeno pátio onde ficavam os estábulos.

— Vamos seguir nosso caminho, meu senhor?

perguntou o escudeiro.

“Não acredite; vamos parar aqui; mas esteja pronto amanhã de manhã cedo e, entretanto, mande-me jantar, a estrada abriu-me o apetite.

O escudeiro retirou-se apressadamente para cumprir as ordens de seu mestre.

Nesse momento, Henri de Montmorency ouviu vociferações furiosas irromperem sob sua janela, no pequeno pátio.

– Eu te digo que você não vai colocar lá, 831

morbleu! Eu sou o mestre da minha pousada ou não?

- E eu te digo que ele está lá! Por Pilatos! Por Barrabás!

- Essa voz! disse Henry, surpreendente.

- Este estábulo está reservado para os animais destes senhores, gritou o estalajadeiro.

"E eu juro a você que meu cavalo não entrará no estábulo entre suas vacas!"

“Senhor mendigo, você será expulso!

“Monsieur meu anfitrião, você será derrotado!

- Grudar! Eu ! Ah! pardine, temos razão em dizer: estrada, argotier!

– Temos razão em dizer: Angevin, bolsa de vinho! Porque você está bêbado, meu querido!

- Saco de vinho! Bolsa de vinho! Droga, você vai me pagar caro...

O resto da sentença foi perdido em uma série de interjeições ferozes, que logo mudaram para 832

em uivos, que por sua vez se tornaram gemidos.

Henri desceu rapidamente para o pátio e viu duas sombras, uma das quais golpeava a outra com a consciência e o entusiasmo de um especialista em mão nesse tipo de exercício.

- Ajuda ! Para assassinar! gritou o estalajadeiro ao ver os reforços chegando.

Pois a sombra espancada não era outro senão o estalajadeiro.

O bandido, por sua vez, suspendeu a operação, saudou cortesmente o recém-chegado e disse-lhe:

“Monsieur, por sua espada e sua aparência, acho que você é um cavalheiro. Eu mesmo sou um, e afirmo fazê-lo julgar a algarade, se você consentir com isso.

O marechal assentiu com aprovação, mas permaneceu em silêncio.

“Então”, recomeçou o estranho, tentando em vão distinguir as feições de seu interlocutor na escuridão, “este camponês que acabei de esmagar da melhor maneira possível, afirma que devo 833

tire meu cavalo do estábulo para passar a noite no celeiro.

“O estábulo é apenas para três cavalos”, gemeu o estalajadeiro; só há lugar para a besta deste senhor, seu cavalo de mão e o de seu escudeiro...

– Onde há espaço para três, há espaço para quatro. É verdade senhor?... Um animal tão bonito e bom! Eu quero mostrar a você, senhor!

Você vai julgar melhor então. Holà, nosso anfitrião, uma lanterna!

O estalajadeiro, certo de ser sustentado pelo viajante que supunha ser muito rico, a julgar pelo pedido do jantar, apressou-se a acender uma lanterna.

Mas Henri de Montmorency imediatamente a agarrou e iluminou o estranho que defendia seu cavalo com tanta energia. Ele começou, e um sorriso meio relaxou seus lábios.

" Dele ! ele pensou. Suspeitei pela voz. »

Ao mesmo tempo, Henri abriu a porta do estábulo e, olhando para dentro, 834

viu ao lado de seus três cavalos um castrado assustadoramente magro, os ossos perfurando a pele, o casco gasto, os lados ásperos, o pescoço desproporcional, os arcos proeminentes das sobrancelhas: parecia a besta do Apocalipse.

Esse cavalo, muito alto nas pernas, cabeça ossuda, pelagem rica, parecia ter jejuado mais do que a razão, e seus olhos melancólicos falavam da amargura de longos dias sem aveia. No entanto, ele parecia sólido como uma rocha e ficou firme em seus jarretes.

"Olhe, senhor", exclamou o estranho, "olhe para essa cabeça esguia, essa cernelha nobre, esse cabelo brilhante, essas pernas esbeltas, e diga-me se tal animal é digno de dormir no estábulo."

Montmorency virou-se, lanterna na mão, e murmurou:

“Você está certo, Monsieur de Pardaillan, esse é um cavalo valioso!

O estranho ficou com a boca aberta, os olhos arregalados. Um grito, um nome lhe escaparia.

Montmorency o deteve com um olhar e continuou em voz alta:

835

“Senhor, nosso estalajadeiro consente com seu justo pedido. Quanto a você, você me honraria concordando em compartilhar meu jantar. Sem jeitos! Entre cavalheiros... Você concorda, não é?

Ao falar assim, para grande espanto do anfitrião, o marechal de Damville passou o braço pelo de Pardaillan e o conduziu para seu quarto.

O velho Pardaillan, ainda mais estupefato que o estalajadeiro, deixou-se ir sem dizer uma palavra.

No entanto, na viagem do pátio para o quarto, ele sem dúvida refletiu; pois assim que a porta se fechou sobre o marechal e sobre ele, plantando-se sobre os quadris, a mão esquerda no punho da espada, a direita despenteando o bigode grisalho, ele pronunciou sem a menor emoção aparente:

– Prazer em vê-lo novamente com boa saúde, milorde!

Então, endireitando-se após a saudação, e 836

acampar, cabeça erguida, olhos semicerrados:

– Um pouco envelhecido, por exemplo... Ah! senhora, você tinha algo em torno de dezenove anos da última vez que tive a honra de prestar meus respeitos a você, e se eu sei contar, você deve ter trinta e cinco ou seis; você era então o que se chama um homem bonito e moreno, monsenhor, e não tinha igual em dar ao seu bigode uma curva graciosa e terrível ao mesmo tempo... Como as pessoas mudam!... O que é isso? vejo em seus templos? Que dobra amarga essa boca tomou! E então, como seu rosto endureceu! Devo dizer que ele já não era tão terno... Eu, como você pode ver, eu sou mais ou menos o mesmo... vamos envelhecer... Por volta dos quarenta, eu já era o que você me vê, e se eu morrer aos cem anos, como ouso esperar, morrerei como sou. A propósito, senhor, meus humildes parabéns. Muitas vezes ouvi falar de você, e sempre como um assassino *di primo cartello* , como dizia um amigo meu; parece que você partiu um crânio em dois, 837

muito bem; e que existem inúmeros huguenotes que você matou... Eh! Por Pilatos, fui eu que coloquei a espada em sua mão e lhe ensinei o golpe de cabeça, assim como o golpe de bandeira, *item* o golpe de espinho. Se eu fosse vaidoso, ficaria orgulhoso de um aluno como você. Não estou, graças a Deus, mas estou orgulhoso do mesmo jeito. Prazer ? Você diz, monsenhor?... Bem, você não diz nada?... Então, monsenhor, como eu lhe disse, feliz por vê-lo novamente com boa saúde... na minha besta, porque eu tenho que estar em Baugé naquela mesma noite... uma boa escala.

Deus te mantenha feliz, meu senhor! Você permite?...

"Monsieur de Pardaillan", disse Henri de Montmorency, "faça-me o prazer de compartilhar meu jantar.

O velho caminhoneiro, que já entreabriu a porta, deu meia-volta, com uma inversão de marcha mais militar. Seu olho cinza semicerrou os olhos para a mesa em que o estalajadeiro, durante sua 838

discurso, tinha acabado de depositar coisas suculentas e garrafas barrigudas. Mas este mesmo olho, tendo então executado um quarto oblíquo em direção ao marechal, Pardaillan, com um bufo de arrependimento, respondeu:

- Com licença, meu senhor, eu sou esperado...

Você permite?...

Um gesto de Damville mais uma vez fez o aventureiro parar.

– Você é tão pouco esperado que estava discutindo agora mesmo para conseguir um canto do estábulo para o seu cavalo. Além disso, se você não aceitasse, eu pensaria que você está com medo.

Pardaillan deu um pulo e caiu na gargalhada.

- Temer ! ele disse. Para ter medo, teria que conhecer o diabo pessoalmente. E de novo, não sei se não o pegaria pelos chifres e se não lhe arrancasse as orelhas pontudas e lhe dissesse: Monsieur Satanas, você é um garotinho. Saude seu mestre! Você vê muito bem, meu senhor, que eu não posso ter medo em sua

companhia, mesmo se você fosse o diabo, o que eu gosto de supor que não é.

Assim dizendo, o velho Pardaillan jogou o gorro e o manto sobre a cama, desabotoou o cinto e finalmente fez os preparativos para o jantar à vontade; no entanto, ele manteve seu longo florete perto da mesa.

Montmorency percebeu esse detalhe perfeitamente; ele tirou sua espada e a jogou sobre a cama; vendo o que, o velho caminhoneiro foi depositar seu florete no mesmo lugar.

O marechal de Damville sentou-se e, com um gesto, convidou seu companheiro a fazer o mesmo.

"Por obediência, meu senhor!" perguntou Pardaillan, que se sentou e imediatamente, com um largo suspiro, tirou a tampa de um grande pote de grés que, ao ser aberto, espalhava no quarto um cheiro de finos rillettes.

- Oh ! Oh ! disse Pardaillan, é francamente lambido esta noite! Não sei se você é como eu, senhor, mas tenho uma queda por rillettes, o que não me impede de ter respeito por 840

a omelete de bacon como esta, e professar uma verdadeira veneração por pernil de veado, como o que nos espera aqui. Morbleu! Fale-me de uma mesa como esta, a poucos passos de uma boa fogueira, quando o vento sopra lá fora, quando os estalajadeiros parecem tristes, quando você tem vinte léguas nas pernas...

do cavalo dele e aquilo... e aquilo...

“E imaginando como iríamos para a cama, depois de provavelmente ter comido pouco ou nenhum jantar, certo?

- Oh aquilo ! pensou, mas não me fala de nada... esqueceu a aventura em questão?...

Você coloca o dedo nele, ele continuou em voz alta. Ah! monsenhor, é porque fico mais no Auberge de la Belle Étoile do que em qualquer outra hospedaria. E essa hospedaria, talvez você não saiba, não tem fornos, nem assadeiras, nem cozinheiros, nem cozinheiros: se você vê uma chama ali, é a que lhe foi enviada por um raio de lua; se você respira um perfume ali, não é cheiro de patê, nem de omelete honesto, mas perfume de vassoura e 841

mesclado; se houver chuva, é a água da nuvem que passa e não o borbulhar de um frasco.

Além disso, diante de uma dádiva de Deus como esta, você vê, monsenhor, que eu tento recuperar o tempo perdido da melhor maneira possível...

De fato, Pardaillan, que falava como dois, não perdeu um dente por isso e comeu como quatro.

Damville olhou para ele pensativo.

"O que diabos ele está pensando?" pensou o velho caminhoneiro. Ele tem um sorriso sarcástico que não augura nada de bom. E ele fica em silêncio. Péssimo negócio! Silenciadores me congelam! Bem, veremos!

Como que para tranquilizar seu anfitrião, Henri então começou a falar.

- Você me parabenizou agora mesmo, ele disse com um sotaque incisivo e áspero, devo retribuir o favor. Você deus! Você não envelheceu! Reconheci você apenas pelo gesto.

E, além disso, eu tinha guardado tantas lembranças de você!... (O motorista apurou os ouvidos.) Par 842

Por exemplo, o que envelheceu é a sua fantasia!

Maldito seja! parece que ainda é o mesmo vestido que você usava no dia em que me deixou tão apressadamente. (Aqui estamos! pensou Pardaillan, engolindo um resto de patê e se servindo de um copo grande.) Coitado! O que eu vejo ? Um buraco no cotovelo esquerdo... um remendo na frente... e retrabalho... ah! minha fé, desisto de contá-los! E suas botas! suas pobres botas! eles choram bastante graça e obrigado!

Morte-Demônio! mas você usa uma espora de ferro e outra de aço! Ei, eles nem têm o mesmo comprimento! Você é magro o suficiente!

Escute, raramente vi um cavalo melhor reduzido ao estado ósseo do que o seu! Mas você é ainda mais perfeito que o cavalo. Como vocês dois atingem seus marcos? Mas, quando você passa por colinas e vales, um sobre o outro, e o vento sopra pelos buracos que vejo em seu

casaco, e as sombras da noite começam a envolver vocês dois, certamente devemos tomá-los por um fantasma de um cavaleiro cavalgando. uma sombra de um cavalo!

843

Enquanto o marechal, curvado, virando à direita e à esquerda, se divertia respondendo ao retrato desenhado pelo velho caminhoneiro, com esse retrato tão exato quanto pouco generoso, Pardaillan assumira a atitude de falsa modéstia de quem é elogiado escandalosamente e que sucumbe sob o peso do elogio.

"O que você quer, senhor! disse com a voz cheia de ironia, sempre tive a coqueteria da miséria! E então, se a fantasia nos levasse a usar bons gibões de pano novo, não haveria mais como reconhecer pessoas de bom coração entre os malandros!...

Nessa frase ambígua, que o marechal teve a liberdade de usar a seu favor, o velho roadster esvaziou uma taça de Saumur e piscou o bigode áspero na ponta dos lábios.

“Fé”, ele acrescentou, “me lembrarei de nosso encontro por muito tempo, meu senhor!

Montmorency apoiou o cotovelo na mesa e, com o queixo na mão, olhou fixamente para o convidado.

844

“Agora então,” ele disse de repente, “o que aconteceu com você desde que eu te vi?

"Eu, senhor?" Tornei-me o que você vê, isto é, o que eu era antes que seu ilustre pai, o policial, me trouxesse ao castelo.

- Mas ainda assim... o que você fez?

“Eu vivi, meu senhor.

- Onde voce morou?

– Em todas as estradas habitáveis, sob todos os céus hospitaleiros: no entanto, devo dizer que morei em Paris por cerca de dois anos.

-Paris? Ah! ah!... E por que você o deixou?

– Por que eu o deixei? perguntou Pardaillan, cujos olhos cinzas brilhavam com malícia. Bem, vou lhe dizer, senhor. Então eu estava em Paris, muito quieto, e hospedado em um hotel muito bom e bonito... Eu estava feliz, estava engordando, até tinha vergonha disso às vezes... Bem, uma noite... foi em outubro passado...

O marechal começou.

845

– Uma noite, então, vi alguém numa curva da rua... um velho conhecido meu. Devo dizer-lhe, meu senhor, que essencialmente queria evitar esse alguém... imagine que esse homem absolutamente queria me fazer feliz apesar de mim. Imediatamente disse a mim mesmo: se ficar em Paris, mais cedo ou mais tarde, acabarei me encontrando cara a cara com ele! E então, adeus minha linda miséria que tanto amo! Será preciso ser feliz, e depois falar, e depois dar explicações, e então... resumindo! Andei sem tambores nem trombetas, e retomei a estrada do acaso e do desconhecido!... Note, monsenhor, que se fosse apenas por mim, eu teria ficado...

mas eu tinha alguém perto de mim... com quem eu me importava muito, e é certo que meu homem não queria se contentar em fazer minha felicidade, mas que ele também teria feito a de meu filho... ah! minha fé, larguei a palavra!

“Mas”, disse Montmorency, “eu estava em Paris na hora que você disse.

- Nós iremos ! Como acontece, meu senhor! o que eu te conheci de 846

preferência ao homem em questão!...

“Sim, eu estava lá”, retomou o marechal; e até, lembro-me de uma aventura que me aconteceu nessa época; atacado uma noite por mafiosos, eu estava prestes a sucumbir quando fui salvo por um digno estranho a quem doei o melhor de meus cavalos, meu bom Galaor...

"Para o inferno seja o salvador!" resmungou o velho caminhoneiro. Um grande serviço ele me fez lá!...

Houve alguns minutos de silêncio. O marechal refletiu. Ele olhou com satisfação sombria para o rosto despreocupado e destemido de seu anfitrião, e enquanto detalhava a óbvia miséria do caminhoneiro, sua satisfação parecia aumentar.

"Meu caro Monsieur de Pardaillan", disse ele de repente, "você notou uma coisa: é que não nos vemos há dezesseis anos, que estou aqui com você aqui ainda não o chamei para prestar contas de sua traição.

847

"Bang! Ele veio ! pensou Pardaillan.

Que traição? ele disse em voz alta, apertando os olhos fortemente ao lado de seu florete.

E como Henri permaneceu em silêncio, talvez hesitando em despertar os fantasmas que dormiam dentro dele.

"Estou lá", disse Pardaillan, dando um tapa na testa.

Sem dúvida, Monsenhor quer falar comigo sobre esse mendigo, esse canalha, esse traidor, esse desgraçado que matou um veado na floresta de Monsenhor? Você o fez pendurar no galho mais baixo de uma castanheira que ainda vejo. Linda árvore minha fé! É verdade, e eu me acuso disso com toda humildade, assim que meu senhor me deu meia-volta, pus o patife no anzol; prova de que ele fugiu sem me agradecer; que vai me ensinar. Foi uma traição, confesso.

"Eu não conhecia esse detalhe, Monsieur de Pardaillan", disse Montmorency.

- Diabo ! Não é isso que meu senhor chama de traição? Aliás, entre tantos enforcados, um a mais, um a menos... pela primeira vez, estou lá; uma bela noite, monsenhor havia ligado o

festa com alguns altos barões como ele para ir, ao cair da noite, arrombar a porta de uma certa cabana, levar a jovem noiva que acabara de se casar no mesmo dia, e sortear para ela diante do marido... Basta! ... Monsenhor e seus amigos encontraram a cabana vazia e o pássaro voou para longe; o vermelho vem à minha testa; não acredite ao menos que seja cinismo, mas sou forçado a concordar que fui eu quem advertiu o jovem marido da donzela...

“Eu tinha esquecido o pássaro e a gaiola vazia, Monsieur de Pardaillan...

– Ah! pela primeira vez, meu senhor, dou minha língua ao gato. Pode, senhor? Depois de um bom jantar, é-me impossível digerir bem se não sinto o meu florete nas pernas, a mania de um velho ferro-velho...

Pardaillan havia se levantado; Rapidamente ele pegou sua espada e a cingiu com um suspiro de alívio.

Henri de Montmorency tinha um daqueles sorrisos lívidos que às vezes davam ao seu rosto uma expressão tão cruel de ironia básica.

“Agora,” ele disse, “eu tenho certeza que sua memória vai voltar para você!

“De fato”, disse Pardaillan friamente; Lembro-me de certas traições do tipo que expus. Será que Monsenhor, por acaso, gostaria de aludir ao caso Margency, depois do qual tive o pesar de deixá-lo?

“Você me deixou porque pensou que seria enforcado.

- Carrasco! Fi! Meu Senhor ! Esquartejado, rodado rapidamente na hora certa! Mas simplesmente enforcado... Eu não teria me dado ao trabalho de fazer viagens tão longas. Quanto ao caso, confesso-o como os outros, milorde; Eu traí você naquele dia; Devolvi a criança à mãe.

O que você quer ! Ouvi essa mãe chorar; Ouvi-o dizer coisas que me deram arrepios; Eu não sabia que a dor humana poderia encontrar tais acentos; e eu não sabia que poderia haver tais dores.

Além disso, eu disse a mim mesmo que se você tivesse ouvido esta mãe chorando, você teria imediatamente me dado a ordem para devolver a criança; Eu venci seu 850

ordem... então, eu também disse a mim mesmo que diante de tanta dor, você sem dúvida ficaria horrorizado com o crime que eu havia cometido ao seqüestrar o pequeno e que, cheio desse justo horror, você não deixaria de jogue-me em algum calabouço, é por isso que eu fui embora. Deixe-me completar uma confissão inteira; durante dezesseis anos não houve um dia em que eu não me arrependesse de ter obedecido a você naquele dia e de ter sido a causa de grandes infortúnios. E você senhor?

Henri de Montmorency permaneceu em silêncio por alguns momentos, depois disse:

"Muito bem, Mestre Pardaillan. Vejo que você tem uma boa memória. Portanto, volto agora ao que lhe disse: você me traiu. Não procuro e não quero saber os motivos de sua traição; Eu vejo, isso é tudo. Agora, por favor, note que eu não o culpo por essa traição. Eu esqueci.

Eu quero esquecer.

Pardaillan ouviu com atenção constante.

O marechal se levantou, e com uma espécie de 851

dignidade rude, acrescentou:

"Também quero esquecer que um momento atrás você pegou seu florete, pensando que haveria discussão entre você e eu; Quero esquecer que você poderia ter acreditado que eu cruzaria minha espada contra seu ferro.

Pardaillan se levantou e cruzou os braços.

"Sua espada, meu senhor, pode ter cruzado espadas menos nobres. Não sou um desses barões que se dedicam a roubar mulheres ou crianças; Eu não sou um daqueles duques que, armados como cavaleiros para proteger os fracos e intimidar os fortes, abaixam sua cavalaria para tremer diante dos príncipes e depois procuram lavar sua baixeza no sangue de suas vítimas. Não senhor! Não tenho bosques cujas árvores eu possa transformar em forcas, nem aldeias onde possa caminhar o orgulho de minhas injustiças, nem castelos a serem esquecidos, nem louváveis oficiais de justiça, nem guardas na ponte levadiça que atravessa ainda o remorso nas noites de inverno, quando o assobio do vento soa tanto como gemidos ou gritos de 852

vingança. Conseqüentemente, eu não sou o que é chamado um grande senhor. Mas é bom que às vezes grandes senhores como você ouçam vozes como a minha. É por isso que te falo sem raiva e sem medo, sabendo que você é um homem e que eu sou outro, sabendo que

meu florete vale sua espada, e que se lhe ocorreu neste momento a ideia de impor silêncio, eu teria generosidade suficiente para esquecer memórias inesquecíveis e honrar seu ferro com o choque do meu ferro.

Henri de Montmorency deu de ombros e disse:

“Monsieur de Pardaillan, por favor, sente-se; nós precisamos conversar...

Será que o marechal ouviu o apóstrofo veemente do motorista? Provavelmente sim. Mas talvez tenha dito a si mesmo que, partindo de uma base tão baixa, essas palavras não poderiam alcançá-lo. Ou talvez a atitude de Pardaillan o tenha inspirado com uma admiração que o confirmou no projeto que havia concebido.

Foi, portanto, com muita frieza que, tendo sentado 853

ele mesmo, retomou:

“Vejo, mestre Pardaillan, que você ainda gosta da lâmina; mas se você não se importar, não desembainhará sua espada esta noite. Muitas outras oportunidades serão oferecidas a você. Considero-o um bom e digno cavalheiro, concedo ao seu florete a estima que tanto reivindica; suas palavras não me ofendem; Só quero ver nele o grito de um homem valente e leal. Ouça-me, por favor, porque quero fazer-lhe propostas que você terá a liberdade de aceitar ou recusar; se você recusar, você atirará do seu lado, eu do meu, e tudo será dito. Se você aceitar, isso só pode resultar em honra e benefício para você.

“Isso é falar com franqueza, meu senhor!

E Pardaillan disse a si mesmo:

“Como a idade muda um homem!

Antigamente, por um quarto do que eu disse a ele, ele teria me carregado com espada e punhal em minhas mãos...

mas o que ele pode querer de mim? Ele esqueceu o caso Margency, ou não guarda rancor; ele eu 854

bajulação, ele me lisonjeia, ele precisa de mim?

“Senhor de Pardaillan”, continuou o marechal depois de um momento de reflexão, “sabe que muitos jovens, e os mais corajosos deles, invejariam a firmeza de seu olhar, a agilidade de seus gestos? agora você deve ser terrível...

- Ei! conhecemos seu trabalho como sucateiro, só isso!

– Mas idade?

– Ah! meu senhor, você mesmo me disse que eu não tinha envelhecido. É fato que os anos são leves para mim...

“Então, como naquele dia em que vi você enfrentar três espadachins...

- Ei! meu senhor, se houver apenas três, tudo ficará bem.

"Então você não perdeu nada dessa bela frieza, essa flexibilidade e essa força que eu tanto admirava?"

– Monsenhor, viajando pelas estradas, encontramos muitas pessoas, e 855 não aconteceram

semana em que eu tive que lutar contra isso. Não é para repreendê-lo por isso, mas enferrujei em seu castelo de Montmorency; desde então já me exercitei bastante, graças a Deus, e recuperei o que poderia ter perdido.

- Bom ! disse o marechal com um olhar de admiração; E aquele apetite furioso por aventura que o diferenciava?

“O apetite está bom, meu senhor; são as oportunidades para satisfazê-lo que estão faltando.

A ambiguidade e o tom eram tão engraçados que o marechal não pôde deixar de rir com vontade.

" Bom ! pensou o motorista do caminhão, ele definitivamente não está bravo comigo. »

“Então,” continuou Henri, continuando a piada, “se lhe oferecessem um jantar todos os dias...

– Depende do tipo de refeição que me seria oferecida. Há aventura e aventura. Alguns me excitam; outros, ao contrário, me desanimam e dizem... que jantei antes de me sentar à mesa.

856

"Muito bem", disse o marechal, retomando aquele ar sombrio que tão raramente o abandonava; escute-me, portanto, com toda a sua atenção, porque o que tenho a lhe dizer é da maior gravidade.

Ele pareceu ter uma última hesitação, então, decidindo-se:

"Monsieur de Pardaillan, o que você acha do rei da França?"

Os olhos do motorista se arregalaram.

"O rei da França, monsenhor!" E o que diabos você quer que um pobre coitado como eu pense sobre isso, exceto que ele é o rei! O rei ! Ou seja, a onipotência encarnada, ou seja, um ser um pouco menos que Deus, mas muito mais que o homem e sobre o qual não devemos erguer os olhos, medo de ser deslumbrados. ...

– Pardaillan, suponho que você seja um daqueles que não teve medo de se deslumbrar... Então você olhou; diga-me o que pensa, e prometo-lhe que ninguém jamais saberá seus pensamentos.

– Monsenhor, eu estaria muito mais no meu 857

confortável, se você mesmo começou...

- Aquilo é ! disse o marechal com sua voz terrivelmente calma, não acho que Carlos IX seja um rei...

Pardaillan começou. Ele pensou ter visto um abismo se abrindo perto dele, e no fundo desse abismo, estranhas sombras se moviam em direção a um objetivo desconhecido.

“Monsenhor”, disse ele, “não conheço Sua Majestade: dizem que o rei é fraco e mau; diz-se que ele sofre de uma doença que pode lhe dar acessos de raiva; dizem que ele não tem piedade nem coragem; isso é o que eles dizem; mas eu, eu não sei nada... só uma coisa; é que tal rei é incapaz de inspirar a verdadeira devoção.

“Se esse é o seu pensamento, acredito que podemos chegar a um entendimento; você é livre, vigoroso, cheio de bravura e habilidade; em vez de desperdiçar essas qualidades em más aventuras na estrada, você pode empregá-las em um grande trabalho. Há perigo. Mas o perigo não é desagradá-lo. Que tal, em vez deste rei maníaco, 858

desconfiado, implacável e doente, o que você diria de um rei que seria generosidade feita homem, de um rei que seria grande de coração e grande de raça, jovem, entusiasmado, sem dúvida sonhando em se tornar famoso e, portanto, capaz de dar tudo aqueles ao seu redor a oportunidade de se ilustrar?

“Monsenhor, você está simplesmente sugerindo que eu conspire contra o rei...

- Sim ! disse Montmorency bruscamente.

Pardaillan assentiu e soltou um longo assobio.

“Você vê”, retomou o marechal, “a confiança que todas as suas traições me deram em você; homens do seu calibre são raros, e quando você conhece um, você entende toda a felicidade que existe em falar de coração aberto...

“Não estou dizendo não, meu senhor: só essa felicidade pode levar ao cadafalso.

– Você teria medo?

"Do que eu poderia ter medo, já que eu nem tinha medo de você?"

859

“Então quem está parando você?” disse Montmorency, sorrindo para essa lisonja inteligente. Além disso, devo avisá-lo de que não estou pedindo ação direta, mas ação de segunda mão.

“Explique-se, meu senhor, explique-se. É incrível como é difícil para mim entender quando as pessoas não falam comigo em bom francês!

– Aqui está: estou engajado nesta aventura; seja qual for o resultado, eu vou até o fim. Agora, tal evento pode surgir onde precisarei de alguns homens dedicados ao meu redor. Em caso de derrota, sozinho ou com pessoas indiferentes, eu me defendia mal. Finalmente, preciso de alguém que cuide de mim enquanto mantenho toda a minha liberdade de ação. Se eu for para a batalha, esse alguém estará perto de mim, pronto para aparar os golpes, se necessário. ; se eu for apanhado, ele dará um jeito de me livrar. Agora, ninguém mais do que você possui as qualidades de astúcia e flexibilidade necessárias em uma guerra desse tipo; especialmente porque eu preciso de um 860

embaixador, você seria o repositório dos meus pensamentos e poderia falar em meu nome...

"Estou começando a entender, senhor.

Serei o braço que age sem que ninguém possa conhecer o cérebro que dirigiu este braço.

- Perfeitamente. A coisa combina com você?

– Sim, se eu encontrar interesse nisso.

- O que você está perguntando? Fale e não tenha medo de perguntar.

- Nada para mim, a não ser para ser pago pelos meus passos e passos.

“Você receberá quinhentas coroas por mês enquanto permanecer a meu serviço nesta campanha. É o suficiente?

- É muito. Mas isso, meu senhor, é um pagamento e não uma recompensa.

"Se você não quer nada para si mesmo, para quem você está pedindo?"

- Para o meu filho.

– Ah! Você tem um filho!

“Eu não te disse, meu senhor?

861

- É verdade. Bem, o que você está pedindo para este filho?

– Se a campanha falhar, uma quantia de cem mil libras que lhe será assegurada por doação.

– E se a campanha for bem-sucedida?

“Isso quer dizer, se colocarmos no trono um rei de nossa escolha? Então, meu senhor, não é mais dinheiro que estou pedindo. Mas me parece que um tenente com promessa de capitania seria a recompensa digna do filho do homem que o teria servido. Especialmente porque este filho, se não me engano, nos trará uma espada que, garanto, não deve ser desprezada.

"Quanto às cem mil libras", disse o marechal, "comprometo-me com isso agora." Quanto ao tenente, comprometo-me a colocá-lo no rol de condições que pretendo impor para minha aceitação final.

“Muito bem, milorde, sua palavra me basta... por enquanto... E quando começa esta campanha? Em outras palavras, quando você quer que eu esteja em Paris?

862

O marechal refletiu por alguns momentos.

- Mas, em dois meses por exemplo, ele finalmente disse. Até lá, nada sério estará preparado. Bastaria, portanto, que você estivesse no meu hotel nos primeiros dias de abril.

— Estaremos lá, meu senhor, e até antes.

- Não. Seria bom, pelo contrário, se você não fosse visto em Paris até então. Da mesma forma, quando você chegar, será bom que você vá diretamente ao Hôtel de Mesmes sem que nenhuma pessoa conhecida tenha sido recebida por você.

– Chegarei à noite, na primeira semana de abril.

- Vai ser perfeito assim. Agora, até lá, o que você vai fazer?

- Puxa! Aproximo-me lentamente de Paris como um bom carrinho.

- Você precisa de dinheiro?

Sem esperar resposta, o marechal chamou seu escudeiro e lhe disse algumas palavras em voz baixa.

O escudeiro saiu e voltou alguns momentos depois 863

tarde com um saquinho rechonchudo que colocou sobre a mesa.

- Aqui, disse a velha estrada, uma espécie de sobremesa que há muito não provava.

E assim dizendo, pegou a bolsa, que instantaneamente desapareceu em um de seus bolsos.

Uma hora depois dessa cena, todos estavam dormindo na pousada. Apenas Montmorency e Pardaillan ainda pensavam antes de adormecer, um em sua cama, o outro no feno do sótão onde ele havia se instalado.

"Acabo de fazer uma aquisição", pensou o primeiro, "que o duque de Guise teria pago a peso de ouro." »

E o outro disse para si mesmo:

"Arrisco minha vida, mas garanto a fortuna do meu filho..."

XXXIII

Os prisioneiros

Foi nos primeiros dias de abril, ou seja, na época em que o velho Pardaillan, vestido com roupas novas e transformado da cabeça aos pés, se aproximava de Paris, e quando seu filho tentava se relacionar com François de Montmorency , que levamos ao Hôtel de Mesmes, onde Jeanne de Piennes e Loïse estão prisioneiras há doze dias.

O marechal de Damville, sombrio e agitado, caminhava sozinho em uma grande sala do primeiro andar.

Sua vida virou de cabeça para baixo.

Ao encontrar Jeanne, Henri sentiu-se violentamente trazido de volta aos sentimentos de sua juventude.

Pudemos ver no capítulo anterior que, pouco a pouco, a força de seus sentimentos havia diminuído a ponto de ele não ter tido uma palavra de ódio contra Pardaillan.

Foi porque Henri acabou esquecendo Jeanne.

Pelo menos ele acreditou.

Mas no momento em que a encontrou, voltou a vê-la, tomou posse dela, compreendeu que ainda a amava.

Esse amor talvez já não assumisse as mesmas formas, talvez estivesse misturado com uma espécie de orgulho obstinado; mas Henrique viu claramente que, se antes, para satisfazer

suas paixões, ele era capaz de um crime, agora era capaz de toda violência e de toda covardia.

No entanto, essa paixão permaneceu insaciável.

- Antigamente, pensou ele, quando eu a observava através das sebes do chalé onde ela se refugiara, quando sentia meu coração inchar e as veias das minhas têmporas baterem baixinho, eu dizia a mim mesmo que jamais ousaria chegar mais perto de mim. sua. E tudo que eu queria era que ela 866

não pertencia a outro... a ele! a esse suave hipócrita que a seduzira com a arte das belas palavras que nunca conheci. Sim, então eu concordei em não vê-la novamente, desde que ele não a visse novamente. Lembro-me que quando ele me machucou, quando fui trazido de volta morrendo por aqueles madeireiros, minha dor mais violenta foi pensar que eles poderiam se unir, e que tudo o que eu havia imaginado e executado seria inútil! Felizmente não foi, e quando soube que meu pai tinha arranjado a separação final, quase morri de alegria, como quase morri de dor. E isso me basta! De onde vem isso? Como foi que eu não coloquei o ardor em encontrá-la que eu deveria ter?

O Marechal parou em pensamento e deu esta resposta:

“É porque eu o odiava ainda mais do que a amava! Por isso os anos acabaram apagando o amor enquanto o ódio permanecia vivo! O ódio! Sim, sempre o odiei!... e é por ódio, pelo 867

dominar, para derrubá-lo e esmagá-lo, que me joguei nessa formidável aventura da qual posso não sair vivo.

Então, o amor se desvaneceu... e agora eu entendo o porquê!

Ele retomou sua caminhada inquieta, perseguindo o fio de seu pensamento sombrio.

– Sim: mas então, por que estou tão perturbado por tê-la encontrado? Por que sinto o ardor da paixão que pensei estar extinto? Eu o amaria agora mais do que o amava antes?... Onde ele está?... Longe de Paris, sem dúvida... Por que não posso deixá-lo saber que olho, está em meu poder!

Enquanto Henri pronunciava essas palavras nas profundezas de seus pensamentos, houve uma batida na porta.

Ele fez um gesto de impaciência e foi abrir a porta.

Este homem que vislumbramos em Ponts-de-Cé, e que serviu como seu escudeiro, apareceu.

“Monsenhor,” ele disse sem esperar ser questionado, “notícias sérias.

- Falar.

868

“O irmão do monsenhor está em Paris.

Damville ficou pálido.

“Eu mesmo o vi”, continuou o escudeiro, “eu o segui; ele está em seu hotel.

"Tem certeza que você não está enganado?"

“Eu vi isso como eu vejo você, meu senhor.

- Está tudo bem, me deixe em paz.

Sozinho, Henri de Montmorency deixou-se cair numa poltrona. Aquele que, um momento antes, afirmou a si mesmo que gostaria de conhecer seu irmão, tremia agora.

E já procurava uma forma de evitar, de fugir deste homem...

Porque este homem, seu irmão! era uma vingança que, de um minuto para o outro, podia estar diante dele, ameaçadora, implacável!

– François em Paris! ele murmurou com um grande arrepio. Oh ! Sinto que o encontro é inevitável; Sinto que uma mão nos empurra fatalmente um para o outro. Em vão, por dezesseis anos, colocamos a distância entre nós! Em 869

em vão percorri o Sul enquanto estava no Norte! O inevitável deve acontecer... Em uma semana, talvez amanhã, estaremos frente a frente. E então, o que ele vai me dizer? O que devo dizer a ele?

Levantou-se, deu alguns passos, o rosto contraído, tentando dominar ou desculpar aos próprios olhos o terror que lhe causava a simples notícia da chegada do irmão.

No caminho, ele encontrou uma pequena mesa. Ele deu um soco na mesa.

– Ah! se eu estivesse sozinho! ele rosnou. Como eu esperaria com uma base firme! ou melhor, como eu iria procurá-lo, desafiá-lo, gritar na cara dele: Você veio me procurar em Paris! Aqui estou ! O que você quer!... Mas eu não estou mais sozinho! Ela está lá! E eu a amo ! E eu não quero que ele a encontre aqui! Eu não quero que eles se encontrem! Quem sabe se ele ainda não o ama!... O que fazer? Onde colocá-lo? Onde escondê-lo?...

Por uma hora, Henri de Montmorency continuou sua caminhada, que gradualmente se acalmou.

870

Finalmente, um sorriso apareceu em seus lábios.

Talvez tivesse encontrado o que procurava, pois sussurrou:

“Sim... lá ela estará segura... tenho uma boa maneira de me assegurar da fidelidade desta mulher...

vamos ver !

Ao mesmo tempo, ele foi ao apartamento onde Jeanne de Piennes e Loise estavam trancadas. Chegado à porta, escutou por um momento, e não ouvindo nenhum ruído, abriu-a suavemente com uma chave que trazia consigo, depois empurrou a porta e parou, empalidecendo:

Jeanne e sua filha estavam na frente dele!

Apertados um contra o outro, entrelaçados em um abraço como se se protegessem, brancos, os seios latejando, eles o olhavam com um pavor indescritível.

No primeiro momento, ele viu apenas Jeanne...

Como ela ainda era linda! E como sua beleza, por ter perdido esta flor de graça que pertence apenas à primavera, desabrochou 871

radiante e forte em seu verão!...

Deu um passo, fechou a porta com cuidado atrás de si e avançou, dizendo:

“Você me reconhece, senhora?

Jeanne de Piennes colocou-se resolutamente diante de Loise. O vermelho da vergonha corou sua testa.

Ela diz :

"Como você ousa aparecer na frente desta criança?" Como ousa falar comigo na presença dele?

"Eu vejo agora que você me reconhece!" disse o marechal, com aquela espécie de ironia amarga e dura que dava à sua voz um sotaque especial, mesmo em momentos de paixão. Congratulo-me com isso. Vejo que não envelheci muito, como dizia recentemente...

alguém que você deve ter lembrado...

M. de Pardaillan!

Loise soltou um grito lamentoso e cobriu o rosto com as duas mãos.

A exaltação do sentimento maternal transportou Jeanne aos últimos limites da audácia e 872

aumentou sua força.

“Senhor”, ela disse, com uma voz muito pura e muito calma, “você está errado em evocar lembranças tão odiosas na frente de minha filha. Vá embora ; acredite em mim. Você cometeu uma covardia final ao nos arrebatar da pobre felicidade que me restava. Um crime mais ou menos não conta em sua vida! Somos seus prisioneiros, sim! mas eu juro a você que estou determinado a poupar meu filho da mancha de suas infames alusões.

Um estremecimento de fúria sacudiu Montmorency. Seus punhos cerrados. Ele estava a ponto de liberar os sentimentos selvagens que ferviam nessa natureza apaixonada. Mas ele se conteve.

“Sim”, disse ele, balançando a cabeça, “aí está você, como sempre o vi; toda vez que me encontrava em sua presença, era ódio ou terror que eu lia em seu rosto. E ainda hoje, depois de tantos anos que talvez devessem ter inspirado em você o esquecimento, o terror e o ódio, é isso que encontro em cada uma de suas palavras e em cada um de seus gestos...

873

Mas tudo isso provavelmente não importa para você. Eu tenho que falar com você, senhora. E, como você, acho apropriado que nossa conversa permaneça de você para mim. Então eu imploro a sua filha que se retire.

Loise jogou um de seus braços em volta do pescoço de Jeanne.

“Mãe”, ela gritou, “não vou deixar você!

“Não, minha filha”, disse Jeanne, “não vamos nos separar. Não importa o que esse homem diga, sua mãe está aqui para defendê-lo...

Henri corou e empalideceu em rápida sucessão. Seu plano de isolar Jeanne estava falhando. Por um momento, ele se perguntou se iria recorrer à violência.

Mas ele viu Jeanne tão determinada que teve medo por um minuto.

E ainda assim ele queria falar com ela. Toda aquela paixão exasperada de sua juventude, que ele julgava sufocada, subiu-lhe aos lábios.

Seu olhar agora vacilou. Sua cabeça estava vagando.

- Do que você tem medo? ele disse em voz baixa 874

e rouco, suplicante e ameaçador ao mesmo tempo. Se eu quisesse separar você de sua filha, já o teria feito com facilidade. Eu não queria. Diga e pense o que quiser, você não me privará

do mérito da franqueza. Sim, fui violento com você, e talvez volte a ser. Eu sou fiel a mim mesmo! Não sou desses covardes que, quando casados, repudiam suas esposas. você rosna! Toda a sua atitude protesta. O que você quer que eu faça? Você não pode deixar de ser o que é. E o que é, é que se François te abandonou covardemente, eu sou fiel!

Um grito de horror e indignação saiu dos lábios de Jeanne. Sem pensar nisso, Henri tinha acabado de encontrar a melhor tática para forçar Jeanne a responder.

Por um segundo ela esqueceu Loise de pensar apenas em François.

"Miserável", ela gritou em uma explosão de entusiasmo que parecia ser exaltada por todo o seu antigo amor, "Miserável, é você, é seu crime, é sua infâmia que nos separou. Mas saiba disso, 875

longe de mim, François chora por mim, como eu choro por ele!

Jeanne caiu em prantos.

- Mãe, mãe! Eu fico contigo! gritou Lois.

Essas palavras de seu filho restauraram a presença de espírito de Jeanne. Ela abraçou a filha.

– Sim, meu filho, meu amado, você permanece comigo... e agora você é meu único tesouro...

Henri olhou tristemente para a visão de mãe e filha entrelaçadas. Compreendeu o enorme erro que cometera ao não os separar... compreendeu que todas as suas palavras seriam em vão, e que só a violência lhe restava como último recurso.

"Isso é bom," ele continuou, tentando dar a sua voz um sotaque de moderação. Mais tarde, você me fará justiça... sim! quando souber de que perigo salvei vocês dois, talvez olhe para mim com menos horror.

No momento, você deve saber o que vim lhe dizer. Você não pode ficar 876

neste hotel. O mesmo perigo que o ameaçou na rue Saint-Denis ainda o ameaça aqui...

Então, por favor, prepare-se; dentro de uma hora uma carruagem a transportará para uma casa onde estará em perfeita segurança.Adeus, Madame!

Um movimento imperceptível de alegria escapou de Jeanne.

Mas o olhar desconfiado de Henri captou esse movimento.

"Eu tenho que te dizer," ele disse friamente, "que qualquer tentativa, qualquer choro durante a viagem seria no mínimo inútil... a menos que eles fossem muito perigosos... para esta criança."

E saiu resmungando consigo mesmo:

“Além disso, terei o cuidado de escolher um momento adequado.

Depois que Henri de Montmorency saiu, as duas mulheres permaneceram em silêncio e como que estupefatas por alguns minutos.

A exaltação artificial que havia apoiado Jeanne na presença de seu temível inimigo caiu de repente. Ela sentiu um daqueles terrores que 877

paralisar o pensamento. Para encontrar um igual em sua vida, ela teria que voltar ao dia desastroso em Margency quando, na frente de François, Henri a acusou.

Acabou, ela pensou. Minha filha está perdida, eu estou perdido! »

De fato, a entrevista que acabara de ter com Henri – se é que se pode dar o nome de entrevista a essa troca de ameaças e desafios – provou-lhe que esse homem ainda era o que era.

Nos dias que acabavam de passar, a mãe infeliz recomeçara a ter esperança.

E, no entanto, ela sabia que estava sob o poder de Henri de Montmorency.

De fato, talvez não tenha sido esquecido que no dia em que foram levados ao Hotel de Mesmes, o Marechal, abrindo subitamente a porta, apareceu à mãe e à filha no exato momento em que trocavam especulações sobre essa estranha prisão. .

Mas naquele dia, Henri não disse nada.

Talvez a visão de Joan tenha produzido 878

um efeito mais violento sobre ele do que ele esperava.

Ele não tinha encontrado nada para dizer.

Lívido, gaguejando palavras incoerentemente confusas, meio sussurradas, ele se retirou após essa aparição de um segundo.

Os dias se passaram sem que ele se atrevesse a arriscar outra entrevista.

E enquanto Jeanne esperava que o remorso talvez o tivesse tocado, o marechal de Damville observou que sua paixão era mais violenta do que nunca.

A esperança de Jeanne tinha acabado de desaparecer.

Ainda era o mesmo Henri que ela conhecera, com menos violência aparente, com mais hipocrisia.

"O que ele vai fazer com a gente?" ela se perguntou baixinho.

"Coragem, mãe", disse Loise. Para onde esse homem nos leva, desde que não estejamos separados?

Naquela noite, as duas mulheres nunca 879

não dormiu.

Mas a noite terminou sem que ninguém viesse buscá-los, apesar do que Henri havia anunciado, e foi só de manhã que eles adormeceram, quebrados, um ao lado do outro.

880

XXXIV

Rua do Machado

Um evento duplo impediu o marechal de Damville de realizar seu plano naquela noite. Curiosamente, quando deixou Jeanne de Piennes, viu-se quase feliz. Em suma, ele havia dado o primeiro golpe. E então, sua invenção de dizer que os havia sequestrado para salvá-los do perigo parecia-lhe magnífica.

– Ela começa me xingando, outra vez, ela vai me ouvir sem raiva...

Foi cheio dessa ideia que ele se preparou para garantir a seus prisioneiros uma aposentadoria segura.

Separar-se deles foi certamente doloroso para ele. Mas a certeza de que François estava em Paris, vagos pressentimentos de que seu irmão poderia muito bem vir ao hotel, decidiram-no nessa separação que 881

além disso, segundo ele, não seria de longa duração.

Henri esperou até que a noite começasse a cair.

Por volta das sete e meia, ao entardecer, enrolou-se numa ampla capa, pôs na cabeça um chapéu sem penas, pôs no cinto um punhal robusto e saiu do hotel.

Meia hora depois estava na rue de la Hache e parou na esquina da rue Traversière, em frente à casinha de porta verde... A casa de Alice de Lux!

Com um rápido olhar, o marechal se certificou de que ninguém o observava, então introduziu uma chave na fechadura.

Mas a porta não abriu...

– Ah! ah! pensou, ela trocou as fechaduras! Oh ! Ela é uma mulher forte, tanto quanto eu poderia dizer.

Então ele decidiu bater. O silêncio permaneceu no fundo da casa. E uma luz que ele tinha acabado de notar através dos nós dos dedos 882

saiu imediatamente.

– Estamos cautelosos! ele rosnou. Então aí está ela.

Pelo diabo, eles vão ter que me deixar entrar!

Ele bateu mais forte. E sem dúvida, lá dentro, eles temiam que o barulho despertasse a curiosidade para esta casa que absolutamente precisava ser deixada sem vigilância, pois Henri ouviu passos na areia do pequeno jardim e logo, através da porta, uma voz estridente foi ouvida:

– Vá em frente, se você não quer que eu chame o vigia...

-Laura! gritou Henrique.

Uma exclamação abafada respondeu-lhe.

“Abra, Laura”, retomou o marechal, “ou, por todos os diabos, eu vou pular o muro!

A porta se abriu imediatamente.

“Você, meu senhor! disse a velha Laura.

– Sim, eu, o que há de espanto?...

- Por quase um ano...

– Mais uma razão para me receber com 883

ansiedade quando eu voltar. Agora, eu quero falar com Alice.

"Ela não está em Paris, meu senhor!"

- Vamos então! zombou Henrique; o único barulho foi seu retorno, na outra manhã, ao Louvre, entre o esquadrão voador da rainha!

Henry levantou a voz.

- Ela se foi! recomeçou Laura energicamente.

– Nesse caso, estou me acomodando aqui para esperá-lo, mesmo que tenha que esperar um mês.

"Por favor, entre, senhor", disse uma voz, quando uma forma branca apareceu na porta.

Era Alice; o marechal reconheceu-a imediatamente e saudou-a com uma graça não isenta daquela insolência que aquele cavaleiro de alta estatura julgava ter o direito de deixar adivinhar.

Alice tinha voltado para a casa... Laura acendeu as tochas novamente. O marechal virou-se para Alice. Esta, um pouco pálida, com os olhos baixos, esperou Laura sair.

884

"Estou ouvindo você, senhor," ela disse então; você força minha porta; você fala alto, você me cumprimenta com toda a ironia de que é capaz; tudo porque eu era sua amante.

Vamos, o que você tem para me dizer?

O marechal ficou atônito por um momento.

Havia uma espécie de dignidade dolorosa no comportamento e semblante de Alice.

Ele se descobriu e se curvou gravemente.

- O que eu tenho para lhe dizer! ele disse. Em primeiro lugar, pedir-lhe perdão por me apresentar desta forma.

Receio ter despertado sua raiva quando venho lhe pedir um favor.

"Eu não tenho raiva, senhor", disse Alice.

E, de fato, a partir do momento em que ela entendeu que o marechal de Damville não vinha como um amante que adquiriu direitos, a partir do momento em que ele falou de um serviço que ela poderia prestar-lhe, a presença de Henri tornou-se indiferente a ela. .

No entanto, Henri olhou ao redor desta sala que ele conhecia bem.

“Nada mudou”, disse ele, “exceto duas coisas.

885

"Quais, senhor?"

– Em primeiro lugar você, que está mais linda do que nunca... ah! fique tranquilo, isso não é uma afirmação, mas uma simples observação.

- Próximo ? disse Alice, tranquilizando-se sobre as intenções de Henri.

“Então,” ele respondeu com um sorriso sem vexação, “este lugar vazio... este lugar onde havia um retrato.

- Seu, senhor. Eu vou fazer você entender em uma palavra por que seu retrato não está mais lá, por que demorou tanto para abrir para você, por que eu imploro que você me explique rapidamente o que você espera de mim e por que eu imploro que você esqueça que eu existo, que esta casa existe...

Eu tenho um amante.

Isso foi dito com uma clareza que teria parecido muito dolorosa ou muito sublime para Henri se ele pudesse ler o coração de sua ex-amante. Alice de Lux se viu em uma daquelas situações extremas em que a consideração se torna inútil e onde a sinceridade toma a forma do 886.

cinismo.

Não era de sua parte uma bravata, um desafio ou uma admissão: era uma advertência que, em geral, era para a honra do marechal, já que se supunha que ele era capaz de absoluta discrição.

"Fui substituído", disse Henri, sem suspeitar que ele estava dizendo algo rude; você me vê muito feliz com isso; não para você, embora eu lhe deseje toda felicidade, senhora, mas para mim.

Alice olhou para o marechal com espanto.

“Sim”, continuou o último, “o tipo de serviço que vim pedir a você exigia que você se esquecesse de mim o suficiente para entender o que estou prestes a lhe dizer, e não o suficiente para manter sua boa vontade para mim.

- É seu.

"Então, vou me explicar muito claramente", retomou Henri, que, a um sinal de Alice, sentou-se em uma poltrona.

Nesse exato momento, Alice empalideceu horrivelmente, abafando um grito.

887

Ela agarrou o marechal por um braço e, com um vigor aumentado cem vezes por algum perigo assustador, arrastou-o para um armário, cuja porta ela fechou.

Nesse mesmo segundo apareceu a velha Laura, assustada.

- Silêncio! Alice disse com a voz rouca. Eu digo ! Ouvi !...

O que ela sabia, o que ouvia, era que alguém tinha acabado de parar na porta externa, e que alguém estava abrindo, e só havia uma pessoa ali, que poderia abrir assim: o conde de Marillac!...

Em dois saltos o Conde atravessou o jardim e apareceu para Alice, que, lívida, chateada, estava parada no meio da sala, apoiada em uma poltrona.

“Você, querida amada! ela teve a força para pronunciar.

Ele caminhou para frente sorrindo, ambas as mãos estendidas em direção a ela. E imediatamente, ele viu sua confusão, sua palidez.

– Alice! Alice! ele chorou, você seria 888

doente ? Ou alguma emoção...

“Sim, emoção,” ela disse, quebrada pelo choque; a emoção de te ver, a alegria...

Ela enrijeceu convulsivamente e conseguiu dar uma fisionomia natural ao rosto.

Deodat ficou surpreso. É verdade que até então ele respeitara escrupulosamente a convenção de vir apenas nas horas e nos dias indicados. Alice, observando-o com aquela intensidade de atenção que era tão notável nela, viu claramente o que se passava na mente do jovem.

“Eu sou menina o suficiente! ela exclamou, sorrindo; Quase desmaiei porque te vejo na quinta-feira em vez de amanhã, sexta-feira. Mas é uma surpresa tão feliz, meu doce amigo... Eu só tenho você, só penso em você, e quando te vejo, é sempre o mesmo batimento cardíaco.

Ela falou com aquela volubilidade nervosa que já apontamos.

"Querida Alice! sussurrou o jovem em 889

tomando-a em seus braços e colocando seus lábios em seu cabelo perfumado. Eu também, só tenho você no mundo... Eu também, quando me aproximo desta casa abençoada, sinto meu coração se expandir, e uma alegria poderosa que me eleva, me transporta...

Alice se tranquilizou e pensou:

"O marechal vai ouvir... bem, afinal, o que me importa!" Ele não verá Deodat... ele não o reconhecerá...

“Perdoe-me, então, por ter vindo sem avisar”, recomeçou a contagem.

– Querido amado, perdoe-o! Quando estou tão feliz...

– Ai! toda a felicidade é para mim, e será muito breve... Vim avisar-te que amanhã não poderei passar perto de ti as horas de encanto, de doce conversa a que me habituaste...

"Eu não vou te ver amanhã!" exclamou Alice na sinceridade de seu arrependimento.

- Não. Ouça, meu amigo... estou atendendo hoje à noite, 890

em uma hora, em uma reunião muito séria onde vão estar altos personagens... mas não quero ter nada escondido de você...

Alice ficou estupefata.

Ela entendeu claramente que o conde ia contar seus segredos políticos.

E na hora, esse interrogatório torturante se colocou em seu espírito perturbado.

- Como impedi-lo de falar? Como Damville pode não ouvir?

"Você não é o coração do meu coração", continuou Deodat, "o pensamento do meu pensamento?"

Saiba que esta noite...

- Qual é o ponto, meu amado... não, cale a boca...

Eu não quero ouvir nada de você, mas palavras de amor...

“Alice”, disse o Conde sorrindo, “você é a companheira da minha vida, eu te amo não só com o coração, mas também com a mente, e você deve ser aquela para quem não há segredo em mim. . ..

– Fale mais baixo, eu te imploro, 891

ela gaguejou aterrorizada.

- Fale baixo? E por quê?... Quem poderia nos ouvir?...

E o conde, atônito, olhou ao redor.

-Laura,Laura! sussurrou Alice exausta.

Considere que minha tia é curiosa... e falante...

como todas as velhas...

– Ah! caramba, você tem razão! Eu não pensei nisso! riu a contagem.

Nesse momento, a porta se abriu. Laura apareceu.

“Querida criança”, disse ela, “tenho que sair por alguns minutos... quero aproveitar a presença de M. le Comte de Marillac para não deixá-la sozinha...

Alice quase deu um grito de desespero. Ela conseguira não pronunciar uma única vez o nome do conde, e a velha o disse em voz alta, quase gritou!...

"Você pode ficar tranquilo", disse Deodat.

- Não ! Não ! Não saia! Não se afaste desta sala! gritou Alice, fora de si.

892

- Oh ! Alice! murmurou o jovem ardentemente, "você não confia em mim, então?"

- Eu ! ela exclamou em uma explosão, cuidado com você!...

Ofegante, atormentada pela necessidade de parecer calma, ela sussurrou:

– Vá... vá... minha tia... mas volte rápido...

- Oh ! disse a velha Laura, "enquanto Monsieur le Comte estiver aqui, não tenho medo...

Um momento depois, o conde de Marillac ouviu a porta da rua se fechar muito alto.

- Nós estamos sozinhos! Ele disse com um sorriso. E quero persegui-lo com minha confiança e meus segredos...

Ela fez uma última tentativa desesperada.

Agarrando Deodat pela mão, ela tentou arrastá-lo para longe e, tomando uma daquelas resoluções extremas que se tem em momentos de pânico, ela gaguejou:

– Vamos... você nunca viu meu 893

quarto... eu quero mostrar para você...

O jovem estremeceu. Uma baforada de fogo subiu para sua testa.

Mas nesse coração generoso, o respeito daquela que ele considerava sua noiva se impôs imediatamente. Ele se censurou violentamente pelo pensamento que lhe passou pela cabeça e, para escapar da tentação, lançou-se loucamente em sua história.

"Vamos ficar aqui", respondeu ele, latejando. Eu só tenho alguns minutos restantes. Você sabe quem está esperando por mim, Alice? O Rei de Navarra! Sim, o próprio rei. E Almirante de Coligny! E o Príncipe de Condé... Eles se conheceram na rue de Béthisy...

“Ai de mim, ai de nós! gritou o infeliz nas profundezas de sua alma.

"Sem mencionar alguém que estamos esperando... o Marechal de Montmorency!"

Alice foi abalada com um terrível sobressalto.

E se o conde não estivesse, naquele momento, assustado com esse tremor, talvez tivesse notado um barulho, algo como um 894

exclamação abafada, perto dele, atrás de uma porta...

- Qual é o problema, Alice! gritou o jovem. Por que você está ficando pálido? mas você vai encontrar-se com dor!...

- Eu ? Não, não!... ou melhor, olhe... na verdade... não me sinto bem...

Por um momento, Alice se perguntou se desmaiar seria a única solução possível. Mas com aquela rapidez de cálculo que possuía ao máximo, imaginou imediatamente que, se desmaiasse, Deodat procuraria água na casa, que talvez abrisse a primeira porta do escritório onde estava Henri de Montmorency!

– Acabou, ela continuou então, acabou... Muitas vezes tenho esses vapores...

“Pobre anjo querido! Farei sua vida tão doce e bela que esses incômodos desconfortos desaparecerão...

– Sim, sim, vamos falar do futuro, meu caro 895

Curti...

“Devo deixar você, Alice! Você sabe quem está esperando por mim. Resoluções sérias serão tomadas. Escute, se nosso plano for bem sucedido, é o fim de todas as guerras... e então, Alice, não nos separamos mais, você se torna minha esposa, somos felizes para sempre... Alice, Alice, ouça... .é nada menos do que raptar Carlos IX e impor-lhe as nossas condições...

Desta vez escapou um grito surdo de Alice, que, fazendo um esforço supremo, correu para a porta, dizendo:

- Silêncio! Essa é minha tia!...

Ela abriu a porta e Laura realmente apareceu.

Alice só havia pronunciado essas palavras para deter Deodat. Se ela estivesse menos chateada, teria se perguntado por que não ouviu a porta da rua se abrir e por que a aparição de Laura coincidiu tão bem com o que ela acabara de dizer.

Quanto ao conde, estava convencido de que a velha tinha mesmo acabado de regressar.

896

“Então”, continuou ele, como se continuasse uma conversa que havia começado, “não teremos nossa boa noite amanhã; você sabe, caro amigo, a jornada que sou forçado a fazer.

“Vamos, vamos, Monsieur le Comte”, gaguejou Alice, “e que o céu o guie!...

Como sempre, Deodat, diante de tia Laura, apertou a mão de sua noiva. Ainda como de costume, ela o acompanhou até a porta da rua no pequeno jardim, enquanto a tia permanecia em casa. Como de costume, finalmente, eles se despediram ali em um beijo apaixonado.

“Deodat”, ela então murmurou com um estremecimento, “esses fumos que você viu em mim não são sem razão. Nos últimos dias, tenho estado preocupado, tenho tido sonhos terríveis, pressentimentos sinistros me assaltam...

- Filho ! Filho !...

- Você me ama? ela perguntou, colocando toda a sua alma na pergunta.

- Se eu te amo! Como você pode me 897

perguntar isso?

- Nós iremos ! disse ela com um ardor que assustou o jovem, se realmente seu coração e sua vida são meus, Deodat, peço-lhe em graça, cuide de você! Oh ! espera ! em todos os momentos! E agora mais do que nunca! Cuidado com todos! Se seu pai estivesse lá, eu lhe diria: Cuidado com seu pai!... Déodat, digo mais ainda: cuidado com sua noiva!...

E como ele tentou fechar sua boca com um beijo.

– Nós sabemos! ela continuou febrilmente. Não pode me escapar uma palavra imprudente em um sono, em uma loucura! Oh ! Déodat, jura-me vigiar, sondar o pavimento por onde andas, afastar-te do inofensivo transeunte que encontras, olhar atrás das paredes antes de falares, certificar-me de que a água que bebes, a fruta que comes não está envenenado... juro! jurado...

"Bem, eu juro para você", disse ele, assustado com essa exaltação de terror. Mas, realmente, você acabaria me assustando. você teria ouvido o que 898

seja isso? O que você sabe?...

- Eu ! Nada, nada, eu juro! apenas palpites...

E com uma voz singular ela acrescentou:

“Mas meus pressentimentos, meus próprios, nunca estão errados e se tornam realidades terríveis... Déodat, tenho sua promessa, seu juramento de desafiá-lo dia e noite, cuidar de si mesmo, como se estivesse cercado por inimigos mortais...

– Sim, querida adorada, tens este juramento!...

Vamos, vamos, não se preocupe... em breve, esses alarmes vão acabar...

Ela o abraçou convulsivamente em seus braços.

Trocaram um último beijo e rapidamente o conde de Marillac foi embora na noite.

Alice ficou um minuto sozinha no jardim para reunir seus pensamentos e contemplar a situação com aquela fria intrepidez de que aquela mulher extraordinária já havia dado tantas provas.

Essa situação era assustadora, e nas visões que lhe passavam pelo cérebro com a rapidez incalculável dos sonhos, ela via 899

claramente, como em um dia lívido, Déodat prendeu, torturou, colocou na roda e finalmente decapitou.

Na verdade, Montmorency tinha ouvido tudo.

Disso ela tinha certeza. Ele tentaria negar, mas ela sabia que ele tinha ouvido. Tudo !...

Primeiro o nome do Conde, pronunciado por Laura.

Depois, aquelas confidências que haviam escapado ao seu amor. Então o marechal sabia que o conde de Marillac estava tramando contra o rei da França, com o príncipe de Condé, com Henri de Navarra, com Coligny, com François de Montmorency!

Agora, por um lado, o marechal de Damville, ligado aos Guises, tinha interesse em denunciar os huguenotes.

Por outro lado, seu ódio pelo irmão deve tê-lo levado a essa denúncia, mesmo que quisesse poupar os huguenotes.

Esse ódio era bem conhecido de Alice.

Ela também sabia dos laços secretos de Henri com os Guise.

A conclusão no terrível silogismo 900

que estava construindo era com a claridade de um relâmpago: Ao sair daqui, o marechal irá ao Louvre e denunciará tudo, seu irmão, Coligny, Condé, Navarra.

O resto veio a ele no mesmo flash sinistro:

Déodat denunciado como os outros! foi a morte...

O que ! tudo o que ela amava, sua única e última esperança, sua razão de ainda viver, esse homem ia morrer...

Tais foram os reflexos de Alice de Lux no pequeno jardim, no momento em que o Conde de Marillac partiu tão feliz, tão apaixonado, tão feliz por ter dado à amada tamanha prova de confiança e amor.

Não havia saída para esta situação.

Com a testa nas duas mãos, os dentes cerrados, Alice lutou por apenas alguns segundos contra a horrível necessidade que se apresentou a ela: remover a possibilidade de denúncia no 901

removendo o possível denunciante.

Logo sua mente estava pronta. O assassinato foi aceito, decidido.

Então ela ficou surpreendentemente calma, após um rápido período de tremores enquanto sua carne se revoltava contra o derramamento de sangue.

Ela voltou para a casa; e, vamos lembrar, todo esse debate consigo mesma durou apenas um minuto. A morte de Montmorency lhe apareceu ao mesmo tempo, por assim dizer, como a morte de Deodat. Ela se viu esfaqueando o marechal no exato momento em que viu sua amiga, sua amada, subindo no cadafalso.

Alice entrou e, na sala de onde veio Deodat, tirou rapidamente uma adaga curta, afiada e sólida, não um brinquedo de mulher, mas a arma assassina com sua ponta quase triangular, sua lâmina grossa, seu cabo bem na mão.

Ela colocou a arma em sua mão, como tinha visto os espanhóis fazerem quando estava na corte de Jeanne d'Albret: a lâmina escondida no 902

manga da roupa flutuante, aponte para cima.

De modo que, num movimento brusco, bastava levantar o braço para que esse braço ficasse armado.

Então, sem fraqueza, sem palidez, foi até o armário onde Henri estava trancado e o abriu com a mão esquerda.

O marechal era alto.

Por isso, ela resolveu bater nele quando os dois estavam sentados, de frente um para o outro, conversando bem baixinho. Então ela de repente se levantava e batia no homem que ela estava dominando por um momento.

“Cuidado”, disse a si mesma, “ele vai negar, afirmar que não ouviu; e enquanto ele estiver ocupado provando isso para mim, o momento será propício...

As primeiras palavras do Marechal de Damville foram:

“Devo avisá-la, Alice, que ouvi tudo o que foi dito aqui.

Ela permaneceu tão estúpida. Ela havia planejado tudo, exceto isso.

Um gesto de perplexidade lhe escapou. No 903

movimento da manga flutuante, o Marechal viu o punhal brilhar...

Por um segundo ele ficou pensativo. Então, dando um passo à frente, ele disse baixinho:

“Devo dizer-lhe também que tenho comigo uma cota de malha que nunca me deixa e contra a qual sua adaga ficaria cega. Então, Alice, seria inútil você tentar me matar.

Alice recuou rapidamente para a porta de saída, que ela fechou. Ela encostou-se a esta porta e respondeu:

“Sinto muito que você tenha me adivinhado, porque isso vai me forçar a uma luta repugnante onde eu poderia chegar ao fundo, mas eu sou forçado a matar você. Então, senhor, eu vou atacá-lo.

Prefiro morrer sob seus golpes do que deixar você sair daqui vivo.

Ela então deixou de esconder sua adaga, ela a encaixou firmemente em sua mão; e, com os braços cruzados, encostada na porta, apenas um pouco pálida em seu longo vestido branco de lã, ela olhou para o marechal com 904

intrépido.

Henri de Montmorency fez um gesto de admiração.

E se é preciso dizer, essa admiração real não foi tanto pela bravura da jovem petrificada em atitude de guerra, mas pela beleza deslumbrante que a iluminou neste momento trágico.

Então, virando os olhos ao redor, por uma espécie de prudência, colocou-se de modo que a mesa ficasse entre Alice e ele.

'Alice,' ele disse estupidamente, 'o resultado de uma luta entre nós dois não pode ser duvidoso.

- Eu sei isso ! ela disse com uma calma prodigiosa; mate-me então; você ou eu, um deles tem que morrer aqui.

“Eu não vou te matar, e você não vai me matar. Se tiver de lhe impor as mãos para me deixar passar, contentar-me-ei em desarmá-lo, e passarei sem lhe fazer muito mal; Pelo menos eu espero que sim. De qualquer forma, não espere que eu te mate.

Ela se encolheu. Com essa palavra, o marechal indicou que havia entendido seu desespero.

“Mas”, continuou ele, “se você me obrigar à violência, declaro-lhe que, uma vez que cruzar a soleira desta casa, me considerarei livre para fazer o que me convém dos segredos que descobri.

Um tremor sacudiu a jovem. Mas foi curto. Ela imediatamente retomou sua pose de desafio, e seus olhos estavam manchados com salpicos vermelhos.

Com sua mesma voz paciente, lenta e forte, Henri continuou:

– Pelo contrário, se conseguirmos chegar a um entendimento, acreditarei estar comprometido com o esquecimento absoluto, e com a fé na minha palavra que nunca foi dada em vão, você poderá retomar em total segurança... Espere, Alice, não saia do seu lugar, assim como eu não saio do meu, deixe-me explicar todo o meu pensamento para você, e você julgará depois... Vamos lá, se eu prometi minha palavra a você para esquecer?

Ela balançou a cabeça rudemente.

906

Nesse movimento, seus cabelos se soltaram e caíram sobre os ombros.

“Não acredito na sua palavra”, disse ela, em palavras curtas e roucas; você seria Deus que eu não acreditaria!

Henri empalideceu ligeiramente.

Começou a sentir-se um terror surdo diante daquela mulher que decidira morrer ou matar.

Ele respirou fundo e continuou:

"Que tal eu te dar uma promessa?" Uma promessa viva! Ouça, vamos conversar como amigos. Vim te pedir um favor. Vou lhes contar todo o meu pensamento como era agora e como é agora. Você está me ouvindo com atenção, não está?... Sim... Eu posso ver isso pela contração de suas sobrancelhas... Então aqui está, Alice: Eu sinto em você um desespero furioso de amor. Você era minha amante. Sempre o vi então um pouco frio e pouco interessado em assuntos do coração. Mas aqui você está muito mudado. Para você ter tomado 907

a atitude que você tem para comigo, você deve amar com toda a sua alma, com toda a sua mente, com toda a sua carne! Alice, você acha que eu quero usar o que ouvi. Eu lhe digo: você não quer salvar nem o rei de Navarra, nem o sr. de Coligny, nem o príncipe de Condé, nem... meu irmão! Você quer salvar o Conde de Marillac. Quem é aquele homem ? Não sei. Este homem, Alice, é simplesmente aos meus olhos o homem que você ama mais do que sua vida neste momento, por quem você quer morrer!... Sempre existiu em você, desde que eu tive a honra de ser seu amante , um lado sombrio que às vezes me preocupava. Mas, a esta

hora, li sua alma tão claramente como se seus sentimentos fossem os próprios sentimentos da minha alma. Você ama apaixonadamente, prodigiosamente, furiosamente, você é todo amor ardente, intrépido, até mesmo selvagem, se assim posso dizer!

Ela olhou para ele com um olhar brilhante, feroz e insuportável.

E enquanto ele estava falando, ela não tinha outro 908

cuide apenas de observá-lo para que ele não faça nenhuma tentativa repentina.

Ele retomou depois de um momento de silêncio:

“Alice, é necessário que você me responda; porque se por acaso eu estivesse errado, o que tenho para te dizer não teria mais sentido.

Alice, entendi direito? Você está realmente neste estado de profundo desespero e amor absoluto que acabei de pintar?

Ela respondeu com uma espécie de suspiro terrível:

- Sim. É assim que eu gosto. E é de fato o homem a quem você diz que eu amo tanto.

Sim, estou neste período de desespero onde você tem que morrer ou matar.

- Bom. Então vamos nos dar bem!

Alice, você gostaria de se distrair por um momento e tentar lançar um olhar lúcido na alma do homem à sua frente?...

Ela encolheu os ombros com soberba indiferença.

"É necessário", respondeu Henri. Você quer 909

pergunto por que sou tão paciente, eu, o soldado sem paciência, eu, o chefe acostumado a ver tudo tremer e curvar-se diante dele! Você quer se perguntar por que pratico ser eloquente, eu que, segundo meu temperamento, já deveria tê-lo expulsado daqui! Por que eu preciso de você! Por que finalmente e acima de tudo, entendi tão bem seu desespero e seu amor!

Pela primeira vez desde o início desta entrevista, verdadeiramente fúnebre em seu andar como parecia calmo em suas aparências, um brilho humano apareceu no olhar fixo e feroz de Alice.

O marechal aproveita esse brilho.

"Estou começando a interessá-lo", disse ele. Vou interessá-lo mais agora. Às perguntas que acabei de fazer, eu mesmo responderei. Isso vai me torturar e rasgar meu coração. Mas

deve! É necessário, Alice, não provar-te que o teu amante não tem nada a temer de mim, mas obter a tua ajuda que me é indispensável... Por que sou paciente, 910

eu, o chamado soldado feroz? Por que entendi o seu amor, eu que sempre professei desprezar o amor? É que eu amo, Alice!... É que meu amor é tão ardente, tão furioso quanto o seu, e que meu próprio desespero é tão profundo, tão insondável, que tenho vertigem quando não consigo tirar minha mente fora disso... Porque o homem que você ama te ama! E a mulher que amo me odeia, me despreza, me odeia! Pois você inspira amor por amor, e eu inspiro apenas pavor e horror...

O marechal parou, vítima de uma emoção tão violenta e tão contagiante que Alice estremeceu.

Uma mudança de coração ocorreu dentro dela.

Lentamente, ela descruzou os braços que caíram ao longo de seus quadris poderosos.

Os dedos segurando a adaga relaxaram.

A arma deslizou pelo chão com um baque.

911

Henri de Montmorency, se tivesse representado a comédia da dor, teria sorrido de seu triunfo.

Ter, pela mera sugestão de sua palavra, pela mera exposição de seu desespero, perturbado as idéias de uma mulher como Alice, ter mudado seu pensamento de assassinato em um pensamento de piedade, foi uma bela vitória.

Mas Henry foi sincero. E foi essa sinceridade que desarmou Alice. Ela não se deixou levar por uma comédia, ela que adivinhava os verdadeiros pensamentos da atriz mais surpreendente da época: Catarina de Médici!

Mas assim que pôde medir a profundidade do amor e desespero de Henri, ela entendeu que poderia lidar com esse homem de comum acordo.

Ela caminhou em direção a ele com a mão estendida.

O marechal de Damville agarra esta mão.

Absorto na evocação de seu amor, talvez surpreso por ter iluminado em seus próprios olhos esse amor que nunca discutira com ninguém, acabou esquecendo o propósito de sua visita.

912

Ele sofreu cruelmente naquele momento. E quando ele agarrou a mão de Alice, um soluço raspou em sua garganta, duas lágrimas que a vergonha evaporou instantaneamente queimaram suas pálpebras.

E eles estavam encarando um ao outro como dois condenados pelo amor.

“Sente-se, Monsieur le Maréchal,” ela disse suavemente, “e esteja convencido de que o segredo de sua dor nunca sairá do meu coração.

- Obrigado, ele disse em voz baixa, tentando recuperar a compostura.

Sentaram-se frente a frente e olharam-se com igual expressão de pena; este criminoso e este espião experimentaram um daqueles raros refrigérios da alma que acalmam por um instante as queimaduras mais atrozes...

O marechal, mais calmo, continuou:

“Se eu não tivesse descoberto seu segredo, se eu não tivesse visto você determinado a morrer, ou a matar, eu não teria falado com você desse amor que está me devastando. Acontece agora que o serviço que vim pedir-lhe torna-se uma garantia 913

para você, pois seu segredo se torna uma garantia para mim. Deixe-me explicar.

Você é uma daquelas mulheres superiores em inteligência a quem podemos contar tudo. Eu tenho sido seu amante. Mas você sabe muito bem que eu não te amei; você foi minha amante sem me amar. Não sei qual era o seu propósito em se entregar a mim. Mas meu próprio objetivo era me distrair da terrível paixão que carrego há dezesseis anos. Perdoe-me por falar com você com essa franqueza brutal... é necessário.

Alice fez um gesto de indiferença.

“Agora, aqui está o que acontece”, continuou o marechal. Peguei a mulher que amo, e estou mantendo-a prisioneira com a filha no meu hotel. Por oito dias, talvez menos, essa mulher deve viver longe de mim, e ainda assim quero ter certeza de que ela não escapará de mim. Eu vim te pedir um favor...

"Para me fazer seu guardião!" interrompeu Alice num gesto de revolta.

914

“Sim”, respondeu o marechal violentamente.

Mais uma vez, eles se encararam.

A pena que os uniu desapareceu.

A luta recomeçou em uma nova forma.

"Ouça-me com atenção", disse o marechal. Eu teria inventado uma fábula. Agora tudo isso é inútil. Digo-te: troca por troca, ajuda-me no meu amor, ajudar-te-ei no teu. Especifico: mantenha em casa a mulher que amo, e silencio sobre a trama de seu amante. Você pode ver claramente que eu estou lhe dando uma garantia, um refém... Se eu te trair... Se eu entregar seu amante, você pode me tornar o homem mais infeliz do reino, alertando o Marechal de Montmorency que Jeanne Piennes está com você, que Jeanne de Piennes é inocente do crime de que a acusei! que Jeanne de Piennes nunca deixou de amar François... meu irmão!...

Estas revelações impressionantes, feitas de um 915

voz feroz, produziu uma impressão indescritível em Alice.

Por sua clareza ofuscante, ela entendeu o drama terrível que havia ocorrido na casa dos Montmorency.

E ao pensar em representar neste drama o papel odioso que lhe era destinado, ela estremeceu de horror.

“Isso te surpreende, não é? disse Henri, "como eu amo a esposa do meu irmão!" que consegui separá-los! Que eu ainda persiga essa mulher da minha paixão! Isso me surpreende muito mais eu mesmo. Aquilo é. Eu não posso fazer nada sobre isso.

Agora é o seguinte: guarde Jeanne de Piennes para mim, guarde-a fielmente para mim, seja uma guardiã cuidadosa, forte, insensível, incorruptível... ou então...

- Se não ? perguntou Alice, pálida de angústia.

“Quando eu sair daqui, denuncio seu amante, Marillac, e o mando para o cadafalso.

E como ela permaneceu perturbada, latejando, talvez voltando ao seu pensamento de assassinato, pensou 916

de suicídio, acrescentou:

- Nos abraçamos. Eu te entrego um refém. Eu tomo a vida do seu amante como garantia. Ver. Acho. Você ama seu amante o suficiente para salvá-lo ao custo de uma ação vergonhosa? Se você não consente, é porque você não ama!

- Eu ! ela rugiu. Eu ! não gosto! Mas para salvá-lo, eu queimaria Paris.

"Então você aceita! Deixe sua adaga em paz. Você ama demais para bater em si mesmo. E quanto a me golpear, a mim, veja!...

Ele descobriu o peito, e Alice vislumbrou a fina camada de cota de malha de aço que o cobria até o pescoço.

Alice de Lux se levantou.

Ela torceu as mãos.

Seus olhos deslumbrantes rolaram para o céu, sua boca se contraiu como se fosse uma imprecação.

– Ó meu amor! ela rosnou, desgrenhada, terrível, hedionda e sublime; Ó meu Deodat, por você, descerei o último degrau do 917

infâmia... Eu ainda era apenas um espião, vou me tornar um carcereiro!

O marechal curvou-se profundamente diante dela, e certamente ele nunca se curvou com tanto respeito nem diante do condestável, nem do rei, nem da própria rainha Catarina!

“Amanhã,” ele murmurou; amanhã à noite escura, estarei aqui! dispor de tudo para proteger seus prisioneiros.

Ele foi.

Alice, com os punhos nos olhos, a boca espumando, caiu de joelhos e engasgou.

– Toco o fundo da ignomínia... que, oh!

quem virá me levantar neste abismo de vergonha!...

- Eu ! respondeu uma voz profunda, forte, ameaçadora e lamentável.

Alice deu um salto terrível e se virou.

- O monge ! ela gaguejou, meio louca.

Na moldura desta porta pela qual o Marechal de Damville acabara de desaparecer, 918

de pé, envolto como uma estátua nas dobras brancas e pretas de seu manto, seu rosto imóvel, seu olhar gelado, estava o monge Panigarola, o primeiro amante de Alice de Lux!...

919

XXXV

pai e filho

Mais ou menos na hora em que Henri saiu da rue de la Hache e voltou para o Hôtel de Mesmes, ou seja, pouco antes das nove horas, um homem corria pela rue Saint-Dennis. Naquela época em que as lojas fechavam cedo e não iluminavam a rua, quando não havia lanternas nem lamparinas, quando apenas alguns cabarés raros riscavam a escuridão com um raio de luz tênue, a noite era profunda nas ruas às nove da noite. 'relógio. Como

resultado, este homem que caminhava muito rapidamente empurrou um transeunte que encontrou sem tê-lo visto.

Ele praguejou, murmurou algumas palavras e, sem se dignar a parar, continuou seu caminho.

O transeunte, que sem dúvida era de boa índole, não disse nada.

920

O homem em questão parou por um momento em frente ao Auberge de la *Devinière* , que ele olhou com uma espécie de emoção, e onde por um momento pareceu querer entrar.

Mas balançando a cabeça, ele rapidamente seguiu seu caminho, murmurando:

- Não seja imprudente! Tenho muito tempo para vê-lo, que diabo!

Ele então entrou em um beco que leva aos arredores do Templo.

Dois minutos depois, levantou a aldrava da porta principal do Hôtel de Mesmes. Um olho mágico se abriu, uma figura suspeita apareceu atrás do olho mágico e um questionamento amargo saiu.

Então o homem respondeu:

“Basta dizer ao marechal que o homem que ele conheceu na pousada Ponts-de-Cé chegou e quer falar com ele.

A porta se abriu instantaneamente.

A casa do marechal de Damville, como a de Guise, como a de muitos 921

grandes senhores, foi organizado no modelo do Louvre. O marechal tinha seus cavalheiros, seus guardas, seus oficiais. E ele era rei neste hotel, assim como Charles poderia ser em seu Louvre.

Até Luís XIII, de fato, o rei era pouco mais do que o primeiro cavalheiro do reino.

Richelieu começaria mais tarde a desmantelar todos esses pequenos Louvres, a decapitar e aterrorizar todos esses pequenos reis, para que Luís XIV herdasse não apenas um reino, mas uma ideia: a monarquia absoluta.

Ao mesmo tempo que o lacaio brasonado abria a porta, apareceu um oficial e disse:

– Você é de Ponts-de-Cé?

– Sim, embora eu tenha feito o caminho dos escolares.

“Então você é Pardaillan.

– Na verdade, tenho a honra de ser o Sr. de Pardaillan. E você?

- É bom ; não fique com raiva: eu sou o homem para lhe dar motivos para um descuido, se isso 922

esquecimento o chocou.

– Muito chocado. Especialmente porque seu rosto não volta para mim nem um pouco.

– Meu nome é Orthes e sou Visconde de Asprem ont1. Ao seu serviço, quando quiser o Sr. de Pardaillan.

- Imediatamente, então! Nada mexe com meu coração como uma briga fria.

- Senhores, senhores! um segundo oficial interveio.

O visconde de Aspremont encolheu os ombros e disse a Pardaillan, que já desenhava:

“Senhor, não tenha medo, vou tentar que a briga não esfrie muito. Mas o Marechal não quer que lutemos aqui. Então espere, por favor. E, por favor, entre porque você é esperado.

O motorista entrou no hotel, cuja porta era 1 O Visconde d'Aspremont, que desempenhou um papel tão odioso nos dias sangrentos de Saint-Barthélémy, tinha então trinta anos e ocupava um cargo importante na casa dos Damville. (Nota de M. Zévaco.) 923

fechou pesadamente.

“Monsieur”, continuou Orthès, “vou ter a honra de conduzi-lo pessoalmente ao quarto que lhe foi preparado.

"Toda a honra será minha", disse Pardaillan, que na saudação de seu novo adversário respondeu com uma saudação igualmente cerimoniosa.

Precedido por um lacaio que carregava uma tocha, Orthès, visconde de Aspremont, partiu acompanhado por Pardaillan, com quem, segundo o costume, começou a conversar alegremente, como se não houvesse um duelo entre eles.

Subimos para o segundo andar do hotel e chegamos a um quarto grande e bonito.

"Aqui está você em casa", disse Orthes. Você quer jantar?

– Mil agradecimentos. Jantei e jantei bem ao chegar em Paris.

“Então só me resta desejar-lhe uma boa noite.

– Bem, é verdade que estou com sono e espero dormir direto até o amanhecer.

Mas, diga-me, o Marechal não está em seu hotel?

“Ele está realmente ausente; mas ele estava esperando você hoje ou amanhã, e assim que chegar será avisado.

Os dois homens se cumprimentaram.

Ortes foi embora.

E Pardaillan ouviu a porta de seu quarto se fechar duas vezes.

- Sim ! ele estremeceu. Eles me trancam!

O que isso significa ?...

Ele correu para a porta: era sólida e a fechadura teria desafiado qualquer tentativa de arrombamento. Ele então correu para a janela. Ela estava no segundo andar; que dariam cerca de quatro andares de nossas casas modernas onde, se o hábito não nos tivesse domesticado, só ousávamos entrar rastejando, como nas tocas; enfim, não havia como pular de uma altura daquelas sem quebrar os ossos, acidente que sorria o mínimo possível para o velho. Ele com raiva jogou o chapéu na cama e resmungou: 925

- Triplo tolo! Estou arrebatado!... Pardieu, tudo fica claro agora: a paciência, a boa graça, as promessas e as coroas de Damville, ali, na pousada Ponts-de-Cé! Ah! o covarde!

o covarde! Sozinho, ele estava com medo! Ele preferiu fingir que esqueceu o caso Margency para preparar uma boa armadilha para mim! E eu, como um verdadeiro estorninho, darei de cabeça no painel. !... Compreendo até a insolência desta Orthès!... Estou lá; o senhor tem medo, quer que eu seja morto pelos seus servos!... Por Pilatos e Barrabás! é isso que vamos ver!...

Esse foi o primeiro pensamento de Pardaillan.

No entanto, pensando bem, havia um detalhe que o confundia.

O marechal declarara-lhe positivamente que estava conspirando contra o rei da França: uma terrível confiança que poderia levá-lo ao cadafalso...

Então suas intenções eram sinceras em Ponts-de-Cé?

"A menos", ele sussurrou, "esta conspiração foi planejada para me dar 926

confie!... Seja como for, estou preso, e se não quero que me cortem a garganta enquanto durmo, tenho que ficar acordado a noite toda!... Eu, que estou louco de sono !

Pardaillan começou a andar furiosamente pela sala, para se manter acordado.

Uma hora se passou.

O velho caminhoneiro só andava de olhos fechados, cambaleando.

De repente, não aguentou mais: desembainhou a espada, segurou-a na mão, atirou-se na cama com um grande suspiro de satisfação e rosnou:

- Por todos os demônios, devo dormir!...

Afinal, duas horas de bom sono valem o risco de um pequeno corte na garganta... E depois, e depois... morrer de sono ou morrer de um punhal, a diferença não é grande... E depois... . a morte e o sono são tão parecidos!...

Convencido de que alguém viria esfaqueá-lo, Pardaillan, no entanto, fechou os olhos com prazer; dez segundos depois, um ronco 927

o som enche o quarto com seus acentos não muito melodiosos, sem dúvida, mas esse ronco disse muito - tanto quanto um ronco pode dizer qualquer coisa - sobre a bravura despreocupada e soberba do homem que dormia ali, esparramado na cama, sua mão agarrando o punho da espada.

O velho Pardaillan, depois de muitas voltas e reviravoltas, depois de se vestir de novo e comprar um cavalo, depois de etapas passadas pensando, combinando, ou simplesmente deixando-se viver, notou numa bela manhã que era 7 de abril, que faltava apenas uma libra na bolsa e que estava a dezoito léguas da cidade de Paris.

Viajou as dezoito léguas em seu dia, chegou a Paris no momento em que as portas se fechavam, e para esperar a noite escura, por recomendação do marechal, entrou na primeira rolha que encontrou, onde fez um farto jantar; e até esvaziou dois frascos de um certo vinho de Bordeaux que custava três libras. Quando lhe disseram que seu jantar, incluindo vinho, e 928

o de seu cavalo custou-lhe onze libras e três soldos.Pardaillan, que tinha apenas um livre, deixou seu cavalo como penhor e, como era noite, chegou rapidamente ao Hôtel de Mesmes.

Vimos como ele chegou lá, e como ele acabou adormecendo com vontade, cansado como estava da longa jornada do dia.

Quando acordou, descobriu que era a luz do dia.

- Aqui ! ele disse, eu não estou morto!

Instantaneamente ele estava de pé. Quase ao mesmo tempo a porta se abriu e o marechal apareceu. Ele estava um pouco pálido, e certamente teve uma noite pior do que seu prisioneiro.

– Aqui você é fiel ao encontro e ao dia marcado. Obrigado Pardaillan.

“Fé, meu senhor, quase me arrependo de ter vindo.

"Por quê? Ah! sim, porque você estava preso. Fui eu que dei a ordem.

Perdoe-me por esta precaução, meu caro Monsieur de Pardaillan. Eu queria evitar você 929

um encontro desagradável. E eu até pensei que se você conhecesse isso, nossas boas relações poderiam ser alteradas...

"Eu não entendo uma palavra do que você está me dizendo lá, meu senhor.

“Não importa se você entende.

O principal é que você está lá. Vou lhe perguntar duas coisas, meu caro Pardaillan.

" Oh ! Oh ! pensou o caminhoneiro, seu querido aqui, seu querido ali..."

"A primeira", continuou o marechal, "é que você se permita ser trancado por hoje." Juro-lhe que não tem nada a temer e que este confinamento terminará esta noite por volta das onze horas.

Pardaillan fez uma careta.

“Então,” continuou Henri, “me dê sua palavra de não sair desta sala o dia todo, e até que alguém venha buscá-lo em meu nome.

"Eu gosto mais disso, boa sorte!" Tem minha palavra, senhor. Mas você devia 930

pergunte-me duas coisas, você disse.

“Aqui está o outro, Pardaillan; Eu possuo um tesouro inestimável; ele não está seguro neste hotel, e eu quero transportá-lo... para uma casa onde ele estará seguro. Esta operação terá lugar esta noite às onze horas. Posso contar com você para me ajudar?

“Monsenhor, desde o momento em que consenti em entrar ao seu serviço, estava determinado a enfrentar todos os perigos ao seu lado. Então conte comigo... Mas você tem medo de que o tesouro em questão seja tirado de você durante a viagem.

"Sim, temo que sim", disse Henri em uma voz sombria. Agora, confio apenas em você e em um de meus oficiais, um homem valente e fiel, o visconde d'Aspremont.

Pardaillan sorriu.

– Então aqui está o que eu combinei. Às onze horas o carro sairá do hotel...

– Ah! o tesouro estará em um carro?

“Sim, d'Aspremont vai dirigir o carro; Estarei a cavalo na liderança; e você, a pé, você 931

marcham na retaguarda, espada numa mão, pistola na outra, prontos para matar impiedosamente quem tentasse aproximar-se do carro. Assim, ninguém além de você, d'Aspremont e eu saberemos a casa onde quero esconder o tesouro.

— Está dito, meu senhor. Só uma pergunta: esta expedição tem alguma coisa a ver com... a campanha de que falávamos em Ponts-de-Cé?... Em outras palavras, este tesouro é... é de metal? .. ou seria não ser um tesouro em carne e osso?

Henri ficou pálido e olhou fixamente nos olhos de Pardaillan.

- O que você quer dizer ? ele rosnou. Você já aprendeu...

Ele parou e mordeu o lábio com força.

- Eu ! Não aprendi nada, respondeu Pardaillan, que examinava atentamente o marechal; Só me pergunto se o tesouro em questão não seria... por exemplo... uma coroa? acrescentou, baixando a voz.

"Ele acha que é o rei!" chorou dentro dele-932

até mesmo o marechal, cujo semblante imediatamente se iluminou.

"Porque então", terminou Pardaillan, "compreende, monsenhor, redobrarei minhas precauções."

“Ouça, Pardaillan. Não posso dizer que é... o que você pensa... mas finja que vai mesmo escoltar... uma coroa.

- Bom ! pensou Pardaillan. Já raptaram o rei!... Praga! Aqui está o que nos promete uma bela guerra, ou seja, forçar horions a dar e forçar écus a receber... Mas como é que Paris está tão quieta?

Mas um pensamento repentino passou por sua mente, ele perguntou:

“Então, meu senhor, eu estava trancado quando cheguei porque eles temiam que eu pudesse descobrir quem era um prisioneiro neste hotel?

- Isso mesmo ! disse o marechal.

Ele não estava mentindo.

Ele realmente temeu que Pardaillan 933

interessado no destino de Jeanne de Piennes e sua filha.

Ele só mentiu por relutância e insinuações sobre a verdadeira identidade do “prisioneiro”.

“Muito bem”, disse Pardaillan resolutamente; Não vou sair daqui o dia todo, e esta noite às onze horas estarei pronto.

Assim que o marechal saiu dessa garantia, o velho caminhoneiro disse a si mesmo:

“Já que eles não queriam que eu soubesse quem era um prisioneiro aqui, por que veio me contar? E já que agora sei, por que a precaução de me obrigar a ficar trancado o dia todo?... Não! não é o rei que é prisioneiro! E há apenas um prisioneiro?... O que há, de maneira óbvia e segura, é que algo está sendo escondido de mim... que devo ignorar até a noite... e que quero saber imediatamente! »

Dito isso, Pardaillan começou certificando-se de que não havia sido preso.

934

Ele estava livre: a porta dava para um corredor por onde ele deu alguns passos, até a ampla e monumental escada que descia para o pátio.

Ele se virou, convencido de que inevitavelmente seria encontrado.

Voltando pela porta de seu quarto, caminhou pelo corredor na outra direção e acabou esbarrando em uma porta que abriu. Esta porta levava a uma pequena escada em caracol.

- Este é o meu negócio! ele rosnou.

E feliz com esta primeira descoberta, voltou para casa.

A manhã passou sem incidentes. Pardaillan ia e vinha devagar, meditava, assobiava melodias de caça, batia nos vitrais de sua janela, enfim, entediava-se o máximo que podia.

Por volta das onze horas, apareceu um lacaio que pôs a mesa e a cobriu com os elementos de um farto desjejum acompanhado de frascos de aparência alegre.

Enquanto o aventureiro se sentava à mesa e atacava o almoço com apetite por um 935

Estômago de vinte anos, o lacaio desapareceu e voltou alguns minutos depois, carregando uma sacola de dinheiro.

Os magníficos dentes brancos e sólidos do caminhoneiro foram revelados em um largo sorriso.

- Oh ! Oh ! O que é isto? ele disse.

“O primeiro mês de Monsieur l'Officer que Monsieur l'intendant de monseigneur me entregou, pensando que Monsieur l'Officer talvez ficasse sem um tostão com sua viagem.

“Aqui está um lacaio exasperantemente educado! pensou Pardaillan.

“Bem”, ele disse em voz alta, “o Sr. Steward pensou bem, pensou corretamente, pensou como um mordomo digno, e o Sr. Oficial está satisfeito. Porque eu acho que oficial, sou eu.

Mas diga-me, meu amigo; você sabe o que tem nessa bolsa?

“Sim, meu oficial: seiscentas coroas.

- Seiscentos ! Mas só vou conseguir quinhentos!

– Isso mesmo, meu oficial, mas tem a taxa de 936

da viagem: foi isso que o intendente me pediu para explicar ao oficial.

"Cem coroas pela viagem!" (Decididamente, a polidez deste homem é menos intolerável do que eu pensava)... Obrigado, meu amigo. Por favor, abra este saco.

“Está feito, meu oficial”, disse o lacaio, obedecendo.

– Pegue cinco coroas.

“Está feito, meu oficial.

– Bem, coloque-os no bolso. Você vai beber minha saúde.

"Obrigado, meu oficial", disse o lacaio, curvando-se ao chão. Prometo que beberão suas coroas até o último sol amanhã.

"Por que amanhã, meu amigo?" Por que não hoje ? Você sabe onde estará amanhã? Beba, meu amigo, beba hoje.

“Sim, mas tenho ordens para estar à disposição do oficial o dia todo.

937

"Era isso que eu queria saber", resmungou Pardaillan. Então você tem que...

– Não deixe o oficial, sirva o oficial sem ir embora.

- Definitivamente, aqui está um animal que tem uma polidez muito embaraçosa, pensou o caminhoneiro. Mas estou pensando nisso! ele disse de repente. E meu cavalo! Meu pobre cavalo! Meu amigo, coloque sua mão de volta na bolsa.

“Está feito, meu oficial.

“Pegue mais cinco coroas.

- Eu os tenho.

– Bem, você vai me fazer o favor de ir imediatamente ao Cabaret du *Veau qui tette* . Você conhece ele?

- Conhecido. Entre a Truanderie e o Louvre.

- Exatamente. Você vai pagar uma conta de dez libras que esqueci de pagar ontem; o resto será para você; e você vai trazer de volta o meu cavalo.

Vá, meu amigo, vá. E quando chegar em casa, tome cuidado para não me acordar. Porque dormi mal ontem à noite e quero me recuperar esta tarde, então 938

estar animado e pronto para um certo passeio que farei na noite seguinte.

O lacaio não se mexeu.

- Nós iremos ? disse Pardaillan.

“Eu irei amanhã, meu oficial.

- Bah! Sério ! E se eu precisar do meu cavalo?

“Os estábulos do monsenhor estão à disposição do oficial.

Pardaillan já estava olhando em volta para ver se não encontrava uma bengala para quebrar nas costas do lacaio quando uma ideia repentina o acalmou.

Ele começou a rir; e quando seu desjejum chegou ao fim, ele serviu um copo cheio que ofereceu ao seu carcereiro. Porque esse lacaio passou a ser seu guardião durante todo o dia.

– Qual é o seu nome, meu amigo? ele disse.

— Didier, para servi-lo, meu oficial.

- Muito bem. Didier, engula para mim com ousadia, já que você não pode sair para matar sua sede.

O lacaio balançou a cabeça e respondeu:

“Monsieur l'intendente me avisou que, se eu aceitasse uma única taça de vinho de monsieur l'officer, ficaria sem pagamento, e talvez algo ainda pior.

“O bandido! o desgraçado capão que me mata com sua polidez! rugiu o caminhoneiro interiormente. É bom, continuou, você é fiel e obediente. Você irá direto para o paraíso.

Ao mesmo tempo, levantou-se, deu duas ou três voltas pela sala enquanto o lacaio arrumava a mesa. Então ele se aproximou da porta, que ele trancou duas vezes. Depois voltou ao lacaio e pôs a mão em seu ombro:

"Então você não deve me deixar o dia todo?" Você vai ficar aqui me aborrecendo, me impedindo de dormir?

“Não, meu oficial. Eu tenho que ficar no corredor, na frente da porta.

– Mas enfim, se eu quisesse sair daqui, você me seguiria como a minha sombra?

“Não, meu oficial. Mas eu avisaria 940

Sr. Steward agora mesmo.

– Didier, meu amigo, o que você diria se eu tentasse te estrangular?

“Não direi nada, meu oficial. Eu gritaria, só isso.

Tanta engenhosidade não foi suficiente para desarmar o velho caminhoneiro, que estava tanto mais ansioso para visitar o hotel quanto mais precauções foram tomadas para impedi-lo.

- Você gritaria? Não ! Resta saber se eu deixaria o tempo para você!

Ao mesmo tempo em que pronunciava essas palavras, Pardaillan agarrou rapidamente o lenço que acabara de desamarrar e, antes que o infeliz lacaio pudesse fazer um movimento, enrolou-o no rosto e o amordaçou com firmeza. No mesmo instante ele sacou sua adaga e disse friamente:

“Se você se mexer, se fizer barulho, é um homem morto.

Didier caiu de joelhos e, incapaz de falar, juntou as mãos, um gesto que poderia passar por 941

um apelo bastante eloquente, apesar do silêncio forçado do suplicante.

- Bom ! perguntou Pardaillan. Você é razoável. E eu, aqui estou livre do seu incômodo

"senhor oficial". Agora me escute. Você está determinado a me obedecer? Pense antes de se comprometer.

O pobre lacaio, por um gesto expressivo, jurou a mais fiel obediência.

- Muito bem. Dá-me o prazer de tirar este gibão rendado e brasonado, estes calções de pano amarelo e esta touca de aigrette... Tu vais vestir o meu casaco e calçar as minhas botas, enquanto eu vou enfeitar-me com o traje sumptuoso que usas tão bem. . É uma moda. Quero ver como pareço o lacaio de Monsieur, o Regente de Monseigneur.

Enquanto falava, o aventureiro ajudou o lacaio a se despir; pois o pobre, todo trêmulo, não havia chegado lá sozinho. Em poucos minutos, a mudança foi feita: Didier estava vestido com Pardaillan e Pardaillan vestido com o brasão do lacaio.

942

"Agora deite-se, oficial", disse Pardaillan.

O lacaio obedeceu e se jogou na cama. Pardaillan cobriu a cabeça, como não se incomoda com a luz do dia.

"Se você ouvir a porta se abrir", acrescentou, "você vai começar a roncar e não vai se mexer, a menos que queira que eu corte suas duas orelhas...

Um grunhido queixoso e abafado lhe disse que Didier estava disposto à obediência mais passiva.

Então ele saiu da sala e sentou-se no corredor.

Havia uma certa escuridão neste corredor. Pardaillan tateou em direção à pequena escada em caracol que indicamos.

Mas ele não tinha dado dois passos quando esta porta se abriu e deu lugar a um homem cuja aparência Pardaillan reconheceu: era o escudeiro que acompanhou o marechal durante sua estada na pousada de Ponts-de-Cé. .

943

O velho caminhoneiro imediatamente se virou.

Um momento depois, ele se juntou ao homem:

"Senhor de Pardaillan?" O que ele está fazendo ?

murmurou o escudeiro.

- Dorme! respirou Pardaillan laconicamente.

O escudeiro abriu a porta suavemente, viu o falso Pardaillan na cama, ouviu um ronco surdo e fechou a porta, dizendo em voz baixa.

- É bom ; não se mova daqui; assim que ele acordar, venha e me avise.

Então, o homem que Pardaillan chamava de escudeiro do marechal continuou seu caminho com passos abafados e desceu a grande escadaria.

– Ufa! murmurou o aventureiro. Estou com suor nas costas! Mas agora acho que estou quieto por uma ou duas horas. É o diabo se eu não descubro o mistério, isto é, a pessoa que está escondida neste hotel, e que está tão ansiosa para não me deixar ver. Vamos lá !

Descobrir !...

Ele imediatamente subiu a pequena escada e começou 944

para descer.

"Está escuro como breu", ele resmungou. Receio estar no caminho errado.

Ao terminar essas palavras, pôs o pé no estreito patamar do primeiro andar. Ali foi arranjada uma porta que permitia a entrada nos aposentos do marechal.

Pardaillan estava prestes a passar e continuar a descer, quando por esta porta o som de vozes o alcançou.

Rapidamente, ele colocou o ouvido na fechadura.

E, muito claramente, ele ouviu seu nome ser mencionado várias vezes.

*

Na época em que Pardaillan estava amordaçando o lacaio Didier, uma cadeira1 sem 1 Cadeira: assento fechado e coberto em que dois homens carregavam uma.

brasão parado em frente ao Hôtel de Mesmes; um homem saiu misteriosamente e imediatamente entrou no hotel.

Sem dúvida, ele era um personagem importante, pois foi imediatamente introduzido no gabinete do marechal de Damville.

Este último, ao ver seu visitante, foi ao seu encontro com certa emoção, dizendo em voz baixa:

– Você aqui!... que imprudência!...

“A imprudência teria sido ainda maior se eu tivesse ido a Monseigneur de Guise ou a Tavannes. E, no entanto, a coisa é tão séria que tive que avisá-lo o mais rápido possível. Desde ontem não vivo; Consegui escapar da Bastilha agora mesmo sem levantar suspeitas; Eu vou te contar tudo; Guise deve ser notificado hoje. Está tudo na nossa cabeça...

"Você está exagerando, Guitalens", disse Damville, que, no entanto, diante do olhar assustado de seu visitante, não pôde deixar de empalidecer.

946

Este visitante era, na verdade, ninguém menos que Guitalens, o governador da Bastilha.

- Vamos ver! O que é isso ? retomou o marechal.

- Estamos sozinhos? Tem certeza de que não podemos ser ouvidos?

– Perfeitamente seguro. Mas para mais precaução, venha.

O marechal então conduziu Guitalens a uma sala estreita que ficava ao lado de seu escritório.

- O ! ele disse. Agora estamos separados das pessoas do hotel por meu gabinete, meu arsenal e uma antecâmara. Quanto a esta porta, leva a uma escada escondida. Só eu e Gille, meu mordomo, podemos passar por isso. Agora, você sabe que Gille sabe tudo sobre o nosso negócio. Explique-se sem medo.

“Bem”, disse Guitalens, caindo em uma poltrona, “provavelmente estamos perdidos. Há um homem em Paris que conhece nosso segredo e que, a seu bel-prazer, pode nos mandar para o cadafalso ou nos perdoar.

"Um homem conhece nosso segredo!" gritou o 947

marechal ficando pálido. Cuidado com o que você fala aí!

– Ai! é verdade demais. Este homem assistiu ao nosso último encontro no Auberge de la *Devinière* . Eu lhe digo que ele sabe tudo!

"Quem é esse homem?" Qual o nome dele ?

"Pardaillan", disse Guitalens.

"Pardaillan!" exclamou Henri, estupefato. Um homem que parece estar na casa dos cinquenta, embora tenha mais de sessenta, alto, magro, magro, com um bigode grisalho grosso?

- De jeito nenhum ? O Pardaillan de quem estou falando é um jovem. Eu ficaria surpreso se ele tivesse mais de vinte e dois ou vinte e três anos. Olhos gélidos, boca contorcida por um sorriso singular, voz ora acariciante, ora mordaz, figura esguia, ombros largos, gesto zombeteiro, mão sempre pronta para buscar o punho da espada, esse é o meu homem.

"Nesse caso, é o filho dele!" o filho de quem ele me falou!

- O filho dele ! perguntou Guitalens sem entender.

- Sim ; Eu me ouço; Vá em frente... você disse que esse Pardaillan surpreendeu nosso segredo na pousada *Devinière* ; uma palavra primeiro; você tem certeza de que esse jovem é o único que sabe da trama?

- Sim ; pelo menos eu acredito que sim.

– Neste caso, podemos nos tranquilizar; Conheço uma maneira de capturar esse Pardaillan e silenciá-lo. Mas como você sabia?...

“Porque eu o tive em meu poder por alguns dias na minha qualidade de governador da Bastilha; ele foi trazido para mim; Disseram-me para observá-lo de perto...

“Mas então a questão é uma das mais simples”, disse o Marechal.

- O que você quer dizer ?

"Não há mais masmorras na Bastilha?"

"Mas ele está livre!" Ele está lá fora ! Eu tive que deixá-lo ir! O que foi que eu disse ! abrir-lhe eu mesmo 949

as portas, desculpando-se por tê-lo guardado!...

O marechal se perguntou por um momento se Guitalens não havia enlouquecido.

– Isso te surpreende? continuou o governador da Bastilha. Quando penso nisso, e esse pensamento não me abandona por um segundo desde ontem, não me contento em ficar maravilhada! Eu sou estúpido, assustado, louco. Este homem tinha minha vida em suas mãos, e eu tive que libertá-lo!

“Calma, meus queridos Guitalens.

Explique-se com mais precisão. Se este jovem é realmente aquele em quem acredito, talvez o mal não seja tão grande quanto parece para você.

“O céu ouve você! Guitalens revirou os olhos aterrorizados.

E começou a contar a história da tragicomédia que se passara na Bastilha e que nossos leitores testemunharam.

- O que você acha ? acrescentou em conclusão.

“Eu digo que é maravilhoso, e que devemos prender esse jovem a todo custo. eu faço 950

meu caso.

"Então você o conhece?"

“Não, mas conheço alguém que o conhece, e isso basta; vão, meus caros Guitalens, e tranquilizem-se: cuidarei de avisar o Duque de Guise em caso de perigo... mas não haverá perigo nenhum: esta noite ou amanhã, o jovem Pardaillan estará conosco.

“Sua tranquilidade me faz bem”, disse Guitalens; Começo a respirar; se aquele patife cair em nossas mãos, como você pensa, traga-o de volta para mim... tanto melhor quanto eu arrisco meu lugar por deixá-lo ir, supondo que eu não arrisque minha cabeça... você sabe que existem ainda boas masmorras na Bastilha.

“Não se preocupe, amanhã trarei o jovem Pardaillan até você, mãos e pés atados, a menos que haja algo melhor para fazer com ele...

Guitalens voltou para sua cadeira tão misteriosamente, mas um pouco mais tranqüilo do que ele 951

não saiu.

Nesse exato momento, o velho Pardaillan voltou correndo para o seu quarto, vestiu o terno, obrigou Didier a deitar as costas rapidamente e disse-lhe:

“Cem coroas para você se não disser uma palavra sobre o que aconteceu com você; uma facada no estômago se você contar a alguém.

Escolher.

“Eu escolho as cem coroas, pardieu! disse Didier, feliz demais para se livrar tão facilmente.

E, sem cerimônia, começou a mergulhar no saco.

“Agora”, disse Pardaillan, “vá e diga ao mordomo que estou acordado, como ele lhe deu a ordem mais cedo no corredor antes de abrir a porta para ter certeza de que eu estava dormindo. , seu imbecil! Você não entende ?

- Se feito, se feito! Entendo que Monsieur Gille o tenha confundido comigo... Corro para avisá-lo.

Pardaillan sentou-se em uma poltrona, as pernas esticadas, encheu o copo como se 952

estaria ocupado bebendo e aguardava os acontecimentos.

O que acabara de ouvir na pequena escada em caracol mudara completamente suas ideias; pois nossos leitores entenderam que Pardaillan ouvira a parte mais interessante da conversa que acabara de ocorrer entre o marechal e o governador da Bastilha.

Esqueceu-se com que propósito havia se empenhado em vasculhar o hotel.

Se havia ou não uma pessoa que o marechal insistia em esconder dele, ele não se importava mais. O perigo que seu filho estava correndo o absorveu, e ele começou a pensar em maneiras de avisar o jovem cavaleiro o mais rápido possível.

Foi mais a esse acaso do que às precauções do marechal que o velho Pardaillan deveu o desconhecimento da presença no Hôtel de Mesmes de Jeanne de Piennes e sua filha.

Ele teria empreendido a libertação de Jeanne se soubesse de sua presença?

Como não é nossa intenção mostrar nossos heróis mais belos que a vida, nós 953

tenho que dizer que duvidamos.

O que, de fato, era o velho Pardaillan?

Um aventureiro.

Sua educação moral não existia; se ele tinha um senso do belo e do bom, ainda estava em seu estado natural, isto é, naquele estado em que os apetites e instintos de autopreservação pessoal dominam o resto.

Em Margency tivera, é verdade, um belo movimento de piedade.

Mas quem sabe se neste coração enrugado, essa pena ainda teria falado muito alto!

Seja como for, devemos acrescentar que o velho Pardaillan amava seu filho.

Sua preocupação e sua dor, quando soube que este filho corria grande risco de ser jogado em uma masmorra na Bastilha, se expressaram em inúmeros palavrões murmurados em voz baixa e em alguns goles engolidos de um só gole.

Poupamos o leitor dos reflexos que se sucedem no cérebro do velho caminhoneiro, como imagens de pesadelo que se sucedem.

acompanhe em uma tela.

Sua conclusão foi o que deveria ser:

“Vou sair do hotel agora mesmo e ir para o Hôtel de la *Devinière* . Se alguém quiser se opor à minha saída, à minha fé, eu mato! Explicaremos mais tarde.

Com isso, ele afivelou sua espada, certificou-se de que ela tocasse bem na bainha, e já estava se preparando para sair da sala quando Damville apareceu.

"Bem", disse o marechal, "você dormiu bem?" Você está pronto para esta noite, Mestre Pardaillan?

“Vejo, meu senhor, que você está bem informado. Praga! você tem servos que sabem ver tudo e relatar tudo!

“A verdade é mais simples,” disse Damville, corando um pouco; Eu queria vir vê-lo agora mesmo, e como me asseguraram que você estava dormindo, não quis interromper sua soneca e mandei que me avisassem assim que você acordasse, desde que eu estivesse ansioso para te ver...

955

“Apresse-se, que me honra infinitamente, meu senhor; de qualquer forma, pode ficar tranquilo! Agora sou capaz de ficar acordado por três dias e três noites, se necessário.

- Eu não te peço tanto: à meia-noite tudo estará acabado.

— E a essa hora estarei livre, monsenhor?

- Livre como o ar; livre para ir onde quiser; mas claro, esta sala permanece à sua disposição durante toda a campanha projetada. Campanha difícil, eu aviso. Então, quanto mais de nós, melhor... A propósito, você não me contou sobre um jovem... seu filho...

"Sim, meu senhor", disse Pardaillan, surpreendente.

"Você acha que ele é capaz de dar à ocasião um bom golpe de espada?"

- Dele ! Ele só sonha com feridas e inchaços!

“Bem, traga-o para mim amanhã sem demora. Onde ele fica?

956

– Em direção à montanha Sainte-Geneviève.

– O lugar é único. Então seu filho quer ser abade ou médico?

- Não ; mas ele gosta da companhia de colegiais cavalheiros, gente de cabaré, bons bebedores, grandes espadachins e simpáticos caixas de phébus.

- Tudo em bom tempo. Então posso contar com esse jovem?

- Como em mim.

O marechal foi embora.

“Isso muda as coisas”, murmurou o velho caminhoneiro, desenganchando sua espada; como ele espera que eu leve meu filho amanhã, ele não fará nada hoje; esta noite, à meia-noite, assim que estiver livre, darei um pequeno passeio na direção de La *Devinière* , e veremos. Até então, não há necessidade de arriscar alguma raiva comprometedora.

Vamos dormir!

Desta vez, Pardaillan se jogou na cama e adormeceu completamente até a hora do jantar.

1 Galimatias pretensioso.

Às dez horas, Henri de Montmorency fez seus arranjos finais.

Gille, seu escudeiro, seu administrador, sua maldita alma, para dizer a verdade, conhecia sozinho o retiro para onde Jeanne de Piennes e sua filha seriam transportadas. Ele foi enviado com ordens para ficar na Rue de la Hache e observar as abordagens da casa pela porta verde.

O visconde de Aspremont deveria dirigir o carro até a entrada da rue de la Hache. Lá ele deveria desmontar, enquanto o marechal conduzindo os cavalos pelas rédeas levava a carruagem até a entrada da casa.

Quanto a Pardaillan, ele deveria marchar na retaguarda e parar no mesmo lugar onde d'Aspremont pararia.

Dessa forma, o marechal e seu escudeiro eram os únicos a saber em que ponto preciso o carro havia parado. Pardaillan ainda nem sabia o que esse carro continha.

Às onze horas, Orthès, Visconde de Aspremont, apareceu na casa de Pardaillan e disse-lhe:

"Sempre que lhe convier, senhor...

- Estou pronto.

Os dois homens desceram juntos.

Durante a viagem, Orthes informou Pardaillan sobre o que o marechal havia decidido.

"Uma última palavra, meu querido adversário", disse Pardaillan: "Você sabe quem está na carruagem?"

- Não. E você ?...

“Eu quero ser enforcado se eu suspeitar disso.

No pátio do hotel, o carro estava esperando, pronto para partir.

Sem dúvida, a pessoa que ela deveria transportar já estava instalada lá, porque os manteletes foram cuidadosamente dobrados e trancados...

D'Aspremont rapidamente se colocou no posto.

Henri, a cavalo, fez uma recomendação final a Pardaillan.

- Nós vamos no passo! fique dez passos atrás do carro e se alguém quiser se aproximar, não hesite... você me entende?

Em resposta, Pardaillan mostrou a espada nua que segurava sob o manto.

Ele também estava armado com uma pistola e um punhal.

A um sinal do marechal, a porta principal do hotel se abriu; Henry assumiu a liderança; o carro o seguiu; Pardaillan começou a andar, perscrutando a escuridão profunda com seus olhos penetrantes.

Se formos atacados, pensou, certamente não será perto do hotel. »

Neste momento o carro estava virando um beco.

Um tiro soou de repente e lançou um clarão na noite.

- À frente ! gritou o marechal.

D'Aspremont, que tinha sido alvejado sem ser atingido, cravou as esporas nos flancos do cavalo da frente, a carruagem partiu a galope, despertando ecos de sucata no bairro silencioso.

- Covardes! ladrões de mulheres! rugiu uma voz rouca e desgastada. Pare! Pare!

O carro e o Marechal fugiram.

Aconteceu em um segundo...

Mal soou o tiro, mal o veículo partiu a galope, mal esses poucos gritos foram proferidos no silêncio, Pardaillan percebeu uma sombra correndo atrás da carruagem.

"Agora é hora de agir! ele pensou. Este mafioso não suspeita que ele possa estar correndo, há alguém atrás dele que está correndo tão rápido, que vai se juntar a ele e..."

Ele olhou para a ponta de sua espada e correu para a frente, em busca do estranho que galopava loucamente, tentando alcançar o marechal.

Esta corrida furiosa durou um minuto.

Pardaillan alcançou o estranho e, aproximando-se dele, deu um golpe furioso.

Mas o estranho sem dúvida tinha ouvido correr atrás dele.

Quando Pardaillan chegou, ele se virou e um salto ágil o salvou do golpe 961

terrível destinado a ele por seu agressor.

Pardaillan aproveitou esse movimento do estranho para se colocar entre o carro e ele.

Assim, ele bloqueou seu caminho.

O estranho correu para frente, de cabeça erguida.

Instantaneamente, os dois ferros se cruzaram...

As espadas uma vez engajadas, os adversários ficaram em silêncio, cada um deles reconhecendo no outro um espadachim de força superior.

A escuridão era profunda, e eles mal eram distinguíveis. Os contatos de ferro devem, portanto, ser suficientes para que eles se guiem. E era sinistro esse duelo na noite escura, essas duas sombras vacilantes, esse grupo confuso onde às vezes só se via uma faísca de aço, onde se ouvia apenas as duas respirações curtas e roucas.

No entanto, o velho Pardaillan se conteve, seu objetivo era simplesmente parar o estranho tempo suficiente para que ele alcançasse o carro cujo ronco estava desaparecendo à distância.

O estranho, pelo contrário, queria absolutamente 962

passar e passar rapidamente.

Ele, portanto, sentiu duas ou três vezes o ferro de seu adversário, e no palpite, partiu-se completamente em um forehand e violento.

Ouvimos aquele farfalhar de ferro que lembra o som de seda rasgando: O golpe foi aparado!

O estranho atirou-se de cabeça para a frente:

“Por Pilatos! ele rosnou.

"Por Barrabás!" rugiu Pardaillan no mesmo instante.

Ambas as maldições soaram simultaneamente.

E assim que eles as proferiram, as duas espadas baixaram juntas, e este duplo clamor foi ouvido:

- Meu pai ! gritou o estranho.

- Meu filho ! respondeu o velho Pardaillan.

Embainharam as espadas, não sem uma espécie de constrangimento por parte do velho Pardaillan e uma raiva surda, ou melhor, um desespero concentrado, do jovem cavaleiro.

963

Houve um minuto de silêncio, durante o qual o chevalier, escutando, tentou ouvir um último ruído que pudesse lhe dizer em que direção Damville tinha ido.

Mas ele não ouviu mais nada!...

- Perdido! ele murmurou desanimado.

O velho caminhoneiro, naquele minuto, estava procurando o que poderia dizer ao filho. Ele sentiu uma vaga necessidade de se limpar e instintivamente adivinhou que o cavaleiro tinha o direito de censurá-lo.

Então ele se plantou em sua atitude de dignidade ofendida e, punho no quadril, começou o ataque:

“Depois de uma ausência tão longa, reencontro você, meu filho. E como eu te encontrei?

Desobedecendo completamente ao meu conselho que você jurou seguir e que deveria ter tomado como ordens! Eu te encontro, digo, em flagrante delito dessa fraqueza de alma contra a qual tive o cuidado de adverti-lo! Eu te encontro, eu digo, misturando você com
964

o que não é da sua conta, colocar você no caminho de ladrões voadores capazes de te quebrar como vidro, te interessar em pessoas sendo sequestradas, tentar resgatar estranhos que nem clamam por socorro. Finalmente, encontro você fazendo exatamente o oposto do que deveria fazer! Foi assim que você recebeu meu conselho? Eu ordenei que você desconfiasse de homens, mulheres e de si mesmo! E aqui você está jogando o cavaleiro errante.

Triste profissão, meu filho, e que lhe trará poucas coroas, menos ainda uma boa reputação, e que mais cedo ou mais tarde o levará à forca ou ao cadafalso. Pois os homens, meu filho, são feras ferozes que se espantam e se humilham pela pura bravura posta a serviço de causas que nada deveriam render. O mínimo que pode acontecer com você é passar por louco, e ter pessoas de bom senso apontando para você, rindo e zombando entre si, e dizendo de você: "Aqui está alguém que se diz devotado sem que isso lhe pague. Tranque-o ou mate-o.

“Pois se tais exemplos fossem seguidos, não haveria mais lucros possíveis, não mais do que
965

comércio honesto, não mais grande e pequeno, e seria uma confusão universal, a Torre de Babel!...” É o que as pessoas vão dizer, meu filho.

E penso nisso com amargura, eles teriam razão em dizer isso. Veja, meu filho, as terríveis catástrofes a que seríamos levados se houvesse apenas dois ou três dispersos como você! Você me vê confuso de antemão, tanto quanto você pode me ver nesta escuridão. Estou terminando, meu filho, porque odeio discursos longos. Termino pedindo que me acompanhe até um certo cabaré que eu conheço e que fica aberto a noite toda, quando você sabe bater à sua porta de uma certa maneira... Bem?... Você não está vem?...

“Padre”, disse o cavaleiro com uma voz tão alterada que o velho roadster sobressaltou-se, “sua intervenção me mergulha em um desespero mortal.

Mas seja qual for esse desespero de não ter conseguido o que tanto desejava, minha tristeza é ainda maior ao ver que estamos em dois lados opostos...

- Ei! cadela! quem te impede de vir 966

conosco: tudo será lucro. Cem mil libras estão garantidas para você, e talvez uma empresa seja...

- Cale-se ! cale-se ! gritou o cavaleiro. Ah! meu pai, não imaginas o que sofro, e qual é a minha dor de te ouvir falar assim!... Estás a seguir um caminho, e eu sou outro!... Adeus, meu pai... deixo-te com uma dor inalterável saber que você está entre meus inimigos!

- Você está me deixando! disse o velho Pardaillan com uma voz ligeiramente trêmula. Mas por que me deixar?

A engenhosidade do caminhoneiro inacessível a certos sentimentos, acostumado ao árduo caminho tanto para o coração quanto para o corpo, apareceu nessa questão.

"Você não está me forçando a fazer isso?" exclamou o jovem, tremendo. Pense, meu pai, pense que um evento desastroso poderia ter acontecido ontem à noite: eu desembainhei minha espada contra você! Basta pensar que se eu tivesse tocado em você, se a ponta da espada que você me deu estivesse manchada com seu sangue, eu me jogaria direto no rio! Pense 967

que eu teria que passar por esta rua que você está me bloqueando, e que para isso, você teria que se colocar em uma posição ruim na frente de seus mestres! Ah! meu pai, meu coração está dilacerado! Que eu nunca mais te encontre em tais circunstâncias!...

Adeus, adeus, meu pai!...

O cavaleiro deu alguns passos apressados para recuar.

O velho Pardaillan cambaleou e sentou-se em um poste de salto.

Ele colocou a cabeça entre as duas mãos.

- O que isso significa? ele rosnou. Meu filho está me deixando? Somos inimigos?... Mas então...

o que vou fazer da vida?...

O que será dessa pobre carcaça velha?...

Eu vivia... a esperança de que ele fizesse o seu caminho, se tornasse um capitão temido... a esperança de que ele fechasse meus olhos no último momento... o que eu sei? e tudo isso desmorona?... O quê! é verdade ? Sou seu inimigo?... Nossas estradas são diferentes?... Ele me deixa?

Duas grandes lágrimas rolaram por suas bochechas 968

bronzeou-se da estrada e ficou perolado na ponta dos bigodes grisalhos: era a segunda ou terceira vez na vida que o velho Pardaillan chorava.

Ele levou a mão à garganta, como se quisesse abafar o soluço que ressoou ali.

- Finalizado ! disse ele com aquela profunda tristeza de desânimo.

No mesmo instante, sentiu-se agarrado pelas duas mãos e deu um grito rouco, quase terrível de alegria, ao reconhecer o filho, que se inclinava para ele e que, com a voz abafada, lhe dizia:

– Bem, não, não posso!... Não posso deixá-lo assim!... Padre, temos que nos explicar!... Morreria de dor de dizer a mim mesmo que você está contra mim. !... Venha...

- Ei! morte de todos os demônios! raivoso o velho Pardaillan, que se sentiu renascido, vamos começar beijando! Essa é a melhor explicação!

Pai e filho abraçados com alegria 969

delirando em um, com alegria misturada com dor no outro.

- Deixe-me vê-lo ! então exclamou o motorista...

Sim, eu consigo ver tudo igual, eu, sou como gatos, e então, para um pai velho, não precisa de luz para ver o filho com clareza... Vejo você com os dedos... Mordieu! mas você não é mais o mesmo! Você é forte como o mais forte...

Que tamanho ! Que envergadura!... E o seu pulso! Praga! Mas eu não gostaria de conviver com isso de novo, eu que conheço o fim do fim da esgrima! Ah! ah! Então você adotou meu palavrão? Como você empurrou seu "Por Pilatos!" »

Eu disse a mim mesmo imediatamente: Isso é meu próprio sangue gritando! Vem vem! De braços dados, pelos chifres do diabo, agora mesmo, desafiarei o mundo!

– Aqui não, pai, por favor. Vamos para minha casa... para a sua!

"E onde é a sua casa?" No La *Devinière* , aposto?

“Sim, meu pai.

970

- Bom ! E ! você sabe o que la *Devinière* significa para você no momento? Uma garganta cortada, uma armadilha onde você infalivelmente será pego, eviscerado, estripado, a menos que você pegue, estripe, estripe aqueles que serão enviados para levá-lo... o que, além disso, me surpreenderia apenas pela metade.

"Então você acha?"

– Acho que você deveria começar dando as costas ao *Devinière* . Conheço um certo Guitalens que está furioso com você e que adoraria colocá-lo em uma de suas masmorras.

Vamos! Vamos...

Desta vez o cavaleiro se deixou arrastar sem resistência.

Vinte minutos depois, pai e filho entraram no *Marteau qui cogne* , um cabaré caolho localizado nos limites da Truanderie, rue des Francs-Bourgeois, e que, para alguns clientes, permaneceu aberto a noite toda, apesar das rondas da noite .vigília e ordens de toque de recolher real.

971

No primeiro andar do cabaré, numa sala estreita, sentaram-se para um jantar improvisado, e o velho Pardaillan, quebrando o gargalo da primeira garrafa de Borgonha, exclamou alegremente:

"Agora me conte tudo!" Tudo desde a minha partida de Paris! Suas piadas, suas bobagens, seus casos de amor, e suas batalhas e seus cortes, e o que você fez e o que você não fez, tudo o que eu não sei e que estou morrendo de vontade de saber. Comece, meu filho!...

972

XXXVI

Pai e Filho (continuação)

"E antes de mais nada", retomou o velho Pardaillan, "o que você estava fazendo esperando aquela carruagem?" Então você sabia que ela ia sair, e a hora?

“Sim”, respondeu o cavaleiro.

"E o que continha?"

- Sim ! perguntou o cavaleiro, mas com uma voz mais sombria.

- Nós iremos ! Você é mais avançado do que eu! Eu, eu estava escoltando o carro sem saber o que estava carregando!

– Então, meu pai, começou o cavaleiro, você saberá que o mestre Landry Grégoire, proprietário do *Devinière* , goza de uma reputação extraordinária por um certo número de pratos populares, em particular a fritura do Sena e o 973

patês de cotovia.

“Lembro-me perfeitamente dessas tortas”, disse o velho Pardaillan; esse bom senhor Landry desossa pacientemente os passarinhos, pica-os, faz fricassé, espalha-os ordenadamente em uma terrina e despeja gordura fervente sobre a coisa toda.

Quando essa gordura é resfriada, ela forma uma casca que protege o patê por muito tempo. Sim, é verdade, Landry tem um talento notável para esta operação culinária. Em minhas viagens, tentei repetidamente imitá-lo sem sucesso. Ele deve ter um segredo... Mas a propósito!

Comi um hoje, esses patês de cotovia!

O cavaleiro sorri.

“Esta manhã”, continuou ele, “meti na cabeça para ver o que estava acontecendo no Hotel de Mesmes. Assim, eu me atrevo à guerra e vou embora. Na rua, me junto a Huguette... você se lembra de Huguette, meu pai?

"A bela Madame Huguette?" Praga! Eu não esqueceria de esquecê-lo.

974

- Bem, eu sou o melhor com ela. Ele é uma boa pessoa, cujo coração se comove facilmente. Em suma, junto-me a ela e ia ultrapassá-la, cumprimentando-a com um sorriso quando me pergunta se não lhe farei a honra de acompanhá-la. Ela carregava uma cestinha coberta com um pano branco, e notei que ela estava com suas melhores roupas de domingo. Por educação, pergunto até onde ela vai. E ela responde que, como toda semana, vai levar tortas para Madame de Nevers, para a jovem Duquesa de Guise e finalmente para o Marechal de Damville.

Acredito, meu pai, que na minha vida nunca senti tanta emoção. Você entende que eu previ o meio de entrar no Hôtel de Mesmes...

"Aquela boa Madame Huguette!" disse o velho caminhoneiro; ela me interessa, com suas tortas! Mas aqui está sua chance, por exemplo!

- Ei! meu pai, a sorte passa dez vezes por dia ao alcance de todos os homens; a coisa toda é vê-lo e aproveitá-lo! Em suma, para grande alegria de Lady Huguette, muito orgulhosa de ser escoltada por mim, I 975

diga-lhe que me juntei a ela precisamente com a intenção de lhe fazer companhia. Vamos ao Hotel de Guise, depois ao Hotel de Nevers, depois chegamos ao Hotel de Mesmes. Há um jardim atrás do hotel. Este jardim tem um portão.

É por esta porta que Lady Huguette entra para ir diretamente aos serviços de alimentação que ficam na parte de trás do hotel. Quando Dame Huguette entra no jardim, eu entro com ela.

“Bem”, ela exclama, “o que você está fazendo?

- Você vê, eu vou acompanhá-lo ao escritório. Você dirá que sou seu primo, seu irmão, o que quiser; mas eu quero entrar.

– Ah! senhor cavaleiro, se senhor mordomo...

"Mais uma vez Monsieur, o Regente!" exclamou o velho Pardaillan. Eu já tinha um gosto ruim por esse homem. Que ele tome cuidado. Se ele não se comportar bem na sua história, eu corto as orelhas dele.

Continue, meu filho!

976

O chevalier, atordoado a princípio por esta interrupção, continuou:

"Se Monsieur l'intendente souber, você nos fará perder a prática do marechal", concluiu Huguette. Mas já que eu não parecia nada movido, ela suspirou e me deixou entrar com ela. Entramos em uma espécie de vestíbulo. À esquerda abrem-se as cozinhas, à direita, a despensa. Ao fundo, uma porta. Huguette dirige-se para a direita e quando está prestes a entrar:

"Estou esperando por voce aqui! " Eu disse. Um pouco trêmula e desolada, ela entra, e eu, indo direto para a porta dos fundos, abro e vejo um armário no qual me tranquei. Dez minutos se passam.

Eu ouço Huguette saindo.

- Aqui ! Sr. seu primo não está mais lá?

grita uma voz fresca e jovem.

“Ele vai se cansar de me esperar”, responde Huguette. Ele provavelmente está no jardim...

– Não, Lady Huguette. Pois assim como eu o vi entrando pela janela, eu o teria visto partir.

977

“Talvez ele tenha saído quando você abriu seu guarda-roupa e não conseguiu ver o jardim...

“É possível, afinal, Dama Huguette”, retoma a voz fresca.

"Espero, minha querida Jeannette, que você não esteja com raiva?"

- Suficiente para ? Do que você trouxe o primo? De nada, pelo contrário! E aí, quem vai saber? Esta parte do hotel comunica com a frente habitada apenas por um corredor que se encontra sempre fechado, excepto à hora das refeições. Ficarei feliz em vê-lo novamente.

“Muito obrigado, Jeannette”, disse Huguette em um tom um tanto curto.

– Eu os ouço saindo juntos no jardim, e aproveito para entrar na despensa.

- Zumbir! disse o velho caminhoneiro. Posição perigosa, meu filho! Eu tenho o suor para você!

E o que aconteceu, diga-me rapidamente!

– Aconteceu, meu pai, que pela janela, 978

Vi o criado escoltando Dame Huguette ao jardim onde ambos me procuraram; e que, cansado da luta, Huguette partiu. Mas tive tempo de examinar Jeannette, ver que ela era muito jovem, muito bonita, com os olhos mais lindos do mundo...

– Ah! ah! Então era isso que você ia fazer no Hotel de Mesmes!

“Você não pensa assim, pai! Ainda assim, esperei por Jeannette e quando ela voltou, eu simplesmente a peguei em meus braços, e meu beijo sufocou o grito assustado que ela queria soltar. Eu passo os pedidos e as respostas. Apenas saiba que depois de meia hora, a pobre Jeannette estava convencida de que eu estava loucamente apaixonado por ela; Fiquei sabendo na mesma hora que ela ia se casar, para agradar o intendente...

– Ah! para este tempo, diz-se. Eu cortei as orelhas dele! exclamou o velho Pardaillan.

“Para agradar o intendente, então, ela teve que se casar com o sobrinho do dito intendente, um noivo do marechal de Damville. aprendi que 979

o mordomo chama-se Gille, e o sobrinho Gillot.

Fiquei sabendo que Jeannette não gostava do sieur Gillot e que odiava o sieur Gille, tudo de bom, meu pai! E estávamos prestes a entrar em confidências mais doces, temperadas por uma espécie de medo que eu ainda inspirava na linda criança, quando, de repente, estávamos andando no vestíbulo. Jeannette abre um grande guarda-roupa e me empurra no momento em que a porta se abre.

– Ufa! disse o motorista. Já estava na hora, hein? Aposto que é aquele estúpido Gillot vindo!

– Não: era o tio dele.

- Gilles! Comissário de bordo! Ele me horroriza, esse homem, com seu rosto de esqueleto. Mas chega, já que tenho que cortar as orelhas dele!

meu pobre amigo, aqui está você em uma posição triste, em seu armário! Como você vai sair?

"Você vai ver, pai. Então foi o mordomo que chegou. Compreendi imediatamente, às primeiras palavras de Jeannette. E aqui está a conversa que ouvi:

980

"Jeannette", disse o mordomo, "os prisioneiros lhe contaram alguma coisa esta manhã?"

- Os prisioneiros! exclamou o velho Pardaillan.

– Sim, meu pai. Essa foi a pergunta do comissário. E se você se comove com isso, eu estava quase desmaiando no meu armário. E meu coração batia tão forte que é de se admirar que o mordomo não tenha ouvido! Pelo menos, parecia assim para mim na época.

Aqui o cavaleiro bebeu um copo de vinho, enxugou a testa suada e continuou:

"Não, mordomo, eles não me disseram nada", respondeu Jeannette. Não mais esta manhã do que nos outros dias, aliás. Estas senhoras estão muito tristes, é tudo o que posso dizer.

“Espero”, continuou o comissário, “que você não tenha dito uma palavra a ninguém sobre a presença desses estranhos no hotel, a ninguém, nem mesmo ao meu sobrinho!

- Oh ! senhor, você me ameaçou tanto que não há perigo de eu falar sobre isso.

981

- Bom ! Lembre-se que Monsenhor lhe dará um bom dote se for muito bom, se obedecer...

“Monsenhor é bom demais. É meu dever obedecer, e não mereço recompensa por isso.

“Muito bem, minha filha. Você é digno de se casar com Gillot e vai se casar com ele. Não se esqueça de observar o que eles fazem e o que dizem quando você lhes traz o jantar.

- Oh ! senhor, está tudo visto, tudo notado.

Essas senhoras estão chorando e mal comem. Eles me dão pena, olhe. É sempre um momento triste para mim quando lhes trago comida.

- Bom ! Hoje é o último dia, Jeanette. Amanhã, eles não estarão mais aqui.

Monsenhor os liberta. Você entende, Jeannette, eles são parentes do marechal. Ele queria fazer com que o mais novo se casasse com um bom par que a donzela não quer. Ele fez tudo o que podia para decidí-la. Mas como também são obstinados, a filha e a mãe, bem, ele desiste.

E ele manda de volta... tudo isso, entre nós, você 982

Compreendo?

“Fique quieto então, senhor. Estou feliz que essas senhoras estão indo embora...

“A partir desta noite, eles partirão. Monsenhor está no fim de sua paciência. Venha, adeus, Jeannette, você é uma garota inteligente e vai se casar com Gillot.

- Sim ! conta com isso, velho louco!

interrompeu Pardaillan Sênior. Essa Jeannette me parece uma garota forte demais para se casar com aquele idiota do Gillot. Se eu cortar as orelhas dele também? Mas continue, meu filho. Sua história me parece famosa, só que me dá sede por me dar emoções. E quem eram esses parentes... esses prisioneiros?

"Você vai saber, pai", continuou o chevalier, enquanto o caminhoneiro quebrava o gargalo de uma nova garrafa. Mal tinha entendido que o mordomo do diabo tinha ido embora, deixei meu armário...

“Rápido”, disse Jeannette para mim, “vá embora agora. Você voltará amanhã de manhã se... se gostar de mim.

983

"Eu gosto de você, Janete. E é por isso que eu fico. Por que você quer que eu vá?

“Porque é a hora... a hora em que meu pretendente vem me cortejar. Vá embora, eu imploro. Se ele te visse, a casa inteira viria correndo aos seus gritos. Você não sabe o quão bem guardado este hotel é. Os próprios servos espionam uns aos outros.

“Jeannette,” eu disse a ela resolutamente, “eu não vou embora...

– E Gillot que virá...

“Gillot diabo! rosnou o velho Pardaillan.

Se eu te segurasse.

"Não só não vou embora", continuou o cavaleiro, "mas você vai me levar...

- Ou então ?

- Ou isto ? Nas senhoras que o mordomo falava... nos parentes... nos prisioneiros!

– Ah! pela primeira vez, você está louco, exclama Jeannette. E agora ela decide me perguntar quem eu sou, afinal, e o que estou fazendo no hotel. Insisto que ela me conduza.

984

Ela foge e se recusa violentamente. Em suma, percebo que fui muito precipitado e que de repente perdi o terreno conquistado. Eu estava desesperado. E eu não conseguia entender a atitude da minha nova amiga quando de repente ela exclamou amargamente:

- É indubitável que você ama esta mocinha e que ela o ama! Agora entendo que ela não quer se casar com a festa que meu senhor pretende para ela. Mas não conte comigo para te ajudar!

Então ela começa a chorar. Um flash passa pelo meu cérebro... Jeannette estava com ciúmes!

- Boa menina! disse Pardaillan sênior.

“Então,” continuou o cavaleiro, “eu apresso-me a tranquilizá-la. Juro-lhe que a mocinha ama um alto personagem que me manda tentar falar com ela. Como podeis esperar, acrescentei, que esta mocinha, uma Montmorency, ame um pobre diabo como eu, primo de um estalajadeiro? ? , um aventureiro sem um tostão...

Esse raciocínio a impressiona mais do que todos os meus juramentos.

985

- Ainda é justo! ela exclama.

– Ah! ah! disse o velho Pardaillan, caindo na gargalhada, a fábula era boa.

O cavaleiro, sombrio e trêmulo, ficou em silêncio por um minuto.

“Pai”, disse ele, “o que você acha da opinião dessa garota?

– Que opinião? Aquele que um Montmorency não pode amar um pobre diabo como você?

- Sim senhor.

O velho Pardaillan encolheu os ombros enquanto esvaziou uma taça de vinho.

“Digo que é a opinião de uma menina muito pequena e de um menino muito pequeno. Saiba uma coisa: o amor não conhece distância, se houver distância. Não há tão grande dama que não concorde em se casar com um pequeno balconista se o balconista lhe parecer a gosto. Mas, recomeçou o motorista de repente, um dos prisioneiros é um Montmorency?

- Sim senhor.

– Isso está se tornando especial, disse o velho 986

Pensativo Pardaillan. Continue indo. Sua história me interessa cada vez mais.

“Então”, continuou o chevalier com um suspiro, “uma vez que Jeannette estava bastante convencida de que Montmorency não podia amar um pobre coitado como eu, ela acabou pouco a pouco cedendo ao que eu lhe pedi. Mas ela acrescentou que só poderia me levar aos prisioneiros à noite, por volta das oito horas. Cheirei uma finta e imaginei que Jeannette ia me pedir para voltar à noite, quando terminou com um leve rubor:

“Enquanto isso, senhor, ficará no meu quarto, onde o levarei e onde lhe trarei algo para comer. O que faço com isso é por pena dessa jovem que chora desoladamente, e eu ficaria muito feliz em tê-la ajudado a se casar com quem ela ama... Vamos nos apressar, porque Gillot não vai demorar agora.

Por isso, agradeço-lhe o melhor que posso. Ela me faz jurar que vou me lembrar do serviço que ela me presta. Juro-o com prazer. Então ela me diz para segui-la. Ela 987

rapidamente atravessa o vestíbulo, eu a sigo. Ela abre uma porta e entra em um corredor escuro e abobadado. Eu continuo a segui-la. De repente, do outro lado do corredor, aparece alguém...

"O maldito Gille de novo!" exclamou o velho Pardaillan.

“Não, senhor, foi Gillot!

– Tão detestável, tão pendurável quanto o outro. Ah! meu pobre cavaleiro, por uma vez, tudo foi descoberto, hein? Como você fez?

"Você vai ver, pai! Eu havia notado no corredor, à direita, uma reentrância que eu acabara de passar por dois ou três degraus. No recesso, havia uma porta. Enquanto Jeannette para petrificada, eu, me escondendo dela, desço para o recreio.

Jeannette vira a cabeça e vê minha operação.

Ela começa a falar em voz muito alta com Gillot, que estava chegando. Durante esse tempo, abro e me encontro no topo da escada do porão! Eu gentilmente empurro a porta aberta e escuto.

988

"E aonde você vai, Gillot?"

– Primeiro à despensa para te beijar, Jeannette.

Aqui eu ouço o som de um beijo.

- Próximo ? pega a garota.

“Então você saberá que o tio Gille me deu a ordem de preparar para esta noite a grande chaise à manetlets com dois bons cavalos, todos bem arreados às onze horas da noite. E como a cadeira não é usada há muito tempo, e vou passar umas boas duas horas colocando-a em forma, vou pegar uma garrafa para começar.

- O que ! Você vai para a adega? Mas se o oficial da adega descobrir?

- Bah! quem vai dizer a ele? Não você, espero!

"Mas a porta está fechada!"

“Eu abri mais cedo, Jeannette.

- Bom ! Venha comigo ao escritório um pouco.

Você tem muito tempo.

- Não, não, praga! Devo me apressar para 989

coloque a chave de volta no lugar.

Então, a porta se abre e vislumbro uma Jeannette assustada escondendo o rosto com as duas mãos. Eu tinha começado a descer para trás. À medida que Gillot avança, dou um passo para trás. Finalmente, aqui estou eu no fundo, e me coloco contra a parede, na esperança de que Gillot não me veja e que eu possa subir enquanto ele busca seu vinho. Mas aqui está aquele idiota acendendo uma tocha!

– Ufa! exclamou o velho Pardaillan.

– Ele me vê e fica atordoado por um momento, os olhos arregalados de medo. Finalmente, seu espírito volta para ele e ele quer soltar um grito alto.

Mas tarde demais! Eu já o tinha agarrado pela garganta. Estava na hora!... Porque no mesmo instante ouço no alto da escada uma voz resmungando contra a negligência do

porão! Era tio Gille que estava trancando a porta de novo! Jeannette, sem dúvida, havia escapado.

- Diabo ! diabo ! rosnou o velho Pardaillan. Aquele miserável mordomo! Desculpe, ele só tem duas orelhas... Então aqui está 990

trancado no porão!... Eu me pergunto como você vai se virar, por exemplo!

- Mas, senhor, já que estou aqui perto de você, disse o cavaleiro com seu sorriso ingênuo e zombeteiro, é que saí dessa!

“É verdade, é verdade; Ainda assim, fico arrepiado sabendo que você está naquele porão...

“Em suma”, retomou o cavaleiro, “a porta estava bem e verdadeiramente trancada com três chaves. Eu ainda estava segurando meu Gillot pela garganta para impedi-lo de gritar. De repente, eu o vejo mudando de branco para vermelho e de vermelho para roxo. Então eu solto.

Ele respira fundo e se joga aos meus pés, dizendo:

"Obrigado, senhor feio!" Deixe-me viver, não vou denunciá-lo!

- Ele te considerou um mafioso! exclamou o velho caminhoneiro.

“Houve razão, senhor. Além da minha espada, eu tinha uma adaga e uma pistola no cinto. Além disso, tive o cuidado de não desenganá-lo: mas para maior certeza, tenho 991

imediatamente amordaçado.

M. de Pardaillan pai caiu na gargalhada.

"E você diz", ele perguntou, "a que horas isso aconteceu?"

— Mas pode ter sido onze horas da manhã, senhor.

“Justamente quando eu estava engasgando Mestre Didier! Ah! Os Pardaillan estão indo bem! E o Hotel de Mesmes os terá conhecido rapidamente no mesmo dia!

"Eu não te entendo, pai.

- Eu vou te contar sobre isso. Mas continue sua história.

Você estava no momento em que engasgou Gillot...

- Sim. Você pode imaginar se eu estivesse preocupado. Uma hora se passa, depois duas! Apesar da minha ansiedade, sinto-me oprimido pela fome e pela sede.

– Quanto à sede, observou judiciosamente o motorista, não tinhas nada a temer, pois estavas na própria fonte, isto é, na cave.

992

“Certo, senhor!

– Mas para a fome, por exemplo. Você deve ter se arrependido dos famosos patês de cotovia?

– Não muito, porque passeando pelas caves, descobri o local onde se colocam os presuntos, e a minha fé, alimentei-me de presunto, na falta de patés... Sim, mas aqui que depois de ter saciado a minha fome mordendo na carne rosada de um presunto e minha sede ao abrir um frasco, aqui, digo, me vem o pensamento de dar comida e bebida ao meu prisioneiro. Então eu começo a procurá-lo, e onde posso encontrá-lo? no topo da escada, no momento em que ele estava prestes a fazer um barulho com o punho e o pé na porta.

Com um salto, junto-me a ele, agarro-o, arrasto-o e digo-lhe: Desgraçado! Então você queria me entregar! Como estava amordaçado, não pôde me responder... Ele tremia em todos os membros.

Então eu acrescento: você merece passar fome aqui. Mas tenho pena de você! Imediatamente, eu o desamarro e lhe dou o resto do meu presunto, que ele começa a devorar. Uma vez que seu apetite diminui, eu o engasgo novamente, eu 993

começo a amarrá-lo, o mais conscienciosamente que posso, e o coloco em uma espécie de sótão entre os presuntos e as salsichas, de modo que ficasse lá como uma salsicha...

- Famoso! famoso! exclamou o entusiasmado velho Pardaillan. Pelo menos você não fumou?

“Nunca me ocorreu, senhor.

Silêncio agora deste lado, então eu tento abrir a porta. Mas dificilmente era inútil.

Para piorar a situação, a tocha queimada lança sua última luz e se apaga. Aqui estou eu na escuridão profunda, sentado nos degraus da escada, ouvindo com profunda ansiedade, esperando que algum oficial da adega venha buscar um pouco de vinho para abrir meu caminho lá fora, pistola em uma mão, punhal na outra. Mas as horas passam. Não ouço nenhum barulho. E pensando no que Gillot dissera a Jeannette, pensando neste carro que deveria estar pronto às onze horas, me pergunto com angústia se os prisioneiros vão ser sequestrados sem que eu saiba para onde estão sendo levados, sem meu 994

pode fazer qualquer coisa para entregá-los!...

“Pobre cavaleiro! interrompeu o motorista, rindo.

“Você está rindo, pai? perguntou o cavaleiro com uma surpresa não isenta de reprovações.

– Não preste atenção, estou pensando no outro, naquele imbecil Gillot que, entretanto, amarrado como uma salsicha, está deprimido, espalhado entre os presuntos, sem sequer o consolo de se vingar deles devorando eles, já que ele está amordaçado...

Sublime, sua ideia de transformar o Sr. Gillot em um presunto!

O cavaleiro, apesar de sua tristeza, não pôde deixar de sorrir.

“Quanto a você”, continuou o caminhoneiro, “confesso que sua posição não foi nada alegre. Mas finalmente, você conseguiu abrir a porta?

– Não, foi aberto para mim... por Jeannette.

“Boa Jeannette!

– Justo quando eu estava começando a me desesperar de vez, ouço a chave rangendo baixinho. Estou me preparando para ir. A porta 995

abre, vejo Jeannette.

"Rápido, rápido", ela me disse. Consegui pegar a chave por um minuto. Salve-se!

- Que horas são ? Perguntei a ele toda febril.

- Um pouco mais de dez horas.

Respiro aliviada: o carro não deve sair antes das onze horas!

Beijo Jeannette com todo meu coração.

- Você vai voltar ? ela me pergunta.

- Certamente ! Como pude te esquecer!

"E Gillot!" ela diz de repente, lembrando de seu noivo.

"Gillot?" Ele está comendo todos os presuntos da adega!

Então ela corre para os porões. Eu, eu vou ao jardim. Eu a atravesso em alguns saltos.

Encontro a porta fechada. Eu pulo o muro. Ando pelo hotel. E, vendo que é tarde demais para avisar as pessoas que estão interessadas neste caso, decido esperar pelo 996

só o carro... Eu não esperei muito mesmo. Depois de meia hora, vi a grande porta do hotel aberta. Vou postar-me na esquina do primeiro beco. O carro vai lá. E noto que ela é escoltada por um único cavaleiro que vai na frente. Meu plano é feito imediatamente: atirar no postilhão com um tiro de pistola, desmontar o cavaleiro, forçá-lo a lutar comigo, matá-lo

ou feri-lo, depois quebrar os manteletes da carruagem e libertar os prisioneiros... Atiro no postilhão. .. e eu sinto falta!

"Pobre amigo!...

“O que você quer, meu pai! Minha cabeça estava perdida. Esperança, medo, angústia, mil sentimentos que me inundavam, tudo isso tirava a frieza necessária. Finalmente, para acabar com isso, ao tiro, o carro começa a galopar. Eu corro atrás dela. E eu teria alcançado isso! Ah! com certeza, eu teria pego com ele ...

de repente, ouço correr atrás de mim, viro a cabeça, vejo um homem correndo para mim, espada na mão; Eu faço um salto lateral, cara 997

aproveite para se meter entre mim e o carro que está desaparecendo rapidamente... Você sabe o resto, aquele homem era você, meu pai!...

Tal foi a história do cavaleiro para o velho Pardaillan, na sala estreita do cabaré caolho, no meio do silêncio profundo da noite, sob as vigas enegrecidas de um teto baixo, nesta mesa manca onde estavam sentados , comendo e bebendo.

Insistimos em repetir esta história com a sua eloquência, a sua ingenuidade, a sua simplicidade, as suas artimanhas, enfim tudo o que pudesse acabar por realçar a figura do nosso herói - aventureiro de uma época de violência, vamos repeti-lo, sem muitos escrúpulos, pronto a deitar com a pobre criada, rápida para forçar com o noivo um pouco estúpido, rápida para atirar e esgrimir, todas as coisas para as quais se olharia duas vezes, Hoje em dia.

"Foi exatamente assim que foi o meu dia", terminou o chevalier depois de um longo silêncio durante o qual o pai o examinou às escondidas com uma singular mistura de embaraço e admiração.

998

- Mas então disse o velho caminhoneiro na esperança de arrancar seu filho de suas obscuras preocupações, eu lhe pedi para me contar tudo o que você fez desde a minha partida, e este é apenas um dia. Eu até notei que você começou no final.

– Ah! monsieur, gritou o cavaleiro, é porque a importância deste dia indica-lhe a importância do resto! Se eu quisesse entrar no Hotel de Mesmes a todo custo, se eu usasse astúcia e força para saber primeiro se essas duas mulheres estavam no hotel, depois me aproximar delas, finalmente tentar entregá-las é que minha vida é doravante ligado à vida dessas duas mulheres! Devo libertá-los, senão morro lá!... Mas, padre, viemos aqui para explicar nossa situação recíproca... Uma pergunta primeiro, uma pergunta à qual peço que responda...

- Fale, meu filho! disse o velho Pardaillan com uma espécie de ternura áspera.

- Nós iremos ! disse o cavaleiro hesitante, 999

você estava escoltando o carro, não estava?

“Sim, cavaleiro. Fui até responsável por matar qualquer coisa que tentasse se aproximar. Parece que não estávamos totalmente errados.

“Então”, retomou o chevalier, com crescente angústia, “você sabe para onde vai a carruagem!...

Você sabe disso, meu pai! Você me disse antes que não sabia o que ela estava carregando...

- É a mais pura verdade! Ah! não é a confiança que sufoca Monseigneur de Damville!

“Mas você sabe para onde ela está indo!...

- Não, meu filho! Eu estou dizendo a você ; você acredita em mim, não é? Você não inflige ao seu velho pai o insulto de pensar que ele gostaria de enganá-lo?

“Eu acredito em você, pai! disse o cavaleiro com dor concentrada.

Sua última esperança havia acabado de desaparecer.

"Mas", retomou o caminhoneiro, "se eu não posso te dizer para onde vai o maldito marechal, você pode me dizer, você, quem são esses prisioneiros sequestrados com tanto mistério." Você me contou sobre um Montmorency. Mas o que são esses 1000 parentes

que eu não sabia no marechal?

“Pai, lembre-se do que foi dito no dia em que você partiu. Lembre-se daquela mulher cujo nome você não quis me dizer, porque não era segredo seu! Lembre-se daquela mulher, finalmente, cuja filha você sequestrou uma vez...

O velho caminhoneiro sobressaltou-se e empalideceu um pouco.

– Bem, esta menina, esta criança, Loïse de Piennes... ou melhor, Loïse de Montmorency...

- Você adora!...

- Sim senhor !...

- Fatalidade! perguntou o velho Pardaillan, que, pensativo, baixou a cabeça.

"Eu a amo", retomou o chevalier. Eu a amo desesperadamente. E, no entanto, eu quero libertá-la! E é ela que está naquele carro! Ela e sua mãe!...

- Tem certeza?

- Muito certo! Lembre-se do que 1001 me disse

pequena Jeanette. Essas palavras concordam exatamente com o retrato da mãe e da filha... Foram retiradas, aqui estão cerca de quinze.

Suspeitei do marechal de Damville.

Agora, tenho certeza!... Mas aonde isso os leva? Por que ele os muda da prisão?

– Ah! Entendi tudo agora! Eu entendo as precauções tomadas ontem e hoje contra mim. O marechal não queria que eu soubesse que ele tinha prisioneiros e quem eram esses prisioneiros! Ele estava assustado ! E ele estava certo em ter medo! Porque se eu soubesse a verdade, o que você fez, eu teria feito!

“Mas então, meu pai, como é que eu o encontro a serviço do marechal? Há quanto tempo você está no hotel dele?

“Desde ontem à noite apenas. E eu fui mantido lá. Apenas o marechal havia me dito que a partir da meia-noite eu estaria livre. Eu pretendia me juntar a você naquele momento.

O velho Pardaillan então contou a seu filho a história de seu encontro com Damville em Ponts-de-Cé e 1002

o que resultou. O cavaleiro, por sua vez, completou sua história contando os principais acontecimentos de sua vida desde a partida de seu pai.

Quando essas várias confidências terminaram, a aurora começou a aparecer.

Ficou decidido que o velho Pardaillan deveria retornar ao Hotel de Mesmes e que serviria fielmente ao marechal em relação ao seu plano de campanha política.

Era a melhor maneira de descobrir o que havia acontecido com Jeanne de Piennes e sua filha.

– Se necessário, acrescentou o motorista, há alguém que deve ser informado disso. Ele estava dirigindo: um certo Visconde d'Aspremont. E este, vou forçá-lo a falar. Não se preocupe, em breve saberei o que esperar.

“Vou informar ao marechal de Montmorency o que acabou de acontecer. E então estarei esperando por você em La *Devinière* ... pense com que impaciência!

“Em La *Devinière* , homem infeliz! Então você quer 1003

volte para a Bastilha!

- É verdade, não pensei mais nisso.

- Você vai ficar aqui. Eu estive no meu melhor, por muito tempo, com a amante do *Martelo quem bate* . Além disso, esta é uma daquelas estalagens de má reputação onde os senhores da guarda e os capangas comuns tomam cuidado para não se aventurar. Você estará seguro lá. Eu vou dar ordens para que você seja equipado com uma casinha de cachorro habitável.

Pai e filho então se abraçaram.

O velho caminhoneiro acordou a aeromoça, que estava dormindo há muito tempo, e deu suas instruções.

A anfitriã jurou que o cavaleiro estaria mais seguro em sua estalagem do que o rei em seu Louvre.

O cavaleiro acompanhou o pai até a rua. Enquanto ele se afastava:

"Padre", disse-lhe, "deixei alguém em La *Devinière* ... um amigo... vá buscá-lo para mim, pois eu mesmo não posso."

- Bom. Qual é o nome dele, seu amigo?

- Pipeau, é um cachorro...

XXXVII

No Louvre

O cavaleiro dormiu duas ou três horas num colchão mesquinho que a anfitriã do *Martelo Quem bate* , inclinado a exageros sentimentais, pedia uma cama suntuosa, sendo o colchão um sótão que ela chamava de "quarto dos príncipes".

“Quais devem ser os quartos de simples marqueses ou barões ou mesmo cavaleiros! pensou o jovem ao entrar no sótão, reflexo que, além disso, não o impediu de adormecer com tanta vontade como se estivesse deitado no sofá mais macio, e sonhasse com o amor, como se não estivesse separado para sempre talvez de quem ele amava: tão certo é que na feliz idade de vinte anos, a ilusão consoladora é mais forte

do que a realidade desesperada; Bér anger1 escreveu uma música muito bonita sobre isso.

Por volta das nove horas da manhã o cavaleiro estava de pé.

Foi direto ao Hôtel de Montmorency e encontrou o marechal esperando por ele com uma impaciência sombria.

Este dia e esta noite, François tinha passado por eles para agitar pensamentos confusos e contraditórios.

Às vezes se arrependia de não ter seguido seu primeiro impulso e de não ter ido buscar o irmão.

Às vezes concordava-se que o jovem cavaleiro tinha razão e que a astúcia, neste caso, seria mais útil do que a força. Às vezes, ele parava sua mente com uma espécie de encanto desnorteado sobre esse evento que, às vezes, lhe parecia quimérico; ele tinha uma filha de dezessete anos que ele nem sabia que existia! Então ele sorriu, e quase imediatamente seus olhos 1 Béranger: chansonnier francês da Restauração (1780-1857).

se encheram de lágrimas. Outras vezes, e por longos períodos de tempo, pensava naquela mãe admirável, em Jeanne cujo martírio ele havia reencenado desde sua dramática visita a Margency; e então ele entendeu que não tinha deixado de amá-la...

Jeanne apareceu para ele exatamente como ele a tinha visto em seu último encontro no bosque de castanheiros, radiante com sua juventude florescente na própria natureza florescente.

E então surgiu um problema formidável; e embora tenha feito um esforço para descartar a pergunta, ela voltou implacavelmente: ele era casado com Diane de France. E mesmo naquele momento ela estava tentando se aproximar dele. A impossibilidade de uma separação, de uma afronta sangrenta para infligir à família real, parecia-lhe flagrante. De fato, um papa foi encontrado sacrificando a pobre pequena Jeanne; eles não encontrariam outro para separá-lo de Diane! E, no entanto, parecia-lhe tão formal a impossibilidade de viver longe de Jeanne, de perpetuar a condenação quando sabia que ela era inocente...

E quando ele pensou que sua vida estava quebrada,

que era tarde demais para ser feliz, que havia vivido dezessete anos em desespero, que deveria ter vivido na mais pacífica felicidade, ele se viu mordendo os punhos de raiva, e juramentos formidáveis de vingança subiram ao seu cérebro como a fumaça do um licor inebriante.

Assim oscilava o pensamento desse infeliz homem honesto, levado no turbilhão de imagens que se sucediam, como um barco perturbado cuja aflição aparece por um momento no redemoinho do vasto oceano sob um céu negro de tempestades.

Quando o cavaleiro chegou, não ousou interrogá-lo; mas seu olhar ardente falou por ele...

Pardaillan se assustou com a devastação daquele semblante que, no dia anterior, lhe parecia tão imponente pela majestade natural do marechal, por sua grande reputação, pela grandeza e nobreza daquele nome de Montmorency cuja glória o condestável havia trazido a seu apogeu.

Agora era só um homem: um

homem que sofreu. Tanto prestígio estava desaparecendo, e o humilde cavaleiro, o pobre coitado, viu-se com pena do poderoso senhor.

Ele leu nos olhos dela toda a angústia da espera.

“Monseigneur”, disse ele, “não me enganei. Eles estavam realmente no Hôtel de Mesmes.

- Eles eram ! disse o marechal embotado.

“O que significa que eles não estão mais lá. Ah!

meu senhor, há em tudo isso uma fatalidade inconcebível. Quase os libertei... um tiro de pistola, um braço trêmulo... é o suficiente para tudo recomeçar...

"Então você lutou?" exclamou François.

“Sim, meu senhor, mas não consegui.

O que você quer ! Há momentos em que a audácia, a astúcia, a força, a prudência, tudo o que deve garantir a vitória, tudo se quebra e desmorona...

“Lutou por mim!... Chevalier, já lhe devo tanta gratidão que não sei como lhe expressar minha amizade. É uma grande felicidade 1009

para mim do que ter conhecido um homem do seu calibre, e tão dedicado, tão desinteressado.

O cavaleiro corou ligeiramente.

Por um momento, aquela dobra sardônica dos lábios, que lhe dava uma expressão tão estranha de delicadeza e frieza, apareceu em seus lábios.

Mas era apenas uma ondulação em um lago tão logo se apagou quando se formou.

Pois o marechal lhe parecia tão infeliz e tão digno de simpatia que naquele momento o teria servido de todo o coração, mesmo que seu amor por Loise não estivesse diretamente envolvido.

“Então,” continuou o Marechal, cerrando os punhos, “é meu irmão que está batendo nela. E este homem é da minha família, do meu sangue!... Vamos, diga-me o que você sabe!... Você viu este tigre?... Ele viu você?... E você ainda está vivo!. ..

- Senhor, acalme-se. O ódio é uma grande coisa, desde que você o dirija e não se deixe dirigir por ele. Não vi Monsenhor de Damville. Ele não me viu. Aqui é 1010

o que aconteceu...

O cavaleiro começou a mesma história que havia contado ao pai. Escusado será dizer que este relato foi, desta vez, muito breve; o chevalier absteve-se de certos detalhes de tão amável fantasia com que polvilhara sua conversa com o velho Pardaillan; finalmente, ele também deixou de mencionar seu pai.

Tal como está, esta história, no entanto, atingiu o marechal com uma espécie de admiração.

- Você fez isso! ele chorou.

"Sim, monsenhor", respondeu o chevalier simplesmente; Além disso, isso só serviu para nos convencer de que o marechal de Damville era o sequestrador, segundo nossas suposições. Quanto ao carro, onde foi? Isso é o que eu posso saber em pouco tempo...

François agarra a mão de Pardaillan com violência.

"E eu, jovem, digo-lhe que devo saber imediatamente!...

- Meu Senhor ! Meu Senhor ! o que você é 1011

FAÇAM ?

"Você é um homem para repetir o que você me disse, mesmo que possa resultar em algum perigo para você, mesmo na frente do meu irmão?"

- Estou pronto ! disse Pardaillan, com seu rosto de gelo; e quanto ao perigo, milorde, creio ter-lhe provado que ele preferiria me divertir. Um mendigo como eu, que não tem nada além da própria pele para arriscar, dificilmente teme o golpe da espada, exceto pelo corte que pode fazer no gibão.

"Nesse caso, você está pronto para me seguir até o rei?"

"Instantaneamente", disse o cavaleiro, que não pôde deixar de começar.

- É bom. Agora vamos ao Louvre! Deixe o rei fazer justiça: é a única maneira de evitar que o mundo tenha o espetáculo monstruoso de dois Montmorencys cortando as gargantas um do outro... E se o rei escapar...

- Nós iremos ? ofegou o cavaleiro.

"Então", respondeu o marechal em voz baixa.

escuro, se o julgamento dos homens me falhar, apelarei ao julgamento de Deus !

O marechal correu para seu apartamento.

- Malepest! resmungou Pardaillan. Na casa do rei!... Quer dizer, na casa da boa rainha Catarina! a digna mulher que me jogou na Bastilha e que se apressará em me prender!...

Decididamente, eu estava destinado a viver sob a tutela dos veneráveis Guitalens!... Vamos lá, ele não, não há negando!... Vou ao Louvre!

Um quarto de hora depois, o marechal reapareceu.

Ele estava vestido com seu grande traje cerimonial e cumpriu suas ordens. O colar de ouro com uma longa corrente no pescoço, um gorro preto com uma pena branca, um gibão e meia de seda preta, um casaco curto de seda cinza forrado de arminho, botas altas; mas em vez da espada de desfile com um punho embelezado com diamantes, ele cingiu a pesada espada de guerra, com um punho de ferro em forma de cruz. Pálido na brancura da gola, o marechal tinha neste traje, que 1 Este é o antigo nome do duelo. (Nota de M. Zévaco.) 1013

combinava com sua estatura alta e compleição larga, um pouco daquela majestade áspera que tinha sido tão notada no Condestável anteriormente. Ele certamente parecia um Montmorency, como o tipo de grande senhor da época, ferozmente orgulhoso, capaz de lidar quase de igual para igual com o rei.

Ele fez sinal para o cavaleiro segui-lo.

No pátio esperava uma carruagem que o marechal mandara arrear, ao mesmo tempo em que ordenava que os lacaios se aprontassem.

A carruagem puxada por quatro cavalos pretos, com seu piqueur à frente, com seus dois postilhões, com seus quatro lacaios de pé atrás, todos vestindo o traje cerimonial com as armas de Montmorency, parecia ótimo.

O marechal e Pardaillan tomaram seus lugares ali; Diante deles, no banco, estavam sentados quatro jovens pajens em ternos de cetim branco, com gibões estampados no peito.

O enorme veículo partiu a pé e saiu do 1014

o hotel enquanto os doze homens de armas apresentavam suas armas. Lentamente, ele caminhou em direção ao Louvre e, no caminho, as pessoas diziam umas às outras:

"Aqui está Monsieur le Maréchal, que vai fazer sua corte a Sua Majestade...

Durante a viagem, François de Montmorency e Pardaillan não se falaram.

O marechal estava absorto em suas reflexões sombrias, e o chevalier, impressionado, por mais que estivesse, por esse magnífico dispositivo, não podia sonhar sem emoção que se encontraria na presença do rei da França.

Chegamos ao Louvre.

E o boato da visita que o marechal de Montmorency estava fazendo ao rei imediatamente se espalhou por essa espécie de pequena cidade de fofocas e fofocas que era o suntuoso palácio dos reis da França. De fato, o enorme colosso de pedra abrigava em seus lados toda

uma população numerosa, entediada com a etiqueta, de aparência abafada, mas perturbada pelas paixões de 1015.

toda a natureza que ardia neste microcosmo.

Dramas, comédias, amores violentos ou poéticos, adultérios, duelos, assassinatos, intrigas eram elaborados nessa fornalha; e os rostos maquiados de acordo com a moda guardavam sob sua rigidez artificial, sob a impassibilidade que lhes era outra maquiagem, uma espécie de curiosidade incessante, uma inquietação opaca que dava brilhos estranhos aos olhos: todas essas pessoas cobertas de seda e o rosto pintado, tinha a aparência astuta de máscaras ou atitudes de espectros.

A curiosidade era a grande virtude do cortesão, a ansiedade a sua doença.

Este imprevisto da chegada do marechal de Montmorency, que durante anos se manteve afastado da corte, causou um verdadeiro alvoroço no palácio.

Naquela manhã houve uma recepção na casa do rei, ou seja, Carlos IX havia admitido seus cortesãos em seu grand levie. O jovem rei parecia de bom humor. Com esta alegre redondeza que lhe era especial nos dias em que tinha 1016 anos

gozando de boa saúde, acabava de levar todo o seu pessoal para visitar um novo escritório que acabava de equipar no rés-do-chão, logo abaixo dos seus apartamentos.

Era uma sala de dimensões bastante vastas em si mesma, mas no conjunto bastante pequena, em comparação com as imensas salas do Louvre: ainda hoje podemos vê-la. Carlos IX

afirmou fazer dele seu armário de armas e caça. Ou seja, ele havia transportado todas as suas espadas, espadas pesadas que suas mãos fracas não podiam manejar, espadas incrustadas, punhais mouros, punhais italianos, arcabuzes, pistolas, caça, chifres e trombetas: nem um quadro, nem uma estátua, nem um livro.

A janela desse gabinete se abria para o Sena e elevava-se a sete ou oito pés acima da margem.

Não havia cais ou porto ali; o Sena corria, livre e caprichoso, cavando sinuosidades, pequenas baías na areia.

Um aglomerado de choupos centenários que dobravam seus topos sob a respiração das brisas 1017

como senhores que se cumprimentaram, ficaram ali. A decoração tinha um encanto estranho: a massa branca do ainda novo Louvre, o verde esbelto dos choupos harmoniosos farfalhando ao "mais leve vento que, por acaso, faz enrugar a face das águas", o Sena, de uma palidez requintada em seu vestido verde transparente, e mais adiante, a confusão de telhados pontiagudos, empenas maciças, paredes de treliça, vitrais...

E foi talvez para este cenário, para este rio, para estes choupos cantantes, que Carlos IX escolheu este estudo.

A janela estava escancarada, e um lindo sol de abril espalhava suas lâminas de luz irradiada sobre Paris, sob a qual o Sena parecia rir e piscar.

Ao entrarmos neste gabinete, onde se reuniam cerca de quinze pessoas, o rei Carlos IX, segurando na mão um arcabuz que lhe tinha acabado de ser dado pela sua armadura de ourives Crucé, lançou longos e embriagados olhares para a paisagem que tinha diante dos olhos. .

1018

Pedimos aos nossos leitores que não esqueçam que esse rei que carrega diante da posteridade o formidável peso do crime de Saint-Barthélémy, que esse rei tinha vinte anos, que estava na idade da poesia intensa, da generosidade espontânea, que amava caçando o prazer de roçar a natureza, que era simples em seus gostos e em seus trajes, que adorava uma jovem encantadora, graciosa, amável, e que era adorado por ela.

Nós que questionamos esses espectros do passado, nós que procuramos surpreender seu pensamento real em certas atitudes, em alguns gestos, em algumas palavras íntimas, indicamos aqui o gesto e a atitude que Carlos IX teve diante da magia poética do decoração que ele descobriu.

E como sua imaginação foi movida por este espetáculo, a emoção passou para o coração, e ele sussurrou baixinho:

- Casado !...

– Sire, disse Crucé, o novo sistema deste arcabuz permite mirar com precisão 1019

extraordinário.

– Ah! verdade ! perguntou o rei que, arrancado de seu sonho, sobressaltou-se e começou a examinar a arma.

“Sem dúvida”, retomou Crucé. Assim, por exemplo, suponha que um inimigo de Vossa Majestade esteja passando por esta janela neste momento. Suponha que seja um desses álamos. Atirando daqui, Vossa Majestade certamente o mataria e ele mesmo estaria fora de alcance. O rei quer experimentá-lo?

- Qual é o ponto? Eu não tenho inimigos, eu acho! disse Carlos IX, cuja testa de marfim se enrugou e cujo olhar ficou perturbado com uma súbita inquietação.

"Certamente, Vossa Majestade não tem inimigos", insistiu Crucé; mas esta arma é tão maravilhosamente precisa...

- Aquilo é ! disse o rei abruptamente.

E ele começou a mirar em um dos álamos.

Os cortesãos se aproximaram para testemunhar o experimento.

– Duque, retomou, o rei, veja se ele não vem 1020

ninguém na margem. Seria assustador se para tentar este arcabuz, eu fosse matar alguém...

O Duque de Guise, a quem estas palavras foram dirigidas, apressou-se a debruçar-se na janela.

“Ninguém, senhor! ele disse.

Então o rei apontou para um dos álamos, que estava a cerca de trinta passos da janela. O jovem Duque de Guise aproximou-se, o pavio aceso.

- Prossiga ! disse o rei.

O duque se aproximou do fusível, a explosão soou, a sala se encheu de fumaça.

- Acertar ! exclamou Cruce! Olhe, senhor!... você pode ver daqui a ferida feita no choupo... Ah! é uma arma admirável!

“Mas também,” alguém disse com indiferença, “meu irmão é um grande atirador.

Foi o Duque d'Anjou que falou assim.

Então os cortesãos foram ainda melhor. Dois ou 1021

três servos de Anjou que estavam lá bateram palmas.

"O olho do rei é infalível", gritou Quelus.

– O rei é o primeiro caçador do reino!

acrescentou Maugiron.

E de repente, um personagem de aparência bastante sombria que estava de lado, disse rindo:

– Se por acaso, em vez de um álamo, tivesse sido um huguenote, o parpaillot seria agora *ad pais* !

- Alegrar ! Maurevert! gritou outro cortesão, Saint-Mégrin, que por alguns dias passou do duque de Guise ao duque d'Anjou.

Enquanto essas palavras se entrelaçavam, o rei, pálido e subitamente abalado por arrepios convulsivos, examinou com um olho escuro “a ferida” infligida ao álamo. Ele colocou abruptamente o arcabuz de volta em um canto e disse gravemente:

– Queira Deus que nunca tenhamos que atirar em choupos vivos!...

Os cortesãos de repente se curvaram 1022

tranquilo. E Carlos IX, chamando o velho Ronsard que conversava com Dorat, sentado à parte, perguntou-lhe:

"E você, o que acha, meu pai?"

Ele o chamou assim por afeição e também para conceder ao poeta uma espécie de distinção especial.

Tivemos que repetir a pergunta a Ronsard que, como sabemos, era perfeitamente surdo, tanto que mal ouviu o tiro. Mostraram-lhe o arcabuz, o álamo, e quando finalmente compreendeu a pergunta:

“Eu digo, senhor, é uma grande pena ver um filho da natureza assim aleijado. Este álamo está sangrando, está chorando; não duvide, senhor, e ele se pergunta com tristeza que mal lhe fez para ser assim tratado.

- Bom ! zombou Henri de Guise, aqui está o poeta que quer que acreditemos na alma das plantas.

Mas isso é heresia!

Ronsard não ouviu; mas ele entendeu a intenção irônica do semblante de Guise; 1023

os tufos brancos de suas sobrancelhas se ergueram.

E ele rosnou:

– Direi o mesmo do caçador que mata o veado ou o veado: é um crime. E quem pode, para seu prazer, matar um animal inofensivo cujos belos olhos tão suaves pedem misericórdia em vão, assim também pode matar um homem. O caçador é naturalmente feroz. Em vão ele cobre sua ferocidade com um verniz superficial dado a ele pela educação; se ele mata, é porque ele tem o instinto de matar...

Essas palavras ditas diante de um rei caçador não podiam deixar de ser ousadas.

Mas Carlos IX contentou-se em sorrir e murmurar:

- Poeta!...

Além disso, nesse exato momento, a atenção geral foi desviada pela entrada do valet de chambre do rei, uma espécie de personagem oficial que, ocasionalmente, servia de apresentador.

O criado parou a dois passos do rei.

- O que é isso ? perguntou Carlos IX.

1024

“Senhor, Monsieur le Maréchal de Montmorency está lá, implorando a honra de ser apresentado a Vossa Majestade.

"Montmorency!" gritou Carlos IX como se não pudesse acreditar em seus ouvidos. Ele terá ouvido falar da grande paz que está sendo feita. E ele quer parar de ficar de mau humor. Bem, deixe-o entrar!

Carlos IX imediatamente sentou-se em uma grande poltrona de ébano ricamente esculpida. E todos os assistentes de pé se alinharam à direita e à esquerda da cadeira.

Então a porta se abriu, e os quatro pajens do marechal entraram aos pares, punhos nos quadris, e tomaram seus lugares, dois à direita, dois à esquerda da porta, em atitude rígida.

Então o marechal entrou, seguido pelo Chevalier de Pardaillan.

François de Montmorency parou a três passos da cadeira e fez uma profunda reverência.

Então, endireitando-se, esperou que o rei falasse com ele.

1025

Carlos IX contemplou por um momento em silêncio o nobre chefe do marechal, plantado em uma atitude de força e dignidade. Fraco e de saúde delicada, não admirava sem amargura a figura alta e os ombros largos de seu visitante.

Os cortesãos presentes esperaram até que o rei falasse, prontos para sorrir para Montmorency, ou prontos para serem insolentes, para acalmar suas atitudes, conforme o mestre o recebesse bem ou mal.

Só Henri de Guise fixou no marechal um olhar desdenhoso e quase odioso.

– O amigo dos parpaillots! ele zombou em voz baixa quando o viu entrar.

"Bem-vindo, monsieur le marshal", disse Carlos IX por fim. Fazia tanto tempo que você não abandonava a corte da França que se poderia temer que estivesse morto; e às vezes nos perguntávamos se era mesmo o policial de seu pai que havia morrido em Saint-Denis, ou se não era você.Felizmente, vejo você bem vivo e com boa saúde.

Tendo satisfeito seu pequeno rancor com estes 1026

zombarias inofensivas, Charles IX acrescentou em um tom mais sério:

– O principal é que você está aqui e que finalmente está voltando para nós. Mais uma vez, bem-vindo.

Então os cortesãos, exceto Guise, deram ao marechal seus sorrisos mais encantadores, e um murmúrio de alegria percorreu a platéia, como se tivessem experimentado uma alegria inconcebível com esse retorno.

“Senhor,” disse Montmorency, “vim pedir a Vossa Majestade que me conceda uma audiência.

– Você tem... Fale.

“Senhor, quero dizer a honra de uma audiência privada.

"Você quer falar comigo a sós?"

“Se Vossa Majestade consentir.

- Bem, também...

Assim que o rei pronunciou esta palavra, todos os cortesãos, incluindo o duque de Anjou, irmão de Carlos IX, curvaram-se juntos e derrotados em 1027.

recuar para a porta.

"Por que esse jovem fica?" disse o rei, apontando para Pardaillan.

O cavaleiro sobressaltou-se e voltou a olhar para Carlos IX. De fato, uma cena silenciosa acabava de acontecer enquanto o marechal e o rei trocavam as poucas palavras que acabamos de relatar.

Ao entrar no escritório, os olhos do chevalier caíram primeiro em Quélus, Maugiron e Maurevert. E sorria como às vezes sabia sorrir, isto é, com aquela gélida impertinência que lhe era peculiar. Sem dúvida, os dois servos de Anjou e Maurevert também o reconheceram, pois começaram a encará-lo com um ar muito insolente.

O chevalier, com um ar imperceptível, esfregou o braço direito enquanto olhava para Maugiron. (Lembramos que, durante o encontro noturno na rue Saint-Denis, ele havia ferido Maugiron no braço direito.)

por outro olhar cheio de franco espanto... por que essa raiva, lindo querido?

Então ele se virou para Maurevert, e enquanto Maurevert olhava para ele com um ar de curiosidade muito importante e provocadora, o cavaleiro gentilmente acariciou sua bochecha. (Lembramos que ele havia golpeado sua espada na bochecha do mencionado Maurevert neste mesmo encontro, a tal ponto que este ainda tinha um corte avermelhado.) O espadachim cerrou os punhos e empalideceu de raiva.

"Nós nos encontraremos novamente," ele rosnou baixinho.

- Quando você quiser! respondeu Pardaillan no mesmo tom!

Ao sair do armário, Quélus e Maurigon começaram a conversar em voz baixa com o duque d'Anjou, e este, voltando-se para Pardaillan, sorriu tão ameaçadoramente que o pobre cavaleiro gritou para si mesmo:

– Ufa!... Pela primeira vez, estou morto! Reconhecido pelo senhor, não sairei daqui vivo, a não ser para ir ao Templo ou ao 1029

Bastilha!

Além disso, acredita-se que diante da questão do rei, Pardaillan permaneceu assustado e de boca fechada.

Montmorency apressou-se a responder:

“Senhor, este Chevalier de Pardaillan é uma testemunha do que estou prestes a dizer. Peço para ele a mesma honra que para mim...

Carlos IX assentiu com aprovação.

"Isso não é tudo, senhor," continuou o Marechal. Visto que vejo Vossa Majestade tão bem-disposto para comigo, atrevo-me a rogar-lhe que ordene que o senhor Maréchal de Damville seja chamado ao Louvre para tratar de todos os assuntos.

"Mas é, portanto, um conselho de família que você quer realizar em nossa presença?"

“Sim, senhor,” disse François em uma voz singular, “um conselho de família. E como o rei da França é o pai de todos os seus súditos, é razoável que este conselho seja realizado na presença do pai.

Carlos IX conhecia muito bem o ódio que dividia os dois irmãos. Mas isso odeio em 1030

ignorou as causas. Ele tinha o pressentimento de que ia saber dessas causas que os dois marechais mantinham em segredo por muitos anos. A voz sombria e altiva de François, a presença dessa testemunha, a solenidade desses preparativos, impressionaram, e ele resolveu prosseguir com essa aventura.

Ele então bateu com um martelo de prata, e seu criado apareceu imediatamente, ele pediu por Cosseins, seu capitão da guarda.

“Vossa Majestade esqueceu que você deu três dias de licença ao Sr. de Cosseins”, disse o valete de quarto.

- É verdade, por Deus!

"Mas o Capitão da Guarda da Rainha Mãe está aqui, e se Vossa Majestade desejar...

“Nancey?... Sim. Ele vai fazer o trabalho tão bem.

Um minuto depois, o capitão de Nancey entrou no gabinete.

Por mais poderosa que seja a gravadora, Nancey, ao ver o Chevalier de Pardaillan 1031

que ele havia se prendido e de fato levado para a Bastilha, parou com espanto, os olhos arregalados.

Pardaillan pareceu examinar com profunda atenção um arcabuz pendurado na parede; então, enquanto Nancey continuava a fitá-lo, hipnotizado, o cavaleiro decidiu dar-lhe um aceno amistoso, quase protetor, e um sorriso.

- Nós iremos ! disse o rei, franzindo a testa, qual é o problema com você Nancey?

“Perdão, senhor, mil vezes perdão! gaguejou o capitão, acabei de ter um deslumbramento, uma tontura...

- Se isso continuar, pensou Pardaillan, a coisa vai ficar tão complicada que começarei a ter chance de sair dela!

- É bom ! retomou o rei. Vá imediatamente ao Hotel de Mesmes e diga ao Sr. de Damville que quero falar com ele.

"Vossa Majestade ordena que eu vá sozinho?... ou com alguns guardas?"

1032

"Sozinho, mordieu, sozinho!" Isso não é uma prisão. Você acha que está no armário da minha mãe!

Carlos IX costumava ter aquelas piadas que, quando contadas a Catarina, a deixavam verde de fúria. É verdade que ela teve então o recurso de se consolar com seu segundo filho, o duque d'Anjou, tramando com ele todo tipo de planos.

O capitão dobrou-se e saiu.

“E agora, senhor”, disse François de Montmorency, “devo dizer a Vossa Majestade que vim pedir justiça e que diante de vocês acusarei o Marechal de Damville de crime, mentira e crime de sequestro. Ah! senhor", acrescentou com veemência, vendo o movimento do rei, "eu adivinho seus pensamentos! Você quer me dizer que há juízes em Paris e que é a eles que devo apresentar minha queixa! Mas você mesmo é o primeiro juiz do reino, senhor! E não é só à vossa justiça soberana que apelo! Ainda está em sua homenagem! As coisas terríveis que eu tenho em 1033

contar deve permanecer em segredo, senhor! E em vez de dá-los como pasto aos juízes, em vez de escandalizá-los, que mancharia para sempre este nome glorioso pelo qual fiz os últimos sacrifícios, bem, senhor, eu faria justiça com minhas próprias mãos! ... Majestade vai me entender com uma palavra... É sobre uma mulher...

de duas mulheres... duas mártires... uma, a filha, atingida desde o nascimento pela mais terrível desgraça, desde que seu pai a abandonou... a outra, a mãe, digna de piedade por uma longa tortura injusta, suportou em silêncio, digno de admiração por este mesmo silêncio...

"Marechal", disse o rei, com uma emoção da qual não dominava, "já que o deseja, seremos então os árbitros deste caso."

Suas palavras e sua agitação me levam a supor que se trata de algum assunto de família sério que não deve ser tornado público.

Então fale sem medo. Garanto-lhe justiça e discrição.

– Vossa Majestade me surpreende e me pergunto como posso mostrar a ele a gratidão que 1034

transborda do meu coração... Mas, senhor, pela gravidade das acusações que afirmo fazer contra meu próprio irmão, ele não deveria estar presente antes de eu entrar em detalhes?

“Isso mesmo, marechal, isso mesmo.

Um longo silêncio constrangedor se seguiu a essas palavras, e quase meia hora se passou, o rei pensando em sua curiosidade excitada, Pardaillan imaginando como tudo iria terminar, o marechal mantendo os olhos fixos na porta.

Finalmente o rei perguntou:

"No entanto, você pode me dizer agora quem são essas duas mulheres?"

“Sim, senhor: dois trabalhadores humildes.

– Trabalhadores? exclamou Carlos IX com espanto.

Em que tipo de trabalho?

“Senhor, eles se ocupavam com bordados ou tapeçarias, que garantiam sua pobre existência.

Ao pronunciar essas palavras, o marechal fez um gesto de selvagem desespero.

1035

"E onde eles estavam hospedados?" perguntou o rei. Cuidei eu mesmo do bordado dos brasões, e acho que conheço os cinco ou seis operários que, em Paris, são capazes de fazer esse tipo de trabalho.

“Senhor, eles moravam na rue Saint-Denis.

– Rua Saint-Denis! exclamou Carlos IX ansiosamente. Na frente de uma pousada?

"A estalagem de La *Devinière* , senhor!"

- É isso ! gritou o rei, batendo palmas. Eu conheço ela ! ela é certamente a mais habilidosa bordadeira de brasões e lemas de Paris.

E com um sorriso terno, Carlos IX recordou esta cena em que ofereceu a Marie Touchet a tapeçaria executada pela bordadeira da rue Saint-Denis com o lema: Je charme tout.

O marechal permaneceu estupefato, com uma inquietação surda, com esse incidente imprevisto.

– Isso te surpreende? perguntou o rei com uma espécie de melancolia. É verdade. eu gosto de andar 1036

sozinho em Paris, vestido de burguês. Às vezes você fica entediado no Louvre, Marechal. Se você tem suas preocupações, nós temos as nossas. E assim procuramos, onde achamos encontrá-los, um sorriso franco, um acolhimento do coração, lábios que não mentem, uma testa onde podemos ler um livro aberto... tive a oportunidade de procurar um trabalhador qualificado para um trabalho que... foi agradável para mim. Essa trabalhadora, eu a encontrei exatamente como eu queria, discreta, não questionadora, diligente... uma verdadeira fada para a execução de moedas... ela morava no lugar que você diz...

é assim, de fato, desta mulher que é uma questão.

François de Montmorency, comovido violentamente, empalideceu.

As palavras do rei se abriram um dia para ele sobre a triste e miserável existência daquele que ele adorava... daquele que ele havia abandonado, repudiado e condenado ao trabalho duro!

O remorso, o desespero, o amor, a vingança travavam em sua mente uma daquelas terríveis batalhas que desequilibram o cérebro.

melhor organizado.

Tremendo, o suor da angústia na testa, ele ouvira com uma pontada indescritível no coração esses detalhes dados pelo rei.

E quando Carlos IX, pensativo, perseguindo a memória que o trouxe de volta a Maria Touchet, acrescentou:

- Nós a chamávamos de Dama de Preto...

O marechal explodiu. Um soluço cresceu em seu peito. E com voz rouca de desespero, ele respondeu:

"A Dama de Preto! Porque eles rasgaram seu nome, sua fortuna, sua situação!" Porque um maldito e um criminoso de cegueira a condenou! O maldito é meu irmão, senhor! O criminoso sou eu!... Eu, cego de ciúmes! Eu que acreditava nas aparências!

Eu que, durante dezessete anos, desprezei perguntar se ela estava viva ou morta!... A Dama de Preto, senhor, chama-se Jeanne, Condessa de Piennes e Margency! Ela foi chamada de Duquesa de Montmorency!...

O rei, diante dessa revelação, permaneceu sombrio, atônito, hesitante.

Suas sobrancelhas franziram.

Ele sabia de Jeanne de Piennes o que era comumente conhecido: ou seja, que secretamente casada com François de Montmorency, ela havia sido repudiada, graças à insistência do condestável ao rei Henrique II, e graças à insistência do rei Henrique II na corte de Roma.

Ele também sabia que sua irmã natural Diane, que se tornara esposa de François, sempre vivera à parte do marechal, e se viu diante de um daqueles formidáveis problemas do coração e da família que a razão social é impotente para resolver.

O marechal, pela contração de seu semblante, entendeu o que se passava na alma de Carlos IX.

- Senhor! ele exclamou sem fôlego, não há dúvida neste momento de qualquer casamento a ser desfeito ou refeito. É apenas para sua justiça que eu sou

vim apelar... justiça para duas infelizes que, depois de tanto infortúnio, foram arrebatadas da pouca felicidade que lhes restava!

Senhor, quando compreendi que tinha uma grande injustiça a reparar, um terrível erro a apagar, soube ao mesmo tempo que meus esforços seriam em vão: a mãe e a filha desapareceram, senhor! Raptado!... É só por isso que exijo justiça!... É a liberdade do

martírio heróico que venho reclamar! É um sequestrador que venho acusar aqui... e o sequestrador, aqui está ele!

François de Montmorency estendeu violentamente o punho cerrado para a porta que se abria naquele momento, dando passagem a Damville.

Henrique estava lívido.

Os dois irmãos se entreolharam por um momento.

E esse momento durou a ambos como uma hora inteira.

Se o ódio pudesse derrubar, certamente os dois homens teriam caído ali sob o olhar mortal que encontraram...

Durante este segundo, Henrique de 1040

Montmorency, tendo fechado a porta, permaneceu encostado nela, como se suas forças lhe tivessem falhado...

No entanto, quando ele veio ao Louvre, ele sabia que iria encontrar seu irmão lá.

Ele havia se preparado para esta reunião.

Ele previra tudo o que François poderia dizer, encontrara alguma réplica terrível para esmagar seu irmão, pois no momento em que abriu a porta, um sorriso agudo atravessou seu rosto convulso...

Mas ao ver François, aquele sorriso desapareceu.

Henri ficou estupefato como se Nancey não tivesse dito nada a ele, não o tivesse avisado.

Dezessete anos desde que se viram!...

Desde a noite de horror na floresta de Margency, eles caminhavam um sobre o outro, ferro na mão!

Naqueles longos anos, sempre que Henri pensava em seu irmão, ele o via novamente debruçado sobre ele, no brilho vermelho da tocha empunhada pelos lenhadores... ele o via novamente, 1041

assustador, rosto irreconhecível, erguendo a adaga, depois jogando aquela adaga e fugindo...

Essa visão atroz permanecera em seus olhos...

E foi isso que ele viu novamente quando entrou no gabinete real.

François tinha aquele mesmo rosto devastado pelo desespero e pelo ódio, aqueles mesmos olhos implacáveis, aquela mesma boca convulsa onde espuma um pouco de espuma nos cantos e que parece prestes a soltar alguma maldição suprema.

Um esforço poderoso de repente restaurou sua presença de espírito.

Ele parou de olhar para o irmão e caminhou em direção a Carlos IX.

E a partir de então, aquele mesmo sorriso de triunfo que tinha ao entrar reapareceu em seus lábios, como uma daquelas ameaças lívidas que o céu faz quando a tempestade está prestes a se desfazer.

"Senhor," ele disse naquela voz áspera e metálica.

ele tinha em suas fortes emoções, você me deu a honra de me ligar: aqui estou eu às ordens de Sua Majestade.

O Chevalier de Pardaillan, diante dessa cena onde cada gesto, cada palavra, cada atitude se tornava um drama, recuava e parecia apagado em um ângulo.

Para que Henri não o tivesse visto.

E, além disso, se ele tivesse visto com os olhos naquele momento, certamente não teria visto com a mente, inteiramente preenchido com a visão do irmão que se levantou em vingador, inteiramente preocupado com o esmagamento que estava preparando para esse irmão. .

A questão toda, para ele, era trazer o que ele queria dizer para matar François...

E o que ele quis dizer?...

O que ele tinha imaginado, não só para evitar que François o acusasse, mas também para arruiná-lo imediatamente, para mandá-lo para a Bastilha, talvez para o cadafalso!...

Era simples e assustador:

O segredo surpreendeu em Alice de Lux, segredo 1043

que jurara não revelar, ia denunciá-lo!...

Simplesmente dizer que o rei de Navarra, o príncipe de Condé, Coligny estavam em Paris, e que François de Montmorency os tinha visto, e que eles conspiraram juntos para sequestrar o rei!

Foi isso que colocou em seus lábios aquele sorriso de ameaça e triunfo!

“Monsieur de Damville”, disse o rei, profundamente comovido com a tragédia que se desenrolava diante de seus olhos, “eu mandei chamá-lo a pedido expresso de seu irmão. Ouça, por favor, com a paciência e dignidade que lhe convém, o que o marechal de Montmorency tem a dizer. Você então responderá... Fale, Marechal.

François, desde a entrada do irmão, não dera um passo. Ele parecia petrificado. Ele fez um esforço para falar. E sua voz chegou ao rei como se velada, distante.

"Senhor", disse ele, "por favor, Sua Majestade pergunte ao Sr. de Damville o que ele fez 1044

de Jeanne de Piennes, e de Loïse, sua filha, minha filha...

Houve um segundo de silêncio triste.

O marechal acrescentou:

“Que se ele estiver disposto de boa fé a responder e se comprometer a não perseguir essas criaturas nobres e infelizes por mais tempo, eu o manterei afastado do resto.

"Responda, marechal de Damville", disse o rei.

Henrique sentou-se. Seu olhar se desviou para François, um olhar vermelho, afiado e mortal.

E é isso que ele diz:

“Senhor, para que eu possa responder com dignidade, gostaria de Vossa Majestade perguntar ao Marechal se ele não esteve em um hotel na rue de Béthisy, que pessoas ele viu lá e o que foi combinado. .

François ficou pálido como a morte. Ele sentiu a cabeça balançar sobre os ombros como se o carrasco já o tivesse tocado. Ele procurou por uma resposta, as palavras engasgando em sua garganta.

- Desgraçado! ele resmungou em uma voz tão baixa que 1045

o rei não o ouviu.

“Já que o marechal não responde”, retomou Henri, “eu responderei por ele!...

"Um momento, senhor! de repente veio uma voz calma, pacífica e cortante, que fez François estremecer de esperança, o rei com curiosidade e Henrique com fúria.

O Chevalier de Pardaillan avançou para a poltrona, colocando-se assim entre os dois irmãos. E antes que alguém pensasse em impor-lhe silêncio, antes que Henrique se recuperasse do espanto causado pela intervenção desse estranho, o cavaleiro continuou:

“Senhor, peço perdão a Vossa Majestade, mas chamado como testemunha, devo falar. E tomo a liberdade de dizer ao Monsenhor Marechal de Damville que a resposta à sua pergunta não interessaria a Sua Majestade...

- E porque ? Henrique rosnou. Quem é você, você que se atreve a falar diante do rei sem ser questionado!

- Quem eu sou ? Não importa!... O que importa, 1046

é que é completamente inútil falar da rue de Béthisy se não falarmos primeiro da rue Saint-Denis!... do Auberge de la *Devinière* !... dos fundos desta hospedaria!. .. poetas que lá se encontram!...

Enquanto o chevalier falava, Henri de Montmorency flexionou os ombros, abaixou a cabeça agora pálida, dobrou os lombos, como se cada palavra tivesse lançado um peso enorme sobre ele.

- O que isto significa ? exclamou Carlos IX.

– Simplesmente que a pergunta do bispo de Damville foi odiosa e nada tem a ver com o caso que nos une. Eu confio em si mesmo!...

E o cavaleiro deu um passo para trás.

Ele era tão vibrante, tão radiante de audácia, tão brilhante de malícia que o rei não pôde deixar de sorrir para ele com uma espécie de admiração.

"Isso é verdade, Damville?" perguntou Carlos IX.

É verdade que a sua pergunta é inútil para o caso que o reúne em nossa presença, você 1047

e seu irmão?

Henri soltou um suspiro como um rugido e respondeu:

"É verdade, senhor!...

François dirigiu ao cavaleiro um olhar de eloquente gratidão.

"Você acabou de salvar minha vida", disse aquele olhar; Eu nunca esquecerei...

Mas a curiosidade do rei foi despertada agora... talvez suas suspeitas! Cercado de emboscadas e conspirações, acostumado a buscar em cada palavra o sinal de assassinato, em cada mão que move o punhal que vai atingi-lo, Charles franziu a testa. Sua testa amarelada de marfim enrugou.

“No entanto,” ele disse com raiva surda, “foi com alguma intenção que você falou assim. Você mencionou a rue de Béthisy... Qual é o hotel? Fale!... Eu quero!

Era evidente que o rei estava pensando no Hotel Coligny, o ponto de encontro natural dos huguenotes.

1048

Henri entendeu que sua prontidão agora dependia de sua vida...

Se não encontrasse uma resposta imediata, seu irmão estaria perdido; mas o maldito estranho que o mantinha sob seu olhar ardente denunciou a cena em La *Devinière* !... Agora, a conspiração de François não era certa: a dele era.

Com um esforço sobre-humano, ele reuniu seus pensamentos.

E consumido pela raiva ao pensar que ele tinha que...

ele... inventar uma mentira para salvar seu irmão, ele respondeu:

– Sire, eu queria falar sobre o hotel da Duquesa de Guise... É uma história de mulheres...

– Ah! ah! disse Carlos IX com um sorriso.

"Confesso, senhor, esta história seria dolorosa de contar para mim, um amigo do Duque de Guise...

Carlos IX odiava cordialmente Henri de Guise, em quem se sentia um formidável concorrente.

Além disso, conhecia o comportamento de sua esposa que, durante um quarto de hora, se deu bem com o conde de Saint-Mégrin.

1049

Ele riu e disse em voz alta:

– Fale mais baixo, Damville, fale mais baixo...

Guise e Saint-Mégrin estão lá, atrás desta porta!...

"Compreende, senhor?...

“Eu entendo, mort-dieu! gritou o rei, rindo ainda mais. Mas, ele continuou de repente, e quanto a La *Devinière* ? o que o Auberge de la *Devinière tem a ver com tudo isso* ?

Pardaillan lançou a Henri um olhar que significava: "Você nos salva, eu te salvo!" »

e respondeu:

“Senhor, se você permitir, direi a Vossa Majestade que o Auberge de la *Devinière* é um lugar onde os poetas se encontram para falar de poesia... .

só que às vezes acontece que o poeta usa um gibão de cetim malva, um casaco de seda violeta, uma calça com fitas...

Era o retrato de Saint-Mégrin.

O rei riu novamente e resmungou em 1050

seus dentes:

– Demônio da morte! Daria cem écus para o querido Guise ter ouvido...

Assim, a comédia, por um acaso sinistro, misturou-se a esse drama e só serviu para torná-lo mais atroz.

Na verdade, Henri que estava fervendo de raiva, Henri que estava lutando com o terror do cadafalso vislumbrado, sorriu para apoiar seu papel e sua mentira; sorriso, careta horrível.

François, que tinha a morte na alma, também tentou sorrir, sob o olhar do rei.

E Carlos IX riu aquela gargalhada terrível que muitas vezes terminava em crise atroz.

Só Pardaillan, nesse grupo, mantinha uma seriedade implacável.

Quando o rei acabou de rir, François enxugou o suor que escorria de sua testa e continuou:

“Senhor, atrevo-me a lembrar a Vossa Majestade que vim, confiando em sua justiça, para reivindicar a liberdade de duas mulheres infelizes que foram sequestradas e que estão sendo mantidas apesar de si mesmas.

1051

Carlos IX olhou para Montmorency com ar de espanto.

Seus olhos, que estavam nublados, pareciam desfigurados.

Era assim sempre que o rei, que sem dúvida herdara alguma doença terrível, saía da atonia a que estava condenado.

Um aborrecimento, uma alegria, uma tristeza, uma risada, tudo isso inevitavelmente o trouxe de volta à beira do abismo onde sua mente, a cada momento, parecia a ponto de afundar.

Fez um esforço, comprimindo a testa com uma das mãos, como fazia quando temia uma crise.

"Sim, isso é verdade", ele murmurou, lembrando.

Montmorency, explique seu caso.

“Senhor, eu disse a Vossa Majestade: Jeanne, Condessa de Piennes, e sua filha Loïse foram violentamente roubadas de seus alojamentos na rue Saint-Denis; eles são mantidos em cativeiro; Digo que é o Sr. de Damville aqui presente que é o sequestrador.

François tinha falado com uma espécie de 1052

moderação e evitando olhar para o irmão.

“Você ouviu, Damville? disse o rei. O que você responde?

“Isso eu nego, senhor! disse Henry embotado. Eu não sei do que se trata. Não vejo as pessoas em questão há dezessete anos. Então cabe a mim exigir justiça. O ódio que me foi dedicado explode aqui. E como eles não se atrevem a me atacar de frente, eles assumem esse preconceito, eles me acusam de um crime imaginário.

“Senhor”, disse François por sua vez, com uma voz que havia recuperado toda a sua firmeza, “a abordagem que tentei a Vossa Majestade seria indescritível se eu não tivesse provas do que estou afirmando. Aqui está o Chevalier de Pardaillan, que passou ontem e parte da noite, até as onze horas, escondido no Hotel de Mesmes. Se Vossa Majestade autorizar, o cavaleiro está pronto para dizer o que viu e ouviu no hotel.

"Venha, senhor, e fale", disse o rei.

O cavaleiro deu dois passos à frente e saudou 1053

com sua graça um tanto rígida e altiva.

Damville não pôde deixar de estremecer. Com o hábito de julgar rapidamente, reconheceu no cavaleiro um daqueles homens que sempre vão até o fim de seus empreendimentos.

No entanto, seu comportamento pacífico e sua juventude o acalmaram.

– Ah! ele pensou consigo mesmo, é esse o filho?Duvido que ele valha o pai.

“Senhor,” disse o cavaleiro, “já que estamos no interrogatório, você me permite perguntar ao Monsenhor de Damville onde ele quer que eu comece minha história?

"Eu não entendo, senhor," disse Damville.

- Mas é fácil. Em toda história, há um começo, um meio e um fim. Para

como deseja, meu senhor, começarei pelo fim, isto é, com a carruagem que misteriosamente sai; pelo início, isto é, pelas travessuras de seu intendente Gille; ou finalmente, mesmo, pelo meio, ou seja, por 1054

uma certa conversa envolvendo todo tipo de coisas e pessoas, especialmente seu criado, o Chevalier de Pardaillan, uma conversa na qual alguém que veio da Bastilha expressamente para falar com você desempenhou um papel.

A estas últimas palavras, que lhe provavam claramente que o chevalier estava ciente da entrevista que tivera com os Guitalens, Damville cambaleou, lívido, abatido, como antes quando Pardaillan falara de La *Devinière* .

- Oh ! o demônio ! ele rugiu para si mesmo.

E gaguejou:

“Comece onde quiser, senhor!

- A vitória é nossa ! pensou Pardaillan.

E certo de que com a ameaça disfarçada que acabara de usar, obteria todas as confissões que quisesse, já estava abrindo a boca para começar sua história, quando a porta do gabinete se abriu de repente. As palavras engasgaram em sua garganta, e ele permaneceu olhando para a pessoa que acabara de aparecer.

1055

"Quem se atreve a entrar sem ser convocado?" rosnou Carlos IX. Quão ! é você, senhora?...

Era Catarina de Médici.

Ela caminhou para frente, deixando a porta aberta.

Atrás dela, na sala ao lado, podia-se ver o Duque d'Anjou, seus asseclas, o capitão de Nancey e uma dúzia de guardas.

- Aí vem a tempestade! pensou Pardaillan, lançando um rápido olhar ao redor.

A rainha-mãe avançou com aquele sorriso fino que dava ao seu semblante uma expressão tão terrível de crueldade.

“Mas, senhora”, retomou Carlos IX, empalidecendo de raiva, “concedi uma audiência privada ao marechal de Montmorency, e ninguém aqui, nem mesmo você, tem o direito...

"Eu sei disso, senhor", disse Catherine calmamente; também foi necessária uma circunstância de extrema gravidade para me fazer decidir cometer uma ofensa pela qual

você ficará grato, tenho certeza, quando eu lhe disser que há um inimigo da rainha, sua mãe, do duque de Anjou, seu irmão, 1056

e você mesmo!

Damville entendeu que estava salvo e respirou fundo.

François, esperando ser acusado, ergueu a cabeça com altivez.

Pardaillan permaneceu muito calmo.

"O que você quer dizer, senhora?" exclamou Carlos IX, que ao ouvir a palavra inimigo já olhava à sua volta com os olhos perturbados nos quais se acendia um brilho maligno.

– Quero dizer que há alguém aqui que precisou de uma audácia singular para ousar entrar no Louvre, depois de ter insultado o duque d'Anjou, seu irmão, depois de ter posto mãos criminosas nele, em suma. , depois de ter zombado de mim mesmo !

- Diga! Nomeie-o então, por todos os demônios!

"Ele é aquele chamado Pardaillan!" Aqui está !

- Olá ! rosnou o rei, levantando-se. Guardas!...

Capitão, pegue este homem!

1057

Antes que o rei terminasse de falar, os mignons e Maurevert, à frente dos guardas, correram para o armário, gritando:

- Sobre! sobre! Morrer !...

Ao mesmo tempo, eles desembainharam suas espadas.

Quelus veio primeiro. Atrás dele, Maugiron, Saint-Mégrin e Maurevert. Então, Nancey e os guardas.

François e Henri permaneceram tão estupefatos quanto o outro; mas enquanto François já pensava em interceder pelo cavaleiro, Henri, pálido de alegria, compreendeu que este incidente o salvara.

Quanto a Pardaillan, assim que a rainha entrou, ele ficou em guarda.

Seu olhar, que nessas ocasiões supremas adquiria uma intensidade extraordinária, abarcava toda a cena nos mínimos detalhes. No mesmo instante inestimável ele viu o rei de pé, a rainha apontando para ele para prisão, François de Montmorency iniciando um gesto em direção a Carlos IX, Henrique de 1058

Damville, que recuou para dar lugar aos assaltantes, e Quélus, flamberge ao vento, que uivou e ergueu a espada.

Ele viu tudo isso, como um todo, como nas visões de certos sonhos, onde personagens de estranho relevo realizam mil gestos, todos perceptíveis ao mesmo tempo.

E durou um flash.

No instante que se seguiu, ele foi visto agarrando a espada de Quelus, arrancando-a dele, quebrando-a de joelhos e jogando os pedaços na cara dos assaltantes que, diante dessa coisa enorme e inaudita, com uma rebelião na presença do rei, pararam, olharam uns para os outros, estúpidos, então, todos juntos, atacaram novamente.

Agora, essa pausa, por mais rápida que tenha sido, bastou para Pardaillan conceber e executar uma daquelas bravatas loucas em que parecia se deliciar por fantasia, por uma espécie de diletantismo frio.

Quelus estava com o boné na cabeça... Ouviu-se uma voz, ferozmente calma, agudamente irônica, 1059

proferir estas palavras:

“Salve então a justiça do rei!...

Quelus, ao mesmo tempo, soltou um grito de dor. Pardaillan acabara de arrancar o gorro, quebrando os compridos alfinetes de ouro que o prendiam e, ao mesmo tempo, arrancando alguns punhados de cabelo.

O chapéu caiu aos pés de Catherine.

Foi neste exato momento que todos os assaltantes, após uma pausa de um segundo, correram para o cavaleiro.

Cinco ou seis espadas lhe desferiram golpes furiosos e só atingiram o vazio.

Seu tiro feito, Pardaillan, saltando para trás, pulou no parapeito da janela, gritando:

- Adeus, senhores...

E ele pulou!

A janela estava baixa.

Mas havia um fosso... um fosso cheio de água, largo e profundo.

1060

“Se eu cair na água”, pensou Pardaillan, “serei ridículo para sempre.

Outro teria pensado: estou perdido!

Pardaillan, antes de saltar a vala que mediu com o olhar, enrolou-se sobre si mesmo, os músculos tão convulsionados que as veias da testa incharam com o esforço. Ele tinha exatamente a atitude de um leão prestes a atacar.

Seus músculos relaxaram, como molas poderosas.

Ele pulou no momento em que Maurevert e Maugiron chegaram à janela e estavam prestes a agarrá-lo.

Viram-no cair para trás com os dois pés na margem oposta do riacho, virar-se, enquanto, uivando, sacudiam os punhos, e solenemente, sem pressa, ergueram o chapéu num grande gesto, depois foram embora, ao seu suave e tranquilo.

- O arcabuz! O arcabuz! gritou o Duque d'Anjou.

Pardaillan ouviu, mas não se virou.

Maurevert que passou por um bom atirador pega 1061

um arcabuz totalmente carregado, ajustou o cavaleiro.

A detonação soa.

Pardaillan não olhou para trás.

- Oh ! o demônio ! rosnou Maurevert. Perdi !...

E os barqueiros que desciam o Sena viram com espanto esta janela do Louvre, na qual apareceram cinco ou seis senhores inclinados para a frente, os punhos abertos, uivando ameaças apocalípticas.

Nesse momento, o Chevalier de Pardaillan virou e desapareceu na esquina.

Só então começou a correr.

*

Os poucos minutos que se seguiram foram, no gabinete real, cheios de confusão e desprovidos de etiqueta, cada um dando a sua opinião sem ouvir a do vizinho.

- Morbleu! exclamou o Duque de Guise, é 1062

o jovem javali da Pont de Bois!

E consigo mesmo pensou:

“Que pena que ele não quer ser meu! Mas de quem é então?

– Dê-me a ordem! exclamou Maurevert, "e esta noite este homem estará sob o poder de Sua Majestade."

- Você tem a ordem! perguntou Catarina.

Maurevert correu para a frente, seguido pelos asseclas, exceto Quelus, que estava reclamando de sua cabeça.

Ao mesmo tempo, o rei, batendo com o punho no braço da cadeira onde estava sentado, rosnou.

- Pelo deus da morte, quero que façamos uma busca em Paris! Eu quero que o rebelde esteja na Bastilha logo! Quero que o julgamento dele comece amanhã! Ah! Monsieur de Montmorency, felicito-o pelas pessoas que me traz!

“Monsieur le Maréchal sempre cometeu o erro de não vigiar quem ele frequenta”, disse Catherine com uma voz de mel e fel. O marechal raramente vem ao Louvre. Ele escolhe seus amigos em outro lugar...

1063

Henri de Damville sorriu, estava triunfante.

François deixou a tempestade passar.

"M. de Montmorency se associa com os inimigos do rei", disse o Duque de Guise com raiva.

“Cuidado, duque! respondeu François; Eu posso te responder, você que não é nem rainha nem rei...

E em voz baixa, tocando-o com a ponta do dedo no peito, e olhando-o nos olhos, acrescentou:

- Ou pelo menos ainda não, apesar dos seus desejos!

Guise, apavorado, recuou.

“Senhor”, retomou Catherine, “que o Chevalier de Pardaillan me insultou em uma circunstância que relatarei a Vossa Majestade. Ele ousou colocar as mãos em seu irmão... É verdade, Henri?

– É verdade demais! respondeu o Duque d'Anjou com uma voz despreocupada, alisando a barba rala com um pente.

E voltando-se para Quelus:

“Como está sua pobre cabeça, meu amigo?

1064

– Monsenhor, mal, muito mal... Esse mafioso arrancou um punhado do meu cabelo...

- Não se preocupe ; Vou te dar uma pomada que é soberana, é minha mãe que mandou fazer de propósito para mim.

Catarina de Médici, enquanto isso, continuou:

"Senhor, este homem é um inimigo perigoso para mim, para o Duque d'Anjou...

“Isso é o suficiente”, disse Carlos IX. Quero que ele seja preso e julgado. Eu quero fazer um exemplo brilhante.

E com seu sorriso pálido, acrescentou:

– Assim veremos que amo minha família... porque amo minha família tanto quanto eles me amam...

Satisfeito com essa astúcia que lançava à mãe e ao irmão, o rei voltou a ficar muito feliz e fez sinal de que queria ficar sozinho.

Catarina saiu com o duque d'Anjou, vigiada pelo rei. Os outros assistentes também se retiraram. Mas François de Montmorency permaneceu firme em seu posto; que vendo, Henrique de 1065

Damville também permaneceu.

O rei olhou para eles com espanto.

“Achei que tinha dito que a audiência estava encerrada”, disse ele.

“Senhor”, disse François com firmeza, “Vossa Majestade prometeu me fazer justiça: estou esperando!

“É verdade, afinal”, disse Carlos IX. Então fale...

“Desde”, continuou o marechal, “desde que M.

de Pardaillan não está mais lá, vou lhe contar o que viu, o que ouviu... Um carro saiu do Hotel de Mesmes ontem à noite às onze horas, levando secretamente duas mulheres. Em vão se negaria!...

"Eu não nego," disse Damville friamente.

François cerrou os punhos. Uma corrente de sangue subiu ao seu rosto.

“E já que sou obrigado a fazê-lo,” continuou Damville, “vou fazer um segredo aqui que não contaria na frente de ninguém no mundo.

1066

Olhou ansioso para a porta e, misteriosamente, terminou:

– Sire, uma jovem duquesa e sua criada em busca de aventura vieram pedir minha hospitalidade e me pediram para levá-los de volta ao hotel. Vossa Majestade exige o nome desta alta senhora?...

“Não, pelo deus da morte! gritou Carlos IX, rindo.

François torceu as mãos em fúria desesperada. Ele entendeu que não poderia convencer o rei.

Mal visto na corte, enquanto seu irmão era favorecido por lá, desprovido de provas irrefutáveis, ele viu sua única chance de sucesso fugindo com Pardaillan.

Ele abaixou a cabeça, derrotado.

“Venha, você vê que está enganado, marechal”, disse o rei. Vamos, senhores, vamos... Uau, um momento: vemos com dor e tristeza a casa mais nobre da França dividida por brigas internas... Espero, quero 1067

que tudo isso cesse logo... Estão me ouvindo, cavalheiros?

Os dois irmãos fizeram uma reverência e saíram: Henri, radiante, François, raiva em seu coração.

Na sala ao lado, o marechal de Montmorency colocou a mão pesadamente no ombro do irmão.

- Vejo que sua arma continua a mesma, disse ele com voz rouca e sibilante: mentira e calúnia!

- Tenho outros a seu serviço! disse Henri, cujo rosto se contraiu.

François lançou um olhar sangrento para o irmão.

Sua mão apertou o punho de sua adaga.

Mas talvez tenha dito a si mesmo que, se atingisse Henri imediatamente, seria impossível saber o que havia acontecido com aqueles que procurava.

"Ouça," ele rosnou. Quero dar-lhe tempo para pensar. Mas quando eu me apresentar no Hotel de Mesmes, tudo estará acabado. Se, neste momento, você não fizer os dois infelizes que você roubou de mim, cuidado! Na sua casa, em 1068

Louvre, na rua, onde quer que eu te encontre, te mato! Espere por mim !

- Eu estou esperando você ! respondeu Henrique.

1069

XXXVIII

O primeiro amante

Voltemos dois dias, entraremos no convento das Carmelitas que ocupava um vasto sítio na montanha de Sainte-Geneviève, não muito longe do lugar onde, mais tarde, sob Luís XIII, se ergueria o Val-de-Grâce. .

Além deste convento, os carmelitas tinham outro estabelecimento no sopé da montanha, a praça Maubert. Mais tarde, eles também tiveram uma casa na rue de Vaugirard e, no início do século XVII, construíram ali uma igreja. É nesta última casa, ainda hoje habitada por carmelitas, que começamos, por volta de 1650, a fazer água *carmelita* ou água de erva-cidreira.

O convento da montanha de Sainte-Geneviève era composto por vários edifícios, um claustro, um convento de 1070

capela e extensos jardins. Era admiravelmente organizado e, como todos os conventos, tinha os seus irmãos mendigos, que percorriam as ruas, misturando os seus *gritos* aos dos mercadores de peixe, veado, pombos e gansos, roinsoles, mel, alho, legumes, alho-francês, cebola, nabos, feijões, frutas, mercadores de vinho que se vendiam ao litro, vinagre, verjuice e comerciantes de azeite, patês quentes, flans, rissóis, etc. etc

Uma velha canção fala desses mendigos ou irmãos mendigos que percorriam a cidade em todas as direções de manhã à noite:

Aos irmãos de Saint-Jacqu es 1 , pão

Pão, para Deus, para os irmãos menores... 2

Pão com eclusas 3 , pão com barras 4 , e vs.

1 jacobinos. (Nota de M. Zévaco.)

2 Cordeiros. (Nota de M. Zévaco.)

3 Irmãos de Saquinho. (Nota de M. Zévaco.)

4 Carmelitas. (Nota do Sr. Zévaco)

1071

A canção enumera assim todas as ordens que inundaram Paris com os seus mendigos e, como se vê, tome cuidado para não esquecer os Carmelitas ou os Barrés.

Quanto mais mendigos tinha um convento, mais rico era.

Os carmelitas tinham uma dúzia.

Este convento tinha os seus livros ilustrados que iluminavam os missais vendidos muito caro às grandes damas; tinha seus estudiosos que se ocupavam em decifrar os velhos grimórios; tinha seus pregadores que passavam pelas igrejas para ameaçar com chamas eternas os maus cristãos que viam com tristeza as chamas subindo da fogueira para devorar os bons culpados de huguenote; ele tinha seu abade; finalmente tinha tudo o que os outros conventos tinham.

Mas o que os outros conventos não tinham, e o que os carmelitas tinham, eram dois seres excepcionais para um convento.

O primeiro era uma criança.

O segundo era o "pregoeiro dos falecidos".

1072

A criança tinha quatro ou cinco anos. Ele era pálido, franzino, com um rosto amarelo doentio. Ele não gostava de brincar em grandes jardins. Ele evitou a sociedade dos monges. Às vezes era chamado de Jacques, às vezes de Clemente. Ele estava com medo, um pouco sombrio e muito selvagem.

Apenas um monge havia encontrado favor com esta criança, ele era o irmão pregoeiro dos mortos1.

Esta, assim que soou o toque de recolher em Notre-Dame, assim que as outras igrejas, pela voz de seu campanário, repetiram aos parisienses que havia chegado a hora de apagar o fogo e as velas, em uma missão para andar pelas ruas escuras e silenciosas.

Ele vagou na noite, sozinho, sozinho, como uma alma perdida.

Em uma das mãos ele carregava uma lanterna para iluminar seu caminho; do outro, um sino que ele tocava de vez em quando. E então sua voz lúgubre se elevou:

– Meus irmãos, rezem a Deus pelas almas dos mortos. Mas esta função era geralmente confiada a um leigo. (Nota de M. Zévaco.)

1073

morto!...

Embora essas funções fossem das mais humildes, o frade prior era considerado e até temido no convento. O abade muitas vezes o chamava para seu capítulo e, além dessas consultas oficiais, ainda mantinha muitas conversas particulares com ele.

Dizia-se entre os monges que este irmão chegara ao convento dotado pelo papa de poderes formidáveis.

Era, além disso, um pregador de grande eloquência, de uma estranha ousadia que confirmava os rumores sobre os poderes ocultos de que teria sido investido.

Ele havia pedido e obtido imediatamente o emprego de andar pelas ruas à noite, gritando para os burgueses orarem pelos mortos.

Chamava-se o reverendo Panigarola, embora ainda não tivesse os títulos necessários para ser tratado como reverendo. Você tem que acreditar que ele gostava dessa função modesta e sombria, porque assim que a noite caiu, Panigarola, se ele não tivesse 1074

nem um sermão noturno para fazer, cobriu-se com um manto preto, pegou seu sino e sua lanterna e saiu pelas ruas, muitas vezes só voltando pela manhã, exausto, desgastado pelo cansaço de sua caminhada monótona.

Então ele se trancou em sua cela.

Dormir lá?

Pode ser ! Afinal, asceta e bilioso como era, o reverendo Panigarola estava sem dúvida sujeito à lei do sono como os humanos comuns, os animais e até as plantas.

Mas os irmãos mais novos diziam que Panigarola nunca dormia e que, várias vezes, tendo se aproximado de sua cela na hora em que deveria estar dormindo, ouviram soluços e orações.

Panigarola não falava com ninguém no convento, exceto com o abade ou o prior.

Não que fosse orgulhoso demais: ao contrário, exagerava na humildade; mas sem dúvida ele tinha muito em que pensar para gostar de falar.

Ele ainda parecia muito jovem.

1075

Mas as preocupações ou as mágoas imprimiram rugas prematuras em sua testa, em sua boca um vinco amargo, e deram ao seu olhar aquela fixidez assustadora de um homem que

se acostuma a contemplar as visões que o amor ou o ódio trazem diante dos olhos de sua imaginação. .

Do jeito que estava, Panigarola agradou ao pequeno Jacques. Sozinho, ele poderia se aproximar da criança que, sem isso, teria vivido no abandono. Talvez a tristeza visível desse monge, em harmonia com sua própria tristeza instintiva, tivesse tocado a criança?

Eles podiam ser vistos rondando juntos à tarde, pelo jardim onde tudo renascia.

Eles andavam por aí, quietos, a maior parte do tempo.

Mas o monge tentou provocar as perguntas de Jacques, despertar sua curiosidade, e já estava praticando a leitura de um livro cheio de imagens. A criança era, aliás, extremamente precoce e, se murchava à sombra desse claustro, sua inteligência, ao contrário, parecia desenvolver-se além da medida.

1076

O monge chamou Jacques de "meu filho"

com voz calma e suave, a criança chamou o monge de "bom amigo".

Era uma intimidade monótona entre eles, sem ternura, ao que parecia.

Nesse dia, o monge e a criança, por volta das duas horas da tarde, estavam sentados num banco; enquanto a comunidade cantava um ofício na capela.

Panigarola, por favor especial, só assistia aos cultos quando lhe convinha.

O monge tinha de joelhos um missal escrito em letras grandes e impresso em latim. Mas o livro também continha algumas orações naquela língua que ainda era chamada de "o vulgar" e que era a língua francesa.

O pequeno Jacques Clement estava parado perto dele.

Ele não se apoiou em seu instrutor como uma criança confiante e amorosa teria feito; mas ele parecia manter uma atitude desafiadora, temerosa... em suma, ele concordou em falar
1077

com Panigarola, mas não o admitiu na intimidade de sua alma.

O monge, neste momento, parecia ter esquecido seu pupilo.

Ele olhou para frente, seus olhos olhando para o espaço, suas feições contraídas; e a criança ficou calada, não assustada com o silêncio a que estava acostumada, mas esperando pacientemente que a aula fosse retomada.

Por fim, um profundo suspiro cresceu no peito do monge, e seus lábios se moveram como se fossem balbuciar algumas palavras. Mas tendo o olhar caído sobre o pequenino, sobressaltou-se, passou a mão pela testa e disse:

- Vamos, meu filho... vamos...

Seu dedo descansou em uma linha, e a criança, hesitante, leu:

– “Pai nosso...que estais no céu”...quem é esse pai, bom amigo?

– É Deus, meu filho... Deus que é o pai de todos os homens... Deus, meu filho, é nosso pai no céu, como nosso pai 1078

visível está na terra.

“Então”, disse a criança pensativa, “temos dois pais... um que está no céu e que é o pai de todos; e então cada criança ainda tem um pai na terra...

- Sim, meu filho: isso mesmo, disse o monge, surpreso que tal pergunta pudesse ter germinado na mente desse pequeno ser.

E foi uma chama de orgulho que iluminou seus olhos por um momento.

Ele disse :

– Continuemos, meu filho... “Pai nosso que estás no céu...”

Mas a criança foi perseguida por um pensamento.

"Então", disse ele, "você tem um pai, bom amigo?"

"Sem dúvida, meu filho.

"E o irmão da campainha?" E os dois grandes cantores que têm caras tão feias? E o irmão jardineiro?... Todos eles têm pai?

"Certamente", disse o monge, que olhou atentamente para o pequeno Jacques.

1079

“E as crianças que às vezes pulam o muro para pegar alguma fruta e atrás de quem o irmão jardineiro corre com um pau grande, cada uma delas tem seu pai?

O monge respondeu mais fracamente:

"Sim, meu filho...

“Então”, disse o menino, “por que não tenho um pai?

O monge empalideceu. Um arrepio de dor e amargura o sacudiu. E foi com uma voz abafada, quase maliciosa, que ele perguntou:

– Quem te disse que você não tem pai!...

"Mas", disse o pequeno, "eu posso vê-lo claramente... Se eu tivesse um pai, ele estaria aqui comigo... Eu posso ver claramente as outras crianças, aos domingos, quando vêm à capela ... cada um deles tem pai ou mãe... eu não tenho pai nem mãe.

Panigarola permanecia sombria, perplexa, acenando respostas e não ousando formulá-las.

A criança continuou:

1080

– Não é, bom amigo, que não tenho pai, nem mãe... que estou só, totalmente só?

- E eu ! finalmente disse o monge com uma voz que teria assustado outra criança, o que eu sou?

O pequeno Jacques Clement fitou seu bom amigo com um olhar atento e atônito.

- Você ? ele disse... você não é meu pai!

O monge teve um terrível abalo na consciência, enquanto permanecia pálido e congelado.

Ele lutou por um momento contra o desejo furioso de agarrar o filho de Alice em seus braços!

– Ah! coração miserável! ele rosnou para si mesmo. Eu me dou minha paternidade como pretexto! Admita que é um pouco de si mesma que seus lábios procurariam nas bochechas de seu filho!...

Ele se trancou em um silêncio selvagem; caído, curvado, o queixo na mão fechada, ele olhou com horror e prazer para a visão radiante de uma mulher flutuando diante dele.

Vendo sua quietude e entendendo que ele 1081

não haveria aula, a criança perguntou:

"Posso jogar, bom amigo?"

– Sim... brincar, meu filho...

O pequeno Jacques Clément recuou alguns passos, sentou-se no chão, apoiou o queixo nas duas mãos e o olhar límpido fixou-se nas coisas vagas que vislumbrava...

Era assim que ele jogava.

E ninguém poderia dizer qual desses dois dramas era mais digno de pena: o drama furioso que se desencadeou no coração do pai, ou o drama de dor confusa e incerta que se desenrolou na alma do filho.

A união dessas duas visões não foi pungente?

Pois o que a criança estava tentando evocar era a figura de uma mulher que teria sido sua mãe; e o que o monge evocou plenamente com terrível poder foi esta própria mãe...

"Ela estaria toda vestida de branco", pensou a criança; ela passaria por ali, pelo portão do jardim, ela seria linda, muito linda, e

olharia tão gentilmente, como ninguém jamais olhou para mim, e ela me diria: Vamos, pequeno Jacques, venha e me beije... você não sabe que eu sou sua mãe?...

– Terror, angústia, tortura eterna de amor! pensou o monge. Em vão, tento afastá-la, afastá-la! Ela está lá, sempre presente... e seu sorriso me encanta... O quê!

no próprio horror que ela me inspira, então, encontro uma atração misteriosa? o que sofri quando ela chorou aos meus pés; Como, nesta igreja, eu poderia resistir à tentação de quebrar a grade do confessionário e agarrá-la em meus braços! Esta tentação me persegue!... De vê-la, de vê-la de novo por mais um minuto!...

De repente, levantou-se do banco de pedra onde estava sentado e, sombrio, meditativo, esquecido da criança, dirigiu-se a uma escada que levava à sua cela.

Jacques não percebeu sua partida.

Em sua cela, Panigarola sentou-se, um pouco aliviado pela sombra em que se banhava.

Na cela de paredes caiadas havia um beliche estreito, uma mesa e dois bancos. Sobre a mesa encostada na parede, em frente à cama, alguns livros.

No painel de frente para a porta, um crucifixo.

Sem genuflexório: os monges tinham que rezar com os joelhos nas lajes.

Panigarola sentou-se, de costas para o crucifixo, apoiado na mesa.

No entanto, por um momento seu olhar caiu sobre o Cristo emaciado, pregado em sua cruz.

E agora pensou:

– Se ao menos, ó Cristo, eu acreditasse em você! se eu pudesse aniquilar meu pensamento, minha alma, meus sentimentos, neste oceano escuro que se chama Fé!... Tentei tudo em

vão... não acredito... nunca acreditarei.. .Eu sempre sofrerei! Chamei você o suficiente para me ajudar, ó Cristo? Tive vontade de parar de pensar, de me abraçar e de me tornar, também eu, *perinde ac cadáver* , como um cadáver? A vida, em mim, tem 1084

era mais forte do que tu, ó Cristo!... Mas foi com toda a minha vontade que te procurei, que entrei no claustro, que vim à morte!...

Sim, procurei-te lá em cima no firmamento estrelado, nas noites claras e, na minha consciência escura, nos dias de tempestade e paixão!... Só encontrei o nada... e neste nada, ou melhor, perto deste nada, paralelo a ele, fundindo-se nele, encontrei a vida onipotente, vida da qual nenhum ser escapa... vida, crueldade, sofrimento, e depois... nada!

Ele bufou e seu punho caiu pesadamente sobre a mesa.

– Então devo vê-la de novo!... Desde a cena do confessionário, minha paixão reacendida não me dá mais trégua... Canso, quebro meu corpo em intermináveis caminhadas sonolentas pela cidade silenciosa, e quando finalmente consigo para adormecer, o sonho, mais cruel do que a realidade, traz-a a mim e põe-na nos meus braços!... Tenho de a voltar a ver!... Mas que lhe direi, idiota? Onde encontrarei a centelha sagrada que acenderá esta alma pútrida e a tornará uma alma 1085

tão bonita quanto seu corpo?...

Então a tempestade que uivava nesta consciência, foi desencadeada com mais fúria.

Ele cerrou os dentes. Ele mordeu as mãos para que os irmãos não ouvissem seus soluços. Ele se jogou no beliche, enterrou a cabeça nas cobertas.

“E o que a alma dele importa para mim! ele rugiu para si mesmo. O que me importa que ela tenha traído! Que ela tinha amantes! Que ela desceu à abjeção da vergonha pela prostituição posta a serviço da espionagem! Alice! Alice! Onde você está, Alice? Eu quero você, eu te amo, eu te amo!...

Lentamente o dia passou.

Quando o reverendo Panigarola apareceu no refeitório, olhos baixos, braços cruzados, os jovens monges notaram sua palidez mortal.

Na verdade, era um cadáver em movimento...

A noite chegou.

Panigarola jogou uma capa preta sobre os ombros e foi mandar abrir-lhe a porta do convento. O 1086

irmão porteiro, um monge gordo de rosto corado, acendeu a lanterna e entregou-lhe, assim como a campainha.

"Você não tem medo," ele disse com uma grande risada, "andar assim à noite, de encontrar algum lobisomem, talvez algum demônio?"

Panigarola balançou a cabeça.

“Eu”, retomou o porteiro, “morreria de susto...

a menos que o lobisomem, demônio, Belzebu, Satã, tome a forma de alguma garota bonita...

Panigarola pegou em silêncio a sua lanterna e a sua campainha e, enquanto, ainda trêmulo de rir, o porteiro fechava cuidadosamente a porta do convento, já, na rua, tocava a campainha melancólica e se ouvia o grito lúgubre:

– Meus irmãos, rogai a Deus pelas almas dos defuntos!...

Panigarola atravessa o Sena.

Normalmente ele ia ao acaso, sem um caminho combinado.

Naquela noite, ele caminhou direto para o Louvre e 1087

depois mergulhou nas vielas que cercavam o palácio dos reis...

Logo chegou à rue de la Hache.

Parou quase em frente à casa na porta verde, sob um toldo em cuja sombra desapareceu, um fantasma que era um com a noite circundante.

E ele esperou.

Não era a primeira vez que vinha refugiar-se neste canto escuro. E muitas vezes, em noites sem lua, depois de muito vagar por Paris, ele acabava ali, como um pássaro noturno que, depois de traçar grandes círculos, acaba pousando na ponta da rocha que o atraiu, e então profere seu grito fúnebre... apenas o grito do monge não foi ouvido; era apenas um soluço de homem.

Via de regra, procurava primeiro, ao sair do convento, evitar os caminhos que poderiam levá-lo de volta à Rue de la Hache. Na maioria das vezes, ele conseguiu e voltou vitorioso por conta própria, 1088

mas quantas vezes também, depois de muito tempo resistindo, interrompeu o seu itinerário e foi para o seu posto pelos caminhos mais directos!...

Assim ele acabaria correndo, e sua pressa seguiria a progressão das limalhas atraídas por um ímã e que se precipitam com mais violência à medida que se aproximam do centro de atração.

E quando chegou pingando, ofegante, perguntou-se desesperado o que tinha vindo fazer ali!

Duas ou três horas da madrugada soaram naquele grande silêncio do qual o silêncio noturno da Paris moderna não pode dar idéia.

Panigarola fixava os olhos ora cheios de lágrimas, ora faiscantes de ódio, nessa porta que jamais deveria cruzar; depois comparou-se a algum anjo caído que, de longe, contempla a porta do paraíso.

E quando sentiu que a amargura ia transbordar de seu coração, quando entendeu que 1089

não aguentando mais, ele foi embora, sacudindo o sino e soltando seu grito como um chocalho:

– Reze pelos defuntos!...

– O falecido sou eu! acrescentou a si mesmo.

Muitas vezes Alice de Lux deve ter ouvido o grito e estremecido com o sotaque desesperado do pregoeiro.

Naquela noite, como vimos, o monge foi direto para a rue de la Hache. Foi um alívio para ele ter tomado uma decisão.

Toda a energia do tempo em que pertencia ao mundo dos vivos voltou para ele e, com a energia, a vontade indomável de triunfar.

Ele pousou delicadamente a campainha e a lanterna que havia apagado ao chegar à rue de la Hache.

Assim, ele estaria livre para se mover.

Panigarola viera com a firme intenção de entrar imediatamente na casa. A viagem do convento à rue de la Hache não passara de uma sucessão de frases violentas que ele pretendia lançar em Alice.

1090

E quando chegou, quando se agachou em seu canto, entendeu como era difícil para ele essa coisa simples que consistia em bater um martelo para abrir uma porta.

Cem vezes foi decidido; e cem vezes, no exato momento em que dizia a si mesmo: “Allons! ele recuou mais ferozmente, mais desesperadamente para as sombras.

Enquanto ele estava ali, hesitando, finalmente se perguntando se não era melhor escalar a parede ou sair, a porta se abriu... houve um sussurro... o monge permaneceu com a angústia petrificada.

O que ele temia aconteceu: ele ouviu um beijo, por mais doce que fosse.

Esse ruído fraco, esse eco enfraquecido de amor, ressoa nele como um trovão...

Ele ia embora...

No mesmo instante, o homem saiu rapidamente, a porta se fechou...

Este homem era o Conde de Marillac.

Panigarola conseguiu segui-lo por um momento com os olhos: 1091

foi uma visão rápida imediatamente apagada.

- O homem que ela ama! ele rosnou. Ele vai embora feliz, com uma alma radiante; e eu, desgraçado, eu!...

Seus pensamentos afundaram em uma espécie de gagueira e não terminaram de se indicar.

Por muito tempo, congelado no mesmo lugar, o monge lutou contra a dor do ciúme como se o tivesse sentido pela primeira vez.

Finalmente, depois de talvez uma hora de espera, dirigiu-se resolutamente para a porta.

Quando ele estava prestes a bater, aquela porta se abriu novamente.

Panigarola mal teve tempo de se encostar na parede.

Foi outro homem que saiu e se afastou rapidamente: desta vez foi o marechal de Damville.

O monge não o reconheceu. Talvez ele tenha prestado pouca atenção ao fato de que um homem estava saindo da casa de Alice... atrás do outro!

1092

Ele empurrou a porta violentamente quando ela se fechou e entrou no jardim.

A velha Laura que acompanhara Henri não era uma mulher para se assustar; ela sempre esperava qualquer coisa que pudesse acontecer com a governanta honesta de uma mulher como Alice de Lux. À primeira vista, reconheceu Panigarola e sorriu; porém, como insistia em sempre ter as aparências ao seu lado – que é a própria base da honestidade social –, tentou resistir e assumiu a postura de uma duena assustada que está sendo violentamente atacada e que vai gritar.

- Silêncio! disse o monge, agarrando o braço digno de Laura.

E certo de que a governanta não faria nenhum atentado contra ele, entrou na casa que o conde de Marillac e Henri de Montmorency acabavam de deixar um após o outro. (Sem dúvida, não esquecemos que o marechal ouvira a conversa entre Alice e o conde; e que, ameaçando Alice de revelar essa conversa, obteve dela que ela se constituiria a carcereira. 1093

de Jeanne de Piennes e Loïse). Após a partida do marechal, o espião, esmagado de vergonha, caiu de joelhos, gritando: "Quem virá me levantar neste abismo de ignomínia!" »

Panigarola ouviu essas palavras desesperadas, recolheu-as avidamente e respondeu:

- Eu !...

Alice pulou de pé, estupefata, aterrorizada por essa aparição inesperada. Para

Ela imediatamente reconheceu o Marquês de Panigarola, seu primeiro amante. Seu primeiro pensamento – um pensamento que passou por sua mente – foi que o monge havia refletido desde a cena da confissão, que ele havia se arrependido, que ele teve pena dela, talvez!... terrível carta acusatória de Catarina de Médici!... que ele estava trazendo esta carta de volta para ela!...

E esta palavra, esta única palavra de resposta que acabava de lançar, não era a confirmação deste pensamento!...

Ela dominou sua emoção, forçou seu semblante a se iluminar com um sorriso e, muito 1094

baixinho, ela diz:

– Você, Clément... Você aqui... Você ouviu o que eu estava dizendo, não é?... Você entendeu o desespero que me tortura... Essa severidade que você teve lá, na igreja.. .

virou pena, não é? O que você acabou de dizer prova isso para mim. Ah! Clemente, se há um homem no mundo que pode me salvar de mim mesmo e dos outros, não é você mesmo!...

Enquanto ela falava assim com uma doçura humilhada, Panigarola entrou, fechando a porta atrás de si, e ele ouvia, imóvel, de aparência congelada, devorado na realidade por todos os fogos de sua paixão.

Panigarola perguntou:

"Quem é esse homem que está saindo daqui?"

Um imperceptível sorriso de triunfo cruzou os olhos de Alice; o monge estava com ciúmes!

então o monge ainda o amava! então ele estava à sua mercê!

Ela se aproximou dele rapidamente:

1095

“Aquele homem”, disse ela, “me infligiu uma das mais terríveis humilhações que já sofri. E ainda assim você sabe se eu fui humilhado o suficiente.

- O nome dela ?

"Marechal de Damville!" Alice respondeu sem hesitar.

"Um de seus amantes?" ele disse com raiva maçante.

Ela suspirou e apertou as mãos.

– Clément, ela disse, seja generoso... senão eu não entenderia sua presença debaixo do meu teto...

Fez um gesto violento e sentiu que o ciúme o dominaria novamente, como o dominara no confessionário. Com esforço, ele se afastou da questão importuna de saber o que Damville veio fazer nesta casa, se ele ainda era o amante de Alice.

Ele olhou para ela, encantado, desesperado... ela lhe parecia mais bonita do que nunca.

"Clement", ela continuou, ficando mais ousada para pegar a mão dele - e ele estremeceu com isso.

contato, Clément, então você voltou para mim... Você queria olhar para a minha angústia... é atroz... Aqui, um último exemplo... você quer saber a que o Marechal de Damville chegou? pergunte-me ?...

Os olhos do monge ficaram desfigurados.

Em contato com a mão quente e acetinada, sua paixão foi exacerbada.

Como se não tivesse ouvido o que Alice acabara de dizer, ele gaguejou:

“Eu vim para lhe oferecer um acordo.

- Um mercado? ela disse com uma voz subitamente congelada, atenta agora, e tomada de medo na presença da verdade que ela adivinhou...

O monge refletiu.

Ele tinha estas palavras a dizer:

– Seja meu mais uma vez e eu lhe devolverei a carta!...

Essas palavras estavam zumbindo em sua cabeça, e ele não conseguia se decidir a dizê-las. Foi a vergonha que o deteve? Ele entendeu o que era 1097

odioso em tal proposta?

Sem dúvida!... e se nos interessássemos pela fisionomia deste homem, entendíamos que não era uma alma vil.

Mas uma razão mais poderosa também o impedia.

Panigarola entendeu que ele pertencia a Alice, e que sua fuga para o claustro foi uma tentativa vã! O que ele queria não era uma noite de amor...

Foi o amor total de Alice!

- Um mercado! retomou o espião. Que mercado?... Fale!...

– Eu disse um acordo? gaguejou o monge.

Perdoe-me, estou muito preocupado... Tenho coisas na cabeça que gostaria de lhe contar... Estou muito infeliz, Alice.

Uma ideia repentina iluminou a noite de seu amor e tornou-se para ele como uma estrela na qual nos guiamos. Suas feições se acalmaram. Aquela expressão confusa que ele tinha desapareceu.

E foi com a serenidade que a nova esperança lhe deu que retomou:

1098

“Alice, eu vi nosso filho... eu o vi hoje.

A jovem sobressaltou-se, pálida, subitamente perturbada.

- Meu filho ! ela murmurou estupidamente.

Onde ele está?... Ah! diga-me... e já que você parece menos impiedoso, deixe-me pelo menos o consolo de abraçar o pequeno ser que eu acreditava estar morto...

– Eu te disse: ele foi criado em um convento...

"Os conventos de Paris são inúmeros e fechados como cidadelas", ela recomeçou amargamente. Se você se contenta com essa indicação, pode me dizer que veio para me atormentar... De repente você me diz que meu filho está vivo, e então me diz: eu o vi! - Onde ? "Em um convento!" “Procure, boa mãe! Se essa fibra profunda da maternidade começou a vibrar em você, se essa nova dor veio se juntar a tantas outras, saber que seu filho vive e que você nunca o verá; bem olhe! Va de convento 1099

em um convento, bata nestas portas onde alguma figura hedionda de um monge lhe responderá que ninguém sabe do que se trata! E quando você tiver sido enviado de claustro em claustro, de túmulo em túmulo, quando tiver percorrido Paris como se caminha por um cemitério, quando tiver sentido sua maternidade desperta infligindo-lhe uma tortura que você ainda não conhecia , o pai, o digno, o pai honesto virá a ridicularizá-lo novamente e sem dúvida lhe dirá que você procurou mal! Ah! senhor, na outra noite você atingiu apenas o amante e foi apenas cruel; esta noite você bate na mãe e você é odioso!...

"Será que ela realmente ama seu filho!" pensou o monge, estremecendo de profunda alegria.

Lentamente continuou:

“Eu o vi hoje, Alice. E sabe o que ele me disse? Ele me perguntou por que todas as crianças têm pai e por que ele não...

Alice deu um pulo.

1100

Ela gritou com uma espécie de fúria misturada com ciúme:

“E você poderia suportar tal pergunta sem seu coração explodir! E você podia ouvir seu filho falar assim com você sem pegá-lo nos braços e gritar para ele: “Oh meu filho, seu pai, sou eu! “Ó monge! monge que você é! Ah! Marquês de Panigarola, eu poderia acreditar que você só tinha tomado o hábito do monge: vejo que você tem a alma dele.

"Ele não me perguntou isso sozinho", resumiu o monge, com uma voz terrível de aparente indiferença; perguntou-me também porque não tinha mãe!... E juro-te que a voz do menino me assustou quando me disse:

“Estou sozinho, totalmente sozinho; Eu não tenho mãe..." Sua reclamação foi de partir o coração...

Alice estava torcendo as mãos. Ela entendia agora ou achava que entendia!

Este filho era a vingança que seu primeiro amante tinha reservado!

Ele agora entraria em sua vida e o 1101

continue com essa tortura terrível...

Esta noite, ele disse a ela que a criança estava pedindo a mãe dele... ele o estava mostrando a ela sozinho, triste, pobrezinho abandonado... outra vez, ele viria e lhe contaria sobre as lágrimas e o desespero da criança.. .

então logo talvez o pequeno estivesse morrendo, desgastado pela dor.

Sim ! Este deve ter sido o plano do monge, um plano infernal sob o qual ela sucumbiria, a julgar pela angústia que sentiu naquele momento.

"Foi essa criança que me fez pensar", de repente continuou o monge. É verdade, Alice, eu meditei uma terrível vingança contra você...

mas eu me perguntava se, querendo bater em você, eu tinha o direito de bater na criança. Por mais monge que eu tenha me tornado, talvez permaneça em mim o marquês que você conheceu... Você sabe o quão rápido ele se compadeceu... talvez ele tenha se emocionado... para ver seu filho... nosso filho!" »

Alice apertou as mãos.

1102

- Oh ! se você fez isso!... Perdoe-me, Clemente; agora mesmo, eu estava duro, empolgado...

realmente, acho que estou ficando malvado por ter sofrido... Acabou... Então você me deixaria ver meu filho... Ah! Clement, se você fizesse isso... eu diria...

- O que você diria ? ofegou o monge.

“Eu diria que você é uma santa, e eu a reverenciaria como tal”, disse Alice.

Panigarola baixou a cabeça num desânimo sombrio.

- Um santo ! ele murmurou amargamente. Na verdade, isso é tudo o que posso esperar agora!

“O que você quer dizer, Clemente? Eu te imploro, fale comigo com clareza... Estou cansado, terrivelmente cansado de procurar o pensamento obscuro de quem fala comigo... Ah! que refrigério seria ouvir pessoas que dizem o que pensam!

“Então”, disse o monge, endireitando-se, “você quer saber o que quero dizer?

- Sim ! disse Alice, trêmula e resoluta.

1103

"E você realmente, sinceramente deseja ver seu filho?"

“Eu morreria de bom grado para que ele fosse feliz e que minhas falhas não recaíssem sobre esse homem inocente!

Alice havia falado com absoluta sinceridade.

Mas Panigarola notou que ela não havia respondido à pergunta dele com precisão.

Ele seguiu em frente, talvez temendo aprofundar a alma complicada de Alice.

Ele cruzou os braços, tendo puxado o capuz para trás. Sua cabeça apareceu assim em plena luz, bela apesar de sua magreza, bela não com a beleza ideal de um religioso, mas com a beleza viva de um homem apaixonado, jovem e vibrante. E este fato de pregas duras, que o fazia parecer uma estátua, nada tirava neste momento do encanto da sua juventude amorosa, do ardor do seu olhar...

"Então aqui está o meu pensamento", disse ele. Você me confessou. Eu vou te confessar. E juro nunca diretor de consciência 1104

nunca terá ouvido a verdade mais completa. No que estou prestes a dizer, algumas coisas podem surpreendê-lo. Ouça-me até o fim, então você julgará... Eu acredito, Alice, você não aprenderá nada de novo dizendo a si mesma que eu ainda te amo. Você sabe disso, não sabe?

"Eu sei disso", disse Alice com firmeza.

- Bom ! Isso nos poupará muitas explicações inúteis ou dolorosas. No entanto, a cena de Saint-Germain l'Auxerrois merece que eu especifique seu significado. Cheguei muito perto, Alice, de te matar naquela noite. Dez vezes eu resisti à vontade de enfiar meus dedos na sua garganta. E se eu tivesse matado você, Alice, teria sido por amor. Você entende agora que toda a minha violência eram apenas formas atenuadas desse amor, já que pensei em te matar e não o fiz!...

Alice assentiu.

A conversa adquirira assim um aspecto quase fantástico. Esses dois seres tão determinados a buscar e dizer a verdade absoluta pareciam conversar pacificamente e se diziam em voz calma 1105

boas coisas.

“Devo avisá-la, Alice”, continuou o monge, “tudo o que um homem pode fazer para esquecer um amor, eu fiz. Parece que gostei muito de você, pois não consegui te esquecer. Eu o odiava, é verdade, com um ódio estranho que você não pode imaginar. Mas o meu ódio era apenas um daqueles vapores negros que escurecem o céu nos dias de verão e atrás dos quais se sente, adivinha-se o sol tórrido. O vapor às vezes se torna uma tempestade; outras vezes, dissipa-se... Em ambos os casos, o sol reaparece mais violento, mais ardente... estava apenas escondido; alguns pobres lunáticos, no entanto, foram capazes de acreditar na morte do sol. Então, Alice, meu ódio escondeu meu amor de mim e, pobre tolo, pude acreditar na morte do meu amor. Quando reapareceu mais tórrido, mais ardente, como os sóis de verão, blasfemei de mim mesmo, pois se já não te odiava, se o ódio estava além das minhas forças, te desprezava e ainda te desprezo. Acredito que o desprezo nunca sairá do meu coração.

1106

Mais uma vez, Alice assentiu.

Esse desprezo não a dominou: ela o viu como algo reconfortante. Pois, nessa estranha conversa, o que mais o assustava não era o ódio nem o desprezo, mas o amor do monge.

“Lutei, Alice, lutei terrivelmente contra esse amor mais forte que o desprezo. Fui derrotado e aqui estou! disse Panigarola, dando um passo à frente.

Alice entendeu que chegara o momento em que o verdadeiro pensamento de seu ex-amante viria à tona.

“Agora mesmo”, continuou o monge, “quando entrei, vi como você está infeliz. A situação é, portanto, terrivelmente clara; há três seres que sofrem terrivelmente: eu, você, a criança.

Com este lembrete abrupto: a mãe estremeceu.

“Eu”, continuou o monge, “que compreendi a impossibilidade de viver sem você; a criança que morre por falta de carinho materno; você que, segundo sua própria expressão, anda em
1107s

profundezas da ignomínia. Então eu vim te dizer isso: você quer subir do fundo do seu abismo? Você quer que a criança viva? Você quer que eu saia do círculo do inferno onde você me trancou? Diga, você quer?...

- Quão ? ela gaguejou.

– Partindo comigo, com a criança! Eu sou rico. Lá, na Itália, sou um homem considerável em termos de família e fortuna.

A Itália é o país do amor. A Itália é a terra dos sonhos. Mas se você não gosta da Itália, vamos para outro lugar...

O profundo silêncio de Alice o encorajou.

Uma esperança indescritível o fez estremecer. Ele agarrou a mão da jovem.

“Ouça,” ele disse, deixando sua paixão transbordar; vamos onde você quiser. Ainda podemos ser felizes. Sou capaz de tanto esforço de amor que aniquilarei o passado em minha mente, o desprezo em minha alma, e chegarei a considerá-la como a virgem pura que um dia você foi...

1108

Alice ainda estava em silêncio.

O amante, bêbado de esperança, entendendo que ela ia ceder, continuou com uma voz mais ardente.

- Você me traiu ; vou esquecer! Você entregou seu corpo; vou esquecer! Não restará nada em mim além de um amante apaixonado, ou melhor, um marido terno, com um respeito igual ao seu amor. Meu nome, eu dou a você. Minha fortuna é sua. Minha vida, eu te dou. Você quer, não é? Para você, para mim, para a criança!... Você quer?...

"Não," Alice respondeu.

- Não ? rosnou o monge.

— Escute, Clement — disse ela com seriedade, uma calma que talvez fosse apenas um excesso de desespero. Você me tortura me fazendo essas propostas que são como um sonho irrealizável...

– Por que sonhar? Por que inatingível?

Você duvida do poder do meu amor?

Você tem medo de que um dia os ciúmes retrospectivos tornem você e os meus infelizes? Ouço...

você quer um juramento? Bem, eu juro se 1109

nunca um espectro do passado surge em meu coração, eu me matarei antes de ter dirigido uma repreensão a você.

"Não duvido do seu amor, Clement! Ou o poder moral que você tem sobre si mesmo. Acho que você é capaz de esquecer!... Mas, de nós dois, há alguém que jamais esquecerá... sou eu!

- O que você quer dizer ?

- Que eu amo ! ela gritou em uma explosão feroz. a quem amo a ponto de ser vilão e criminoso; que nada no mundo possa arrebatar este amor único da minha alma, e que no dia em que me despedir da minha amada, direi adeus à vida!... Clemente, para te fazer esquecer o meu crime, pede-me o meu sangue; Estou pronto para derramá-lo até a última gota. Para garantir paz e felicidade à pobre criança abandonada, concordo em morrer torturada... Mas esqueça Déodat!...

Ela caiu numa gargalhada terrível e apertou a mão do monge com violência.

1110

"Ele não é meu amante, você ouviu? Ele não é, nunca será meu marido. Mas eu sou sua noiva eterna. Se eu descer ao inferno para dizer a ela que eu a amo, eu descerei lá!

Amante mau, eu rejeito você! Mãe infame, eu me recuso a sair com meu filho! O que você quiser, Clemente! Mas esqueça meu amor, nunca! E se ele soubesse da minha infâmia, se me esbofeteasse com seu desprezo e me subjugasse com seu ódio, eu morreria satisfeito se morresse por ele... Morreria em desespero se morresse longe dele! .

Ela tinha um lampejo de loucura em seus olhos.

Atordoada, estúpida de dor, Panigarola compreendeu que estava tudo acabado.

Ele a olhava sem amor, sem ódio, surpreso por se ver tão calmo.

Finalmente, um suspiro, um chocalho apareceu em sua garganta.

Em um gesto mecânico que talvez voltasse ao hábito de seus gestos do púlpito, ele ergueu os braços para o céu, como que para atestar ou implorar.

Mas Panigarola não acreditou...

Seus braços caíram lentamente... E silencioso, ele parecia afundar, sumir na noite, como um fantasma. Um momento depois, Alice ouviu seu sino e sua voz já distante gritando:

– Reze pelos defuntos!...

Ela caiu de corpo inteiro, desmaiou.

XXXIX

A sede do martelo batendo

Depois da interessante conversa que tivera com o filho no cabaré caolho do *Marteau qui knocke* , o sr. de Pardaillan pai partiu, alegre e perplexo. A alegria vinha do fato de ter encontrado seu filho e de que a luta da noite parecia não ter deixado rastros em sua mente. A perplexidade veio do fato de que, no final, Pardaillan sênior estava no partido de Damville e Pardaillan júnior no partido de Montmorency.

"No que diabos ele está se metendo?" resmungou o velho caminhoneiro. Agora ele ama a pequena Loise! Como se faltasse a Paris boas garotas para amar! Tinha que ser exatamente esse e não outro!... Caso contrário, tudo ficaria bem... Por que ele não seguiu meu

conselho, e em que diabo ele está se envolvendo?... Isso me lembra o dia em que sequestrei a pequena e a coloquei no berço de Jean... ela adormeceu em seu ombro... .hum! se ela se tornou tão bonita quanto era bonitinha, entendo que ele a ame... Mas por que diabos esta aqui e não outra?... ele me disse naquela noite?

Que se ele tivesse me machucado na luta, ele teria pulado na água?... Como se um litro de meu velho sangue valesse a vida de um galo jovem como ele!... Onde diabo leva qualquer um desses pensamentos? Que águia eu criei ali?...

O velho Pardaillan encolheu os ombros.

“Mesmo assim,” ele continuou, “não vou deixar Damville, e vou fazer o chevalier feliz contra sua vontade, se necessário. Vou levá-lo a pensamentos mais razoáveis. Ele tem tudo que você precisa, mort-dieu! E sem esses demônios de sentimentos estranhos, que o levam a se meter no que não lhe diz respeito... bem, veremos!

Já era dia quando o velho caminhoneiro chegou ao Hôtel de Mesmes.

“Monsenhor está esperando por você com impaciência”, disse o lacaio, que abriu a porta para ele.

– Para o inferno com as pessoas que não entendem que há hora de conversar e hora de dormir! resmungou Pardaillan, que, no entanto, foi imediatamente ao apartamento do marechal de Damville.

Henri, de fato, depois de sua expedição noturna, passou o resto da noite caminhando e meditando; o desaparecimento do velho Pardaillan não o preocupou indevidamente; ele sabia que era capaz de sair dos piores momentos; mas de qualquer forma o agressor que disparou esse tiro de pistola poderia ter seguido o carro de longe...

“Monsenhor”, disse o caminhoneiro, entrando no Damville’s, “vou confessar que estou com sono.

- O que aconteceu ? perguntou o marechal rapidamente.

Você foi atacado?

“Sim, ou melhor, foi você quem foi atacado; resumindo, é muita sorte que eu me encontrei lá...

"Mas quem me atacou?" É de mim que eles estão atrás, ou do carro?

- Acho que depende de vocês dois.

– E você conseguiu prender o(s) agressor(es)? Fale então, por todos os demônios!

- Ei! meu senhor, pode ver que dormiu bem. E aqui está você, um sujeito, com uma língua bem pendurada. Mas eu, que corri a noite toda, entende?... Enfim, é o seguinte. Estávamos a

apenas duzentos passos do hotel quando o tiro de pistola soou. O carro gira, eu corro. E eu vejo um cara grande correndo em alta velocidade para alcançá-lo. Eu me junto a ele. Eu me coloco entre o carro e ele.

- Fora da costa ! ele grita comigo.

- Bom ! Nós iremos ! Eu respondi, se você está com pressa, meu amigo, tente passar. Não saio mais daqui.

Ele não diz mais nada e corre para mim. Tudiable, que golpes!... Vendo que o sujeito estava determinado e parecia estar em primeiro lugar, eu 1116

usar algumas das minhas melhores botas, mas sem alcançá-lo. De repente, ele salta para o lado. O malandro me escapa. Ele não estava com medo, mas queria fazer um desvio para entrar no carro...

"Ele não se juntou a ela?" exclamou o marechal com inquietação.

“Espere, senhor. Aqui ele está novamente correndo. Eu apelo atrás dele. Que corrida! Parece que ainda tenho minhas pernas boas, porque não demorei muito para me juntar a ele, mas de longe, sem perdê-lo de vista, é verdade, mas sem poder colocar as mãos nele.

"Ele escapou de você!"

- Então espere! Aqui está o meu malandro que atravessa o rio.

O marechal respirou. Pardaillan percebeu que agora estava tranquilo.

- Bom ! ele pensou. O carro não atravessou as pontes. Isso é o que eu sempre saberei. Então, ele continuou em voz alta, começa uma longa caçada que não terminou até o amanhecer.

1117

Percorremos a Universidade em todas as direções. E para finalizar, acabei encurralando o jogo perto do portão de Bordet. Vendo que ele foi pego, ele enfrenta bravamente e me oferece seu ponto de vista. Então, eu lhe sirvo minha bota dos grandes dias, sabe, meu senhor, aquela que eu lhe ensinei antigamente?...

E eu acertei na primeira vez!... É uma pena, porque ele era um homem corajoso.

"Então ele está morto?"

– Tão morto que quis perguntar quem ele era e que pensamento maligno o havia empurrado para atrapalhar um homem como você, e ele só me respondeu com um suspiro: o último.

"Que homem era ele?" perguntou o marechal. Jovem ? Velho ?

– Cerca de quarenta, barba espessa, vestido todo de preto como se tivesse lamentado antecipadamente.

“Pardaillan”, disse o marechal, “você me prestou um imenso serviço. E como este serviço não tem nada a ver com a campanha para a qual te contratei, vou encomendar o meu 1118

pretendendo contar você...

“Mestre Gilles! disse o motorista, que começou a sorrir ao lembrar da história do filho.

- Sim ! Como você sabe o nome dele?

“Ele teve o cuidado de me contar. E, além disso, só se jura pelo mestre Gille neste hotel... Então estava dizendo, monsenhor, uma coisa muito interessante... que ia me fazer contar?

“Duzentas coroas de seis libras. Vá descansar, meu querido Pardaillan, vá...

- Uma palavra. Monsenhor conseguiu levar seu tesouro a bom porto?

- Certamente. Graças a você, minha querida, e graças a esse corajoso Orthes...

– Ah! Sr. d'Aspremont?

- Ele mesmo; ele estava dirigindo. Ele é um bom companheiro, como você. Tente fazer dele um amigo.

“Vamos tentar, meu senhor! respondeu Pardaillan, que, tendo se curvado, retirou-se.

O velho caminhoneiro voltou para a sala onde tinha 1119

Amordaçou muito bem o lacaio Didier e atirou-se completamente vestido na cama: sempre tivera o hábito de dormir de botas e correias quatro dias por semana, e não dormia mal por isso.

No entanto, antes de fechar os olhos, perguntou a Didier quem estava ligado ao seu serviço:

"Não há um certo Gillot no hotel?"

“Sim, oficial; ele é o primeiro noivo.

"Não há também uma certa Jeannette?"

– É a empregada que cuida da despensa.

“Bem, traga-me Gillot e Jeannette.

Eu quero vê-los.

Embora surpreso, o lacaio apressou-se a obedecer; pois sabia-se que o sr. de Pardaillan era o melhor com monsenhor. Dez minutos depois, uma jovem, de rosto acordado, apareceu, cândida e travessa de uma pequena parisiense, entrou na sala e esboçou uma reverência.

1120

"Você é Jeannette?" disse Pardaillan, levantando-se sobre um cotovelo.

"Sim, oficial...

“Bem, estou feliz em ver você.

Pegue essas duas coroas da lareira e vá embora. Jeanette, você é uma boa menina.

Assustada e estupefata como a criada estava, ela, no entanto, aceitou o presente que lhe fora feito de forma tão estranha, e foi embora depois de um sorriso e uma reverência.

Cinco minutos depois, um menino alto e simplório com cabelos louros e um sorriso bobo apareceu por sua vez.

"Seu nome é Gillot?" disse Pardaillan, franzindo a testa.

“Sim, oficial! perguntou o noivo perplexo.

“Bem, Gillot, meu amigo, liguei para você para dizer que não gosto do seu rosto.

Gillot arregalou os olhos.

– Isso parece surpreendê-lo? repreendeu o velho 1121

estrada. Você é muito impertinente, meu amigo!

“Com licença, senhor,” disse Gillot, ficando vermelho, “não vou fazer isso de novo.

- Tudo em bom tempo ; por esta vez eu te perdôo. Vá embora e não esqueça que estou morrendo de vontade de cortar suas duas orelhas...

Gillot fugiu com a rapidez de um terror desculpável; e Pardaillan adormeceu pacificamente.

Ao acordar, depois de algumas horas de sono, soube por Didier que o marechal de Damville acabara de partir para o Louvre, onde o rei lhe dava a honra de convocá-lo.

- Zumbir! pensou Pardaillan: aqui está uma honra que imagino que este digno marechal dispensaria de bom grado. Sobre o que pode ser? Bah!

eu vou saber...

Ao pular da cama, a primeira coisa que viu foi a pilha de duzentas coroas que Mestre Gille havia colocado sobre a lareira enquanto dormia.

"Aqui está uma casa onde está chovendo coroas!" se 1122

ele disse. Isso está se tornando sério e pressagia uma campanha difícil. Vamos sempre tomar, até chover outra coisa que não coroas, aí veremos!

Dito isso, o velho caminhoneiro consertou a bagunça de seu banheiro, não sem ter se refrescado com bastante água; então ele religiosamente empilhou suas moedas em um cinto de couro que ele usava em torno de seus lombos.

Pardaillan, como o sábio da antiguidade, sempre levou consigo sua fortuna, com a diferença de que a fortuna de Bias consistia em filosofias de todos os tipos, enquanto Pardaillan concedeu o título de fortuna apenas a essa filosofia cambaleante e retumbante, que se chama dinheiro, e que, afinal, é uma filosofia como qualquer outra.

"Devo esperar pelo retorno do marechal?"

pensou o caminhoneiro quando estava pronto da cabeça aos pés; ou melhor, não devo aproveitar sua ausência?... Vamos ver o cavaleiro, meu filho!

Pardaillan partiu imediatamente para o Cabaret du *Marteau qui knocke* .

No caminho, ele deu um tapa na testa.

1123

“Esqueci que devo ir a La *Devinière buscar* o amigo do cavaleiro... Mestre Pipeau!...

Vamos conhecer o Pipeau!

Sem pensar mais, ramificou-se imediatamente em direção ao Auberge de la *Devinière* , ao qual chegou no momento mais bonito, ou seja, na hora em que as mesas estavam cobertas com os produtos mais suculentos do mestre Landry, onde fumaça com excitante perfumes subiam acima dos pratos, onde as criadas e os garçons corriam da cozinha para os clientes, onde o alegre tumulto de jarros e taças enchia o grande salão.

O velho Pardaillan, com uma narina fungando que era uma verdadeira homenagem à arte culinária de Grégoire, com um sorriso não desprovido de melancolia, provocado por suas lembranças, foi sentar-se modestamente em um canto, e sempre com a mesma modéstia. , escolheu uma mesa. onde se erguia um magnífico lugar para quatro pessoas que ainda não haviam chegado.

"Esta mesa está reservada, senhor!" observou uma jovem serva.

1124

Pardaillan pareceu muito surpreso com a observação e sentou-se na mesa em questão, dizendo:

“Meu querido filho, comece por me trazer uma garrafa de Saumur, pois a sede está só para entrar aqui.

O criado desapareceu e, momentos depois, Pardaillan viu chegar um velho criado com ar majestoso, que estava na casa como um general de garçons e criados.

Esse digno representante da autoridade do mestre Landry, audaciosamente negado pelo novo comensal, não era outro senão Lubin, um ex-monge ali colocado para misteriosas tarefas das quais nada entendia, mas que aproveitava para engordar o melhor que podia.

– Avisamos que a mesa está reservada!

começou Lubin em uma voz que ele pensou que poderia fazer o cliente recalcitrante estremecer enquanto ele olhava para seu prato vazio no momento.

“Olá, Mestre Lubin! perguntou de repente o velho caminhoneiro, levantando a cabeça.

- Bondade de Deus! Este é o senhor de 1125

Pardaillon! gritou o ex-monge com um sotaque que queria ser muito alegre e que só conseguia ser triste.

- Ele mesmo! disse Pardaillan. Vejo, mestre Lubin, que recolhes com severidade desmedida os amigos do teu patrão que viajam cem léguas para o visitar. Você é muito gordo, Monsieur Lubin! Você é extremamente gordo. E eu, que acabei de jejuar por meses inteiros, vou, perto de você, parecer tão magro, tão magro, que não me encontrarei mais procurando por mim mesmo. Além disso, desapareça agora! E me mande seu mestre...

Lubin gaguejou algumas palavras de desculpas, e Pardaillan o viu atravessar a sala, cortando os grupos de bebedores, como um nadador tentando enganar a maré. Logo, nas cozinhas do *Devinière* , espalhou-se o boato de que o Sr. de Pardaillan havia retornado, e Landry assustado, Landry mais obeso do que nunca, Landry enxugou o suor que escorria de sua testa e, seu rosto pálido, seus olhos vermelhos, aproximou-se do velho caminhoneiro, que exclamou:

1126

- O que! Caro Sr. Landry, você está chorando? Seus olhos estão vermelhos e cheios de lágrimas. Seria alegria me ver de novo?

"Quer dizer", gaguejou Landry, "é mesmo alegria, senhor, e também as cebolas que eu estava descascando...

- Nada ! vamos falar apenas de sua alegria que me honra, eu juro a você.

“Ela é muito sincera, senhor! — perguntou Landry, com uma careta que era mérito do digno estalajadeiro, pois provava que ele era péssimo em mentir.

Pardaillan caiu na gargalhada, e Landry achou que ele deveria participar.

"Nós temos você por muito tempo?" insinuou o dono do *Devinière* quando sua hilaridade diminuiu, o que aconteceu no exato momento em que Pardaillan parou de rir.

“Não, meu caro senhor”, disse o último, “só venho de passagem...

– Ah! que pena ! exclamou Landry com uma alegria que, desta vez, foi mais sincera.

1127

E aproveitando a excelente disposição em que julgou ver o seu antigo tirano:

"Você foi informado, senhor, que esta mesa foi reservada?"

– Sim, mas isso não é motivo para eu me mudar: as mesas são para o primeiro ocupante...

Mas enfim, para te fazer feliz...

– Ah! senhor, que bondade!...

"Mas quem vai jantar aqui?"

— Visconde Orthes d'Aspremont — disse Landry, fungando. Monsieur le visconde trata hoje três notáveis burgueses que são os sieurs Crucy, Pezou e Kervier.

- Aqui ! aqui ! pensou Pardaillan. Nesse caso, deixo o local livre, disse. Só que me põe aí, bem pertinho, eu gostei desse cantinho... Aqui, me põe nesse armáriozinho... eu gosto da solidão.

"Imediatamente, senhor!" Landry sorriu.

Dizia-se que naquele dia o digno estalajadeiro 1128

caminharia da surpresa ao encantamento. Pois quando ele estava prestes a se retirar para assistir ao jantar de Pardaillan, este o segurou por um braço e lhe disse:

"Eu não te devia algumas pobres coroas?"

- Se feito! gaguejou Landry, desconfiado.

- Nós iremos ! daqui a pouco, você me dirá o quão alto pode ir, e seremos demitidos.

Ao mesmo tempo, Pardaillan bateu em seu cinto, que emitiu um som prateado. Desta vez, o entusiasmo do estalajadeiro ia arrancar dele verdadeiras lágrimas de alegria, quando vociferações das cozinhas lhe chamaram a atenção...

- Parou ! Apanhado ! Ladrão !

Ao mesmo tempo, um cachorro ruivo desgrenhado correu como uma bola pela sala, correu para a porta que Lubin fechou no momento em que passava e depois veio se refugiar no canto onde estavam Landry e Pardaillan. . Lá o cachorro colocou uma sela de lebre assada sobre as telhas, colocou uma pata nela e o 1129

nariz trêmulo, de soslaio, cabeça erguida, esperando o inimigo...

- Aposto que é Pipeau! exclamou o velho caminhoneiro.

"Ele mesmo, senhor", disse o estalajadeiro com pena. Infelizmente! esta sela foi destinada ao Visconde de Aspremont, e...

– E ao burguês notável que ele trata, claro! interrompeu Pardaillan. Mas eu finjo que não tocamos no cachorro do cavaleiro... Eu pago a sela!

O bando de meninos, ajudantes, ajudantes e cozinheiros, em busca de Pipeau, deu meia-volta e voltou para as cozinhas.

– Esse cachorro é o cachorro mais charmoso que já conheci, disse o estalajadeiro: infelizmente, ele é um cachorro ladrão...

– "Infelizmente" é demais! disse Pardaillan. E ele está bem, senhor meu filho, sabe?

"Admiravelmente, senhor! Mas você não viu?

1130

- Estou indo... Vamos, me sirva o jantar neste lindo armário. E que me tragam tudo de uma vez... Gosto de ficar sozinha, e não ser perturbada, quando tenho bom apetite.

"Imediatamente, senhor de Pardaillan!"

exclamou o estalajadeiro radiante.

Alguns minutos depois, um jantar farto estava sendo servido no pequeno armário, e Pardaillan, tendo fechado a porta de vidro, proibiu qualquer um de perturbá-lo.

Sozinho, Pipeau teve a honra de devorar sua sela no armário onde Pardaillan o chamou e onde o cachorro, vendo que ninguém estava tentando tirar seu prêmio de guerra, entrou com boa vontade.

Uma vez instalado no escritório, Pardaillan notou três coisas. A primeira é que através da cortina de luz que cobria os vitrais da porta, ele podia ver tudo o que estava acontecendo na sala que começava a esvaziar, a segunda é que abrindo levemente essa porta, ele ouviria facilmente tudo isso foi dito na famosa mesa reservada ao Visconde d'Aspremont e aos três burgueses; o terceiro, 1131

afinal, era porque o cachorro que ele observava roendo sua sela com verdadeiro cinismo, ou seja, sem o menor remorso pelo roubo realizado, que o cachorro, portanto, estava armado com presas formidáveis.

Seu primeiro pensamento, portanto, foi: "Devo ver os rostos desses notáveis burgueses que freqüentam os oficiais de M. le Maréchal de Damville." A segunda: "Estou muito curioso para saber o que essas pessoas têm a dizer umas às outras! »

E o terceiro: "Peste! Eu não gostaria de ser o inimigo do amigo do meu filho! »

Consequentemente, Pardaillan arrumou a cortina para ver bem, abriu um pouco a porta para ouvir melhor e fez uma carícia no cachorro para se colocar em suas boas graças.

Pipeau, que tinha acabado de terminar o último osso da última coxa da sela e estava lambendo os beiços, balançou a ponta do rabo e soltou um ganido alto. Ao mesmo tempo, começou a farejar o velho caminhoneiro, operação que realizou com a lentidão e a sabedoria de quem indaga.

A informação tomada, o final da cauda 1132

agitou-se mais vigorosamente do que nunca, e houve outro ganido.

– Ah! ah! parece que você me reconhece? perguntou Pardaillan. É bom ! Eu entendo o que falar significa! E, neste momento, você me diz que reconhece em mim um amigo do seu amigo. Deus da morte! Eu sou o pai dele!

Novo latido de Pipeau que, encerrando assim a conversa – os cães não são verborrágicos –

foi dormir em um canto, suas duas patas dianteiras cruzadas como de costume.

Nesse momento, como a sala estava quase vazia, Pardaillan, pela cortina da porta de vidro, viu entrar três personagens. Ele imediatamente reconheceu quem veio primeiro: era Orthes, visconde de Aspremont.

Ele lançou um olhar preocupado ao redor da sala e fez um gesto de aborrecimento, pois parecia estar procurando por alguém que não estava lá. Os três homens sentaram-se à mesa que Pardaillan havia abandonado e um deles disse:

– Alguma coisa deve ter acontecido com 1133

Crucé, porque nunca falta aos nossos compromissos.

- Bom ! pensou Pardaillan. Parece que esta não é a primeira vez que essas pessoas se encontram.

- Aqui está ! perguntou de repente o visconde, que estava de frente para a porta da frente e estava de costas para o escritório.

Aliás, nesse momento entrou Crucé. Ele caminhou em direção aos três personagens e tomou seu lugar à mesa, dizendo:

– Venho do Louvre... daí o meu atraso.

– Ah! sim, disse Pezou com uma gargalhada, você freqüenta a carriça pequena, a carruagem magra.

Para Pezou, ser magro e pequeno era obviamente um crime.

– Bah! disse Cruce. Eu sou o ourives dele. Também sou o armeiro dele e acabei de lhe vender um arcabuz avançado... um daqueles arcabuzes que esperamos experimentar em breve!

"E o que o rei diz?" perguntou Orthes com certa impaciência.

– O rei está em paz. O rei quer que 1134

beijo! Católicos e huguenotes, não crentes e fiéis servidores da Igreja devem jurar amizade, fraternidade, assistência e afeto! O rei enviou um expresso ao sr. de Coligny! O Rei escreveu para a Rainha de Navarra! O rei quer casar sua irmã com Henri de Béarn! Isso é o que o rei diz, senhores!

- Bom ! Nós iremos ! rosnou o visconde! em breve teremos ele cantando outra ladainha!

Crucé então continuou:

“Mas tudo isso não teria me impedido de chegar a tempo. O que me atrasou foi que eu queria ver o fim de uma cena estranha, curiosa, quase incrível que acabou de acontecer no meio do Louvre!

“Vamos ver a cena”, disse Kervier, “e se for bonita, vou contar em um dos livros que vendo.

“Apresse-se, Crucé”, disse o visconde, “pois tenho que lhe dar instruções do marechal.

– Você sabe que eu não sou um falador, disse 1135

Cruce; Eu prefiro agir. Se, portanto, quero contar minha história, não é para nos divertir, nem para colocá-la nos livros de Kervier ; é precisamente que o nosso Grande Marechal se vê envolvido nisso, como você verá...

“A propósito, viemos buscar Monseigneur de Damville em nome do rei.

"E você sabe por quê?" respondeu Crucé; o pequeno Charlot queria reconciliar Damville e Montmorency e forçar os dois irmãos hostis a se abraçarem; Eu lhe digo que a carriça está em paz! Mas nosso grão-marechal se manteve firme, ao que parece... De qualquer forma, os dois irmãos estavam com o rei, que tirou todo mundo de seu escritório. Escutei na porta e ouvi explosões de vozes; apesar de tudo, não pude ouvir muito, quando chega a rainha Catarina, a grande rainha, que chega!... Sabemos, ou não sabemos, que ele foi o causador do assassinato do pobre erudito Rârnus . E nome ou apelido, Cervier serviria bem para ele. (Nota de M. Zévaco.)

1136

caminhar pela antecâmara. O Duque d'Anjou faz-lhe notar que o Rei está a dar uma audiência privada.

Ela dá de ombros e sorri. Se você tivesse visto aquele encolher de ombros e aquele sorriso!... Em suma, ela entra e deixa a porta aberta. Estamos todos nos aproximando, Anjou, Guise, Maugiron, Quélus, Maurevert, Saint-Mégrin, além de Nancey e seus guardas que a rainha trouxe.

O rei é movido. A rainha, sem se deixar silenciar, aponta para um jovem que escolta Montmorency e o acusa de crime, lesa-majestade e violência contra o duque de Anjou.

O rei fica pálido, ou melhor, fica amarelo. Ele dá a ordem para apreender o Pardaillan...

- Quão ! o Pardaillan! exclamou d'Aspremont, levantando-se da cadeira.

Em seu pequeno escritório, o velho roadster estremeceu, e pode-se imaginar se seus ouvidos se animaram.

- Mas sim ! continuou Crucé, esse é o nome do jovem em questão.

“Mas Pardaillan é velho, embora alerta. Eu sei: temos que lutar.

1137

"Jovem, Monsieur le Viscount, muito jovem!"

Ah! Montmorency tem companheiros ásperos.

- Mas não ! Ele não estava com Montmorency! Ele estava com Damville. Você entendeu mal, entendeu mal!

– Eu vi perfeitamente, pelo contrário. Mas o que você diz simplesmente prova que existem dois Pardaillan. Você conhece o seu. Eu conheço o meu, e não é de hoje.

Porque foi ele quem causou o fracasso do caso Pont de Bois... mas, basta! no final, quando o rei deu a ordem para prender Pardaillan, todos nós corremos para a frente, Quelus na liderança. Mas aqui está o louco que quebra a espada de Quelus, que arranca seu boné, que, no tumulto, ainda profere insultos, que, por fim, pula pela janela e desaparece. Maurevert chuta e erra...

imediatamente, os asseclas, por um lado, Nancey e seus guardas, por outro lado, saem do Louvre para correr em busca do jovem bandido e prendê-lo onde quer que esteja e eu te respondo...

Crucé estava lá, em sua história, quando a porta do pequeno armário se abriu abruptamente, e o 1138

quatro convidados aterrorizados viram o velho Pardaillan levantar-se diante deles, que, um pouco pálido, o bigode eriçado, mas sorrindo, dizia com sua voz mais educada:

– Senhores, deixem-me passar, por favor. Estou com pressa.

A mesa, na verdade, era um obstáculo.

"Senhor de Pardaillan!" exclamou Orthes d'Aspremont, estupefata.

Os três burgueses olharam para o motorista com espanto.

– Coloca então, por Pilatos! já que te digo que estou com pressa!

Ao mesmo tempo em que rosnava essas palavras, Pardaillan empurrou a mesa com violência; os frascos caíram, os pratos se chocaram; no mesmo instante, pálido de raiva, d'Aspremont saltou sobre sua espada, jogou sua flama ao vento e gritou:

– Ah! pelo Deus da morte, por mais que você esteja com pressa, você me fará bem pelo insulto!

“Cuidado, senhor”, disse Pardaillan, “tenho 1139

a espada ruim quando estou com pressa! Acredite, vamos fazer isso de novo!

- Agora mesmo ! agora mesmo ! gritou o visconde. Empate, senhor, ou eu vou cobrar de você!

"Você não é galante, Monsieur Orthes, Visconde d'Aspremont!" Que assim seja! Mas, acrescentou Pardaillan, com os dentes cerrados, a voz sibilante, você vai se arrepender!

No mesmo instante, os dois adversários fizeram guarda no próprio quarto da estalagem, enquanto os criados gritavam fogo, enquanto Lubin pronunciava inúmeros oremus, enquanto a bela Madame Grégoire desmaiava, enquanto Landry gritava para ir. que os bebedores dispersos se reuniram em círculo ao redor dos dois combatentes.

Mal em guarda, d'Aspremont empurrou uma bota furiosa. Pardaillan praguejou, sua mão estava machucada e o sangue escorria, o que fez com que os gritos de aflição dos servos se transformassem em gritos.

No mesmo segundo, o velho caminhoneiro sentiu 1140

seus dedos endurecem e sua mão fica pesada; a espada ia escorregar-lhe... agarrou-a com a mão esquerda e atacou o adversário com uma série de golpes tão furiosos e tão metódicos ao mesmo tempo que d'Aspremont em poucos instantes se voltou contra o adversário. parede depois de derrubar várias mesas.

Uma discussão em um cabaré não era incomum nessa época em que os espadachins se aglomeravam.

No entanto, as vociferações de Landry, que temia por seus pratos e fazia o gesto de arrancar os cabelos que ele não tinha, os gritos estridentes dos criados atraíram uma pequena multidão em frente ao *Devinière* .

Pardaillan, como acabamos de dizer, havia empurrado d'Aspremont contra uma parede.

Aconteceu tão rapidamente que as muitas testemunhas da cena viram apenas uma série de flashes e ouviram apenas uma série de farfalhar. Houve um último lampejo, um farfalhar, e d'Aspremont foi visto desmoronando, deixando escapar um jorro de sangue; ele estava com o ombro direito cruzado.

1141

Pardaillan, sem dizer uma palavra, embainhou a espada ainda vermelha, correu para fora, dividiu a multidão e começou a correr.

Na pressa, esquecera-se de Pipeau, que teve de trazer de volta ao chevalier. Mas talvez o cachorro tenha sentido uma simpatia instintiva por ele porque, depois de duzentos passos, Pardaillan o viu trotando nos calcanhares.

Em um quarto de hora, o velho caminhoneiro chegou ao cabaret du *Marteau qui knocke* .

- Catho! Catho! ele gritou quando entrou no mergulho.

Catho era a anfitriã deste cabaré.

Antiga patife, muito lotada no tempo da sua juventude e da sua beleza, fora uma das rainhas do Pátio dos Milagres até ao dia em que a varíola, tendo-a desfigurado horrivelmente, teve de renunciar à honrosa profissão que exercia. com um zelo e um ardor que lhe renderam algumas economias.

Essas economias ela costumava fundar 1142

a hospedaria do *martelo batendo* . Porque este antro tinha o nome pretensioso de hospedaria: acreditamos ter dito que a anfitriã exagerou de bom grado seus nomes. Quanto a esse título bizarro de *Martelo que bate* , era simplesmente uma lembrança do último amante de Catho, que a espancava como um emplastro e que, segundo sua mania de metáforas, ela comparara a um martelo do qual fora a bigorna. De modo que o sinal da cova, ou da hospedaria, era basicamente apenas uma homenagem retrospectiva prestada ao bíceps e ao aperto do amante em questão, algum arruaceiro de quem não temos informações.

Grossa, mal vestida, mal penteada, marcada pela doença contra a qual não tínhamos os remédios que a tornam quase benigna hoje, tal como era, Catho não tinha menos bom coração e até espírito: a prova é que ela sempre recusou casar. Pois, curiosamente, ela, com quem ninguém gostaria de se casar quando era tão bonita, encontrou maridos às dúzias no dia em que se tornou patrona de um cabaré, o que exigia algum dinheiro para ela.

1143

Se o *Devinière* era frequentado por oficiais, viscondes e nobres espadachins atraídos pela fama dos famosos patês de cotovia, a clientela do *Marteau qui cogne* era composta por mafiosos, capões, franco-burgueses e outras pessoas, todos em delicadeza com a Royal Watch e a Guarda Municipal. Catho, que a seu modo era uma boa anfitriã, guardara as piedosas lembranças de suas antigas amizades; protegia seus clientes, escondia-os e nunca ficava tão feliz como nos dias em que podia pregar uma boa peça aos cavalheiros de guarda - que o leitor a culpará ou elogiará de acordo com seu humor, mas que não sabemos. não quero dizer nada, tendo-nos imposto de uma vez por todas a mais estrita imparcialidade como lei principal de nossas histórias: para que, na falta de outra originalidade, tenham pelo menos essa!...

Voltando a Catho, aos apelos furiosos de Pardaillan, ela desceu uma escada de madeira, gritando:

- Bom ! Nós iremos ! Você precisa de hidromel? Um pouco de vinho ? Hipócrates? Ah! é
1144

vocês !...

– Meu filho!... Este jovem que te confiei!...

"Bem?..." perguntou Catho.

- Nós iremos ! o que aconteceu com ele?... Onde ele está?...

"Fé, ele dormiu como um monge: depois foi embora e ainda não voltou...

O velho caminhoneiro fervilhava de impaciência; mas era evidente que Catho não podia lhe dar nenhuma informação. Resolveu então esperar e se jogou em uma escada, resmungando:

"Dê-me algo para fazer uma medida de hipócrates, e algo para secar este arranhão."

Alguns minutos depois, Catho colocou na frente do vinho Pardaillan, açúcar de confeiteiro, âmbar, canela, almíscar e amêndoas.

Depois, uma infusão de vinho quente misturado com azeite e várias plantas.

O vinho quente misturado com azeite em que as plantas simples haviam fervido era para cobrir a ferida na mão direita: uma ferida leve, que ele 1145

notou, movendo os dedos um após o outro.

Vinho frio, açúcar doce, âmbar, canela, almíscar e amêndoas eram para os hipócratas que Pardaillan se punha a fazer com a meticulosidade, ciência e paciência de um gourmet consumado.

No entanto, manteve os olhos fixos na porta, que devorou com o olhar, e resmungou:

“O infortúnio cairá sobre ele! Por que diabos ele se intromete no que não lhe diz respeito? Que diabos ele estava fazendo no Louvre? Daria o braço direito que o sr. d'Aspremont quase me fez perder para que o cavaleiro perdesse sua desastrosa mania de desejar o bem às pessoas!

Ah! a juventude !... "

O velho Pardaillan tinha acabado de preparar seus hipócrates e começava a saborear aquela bebida complicada, quando Pipeau latiu alegremente e correu para fora: no momento seguinte o cavaleiro entrou correndo e vendo seu pai:

- Alerta ! Alerta ! sou perseguido!

1146

*

Saindo do Louvre pelo caminho que vimos, o Chevalier de Pardaillan, depois de um desvio, tendo notado que ninguém o perseguia, tomou o caminho para o Hôtel de Montmorency, que não tardou a encontrar.

Desta vez, o gigantesco suíço não teve dificuldade em apresentá-lo, embora guardasse um certo rancor contra ele - não tanto pelas feridas que o cão do cavaleiro lhe fizera, feridas tão mal colocadas que o impediam de sentar - a de o remédio heróico dado tão generosamente pelo dono do cão. Recordamos, de fato, que o cavaleiro havia aconselhado o digno suíço a se esfregar com vinho misturado com gengibre; o gengibre havia transformado a queima de presas em braseiros de fogo.

O marechal chegou meia hora depois do chevalier e começou por abraçá-lo nos braços, dizendo-lhe:

1147

– Ah! minha querida filha, sua presença de espírito salvou minha vida e, sem dúvida, a salvou para outros personagens...

"Monseigneur", disse o jovem, "não sei do que está falando. Já esqueci", acrescentou com um sorriso, "que há uma rue de Béthisy em Paris e que há nesta rua um hotel onde as pessoas se encontram à noite...

"Tão generoso quanto corajoso!" disse o marechal.

Mas como você saiu da luta?

Por que a rainha Catarina o acusou?...

“Sua Majestade me deseja a morte porque eu não desembainharia minha espada contra um cavalheiro que me dá a honra de ser meu amigo. Você o conhece, ele é o conde de Marillac... Quanto ao duque d'Anjou, é verdade que eu o maltratei um pouco em certa noite, quando ele veio rondando muito perto das janelas de duas pessoas que estavam hospedadas no o tempo. Rua St. Denis...

O marechal ficou pálido.

“Então você acha,” ele rosnou, “que o irmão 1148

do Rei...

“Eu lhe disse, meu senhor, e esta é a primeira pista que lhe dei para encontrar as duas nobres damas que estamos procurando.

O cavaleiro olhou para o marechal, para ver como ele nos receberia.

François de Montmorency, com a testa em uma das mãos, parecia meditar sobre esse caminho que se oferecia à sua pesquisa.

- Não ! ele disse, balançando a cabeça. Não pode ser Anjou... Só meu irmão é capaz de ter meditado e realizado esta infâmia. É a ele que devo pedir a razão...

E estendendo a mão ao cavaleiro:

“Então”, disse ele, “foi para defendê-los que você se expôs à ira desses poderosos personagens!

“Monsenhor”, gaguejou o jovem, “eu lhe disse que tinha que reparar o mal causado há muito tempo por meu pai.

1149

"E você sem dúvida vai deixar Paris?"

- Eu ! gritou o cavaleiro numa explosão de espanto e dor.

“Lembre-se de que você será perseguido, rastreado! Lembre-se que se você for encontrado, você está perdido!... Depois da cena agora no Louvre, você não deve esperar nada do rei...

"Eu não espero nada além de mim mesmo!" disse Pardaillan. Não vou deixar esta cidade, meu senhor, e não preciso da ajuda de ninguém para me defender.

Uma chama de orgulho e audácia iluminou por um momento o semblante do cavaleiro, que continuou:

“O que eu faço, meu senhor, traz sua recompensa em si mesmo. Antigamente, os paladinos percorriam montes e vales, buscando os fortes e os opressores para combatê-los, buscando os fracos e oprimidos para ajudá-los. Tal, pelo menos, era o dever que juraram cumprir no dia em que lhes puseram as esporas nos calcanhares e as lanças nos punhos! combina comigo 1150

imitar esses homens. Essa atitude me agrada, de preferência a qualquer outra... Então eu vou em frente, e sei perfeitamente bem que pode acontecer de mim encontrar, se não mais corajoso, pelo menos mais forte do que eu, e sucumbir. .. Além disso, pode acreditar em mim, se eu perdesse minha vida, monsenhor, não perderia muito!

O marechal, pela primeira vez, suspeitou de alguma grande e secreta dor no coração do cavaleiro.

Olhou com um misto de admiração e ternura para aquele jovem que dizia tais coisas com tanta simplicidade. Pois não havia sombra de jactância na atitude do cavaleiro. Ele se mostrou como era. Só que ele provavelmente não sabia que sua grande força vinha de ter, antecipadamente, sacrificado sua vida, e que esse sacrifício em si era apenas uma forma de seu amor desesperado.

De fato, cada vez mais compreendia a enorme distância que o separava de Loïse e dos Montmorency.

1151

– Monsenhor – continuou ele de repente, como se quisesse mudar o rumo da conversa –, posso lhe perguntar o que resultou de sua entrevista com o marechal de Damville?

– Meu irmão nega! respondeu François com uma voz sombria.

- Ele nega ! No entanto, eu ouvi, eu vi!...

– Depois que você saiu, ele teve a parte boa a negar.

O cavaleiro deu um tapa na testa.

- Desajeitado ! ele disse, eu nunca pensei nisso!...

“Então você teria ficado, se tivesse pensado nisso!...

“Eu teria ficado, monsenhor!... Mas essa não é mais a questão agora. Devemos encontrar uma maneira de forçar o inimigo a capitular... Já tomou uma decisão?

“Sim, meu jovem amigo. E isso é ir para o Hotel de Mesmes. Deixei meu irmão três dias de reflexão suprema. Depois disso, eu vou matá-lo ou ele 1152

vai me matar...

O tom com que o marechal pronunciou essas palavras provou ao chevalier que nada poderia fazê-lo mudar de idéia. Assim, embora tivesse pouca confiança nos meios do marechal, ficou em silêncio.

François de Montmorency então retomou:

- Vamos até você agora. Você é meu convidado, cavaleiro, até o dia em que for seguro para você sair daqui.

– Com licença, milorde... já aceitei outra hospitalidade...

– Ah! isso é ruim!

"De uma pessoa que me é querida", finalizou Pardaillan, pensando no pai.

O marechal pensou que fosse alguma amante com quem o jovem pretendia se refugiar, e não insistiu. Só ele perguntou:

"Então, como eu vou deixar você saber se eu precisar de você?" Porque não te escondo que és o único amigo a quem quero confiar numa aventura deste género.

1153

“Monsenhor, virei aqui todos os dias, ou enviarei alguém que tenha toda a minha confiança.

Mas se surgir alguma complicação, serei encontrado no Auberge du *Marteau qui* knocke, perto da truanderie.

Então o jovem se despediu do marechal, que o abraçou.

Uma vez do lado de fora, o cavaleiro começou a andar com seu habitual passo calmo e orgulhoso. Ele imaginou que se alguém estivesse procurando por ele, a melhor maneira de chamar a atenção e ser preso era começar a correr, ou parecer alguém se escondendo.

Foi bem fundamentado. Mas Pardaillan não sabia – e essa ignorância era um encanto nele – que seu andar era diferente de qualquer outro, e que suas atitudes eram notáveis em si mesmas. De modo que seu raciocínio foi considerado fundamentalmente falho.

Seja como for, ele estava de olho no relógio; mas não vendo nada de suspeito nas ruas tranquilas entrecruzadas por senhores a cavalo, senhoras em cadeiras, burgueses, mercadores 1154

de vários alimentos, ele se abandonou aos poucos aos seus devaneios.

Sonhar caminhando é uma das coisas mais doces. E o mais poeta dos poetas, que são chamados

"o bom La Fontaine", dizia-o: "E sei que encanto então nos tira os sentidos." Fortuna, glória, honra, amor, os deserdados encontram tudo isso sonhando. A realidade talvez seja ainda mais cruel, depois do incidente que o faz voltar a si mesmo. Mas, como diz o outro, isso sempre faz uma ou duas horas passarem. E quem sabe se isso não é o principal?

Finalmente, nosso herói estava sonhando acordado, enquanto caminhava. Por uma vez que isso aconteça com ele, esperamos que ele não seja culpado por isso. O lamentável é que quando você sonha assim, você não vê mais nada ao seu redor.

Pardaillan não viu a silhueta amarga de Maurevert, contra quem quase esbarrou.

A coisa aconteceu na esquina de um beco perto do Louvre.

Pardaillan não viu nada, ele continuou em 1155

ao mesmo tempo, seu caminho que o levou ao *Marteau qui knocke* , e seu sonho que o levou aos pés de Loïse. Mas Maurevert, que não tinha motivos para sonhar naquele momento, viu o cavaleiro perfeitamente. Ele pulou de alegria e mergulhou na loja escura de um brechó.

Quando Pardaillan passou, Maurevert saiu da loja e notou um guarda que, encerrado seu turno, caminhava. Ele disse duas palavras para ele, e o guarda começou a correr. Nesse momento chegaram Quélus e Maugiron, com quem Maurevert tinha um encontro. Ele os informou do encontro que acabara de ter e correu atrás de Pardaillan, enquanto os outros dois esperavam no local.

Todo esse movimento escapou, é claro, do cavaleiro que, aliás, estava se adiantando.

Ao entrar na Ruelle Montorgueil, onde ficava o cabaret du *Marteau qui cogne* , de repente ouviu atrás de si o som de muitos passos apressados. Virando-se, ele viu um bando de cerca de dez guardas, liderados por Quélus e 1156

Maugiron; alguns passos à frente de todos vinha Maurevert.

Pardaillan acelerou o passo.

- Para para! gritou Maurevert.

"Em nome do rei!" gritou o sargento.

A este grito, os burgueses que contemplavam esta cena levantaram o chapéu. Imediatamente, dois ou três mascates – nas prisões de rua, o número de policiais voluntários é sempre maior que o de policiais profissionais; não é, de facto, uma satisfação poder ajudar os mais fortes? – então alguns ambulantes correram para bloquear o caminho para o cavaleiro.

Este não disse nada, mas desembainhou sua longa e larga adaga, que ergueu com um ar ainda mais terrível porque parecia pacífico. A polícia voluntária pulou para o lado e se encostou na parede; pois, a partir do momento em que houver perigo, ao diabo dê uma mãozinha à lei e ao rei!

- Parou ! em nome do rei! vociferou ainda mais os perseguidores, começando a correr.

1157

Pardaillan, adaga na mão, então acelerou o passo. Sua intenção era passar em frente ao cabaré sem parar ali, e se perder no labirinto de vielas que formavam um labirinto inextricável entre a nova igreja de Saint-Eustache, cujas duas torres quadradas estavam sendo concluídas, e a Praça de Greve. .

Mas no momento em que se afastava, do outro lado da viela Montorgueil, viu avançar uma tropa da vigília, a que sem dúvida alguma alma caridosa chamara.

O cavaleiro foi levado! Um leve suor atingiu as raízes de seu cabelo. Como ele hesitava em saber se tentaria atacar o inimigo que estava à sua frente, um cachorro correu para se jogar em suas pernas.

- Piper! exclamou Pardaillan. É por isso que meu pai está lá!...

E se jogou no cabaré gritando:

- Alerta ! estou sendo perseguido...

O velho Pardaillan saltou para a porta.

Um olhar para a direita e para a esquerda o convenceu 1158

da gravidade da situação: à esquerda, uma tropa, à direita, outra quadrilha, no degrau de todas as portas, fofoqueiros, curiosos, uma rua em revolução!

Fechar a porta e trancá-la foi para o velho caminhoneiro, coisa de um momento.

No mesmo segundo, golpes violentos foram desferidos.

- Abrir! nós gritamos.

- Barricadas! disse o velho Pardaillan.

"Em nome do rei!" gritou o Sargento de Armas.

Mesas e bancos estavam empilhados lá dentro, em frente à porta. De fora, os golpes ficaram mais furiosos.

- Nós temos isso! vociferou uma voz que o chevalier reconheceu como sendo a de Maurevert.

“Aquele armário de novo! disseram os dois sitiados, empurrando um pesado aparador que completava a barricada.

"Temos uma hora", acrescentou o velho.

1159

“Em uma hora, podemos queimar Paris”, respondeu o jovem.

- Catho! Catho! chamou o motorista.

Big Catho estava lá, assistindo a luta sem muita emoção. E é preciso dizer que, se ela teve alguma emoção, foi antes pelo pensamento de que esse jovem, tão corajoso e tão bonito, seria levado pelos servos do rei.

"Aqui estou, senhor", disse ela.

- Uma palavra. Apenas um. Você está contra nós? Você está conosco?

“Com você, senhor”, respondeu Catho pacificamente.

“Você é uma boa menina, Catho. Eu vou compensar você.

E o velho Pardaillan enfiou este bilhete no ouvido do filho:

“Se ela tivesse ficado do lado deles, eu a mataria imediatamente.

O cavaleiro assentiu. o que você quer, leitor! Coloque-se no lugar dele!...

1160

- O que te acontece ? retomou o motorista.

"Eu vou lhe contar sobre isso, senhor. É uma história bem longa.

O Sr. de Pardaillan sênior tinha estas palavras:

– Catho, um pouco de vinho!... Diga-me, meu filho, temos tempo!

E, enquanto batidas surdas sacudiam a porta, enquanto os latidos ferozes de Pipeau eram ouvidos lá dentro, e lá fora os gritos do sargento e os gritos de algumas mulheres que desmaiavam ou fingiam desmaiar, o cavaleiro, em poucas palavras breves e calmas, em um e calma história, relatou a cena do Louvre.

"Há rebelião contra o rei!" gritou o sargento.

"O que diabos você estava fazendo naquela toca?" disse o velho Pardaillan com um gesto de mau humor. Eu te recomendei...

A porta, sob um violento golpe, partiu-se de alto a baixo.

- Catho! disse o motorista.

1161

“Aqui estou, senhor.

“Você tem óleo, não tem, minha filha?

– Óleo de noz muito bom. Mandei buscar três frascos há oito dias.

- Bom ! Há uma lareira lá em cima?

- Sim senhor.

– Onde está o seu óleo?

“No porão, senhor.

– As chaves da adega...

- Aqui estão eles !

– Catho, você é uma boa menina. Suba lá e acenda uma grande fogueira, uma boa fogueira, você ouve, uma fogueira para grelhar um porco ou para assar um monge... Então!...

Catho Gordo correu para a frente, pegou algumas lenhas e subiu.

- Nosso ! disse o Sr. de Pardaillan Sênior.

E, seguido pelo cavaleiro, correu para os porões. Dez minutos depois, as três jarras de óleo estavam prontas, mais tudo o que havia 1162

de pão na estalagem, mais cerca de cinquenta garrafas, mais uma alavanca de ferro e uma picareta encontrada no porão.

- Aqui está a munição! disse o pai, apontando para o óleo.

"E aqui estão as provisões!" disse o filho, levantando as garrafas e os presuntos.

- Nas escadas! retomou o velho.

A escada era de madeira. A escada estava carcomida. A escada estava segurando apenas alguns pregos.

- Catho! gritou o caminhoneiro, você quer que eu destrua sua casa?...

- Derrube, senhor! respondeu Catho, que estava colocando uma enorme panela de ferro no fogo, e na panela estava derramando uma jarra de óleo.

Os dois homens, com picaretas e alavancas, atacaram a escada pelos pregos.

Quando os grampos que o prendiam à parede foram arrancados, eles subiram e, com os pés, as mãos, com todo o esforço, começaram a empurrar.

Um clamor terrível ressoou: a porta era 1163

arrombados: guardas e vigias, desordenados, se jogaram ou tentaram se jogar para dentro e repeliram os obstáculos acumulados.

Nesse momento, esse clamor foi respondido por um terrível estrondo: era a escada que desmoronava! A estrada foi cortada dos sitiadores para os sitiados!... E acima de todo esse barulho, houve o barulho mais formidável de uma gargalhada proferida pelo pai e pelo filho.

– Senhores da guarda, sofremos mais de um ataque.

“Senhores da guarda, conhecemos a malícia dos cercos!...

- Catho! fica quente?

- Está queimando, senhor!...

- Bom ? Vamos esfriar o ardor desses senhores! Estação!...

A panela de óleo fervente foi arrastada até a beira do buraco onde a escada terminava quando ainda havia uma escada.

A sala abaixo estava cheia de pessoas derrubando a barricada e gritando: 1164

- Escala ! Escala !...

Pardaillan sênior abaixou-se e gritou:

"Senhores, retirem-se, ou vamos escaldar vocês!"

- Batalha! gritaram os guardas encantados com a vitória fácil que esperavam.

- É bom ! rosnou o velho caminhoneiro. Eles vão querer isso. Estação!...

Com uma colher grande, ele extraiu o óleo fervente e jogou o conteúdo nos atacantes. Ah! foi um belo concerto de uivos, clamores e ameaças! Pela segunda vez, a terrível chuva ardente caiu de cima. Então outro! Então, mais rápido, mais forte, a chuva caiu, os gritos de sofrimento explodiram, este queimou o rosto, aquele nas mãos... em vinte segundos, o quarto de baixo estava vazio!

- Catho! esquenta, minha filha! sempre quente!

"Estou ficando quente, senhor!...

A rua estava cheia de vociferações. Um clamor mais alto ressoa: um carpinteiro 1165

trouxe uma longa e sólida escada...

- Pela janela ! gritou Maurevert.

- Bom ! disse o velho Pardaillan, nova tática!... Esperem, meus filhos, vamos rir!...

A escada foi colocada violentamente contra a janela, e seus montantes, apoiados nos vitrais, os estilhaçaram. O velho caminhoneiro abriu a janela e se inclinou: sete ou oito homens estavam entrando, um atrás do outro... Fez um sinal... O cavaleiro correu.

Pai e filho agarraram os pilares da escada e uniram forças...

A escada balançou por um momento, depois caiu pesadamente, caiu... dois homens esmagados permaneceram na estrada lamacenta. No mesmo momento, o pote foi colocado no parapeito da janela; com um choque violento os dois sitiados o esvaziaram... houve um trovão de uivos, e no mesmo segundo, o lugar estava vazio em frente à casa!...

Os sitiantes assustados, estúpidos na frente de um 1166

tal resistência, concertada... Quinze homens escaldados ou feridos estavam fora de ação, os dois pardaillanos não tinham um arranhão.

Calmo, Catho havia recolocado sua panela no fogo e estava aquecendo uma nova jarra de óleo.

Só que ela deu um suspiro de lojista mesmo assim e murmurou:

– Que bom óleo de noz! que pena !...

Do lado de fora, os sitiantes tentavam chegar a um acordo sobre um novo ataque.

"Mandem reforços!" gritou Quelus.

“Acredito que aqueles demônios mandaram óleo no meu colarinho”, disse Maugiron.

Dê uma olhada, Quelus.

Na realidade, o pescoço de Maugiron foi queimado e enormes bolhas formaram bolhas na pele.

"Já que enfurece como coisas que queimam", gritou Maurevert, "vamos acender o fogo!"

- Sim ! sim ! vamos queimar o covil e os javalis!

1167

“Fogo na casa!”

O velho Pardaillan tinha ouvido. A ameaça de ser queimado vivo trouxe uma expressão expressiva em seus lábios.

- Diabo ! ele disse simplesmente. Dê-me uma bebida, meu filho.

O cavaleiro encheu três taças e os três sitiados as esvaziaram.

"Acredito", disse o cavaleiro, "que o cerco logo terminará."

- Senhor ! disse Catho, você acha que eles vão nos queimar?

"Acho que sim", disse o velho caminhoneiro. Bah! você vai imaginar que já está no purgatório, e isso vai te levar direto ao paraíso que você merece!

- Catho! recomeçou o cavaleiro de repente, o que há por trás desta parede?

– Senhora... lá está a casa do meu vizinho, vendedor de aves vivas.

“Eu te entendo, meu filho! exclamou o pai.

Vamos tentar ir à loja de aves.

1168

O cavaleiro pegou a picareta e atacou a parede.

O velho Pardaillan, com um gesto, o deteve:

– Este homem vai ouvir as batidas e avisar os guardas: em vez de fugir, estamos abrindo a brecha que lhes dá passagem.

“É um risco a correr,” disse o cavaleiro friamente. Prefiro morrer em uma luta corpo a corpo do que morrer no incêndio que esta casa está prestes a ser...

"Vá então, meu filho!...

Os golpes da picareta começaram a ressoar fracamente.

A parede era grossa, sólida. Lá fora, felizmente, o tumulto continuou. Mas as fascinações se acumulavam ao pé da casa.

O momento foi supremo.

– Desde que o vendedor de aves não ouça! rosnou o velho Pardaillan, enquanto seu filho, como um mineiro rasgando a terra, desferiu golpes poderosos...

Catho, com um gesto, chamou o caminhoneiro à janela e apontou-lhe um homem que, 1169

na rua, estava se lamentando, torcendo os braços, arrancando os cabelos:

“O mercador de aves! ela diz.

Nesse momento, a multidão do lado de fora começou a gritar: “Natal! Natal! »

“Eu me pergunto o que o Natal tem a ver com esse caso! disse o velho Pardaillan.

Ele não estava errado. Na verdade, a multidão chorou Natal apenas porque os fascines tinham acabado de ser incendiados, e sua alegria veio do fato de que dois homens que eles nem sabiam que seriam queimados vivos. Além disso, é sempre, ao que parece, um espetáculo alegre ver seres feitos à nossa imagem torturados (vejam as multidões que, ainda hoje, se deleitam em ver a guilhotina). Os senhores dos homens devem contar com essa alegria da multidão. Caso contrário, por muito tempo, não haveria mais torturas.

Em suma, a multidão gritava “Natal” com todo o coração.

Poucos momentos depois, a alegria virou delírio: de fato, um espesso turbilhão de fumaça subiu ao céu e, logo, a chama subiu em 1170

línguas escarlates e começou a lamber as paredes da casa.

O que aconteceu com os sitiados?

Maurevert lançou olhares sombrios de satisfação sobre o fogo e, repetindo o gesto esboçado no Louvre pelo cavaleiro, acariciou sua bochecha – a bochecha que havia sido cortada pela espada de Pardaillan.

A casa pegou fogo. Justiça sumária, que era perfeitamente atual em uma época em que a ideia de justiça mal existia. Hoje há progresso; ela já está com os primeiros gaguejos infantis; espero que em alguns milhares de anos ela seja capaz de falar.

Resumindo, a casa pegou fogo. Tivemos então muita dificuldade em extinguir o fogo que se alastrara às casas vizinhas e ameaçava toda a rua.

Alguns vizinhos sofreram graves perdas; mas isso contava pouco; o principal era que Maurevert, Quélus e Maugiron pudessem ir ao Louvre de braços dados. Foi inclusive a primeira vez que as duas fofuras confraternizaram assim com o 1171

espadachim.

Maurevert foi recebido pela rainha Catarina de Médici.

Os dois lacaios foram feitos pelo Duque d'Anjou.

“Madame”, disse o primeiro à rainha-mãe na frente de Nancey, que quase teve a icterícia de ciúmes, “Madame, sua Majestade está vingada: tiramos o jovem bandido como uma raposa da toca e o fumamos lá , ou seja, grelhado bem e verdadeiramente, por meio de um jogo de alegria com o qual incendiamos sua casa. Sem Quélus e Maugiron, que me atrasaram por sua suavidade, já seriam mais de duas horas.

“Maurevert”, disse Catarina, “falarei de você ao rei.

“Vossa Majestade me agrada. Mas a melhor parte do caso, afinal, não é o interrogatório desse homem insolente, que eu poderia ter matado na primeira oportunidade. O que foi magnífico foi a grande alegria do povo quando eu disse que eram huguenotes que 1172

estavam grelhando...

- Silêncio! disse a rainha com um sorriso estridente; você não sabe que estamos fazendo a paz para sempre?

- Ei! Senhora, isso não impede a paz...

pelo contrário ! respondeu Maurevert, que, sabendo-se indispensável, às vezes assumia com o soberano aqueles ares de rude independência que são a suprema habilidade dos servidores superiores.

Quanto a Quélus e Maugiron, contaram ao Duque d'Anjou.

– Monsenhor, você está vingado... Se não fosse Maurevert, que teve hesitações inexplicáveis, já poderíamos ter anunciado isso há uma hora. Finalmente, está feito. O insolente não vai mais te olhar na cara. Ele morreu, queimado vivo, com alguns outros mafiosos de sua espécie que queriam defendê-lo.

– Vocês são realmente bons amigos, disse o Duque de Anjou, dispensando cosméticos no 1173

sobrancelhas. Eu gostaria de ser o rei, só para poder recompensá-lo de acordo com seus méritos.

1174

XG

Como M. de Pardaillan júnior uma vez desobedeceu novamente ao pai de M. de Pardaillan

Agora, enquanto os mignons, por um lado, Maurevert, por outro, celebravam assim a morte de seu inimigo, ocorreu uma aventura aos dois Pardaillans – uma aventura que deve ter seu lugar aqui.

Nem Pardaillan sênior nem Pardaillan júnior estavam mortos. Eles realmente escaparam da fornalha, eis como:

No momento em que os fascínios foram incendiados e as chamas dispararam, uma fumaça branca e perfumada, daquelas fumaças que sobem de madeira muito seca, invadiu a sala onde os sitiados se refugiaram. Mas, por mais perfumada que fosse essa fumaça, ela os ameaçava de asfixia iminente.

1175

O cavaleiro que cavava há cinco minutos parou por um momento, todo suado. O velho Pardaillan então pegou a picareta e continuou o trabalho à vontade; porque não podíamos ver nada.

Alguns minutos agonizantes se passaram assim. A respiração dos três infelizes tornou-se ofegante, e eles já vislumbravam a terrível morte que os esperava ali, quando a picareta, num último golpe mais violento e como que desesperado, passou pelo outro lado do muro; um buraco bem largo...

Então os dois homens e Catho, cuja força muscular era igual a duas mulheres, começaram a rasgar febrilmente tijolos e escombros; em dois minutos havia um buraco grande o suficiente para permitir a passagem.

Passaram, um pouco arranhados é verdade, mas passaram!

Já era hora: o fogo rugia agora, e as vigas, as vigas estalavam.

Os três sitiados encontravam-se numa espécie de sótão onde o vizinho espremia os seus sacos de cereais 1176

pelas aves que ele alimentava. Este sótão foi fechado por uma velha porta, cuja fechadura foi derrubada com o golpe de uma picareta. Então subiram correndo uma escada que levava à cozinha do aviário.

Esta cozinha abria, por um lado, sobre a loja, mas por ali terminava-se na rua, isto é, em plena armadilha. Por outro lado, dava para um pátio bastante grande, cujos quatro lados eram ocupados por galinheiros.

- Vamos fugir! disse Catho.

"Um momento", respondeu o velho Pardaillan.

– Sim, vamos respirar! acrescentou o cavaleiro; quase perdemos o hábito.

“Ou seja, mal me lembro como se respira”, retomou o caminhoneiro.

Essas piadas não os impediram de estudar ativamente o terreno em que se encontravam. O pátio era cercado com muros bastante altos. Mas era fácil atravessá-los subindo no telhado de um galinheiro.

O cavaleiro, o primeiro, subiu à força do 1177

pulso, na parte de trás do galinheiro. Ele estendeu a mão para Catho, que se juntou a ele em um instante; depois foi a vez do velho Pardaillan. De lá até o topo do muro, virou um jogo, e uma vez no muro, era só cair no chão.

Eles estavam então em um jardim de mercado bastante grande.

Aliás, eles foram salvos.

- O que você vai fazer ? perguntou o motorista do caminhão à anfitriã da antiga pousada, agora uma ruína fumegante.

Catho suspirou.

"Estou arruinada", disse ela. O que eu vou me tornar?

– Você não pode nos seguir: devemos nos separar.

O chevalier, percebendo que o pai talvez o estivesse usando com alguma ingratidão, quis intervir.

“Se ela nos seguir”, disse o caminhoneiro, “seremos pegos, e ela também: uma boa corda para nós três! La Truanderie fica a poucos passos de distância; deixe Catho se refugiar lá. Uma vez lá, é inexpugnável.

Quanto a nós, veremos. Vamos, Catho meu 1178

garota, isso não parece certo para você?

- Muito justo! ela diz. E se fosse apenas uma questão de me salvar, logo estaria feito. Mas o que me tornarei sem um centavo!

- Estenda seu avental!

Catho puxou as pontas do avental. O velho Pardaillan desfez o cinto de couro e, não sem um suspiro de despedida, despejou todo o conteúdo no avental. Os olhos de Catho se iluminaram.

"Mas há quase quinhentas coroas lá!"

ela chorou.

“Mais de seiscentos, minha filha!

"É mais do que o casebre valia!"

- Sempre tome. Você vai reconstruir outra pousada, e talvez um dia você nos ajude a queimá-la também. Só não chame mais de Knocking *Hammer Inn* !

- E como ele deve ser chamado?

– Senhora... pensamos que estamos mortos... Chame isso de *Pousada do dois mortos quem fale* ! será 1179

um pouco longo, mas poético e sentimental. Adeus, Catho...

"Adeus", disse o chevalier por sua vez, "lamento não poder acrescentar nada às coroas de meu pai...

– Se feito: você pode adicionar sua oferta, Senhor Cavaleiro! exclamou Catho rapidamente.

- O que você quer dizer ? perguntou o cavaleiro atônito.

Catho estendeu a bochecha. E esse rubor cora...

O cavaleiro sorriu e a beijou de todo o coração em ambas as bochechas, o que foi mais do que Catho pediu.

Os dois homens então se afastaram rapidamente, atravessaram o portão do jardim e se encontraram em um beco que levava à rue du Roi-de-Sicile.

Quanto a Catho, ela imediatamente mergulhou nas ruas escuras e estreitas que cercavam La Truanderie.

Sr. de Pardaillan pai, seguido por seu filho, começou a andar rapidamente pela rua e logo chegou ao 1180

rue du Roi-de-Sicile; dali, virando à direita, os dois homens caíram na Rue Saint-Antoine, a principal artéria de Paris na época.

- Este ! vamos falar um pouco do nosso negócio agora, disse o velho caminhoneiro. Parecem-me um pouco confusos.

“Eles parecem muito claros para mim! disse o cavaleiro. Nós dois estamos em flagrante rebelião.

“Mas também, o que diabos você estava fazendo naquela toca?

"Qual covil, senhor?" O *martelo que choque* !

– Não: o Louvre!... Mas o que está feito está feito, não digamos mais nada. Eu gosto dessa grande clareza de que você fala, é realmente simples, a forca, o bloco talvez. O que nós fazemos ?...

Que tal um pequeno passeio fora de Paris?

Parece-me que faz muito tempo que não caminhamos juntos pelas estradas do país da França. Note, meu querido filho, que aqui é primavera, e que a viagem é nesta estação 1181

verdadeiros prazeres. Acho que você concorda comigo nisso?

Assim foram conversando pacificamente, sem se dar ao trabalho de se esconder.

Além disso, a rue Saint-Antoine, cheia de burgueses, transeuntes, comerciantes, os escondia: eles estavam perdidos na multidão bastante grande de pedestres.

“Padre”, respondeu Pardaillan, “é impossível para mim sair de Paris neste momento.

O velho caminhoneiro franziu a testa.

- Impossível! Agora, você quer que sejamos enforcados? ou esquartejado? ou rodado vivo?...

– Não, pai, eu estou implorando para você ir embora... Quanto a mim, eu tenho que ficar... Mas o que está acontecendo aqui? Ouvimos os gritos de uma mulher... vamos correr, senhor, vamos correr!...

Dizendo estas palavras, o cavaleiro saltou para a frente. O velho Pardaillan o deteve pelo braço, e com uma espécie de tristeza sincera e terna severidade – ao mesmo tempo, com aquele espanto que os modos de seu filho lhe inspiravam:

– Onde você ainda está correndo? Em que diabos você está se metendo? Então, é realmente verdade?

Você considera minha antiga experiência nula e sem efeito? Este bom conselho que lhe dei, você o ignora? Você não quer desconfiar de homens, mulheres ou do seu coração?

– Ah! senhor, exclamou o cavaleiro, o que tenho visto dos homens obriga-me a desprezar quase todos; Eu temo as mulheres; e quanto ao meu coração, amaldiçoo-o pelos truques que me prega! Assim você pode ver claramente que eu sigo suas opiniões e, além disso, o respeito que devo a você me obriga a fazê-lo...

Assim falando, o cavaleiro, com um puxão, soltou-se do abraço do pai e correu para os gritos que se tornaram mais penetrantes e mais assustados. O velho caminhoneiro ficou espantado por um momento:

"Isso é o que ele chama de seguir meu conselho!"

ele rosnou. Acredito que ele vai acabar no cadafalso e eu só terei o recurso de acompanhá-lo até lá! Vamos lá !...

E correu por sua vez em direção ao grande aglomerado que obstruía a rue Saint-Antoine e em cujos turbilhões o cavaleiro acabara de desaparecer. Aqui está o que estava acontecendo:

Neste ponto da rua, por cima da loja de um vendedor de ervas e ervas secas cujo letreiro era dedicado ao "grande Hipócrates", o referido vendedor já tinha cavado um nicho há muito tempo. Nesse nicho, ele havia colocado uma estatueta de madeira pintada representando um venerável velho vestido à moda grega, possuidor de uma bela barba, e que não era outro senão o próprio grande Hipócrates.

No entanto, aos poucos, esse personagem foi mudando de identidade.

Na cabeça dos mexeriqueiros locais, ele deixara de ser o médico grego para se tornar um santo. Seu terno e sua barba tinham algo a ver com essa transformação, uma espécie de metempsicose bizarra, mas nada surpreendente. O comerciante de ervas tinha sido ainda mais cuidadoso para não enganar seus clientes, pois sua loja estava melhor abastecida. O

o grande Hipócrates, portanto, gradualmente e muito lentamente se tornou o grande Santo Antônio.

A coisa tornou-se oficial e indiscutível no dia em que o boticário, astuto como o boticário que era, meteu na cabeça dar satisfação à crença pública colocando um fio na mão de Hipócrates, e na ponta desse fio um pouco porco sempre em madeira entalhada: a partir de então, não havia mais dúvidas possíveis.

Além disso, o sinal continuou pacificamente com o nome de Hipócrates.

Ora, como em muitos lugares de Paris, zelosos servidores da Igreja haviam instalado abaixo do nicho, em frente à porta da loja, uma mesa sobre a qual colocaram uma cesta destinada a receber doações. Antônio. Aqueles que eram ricos punham um centavo ou um centavo; os pobres jogavam fora um centavo; finalmente, os menos afortunados colocaram no cesto pão e legumes para a sopa de Santo António, e os que não tinham nada fizeram uma cruz e uma oração. Estes últimos foram bastante mal vistos pelos 1185

três ou quatro bandidos zelosos que vigiavam constantemente o cesto de lixo: mas, em suma, não havia como acusá-los de heresia.

Escusado será dizer que todas as noites os coletores dos conventos vinham pôr as mãos no conteúdo do cesto, ou pelo menos no que restava, porque os zelosos capatazes naturalmente começaram por tomar a sua parte.

Dito isto, compreender-se-á a indignação pública e a santa fúria que animaram os encarregados do cesto de oferendas, quando um burguês vindo a passar recusou-se formalmente a depositar qualquer esmola.

"Saudai pelo menos o grande Santo António", gritaram-lhe.

- De joelhos! honrosas reparações!...

“Mas”, objetou o burguês, “não é Santo Antônio, é Hipócrates!

Então eles gritaram blasfêmia. Os zelosos e piedosos supervisores do cesto atiraram-se sobre o burguês, espancaram-no e roubaram-no, gritando:

1186

"Morte ao huguenote!"

"Morte ao parpaillot!" repetiu a multidão, dócil e encantada de dar as mãos.

Nesse momento passou uma liteira puxada por um cavalo branco, e na qual estava uma jovem de olhar meigo e rosto expressivo. A liteira foi naturalmente parada pela multidão, e a jovem abriu as cortinas para ver o que estava acontecendo. Mal tinha visto o burguês sendo maltratado, exclamou:

- O que ! é o ilustre Ramus que é tratado assim! Oh ! isso é ultrajante!...

O burguês, ouvindo essa voz amiga, fez todos os esforços para se aproximar da liteira.

- Deixe-o! gritou a jovem. Eu lhe digo que é o sábio Ramus!...

A multidão só entendeu uma coisa: era que essa mulher estava do lado do "huguenote", e ao perceber que a liteira não trazia brasão, prova de que a mulher não era da nobreza e que ele não consideração para guardar para ela, gritou tudo em uma só voz: 1187

– Para a morte o parpaillote! Queime os dois! Uma fogueira para Santo António!...

A liteira se viu imediatamente cercada, e a multidão, que até então se divertia bastante, de repente ficou furiosa, levantou-se exultante com seu próprio clamor; em alguns momentos, a situação tornou-se ameaçadora para a jovem, e ela começou a soltar gritos de angústia. Ramus, com o rosto ensanguentado, as roupas rasgadas, agarrou-se desesperadamente às cortinas da liteira.

- Quadrado ! quadrado ! de repente gritou uma voz alta.

Então, vimos um jovem se precipitar no meio da multidão, empurrar para o lado os mais enfurecidos com os punhos, alcançar a liteira e ali, puxando um longo florete, desferir golpes furiosos nos assaltantes mais próximos.

Um círculo se formou em torno do Chevalier de Pardaillan – pois era ele.

A jovem, vendo a ajuda inesperada que vinha para ela, se animou e estendeu a mão para o velho Ramus, que se içou na liteira em 1188.

sussurrando:

– Estou salvo para este tempo... mas é uma grande pena que um povo chegue a uma maldade tão terrível...

" De uma vez ! disse o pobre estudioso!

Ele não sabia que logo depois ia sucumbir em um ataque igual a esse! De qualquer forma, a liteira voltou para a estrada. A multidão, vendo sua presa escapar, começou a emitir uivos ferozes, mas o granizo flamejante descreveu círculos tão rápidos com sua ponta que o vazio foi mantido em torno do cavaleiro: assim um círculo de fogo para um bando de lobos.

No entanto, os mais furiosos estavam prestes a se lançar em um assalto desesperado, quando gritos de dor ressoaram nas últimas fileiras da multidão que se dispersou como antes de um furacão, foi o Sr. florete que em poucos momentos ele havia tomado seu lugar perto da liteira do outro lado de seu filho.

Com tal escolta, a ninhada encontrou-se 1189

protegido o suficiente para avançar rapidamente.

E como, afinal, ninguém sabia bem do que se tratava, a multidão parou, contentando-se em ameaçar com os punhos os dois salvadores, que, cem passos adiante, embainhavam as espadas.

A liteira, continuando seu caminho, virou à direita.

Pardaillan sênior, uma vez que o perigo passou, juntou-se a Pardaillan júnior resmungando:

"O que diabos você está se metendo de novo? ...

O cavaleiro não respondeu: foi completamente dominado pela emoção que lhe veio ao perceber que a liteira seguia exatamente o caminho que ele fizera no dia em que seguira a Dama de Preto com a firme intenção de dizer que amava sua filha Loïse!

E o que aconteceu com essa emoção quando a liteira entrou na rue des Barrés!... foi na esquina desta rua que ele esperou pacientemente pela Dama de Preto, a quem, aliás, não ousou fazer nada. dizer !

Finalmente, o coração do cavaleiro começou a bater mais 1190

mais forte do que nunca quando a liteira parou diante da casa onde ele tinha visto entrar Jeanne de Piennes!...

O velho Ramus desceu da liteira, seguido pela jovem que saltou levemente para o chão.

“Entre,” ela disse em sua voz suave, “entre, bom pai. Você deve descansar um pouco, e acima de tudo, para se recuperar, você toma este elixir que você me fez compor...

"Você é uma criança adorável", disse Ramus, que não parecia muito comovido com o que acabara de acontecer com ele; e terei grande prazer em descansar em sua companhia.

E quando a porta se abriu com a batida do martelo, o estudioso entrou na casa.

Então a jovem virou-se para o cavaleiro e seu pai.

“Entre”, disse ela, com aquela terna autoridade que algumas mulheres têm – a única autoridade que é irresistível porque vem do coração.

Os dois homens obedeceram e seguiram aquele que tinham acabado de salvar. O cavaleiro teria 1191

queria ir embora: a curiosidade de conhecer aquela casa onde a mãe de Loise entrara venceu.

O interior da casa era de aparência burguesa. Entraram numa sala de jantar, e a senhora ordenou a um criado que trouxesse refrescos. Ela mesma encheu as taças com um espumante que logo conquistou os votos do velho Pardaillan.

– Senhores, ela disse então, meu nome é Marie Touchet. Você me faria a graça de me dizer a quem devo estar vivo?

O cavaleiro já estava abrindo a boca. O velho caminhoneiro pisou em seu pé e apressou-se a responder:

"Madame, meu nome é Brisard, um ex-sargento dos exércitos do rei, e meu jovem camarada aqui, que é um cavalheiro, chama-se M. de La Rochette.

"Bem", disse Marie Touchet, "Monsieur Brisard e você, Monsieur de La Rochette, I 1192

Vou me lembrar de seus nomes até o fim da minha vida...

As palavras não eram nada; o tom com que foram pronunciadas surpreendeu o cavaleiro, que exclamou:

"Madame, pelo seu ar e pela sua voz, acho que você é tão boa quanto bonita. Estou mais feliz do que posso dizer por ter podido merecer a simpatia que seu olhar nos dá a honra de expressar, a meu pai e a mim.

- Seu pai ? perguntou Marie Touchet, atônita.

"Ele quer me chamar assim", disse o velho Pardaillan, "porque dou a ele o conselho que minha experiência dita...

A entrevista continuou assim por alguns minutos. Marie Touchet agradeceu a seus dois socorristas em termos emocionais e queria que eles prometessem voltar para vê-la, com o qual eles não queriam se comprometer. O velho Ramus, por sua vez, apertou a mão dos dois aventureiros, que finalmente se retiraram.

– Que relações Jeanne de Piennes poderia-1193

ela tem com a senhora que estamos deixando? perguntou o cavaleiro.

"Eu me pergunto de que adianta nós arriscarmos nossas vidas por esses estranhos! disse o velho caminhoneiro. Um bom homem que nunca mais veremos, uma mulher encantadora, não me importo, mas que não é nada para nós. Isso é um bom trabalho, cavaleiro! Sem falar que um pouco mais, você ia dizer seu nome, quando temos que nos esconder... desafiar toda Paris!

- Oh ! meu pai, você acredita que essa mulher que nos deve a vida seria capaz de nos trair? Ela não iria, mesmo que ela não nos devesse nada. Seu olhar é muito leal e seu rosto muito franco.

“Eu suspeitaria do melhor dos meus amigos neste momento”, disse Pardaillan, que assentiu. Mas venha, agora é uma questão de encontrar um porto seguro, já que você quer que fiquemos nesta Paris infernal.

*

No dia seguinte, Maria Touchet recebeu a visita do rei Carlos IX, que, como sempre, veio sozinho e em segredo.

Ela o atualizou sobre o que havia acontecido no dia anterior e acrescentou:

“Meu caro senhor, se você tiver algum amor por mim, você recompensará aquele velho sargento cujo nome é Brisard e aquele bravo jovem cavalheiro, M. de La Rochette.

“Eu quero”, disse o rei, “eu quero, minha querida Marie. Tenha certeza de que esses dois homens conhecerão a gratidão do rei Carlos.

Esta visita teve vários resultados.

A primeira foi que o rei ordenou que Brisard, um ex-sargento, e um cavalheiro chamado de La Rochette fossem ativamente procurados e trazidos a ele assim que fossem encontrados.

A segunda foi que, naquela mesma noite, foi gritado um edital proibindo o pedido de ofertas para a igreja ao pé das várias estátuas de santos que

estavam em Paris.

A terceira foi que o vendedor de ervas da rue Saint-Antoine recebeu a ordem de mudar imediatamente o seu letreiro, caso contrário sua loja seria fechada.

O efeito de primeira ordem permaneceu nulo; na verdade, apesar das buscas ativas, não conseguiram pôr as mãos nem em Brisard nem em La Rochette.

O rei ficou muito chateado, e seu reitor caiu em desgraça.

A terceira ordem teve satisfação imediata e não teve repercussões: o oficial que a trouxe ao mercador de ervas esperou que ele fosse executado à sua frente. O farmacêutico mandou chamar um pintor, e eles apagaram as palavras: *Au grande Hipócrates* .

– O que deve ser substituído? perguntou o pintor.

O boticário sorriu e respondeu:

– Já que tenho que mudar de signo, coloque: *Au grand saint Antoine* .

O oficial aprovou fortemente esta escolha piedosa e assegurou que Sua Majestade ficaria muito satisfeito com ela.

Assim, a ordem do rei foi cumprida sem ser, e o sinal estava agora completo, e em harmonia com o porquinho de madeira esculpida. Essa mudança de signo, portanto, passou despercebida no distrito, assim como as pesquisas sobre Brisard e seu companheiro passaram despercebidas em Paris.

Mas a segunda ordem do rei, ou seja, o edito sobre as oferendas exigidas por assaltos à mão armada em quase toda parte em Paris, provocou terríveis rumores. Em todas as igrejas os pregadores se enfureceram. Um dos pregoeiros do edital foi apedrejado. Outro foi jogado no Sena. Houve tumulto e sedição.

Assim, o Sr. de Pardaillan Júnior, ao desobedecer mais uma vez ao pai, fez história sem saber.

XLI

A casa de campo

Ao saírem da casa da rue des Barrés, pai e filho conversaram enquanto caminhavam às margens do Sena, onde estavam escondidos e o que lhes restava fazer. Enquanto discutiam, desceram o curso do rio e pararam em frente a uma taberna frequentada por barcaças.

- Eu estou com fome ! disse o cavaleiro, olhando para a taverna que, rodeada por um jardim acarpetado de tenra folhagem, parecia muito alegre.

- E estou furiosa de sede! disse o velho caminhoneiro.

Vamos entrar!

Mas enquanto caminhavam em direção à entrada do cabaré, eles pararam de repente.

- Espero que tenha dinheiro para pagar uma omelete e uma garrafa? disse o pai.

O cavaleiro se atrapalhou e assentiu.

– Dei tudo pro Catho! retomou o velho caminhoneiro. Ah! Que pensamento bonito eu tive lá!

“Senhor, eu não acho que devemos nos arrepender dela. Catho salvou nossas vidas...

- Eu não digo não; mas se morrermos de fome e sede, não terá economizado muito!...

Com um suspiro, os dois homens se afastaram da taverna. Tristes e silenciosos, eles continuaram o curso do rio, e seus pensamentos decididamente tomaram um tom mais melancólico, quando atrás deles ouviram um estrondo, e algo que foi lançado a toda velocidade caiu em suas pernas.

Esse algo era Pipeau! E Pipeau, enquanto corria para alcançar seu mestre, rosnou alto entre suas mandíbulas cerradas. O cachorro que rosna assim avisa as pessoas para não 1199

tocar o que ele segura na boca.

De fato, Pipeau, o fiel Pipeau seguira passo a passo seu mestre; estivera presente na luta na Rue Saint-Antoine e até desferira alguns golpes com a presa; depois deitou-se diante da porta da casa de Maria Touchet quando o cavaleiro entrou. Finalmente, ele começou a segui-lo quando ele partiu. Agora, enquanto o seguia, dissera a si mesmo o que o cavaleiro acabara de dizer ao pai:

- Eu estou com fome !

E Pipeau, em seu raciocínio que não era complicado pelos embaraços humanos, raciocínio simples, límpido, de uma lógica profunda e irrefutável, acrescentou:

- Já que estou com fome, tenho que comer!

Em virtude dessa mesma lógica, que ousamos qualificar de irrefutável, o cachorro, seguindo seu dono, começou a olhar para a direita e para a esquerda o que podia comer – pois estava com fome!

Vários montes de sujeira que ele cheirou ao passar não revelaram nada de bom para ele, e Pipeau, a 1200

cada um deles, mostrou todo o seu desprezo da maneira mais cínica, ou seja, a maneira dos cães para quem os mictórios são desconhecidos.

Além disso, os mictórios não foram inventados.

Pipeau já se perguntava se ia morrer de fome – e se perguntava isso com bocejos prolongados – quando de repente parou, parou, a ponta do nariz um pouco torta, a ponta do rabo na batalha.

Durante esse tempo, o cavaleiro e seu pai continuaram seu caminho e viraram à direita, nas margens do Sena. Pipeau tinha simplesmente visto a vitrine de um comerciante de carne cozida, em outras palavras, a vitrine de uma delicatessen. Havia ali uma magnífica exibição, que terminava numa série de presuntos do mais radiante efeito.

Foi o último desses presuntos que Pipeau considerou com o canto do olho, dizendo para si mesmo:

"Aqui está o jantar que eu preciso, aqui está!" »

Pipeau, cão ladrão, se é que já existiu, não era 1201

 cão se perder em devaneios mudos e longas contemplações.

Ele assumiu seu ar mais honesto, o mais desprendido dos bens deste mundo, e deslizou muito gentilmente em direção à vitrine.

“Esse realmente é um cachorro lindo! disse o açougueiro, que estava nos fundos de sua loja.

Mas imediatamente, ele pulou de seu banco e saiu correndo, gritando:

- Ladrão ! Parou ! Parou !...

Problemas desnecessários! Clamor supérfluo! a

"belo cão" já estava longe e corria ainda mais por isso.

– Meu melhor presunto! observou o açougueiro com tristeza. Ah! o cão miserável!

Era, na verdade, um presunto que Pipeau havia acabado de pegar delicadamente na boca e levar embora em sua corrida mais rápida. Se o açougueiro exagerou ao dizer que era o seu presunto mais bonito, deve-se contudo admitir que o dito presunto era de tamanho razoável e tal que um cão honesto não poderia, em suma, em 1202

desejo mais apetitoso...

Em poucos minutos, Pipeau se juntou ao cavaleiro e caiu sobre suas pernas. Então, certo de não perder seu mestre, ele se deitou na areia e se preparou para comemorar seu achado, ou melhor, sua captura.

Mas o velho Pardaillan tinha visto!

Ele atacou o cachorro e arrancou sua perna...

E enquanto Pipeau olhava para ele com um ar de espanto ameaçador, ele lhe disse:

“Eu lhe ofereci, esta manhã, uma sela de lebre assada; você pode me oferecer um terço do seu presunto! Aqui está o nosso jantar, meu filho:

- Eu te proibi de roubar! disse o chevalier gravemente para Pipeau.

Este balançou suavemente a ponta de sua cauda, o que significava que ele prometeu não fazer isso novamente.

Os três amigos sentaram-se na areia da margem – referimo-nos aos dois homens e ao cão.

1203

O velho Pardaillan sacou sua adaga e dividiu o presunto em três partes.

Foi assim que o chevalier e seu pai puderam jantar naquele dia.

Quando terminaram o presunto, tiraram água do Sena, que corria, límpida e fresca, e os três beberam; os dois homens na palma das mãos, o cachorro lambendo.

Esta refeição inesperada, embora fosse produto de um roubo, restabeleceu os dois homens.

Seus pensamentos, que estavam no escuro, clarearam um pouco.

“Agora temos que encontrar um lugar para ficar”, disse o velho caminhoneiro.

- Uma casinha! perguntou mecanicamente o cavaleiro.

Ele abaixou a cabeça tristemente, e um suspiro inchou em seu peito.

– É uma questão de achar um alojamento! disse o velho Pardaillan com sua voz mais natural, sem nenhuma amargura, como um homem que passou sessenta anos na estrada e que todas as noites, ao cair da noite, se pergunta: Onde vou dormir?

1204

E havia nessa indiferença toda a resignação instintiva do pobre homem que sabe muito bem que nunca terá um lar seguro, que sempre ficará feliz demais por encontrar um carvalho grosso para se abrigar da chuva, uma boa pedra não muito áspero para deitar a cabeça...

Mas o filho!... Ah! no filho despertou pensamentos confusos que não eram de seu tempo e que gaguejavam:

– Ai! Portanto, há pobres à procura de abrigo, enquanto há tantos palácios que eriçam a cidade!

Assim, com o pai, ainda era a resignação da Idade Média.

No filho, o despertar do Renascimento...

Mas – apressemo-nos a saltar sobre as considerações filosóficas – o que entristeceu especialmente o pobre cavaleiro foi a pungente constatação de sua inferioridade social. É bem verdade que um ramo dos Pardaillans estava fazendo fortuna ali, no Languedoc. Também é verdade que o nome 1205

foi o mais honrado e orgulhoso. Mas que miséria!...

Oh o que! Ele foi reduzido a procurar um abrigo, um nicho! compartilhou a refeição roubada por seu cachorro!

Seus bolsos estavam vazios, e seria assim amanhã e sempre?... E o que ele estava sonhando? Uma aliança com a família mais nobre e provavelmente a mais rica da França, os Montmorency!...

Não era tão louco! Bastava chorar!... E o cavaleiro pensou:

– Que gargalhada sacudiria essa gente que passa, e toda Paris, e a França, e o mundo, se alguém começasse a gritar: "Está vendo esse mendigo que não tem bolsa, que acabou de comer? um presunto, roubado por seu cachorro, quem não sabe que teto o abrigará esta noite, que a guarda está procurando para prendê-lo, que o carrasco está esperando para perdê-lo ou decapitá-lo?

Bem, ele ama Loïse, a filha, a herdeira Montmorency!..." Ah! que gargalhada!

E o cavaleiro de fato riu.

O antigo Pardaillan permaneceu pela primeira vez em 1206

espantado. Então olhou gravemente para o filho e compreendeu mais ou menos o que se passava em sua alma, pois pôs a mão em seu ombro e lhe disse:

"Coragem, cavaleiro! Coragem, de Pilatos e Barrabás! Posso ver claramente o que está provocando você, e por que, de tanto rir, seus olhos estão cheios de lágrimas: somos muito pobres, não somos? Ei!

cavaleiro, para gente como nós, a miséria é uma boa companheira, uma amante vivaz, uma isca que nos dá um olho, uma perna e um pulso! Escute, cavaleiro: sempre odiei cães gordos, que, amarrados à tigela por uma boa corrente, vivem e morrem servos como nasceram; Sempre reservei minha simpatia e minha admiração pela raposa que trapaceia, à noite, contra as formidáveis forças do homem de quem tenta arrebatar uma presa; para o lobo que, magro e de olhos ardentes, vagueia pelas florestas na embriaguez da liberdade. Olhe para mim, cavaleiro; Eu sou uma dessas raposas, um desses lobos. Pelo demônio da morte, quando tenho minha espada na mão, me sinto igual ao rei! Eu vivi mais em sessenta anos de miséria do que uma família de 1207

burgueses ou senhores viverão em várias gerações. O que é a vida, meu caro? O vento que sopra, a chuva que cai, as ladeiras onde a uva amadurece, os montes onde cavalgo, a terra inteira, o ar que respiro, a alegria de ir, de vir, de ser um mestre efêmero no minuto que passa , de todas essas coisas tão boas e tão belas que são a natureza... aqui está a vida, cavaleiro, aqui está a felicidade! Todo o resto é a cadeia ignóbil do cão preso à sua triste tigela! A cidade, Paris, a vida entre os homens que odeiam, e as mulheres que sorriem, a vida cega e estúpida com seu enorme trabalho de cada dia só pretendia garantir a taça do

dia seguinte, ah! Chevalier, isso não é vida, é morte a cada minuto! Buscamos alimentação e hospedagem...

venha, cavaleiro, vamos fazer raposas e lobos...

vamos pegar a estrada novamente, a estrada principal ensolarada em abril ou nublada em novembro, vamos retomar juntos nossas longas etapas guiadas pelo acaso; e assim conversando, rindo ou chorando mesmo se quiser, viajaremos pela França, veremos a Itália, a Alemanha, o mundo inteiro, se 1208

tal é o nosso prazer!...

Ao discurso do velho caminhoneiro, o chevalier respondeu balançando a cabeça – não que tivesse feito as reflexões indubitavelmente intempestivas que acabamos de expressar – mas simplesmente, ele não queria sair de Paris porque Loïse estava em Paris. Pelo menos, ele tinha a convicção de que ela estava lá.

"Então," retomou o pai, "você ainda se recusa a me seguir?"

– Meu pai, eu já lhe disse: em vez de sair de Paris, eu morreria.

– Bem, bem... então volto à minha primeira pergunta: vamos procurar um lugar para ficar!

"Creio, senhor, que encontrei um", disse o chevalier.

- Vamos ver. É alguma árvore frondosa? Alguma estalagem cuja anfitriã não teria nada a recusar?

"Nada disso, senhor: é um palácio, o Hôtel de Montmorency. O nobre duque me ofereceu hospitalidade. Vamos pedir a ele tudo 1209

deles. Tenho motivos para acreditar que ele nos receberá com alegria.

"Sim, você se esquece, cavaleiro, que uma vez eu sequestrei sua filha e aquele digno marechal deve ter guardado um bom rancor contra seu pai?

- Você está errado ; se havia rancor, esse rancor agora se foi.

– Eu não confio. Mas de qualquer forma, já que você tem hospitalidade em Montmorency, por que não disse antes? Isso teria me poupado de preocupações.

Então aqui está o seu turismo rural pronto.

— O seu também, meu pai. Porque, por nada no mundo, eu concordaria em dormir em uma boa cama, sabendo que você é rude.

– Não se preocupe comigo. Contanto que você tenha uma casa, a minha também é encontrada.

- E os seus ?

"Pardieu, o Hôtel de Mesmes!" Vamos, cavaleiro, vou acompanhá-lo até a balsa e depois pegarei o caminho para o Templo. Teremos assim um pé em ambos os campos. e se 1210

Se eu souber algo novo sobre os dois prisioneiros em questão, você será informado imediatamente.

Esse plano, após reflexão, pareceu o mais simples e o melhor para o cavaleiro que o adotou imediatamente.

Com uma espécie de bravata ultrajante, mas não sem algumas precauções, os dois Pardaillans contornaram o Louvre; o cavaleiro mostrou ao pai a janela pela qual pulara.

Chegando à balsa que ficava quase em frente ao palácio que Catarina construíra no local da antiga Tuilerie, pai e filho se abraçaram; estando o barco naquele momento do outro lado, o cavaleiro teve que esperar alguns instantes e aproveitou para dizer ao pai:

“Monsieur, você já me fez o favor de ir a La *Devinière* trazer de volta meu cachorro Pipeau. No entanto, deixei lá outro amigo a quem sou bastante apegado... sobretudo pelo nome que leva e pela lembrança que me traz neste momento.

1211

"Poderia ser outro cachorro?"

“Não, senhor, é um cavalo.

- Diabo ! Mas somos ricos. Um cavalo vale dinheiro, se for bom...

- Ele é excelente. Mas não o venda, pai!

- E porque ?

- Porque o nome dele é Galaor! sorriu o cavaleiro.

"Galor!" pensa o velho caminhoneiro. Galaor...

onde ouvi esse nome?... Galaor... aqui estou!

É em Ponts-de-Cé... M. de Damville me contou a história de uma aventura que aconteceu com ele, e onde ele foi salvo. Oh aquilo ! mas foi você quem salvou Damville!...

O cavaleiro sorri.

"E você não disse isso!" Viva Deus!...

– Meu pai, é porque nesta circunstância, eu te desobedeci tão completamente...

- Acredito bem que não vou vendê-lo!

Demônio da morte, Galaor, talvez seja fortuna!...

1212

Nesse momento, a balsa atracou, e o cavaleiro embarcou, enquanto o velho caminhoneiro, todo alegre, todo correndo, tomou o caminho de La *Devinière* ...

O cavaleiro soltou um suspiro (era o seu dia de tristeza!) pensando que nessa aventura ele realmente errara muito ao desobedecer ao pai, que se não tivesse ajudado Damville, o -ci sem dúvida teria sucumbido, e que se tinha sucumbido, não teria raptado Loïse! soube o nome do homem que acabara de salvar, pelo velho criado que acompanhava o marechal. Por todos os motivos, sendo o principal uma espécie de delicadeza, o cavaleiro não ainda falou sobre esse assunto com seu pai. Mas nas atuais circunstâncias, ele pensou que seu pai seria ainda mais bem-vindo de Damville, se ele voltasse ao Hôtel de Mesmes, montado em Galaor.) Ao chegar ao Hôtel de Montmorency , o Chevalier, seguido por Pipeau, tinha-se conduzido ao Marechal.

1213

“Monsenhor”, disse-lhe simplesmente, “a pessoa a quem pretendia pedir hospitalidade não está em Paris...

Sem dizer uma palavra, o marechal pegou o cavaleiro pela mão e o conduziu a uma sala magnífica.

“Chevalier”, disse-lhe então, “uma noite, o rei Henrique II, pai de nosso atual senhor, veio visitar o condestável de Montmorency.

Como se demorava a falar de guerra e batalhas com o policial, e como não queria voltar ao Louvre, dormiu neste quarto, no qual, desde então, ninguém dormiu. Será seu, pois considero-o igual a um rei e agradeço-lhe a notável honra que me presta.

Então o marechal saiu para dar ordens para que o cavaleiro fosse considerado um hóspede importante.

O jovem ficara atônito com essa recepção, que estava longe de ser tudo o que ele poderia imaginar mais favorável e seu espanto ainda durou quando viu 1214 entrar.

Suíço que, humildemente, veio colocar-se à sua disposição no que dizia respeito ao serviço da porta principal, disse.

“Só”, acrescentou o gigante, “eu me atrevo a fazer uma pergunta a Monsieur le Chevalier.

- Sim, meu amigo...

"O cachorro vai ficar aqui?... O que estou dizendo é que prepare uma refeição adequada para ele."

O cavaleiro não pôde deixar de rir.

– Pipeau, ele disse, dê suas desculpas a este digno guardião, e tente respeitá-lo daqui para frente.

Pipeau latiu alegremente.

- A paz está feita! disse o cavaleiro. Você pode se tranquilizar...

O digno suíço se aposentou encantado.

Enquanto isso, o Sr. de Pardaillan Senior chegou a La *Devinière* , correndo, correu para as cozinhas e perguntou com voz ansiosa:

"Onde está Galaor?"

1215

"Galor?" perguntou Landry, estupefato. Ele está em seu estábulo. Mas aquele homem que você machucou...

“Que estábulo, mort-demônio! interrompeu Pardaillan.

“À direita do pátio”, disse o estalajadeiro perplexo.

O melhor de nossos estábulos, senhor! Mas este homem...

O velho caminhoneiro não ouvia mais. Ele já estava correndo para o estábulo indicado, seguido por mestre Landry, que lhe apontou um belo cavalo Aubère com uma cabeça fina e inteligente.

“Aqui está Galaor! ele disse. Mas os feridos...

"Você me aborrece, mestre Landry, com seu visconde d'Aspremont", gritou Pardaillan, que estava começando a selar Galaor. É minha culpa que ele caiu na ponta da minha espada? Bem, vamos ver, ele está morto.

"Eu não quis dizer que foi sua culpa, senhor...

- Bem então? Vamos, vamos nos apressar!

Dê-me o freio... bem, obrigado! Aquele pobre Visconde! Eu me arrependo de matá-lo...

1216

"Mas ele não está morto, senhor!"

"O diabo! Ah! o miserável ! E o que você fez com isso?

- Isso é o que eu queria te dizer. Depois que você foi embora, quando ele recuperou os sentidos, ele disse que a coisa lhe custaria caro!

- Bah! Sério ? disse o velho caminhoneiro, puxando Galaor pelas rédeas.

"E que ele iria tirar tantos litros de sangue de você quanto você tirou dele.

- Vai ser dificíl. Já não tenho tantos!

"E ele queria ser levado para o Hôtel de Mesmes!"

"Diabo, diabo!..." exclamou Pardaillan, que parou e começou a refletir.

- Bah! ele exclamou de repente, Galaor providenciará tudo isso!

"Galaor vai curar a ferida do visconde?" perguntou o estalajadeiro perplexo.

— Sim. Vamos, adeus, mestre Landry, e sem ressentimentos!

– Como, sem ressentimentos, gaguejou 1217

o estalajadeiro tentando sorrir. Mas, senhor, você me disse... você me deu esperança... você conhecia bem... essa velha conta?...

E você até bateu no cinto, o que fez um som muito agradável.

- É verdade pardieu!... Ah! você está sem sorte, mestre Grégoire. Dei tudo a Catho!... Não seja pudica: Catho não é uma das minhas amantes... Enfim, isso ficará para outra ocasião.

"Deixe o cavalo pelo menos!" Landry chorando. Eu contava com este cavalo para me pagar!

— Sim, mas preciso dele para curar a ferida do Visconde d'Aspremont!

Com isso, o velho Pardaillan pulou na sela e trotou para longe de Galaor, deixando o estalajadeiro assustado e deprimido.

Logo chegou ao Hotel de Mesmes, mandou Galaor colocar no estábulo por Gillot, que imediatamente reconheceu a antiga montaria do marechal, e se perguntou com que feitiço esse cavalo, que havia desaparecido em 1218

de repente, foi trazido de volta pelo homem que queria cortar suas orelhas. De fato, Pardaillan não deixou de lhe dizer:

“Lembre-se, meu amigo, que tenho um desejo excessivo por seus ouvidos. Se você quiser mantê-los, o que você estaria errado, porque eles são muito feios, certifique-se de que Galaor esteja bem arrumado e que seu alimentador não esteja ocioso!

A partir deste momento Gillot tornou-se melancólico, viveu na tristeza por ter perdido as orelhas em breve, e usava um gorro de algodão puxado até o pescoço; de modo que Jeannette, que até então o achava hediondo, achou-o grotesco.

Enquanto isso, o velho Pardaillan tinha ido ao escritório do marechal.

“Eu estava esperando você,” disse o último. Temos vários assuntos para tratar.

"Primeiro a pergunta de Aspremont?" disse Pardaillan.

- Sim ; Eu recomendei que você fizesse de você seu amigo, e aqui ele é trazido de volta para mim em 1219

estado triste; você me priva de um servo fiel...

"Vou trazer-lhe outro, senhor.

- Onde ele está ? perguntou o marechal rapidamente.

“Para o estábulo, senhor. Se eu ousasse fazer um pedido a você, seria para descer comigo aos seus estábulos, porque o servo de que lhe falo não gostaria ou não poderia subir aqui.

O marechal, intrigado, assentiu e seguiu Pardaillan.

Este desceu ao pátio, abriu a porta do estábulo e apontou, sem dizer uma palavra, para Galaor amarrado ao seu cabide.

"Meu velho corcel de batalha!" perguntou o marechal atônito. Quem o trouxe de volta?... Você?...

- Eu, senhor. Foi-me dado como você o deu; e quem acaba de me apresentar é o mesmo que, numa certa noite em que você foi atacado por bandidos, lhe deu uma mão. Parece que já estava na hora, e que sem ele, talvez eu não tivesse a honra de falar com você neste momento...

1220

- É verdade ; esse estranho salvou minha vida, disse o marechal.

"Você não está um pouco curioso para saber o nome dele?"

- Se feito, pelo deus da morte!

“Bem, é o Chevalier de Pardaillan, filho único e herdeiro de seu humilde servo!

- Venha ! disse o marechal, que, saindo do estábulo, voltou rapidamente para seu escritório, agitado, calado, enquanto o velho caminhoneiro o examinava de baixo, sorrindo através do bigode grisalho e áspero. Por fim, o Duque de Damville atirou-se numa poltrona, olhou fixamente para o companheiro e disse:

– Antes de mais nada, explique-me seu duelo com Orthès...

Pardaillan, que esperava outra pergunta, começou. Astuto como era, não adivinhou que o marechal queria se dar tempo para refletir e respondeu:

“Meu Deus, monsenhor, é muito simples: quando cheguei aqui, o sr. d'Aspremont olhou para mim e falou comigo de uma forma que não me agradou.

1221

Eu disse a ele. No homem galante que ele é, ele entendeu. Hoje, encontramos a oportunidade de expressar gentilmente toda a estima que temos um pelo outro. E, para tornar nossas expressões mais picantes e nossos argumentos mais sentidos, deixamos as espadas falarem. Acredito que, falando muito acaloradamente, o sr. d'Aspremont começou a suar...

apenas, ele suava vermelho; isso é tudo, senhor...

"Então não há ódio entre vocês?" Uma simples briga, como Orthes me disse?

"Nem o menor ódio", disse Pardaillan sinceramente.

- Bom. Então vamos para Galaor, ou seja, seu filho. Você diz que foi ele que tão felizmente me deu uma mão?

“A prova, meu senhor, é que ele me deu Galaor como um sinal de gratidão.

“Seu filho, minha querida, é um homem realmente corajoso. Eu tive a prova disso hoje. Você prometeu trazê-lo para mim.

1222

O velho caminhoneiro pensa por um momento; e, para confundir completamente o marechal, para permanecer mais forte do que ele neste momento em que decisões tão sérias estavam para ser tomadas, resolveu empregar a arma mais formidável: a verdade.

De fato, os homens estão tão acostumados a mentir uns aos outros e a considerar a mentira como a melhor maneira de enganar um adversário, que é fácil enganá-los dizendo a

verdade. Aquele que fala a verdade é talvez mais inescrutável do que aquele que mente com a mais terrível habilidade. Pardaillan, desta vez, e bastante instintivamente, foi, portanto, sincero.

“Monsenhor”, disse ele, “sugiro que meu filho fique com você: ele não quis porque já está com o sr. de Montmorency. Então vamos explicar isso de uma vez por todas. Meu filho, monsenhor, descobriu um segredo formidável, você não sabe qual e eu vou lhe contar: ele esteve presente em sua entrevista no Auberge de la *Devinière* . Ele, portanto, tem todos os motivos para temer sua raiva ou o terror de um de seus acólitos, Monsieur de Guitalens, por exemplo. Ele está convencido de que se 1223

se você o tivesse, você o mandaria para a Bastilha da qual ele escapou milagrosamente. Estas são as boas e sólidas razões que ele me deu para não vir aqui. Além disso, como eu lhe disse, ele está em Montmorency. Agora, eu sou seu! Como resultado, encontro-me na necessidade ou de traí-lo, o que seria abominável, ou de me tornar inimigo de meu filho, o que me parece ainda mais impossível. Estando a situação tão clara quanto pude, devo tirar conclusões francas... Ou você me contratou para fazer campanha contra o rei, ou esperava outra coisa de mim. Se você me pedir para permanecer em nosso tratado, permaneço para você um companheiro leal e fiel e, ouso dizer, de algum valor. Se, ao contrário, sob o pretexto de uma luta política, sua intenção é me empregar em suas guerras familiares, vou embora, meu senhor. Porque, a qualquer preço, não serei inimigo do meu filho.

O marechal ouvira essas palavras com uma satisfação indescritível.

– Mas, ele perguntou, por que o jovem 1224

o homem está contra mim?

“Ele não está contra você, ele está com Montmorency, isso é tudo. Ele está tão pouco zangado com você, milorde, e tem tão pouca vontade de tentar prejudicá-lo, que vai deixar Paris esta noite...

"E por que diabos ele está saindo de Paris?"

Pardaillan, franquia por franquia. É bem verdade que por um momento tive a ideia de devolvê-lo ao Guitalens, cuja conversa ele entreouviu comigo, quero que o diabo me esfole vivo, se eu souber! (O velho roadster sorriu para si mesmo e pareceu muito surpreso.) Mas como o vejo, como o vi, o cavaleiro é incapaz de trair um segredo... Sua audácia de entrar neste mesmo lugar, a atitude que teve no casa do rei, a maneira como ele saiu do Louvre e o que ele deve ter contado a você (Pardaillan acenou afirmativamente), tudo em suma, sem contar que ele me salvou, sem contar o que você acabou de me dizer, porque desejo ardentemente ter ele entre nós... Pardaillan, seu filho tem um gênio para a bravura; mas ele é pobre, sozinho, sem apoio.

Traga-o para mim: eu o enriqueço, caso com ele, I 1225

faça um personagem na próxima corte da França...

— Esquece, milorde, que justamente por essa atitude que teve no Louvre foi perseguido, perseguido e teve de sair de Paris sob pena de enforcamento.

Damville sorri:

“No meu hotel”, disse ele, “o cavaleiro estará mais seguro do que no castelo para onde, sem dúvida, meu irmão o envia. Diga a ele, Pardaillan, ele deve ficar.

“Mas, se não me engano, ele já deve ter saído. O assunto era urgente, Monsenhor. De fato, aqui está o que aconteceu conosco.

Aqui, Pardaillan relatou o cerco do *Martelo que bate* , um relato que o marechal ouviu com admiração estupefata.

“Sabe”, finalizou o velho caminhoneiro, “era hora do cavaleiro sair de Paris.

"Mas então você está tão comprometido quanto ele!" Por que você ficou?

– Porque eu prometi a você 1226

socorro, monsenhor, disse Pardaillan simplesmente.

O marechal estendeu a mão para o velho caminhoneiro, que fez uma reverência, mais para esconder o sorriso do que por respeito.

Foi assim que Pardaillan pai voltou ao Hôtel de Mesmes e, graças à sua astuta sinceridade, viu-se mais favorecido do que nunca. Foi assim que os dois pardaillanos, depois de quase se verem desabrigados, tiveram cada um um verdadeiro palácio para sua casa.

1227

XLII

A rainha mãe

Três dias depois da cena do Louvre, como anunciara ao irmão, François de Montmorency foi ao Hôtel de Mesmes, decidido a pôr fim a esse ódio de dezessete anos num piscar de olhos. Ele foi lá sozinho, simplesmente precedido por uma espécie de arauto de armas.

O Chevalier de Pardaillan insistira em vão em acompanhá-lo.

O marechal, portanto, atravessou Paris da maneira mais simples, vestiu sua couraça de pele de veado não curtida e cingiu uma espada de combate. Foi com essa fantasia de meio guerreiro que ele saiu em busca de seu irmão. Ele montava um cavalo todo preto, assim como seu escudeiro.

Já notamos que em Atos 1228

exteriores de François, havia sempre uma espécie de pompa, um lado encenado. E isso requer uma explicação.

François mal sonhava em surpreender os transeuntes ou impressionar as mentes das pessoas com pompa teatral. Simplesmente, ele seguiu as tradições. Representava a antiga casa feudal de Bouchard, que fizera tremer a realeza. Ele era o herdeiro direto desse condestável que havia levado a glória dos Montmorency ao auge. Ele fez o seu melhor para se adequar aos costumes que lhe foram legados pelo policial.

Vimo-lo ir ao Louvre, na pompa de uma verdadeira encenação como aquelas vezes tão negra e tão triste no pensamento, mas tão brilhante nos trajes e costumes, soube organizar.

Nós o vemos agora marchando para um combate individual; e lá vai no aparelho apropriado.

Eram cerca de sete horas da noite quando o marechal chegou em frente ao Hôtel de Mesmes.

1229

Às sete horas era mais ou menos a hora em que o sol se punha naquela estação; agora, o marechal havia dado ao irmão três dias de reflexão e ele não queria se expor a que lhe dissessem:

– Os três dias não tenham decorrido; são necessários mais alguns minutos.

François, portanto, esperou um quarto de hora para ter certeza de que estava dentro de seus direitos até o fim. E os transeuntes viram – sem espanto, aliás – esta dupla estátua equestre que parecia guardar a porta do hotel.

Mas aqueles que reconheceram o marechal e que conheciam o ódio que dividia a família sem suspeitar do motivo, que permaneceu para sempre em segredo, aqueles ali se apressaram a passar, porque não era bom ver o que não se devia ver. , e as lutas de dois senhores ilustres como Damville e Montmorency estavam entre aquelas coisas que um homem sábio deve ignorar.

Quando Francisco, olhando ao longe as torres do Templo, viu que o sol já não as dourava com seus últimos raios, fez um sinal ao seu 1230

escudeiro que, nesta circunstância, cumpria as funções de arauto de armas.

Sem desmontar, o escudeiro tocou a buzina.

A porta principal do hotel permaneceu fechada.

Todas as janelas estavam fechadas. A casa escura parecia abandonada.

Houve outro toque de buzina, depois um terceiro.

O silêncio permaneceu profundo.

Nas imediações, algumas cabeças se mostraram por um momento nas janelas, depois desapareceram imediatamente.

Então, a um novo sinal do marechal, o arauto desmontou e bateu na aldrava com força.

Um olho mágico deslizou em seu sulco.

- A quem você pergunta? veio uma voz.

“Pedimos”, disse o arauto, “Henri de Montmorency, que se chama Duque de Damville.

- O que você quer dele? retomou a mesma voz.

– Viemos pedir-lhe justiça para um 1231

um insulto com que nos atingiu. Que se ele recusar, apelaremos ao julgamento de Deus.

A porta se abriu. Um oficial com as armas de Damville saiu, tirou o chapéu, fez uma reverência para François e disse:

– Monsenhor, lamento ter que lhe dar uma má notícia: o hotel está vazio desde ontem. Meu mestre, Monsenhor de Damville, por ordem expressa de Sua Majestade o Rei, de repente teve que deixar Paris.

François empalideceu e lançou um olhar sombrio ao hotel.

"Monsenhor", retomou o oficial, "por favor, descanse nesta residência, eu me apressarei, na medida em que as circunstâncias e a ausência de todos os criados permitirem, a praticar ali em relação a você as leis da hospitalidade.

Francisco olhou para o arauto, que respondeu:

– Recusamos a hospitalidade oferecida.

O policial então se cobriu, voltou para o hotel e fechou a porta. Então o arauto soou a buzina, e três vezes chamou em voz alta para Henrique de 1232

Montmorency, Senhor de Damville.

Então ele desmontou, aproximou-se da grande porta e disse:

– Henri de Montmorency, viemos pedir-lhe um grave insulto. Dissemos que estaríamos à sua porta esta noite. Nós declaramos que você fugiu covardemente, nós o declaramos um criminoso, e nós deixamos nossa luva em desafio, tão justa é a nossa causa!

A estas palavras, François tirou a luva da mão direita.

O arauto pegou a luva; do alforje de seu cavalo tirou um martelo e um prego; e então, aproximando-se da grande porta do hotel, pregou a luva ali.

Depois voltou a cavalo.

Por mais alguns minutos, François de Montmorency esperou para ver se esse ultraje supremo seria assumido pelo irmão, pois não tinha dúvidas de que estava de fato no hotel.

Então, vendo que a porta permanecia fechada, e não ouvindo nenhum som, ele se retirou.

Neste momento, dois homens apareceram em 1233

exatamente na esquina dessa rua onde o Chevalier de Pardaillan tentara atacar o marechal de Damville: era o próprio Chevalier e o conde de Marillac.

De fato, assim que François de Montmorency deixou seu hotel, o chevalier o deixou quase imediatamente, e correu para a rue de Béthisy, onde encontrou o conde. Em poucas palavras, ele contou a ela sobre a tentativa que o marechal estava prestes a fazer.

Em suma, Marillac tinha pouco interesse em ajudar Montmorency, apesar da simpatia que sentia por ele. Mas, por outro lado, colocara-se de uma vez por todas à disposição do cavaleiro, por quem crescia a sua amizade e a sua admiração. Por isso não hesitou em seguir o amigo, que o levou ao Hotel de Mesmes.

“Se o marechal entrar no hotel”, explicou Pardaillan, “e não o virmos sair, entraremos por nossa vez, e eles terão que nos dizer o que aconteceu com ele.

“Acho que ele não vai entrar”, disse o conde. Conheço Damville o suficiente para supor que ele 1234

vai querer evitar tal entrevista.

Os dois jovens, escondidos num canto, presenciaram assim a cena que acabamos de descrever.

"Você vê que eu adivinhei corretamente", disse o conde de Marillac quando o marechal se foi.

Regressaram então ao Hotel Coligny, o pensativo Conde, o cavaleiro preocupado com esta profunda inquietação que lhe aperta a garganta, e que escondia sob esta máscara de frieza

e estas investidas que lhe eram habituais. Chegando em frente ao Hôtel Coligny, Pardaillan estendeu a mão e anunciou que voltaria para o Marechal. Mas o Conde o conteve.

“Você vai,” ele disse, “me dar um grande prazer?

“Quero de todo o coração, se for possível; e mesmo que fosse impossível, acredito que gostaria de tudo igual.

“A coisa vem dentro da ordem das possibilidades atuais, caro amigo; é só jantar comigo esta noite. São cerca de oito horas; 1235

vamos a uma taverna que eu conheço e onde você não corre o risco de ser visto; então, por volta das nove horas, vou te levar a algum lugar onde estou morrendo de vontade de te apresentar a uma pessoa...

- A quem então? sorriu o cavaleiro.

Na outra noite você me apresentou a um rei, um príncipe e um almirante. Te aviso que não quero cair e que preciso de um personagem de importância...

— Apenas julgue — disse o conde gravemente — Ela é minha noiva.

"Uma rainha, então", disse o cavaleiro, não menos grave. Ah! minha querida, só a sua apresentação desta noite vale as três do outro dia.

"Então você aceita?" Você está livre Hoje à noite ?...

“Sou livre, meu amigo; mas se eu estivesse trancado na Bastilha, para ter a honra de ser apresentado a quem você chama de sua noiva, demoliria a Bastilha se fosse preciso!

1236

“E eu vou ajudá-lo, meu amigo.

Conversando assim, e dizendo um ao outro da maneira mais simples do mundo dessas coisas enormes, os dois amigos, de braços dados, dirigiram-se para a guigueta indicada pelo conde e onde jantaram com tanto apetite como se não tivessem nenhum deles tinha motivo de preocupação terrível o suficiente para tirar o apetite do comedor mais robusto.

Por volta das nove horas, o conde de Marillac, seguido do Chevalier, tomou o caminho da Rue de la Hache.

Alice de Lux esperava-o naquela noite com uma ansiedade, diremos também com um terror extraordinário, cujos motivos saberemos.

Mas é necessário aqui apontar um detalhe que talvez não tenha escapado ao leitor.

A cena de Pont de Bois foi discutida muitas vezes entre Pardaillan e Marillac; mas Pardaillan nunca sonhara em dizer que naquele dia a rainha de Navarra estava acompanhada de uma jovem que parecia ser sua confidente. Por sua vez, Alice de Lux, que era a encarnação da prudência, nunca lhe dissera 1237

prometido que ela estava nesta circunstância com Jeanne d'Albret; de fato, teria sido necessário explicar como a rainha havia sido atacada, e como ela havia colaborado ativamente nesse ataque, ela naturalmente temeu, por uma palavra imprudente, revelar sua atitude...

O resultado foi, por um lado: Marillac não sabia que Pardaillan havia salvado sua noiva; por outro, Pardaillan ignorava que a companheira da rainha de Navarra era justamente essa jovem de quem seu amigo lhe falara antes de tanta paixão.

Dito isso, de volta a Alice de Lux.

Dissemos que naquela noite havia ansiedade e terror nela. A ansiedade vinha da presença em sua casa de Jeanne de Piennes e Loise. Ela tinha, é verdade, tomado todas as precauções. Jeanne e sua filha estavam hospedadas no primeiro andar, em dois quartos que davam para os fundos da casa. Eles estavam trancados lá. Mas de qualquer forma, uma chance poderia revelar sua presença em Marillac.

E então, como ela explicaria essa presença? E se a senhora de Piennes falasse? Se 1238

ela estava pedindo ajuda ao conde? Se perguntas em perguntas, Deodat acabou entendendo que Alice de Lux estava fazendo aqui o infame papel de carcereira!...

Mas isso não era tudo!

Ao pensar nisso, Alice de Lux sentiu-se bastante experiente em mentiras, bastante fértil em invenções, bastante segura da confiança do Conde para, no nível mais extremo, dar esse passo perigoso...

O que a apavorava, o que provocava esse terror que relatamos, era um bilhete lacônico que acabava de receber.

Não se esqueceu que suas convenções com a rainha Catarina o obrigavam a arquivar todas as noites na janela mais baixa do pátio construído para o astrólogo Ruggieri, uma espécie de boletim de ocorrência policial. Geralmente, ela se contentava com algumas palavras vagas escritas com uma caligrafia falsificada:

1239

“Nada de novo a dizer. "... ou "Eu vi o homem, está tudo bem..."

Naquela noite, quando Alice estava jogando fora seu relatório, ela se sentiu agarrada pela mão, e nessa mão alguém enfiou um pedaço de papel dobrado de modo que ocupasse o

menor espaço possível. Voltando para casa às pressas, a espiã desdobrou o papel, leu-o avidamente, e seu coração começou a palpitar. Ela releu com profunda atenção para gravar na memória os termos do bilhete, depois queimou o papel com um maçarico e pisou nas cinzas negras como se ainda temesse que as linhas que continham pudessem ser decifradas.

Esta nota vinha de Catarina de Médici, mas não trazia assinatura, nenhum sinal que pudesse sugerir quem a havia, se não escrita, pelo menos ditado. Foi escrito por uma mão masculina, em caligrafia invertida.

Aqui está o que continha:

“Segure o homem esta noite até as dez horas.

Mande-o de volta neste momento sem demora. Se ele quiser 1240

passar a noite em casa, encontrar um pretexto; mas que às dez horas ele esteja na rua; estamos dispostos a acrescentar que nenhum mal lhe acontecerá. »

A suposição cínica de que o conde quisesse passar a noite na casa trouxe uma chama de vergonha às faces de Alice de Lux e duas lágrimas ardentes aos seus olhos. Quanto às últimas palavras do bilhete, não a tranquilizaram!... Se Catarina de Médicis queria que o conde estivesse na rua às dez horas, era porque pretendia que ele fosse atacado, sequestrado... ... o que ela sabia?... todos os tipos de pressentimentos sinistros a assaltaram...

E quando ela ouviu o martelo bater, ela ainda não tinha se decidido.

- Aqui está ! ela murmurou, ficando lívida como se não tivesse esperado esse golpe do martelo.

Sua resolução foi tomada instantaneamente.

Aconteça o que acontecer, aconteça o que acontecer, ela decidiu manter Marillac a noite toda se necessário... E 1241

então ela estava tão cansada desses terrores, dessa existência onde uma batida de seu coração a preocupava, onde o som de passos a fazia ouvir, palpitar, onde ela tinha que deitar, deitar implacavelmente, inventar, combinar novas mentiras quase a cada hora de no dia, ela estava tão cansada que a temida catástrofe da verdade finalmente revelada a Déodat tornou-se quase suportável para ela evocar... costumava fazer, e foi a velha Laura quem abriu a porta.

Alguns momentos depois, o Conde entrou na sala onde ela estava, e ela se adiantou tão sorridente que seria difícil imaginar o drama que se desenrolava naquele coração torturado.

“Querida Alice”, disse o Conde, “quero apresentar-lhe o Chevalier de Pardaillan, que considero um irmão; ame-o, por favor, por amor a mim.

Enquanto falava assim, o conde se afastou e pegou pela mão o cavaleiro que entrava atrás dele.

Alice estremeceu. À primeira vista, ela era 1242

reconheceu o jovem de Pont de Bois, aquele que, depois de salvar a rainha de Navarra, a acompanhara ao judeu no templo.

Pardaillan, que, depois de se curvar, levantou a cabeça, também a reconheceu instantaneamente. Houve um momento de angústia pungente em Alice, e nesse momento ela arranjou uma explicação se o cavaleiro a reconhecesse.

Pardaillan não fez nenhum gesto de surpresa, e parecia ver Alice tão perfeitamente pela primeira vez, que ela mesma se enganou.

Imediatamente ela se tranqüilizou, pelo menos no que dizia respeito a esse novo perigo. Ela estendeu a mão rapidamente para o jovem e, com aquela voz suave que era um de seus grandes encantos, disse:

"Monsieur le chevalier, já que você é amigo do conde, deixe-me dizer-lhe que estou feliz em vê-lo sob meu teto... Um amigo é uma coisa preciosa, senhor... e na situação em que o conde está em Paris , ela acrescentou com a voz mudada, é realmente uma alegria para ele poder contar com um homem 1243

como você...

“Chevalier”, disse o Conde, rindo, “na primeira tentativa, ela adivinhou tudo o que você vale...

“Madame”, disse Pardaillan, com um sotaque de sensibilidade que não era habitual para ele, “amei Monsieur le Comte desde o momento em que o vi; é um caráter nobre; se a devoção sincera pode contribuir para a felicidade dele, a minha é a dele.

O radiante Marillac não percebeu que a resposta de Pardaillan era inteiramente dedicada a ele.

"Por que esse jovem não fala sobre mim?" Se ele tivesse me adivinhado!...

Assim pensou Alice que, para fugir da obsessão do momento, começou a preparar refrescos.

“Como é”, perguntou-se Pardaillan, “que encontro aqui o servo da rainha de Navarra? Por que ela parece tão perturbada, tão preocupada?... Lembro-me que a rainha a repreendeu de maneira estranha por tê-la arrastado para 1244

Ponte de madeira...

E o cavaleiro começou a estudar seriamente a jovem. Depois de alguns minutos, o gelo parecia quebrado, e os três estavam conversando alegremente. E, no entanto, Alice viu com terror o ponteiro do relógio se mover para as dez horas.

- Como fazer agora? Como dizer a ele?

Dez horas soaram. Ela começou e começou a falar voluvelmente; e sua conversa teria parecido encantadora para qualquer um, menos para Pardaillan, cujas suspeitas eram despertadas a cada palavra que ela pronunciava. Parecia-lhe que fazia gestos equívocos; ele a surpreendeu com palidez repentina e vermelhidão excessiva que eram estranhas; havia algo de suspeito em algumas de suas entonações, e ele não se surpreendeu com o grito de terror que ela soltou no momento em que o conde, subindo, anunciou que era hora de se retirar...

“Por Deus,” ela engasgou, “fique parado!...

1245

“Querida alma”, disse Marillac, “aqui estão mais de seus terrores...

“Madame,” disse o cavaleiro com um sotaque tal que ela entendeu o que estava acontecendo em sua mente, “eu juro a você que esta noite, pelo menos, nada de ruim acontecerá com meu amigo!

Ela lançou-lhe um olhar de gratidão soberana e só teve forças para sussurrar ao conde:

– Vá então, meu amado, mas lembre-se de que você me jurou cuidar de si mesmo…

E enquanto os três saíam para o jardim, ela se inclinou abruptamente no ouvido de Pardaillan:

– Por favor, não o deixe até que ele esteja seguro... Acho que eles querem matá-lo...

O cavaleiro não pôde reprimir uma vacilação.

Essas palavras confirmaram tudo o que ele achava que havia adivinhado que era estranho e suspeito sobre essa mulher.

Quanto a ela, ela simplesmente pensou:

– O que acabei de dizer me entrega a este jovem 1246

cara. A questão toda é saber se ele é leal pelas aparências, ou se tem uma alma como a minha!...

Os dois homens saíram e foram embora.

Por muito tempo Alice permaneceu na noite à sua porta; mas, finalmente, não ouvindo nada, ela voltou quase tranqüilizada.

- O que você acha ? o Conde perguntou a Pardaillan quando eles estavam fora de casa.

– O que eu acho disso, caro amigo!... De quê?...

- Mas... dela! perguntou o conde com espanto.

- Oh ! desculpe, caro amigo... eu acho... bem, sim, ela realmente é uma jovem adorável...

Mas o que eu vejo ali... ali neste canto?...

Ambos caminharam até o canto marcado. Não havia nada. Mas Pardaillan ficou feliz por ter desviado a conversa. Só ele pensou:

"Devo dizer a ele que sua noiva me inspira uma estranha desconfiança?...

"Você viu", retomou a contagem, "como ela me disse para cuidar de mim mesma. Ela às vezes tem medos inexplicáveis...

1247

- Ei! exclamou o chevalier, quem lhe prova que esses medos não são justificados?

- O que você quer dizer ?...

"Mas... o que eu sei?... eu acredito que as mulheres têm certos instintos superiores ao raciocínio dos homens... Quem sabe se sua noiva não sabe coisas que você não sabe?... Quem sabe se ela não pudesse ver e ouvir as pessoas... certos personagens...

O cavaleiro parou. Um pensamento cruzou aquela mente leal:

– Com que direito eu iria manchar o amor do meu amigo?... E então, em que se baseiam minhas suspeitas?... Obviamente essa mulher é suspeita. Mas ela ama, e isso tudo perdoa!

O conde ficou preocupado.

Essas poucas palavras que Pardaillan acabara de proferir lhe causaram um desconforto indefinível.

No brilho deslumbrante do amor que o cegava, ele nunca tinha visto Alice de Lux, exceto como uma espécie de divindade que idolatrava. Os lados misteriosos desta existência, este retiro 1248

no fundo da casa no beco quase escuro de sombras, esses terrores, esses tremores que às vezes ela tinha, certos olhares que não eram os olhares de uma virgem, mil nadas, mil fantasmas ao seu redor, tudo o que havia escapado.

Ele simplesmente adorou.

Estamos discutindo o ser adorado? Nós detalhamos? Será que sabemos a cor do cabelo e dos olhos dele? O ser verdadeiramente adorado tornou-se uma entidade, um símbolo.

Mais tarde, após a adoração vem o amor, e então a pessoa começa a estudar o objeto da adoração.

A adoração, por sua própria essência, é a completa ignorância do ser adorado.

Assim que vislumbramos e conhecemos; assim que sabemos – se fossem apenas coisas belas e boas – amamos, já não adoramos.

A adoração envolve a prostração do espírito: um espírito prostrado não vê.

O conde de Marillac, ou melhor, Déodat, o enjeitado, adorava Alice de Lux.

1249

As palavras de Pardaillan foram para ele o embrião do conhecimento. Por alguns minutos ele se atreveu a estudar Alice, e com estudo, dúvida, robusta e terrível companheira de conhecimento, elevou-se no horizonte de seu amor, como, nos céus puros, nos céus imaculados, nos céus adoráveis que podem ser visto sobre o Mediterrâneo em certas noites de outono, ali, bem no fim do horizonte infinitamente pacífico e majestoso, às vezes se levanta uma pequena nuvem negra que será uma tempestade.

Com o instinto sutil que a amizade transmite, Pardaillan entendeu o mal que acabara de causar.

Mas ele estava muito magro para tentar consertá-lo. Contentou-se em colocar o braço debaixo do braço do amigo e dizer-lhe:

– Eu, se eu tivesse a felicidade de ser amada como você, gostaria de obedecer à mulher amada mesmo nos caprichos do terror que ela me impõe.

O conde deu um suspiro profundo e uma risada tranqüilizadora.

"Sim, sim", disse ele. Certamente Alice não sabe de nada.

O que ela poderia saber? E se ela está com medo por 1250

eu, é porque ela me ama demais... Querida Alice...

Nesse momento, ao entrarem na rue de Béthisy, uma sombra que os havia seguido passo a passo de repente se aproximou deles. Os dois jovens avisaram um ao outro.

“Senhores”, disse o homem que acabara de se juntar a eles, “não temam nada, por favor. Tenho apenas duas palavras a dizer a um de vocês que é o Conde de Marillac.

Pardaillan sobressaltou-se: acabara de reconhecer a voz de Maurevert. Ele ficou em silêncio e puxou o casaco para esconder o rosto.

Marilac respondeu:

- Sou eu, senhor. O que você tem a me dizer?

Maurevert tentou encarar Pardaillan, mas a noite estava escura.

“Monsieur le Comte”, ele continuou, “eu gostaria de falar com você a sós.

Pardaillan apertou com mais força o braço de Marillac, que entendeu e disse:

– Você pode falar na frente do cavalheiro que é 1251

meu amigo e para quem não tenho nada escondido.

Maurevert hesitou por um momento, ainda tentando vislumbrar o rosto de Pardaillan.

Finalmente, fazendo o gesto de um homem que relutantemente toma uma resolução, decidiu:

“Monsieur le Comte”, disse ele, “foi instruído por alguém a pedir-lhe que me acompanhasse até a casa dela...

- Quem é essa pessoa ? disse Marilac.

“Uma mulher de posição augusta, é tudo o que posso dizer, já que não estamos sozinhas e esse segredo não é meu. Eu acrescentaria, no entanto, que esta mulher já passou da idade das aventuras galantes...

“Até onde devo acompanhá-lo, se eu decidir?

— Quanto à primeira casa de Pont de Bois, Monsieur le Comte... Veja que não escondo... mas terá de ficar sozinho.

- Quem é você mesmo? perguntou Marilac.

"Perdoe-me, Monsieur le Comte", disse 1252.

Maurevert; por favor, veja em mim apenas um simples representante da pessoa que me envia.

Rapidamente, Pardaillan arrastou Marillac a alguns passos de Maurevert.

- Você vai? ele disse em voz baixa. Lembre-se de que você jurou ser cuidadoso.

- Eu não irei ! respondeu Marilac.

“E você estará certo, querido amigo. Você sabe qual homem está falando com você? É Maurevert, um dos capangas de Catherine. E você sabe quem está esperando por você na casa de Pont de Bois? É o próprio Medici!

- Tem certeza? perguntou Marillac com uma voz tão mudada que Pardaillan se assustou.

“Eu apostaria minha mão nisso”, respondeu o último. Então, minha querida, vamos despedir o Maurevert com todas as honras que lhe são devidas, ou seja...

Pardaillan não teve tempo de terminar a frase.

Marillac virou-se para Maurevert e, com uma espécie de desespero febril, disse: 1253

“Estou pronto para segui-lo, senhor!... (Devo finalmente ver minha mãe de perto!) pensou com terrível amargura.

- O que você está fazendo ! exclamou Pardaillan.

"Vamos, Monsieur le Comte!" disse Maurevert.

O chevalier tentou deter Marillac. Este último, vítima de uma desordem que parecia incompreensível, agarrou o amigo nos braços como se quisesse despedir-se dele, encostou a boca no ouvido e com uma voz palpitante em que todo rancor, toda tristeza se acumulavam em sua alma, ele pronunciou:

“Minha querida, despeço-me de você e abençoo-a por toda a felicidade que me deu por sua encantadora amizade...

- Oh aquilo ! murmurou Pardaillan, você está ficando louco, meu amigo?

- Não ! Porque eu realmente espero que Catarina de Médici me mande assassinar, e isso vai ficar bem, você vê!

– Pelo Deus-morte! Eu não estou deixando você!

1254

“Você vai me deixar, Pardaillan! Porque onde eu vou, você não pode vir! Porque eu vou onde o destino me leva fatalmente. Quando penso, vejo que tudo se encaixou maravilhosamente para me levar a este assassino...

“Maravilhosamente demais! disse Pardaillan, em cuja mente a imagem de Alice flutuou por um momento.

Conde, eu não vou deixar você. Você não será morto, nem eu. Por Pilatos, veremos!...

“Pardaillan, não é o conde de Marillac que vai para a rainha-mãe... sim, digo bem, a rainha-mãe... É Déodat; é a criança apanhada nos degraus de uma igreja!

Agora, você quer entender em uma palavra toda a tristeza que pode ter parecido estranha para você?

Quer saber por que, sabendo que vou ser assassinado, vou ter com a rainha?...

– Sim, ah! sim!... disse Pardaillan, ofegante.

– Bem, é porque eu quero conhecer minha mãe! E essa Catarina de Médici... ela é minha mãe!...

E, arrancando-se do abraço de seu amigo, o 1255

Conde fez um sinal para Maurevert e correu rapidamente na direção da Pont de Bois.

Maurevert o seguiu, não sem tentar uma última vez olhar para Pardaillan, cuja voz ele tentara em vão ouvir.

O chevalier permaneceu por alguns minutos como se estivesse atordoado.

"Deodat, filho dos Medici!" ele sussurrou.

Depois, recuperando a compostura, correu por sua vez para a casa que conhecia bem, determinado a vigiar os arredores enquanto o conde estivesse ali, e a entrar se necessário, se demorasse a chegar.

E enquanto corria, enquanto organizava seu aparato de batalha com esse espírito de método que era um de seus grandes pontos fortes, uma pergunta obstinada surgiu em sua mente:

"Alice de Lux sabia que Maurevert estava olhando Marillac na rua?"

Em poucos instantes ele alcançou a Ponte de Madeira.

Os arredores eram discretos e silenciosos.

1256

Maurevert e Marillac haviam desaparecido.

O cavaleiro examinou por um momento a misteriosa casa onde fizera contato com Catarina de Médici. A casa estava silenciosa, seu rosto velado em sombras. E, com as suas janelas forradas de ferro, a sua porta sólida, os seus telhados pontiagudos que à noite pareciam torreões, esta habitação parecia uma fortaleza.

“Um Louvre”, pensou Pardaillan, “um pequeno Louvre; mas mais formidável que o outro. Porque ali, nos vastos salões dourados, um rei fraco e doente caminha suas angústias passadas como num deserto povoado por esses fantasmas de homens que são cortesãos. E aqui, a rainha, a grande rainha, como dizem, elabora num trágico silêncio de pensamentos de onde podem brotar raios... de Charles que está morrendo de alguma doença desconhecida, mãe deste Henri d'Anjou, mais mulher do que homem, mãe desta Marguerite, mais homem do que mulher, é também mãe deste Deodat em que parece 1257

perceber a perfeição do corpo humano, a beleza da alma, com uma mente brilhante e generosidade de coração digna de um herói... Esta mulher que deu à luz seres tão diversos, monstros de beleza, monstros de hediondez, que criou força e fraqueza, então seria o tipo acabado do monstro?...

E ele a imaginou como a tinha visto na sala simples e imponente desta casa, sentada nesta poltrona com o grande encosto de madeira preta, bastante rígida, branca, sorrindo com um sorriso estridente, como a imagem de um santo a quem a imaginação teria tido a fantasia de dar uma aparência demoníaca.

Ela estava crescendo em sua imaginação. Ela não era mais uma mulher. Não era mais a rainha Catarina. Ela era uma feiticeira prodigiosa vinda das terras fabulosas além das grandes montanhas, para realizar um trabalho terrível, tendo como única arma os feitiços malignos de seu espírito poderoso e perverso.

Pardaillan não era um sonhador, nem um contemplativo, nem um abstrato por excelência. Ele 1258

simplesmente sofreu a influência do mistério que emanava de Catarina. Mas ele se desvencilhou dessas especulações e, tendo também prestado sua homenagem ao devaneio, tendo reconhecido que o mal tem sua poesia como o bem, rapidamente se tornou o homem de ação que era, e resmungou:

“Rainha, feiticeira, demônio, o que ela quiser! mas que ela não toque um fio de cabelo do conde. Pois eu iria procurá-la nas profundezas de seu Louvre e faria do rei da França um órfão antes do tempo!

Tendo assim falado, o cavaleiro procurou um posto de observação adequado e não encontrou nada melhor do que as ruínas do hangar que ele havia derrubado para salvar a rainha de Navarra.

À vista das vigas empilhadas, à lembrança do belo tour de force que ele havia realizado, dessa multidão apressada e respeitada por seu Giboulée, depois a vasta oficina

desmoronando, os gritos de sofrimento dos feridos, o grande vaias da multidão que recuou, tomada de terror, diante dessas lembranças, ele não sorriu.

Apenas seus lábios franzidos, seu 1259

bigode eriçado, e, ereto na noite sobre o amontoado de ruínas, pareceu por um momento a estátua da força simbolizando a força desses tempos de violência, era uma sombra épica visitando os vestígios devastados de sua passagem.

Foi lá que Pardaillan se escondeu, punhal na mão, os olhos fixos na misteriosa casa de Pont de Bois.

Nesta casa, uma cena pungente se desenrolava naquele momento, apesar da aparente frieza das palavras trocadas, tendo como atores a rainha Catarina, o astrólogo Ruggieri, Déodat, o enjeitado – a mãe, o pai, o filho.

Mas para dar a esta cena todo o seu significado, vamos preceder Deodat de Marillac na casa, como já precedemos Pardaillan uma vez. Desta vez, Catarina de Médici não escreve. É tudo sobre esta questão:

- Ele virá?

Ruggieri a contempla silenciosamente, com crescente angústia. O que este 1260 pensa

pai e esta mãe, saberemos pelas poucas palavras que trocam. Veja o que Katherine diz:

"Eu não disse para você se tranquilizar?" Não quero que ele morra esta noite. Vou sondá-lo, descobrir quem ele é, descobrir sua alma. Se ele é como espero, se reconheço nele meu sangue e minha raça, ele está salvo. Você é o pai, e eu entendo suas apreensões. Eu, René, sou a mãe; mas também sou a rainha. Então eu tenho que abafar os gritos da maternidade, pensar nas coisas do Estado, e se esse homem se afastar de mim, ele vai morrer!

Este homem era Deodat, seu filho.

“Catherine”, disse Ruggieri, que em seus momentos de emoção esqueceu a etiqueta, quer viva ou morra, “como isso pode dizer respeito a assuntos de Estado? Quem nunca vai saber...

- Todas as perguntas estão lá! Catherine interrompeu com uma voz monótona. Se o segredo fosse sempre guardado, eu me esforçaria para esquecer que alguém no mundo pode um dia se colocar na minha frente e me pedir para prestar contas de seus 1261

sofrimento. Sim, acho que conseguiria esquecer. Mas viver com essa ameaça perpétua, impossível! Você acredita então que meu coração, o meu também, não se comoveu quando você me disse que ele vivia! Você acha que foi sem desgosto que cheguei a dizer a mim mesmo: só os mortos guardam o segredo!

– Ah! Senhora, exclamou amargamente

astrólogo, por que não me diz que decidiu pela morte dele e que nada pode salvá-lo, já que seu pai é impotente e sua mãe o condena!

– Repito que ele não está condenado!... ainda não!... Ao contrário, se ele quiser, muitas coisas podem ser arranjadas. Ouça-me, tenho estudado longa e lentamente esta situação. Eu realmente acredito que as coisas podem funcionar de acordo com meus desejos...

Catherine ficou em silêncio por um momento, como se estivesse hesitando em desenvolver todo o seu pensamento.

Mas ela estava acostumada a falar na frente do astrólogo como ela teria pensado em voz alta.

Ruggieri era apenas um eco fiel para ela, 1262

escravo de seus desejos, quebrado em uma longa e absoluta obediência. Ela retomou:

- O que eu quero, afinal?

Eu quero que meu filho, meu filho verdadeiro de acordo com meu coração, meu Henri, seja rei sem questionar. Que Deus chame este infeliz Charles para ele, e veja Henry no trono. Será feito de forma muito simples.

Sim, mas diante de nós está um inimigo terrível. Entre este inimigo e nossa casa, nenhum quartel é possível. Teremos que sucumbir ou eles serão exterminados. Os Bourbons, René, aqui é nosso inimigo! Jeanne d'Albret, astuta, ambiciosa, cobiça a coroa da França para seu filho Henri de Béarn. E o trono de Navarra é para ela apenas um trampolim para chegar mais alto. Se não enlouqueci, devo pensar que a melhor maneira de me defender é remover o estribo. Deixe que Jeanne d'Albret morra... deixe seu filho ficar sem reino, e veja os Bourbons esmagados para sempre!... Bem, quem colocar no trono de Navarra?... Quem! se não alguém que fosse meu, que fosse da minha raça, mas que não pudesse ofender nem a Espanha nem o 1263

papado: você entende isso, René? Meu filho Henri, Rei da França... e ele... esse filho não mencionável, Rei de Navarra?

Talvez Catherine fosse sincera. Talvez ela realmente sonhasse em dar ao conde de Marillac a realeza de Navarra. Mas talvez Ruggieri, que estava acostumado a perseguir esse pensamento tortuoso em seus meandros, imaginasse que Catherine simplesmente queria dar a si mesma o pretexto para permanecer implacável.

Ele balançou a cabeça tristemente, e quando ouviu a batida, quando apresentou Maurevert seguido por Marillac, não pôde deixar de estremecer ao lançar um olhar furtivo para o filho.

Maurevert, aliás, não ficou na casa.

Sem dúvida, ele já havia recebido instruções, pois assim que trouxe o conde à presença do astrólogo, ele imediatamente se retirou.

Na sala do térreo, Ruggieri e Marillac permaneceram sozinhos por um momento, em silêncio.

O astrólogo segurava uma tocha trêmula na mão.

1264

"Bem-vindo a esta casa, monsieur le comte!" ele finalmente disse em uma voz alterada.

Marillac, ele próprio dominado por uma emoção indescritível, não percebeu a confusão que agitava o astrólogo. Ele apenas se curvou, e quando Ruggieri acenou para ele, ele o seguiu com um passo firme.

Chegando ao primeiro andar, Ruggieri abriu uma porta e ficou de lado para deixar a contagem passar primeiro.

Marillac deu uma rápida olhada ao redor; aquele olhar caiu nas mãos de Ruggieri.

"Não tenha medo, senhor", disse o astrólogo, empalidecendo com a suspeita que sentia no filho.

Este deu de ombros desesperado; ele passou e imediatamente se viu na presença da rainha Catarina, a quem viu sentada em sua poltrona.

- Minha mãe ! pensou o jovem, que devorou a rainha com um olhar ardente.

1265

"Então aí está meu filho!" pensou a rainha, que acalmou o rosto e assumiu um semblante gelado.

A contagem estremeceu.

Ele estava esperando por uma coisa ou outra, talvez uma palavra, um começo, para deixar escapar os sentimentos que enchiam seu coração.

Um gesto, talvez, teria bastado para ele cair aos joelhos da rainha e pegar sua mão para beijá-la.

"Monsieur", disse Catherine friamente, "não sei se você me reconhece...

"Você é..." disse Marillac, levado pela irresistível necessidade de paixão filial que germinava nele.

Ele ia gritar:

"Você é minha mãe...

- Nós iremos ? perguntou Catherine, cujo coração batia sem força neste momento.

“Reconheço Vossa Majestade”, retomou o Conde, “você é a mãe... do Rei Carlos IX da França...

1266

"Você já me viu antes?"

- Sim Madame. Tive a honra de ver Vossa Majestade em Blois.

- Bem senhor. Eu vou falar com você francamente. Eu sabia que você estava em Paris; o que você veio fazer lá, que pessoas você acompanhou lá, eu não quero saber, só sei que o conde de Marillac é um amigo fiel de nosso primo d'Albret; Eu sei que a rainha Jeanne tem uma confiança ilimitada em você; e como quero falar com esta grande rainha com o coração aberto, pensei que você seria um mensageiro agradável para ela...

Enquanto a rainha falava, Marillac a olhava com ardente curiosidade.

O indescritível, a emoção complexa que ele sentiu, composta de mil emoções, o triplo sentimento agudo de que essa mulher era sua mãe, que essa mãe era a rainha mais poderosa do mundo cristão, que essa rainha o mataria se suspeitasse que ele sabia que era seu filho, sim, esse estado de espírito excepcional por suas causas e sua violência, liberou dele um 1267

eletricidade real, um fluido emocional que se comunicava com Catherine.

Espantada com o olhar que pesava sobre ela, com a estranha palidez que se espalhava pelo rosto do conde, ela parou de tremer, e houve alguns momentos de silêncio, durante os quais Catherine, convulsionada de ódio e terror, teve a sensação muito clara de que este homem ia dizer-lhe:

“Sra. Mãe, diga-me por que você me abandonou!...

Todo esse choque de dúvidas, suspeitas, desespero, ocorreu no mundo invisível dos pensamentos.

E a tempestade que se formava desapareceu, dissipou-se, quando o conde, esforçando-se por si mesmo, assumiu uma atitude de expectativa respeitosa e respondeu com voz muito calma às palavras que a rainha acabara de pronunciar:

“Aguardo as comunicações que Vossa Majestade tem a bondade de me confiar, e atrevo-me a assegurar-lhe, senhora, que serão transmitidas fielmente à minha rainha...

1268

- Ele não sabe de nada! pensou Catherine, que suspirou de alívio. E como ele saberia, afinal... Será que eu sou louco por ter tanta imaginação...

A certeza da segurança absoluta clareou seu rosto. De acordo com sua atitude favorita, ela se apoiou no braço da poltrona, com o queixo na mão, e seu olhar, que não deixou a contagem por um segundo, parecia perdido na imprecisão.

“O que tenho para lhe dizer”, ela recomeçou com aquela voz cantante em que sabia, quando necessário, colocar toda a música de inflexões italianas, “é extremamente grave. Isso requer algumas preliminares. Em primeiro lugar, conde, não se surpreenda que eu o receba aqui, à noite, na presença de um único amigo fiel, em vez de recebê-lo no Louvre, em plena luz do dia, na presença da corte. Há duas razões para isso, a primeira, a mais essencial, é que todos, exceto eu, desconhecem sua presença em Paris e a de alguns personagens. Não quero entregá-los, não quero entregá-los ao ódio cego do partido... A segunda é que todo o
1269

A negociação com a qual eu te cobro deve permanecer em segredo...

O conde curvou-se. No entanto, ele se encolheu quando a rainha garantiu que não queria entregá-lo. Oh ! se ela não fosse a mulher perversa que ele acreditava!... se ele pudesse amá-la de longe, já que não poderia amá-la abertamente!

"Em seguida", continuou a rainha, "devo explicar a você por que escolhi você de preferência a qualquer outro. Eu poderia ter encarregado um de meus cavalheiros com esta missão, ou um do rei. Graças a Deus, a corte da França tem altas personalidades suficientes para negociar com Jeanne d'Albret... Eu poderia até ter pedido a Andelot, o antigo capitão de Henri de Béarn, para vir me encontrar. Vou mais longe, e suponho que o almirante Coligny se sentiria honrado por tal embaixada. Finalmente, para lhe contar todos os meus pensamentos, creio que não teria me dirigido em vão ao Príncipe de Condé. E na ausência desses deputados, é ao próprio rei de Navarra que eu teria pedido para ser meu intérprete!

1270

Marillac, que não temia nada por si mesmo, estremeceu ao ouvir os nomes, um após o outro, dos personagens que estavam reunidos secretamente na rue de Bethisy. A rainha não disse que não os conhecia em Paris.

Mas ela pronunciou seus nomes com uma gradação habilidosa, como se quisesse, de degrau em degrau, elevar Marillac ao pináculo do terror.

Ela percebeu que tinha alcançado seu objetivo. Sua satisfação se expressou em um sorriso tênue, e esse sorriso surpreendido por Deodat o congelou, toda a sua emoção filial desapareceu de uma vez; nada lhe restava senão a fiel amiga de Jeanne d'Albret, a companheira dos jogos e das guerras - outros jogos

– por Henri de Béarn.

“Sim, conde”, já repetia Catarina de Médici, “era só a você que eu queria confiar os interesses de um Estado todo-poderoso; é somente em suas mãos que eu quis colocar a salvação dos dois reinos; enfim, confio-vos a solução da formidável querela que, infelizmente, já custou tanto sangue aos homens, tantas lágrimas aos 1271

mães... e não sou apenas rainha; Eu também sou mãe!

Essa palavra incrivelmente imprudente em tal momento provocou Deodat – o filho! – uma explosão prodigiosa de dor interior. Essa sensação foi tão violenta que o conde ficou lívido, suas pernas cederam e ele teria caído se não estivesse apoiado nas costas de uma cadeira. Catherine, absorta em seus próprios pensamentos, não notou nada. Mas Ruggieri o tinha visto...

“Você está sofrendo, senhor,” ele gritou.

"Naturalmente", disse o conde friamente, e com um esforço vigoroso recuperou a compostura.

A rainha deu-lhe um olhar penetrante e não viu nada de errado com ele. Ela deu a Ruggieri um encolher de ombros imperceptível...

Dissemos que o astrólogo viu a dor pintada no rosto do filho.

Essa dor coincidiu com estas palavras de Catarina: Eu também, sou mãe!...

Então vamos acrescentar logo: Ruggieri tinha entendido!...

1272

"Ele sabe!..." ele rugiu profundamente dentro de si.

E com mais paixão do que nunca, começou a estudar no rosto de Deodat os reflexos dos sentimentos que por sua vez o agitavam e que se sucediam rapidamente, como as imagens das nuvens que passam se sucedem no espelho de um lago...

“Eu estava dizendo a você agora mesmo,” continuou a rainha, “que eu escolhi você porque eu sei o quanto Jeanne d'Albret te ama. Isso é insuficiente, senhor. Direi mais: é apenas um pretexto para a Rainha de Navarra... Devo dizer-te que te procurei, que te escolhi porque tenho desígnios sobre ti...

- Vistas sobre mim! exclamou o conde com profunda amargura cujo significado Ruggieri captou.

Teria então a honra de já ser conhecido de Vossa Majestade?...

Um sorriso lívido deslizou nos lábios da rainha quando ela respondeu.

“Sim, senhor, eu o conheço... e mesmo por muito mais tempo do que você 1273

você pode adivinhar...

"Espero que Vossa Majestade me explique seus pontos de vista", disse Marillac com a voz alterada.

“Atualmente, Conde. Por ora, devo indicar-lhe as propostas firmes e francas que, com toda a lealdade, o instruo a enviar ao meu primo d'Albret. Por favor, ouça-me com atenção e marque cada item em seu briefing. Assim, terei feito tudo pela paz do mundo e se alguma terrível calamidade atingir o reino, não serei responsável por isso nem diante de Deus nem diante dos reis da terra.

Catherine pareceu se recompor por alguns momentos; então ela diz:

– Com ou sem razão, sou considerado representante do partido da massa; com ou sem razão, Jeanne d'Albret é considerada a representação da nova religião. Eis, pois, o que lhe proponho: uma paz duradoura e definitiva; o direito dos reformados de manter um sacerdote e erigir um templo nas principais cidades; três templos em Paris e garantia de liberdade para o exercício de seu culto; dez 1274

baluartes escolhidos pela Rainha de Navarra como refúgio e garantia; vinte empregos na corte reservados para religiosos; o direito de professar sua teologia do púlpito; o direito de acesso a todos os empregos, bem como aos católicos... O que você acha dessas condições, Monsieur le Comte? Peço sua opinião pessoal.

“Madame”, disse Marillac, “acho que se fossem observados, as guerras de religião se extinguiriam para sempre.

- Bom. Aqui estão agora as garantias que ofereço espontaneamente, porque se poderia considerar insuficiente a minha palavra e a assinatura sagrada do rei...

Marillac não respondendo, a rainha continuou:

– O duque de Alba extermina a religião reformada na Holanda. Ofereço-me para formar um exército que, em nome do rei da França, venha em auxílio de seus irmãos na Holanda, apesar de todo o meu afeto pela rainha da Espanha e por Philippe. Para que não haja dúvidas, o próprio Almirante Coligny levará o 1275

comando supremo e escolherá seus principais tenentes. O que você diz a isso, Conde?

– Ah! madame, isso seria cumprir o desejo mais querido do almirante!...

- Bom. Aqui está agora a garantia final pela qual a severidade de minhas ofertas e meu desejo ardente de uma paz definitiva serão vistos explodir. Tenho uma filha por quem os maiores príncipes da cristandade lutam. Minha filha, de fato, é uma promessa inalterável de

aliança. A casa em que ela entrar será para sempre amiga da casa da França: ofereço minha filha Margarida em casamento ao rei Henrique de Navarra... O que você diz, conde?

Desta vez Marillac curvou-se profundamente diante da rainha e respondeu com um suspiro:

“Madame, ouvi dizer que você é um gênio na política; Vejo que não estamos enganados. Mas acrescento que muitas pessoas que conheço encontrariam felicidade em amar Vossa Majestade...

1276

"Então você acredita que Jeanne d'Albret vai aceitar minhas propostas, e que ela vai desarmar...

– Diante de sua magnanimidade, sim, Majestade!...

Ela não teria sido desarmada diante da força e da violência. Minha Rainha, como Vossa Majestade, é movida por um desejo sincero de paz. Só as perseguições sofridas pelos reformadores a lançaram na guerra. Ela acolherá com profunda alegria a certeza de que doravante não haverá mais diferença entre um católico e um reformado...

– Então você vai levar minhas propostas para Jeanne d'Albret. Eu o nomeio meu embaixador secreto para esta ocasião, e aqui está a carta que o prova.

A estas palavras, Catarina entregou ao conde um pergaminho fechado já coberto com o selo real. Continha estas linhas escritas pela mão de Catherine:

“Senhora e querida prima,

1277

Rogo a Deus que os presentes encontrem Vossa Majestade com saúde e prosperidade como desejo. Comovido pelas longas discussões que estão destruindo o reino de meu filho, instruí o senhor conde de Marillac a fazer-lhe propostas equitativas que, creio, lhe agradarão. Ele lhe dirá o que quero dizer. Também acho que a escolha de tal embaixador só pode agradar a você.

Com isso, madame e querida prima, peço a Deus que mantenha Vossa Majestade em sua santa guarda.

Em testemunho do que assinei meu nome..."

O conde de Marillac ajoelhou-se para receber esta carta, que leu, dobrou e guardou em seu gibão. Levantou-se e esperou que Catherine voltasse a falar com ele.

A rainha refletiu. Ela sacudiu e girou em sua cabeça o pensamento que queria expressar e lançou olhares sombrios às escondidas para este jovem que era seu filho.

1278

Ela foi movida? O sentimento maternal de repente desabrochou neste coração como uma flor em um deserto árido? Não: Catherine tentou adivinhar se Marillac era sincero em sua afeição por Jeanne d'Albret.

Ela estava discutindo consigo mesma se deveria matá-lo ou torná-lo um rei...

Finalmente, ela começou com uma voz hesitante:

“Agora, Conde, terminamos com os assuntos de Estado e Igreja. É hora de falarmos sobre você. E antes de mais nada, quero fazer uma pergunta muito franca à qual você responderá com franqueza, espero...

Aqui está esta pergunta: Até que ponto você está ligado à Rainha de Navarra? Até onde pode ir sua devoção a ela?

Marilac estremeceu. A pergunta era aparentemente simples. Mas era o sotaque de Catherine? era este o estado de espírito em que se encontrava? O conde pensou ver nele uma ameaça oculta contra Jeanne d'Albret.

Catarina talvez suspeitasse do efeito que acabara de produzir, pois retomou, sem esperar o
1279

responda :

“Me entenda, conde. A Rainha de Navarra, se aceitar, como não tenho dúvidas, as propostas que lhe apresento, virá a Paris para as celebrações da grande reconciliação. Na verdade, quero que o casamento de minha filha com o jovem Henri seja uma ocasião de alegria popular, cuja memória será lembrada por séculos.

Quero que o licor vermelho corra livremente pelas ruas de Paris e que a chama das fogueiras seja tal que ilumine a cidade por noites inteiras.

Você me entende, não é, Conde?

Jeanne d'Albret estará lá, e também Henri de Béarn, e também Coligny, e você, e todos os religiosos. Eu quero que as pessoas finalmente vejam do que eu sou capaz quando eu colocar na minha cabeça pacificar o reino... Mas isso não é tudo, Conde! Eu quero falar com você de coração aberto.

Saiba então que sonho com um destino glorioso para Henri de Béarn. Já que ele vai fazer parte da família, quero que ele tenha um reino real digno dele.

O que é Navarra? Um belo pedaço de terra sob o céu, certamente, e que ainda seria um reino aceitável para um cavalheiro 1280

desprovido de tudo. Mas para Henri de Béarn, quero algo como outra França... Polônia, por exemplo!

- Polônia! exclamou o conde espantado.

“Sim, meu caro conde. Tenho notícias sérias deste grande estado. Em breve, sem dúvida, poderei me desfazer deste lindo trono... reservo-o para um de meus filhos. E Henri de Béarn não será também meu filho, desde o dia em que se casar com Marguerite de France? A partir de então, Navarra não teve mais um rei.

"Majestade", disse Marillac com firmeza, "não acredito que Jeanne d'Albret vá abandonar Navarra...

– Tudo é possível, conde, até que Jeanne d'Albret e seu filho recusem a glória que sonho para eles no meu desejo ardente de apagar um passado triste. Mas enfim, se você se enganou... se, por uma razão ou outra, Navarra se viu livre... bem, o que está dizendo, senhor?

– Eu não estou dizendo nada, Madame... Estou esperando seu 1281

Majestade me expõe seu pensamento...

– Bem, é bem simples: teríamos que encontrar um rei para Navarra. Porque este belo país não poderia ficar decapitado. Este rei, eu o encontrei...

Marillac, surpreso que a rainha entrasse em tais considerações antes dele, um cavalheiro obscuro, perguntou-se de onde ela estava vindo. Além disso, ele deu importância apenas moderada a esta parte da entrevista. O que ele queria, o que procurava, era uma palavra de emoção real que lhe permitisse perdoar sua mãe.

Naquele coração generoso, toda a amargura acumulada ao longo dos anos havia desaparecido.

Ele se submeteu com uma passividade mórbida e dolorosa à situação anormal em que se encontrava, a necessidade de se encontrar pela primeira vez na vida na presença de sua mãe e de falar com essa mãe como se fosse um estranho.

Em toda essa entrevista, ele teve apenas uma alegria, mas profunda e sincera: a proposta de paz e casamento.

O resto desapareceu.

1282

E enquanto Catarina, com lentidão calculada, hesitações eruditas, desenvolvia sua política, seu filho só procurava captar nela um gesto, uma atitude, um lampejo de alma, um disparate que a mostrasse digna de seu segredo, distante e discreto. afeição... e sonhou que entre a multidão de homens que amaldiçoavam Catarina, encontraria um que a abençoasse e a amasse, e que era ele!

E Catarina de Médici acabara de lhe dizer sem que ele percebesse o menor interesse:

– Esse rei, eu o encontrei...

Quase imediatamente, o semblante da rainha-mãe endureceu, petrificou; ela endureceu; levantou-se como se fosse desferir um golpe definitivo e com um sotaque de irresistível autoridade pronunciou:

"Esse rei é você!"

Esta palavra produziu em Marillac o efeito de um raio. Ele teve a sensação violenta e instantânea de que Catherine sabia que ele era seu filho. Um tremor convulsivo o sacudiu.

E esse sentimento, ele queria transformá-lo em 1283

certeza.

Oh ! saber a todo custo, conhecer os verdadeiros pensamentos dessa rainha que era sua mãe.

- Eu ! ele gaguejou, eu! Rei de Navarra!

“Você, Conde,” disse Catherine calmamente, atribuindo a emoção visível do Conde à surpresa de tal fortuna.

- Eu ! retomou Marilac. Mas, senhora, você esquece que eu não sou nada!

– Essa é uma razão pela qual eu quero fazer de você um todo.

- Sra ! senhora ! exclamou o conde, fora de si, para que um nada se torne um todo, para que um pobre ser sem nome se torne rei, são necessários motivos poderosos.

- Eu vou encontrá-los. Não se preocupe com isso, Conde!

“Você não me entende, senhora! Não é o motivo da minha realeza que procuro!

Esta é a razão que o leva, você, a querer me fazer um rei! É o pensamento que o guia! Ah! Senhora, essa é a única coisa que eu sou 1284

quero saber, o resto não é nada! E para conhecer este pensamento, Majestade, morreria de bom grado abençoando este minuto!...

A exaltação do conde surpreendeu Catarina; mas novamente ela atribuiu isso ao espanto.

“O que importa, Conde! ela diz. Eu não te disse que eu tinha projetos em você? Agarre a fortuna que passa ao alcance de sua mão sem se preocupar com o capricho que a empurrou para o seu lado. Sim, eu entendo o choque que deve abalar seu espírito neste momento. Mas saiba disso: falo com você de boa fé. Por mais espantosa que seja a fortuna que lhe ofereço, ela lhe é garantida... A questão toda agora é, para mim, saber o grau de afeto que a liga a Jeanne d'Albret...

Isso eu preciso saber... Pois é com você que estou contando realizar um empreendimento que estou amadurecendo... que deve libertar o trono de Navarra...

E como o Conde fez um movimento:

“Isso quer dizer”, ela acrescentou com um sorriso lívido, “o empreendimento que era assegurar a Henrique de 1285

Béarn outro reino...

Marillac abaixou a cabeça. Sua imaginação estava perdida em querer seguir de perto as tortuosas explicações de Catherine.

“Madame”, disse com uma voz que, a princípio triste e abafada, acaba por se tornar brilhante, “Madame, por isso não vou sondar as intenções de Vossa Majestade e limitar-me-ei a responder às perguntas que ela me fizer. Pergunta-me, senhora, se amo a Rainha de Navarra, se sou apegado a ela, até onde vai minha devoção a ela... É realmente isso que Vossa Majestade deseja saber?

“De fato, senhor... está tudo lá, por enquanto.

“Bem, aqui está, madame; Você pronunciou uma palavra agora que me comoveu profundamente. Disseste: eu também sou mãe!... Recordo-te esta palavra porque, sendo mãe, suponho que carregas dentro de ti os sagrados afetos de mãe, e que preferes morrer a sofrer voluntariamente. de seus filhos. Você deve 1286

entenda também, pelo menos sempre suponho, o que pode ser o carinho de um filho por sua mãe...

Uma espécie de palidez lívida se espalhou pelo rosto de Catherine.

"Senhor", ela disse embotada, "você tem maneiras estranhas de se expressar... você acha que eu tenho sentimentos maternais, você acha que eu devo entender a afeição filial... Você por acaso duvida disso?"...

"Perdoe-me, madame", disse Marillac, com terrível frieza; Posso supor tudo, duvidar de tudo, pois fui abandonado por minha mãe.

"Monsieur!... Um cavalheiro pode duvidar de qualquer coisa no mundo, exceto da palavra de uma rainha!"

– Ah! madame, você me perguntou qual é o meu carinho pela minha rainha. É o de um filho! Eu não sou um cavalheiro!

Não sei quem era meu pai. Não sei, afinal, se nasci de algum plebeu, de 1287

algum lacaio que a paixão vergonhosa de uma grande dama não pôde enobrecer...

"Cuidado, jovem", murmurou Ruggieri, "tome cuidado!...

Mas Deodat não ouviu mais nada. Aproximou-se de Catherine e, com palavras roucas, olhos flamejantes, desabafou sua cólera filial:

— Veja, senhora, que não posso ter os sentimentos que você atribui a cavalheiros, e que posso duvidar de tudo, até mesmo de uma rainha! E o que me prova, afinal, que minha mãe não é uma rainha! O campo das suposições está aberto para mim e nele me afundo como numa floresta escura com a certeza de nunca ver a luz salvadora que guiará meus passos furtivos, minhas buscas desesperadas! Sim Madame ! quem poderá provar-me que minha mãe, a mulher covarde e vil que me deu os degraus de uma igreja para meu berço, que me condenou a morrer logo que nasci, que me proverá que esta mulher não foi, de fato, uma grande rainha que terá desejado 1288

enterrar em meu túmulo o segredo de sua culpa!

Porque quem sou eu? Eu a quem você quer que suba a um trono! Um enjeitado, senhora!

Um desgraçado que seu pai e sua mãe repudiaram ao nascer, um ser duvidoso a quem os mais perversos recusam uma mão amiga, a quem os mais generosos dão um pouco de estima como esmolas... porque ninguém sabe de qual acasalamento criminoso eu vim ! Uma mulher, apenas uma, teve pena de mim. Essa mulher me pegou, me pegou nos braços, me carregou, me criou como igual a seu filho; ela tinha para mim os sorrisos e as carícias que minha mãe deveria ter; quando criança, ela me encantou com sua bondade inesgotável; jovem, quando eu soube da desgraça do meu nascimento, ela me derramou consolações... esta mulher é uma verdadeira mãe... ela é minha rainha... ela é a grande e nobre Jeanne d'Albret... E você me pergunta se eu a amo, Madame! Eu o amo como alguém pode amar sua mãe; minha devoção a ela chega a consagrar a ela tudo o que possuo no mundo, ou seja, simplesmente minha vida! Morrerei feliz no dia em que minha rainha me disser que minha morte 1289

é útil para ele. Até lá, madame, viverei na sombra tutelar que ela lançou sobre mim e com a qual me cobre; Morarei perto dela, decidido a vigiar quem se aproximar dela, e a golpear com minha mão, que não tremerá, juro-vos, quem me suscitar suspeitas... Uma última palavra, madame e rainha... à minha verdadeira mãe, quanto à que me abandonou, tudo o que lhe posso desejar é nunca conhecê-la!...

O conde de Marillac, dizendo estas palavras, recuou, cruzou os braços sobre o peito e esperou.

Talvez ainda esperasse um grito de Catarina... Mas não conhecia bem a rainha.

Sem emoção aparente, sem que uma ruga em seu rosto estremecesse, ela se contentou em balançar a cabeça.

— Compreendo, senhor — disse ela —, compreendo tudo o que deve ter sofrido, e também compreendo sua afeição por meu primo d'Albret. Vejo que não fui enganado.

Você é realmente o homem com o coração nobre que foi retratado para mim. Posso, portanto, contar com você 1290

por tudo o que diz respeito à felicidade da Rainha de Navarra. Isso é tudo que eu precisava. Vamos, Conde: em breve retomaremos os grandes projetos de que lhe falei. Mais do que nunca, considero-te digno de ocupar o trono de Navarra se Henri de Béarn aceitar outro reino. Por enquanto, basta você fazer a rainha, minha prima, aderir às propostas que formulei...

Como de costume, Catherine, mandando o conde sair, estendeu a mão para beijá-lo. Mas sem dúvida o jovem não viu esse movimento. Pois ele se contentou em se curvar profundamente. A mão da rainha caiu lentamente no braço da cadeira.

Marilac se retirou. Ruggieri se moveu como se fosse acompanhá-lo. Mas Catherine o conteve com um olhar imperioso. Assim que compreendeu que Marillac havia chegado à sala do andar térreo, agarrou a mão do astrólogo.

- Ele sabe ! ela diz.

- Eu não acredito ! gaguejou Ruggieri.

1291

– E eu lhe digo que ele sabe!... Vamos, rápido, o sinal!...

- Sra ! senhora ! este é o nosso filho!...

Violentamente, ela o arrastou até a janela que ela mesma abriu.

- O sinal ! ela rosnou.

Nesse momento, Marillac apareceu no convés. Catherine vislumbrou sua figura alta, firme e elegante.

“Obrigado, Catarina! gaguejou o pai aterrorizado.

Graça para o filho do nosso amor! ele acrescentou, esperando economizar alguns segundos preciosos em tal momento.

Catherine, sem dizer uma palavra, arrancou dele um apito que ele usava pendurado em uma corrente de ouro, e ela o levou aos lábios. Ela ia assobiar, dar o sinal de que falava...

Ruggieri rapidamente agarrou seu braço.

- Ver! ele disse em voz baixa.

Nesse momento, sobre os escombros, em frente à janela, uma sombra acabava de surgir.

1292

O homem assim vislumbrado por Catherine e Ruggieri rapidamente se juntou ao conde, pegou-o pelo braço e os dois foram embora.

Este homem era o Chevalier de Pardaillan.

- Ele estava acompanhado! murmurou Catherine com um sotaque de raiva que aterrorizou Ruggieri.

- Sim ! respondeu esta. E, sem dúvida, outros homens estão estacionados nas proximidades.

Nossos quatro swashbucklers não chegariam ao fim... Além disso... veja, agora é tarde demais!

O astrólogo deu um suspiro de alívio.

Catherine jogou o apito violentamente contra a parede e ralou:

– Me escapa, para esta noite... mas só se foi. Já sei onde encontrá-lo... Ele sabe tudo, René! Como ? Por quem ?

Ah! sem dúvida, pela infernal Jeanne d'Albret! Foi ela quem lhe disse a verdade... Mas como ela se conhecia?... Oh! leva 1293

que este homem morra em pouco tempo... Jeanne deve desaparecer...

Ela de repente se acalmou e caiu em profunda meditação.

Aos poucos seu rosto se iluminou com aquele sorriso terrível que o astrólogo conhecia bem...

“Madame”, ele perguntou, tentando se distrair, “essas prisões preparadas...

- Não não ! ela disse rapidamente. Deixa Coligny e o rei de Navarra em paz, não vês, René, que o homem que sai daqui vai dizer-lhes que sei da sua presença em Paris? E que vão

admirar minha generosidade?Vamos, vamos, acho que as coisas estão se resolvendo. Em um mês, todos os huguenotes da França estarão em Paris em total segurança... e então...

O braço de Catherine esticado para fora da janela.

Seus lábios, que se moviam, pareciam lançar sobre a cidade adormecida um formidável e silencioso anátema... Ruggieri estremeceu.

XLIII

O que divertia o pequeno Jacques Clement?O Chevalier de Pardaillan acompanhou Marillac até a porta do Hotel Coligny. Era então por volta da meia-noite. Durante a viagem, Marillac, violentamente comovido pela cena que acabamos de relatar, disse apenas algumas palavras.

Mas ele implorou ao amigo para entrar no hotel com ele, ao que Pardaillan consentiu.

O conde acordou imediatamente o rei de Navarra, Coligny e seus companheiros.

O futuro Henrique IV dormia profundamente quando alguém veio sacudi-lo.

Ele pulou da cama e pegou sua espada, gritando com uma voz alterada:

– Estamos brigando?

- Não senhor. Foi M. le Comte de Marillac quem

deseja fazer uma comunicação de extrema importância para você.

O jovem rei de Navarra largou a espada, soltando um suspiro de satisfação. Ele ficou muito pálido com o pensamento de que se ele foi acordado assim, só poderia ser para lutar. E enquanto se vestia, ele estava tremendo um pouco.

Ele riu e resmungou:

- Oh aquilo ! por que você está tremendo assim?...

Treme, carcaça, verás muitos outros!...

Henri de Béarn, que tinha grande coragem moral, não era, de fato, imune àquela enfermidade física que quase todas as naturezas nervosas conhecem: medo de ferimentos, horror de sangue. Isso não o impediu de lutar bem.

Assim que o rei, Coligny, Condé e d'Andelot se reuniram, Marillac disse-lhes que Catarina de' Medici sabia de sua retirada.

"Devemos fugir", disse Coligny simplesmente.

“Devemos ficar”, respondeu o rei de Navarra com firmeza, mas sem poder reprimir um estremecimento.

1296

 Se Catherine ainda não cercou esta casa, é porque ela tem intenções que devem ser conhecidas a todo custo.

“Vossa Majestade está certa”, disse Marillac.

Ele então relatou ponto por ponto sua entrevista com a rainha. Seguiu-se uma longa discussão e foi acordado que a rainha Jeanne, verdadeira líder dos huguenotes, deveria ser informada. As propostas de Catarina foram bem recebidas por Coligny, que sinceramente sonhava com a paz e estava entusiasmado com a ideia de ajudar os protestantes da Holanda.

Ficou decidido que Marillac partiria o mais rápido possível, ou seja, assim que as portas se abrissem.

Ele foi procurar Pardaillan que havia adormecido em uma poltrona e lhe explicou o que estava acontecendo.

“Aqui,” ele acrescentou em conclusão, “é o que eu espero de você, meu amigo. Minha ausência pode durar um mês. Neste assunto, é um prazer que eu tenha pensado em apresentá-lo a Alice. Você irá vê-la; você vai dizer a ele que eu vou encontrar o 1297

rainha de Navarra, e para que a separação lhe seja mais fácil, diga-lhe que pretendo aproveitar esta viagem para dizer à rainha o nosso amor. É provável que Jeanne d'Albret venha a Paris; nesse momento, espero, nada impedirá Alice de se tornar minha esposa.

Aqui, meu caro amigo, está a boa notícia que eu imploro que você traga para quem eu amo. Diga por si mesmo, eles só terão mais valor.

Os dois amigos passaram mais uma hora conversando sobre o que mais os interessava no mundo, Pardaillan de Loise e Marillac de Alice de Lux.

Então eles se abraçaram, e o chevalier voltou ao Hôtel de Montmorency para descansar um pouco.

Quanto a Marillac, partiu ao raiar do dia, conforme combinado.

Poucos dias depois, começou a se espalhar em Paris o boato de que a Paz de Saint-Germain, de coxo e infundado que era, ia se tornar perfeitamente sólida em seus pés e completamente imóvel. A rainha deu o exemplo e disse à corte em voz alta que era um crime 1298

derramar sangue em nome da religião. O rei estava caçando javalis, feliz por ter acabado com as preocupações da guerra. Nas igrejas, os pregadores já não fulminavam; e os católicos mais enfurecidos guardavam silêncio, como se tivessem obedecido a uma palavra de ordem.

Em breve, foi muito melhor: soube-se que o rei Henrique de Béarn iria se casar com Margarida da França e que festas magníficas aconteceriam nesse sentido, e que Jeanne d'Albret faria sua entrada em Paris, escoltada por tudo o que o reino tinha ilustres huguenotes.

As pessoas, as boas pessoas, ficaram admiradas que, depois de ter desejado tanto e com tanta vontade exterminar os huguenotes, a corte os tenha recebido de repente em tão viva afeição. E como sua paixão religiosa havia se exasperado, o povo se decepcionou com o novo estado de coisas.

Seja como for, no final de junho alguns huguenotes notórios caminhavam abertamente em Paris, e logo se soube que o almirante havia chegado, e algo 1299

fantástico que Monsieur de Guise o tivesse beijado!

Mas tudo isso virá no tempo e no lugar: não vamos antecipar, como diziam nos velhos romances!

O Chevalier de Pardaillan, ao longo deste período, vagou por Paris como uma alma perdida.

Sua pesquisa para encontrar Loïse não levou a nenhum resultado...

O marechal de Montmorency, cada vez mais sombrio, começava a perder toda a esperança. E o pobre cavaleiro chegou a dizer a si mesmo que, sem dúvida, Loise e sua mãe haviam sido arrastadas para as profundezas de alguma província.

Quanto ao pai, não só não lhe trouxe a prometida notícia, como também desapareceu por completo.

Várias vezes o chevalier tentou entrar no Hotel de Mesmes pelos meios que lhe sucederam uma vez. Mas não importa o quanto ele andasse pelo hotel, pulasse o muro do jardim, 1300

nunca vislumbrou o rosto de Jeannette, nem o perfil grotesco de Gillot, nem o rosto quaresmal do mordomo; a porta e as janelas permaneceram teimosamente fechadas.

Quanto a Marillac, ele estava longe, cumprindo sua missão com Jeanne d'Albret.

O cavaleiro tinha, no próprio dia da partida do amigo, cumprido a promessa de ir ver Alice de Lux. Este o recebeu com uma espécie de alegria febril, que era muito rara nesta moça, acostumada à mais extrema prudência. Sua primeira palavra foi perguntar se o noivo havia sido agredido ao sair de casa.

- Tenha certeza,

senhora,

respondeu

Pardaillan; tudo correu o melhor do mundo.

E o Conde não teve que sacar, ninguém pensou em nos atacar.

"No entanto, senhor, você vem sozinho..." disse Alice.

Pardaillan então relatou como um cavalheiro desconhecido os abordou, 1301

como este senhor convidou o conde a segui-lo até a rainha...

"Com a rainha!" exclamou uma Alice trêmula. No Louvre?... Ah! ele não vai sair!...

"Não, não no Louvre, Madame! mas numa certa casa em Pont de Bois. E ele saiu são e salvo, tanto que eu, que o esperava na porta, o acompanhei até o hotel da rue Béthisy.

"E", retomou Alice, pensativa, hesitante e perturbada, "ele não lhe contou nada sobre essa estranha entrevista?"

- Se feito. O Sr. le Comte está encarregado de uma embaixada secreta junto à rainha de Navarra, ele teve que sair de Paris esta manhã e me pediu para vir tranqüilizá-lo.

Alice empalideceu. Ela mordeu o lábio.

Mil perguntas que ela não ousava formular lotavam sua mente. O cavaleiro seguiu cuidadosamente esses sinais de emoção. As vagas suspeitas que ele havia concebido contra Alice estavam ganhando cada vez mais consistência. E ele levou 1302

a partir daí a resolução de observar aquela mulher, saber exatamente quem ela era.

Apenas uma coisa o tranquilizava: obviamente, ela amava sinceramente Marillac.

Mas então, o que esse problema significava?

Muito naturalmente, ele terminou sua missão dizendo a Alice:

"Mas isso não é tudo, senhora. Meu amigo me pediu para lhe dizer que quer aproveitar sua viagem à Rainha de Navarra para informá-la de seu amor por você...

Pardaillan mal havia terminado essas palavras quando Alice começou a tremer convulsivamente. Uma palidez mortal se espalhou por seu rosto, e com uma voz monótona ela murmurou:

- Estou perdido !

- Você provavelmente me entendeu mal, madame! exclamou Pardaillan. Monsieur le Comte está decidido a pedir permissão à rainha para se casar com você assim que ela retornar a Paris... Achei que lhe traria grande alegria...

– Sim... de fato... gaguejou Alice... é um 1303

alegria muito grande... ah? Estou morrendo...

“Por Pilatos! ela perde a consciência! Olá !

ajuda! gritou Pardaillan.

Alice de Lux, na verdade, caiu para trás, desmaiou. Ela permaneceu imóvel, como se estivesse morta. E o cavaleiro, com uma mistura indescritível de piedade e dúvida, viu que, no desmaio, duas lágrimas que rolaram pelas faces descoloridas da infeliz indicavam que ela ainda estava viva.

Ao ouvir seus gritos, a velha Laura entrou apavorada; além disso, ela ouvira tudo pela porta.

“Não se preocupe”, disse ela, com um sorriso que pareceu estranho a Pardaillan, “minha sobrinha está sujeita a essa tontura; a menor emoção de medo... ou de alegria a coloca nesse estado; mas não será nada.

Enquanto falava assim, a velha lavou as têmporas de Alice com vinagre e a obrigou a engolir algumas gotas de um elixir contido em um pequeno frasco.

– Ah! disse o cavaleiro mecanicamente, 1304

Madame é sua sobrinha?

“Sim, senhor... o único parente que me resta... Ah! aqui está ela voltando a si... Vamos, meu filho, por que você está se agitando assim... então você experimentou algum choque?... uma dor, talvez?

Alice que abriu os olhos viu o cavaleiro.

“Não”, ela respondeu, fazendo um esforço quase sublime.

– Uma alegria, então? insistiu a velha atroz.

“Sim!...” disse Alice com uma voz infinitamente triste.

Um momento depois, ela parecia recuperada. Além disso, ela havia recuperado a compostura e recuperado aquela força de alma que a tornava uma mulher verdadeiramente extraordinária. O cavaleiro, por discrição, quis retirar-se. Mas ela o conteve e quis saber em detalhes tudo o que Pardaillan sabia; Ela repetiu as palavras do conde várias vezes, e Pardaillan teve que recomeçar a história da noite e os incidentes que testemunhara. Alice ouviu tudo isso 1305

com uma atenção sustentada que, depois de seu desmaio, pareceu muito notável ao cavaleiro.

Finalmente, ele se aposentou mais intrigado do que nunca, prometendo a si mesmo decifrar o mistério que adivinhava ali. Mas quando, alguns dias depois, quis fazer uma visita a Alice, encontrou a casa fechada como o Hôtel de Mesmes. Ele questionou os vizinhos; mas ninguém podia lhe dar a menor informação.

Foi assim que Pardaillan se viu a partir de então completamente isolado em Paris. Só lhe restava o marechal de Montmorency. Eles passaram longas horas juntos combinando planos de pesquisa, nenhum dos quais se concretizou.

O cavaleiro, sem nada para fazer, mortalmente entediado, passava, portanto, a maior parte do tempo andando por Paris, remoendo projetos, de olhos e ouvidos atentos, mas nunca vendo ou ouvindo nada que pudesse colocá-lo em guarda.

Felizmente, ele nunca foi visto por nenhum daqueles que teriam interesse em vê-lo... e que pensavam que ele estava morto.

1306

Ele não conheceu Maurevert nem qualquer um dos asseclas.

Um dia, quando ele havia atravessado as pontes e perambulando pela Universidade, o acaso o levou à montanha de Sainte-Geneviève, em uma rua solitária que corria ao longo do convento carmelita em seu flanco esquerdo.

Várias casas encostadas às paredes do convento de Barrés.

E ainda, várias destas casas, por uma porta dos fundos, comunicavam com o convento. Geralmente eram lojas que os monges subsidiavam em segredo e onde vendiam objetos de piedade, como rosários, medalhas, segundo um costume que se mantém até hoje nas grandes basílicas.

Em uma dessas lojas, faziam flores artificiais como se colocavam nos altares das igrejas: buquês grosseiramente iluminados com folha de ouro.

Nesse dia, como estava muito calor, o pessoal da loja trabalhava no degrau do 1307

porta, na rua, à sombra dos muros altos do convento.

Havia ali um homem que parecia dirigir o trabalho, duas mulheres, uma jovem, em grupo, ocupadas em confeccionar flores e imitações de ramos de arbustos...

A poucos passos deste grupo, uma criança trabalhava sozinha.

Pardaillan parou para olhá-lo.

De fato, a criança era notável pela inteligência aguçada que iluminava seus olhos grandes e profundos. Ele estava pálido e doente. Ele irradiava tristeza. Mas neste momento ele parecia feliz, ou pelo menos tão completamente absorto em seu trabalho que esqueceu toda a tristeza.

Com os olhos fixos, os dedos ágeis, a testa suada, ele esticou a língua um pouco para o lado, como as crianças fazem quando trabalham duro em uma tarefa que lhes interessa. Às vezes ele dava um passo para trás com a ponta do bracinho estendido, o pedaço de galho artificial em que estava trabalhando, e piscava os olhos para melhor examiná-lo; então, ele corrigiu os detalhes que o 1308

parecia defeituoso, e o trabalho foi retomado de forma mais implacável, com mais paixão.

Esta criança obviamente tinha a alma de um artista. Isso era visível não apenas em seus olhos profundos e contemplativos, em suas atitudes naturalmente estéticas, mas também na estranha perfeição do trabalho que saía de suas mãos.

– Meu pequeno Clemente, disse uma das jovens, tome cuidado para não se injetar como ontem...

O grupo de artesãos ocupados na soleira da loja às vezes olhava para ele com pena desdenhosa e um encolher de ombros indulgente. Aliás, essa gente boa fazia folha de ouro, sempre igual, e flores geométricas, verdadeiros buquês para vasos de igreja.

A criança, ao contrário, persistia em dar a impressão de natureza.

Ele até usou galhos de verdade, um arbusto todo espinhoso e murcho que serviu de carcaça e que ele simplesmente conseguiu reviver acrescentando pequenas folhas em massas frágeis e trêmulas e pequenas 1309

florzinhas que, a poucos passos de distância, pareciam naturais.

Sem saber por que, Pardaillan se interessou por essa obra, a ponto de se emocionar com ela.

Aproximou-se da criança, abaixou-se e examinou de perto os ramos entrelaçados e floridos que o pequeno artista deixou de lado enquanto os terminava. Ele já tinha um monte deles.

Primeiro, a criança, absorta em seu trabalho, não viu essa figura debruçada sobre ele. Por fim, ele ergueu os olhos, examinou por um momento o rosto sorridente do estranho e, tendo sem dúvida gostado, sorriu por sua vez.

"O que você está fazendo aqui, garoto?" então perguntou o cavaleiro. Você trabalha ?

- Oh ! não, senhor, estou me divertindo. Ainda não sei trabalhar.

- Sim Da? Mas é muito bom, o que você faz...

Os olhos da criança brilharam de prazer.

Ele afastou o galho que segurava na ponta do braço estendido e disse com um tom de admiração:

- É espinheiro.

1310

O gelo estava quebrado. O cavaleiro estava agachado perto da criança. E ele se divertiu também! Ele endireitou pedaços de galhos, prendeu flores que estremeciam em seus caules de arame.

“Hawthorn,” ele retomou. Pelo que ?

– Ah! aqui... eu tenho um jardim, um pequeno jardim só para mim.

"Onde então?"

– Ali, no grande jardim do convento, mesmo ao lado da capela. O pai jardineiro me deu e me disse para plantar o que quisesse.

"E você quer plantar espinheiro lá?" sorriu Pardaillan.

- Oh ! não, é para cercar... para que os pais não possam entrar.

– Mas por que você não coloca espinheiro de verdade nele?... E então o espinheiro não floresce nesta estação?...

– Ah! aqui... por isso... meu espinheiro, para mim, estará sempre em flor... você vê!

1311

Sou eu que faço as flores, e as colho...

- Eu vejo. Ela é muito bonita seu espinheiro.

- Não é ? disse o pequeno artista, encantado com esta merecida aprovação. E aí, você não sabe?

- Não querida, não sei...

- Bem, escute: eu não tenho mãe...

Você sabe por quê ?

“Não, meu filho,” disse o cavaleiro comovido.

– Bom amigo me disse. Se eu não tenho mãe, é porque ela está morta... Você sabe o que é estar morto?... Você não sabe? Bem, eles colocaram você no chão... minha mãe está no chão, no cemitério dos Inocentes... Um bom amigo me disse isso.

"Pobre criança", murmurou Pardaillan.

“Clemente”, retomou a mesma jovem, “volte e divirta-se no convento...

A criança balançou a cabeça, permaneceu em silêncio por um momento, cuidando para entrelaçar pequenos galhos espinhosos. Um espinho rasgou seu dedo.

Uma gota de sangue apareceu, caiu e corou 1312

uma das flores brancas.

- Você se machucou, hein? disse o cavaleiro.

- Oh ! não importa, disse a criança gravemente.

Muitas vezes eu me machuco assim. Veja uma, três, cinco, dez flores de espinheiro com sangue nelas.

Está tudo no meu sangue... é pela mãe...

O chevalier permaneceu, surpreso, sem encontrar uma palavra.

O pequeno artista continuou:

- Você não sabe ? Quando eu tiver muitos espinheiros, quando houver alguns ao redor do meu pequeno jardim e fizer um grande arbusto, um dia, eu vou pegar tudo e vou colocar meu espinheiro ali onde minha mãe está na terra.. .

"No cemitério dos inocentes?"

- Sim. Bom amigo me disse que ela está lá; mas ele demorou muito pra me dizer... Assim minha mãe vai ficar feliz, não vai?

“Certamente, minha pequena, muito feliz.

A conversa terminou aí, a criança voltou ao seu trabalho com tanta atenção que o 1313

Chevalier não teve coragem de incomodá-la com perguntas inoportunas.

Ao se aposentar, ouviu o sino do convento tocar. Voltando-se então, viu perto da criança um monge de rosto pálido que a segurava pela mão e o ouviu dizer:

- Vamos, meu pequeno Jacques, é hora de ir para casa...

– Bem, pensou o cavaleiro, parece que o nome do meu namorado é Clément e Jacques...

1314

XLIV

As caves do Hôtel de Mesmes

Por enquanto, deixaremos o Sr. de Pardaillan Jr. continuar o curso de sua pesquisa, para cuidar do Sr. de Pardaillan Sr. O que havia acontecido com ele? Por que ele não tentou ver o cavaleiro novamente?

Ele tinha seguido o marechal de Damville em algum retiro, nas profundezas de uma província? Tais eram as perguntas que o chevalier se fazia inutilmente; mas se fosse impossível para ele resolvê-los, nosso dever é dar-lhes uma resposta pronta, graças a esse dom da onipresença que é um dos encantos do romance.

Para isso, iremos ao Hotel de Mesmes no dia seguinte à chegada de François de Montmorency, acompanhado do seu arauto de armas, para fazer a sua provocação.

1315

Henri, escondido atrás de uma cortina de janela, testemunhou a provocação sem fazer nenhum movimento.

Só que ele empalideceu quando o arauto pregou a luva na porta. O insulto foi sério e definitivo. Mas talvez Damville não achasse que era hora de buscá-la, pois deu a ordem para deixar a luva onde estava.

Além disso, o hotel deve ter passado por desabitado.

A maioria dos criados tinha sido enviada para outra casa que o marechal possuía na Rue des Fossés-Montmartre, não muito longe dos pântanos de Grange-Batelière. A pequena guarnição do hotel também fora enviada para lá. De modo que havia apenas em torno de Damville três ou quatro soldados, um oficial, o velho Pardaillan e dois criados. Jeannette,

promovida a cozinheira, alimentava a todos, tomando as devidas precauções cada vez que saía. Além disso, o hotel estava fortemente aprovisionado.

D'Aspremont, ferido, foi levado para a casa de Les Fossés-Montmartre.

No dia seguinte à provocação, portanto, o 1316

O marechal de Damville, que tinha por Orthès tanto afeto quanto poderia ter por qualquer um, foi ver o ferido e teve uma longa conversa com ele, na qual o assunto principal era Pardaillan. O marechal voltou pensativo ao Hotel de Mesmes e mandou chamar Pardaillan.

“Monsieur de Pardaillan”, perguntou-lhe, “sabe quem estava no carro que foi atacado na noite em que saímos daqui?

“Eu não suspeito, meu senhor! perguntou Pardaillan, que começou.

– Você sabe quem tinha interesse em atacar este carro?

“Então, eu posso responder a você desde que você mesmo me informou: seu irmão, o marechal.

- Sim. E você não me disse que seu filho não pode ser meu, porque ele é do meu irmão?

“De fato, meu senhor... mas essas perguntas...

– Espere, senhor. você me disse que 1317

você perseguiu o homem que nos atacou...

“Até o portão de Bordet, monsenhor.

“Onde você o balançou corretamente, não foi?

“Isso mesmo, milorde”, disse o velho Pardaillan, que, torcendo o bigode com o dedo febril, começava a ficar excitado.

“Bem”, disse o marechal abruptamente, “o homem que você matou está indo maravilhosamente bem!

– Ah! ah! Aqui está algo novo, disse o velho roader friamente, certificando-se de que sua adaga e espada estavam no lugar e prontas para partir com um gesto rápido.

“Você vê que estou bem informado. Mas também sei outra coisa. Você quer que eu te conte sobre isso?

– Monsenhor mostra uma gentileza hoje pela qual sempre serei grato.

- Bom. Você sabe o nome do homem que você não perseguiu até 1318

Porte Bordet, que você acompanhou de braço dado ao Cabaret du *Marteau Quem bate* , quem você de modo algum cravou com um golpe de sua espada, e quem vem rondando o hotel, para que eu o prenda e o amarre?

“Eu ficaria encantado em saber, meu senhor.

“Bem, o nome dele é Chevalier de Pardaillan, e ele é seu filho!

"O mesmo que resgatou você das mãos dos bandidos?" perguntou o velho caminhoneiro com um engenho de admirável insolência.

O marechal ficou sem palavras por um momento. Ele esperava ver Pardaillan ficar pálido, e Pardaillan riu na cara dele.

Ele teve um movimento de raiva. O velho caminhoneiro desembainhou sua adaga.

"Não vamos ficar com raiva," Damville continuou sem graça, ou pelo menos não ainda. Vejamos: o que acabei de dizer está correto?

“Contanto que você diga isso, meu senhor, eu seria muito ousado em afirmar o contrário.

Você diz que meu filho atacou você, isso deve 1319

ser. Você diz que eu o acompanhei. É possível. Resta-me felicitá-lo por ter sido tão bem informado. Pensei que estivesse cercado de cavalheiros e combatentes; você está cercado por policiais, parece. Você me apareceu como um senhor da guerra ou um líder do partido; você se torna um líder de lacaios.

- Pardaillan!...

- Meu Senhor !

Os dois homens se entreolharam. E desta vez foi o senhor todo-poderoso que baixou os olhos diante do aventureiro. Pardaillan continuou:

“Minha linguagem o desagrada, marechal. A culpa é minha... Como! Encontro-me na presença da pior solução! Para permanecer fiel a você, corro o risco de me tornar o inimigo do meu filho, ou seja, o ser que mais amo e admiro no mundo! Eu me esforço para conciliar seus interesses com os dele! Para não lhe dar uma preocupação inútil, estou me colocando à custa da imaginação! E você vem me censurar por não ter cravado meu filho com um golpe de espada.

Pelo Deus da morte, meu senhor, meu florete está pronto para desferir o golpe necessário para aqueles que o informaram tão bem. Não haverá mudança exceto na pessoa do morto, isso é tudo.

O marechal olhou com tristeza para o intrépido pobre diabo que o olhava, de lado, com brilhante audácia.

"Pardaillan", disse ele de repente, "essa não é a questão...

"Onde ela está, senhor?"

"Seu filho deve saber quem estava no carro?"

"Não sei, senhor!...

- Vamos então! Não se coloquem em novas despesas de imaginação! Não só ele sabe, ele tinha que lhe dizer!

“Você está enganado, senhor!

O marechal avançou com dois passos rápidos em direção a Pardaillan e, mergulhando o olhar ardente em seus olhos como se quisesse arrancar-lhe a verdade, continuou com a voz trêmula de fúria:

– E quem sabe se você não concorda com ele! quem sabe se vocês dois não me seguiram, me espionaram; sim, espionado; Senhor homem fiel, você me trai! Você e seu filho sabem onde estava o carro! você sabe quem ele continha! E em seu covil, em seu cabaré, um cabaré de bandido, você sem dúvida concebeu algum plano. O filho em Montmorency's, o pai em Damville's... a coisa se resolveu... Monsieur de Pardaillan, você e seu filho, eu os considero miseráveis!...

O velho caminhoneiro sentou-se um pouco pálido.

“Monsenhor,” ele disse com uma voz terrivelmente pacífica, “vou considerar esta indignação nula e sem efeito até que você pegue a luva que ainda está pendurada em sua porta.

Damville pulou, louco de fúria e correu com a adaga erguida em Pardaillan...

Henri de Montmorency sofreu neste exato momento mais do que no minuto em que viu o arauto de François pregar a manopla em sua porta: muitas vezes a lembrança de um insulto

faz mais mal do que o próprio insulto.

Além disso, a suspeita de que os Pardaillanos tivessem descoberto a retirada de Jeanne de Piennes era insuportável para ele. Desde o início desta entrevista, ele estava determinado a se livrar do pai até que pudesse se livrar do filho.

A censura de Pardaillan foi o pretexto para a matança.

O velho caminhoneiro não havia terminado de falar quando, quebrando violentamente a corrente que sustentava sua adaga, se jogou sobre ele.

Pardaillan esperou por ele resolutamente. O braço do marechal, que havia se levantado, não caiu sobre ele, agarrou-o pelo pulso; ele torceu este pulso, esmagou-o, a arma escapou. Henry soltou um uivo.

"Monsenhor", disse Pardaillan, "eu poderia matá-lo, é meu direito; Eu deixo você viver para que você possa se purificar do ultraje de Montmorency; agradeça me!

Ele era assustador, todo pálido, as cerdas de seu bigode áspero em pé, seus olhos brilhando, imóveis.

1323

- Você é quem vai morrer! rugiu Henrique. Para

Eu ! Para mim !...

- Batalha, então! disse Pardaillan, que, com um gesto largo, puxou sua espada.

Naquele momento, tudo o que restava das pessoas no hotel correu para o quarto aos gritos do mestre. Pardaillan viu que tinha diante de si seis homens armados, sem contar o marechal.

- Sobre! Vai! gritou Henri, sem trégua!

- Morrer ! Morrer ! repetiu os cinco soldados e o oficial que os liderava.

Pardaillan, traçando um grande semicírculo com seu florete, saltou para a esquerda da sala.

– Aqui, o pacote! ele gritou.

Os assaltantes correram para este lado, limpando a porta. Era isso que Pardaillan queria. Em um piscar de olhos, ele colocou sua espada entre os dentes fortes como os dentes de um lobo, pegou uma enorme poltrona e atirou-a a toda velocidade nos assaltantes que recuaram para o fundo.

No mesmo instante, recolocou a espada na mão e atirou-se para a porta que cruzou, empurrando um 1324

explosão de riso.

Em alguns saltos, Pardaillan, perseguido pela multidão enfurecida, chegou ao pé da escada. Havia uma porta que abria este pátio. Ele desceu sobre ela para abri-la.

- Xingamento ! ele rosnou.

A porta estava fechada!

- Sobre! Vai! Nós temos isso! gritou o oficial.

- Matar ! Matar ! gritou Henri de Damville.

Ao fundo da escada, à esquerda, começava o corredor que levava aos escritórios e aos fundos da casa; dali Pardaillan poderia saltar para o jardim, e ali teria sido salvo... mas à primeira vista viu que a porta que dava para o vestíbulo da despensa estava fechada.

Ele foi pego nessa barriga, com, na frente dele, sete loucos fortemente armados, atrás dele uma porta intransponível.

Então ele calculou suas chances. Os assaltantes não podiam mais envolvê-lo; eles não podiam 1325

andar apenas três lado a lado, e novamente, em obstáculo.

“Estritamente falando,” ele disse entre os dentes, “eu consigo matá-los um após o outro.

Foi o que ele resolveu, tendo apenas essa alternativa, ou fazer essa grande carnificina, ou morrer.

Golpes, no entanto, choveram sobre ele. Ele os aparou, contra-atacou a cada segundo, seu longo florete afundou na pilha; um homem foi ferido; os outros soltaram uivos terríveis, pois a arte mais elegante de lutar em silêncio ainda era desconhecida.

Pardaillan só deu um passo para trás quando absolutamente forçado a fazê-lo.

Ele estava bem ciente, de fato, que se se deixasse encurralar na porta do final do corredor, seria morto ali sem perdão, sem defesa possível. Enquanto tivesse espaço, podia, pelo contrário, defender-se, preparar os seus golpes, aparar os que lhe eram dirigidos.

Uma espada o atingiu no ombro e rasgou 1326

seu dublê.

A ferida sangrou um pouco.

Pardaillan rosnou uma maldição.

Ele já havia dado cinco passos para trás; ainda havia apenas três de seus agressores feridos, um deles, é verdade, fora de ação, estendido no chão, ofegante.

Nesse momento sentiu um estranho peso na mão direita: era a ferida que d'Aspremont lhe fizera que se reabria.

Ele pega sua espada com a mão esquerda, dizendo para si mesmo:

– Acho que sou halali.

Mas, ao mesmo tempo, continuou a uivar, segundo o método de então, que era também o dos heróis de Homero:

“Pugs miseráveis! Pobres bandidos! Boas mulheres! Então seu mestre não te ensinou a segurar uma espada! De volta, servos! Aqui, eis como apontamos!...

Um homem caiu.

Mas desta vez o gibão de Pardaillan foi rasgado no peito e ele sentiu o calor do sangue escorrendo pelo peito.

- Sobre! Vai! gritou Henrique. Ele está desesperado.

- Nós somos a fera! gritaram os outros.

E isso fez, nesta trincheira escura, com o farfalhar do aço, as batidas agudas das batidas, os chocalhos, os enormes palavrões, um estrondo indescritível.

Um golpe certeiro feriu o caminhoneiro no pulso esquerdo quando, depois de ter arremessado na parte inferior do policial, ele estava se afastando do corpo.

O oficial rolou no chão que seguiu por um momento: estava morto! Terríveis rugidos ressoaram.

Pardaillan tinha apenas quatro homens à sua frente.

Mas ele estava exausto; sua mão esquerda doía horrivelmente; ele teve que pegar a espada à direita; e ofegante, ele apoiou a esquerda contra a parede. Uma nuvem passou diante de seus olhos. Ele estava prestes a cair... Ele recuou bruscamente novamente, dois 1328

para não evitar um golpe furioso de Damville. Mas ele foi atingido no joelho ao mesmo tempo por um soldado.

"Acabou", ele murmurou, lançando um olhar sangrento na frente dele. Sua espada caiu de sua mão.

Este momento foi quando ele estava dando um passo para trás, ainda se apoiando com a mão contra a parede.

De repente, ele teve a sensação de que esta parede estava se abrindo, ele viu um buraco negro escancarado perto dele, e exausto, quase desmaiando, ele se deixou cair nele!...

- Feche a porta ! vociferou Henri, e deixe-o morrer neste porão!...

Os soldados obedeceram; a porta estava firmemente fechada e trancada; Um grande silêncio caiu então no Hotel de Mesmes.

De fato, foi no porão que o velho Pardaillan rolou – no mesmo porão onde seu filho estava trancado. Apoiando-se com a mão na porta que simplesmente se abriu, abriu aquela porta e deixou-se cair, 1329

num último esforço do instinto vital.

Pardaillan descera os degraus e jazia sem vida no chão do porão. Se o marechal o tivesse seguido até lá, ele teria apenas que acabar com ele com um punhal. Mas Damville não acreditava que o louco estivesse tão afetado quanto ele. Ele temia as consequências dessa luta no escuro, quando suas tropas já eram tão pequenas, e congratulou-se com a boa inspiração que teve ao ter Pardaillan trancado neste porão transformado em uma tumba.

"Em poucos dias", pensou ele, "não restará nada além de um cadáver que enviarei para jogar no Sena, e tudo estará dito!" »

O velho Pardaillan, porém, não se mexeu. Ele estava perdendo muito sangue de seus ferimentos e, em suma, corria o risco de morrer ali de exaustão. Mas esses velhos reiters tinham a alma atrelada ao corpo. Depois de uma hora de desmaio, o corpo deitado ao pé da escada começou a mexer os braços, depois as pernas; então a cabeça se ergueu; então, finalmente, revivido pela frescura da adega, o motorista faz 1330

levantou-se, sentou-se, passou as mãos na testa e ficou muito tempo nessa posição, sem conseguir organizar os pensamentos, com o único espanto de se encontrar neste buraco negro...

Finalmente, ele conseguiu pensar. E seu primeiro pensamento foi:

" Aqui ! Eu não estou morto? »

O segundo pensamento que poderia se formar depois de alguns minutos em seu cérebro enfraquecido foi este:

“A menos, porém, que eu esteja enterrado. »

O horror dessa suposição o galvanizou.

- Por todos os demônios! ele rosnou. Enterrado ou não, mas parece-me que estou vivo!...

Ele conseguiu se arrastar por cerca de dez passos e assim notou com indescritível satisfação que não estava em uma tumba.

- Mas então, ele gaguejou, onde diabos estou agora? Por que estou aqui? O que estou fazendo aqui?... Mort-Dieu! como estou com sede! Nunca uma sede tão sedenta secou uma garganta cristã!...

Para beber, porra! beber, porra, beber, 1331

ou estou louco!...

Enquanto murmurava palavras em que tinha um pequeno delírio, o ferido continuava a rastejar no chão úmido, "de quatro". De repente, uma de suas mãos pousou em algo frio, empoeirado, redondo, ou melhor, cilíndrico.

- O que é isso? ele rosnou.

Ele queria agarrar a coisa, e imediatamente houve uma espécie de colapso; pareceu a Pardaillan que o vidro estava se quebrando, e no momento seguinte ele notou que algum líquido estava molhando suas pernas. O barulho, a emoção que esse barulho ecoava em sua mente vacilante, e sobretudo a frieza do líquido que banhava suas pernas, finalmente restabeleceram sua razão, e com sua razão, a faculdade de conceber e imaginar o que a coisa de acordo com as aparências.

- Uma garrafa ! ele exclamou. É possível?... Sim! É uma garrafa! O que estou dizendo!... São muitas garrafas!

Cheio!... Sim! cheio!... Agora isso! cheio de quê?... Vamos!

1332

Com um golpe forte aplicado aleatoriamente no chão, o gargalo da garrafa se soltou.

Pardaillan começou a beber com prazer: o que estava bebendo era um vinho fresco, generoso, inebriante, macio no paladar, quente no coração.

"Isso acordaria um homem morto!" ele disse depois de ter esvaziado metade da garrafa em um gole.

E para terminar de acordar completamente, ele que estava apenas meio morto, esvaziou a garrafa até a última gota.

– Ufa! disse então, parece-me, se não me engano, que devo estar num porão. Vamos ver, o que aconteceu comigo?

Já se fazia sentir o efeito do vinho generoso.

Pardaillan entendeu que sua força estava voltando para ele, com força, memória.

A partir daí, a cena da briga na casa de Damville, a fúria do marechal, a irrupção dos loucos, a queda da escada, a batalha pavorosa no fundo do corredor e, finalmente, a queda ao fundo do porão, tudo que se representava vividamente em sua mente.

1333

- É bom ! ele disse, balançando a cabeça. Já que não fui morto, já que eles não vieram aqui para acabar comigo, vamos ver como juntamos nossas forças. E primeiro, onde estou? Não acho que estou indo além dos limites da verdade dizendo a mim mesma que não quebrei nada. Mas não perfurei nada?... Vamos dar uma olhada...

Então Pardaillan, que certamente sabia mais do que um cirurgião, começou a se sentir, a se examinar por um longo tempo.

O resultado desse autoexame foi este: primeiro, ele tinha uma ferida machucada na parte de trás da cabeça; o referido ferimento, sem dúvida, decorrente da queda da escada do porão; *item* , pelas mesmas causas, dente quebrado e nariz arranhado; *item* , pelos mesmos motivos, uma dor aguda no cotovelo do braço direito.

Em segundo lugar, ele teve uma lesão na mão direita de seu duelo com d'Aspremont, a lesão reabriu durante a confusão no corredor.

Terceiro, um corte no pulso 1334

deixei.

Quarto, um ferimento profundo um pouco acima do joelho direito.

Quinto, o ombro direito rasgado.

Sexto, uma lesão penetrante na mama direita.

Em suma, e feito o exame mais severo, Pardaillan não encontrou nenhuma outra ferida ou ferida, e considerou que, em suma, não havia nada em tudo isso para morrer no fundo de um porão.

“Aleijado”, disse ele, “ferido de cima a baixo, costurado, cortado, em pedaços e pedaços, continuo sendo um Pardaillan inteiro. Vamos apenas tentar fazer as pazes da melhor maneira possível.

Deve-se acreditar, no entanto, que tudo isso representava um todo respeitável; pois ou pelos esforços que acabara de fazer, ou pelo sangue que perdera, o velho caminhoneiro desmaiou uma segunda vez.

Mas este segundo desmaio foi muito 1335

mais curto que o primeiro e quando voltou a si, a sede não havia diminuído, pelo contrário, viu-se carregado na pilha de garrafas. Tendo o remédio já feito efeito, apressou-se a decapitar um que esvaziou em plena consciência, como um paciente que insiste em seguir até o fim a prescrição do médico.

Então ele começou a enfaixar suas feridas.

De alguma forma, ele conseguiu se livrar de parte de suas roupas.

E, vestindo a camisa por baixo do gibão, exclamou:

"Aqui, pardieu, é suficiente para enfaixar e enfaixar vinte feridas!"

Ele imediatamente tirou a camisa, um detalhe que não ousamos dar se estivéssemos escrevendo para mulheres inglesas; com aquela habilidade e habilidade que só a longa prática dá, ele começou a lacerar a pobre camisa, que em poucos minutos forneceu muitas bandagens excelentes.

Não tendo água para lavar suas feridas, foi com vinho que Pardaillan as lavou. é 1336

também com este bom e velho vinho generoso que molhava as compressas de pano que aplicava nas referidas feridas e chagas.

Não sabemos se nosso herói receberá a aprovação dos cirurgiões para este método de curativo interno e externo, pelo qual apenas Baco pagou o preço. O que é certo é que uma vez concluídas estas várias operações, o piloto veterano sentiu uma verdadeira sensação de bem-estar.

Ele foi capaz de se levantar e tateou seu caminho para dar alguns passos. Ele gemeu de satisfação: em suma, a velha máquina estava aguentando bem, e Pardaillan calculou que com quinze dias de descanso estaria quase curado.

Com isso, ele procurou um canto que não estivesse muito molhado, não muito duro, e caiu em um sono profundo ali.

Quando ele acordou, seus pensamentos tinham clareado.

"Vamos raciocinar agora, disse a si mesmo, sentando-se, quando o sono me levou, sono reparador, médico mágico, 1337

grande curandeiro, se é que houve um, naquele momento, disse eu, afirmei a mim mesmo que quinze dias de descanso seriam suficientes para curar todas aquelas alfinetadas. Muito bom. Quinze dias de descanso, o que significa: 1n boa cama; (2) refrigerantes; 3ª comida agradável e substancial... Hum! Diabo ! onde vou encontrar tudo isso? »

Ele olhou ao redor, tentando perfurar a escuridão do porão.

- Oh aquilo ! ele resmungou, realmente vale a pena se preocupar com meus ferimentos e meu descanso de quinze dias? Se não me engano, daqui a quatro ou cinco dias, no máximo, a morte virá para me curar de um e me oferecer o outro para sempre! Na verdade, vou morrer de fome... Valeu mesmo a pena ter escapado são e salvo de mais de vinte emboscadas, de mais de trinta lutas e batalhas, de mais de cem duelos, para vir morrer de fome neste buraco! Está escuro, está frio, estou fraco... Vamos, toda resistência é inútil!

Falando assim, Pardaillan levantou-se, encontrou 1338

subindo as escadas até a porta e tentei ver se ele conseguia de alguma forma passar por ela...

mas ele percebeu facilmente que poderia muito bem ter tentado romper as grossas paredes que serviam como alicerces do hotel.

Foi só então que lhe ocorreu o pensamento de que, se não podia abrir a porta, o mesmo não poderia ser dito dos que estavam do lado de fora, e que poderiam vir e cortar sua garganta enquanto ele dormia.

Por uma estranha contradição, ou por uma última esperança, Pardaillan, que consentiu em morrer de fome, recusou-se energicamente a morrer com a garganta cortada. Afinal, podemos ter preferências.

Seja como for, resolveu barricar a porta e impedir que qualquer pessoa entrasse no porão, pois não podia sair.

Então ele desceu as escadas para buscar os materiais necessários e, para colocar seu coração no trabalho, começou indo até o canto da garrafa, pegando uma, decapitando-a e levando-a aos lábios.

Mas ele parou neste movimento e 1339

jurou.

Ele estremeceu com uma emoção mais violenta do que quando se viu assaltado pelo bando frenético do marechal de Damville.

Na verdade, ele de repente se lembrou do relato detalhado que o cavaleiro lhe fizera de sua estadia nos porões do hotel.

No entanto, nesta história figuravam com destaque certos presuntos que o cavaleiro simplesmente chamara de suculentos.

Compreendemos, portanto, a emoção do velho Pardaillan.

– Mas se eu estiver na mesma adega que meu filho!... Se os presuntos ainda estiverem no lugar!...

e por que não estariam lá?... Eu estaria, portanto, salvo!... Ao menos salvo da morte por fome, o que, no entanto, seria uma morte muito feia!...

Pardaillan esvaziou a garrafa e foi procurar a mina de presunto com tanto mais zelo quanto, apesar da febre, a fome começava a apertar seu estômago.

1340

Não vamos relatar essa busca e as alternativas de esperança e desânimo por onde passou o viajante veterano, como um náufrago que questiona ansiosamente o horizonte.

Digamos que ele encontrou os presuntos!

Estavam bem arrumados na palha, de modo que Pardaillan, atacando primeiro, disse a si mesmo com satisfação:

– Aqui está a cama, aqui estão as bebidas refrescantes, e aqui está a comida agradável e substancial. Então aí está, minha quinzena de descanso garantido.

Acrescentemos que ele conseguiu barricar a porta por meio de vigas.

Ele tinha certeza agora de que ninguém poderia alcançá-lo enquanto ele dormia sem acordá-lo.

E já que, se ele havia perdido o sabre na luta, pelo menos tinha guardado a adaga, tinha algo com que se defender.

Gradualmente ele se acostumou com a escuridão; o magro 1341

fio de luz caindo de um ventilador acabou aparecendo para ele como um verdadeiro raio de luz do dia.

Ele foi assim capaz de perceber os dias e as noites.

O tempo estava se esgotando, no entanto. Graças a uma constituição de ferro, Pardaillan rapidamente triunfou sobre a febre.

As feridas cicatrizaram.

Infelizmente, a mina de presunto esgotou-se não menos rapidamente.

E, no entanto, com seu hábito de sentar, o velho raposo pensou imediatamente em racionar-se, ele o fez escrupulosamente desde o primeiro momento.

Apesar da economia que rapidamente se transformou em parcimônia, para finalmente se transformar em astúcia, Pardaillan percebeu um dia que só lhe restava um presunto.

Naquela época, ele estava neste porão por talvez um mês, ou talvez até mais.

As feridas foram curadas.

1342

O velho caminhoneiro sentiu-se mais vigoroso do que nunca.

Ao todo, até então, ele não sofria nem de fome nem de sede. Mas agora o problema ia surgir novamente; e desta vez foi inevitável.

De fato, durante essa longa estada, Pardaillan empregou seu tempo e todos os recursos de sua imaginação para encontrar um meio de fuga.

Os projetos se sucederam em sua mente, mas na prática ele teve que reconhecer sua futilidade e abandoná-los um após o outro.

A verdade o surpreendeu:

Não havia como sair dali!

Em dois dias, três dias no máximo, ele ficaria sem comida!

E então começaria uma longa e terrível agonia para terminar na mais dolorosa morte!

1343

XLV

Joana de Albret

Quando o conde de Marillac se dispôs a cumprir a missão de confiança que lhe foi confiada por Catarina, a rainha de Navarra estava em La Rochelle, fortaleza que, sem ser ainda a espécie de capital protestante que viria a ser depois de São Bartolomeu, foi, no entanto, considerado pelos reformados como o melhor de seus refúgios.

Jeanne d'Albret havia concentrado ali as forças à sua disposição.

Ela havia imaginado um plano tão simples quanto ousado e que envolvia duas ações simultâneas.

Consistia em reunir sob os muros de La Rochelle todos os protestantes da França que haviam decidido arriscar um grande golpe em 1344.

conquistar a liberdade de consciência, ou seja, não só o direito de pensar diferente dos católicos, mas a existência civil em um país onde foram excluídos de todos os ofícios e de todos os empregos.

Em uma palavra, ela julgou que chegara a hora de vencer ou morrer.

Uma vez que esse exército estivesse reunido e organizado, ela assumiria o comando e marcharia direto para Paris.

Esta foi a primeira ação do plano.

A segunda consistia em tentar um coup de main no próprio interior de Paris, que coincidiria com o aparecimento de Jeanne d'Albret nas alturas de Montmartre, de onde ela pretendia atacar.

Este coup de main foi o rapto do rei Carlos IX, que teria sido transportado para o campo dos reformadores.

Coligny, Condé, Henri de Béarn assumiriam a liderança, se estabeleceriam em Paris e preparariam o sequestro lá.

1345

Trezentos ou quatrocentos protestantes deveriam entrar na capital de Carlos IX, em pequenas tropas ou mesmo individualmente, e gradualmente ocupar todo o lado da cidade situado entre o Louvre e os fossos de Montmartre.

Esta foi a segunda ação do plano.

Aqui está o resultado dessas duas combinações:

Jeanne d'Albret apareceu sob os muros de Paris com um exército forte de cerca de quinze mil infantaria, dois mil cavalaria e vinte canhões. Para

um sinal dado por ela do alto de Montmartre, Henri de Béarn, seguido por Condé e Coligny, montados a cavalo; os quatrocentos huguenotes que chegaram se reuniram em torno dele; essa tropa atravessou a cidade sitiada e marchou até o portão de Montmartre, gritando aos parisienses que o rei Carlos IX estava no campo huguenote.

No mesmo momento, a Porte Montmartre teria sido atacada de fora.

Jeanne d'Albret pretendia assim entrar em Paris quase sem disparar um tiro, para se reunir com seu filho, 1346

marchando sobre o Louvre, e ali impondo suas condições a Catarina de Médici.

Este, em sua totalidade, é o plano do guerreiro. Podemos dizer que ele foi realmente inspirado pelo desespero, e é impossível afirmar que não teria conseguido.

Seja como for, vimos que esse plano teve um início de execução em Paris; Henri de Béarn, Condé e Coligny não hesitaram em entrar secretamente; lá eles estudaram a possibilidade de remover Carlos IX e procuraram conquistar para sua causa os católicos tolerantes que

estavam indignados com as perseguições e a má fé demonstrada por Catarina após a paz de Saint-Germain.

As coisas estavam lá quando Jeanne d'Albret recebeu uma carta que a perturbou muito e abalou suas resoluções.

A carta veio de Carlos IX e foi trazida a ele por um cavalheiro do rei.

Em essência, Carlos IX assegurou a rainha de Navarra de sua boa vontade, afirmou em 1347

desejo sincero de acabar para sempre com as lutas que sangravam o reino, e lhe deu um encontro em Blois para discutir as condições para uma paz duradoura e definitiva. Acrescentou que, verbalmente, lhe daria uma prova de sua sinceridade e uma garantia extraordinária. (Ele estava se referindo ao casamento de Henri de Béarn e Marguerite de France que, a conselho de sua mãe, ele queria propor à rainha de Navarra.)

Por alguns dias, Jeanne d'Albret, enquanto continuava ativamente seus preparativos, estava preocupada com esta carta.

Ela simplesmente disse ao enviado do rei que enviaria uma resposta.

Tal era a situação quando, na noite do décimo sexto dia após sua partida de Paris, o conde de Marillac chegou à vista de La Rochelle.

Seu coração batia forte com o pensamento de que ele veria a rainha lá novamente.

Mas devemos dizer que essa emoção veio acima de tudo das resoluções que ele tomou durante a viagem.

1348

O Conde tinha um verdadeiro culto a Jeanne d'Albret. Ele não apenas a amava como um filho cujo afeto nunca sofreu a menor alteração, mas a admirava, a considerava uma mente perfeita, e a ideia de incorrer em uma culpa dessa rainha era insuportável.

Agora, os dezesseis dias de estrada monótona que acabara de cumprir, passara se perguntando como a rainha de Navarra receberia sua ideia de casamento com Alice de Lux.

Quando pensou nisso, não viu que objeção a rainha poderia fazer a esse casamento.

Mas, pela primeira vez, sentiu aquelas vagas inquietações que parecem nos avisar de catástrofes que se aproximam e que são como arrepios na alma.

O que, de fato, era Alice de Lux?

Quem sabia exatamente?

De onde ela veio? O que ela veio fazer na corte de Jeanne d'Albret?

Até então, nenhuma dessas questões tinha 1349

claramente apresentado à sua mente. Ele amava, ou melhor, como explicamos, ele adorava Alice sem questioná-la, que é a própria essência da adoração.

Agora que se encontrava na presença de uma resolução precisa, precisava de argumentos precisos para o caso de Jeanne d'Albret o ter aconselhado contra o casamento.

Deve-se notar aqui que o Conde nunca questionou Alice. Ele teria pensado que a derrubaria do pedestal onde a colocara se lhe fizesse uma única pergunta sobre seu passado. O que de fato é uma pergunta senão a forma hipócrita de suspeita? E o que é suspeita, senão dúvida, isto é, basicamente, a convicção inconfessável de que a mulher amada é indigna –

inconfessável até o momento em que se afirma com violência, e quando não pode mais ser uma questão de amor, mas de vaidades feridas.

O conde de Marillac não era e não podia ser ciumento. Ele estava preocupado, só isso: preocupado não com o que pensaria de Alice; mas o que a rainha pensaria disso. O que ele sabia sobre Alice de 1350

Luxo?

Um dia, ele a encontrou não muito longe de seu carro quebrado, ali, nas montanhas de Béarn. Ele a tinha levado para a rainha. Alice havia dito que estava fugindo de Catarina de Médici. Aqui, em poucas palavras, está tudo o que se sabia sobre essa jovem.

Quanto à sua família, o Conde pouco se importava com eles. Alice era comum que ele pouco importava para ela. Alice, além disso, era de boa família.

Un de Lux havia ocupado, no início do reinado de Luís XII, um importante posto na Guiana. A jovem havia perdido o pai e a mãe cedo, e só lhe restavam vagos primos. A Rainha de Navarra não sabia mais.

Assim, o conde de Marillac foi violentamente agitado ao entrar na cidade de La Rochelle. Ele imediatamente perguntou sobre a casa onde a rainha estava hospedada.

Quando Marillac se viu na presença de Jeanne d'Albret, ele esqueceu todas as suas preocupações pessoais e teve um momento 1351

de alegria que brilhou em seus olhos. A rainha estendeu a mão para ele, que ele beijou com afeição apaixonada e não como um cortesão.

“Aí está você, então, minha querida criança,” disse a rainha suavemente, comovida. Espero que nenhum acontecimento infeliz o traga de volta entre nós...

- Não, senhora... pelo contrário.

Jeanne d'Albret fitou o conde por um momento com grave ternura. Uma pergunta estava em seus lábios, e ela hesitou em fazê-la. Atento aos pensamentos da rainha, Marillac entendeu e disse:

“Sua Majestade o Rei de Navarra está em perfeita saúde, Madame, e nenhum perigo o ameaçou quando deixei Paris. Direi o mesmo de Monsieur Almirante e Monsieur Príncipe.

"Meu filho mandou você?" perguntou a rainha, visivelmente aliviada de grande preocupação.

“Não, senhora”, disse Deodat. Fui enviado a você por Madame Catherine, que teve o cuidado de me credenciar a Vossa Majestade.

Ao mesmo tempo, ele tirou de seu gibão o 1352

carta de Catherine de' Medici e, ajoelhando-se, entregou-a a Jeanne d'Albret, e o conde de Marillac não se levantou até que Jeanne d'Albret tivesse lido a carta de Catherine de' Medici na íntegra.

"Então você viu a mãe do rei da França?" perguntou Joana.

“Eu a vi, madame, e aqui estão as estranhas circunstâncias.

Marillac fez um relato fiel e detalhado de sua entrevista com Catarina, em tudo o que dizia respeito às propostas de paz e casamento.

Ele listou as garantias oferecidas. A rainha ouviu com atenção extasiada, embora sua mente naquele momento estivesse em outro caminho.

“Conde,” ela disse quando Marillac terminou de falar, “vou instruí-lo a levar uma resposta para a rainha-mãe. Ao mesmo tempo, você levará uma carta para o rei Carlos IX. E, finalmente, darei-lhe cartas para o rei de Navarra e para o sr. de Coligny. Vou reflectir hoje e amanhã sobre as propostas que nos são feitas. Depois de amanhã, reunirei nossos 1353

Conselho, e deliberará sobre todas estas questões sérias. Você poderá, portanto, retornar a Paris em três dias. Até lá, descanse, meu filho, e fique perto de mim sempre que puder...

Marillac curvou-se profundamente, admirando a calma impassível com que a rainha havia recebido suas propostas extraordinárias, das quais dependia o destino de seu filho e de todos os protestantes do reino.

Jeanne d'Albret, com aquele sotaque de sensibilidade que tinha ao falar com quem amava, retomou:

"Por enquanto, vamos deixar a política e a guerra de lado e falar de você, meu caro conde...

Então, você viu a rainha Catherine?

Ela fez essa pergunta quase em voz baixa, com uma curiosidade ardente dominada e inspirada por um grande afeto. A contagem estava esperando esta pergunta! Ele entendeu o significado oculto das palavras da rainha, pois com um suspiro e um tremor repentino ele respondeu: 1354

– Sim, senhora, eu vi minha mãe...

Jeanne d'Albret não vacilou.

Ela esperava a resposta como Deodat esperava o pedido.

"Vi minha mãe", retomou Déodat, "e minha mãe reconheceu em mim o filho que ela havia abandonado...

- Você tem certeza disso? perguntou Jeanne d'Albret rapidamente.

“Vossa Majestade julgará isso. Minha mãe não disse uma palavra de afeto; minha mãe não fez um gesto que pudesse levar a supor que me reconhecia: minha mãe não tinha um olhar de pena de mim... Muito melhor, madame, eu disse à minha mãe que eu era uma criança abandonada; Contei-lhe de novo tudo o que havia sofrido, tudo o que ainda sofria!... Por um momento tive a louca esperança de arrancar um grito dele, minha mãe ouviu meu desespero explodir em palavras de amargura, e nem uma fibra estremeceu na cara dela... É tudo verdade, madame... e ainda assim digo que minha mãe...

O conde parou de tremer.

1355

"Coragem, meu filho", disse Jeanne d'Albret, "coragem e paciência!...

- Acabou, senhora. Não acho que a rainha Catherine seja para mim mais do que uma rainha inimiga. Mas isso me leva a falar sobre parte da entrevista que tive com ela.

Só falei com Vossa Majestade das propostas que a Rainha Mãe me instruiu a trazer a ela.

Mas, para mim também, ela fez uma proposta...

"Sua vez, Conde", gritou Jeanne, sobressaltando-se.

“Aqui está, senhora: eles ofereceriam a Sua Majestade Henri de Béarn o trono da Polônia, para que Navarra ficasse sem rei...

- E daí ? disse Jeanne d'Albret, que não pôde deixar de franzir a testa.

"Então, Majestade, se o rei seu filho concordasse em reinar sobre a Polônia, outro rei seria colocado no trono de Navarra... e este rei, madame... ah!

Mal me atrevo a repetir essas estranhas combinações para você... seria eu!...

Jeanne d'Albret permaneceu em silêncio e meditativa por um longo tempo.

1356

Sim ! como o conde havia dito, isso era de fato a prova absoluta de que Catarina de Médici reconhecera seu filho como Deodat... estava morto estava vivo, ela se comoveu, mas escondeu sua emoção com infinita arte desde que seu próprio filho se enganou. E, no entanto, essa emoção deve ter existido, profunda, já que Catarina, de enjeitada, sonhava em fazer um rei!...

Quanto à possibilidade de Henri de Béarn ir ocupar o trono da Polônia, ela resolveu não pensar nisso nem por um momento. Certamente, a Polônia era um belo reino. Mas Jeanne d'Albret, de coração Navarra, não teria abandonado seu país nem mesmo pelo trono da França.

E quanto ao próprio Henrique, apesar de sua extrema juventude, ela suspeitava que ele tivesse maiores ambições e, talvez, no fundo de seus pensamentos, nos recessos mais secretos de sua consciência, ela vislumbrou a possibilidade de que um 1357

dia o rei da França era um Bourbon e que ele carregava este duplo título:

Rei da França e Navarra...

Mas o que mais a impressionou, o que ela lembrava, era que tal combinação poderia ter sido oferecida pela própria Catarina de Médici. Ela tirou duas conclusões:

A primeira é que Catarina de Médici amava o conde de Marillac, seu filho, o suficiente para querer fazê-lo rei. A segunda é que ela foi necessariamente sincera em suas propostas de paz aos huguenotes, pois o futuro e a felicidade desse filho dependiam dessa paz.

Tais eram os pensamentos da rainha de Navarra naquele dia, pensamentos que teriam consequências formidáveis, pois forçaram Joana d'Albret a ir para Blois, depois para Paris, e aceitar o casamento de seu filho Henri com Marguerite. , irmã de Carlos IX.

Tendo fixado em sua mente o que deveria pensar da estranha combinação de Catherine, Jeanne perguntou:

1358

"O que você acha, conde, dessa realeza que eles estão oferecendo a você?

“Acho, senhora”, respondeu o conde de Marillac sem hesitar, “que dei outro rumo à minha vida. Não estou falando das dificuldades políticas que haveria para realizar esse sonho de minha mãe. Só estou dizendo que me sinto incapaz de governar. Não sou do tamanho de um rei. Busco a felicidade na vida. Ainda não o encontrei, e não acho que o encontrarei em um trono. Isso é sobre mim. Acrescento que não contemplaria sem uma espécie de horror a necessidade de me instalar na casa do meu rei, da minha rainha.

O conde se comoveu violentamente ao pronunciar essas palavras.

“Madame”, acrescentou, “ousei falar de felicidade, eu que até agora você viu em desespero... Existe, então, uma felicidade possível para mim?... ao qual me agarraria como um afogado ao seu galho?... Ah! senhora, chegou a hora de lhe contar todos os meus pensamentos, de falar ao seu coração 1359

aberto, como ao único que demonstrou algum interesse em mim.

"Fala, meu filho", disse Jeanne d'Albret. E lembre-se que eu te escuto como mãe, não como rainha...

“Eu sei, madame, e é isso que me dá a coragem necessária. Em uma palavra, senhora, em uma palavra, que fará você entender por que ouso falar de felicidade, eu, o abandonado, eu, o maldito, eu, filho de uma rainha a quem oferecemos um trono e a quem fazemos não não a esmola de um sorriso.

"Bem, Conde?...

“Bem, senhora, eu adoro isso!...

O rosto de Jeanne d'Albret se iluminou. Neste coração verdadeiramente maternal, há muito se tinha a convicção de que só um grande amor poderia salvar o infeliz jovem do desespero.

– Ah! meu filho, ela gritou, eu te juro que se você ama profundamente, lealmente, como seu nobre coração é capaz de amar, você está salvo!...

1360

“Sim, senhora, salvo! Deodat disse com a voz trêmula de emoção. Salvos, porque uma vez, quando pensei na minha desgraça, a morte me apareceu como a única solução possível...

- E agora ? disse Jeanne, sorrindo com seu sorriso gentil e encorajador.

“Agora, senhora, sinto a felicidade de viver... porque vivo e quero viver para ela...

- Querida criança! Se você soubesse como sou feliz... Porque se você ama, é porque você deve ser amado... como você merece...

– Eu acho... Sim, tenho certeza que ela me ama tanto quanto eu a amo...

“De fato,” disse a rainha suavemente, “é uma grande felicidade que veio para você, minha filha. Ser amada por uma mulher digna de amor, que será a boa companheira de sua vida, o consolador das horas escuras, o raio de sol nos dias felizes, foi isso que eu desejei do fundo do meu coração. Eu te vi tão triste... mas vamos lá, você não me 1361

ainda não disse o nome do seu escolhido...

Marilac estremeceu. Uma inquietação inexplicável tomou conta dele. Aquelas ansiedades enfadonhas que o perseguiram durante a viagem voltaram para assaltá-lo.

"Você a conhece, madame", disse ele com voz trêmula. Ela estava tão infeliz quanto eu. Como eu, ela encontrou em Vossa Majestade um asilo de doçura e bondade. Fraco, sem amparo, fugindo da perseguição, sozinho no mundo, você a acolheu com aquela inesgotável generosidade de alma que faz o mundo te amar ainda mais do que admirará em você o guerreiro de gênio...

– Alice de Lux! resmungou a Rainha de Navarra em tom aborrecido.

“Você disse isso, senhora! perguntou Marillac, lançando um olhar de ardente curiosidade sobre a rainha para surpreender seus pensamentos.

Mas a rainha já se tornara impenetrável.

Sim, Jeanne d'Albret realmente possuía aquela nobre generosidade de alma da qual o conde veio de 1362

conversa. Sim, era uma mente superior, pois sabia conter o grito de espanto doloroso que estava prestes a explodir em seus lábios, pois podia vislumbrar em um instante o dilema que se apresentava muito claramente à sua consciência: calar ou não? em Alice de Lux e assim entregar o conde a um intrigante. Ou revelar o que ela sabia dessa garota e mergulhar o jovem em um desespero incurável.

“Você não me diz nada, Madame”, retomou Marillac, bastante pálido. Obrigado, o que você acha?...

Em sua angústia, a rainha de repente encontrou um pretexto para não responder imediatamente, e disse sem severidade:

“Você deve estar muito preocupado, Conde; pela primeira vez, você está questionando sua rainha!

– Ah! Perdoe-me, madame, balbuciou o conde, curvando-se tanto que parecia que ia ajoelhar-se.

Este momento de descanso foi suficiente para Jeanne d'Albret.

"Você está perdoado, meu filho", disse ela. E 1363

além disso, eu mesmo esqueci tantas vezes a etiqueta ao falar com você que você pode muito bem esquecê-la uma vez... Então você me pergunta o que eu acho de Alice de Lux, não é?

"Eu imploro, Majestade...

“Bem, acho que não agora. Eu não a conheço muito bem. Falei com ele uma dúzia de vezes ao todo.

O conde compreendeu que a rainha estava perturbada.

Por que ela estava hesitando? Ela, a franqueza encarnada.

Um estremecimento o sacudiu.

“Madame”, exclamou ele, correndo o risco de parecer esquecer todo o decoro, “é uma questão que ainda está em meus lábios. Ah!

perdoe, peço-lhe com graça... É necessário, é necessário que eu conheça todo o seu pensamento... Atrevo-me a perguntar a Vossa Majestade se não tem nada em mente contra o que escolhi como minha noiva... A uma única palavra será suficiente para mim... Uma palavra da minha rainha me dirá se as ansiedades sem sentido subindo do meu coração ao meu cérebro são 1364

justificados ou se são apenas o delírio de uma alma doente...

Jeanne d'Albret baixou a cabeça. O Conde estava lhe pedindo uma verdade terrível – ou uma mentira.

“Madame”, continuou ele com mais ardor, “se Vossa Majestade não me responde, é porque está condenando minha noiva...

"Não tenho nada contra Alice de Lux", disse Jeanne d'Albret.

Mas essa mentira foi contada em voz tão baixa que Marillac, mais do que nunca, pressentiu a catástrofe que esperava, por assim dizer. Ele se levantou, pronto para lutar, pronto para arrebatar o segredo da rainha. E lívido, ele pronunciou:

“O que estou prestes a dizer talvez seja um sacrilégio.

É, sem dúvida, um crime de lesa-majestade. Eu me amaldiçoo, madame, mas cometo o crime, mesmo que tivesse que me esfaquear agora mesmo por ter ousado suspeitar de sua palavra sagrada...

Ele caiu de joelhos.

“Madame”, ele terminou, “tenha piedade de um 1365

miserável que te carrega no coração, que só tem você no mundo, para quem você é família, amizade, carinho, tudo!... Senhora, sua palavra não me basta... é um juramento que devo ... Jura-me que acabaste de dizer a verdade!...

Jeanne d'Albret permaneceu em silêncio. Nunca tal emoção o fez estremecer. Ela havia prometido a si mesma pesar os prós e os contras, para descobrir como poderia salvar a conta desse amor! ela tinha a profunda convicção de que Alice não gostava nada de Deodat e que estava fazendo uma comédia horrível em nome de Catherine. Ela queria estudar este terrível problema completamente.

E agora a paixão transbordante do jovem infeliz não lhe dava nem tempo para respirar. Era preciso responder imediatamente... responder com juramento! E ela viu Deodat tão perfeitamente, tão profundamente apaixonado por Alice que uma palavra de verdade o mataria com mais certeza do que uma bala no coração.

– Conde, disse ela com irresistível firmeza, 1366

levante-se e me escute.

O conde se levantou, cambaleando. Ele estava como bêbado. Um fio de suor frio escorreu por sua testa.

“Conde de Marillac”, retomou a rainha, com o mesmo tom de autoridade soberana, “vou dar-lhe uma prova de afeição tal que só meu filho poderia esperar algo semelhante de mim... Não posso lhe responder. .. Não posso fazer o juramento que você me pede antes de ver Alice de Lux... Vou vê-la, vou falar com ela, e então, minha filha, vou te responder... só então! Até lá, ordeno que mantenham suas mentes em repouso. Até lá, você não tem o direito de supor que tenho a sombra de um pensamento ruim contra ela... O que posso lhe repetir é que não conheço essa jovem e que te amo o suficiente para querer conhecê-la antes. dizendo se ela é ou não digna do seu amor...

Um soluço rouco quebrou na garganta do jovem.

E, no entanto, ele estava muito feliz com esse atraso imposto a ele pela rainha.

1367

"Onde está Alice de Lux?" perguntou a rainha.

“Em Paris”, respondeu o conde numa voz quase ininteligível. Rua do Machado. A casa da porta verde, perto da nova torre...

"Que bom", disse Jeanne d'Albret, "amanhã partirei para Paris...

- Sra ! gaguejou o conde com uma angústia pungente.

“Partiremos juntos”, retomou a rainha.

Você assumirá o comando da minha escolta. Vamos, Conde... prepare-se para vir comigo...

O jovem saiu cambaleando... Lá fora, respirou fundo, parou por alguns minutos...

"Mas," ele rugiu para si mesmo, "então há uma verdade sobre Alice?" Algo que eu não sei? De onde vem essa crença? Quem me autoriza a supor essas loucuras? Vamos, o que aconteceu? Nada?... A rainha não conhece Alice e não pode comentar sobre ela; é bem simples. Mas eu a conheço!...

E ai de quem estiver na minha frente que suspeite dela. »

1368

Ele lançou olhares sangrentos ao seu redor.

Quem quer que tivesse brigado com ele naquele momento teria sido um homem morto.

"Não há nada", ele repetiu para si mesmo. Não pode haver nada. »

Ao mesmo tempo, enraizou-se nele a convicção de que havia “algo”. E foi o medo de aprender isso mais do que o de desagradar a rainha que o decidiu ir embora.

'O que é estranho', ele continuou a pensar enquanto caminhava, 'é que os dois únicos amigos com quem falei sobre ela tinham reservas misteriosas.

Aqui está Pardaillan, por exemplo. Ele não a conhecia. Eu o levo para casa. Eu pergunto a ele o que ele pensa sobre isso. E ele parece envergonhado para mim...

Por quê?... Ele me disse exatamente: "Quem sabe se ela não sabe coisas que você não sabe?" " Quais coisas ? Alice teria segredos para mim? Que segredos?... Em seguida vem a rainha. Aí a dúvida cresce. A rainha diz que não conhece a minha noiva o suficiente. Talvez seja uma maneira de me dizer que ela é o 1369

sabe demais... Pardaillan e a rainha sabem, ou pelo menos adivinhem o que eu não sei, o que eu não adivinho... Mas o quê? Quem é esse ? Do que você pode culpá-lo?..."

Assim, este infeliz atormentou-se e lutou em vão contra a dúvida. Começou a gritar para si mesmo:

“Eu não quero suspeitar dela! Vou matar a rainha, se a rainha o acusar! Vou matar Pardaillan, se Pardaillan o acusar! Ela é pura! Ela me ama !

E eu a amo ! Eu quero amá-la!...”

Nas almas generosas, a revolta contra a dúvida toma essas formas violentas e vãs.

Na mente de Marillac, a atitude de Pardaillan e da rainha tornou-se uma daquelas provas que não sabem o que devem provar, mas que são provas ainda mais terríveis.

Voltou, ferido ainda mais pelo cansaço moral do que pelo cansaço físico, à estalagem onde ficara e dormiu algumas horas de um sono pesado.

Quando se apresentou à Rainha de Navarra, 1370

o último podia julgar os estragos que haviam sido forjados na mente de Marillac. Suas feições se endureceram. Seu discurso tornou-se curto e rouco.

“O que será dele quando descobrir! pensou a rainha. E ele deve saber?..."

Ela cuidadosamente evitou falar sobre Alice e deu as instruções ao conde para que pudéssemos sair no mesmo dia.

“Nós vamos para Blois,” ela disse, terminando.

Já que Charles me marca um encontro nesta cidade, não quero fugir do sermão que ele está me dando. Devo a mim e a todo o nosso povo esgotar os meios pacíficos antes de recorrer a uma última guerra que, desta vez, seria impiedosa... o resultado da conferência. Nós iremos oficialmente se a paz for feita, iremos secretamente se não...

O conde curvou-se sem responder e saiu para ocupar-se com atividade febril nos preparativos da partida.

1371

Três horas depois, Jeanne d'Albret partiu para Blois, com uma escolta de cem huguenotes comandados pelo conde de Marillac.

Na mesma época, o rei Carlos IX e Catarina de Médicis deixaram Paris para ir também a Blois, onde Henri de Béarn, Coligny, Condé e d'Andelot, avisados por um cavaleiro, seguiram seu próprio caminho.

1372

XLVI

O espanto de Gilles e Gillot

Quando Carlos IX deixou Paris para ir a Blois, notou, não sem desagrado, que sua escolta incluía os senhores católicos mais enfurecidos contra os huguenotes. Apontou isso para a rainha-mãe, que, com seu jeito mais natural, respondeu que isso dava prova de boa vontade a Joana d'Albret, pois as conferências pela paz teriam como testemunhas aqueles que pareciam mais ligados à guerra. .

Entre esse número estava o Duque de Guise, mais brilhante, mais sorridente do que nunca. O marechal de Damville também fazia parte da escolta real.

Um dia antes da partida, Henrique chamou seu mordomo – sua maldita alma – o Sieur Gilles e teve uma longa conversa com ele sobre o 1373.

prisioneiros da rue de la Hache.

"Você vai me responder de cabeça", concluiu o marechal. Em pouco tempo, muitas coisas serão organizadas. E então o rei fará um pouco o que eu quero. Meu irmão fanfarrão vai apodrecer em alguma Bastilha. Até lá, cuidado e vigiar noite e dia.

Gilles jurou que o marechal encontraria os prisioneiros em seu retorno, onde os havia deixado.

"A propósito," Damville adicionou negligentemente, "há um cadáver no porão do meu hotel do qual seria bom se livrar.

"O cadáver do espadachim enfurecido", disse Gilles.

É muito simples, senhor. Vamos tirá-lo de lá numa noite escura e entregá-lo ao Sena.

O marechal assentiu.

Como resultado, poucos dias depois de a corte partir para as conferências de Blois, mestre Gilles chamou seu sobrinho Gillot que, desde a morte do terrível Pardaillan, havia tirado o gorro de algodão com o qual costumava cobrir seu 1374

ouvidos, e que novamente se tornaram alegres e jocosos.

"Gillot", disse gravemente o intendente, "vamos fazer um trabalho importante esta noite.

Trabalho desagradável, certamente, e no qual não penso sem alguma apreensão. Mas enfim, tem que ser! Trata-se de nos transformar em coveiros.

Gillot fez uma careta.

"Você entende, meu amigo, vamos livrar os porões do Hôtel de Mesmes do cadáver que está apodrecendo lá.

O semblante de Gillot clareou instantaneamente.

- Perdão! ele disse, se é apenas uma questão de enterrar o maldito Pardaillan, eu sou o seu homem, e vou bancar o coveiro com alegria!

- Vamos lá o mais rápido possível. Nós levaremos o homem; vamos colocá-lo em alguma carroça; e nós o levaremos para Port Saint-Paul, onde o jogaremos na água, em vez de nos dar ao trabalho de cavar um buraco.

Gillot aplaudiu este projeto, e seu tio o viu afiar uma faca com surpresa.

1375

"Por que esta faca?" perguntou o intendente de Damville.

Gillot se endireitou e parecia extremamente feroz.

"É", disse ele, "para cortar as orelhas dela."

- De quem ?

– No Pardaillan, então!

"Você quer cortar as orelhas deste cadáver?" perguntou o tio estupefato.

- Sim Da? Assim, o canalha será punido pelo medo que me causou ao jurar-me que os cortaria para mim.

O velho Gilles caiu na gargalhada. Este sujeito ria às vezes. Mas para excitar sua hilaridade, ele precisava de uma daquelas boas piadas extraordinárias como a que seu digno sobrinho estava preparando.

"Não vejo o que pode fazer você rir do medo que eu tive", disse Gillot, irritado.

– Tolo, eu rio da cara que o maldito Pardaillan vai ter sem orelhas!

1376

- A caminho ! disse o tio quando a faca parecia bastante afiada.

- A caminho ! repetiu o sobrinho, brandindo sua arma. Deixe-o vir agora!

Então Gilles cingiu uma pesada espada que havia tirado da panóplia de seu mestre. Colocou duas pistolas no cinto e substituiu o boné por um capacete.

Então eles saíram. No galpão da casa, havia uma pequena carroça. Gillot atrelou um burro à carroça: era para transportar o cadáver para o Sena.

“Pegue uma corda também”, ordenou o tio.

Vamos prendê-lo ao pescoço dele com uma boa pedra...

Terminados os preparativos, eles partiram, o tio andando na frente, a espada numa mão, a lanterna na outra, o sobrinho vindo atrás, arrastando o burro pelo freio. Chegaram em segurança ao Hotel de Mesmes, levaram o burro e a carroça para o pátio, barricaram a porta e foram direto para o escritório, onde, com um grande 1377

copo de vinho, eles se recuperaram de suas emoções.

Chegara a hora de executar a segunda parte da expedição. A meia-noite atingiu o Templo próximo. Gillot benzeu-se e Gilles pegou as chaves do porão. Diante da porta do porão, eles pararam por um momento. Então o mordomo empurrou os ferrolhos externos, girou a chave duas vezes e a porta se abriu entreaberta. Gilles deu um passo para trás, segurando o nariz.

"Como ele cheira!" ele disse.

- Senhora ! disse Gillot, por um tempo... É verdade que ele cheira forte!

E o sobrinho, por sua vez, tapou o nariz.

O mordomo abriu a porta com um chute.

Mas ela resistiu.

- O que isso significa ? murmurou Gillot, que deu três passos para trás.

- Imbecil! disse Gilles, isso significa que ele se barricou quando eles o perseguiram e o caçaram.

Ora, trata-se de demolir tudo isso!

O trabalho de demolição começou imediatamente. Passando o braço pela abertura do 1378

porta, Gilles conseguiu, não sem esforço, derrubar uma ou duas tábuas; o resto desmoronou mais facilmente, e depois de uma hora de trabalho a passagem estava livre, a porta escancarada, eles desceram as escadas. Gilles ainda à frente, com a lanterna na mão. Além disso, ele estava tão seguro agora que tinha que lidar apenas com um cadáver, que desdenhava descer com a espada. Gillot o seguiu passo a passo, faca na mão.

- Sacrifício! ele disse; é a esta hora que suas orelhas vão ser cortadas... Mas onde ele pode estar?

"Nós vamos encontrá-lo", disse Gilles. O cheiro nos guia bastante!

- É verdade ! perguntou Gillot, que mais uma vez achou que precisava tapar o nariz.

A adega era vasta e consistia em vários compartimentos; havia cantos e fendas, buracos escuros atrás de barris; começou a exploração...

- Aqui está ! exclamou Gillot de minuto em 1379

minuto.

Mas nunca foi Pardaillan – vivo ou morto. Em um canto do terceiro compartimento, Gilles de repente se abaixou com um grito abafado:

- Ossos! ele chorou.

- Os ratos o roeram! disse Gillot amargamente, percebendo que sua vingança estava escapando dele.

"Mas estes não são os ossos de um homem, tolo!...

Os ossos estudados, os dois visitantes noturnos se entreolharam com espanto.

“Ossos de presunto”, disse o tio.

- Garrafas vazias! acrescentou o sobrinho, apontando não muito longe dali para uma montanha de frascos decapitados.

– O desgraçado, antes de morrer, comia bem e bebia bem!...

- Vingança ! conclui Gillot, brandindo sua faca.

A busca recomeçou mais ferozmente. Depois de duas horas, a adega havia sido explorada 1380

mesmo em seus recantos mais escondidos: era evidente que o cadáver de Pardaillan não estava mais lá.

“Isso é estranho,” murmurou Gilles.

“Volto ao que disse”, disse Gillot: “os ratos só comeram, nem deixaram os ossos.

- Imbecil! disse o tio.

Era sua palavra favorita ao falar com seu sobrinho. No entanto, ele foi forçado a aceitar a explicação de Gillot. De fato, uma nova busca não teve resultado e, por outro lado, era certo que Pardaillan não conseguira escapar; a porta barricada lá dentro, o único ventilador que permanecia intacto, eram a prova absoluta de que o canalha não conseguira sair.

“Afinal de contas”, disse ele, “nos poupará o trabalho de ir até o Sena.

“Mesmo assim”, disse Gillot, “não consegui cortar suas orelhas; é um último truque de sua maneira que ele está jogando comigo.

Não tendo mais nada para fazer no porão, tio 1381

e o sobrinho voltou a subir as escadas. Ao pôr o pé no primeiro degrau, Gilles, que ainda caminhava na frente, ergueu mecanicamente os olhos para a porta que havia escancarado e deu um grito terrível: esta porta estava fechada.

Em alguns saltos, ele a alcançou, impulsionado pela esperança de que talvez ele mesmo a tivesse empurrado inadvertidamente. E lá, ele notou que não só estava empurrado, mas também que estava trancado!... Alguém lá fora havia girado a chave enquanto eles estavam ocupados procurando o corpo... Mas quem!...

- O que está acontecendo ? perguntou Gillot, que vinha por sua vez.

- O que está acontecendo ! gritou Gilles. Estamos presos!... Um ladrão, um bandido, um demônio entrou no hotel e nos emparedou aqui!...

Nós vamos morrer lá como os outros!...

Gillot permaneceu atordoado, sacudido por um tremor convulsivo... Nesse momento, uma gargalhada estridente soou atrás da porta fechada.

"Gillot!" gritou uma voz zombeteira, eu vou ter seus dois ouvidos!

E o cabelo de Gillot ficou em pé! Porque essa voz, ele a reconheceu! Aquela voz era a voz dos mortos! Era a voz de Pardaillan!...

Tio e sobrinho rolaram escada abaixo num terror sem sentido e caíram um em cima do outro, desmaiando...

Era o velho Pardaillan quem acabara de soltar aquela gargalhada e ameaçar o infeliz Gillot. Nós o deixamos quando, não tendo mais do que um presunto para todas as suas provisões, ele olhava com horror para a tortura da fome como o fim fatal de sua carreira de aventuras. Esgotado este último presunto, quando, depois de vasculhar a adega pela centésima vez em todas as direções, Pardaillan estava bem convencido de que não lhe restava outra coisa senão morrer, tomou uma decisão:

“Ele se sustentaria com vinho enquanto pudesse. E quando os sofrimentos da fome se tornassem prementes, quando essa vaga esperança

ser salvo que estava enraizado em sua mente desapareceria, bem! escaparia à tortura pelo suicídio: com um golpe de sua boa espada, acabaria com isso. »

Pardaillan, portanto, esperou com aquela serenidade que vem das resoluções definitivas. Deitado perto de sua pilha de garrafas, ele provavelmente não comia há várias horas e se perguntava se não seria melhor se matar imediatamente. De repente, ele pensou ter ouvido um barulho atrás da porta. Levantou-se de um salto, aproximou-se, ofegante, das escadas, e escutou...

E o que ele ouviu lhe causou tanta alegria que ele mal pôde conter um grito. O que ele ouviu foi a conversa entre Gilles e Gillot, que compartilharam suas impressões.

Pardaillan sacou sua adaga e parou na base das barricadas que havia erguido. A demolição durou bastante tempo, como vimos e à força de ouvir os dois demolidores, o velho guerreiro da estrada mudou de ideia. Ele se escondeu em um canto ao pé da escada, Gilles e Gillot passaram perto dele.

1384

Ele esperou até que estivessem bem longe do porão. Então ele só teve que voltar para cima e silenciosamente fechou a porta. Seu primeiro movimento foi então fugir e colocar a maior distância possível entre ele e este porão que quase se tornou seu túmulo. Mas logo que se convenceu de que o hotel estava completamente deserto, a curiosidade tomou conta dele para saber o que diriam os dois coveiros improvisados que, em suma, tinham tudo o que era necessário para enterrar adequadamente um morto ou jogá-lo na água -

tudo menos o cadáver.

Ele finalmente ouviu o tio e o sobrinho se aproximarem da porta, uma vez que a busca terminou. E, satisfeito com a despedida que os lançou em forma de gargalhada e ameaça, partiu.

“Não importa”, disse ele, “aqui estão dois imbecis que devem estar muito surpresos!...

1385

XLVII

Assombro de Pardaillan e de Pardaillan Jr. O velho caminhoneiro, embora morasse pouco tempo no hotel, no entanto o conhecia de dentro para fora. Era um hábito inveterado para ele estudar cuidadosamente as localidades onde ele deveria ficar. Devolvido à liberdade pela prestidigitação que acabamos de testemunhar, ele foi diretamente à despensa e acendeu uma tocha. Então ele visitou os armários e começou a se confortar com alguns alimentos esquecidos. Depois procurou as chaves dos vários apartamentos e, encontrando-as, com o maço numa mão, a lanterna na outra, começou a visitar o hotel.

Qual propósito ? O que ele estava procurando?

Pardaillan, certo ou errado, imaginou que tinha direito a alguma compensação e assim foi
1386

que, alegre, assobiando uma melodia de caça, chegou a uma grande sala onde, entre outros ornamentos requintados, havia um grande espelho. Ele aproveitou a oportunidade para se inspecionar da cabeça aos pés e descobriu que era assustador. Ele não tinha chapéu, suas roupas estavam em farrapos, manchadas de lama, sangue e vinho. Ele não tinha mais uma espada. Além disso, seus ferimentos estavam todos fechados e, exceto por uma cicatriz

avermelhada no nariz, seu rosto estava praticamente intacto – um pouco pálido, por exemplo.

“Procedamos com ordem e método”, disse Pardaillan.

Imediatamente ele entrou no quarto do marechal, ele viu um armário alto, nobre e barrigudo no qual ele tentou todas as chaves em vão. Ao se divertir vasculhando a fechadura com a ponta de sua adaga, acaba explodindo-a.

- Aqui ! ele disse, aqui está a abertura do armário!

Estava cheio de roupas e roupas. O velho caminhoneiro assobiou com admiração. Ele então procedeu a um banheiro completo do qual ele tinha 1387

a maior necessidade.

Num quarto de um dos oficiais do marechal, encontrou uma couraça de couro amarelo que vestiu imediatamente. Em outro, ele encontrou um novo par de botas altas e elas se encaixavam perfeitamente nele.

Em outro lugar, ele pegou um chapéu preto de penas, que parecia muito bom. Finalmente, uma panóplia do grande salão, ele pegou a melhor e mais forte espada que pôde encontrar.

Continuando sua pesquisa, ele chegou a um armário remoto, onde parou diante de um baú armado com três fechaduras. Depois de uma hora de trabalho, as três fechaduras saltaram.

Pardaillan abriu o baú e ficou deslumbrado: estava cheio de ouro e prata; havia um tesouro ali. O velho caminhoneiro coçou o nariz, envergonhado, preocupado, sentindo-se.

“Vamos,” ele disse, “eu não sou um vigarista. Portanto, não vou tirar este ouro que pertence ao Sr. de Damville. Muito bem. Mas o Sr. de Damville me deve uma indenização de guerra. Trata-se de estimar essa indenização sem ferir nenhum interesse, 1388

nem meu nem dele. Minhas roupas estavam rasgadas; é verdade que acabei de substituí-los, mas eu queria o meu! Esses me incomodam...

Vamos ser um bom príncipe, e contar apenas cem libras para o embaraço. Vamos colocar cada uma das minhas feridas em dez libras cada. Ei? Muito caro ?

Não, minha fé. Recebi dez feridas, o que dá um total de cem libras, com as cem anteriores, temos duzentas... Hum! isso é tudo mesmo?... E a emoção que senti!

Vamos colocar a emoção em mil e oitocentas libras e não falar mais sobre isso; acrescentemos, no entanto, mil libras por ter me alimentado exclusivamente com presunto, o que me obrigará a pagar um médico para o tratamento do meu estômago. Total: três mil libras, se eu sei contar.

Enquanto falava assim, o velho Pardaillan puxou do baú. Depois de forrar o cinto de couro com as três mil libras que havia contado em moedas de ouro para ser menos sobrecarregado, fechou cuidadosamente o baú, depois o armário, depois todos os cômodos que abrira. E assim, vestido de nove da cabeça aos pés, uma boa espada ao seu lado, o cinto
1389

mobiliado, dirigiu-se a passos leves em direção à porta principal do hotel, que atravessou no momento em que o sol estava nascendo.

- É divertido ver claramente, ele refletiu.

Deus da morte! Parece-me que ainda estou na casa dos quarenta!

É fato que, ao vê-lo andando, o chapéu na orelha, a mão no punho da espada, seria de se pensar que ele tinha vinte anos.

"Agora", ele continuou, "o que aconteceu desde que fui jogado naquele porão?" Por que o Hôtel de Mesmes está completamente deserto? Onde está o marechal? O que aconteceu com meu filho?

Ele foi ao Auberge de la *Devinière* , onde interrogou Maître Landry, que lhe disse que a corte estava em Blois e que se falava de uma grande reconciliação entre católicos e huguenotes.

“Mas”, acrescentou o digno estalajadeiro, “permita-me, senhor, parabenizá-lo pelo bem que está acontecendo com você; Vejo, pelo traje soberbo que você está vestindo, que seu negócio está indo bem.

1390

“De fato, mestre Landry; Acabei de fazer uma pequena viagem... a propósito, quanto tempo durou minha viagem?...

"Senhora, senhor, faz quase dois meses que você veio aqui, o dia em que você me deu a honra de jantar e depois ferir aquele cavalheiro de Aspremont...

- Dois meses ! como o tempo passa! (Valia pelo menos mil libras a mais, pensou o velho caminhoneiro.) Bem! meu caro anfitrião, como eu lhe disse, esta pequena viagem me enriqueceu, o que me permitirá acertar essa velha conta que temos juntos.

– Ah! monsieur, exclamou Landry no êxtase de sua alma, eu sempre disse que você era um homem perfeitamente galante.

"Então, vamos ver quanto devo a você", disse Pardaillan, que mecanicamente olhou para a rua.

"Você me deve", começou Landry, "você me deve...

– Ah! miserável! o velho de repente chorou 1391

estrada. Você vai pagar caro por sua traição!

Landry ficou estupefato, a boca aberta, os olhos arregalados de surpresa, enquanto Pardaillan, afastando a mesa em que estava sentado, corria para fora como um louco. Em alguns momentos, ele havia desaparecido na esquina da primeira rua.

- Vamos lá ! pensou o estalajadeiro melancólico, não é desta vez!

O que aconteceu com Pardaillan? Ele tinha visto Orthès d'Aspremont passar diante de La *Devinière* , a quem, não sem razão, atribuiu sua disputa com o marechal. E ele correu para a frente, resolvido a matá-lo.

Foi d'Aspremont quem passou, de fato, sua lesão não lhe permitiu seguir Damville. Infelizmente, parece que d'Aspremont estava com pressa; pois caminhava rapidamente e, quando Pardaillan chegou à esquina onde o vira virar, seu adversário havia desaparecido. O velho caminhoneiro visitou em vão todos os arredores. Quando se convenceu de que d'Aspremont lhe escapou desta vez, teve 1392

completamente esquecido Mestre Grégoire e seu crédito. Tão resmungando, ele pegou a estrada para o Hotel de Montmorency.

"Desde que nada tenha acontecido com o cavaleiro!"

ele pensou. Esses Montmorencys são uma raça ruim. Acabei de ter mais uma prova disso com Henri. François está melhor?... Duvido.

Ao contrário de sua expectativa, o velho Pardaillan encontrou seu filho no Hotel Montmorency, que o abraçou emocionado.

"O que aconteceu com você, pai?" perguntou o cavaleiro depois das primeiras efusões.

- Eu vou te contar sobre isso. Eu percorri um longo caminho.

Mas você, meu caro cavaleiro, o que aconteceu com você?

"Para mim, senhor?... mas nada que eu saiba."

– No entanto, você parece um monge que, por acaso, realmente teve a Quaresma. Você está pálido, você está triste...

“Conte-me a sua história, pai”, disse o cavaleiro, “depois lhe contarei a minha.

O velho caminhoneiro não precisou ser perguntado e contou sua aventura ponto por ponto.

"Então", disse o chevalier, rindo, "que Gilles e Gillot estão agora em seu lugar?"

– Com esta diferença que se eu me alimentei dos presuntos de que me falou, eles ficarão reduzidos a se alimentar dos ossos que lhes deixei.

“Mas devemos libertar esses pobres diabos, meu pai.

- Então, você está louco? Entregue Gilles! Para que ele vá direto contar a coisa para Damville.

Então você quer que eu me perca? Damville pensa que estou morto. Eu quero que ele mantenha essa crença o maior tempo possível. Porque é quando ele sabe que estou viva que é mais provável que eu morra em breve. Esse Gilles é um desgraçado, e seu sobrinho é um patife que quis cortar minhas orelhas; mas sou eu que terei o dele!

O cavaleiro não pôde deixar de rir.

“E agora,” retomou seu pai, “sua vez, cavaleiro. Esvazie sua bolsa...

1394

“Padre, você sabe muito bem o que me entristece.

– Ah! sim... as duas donzelas em questão.

Eles, portanto, não são encontrados?

– Ai! O marechal de Montmorency e eu vasculhamos toda Paris em vão, então quis deixar o marechal e, não vendo mais você, parti de Paris em uma aventura. Mas ele parecia tão arrependido da minha resolução que fiquei mais alguns dias... Nenhum de nós tinha mais esperança...

– Pelo Deus-morte! Por Pilatos! Por Barrabás! Pelos chifres do diabo!

Essas exclamações violentas escaparam em rápida sucessão do velho caminhoneiro, que as gritou, pontuando-as com socos na mesa.

“O que está acontecendo com você, meu pai?” exclamou o cavaleiro atordoado.

- Eu encontrei ! rugiu o velho Pardaillan.

- O que ! O que você achou!...

- Onde eles estão? ou melhor, o meio de conhecê-lo, o que dá no mesmo!

1395

O cavaleiro ficou muito pálido.

“Padre”, disse ele, “cuidado para não me dar uma falsa alegria que me mataria!

– Digo-te que o encontrei, corbacque! Ah, por que você está tremendo assim? Ah! sim, você ama a pequena Loïse, eu sempre a esqueço, me parece tão extravagante que um homem honesto como você possa se envolver em tais sentimentos... Ei! morbleu, case com ela, no final!

Você quer meu consentimento, bem, você tem!...

"Você está brincando comigo, pai.

- Eu ! Eu quero que o diabo arranque minha língua se essa língua zombar de você! Estou falando sério com você, cavaleiro. Sim, entendo sua surpresa. Eu sei muito bem que sempre preguei para você ter cuidado com as mulheres... Mas o que você quer! Como não há como fazer você voltar a pensamentos mais razoáveis, tenho que concordar com sua loucura... Então você vai se casar com Loïse, Loïson, Loïsette...

"Padre", disse o cavaleiro com voz trêmula, "não pode haver dúvida disso...

1396

Você esquece que Loïse é filha de François de Montmorency!

- Nós iremos ! exclamou o velho caminhoneiro estupefato.

– Como você pode conceber que a filha do mais ilustre senhor da França possa se casar com um mendigo como eu!

– Ah! Ah! Então é isso que realmente vira seu cérebro de cabeça para baixo!

- Ei! bem, sim, meu pai... e você está certo; é uma loucura para mim amar Loïse de Montmorency.

O velho Pardaillan agarrou a mão do filho e disse gravemente:

“E eu lhe digo que você vai se casar com ela. Isso não é tudo, cavaleiro: se uma das duas partes envolvidas deve ser honrada, é a família Montmorency. Um homem como você vale um rei, quero dizer, um verdadeiro rei da época em que os reis podiam ensinar ao mundo lições de bravura e generosidade. Não pense que minha afeição paterna está me cegando. Eu sei o que você vale. Tenho certeza que o Marechal também sabe disso. E 1397

a pequena Loison deve saber disso. E se ela não sabe, ela vai. Você vai se casar com ela, eu lhe digo.

O cavaleiro balançou a cabeça. Ele via as coisas com mais clareza do que seu pai e percebeu exatamente a distância que poderia separar um Pardaillan de um Montmorency. Mas como havia decidido de uma vez por todas amar sem interesse e se dedicar sem esperança de recompensa, retomou:

“De qualquer forma, senhor, a primeira coisa é encontrar a senhora de Piennes e sua filha.

- Por Deus, você está certo.

"E você diz que sabe onde eles estão?"

- Não, mas tenho os meios para saber! Não sei como não pensei nisso antes. Vá avisar o marechal de Montmorency... ou melhor, não... vamos. E vai ser bom se for eu quem trouxer a pequena Loïsette de volta para ela.

“Vamos, pai! disse o cavaleiro com pressa febril.

1398

De fato, o velho Pardaillan mostrou-se tão seguro de si que o chevalier não teve dúvidas de que o veria trazer Jeanne de Piennes e Loise de volta ao Hotel Montmorency. E então o que aconteceria?...

No caminho, o velho Pardaillan se explicou.

“Há um homem que sabe com certeza onde estão suas duas princesas adormecidas. E este homem é o maldito intendente de Damville, aquele que conhece todos os segredos do mestre.

"Gilles! Ah! você está certo... vamos correr, meu pai!

– Nós o pegamos, não tenha medo!

– Quem sabe se ele não deu um jeito de sair do porão, ele que deve conhecer bem o hotel, até a cueca!

– E você que queria lhe dar a chave dos campos!... Mas quanto a sair do porão, não se preocupe. Tive tempo para estudá-lo, e asseguro-lhe que, se houvesse uma saída, eu a teria encontrado.

No entanto, o que o cavaleiro acabara de dizer não deixou de preocupar o velho Pardaillan. 1399 atrás

talvez tivesse um segredo. O pai e o filho começaram a correr e, tendo chegado ao Hôtel de Mesmes, entraram pelo jardim. Momentos depois, eles estavam do lado de fora da porta do porão.

Um homem de sangue frio, se é que houve um, o velho caminhoneiro parou o filho, que queria abrir a porta imediatamente, e começou a ouvir. Sem dúvida Gilles e Gillot ouviram os passos do lado de dentro, pois assim que Pardaillan e seu filho pararam em frente à porta, uma voz lamentável veio até eles:

– Abra, em nome do céu! Abra, seja você quem for!...

- Quem é Você ? perguntou o velho caminhoneiro, disfarçando a voz.

“Sou Mestre Gilles, o administrador de Monsenhor de Damville. Fomos trancados neste porão por um desgraçado, um homem de saco e corda, um mafioso...

- O suficiente ! Chega, Mestre Gilles! exclamou Pardaillan, que caiu na gargalhada.

"O maldito Pardaillan!" lamentou Gilles, reconhecendo a voz daquele que ele queria 1400

enterrar.

"Ele mesmo, meu digno mordomo!" E seu sobrinho, como ele está? Venho cortar-lhe as orelhas.

Um gemido foi ouvido ao longe, então o som de barris sendo movidos... era Gillot, que procurava um esconderijo profundo para salvar seus ouvidos.

“E quanto a você, mestre Gilles”, retomou Pardaillan, “ouça-me com atenção.

- Estou ouvindo, senhor! ofegou o mordomo.

“Senti pena de você... e é por isso que estou voltando.

– Ah! seja abençoado, senhor!

“Sim, eu disse a mim mesmo que não seria digno de um cristão deixar você aqui para morrer lentamente de fome...

"Bastante indigno, senhor!" disse a voz chorosa.

"E isso seria uma tortura abominável...

1401

– Ai! não poderia ser mais abominável!

“Eu sei alguma coisa sobre isso, Mestre Gilles! Esta é a tortura que você queria me infligir. Mas enfim, no fundo tenho uma boa alma e não quero fazer você sofrer. Então me escute. Você notou na quarta viga que começa na janela do porão um prego enorme, muito sólido e bem afundado? Não ? Você não percebeu? Conheço esse prego, eu, desde que tive a ideia de me enforcar lá. Saiba então que eu trouxe uma boa corda nova e limpa como deveria ser.

Este cordão, vou prendê-lo por uma ponta no prego da viga e pela outra ponta no seu colar...

- Misericórdia ! Você quer que eu pendure!

"Para evitar que você morra de fome, ingrato!... Quanto ao seu sobrinho, não lhe farei mal, senão cortar-lhe as duas orelhas."

Ouvimos um gemido e um soluço.

Pardaillan abriu a porta. E na escuridão viu Gilles, ajoelhado em um dos degraus da escada; ele estava lívido, horrível.

– Chevalier, disse o velho caminhoneiro, fique no 1402

esta porta; engatilhar suas pistolas; e se um desses dois miseráveis finge querer sair, mate-o sem piedade.

“Perdão, monsenhor”, gemeu o mordomo.

"Agora, você está realmente com medo de morrer?"

"Sim..." soluçou o velho; Estou com medo... com medo... não me mate.

Seus dentes batiam. Seu rosto estava desmoronando. Ele estava evidentemente no paroxismo do terror.

“Você está com medo”, continuou Pardaillan. E se eu lhe oferecesse uma maneira de salvar sua vida?

- Oh ! gaguejou o velho, esticando os braços em desespero: o que você quiser, tudo!

Pergunte-me quanto ouro e prata consegui acumular desde que vivi. Eu sou rico, muito rico. (Pardaillan estava pensando neste baú que ele havia tomado pelo baú de Damville.) Eu te dou tudo!...

"Eu não quero o seu dinheiro", disse o velho caminhoneiro.

- Então o que ? Dizer! Falar ! eu concedo, I 1403

dê o que quiser! Oh ! Estou com medo...

medo!... obrigado! pena !...

De fato, o terror de Gilles chegou a tal ponto que Pardaillan considerou perigoso sujeitá-lo a uma provação mais longa.

- Vamos, ele disse, não se preocupe. Eu não vou te matar. Você não será enforcado. E mesmo, você pode sair daqui, com uma condição...

- Que ! exclamou o velho num verdadeiro estrondo de alegria desenfreada.

“Diga-me onde seu mestre, o marechal, levou a senhora de Piennes e sua filha...

Gilles ergueu os olhos para Pardaillan com olhos desfigurados.

- Você está me perguntando isso? ele disse. É isso que você quer saber para salvar minha vida?

- Sim. Você vê que está começando bem.

Gilles, que estava de joelhos, levantou-se. Gilles, que tremia e batia os dentes, enrijeceu e não estremeceu mais.

1404

Com voz firme disse:

"Mate-me, então: você não vai saber disso!"

Pardaillan deu um pulo. O cavaleiro, que se conhecia em coragem, não pôde deixar de se curvar diante do abominável velho, com rosto de gárgula, transfigurado naquele momento por uma vontade indomável.

- A corda ! rosnou o velho caminhoneiro.

Ele não trouxe nenhum. Mas ele agarrou Gilles pelo braço e o levou sob o prego que ele havia apontado.

- Você quer conversar? ele disse com uma voz fria. Você tem um minuto para decidir.

Gilles respondeu:

“Vejo que você não tem uma corda. Há um carrinho no pátio do hotel. Foi nessa carroça que eu deveria levá-lo ao Sena. Eu tinha colocado uma boa corda ali para colocar no pescoço com uma pedra. Mande buscar a corda e me enforque: você não saberá de nada.

- Por todos os demônios do inferno! resmungou 1405

Pardaillan. Aquele velho é soberbo!... Pena que tenho que matá-lo!

Ele sacou sua adaga e, com sua mesma voz gélida, disse:

“Por sua bravura, você não será enforcado.

Mas eu vou te matar com um golpe, no coração, se você não falar...

“Aqui está meu coração”, disse o velho Gilles, rasgando seu gibão com um golpe violento.

Só que, se o desejo de um moribundo é sagrado para você, peço-lhe que diga ao bispo de Damville que morri fiel, morri por ele...

Os dois pardaillanos permaneceram tomados de espanto e admiração. A atitude desse velho, que tinha um medo terrível de morrer e que, no entanto, ofereceu o peito ao golpe mortal, para permanecer fiel ao seu mestre, parecia-lhes um fenômeno inexplicável.

"Monsieur de Pardaillan", disse uma voz trêmula de repente.

O motorista se virou e viu Gillot saindo de trás de um barril.

– Não tenha medo, ele disse: sua vez chegará; seu digno tio primeiro, depois você. Só que você não morrerá: simplesmente terá suas orelhas cortadas.

“Eu sei”, disse Gillot, que, muito pálido, estremeceu da cabeça aos pés. Eu sei disso, e para salvar meus ouvidos, quero lhe oferecer um acordo.

- Vamos ver o mercado...

“Eu sei onde estão as duas pessoas que você está procurando…

- Você ! rugiu o velho Gilles. Não acredite nesse tolo, senhor!...

– Desculpe, desculpe... aquele idiota está cuidando dos ouvidos. Eu concordo que ele está errado porque eles são horríveis, mas no final ele insiste nisso, e se ele está dizendo a verdade, ele os salvou!

- Ele mente ! rosnou o velho, que, libertando-se do abraço de Pardaillan, correu para o sobrinho.

Mas ele não teve tempo de alcançá-lo antes que Pardaillan já o tivesse agarrado pela garganta e o entregado ao cavaleiro.

- Falar ! ele então disse a Gillot.

- Ele não sabe de nada! Ele mente ! gritou Gilles.

"Não estou mentindo, tio", disse Gillot, que, certo de salvar os ouvidos, recuperou a compostura. No dia em que recebi a ordem de preparar a carruagem, e quando tive que lidar precisamente com este digno jovem aqui, todas essas travessuras colocaram meu

cérebro de cabeça para baixo; e às dez horas acompanhei a expedição; Eu vi tudo. Eu sei onde o carro parou, e me ofereço para levar esses senhores até lá...

- Cadê ? estremeceu o cavaleiro.

“Rua do Machado!” disse Gillot.

“Rua do Machado!” exclamou o cavaleiro espantado, em cuja mente se apresentou imediatamente a imagem de Alice de Lux.

Mas havia outras casas além da sua na rua. Era impossível para a noiva de Marillac ter tais relações com o Duque de Damville! Ou então... O cavaleiro previu abismos na existência desta mulher.

"Vamos ver", ele retomou. Qual é a localização exata?

1408

- Cala a sua boca ! Cala a boca, infame! gritou o velho Gilles. Monsenhor mandará enforcá-lo, esquartejá-lo, esmurrá-lo vivo!...

– Senhor, a casa é fácil de reconhecer, fica na esquina da rue Traversine: tem um jardim, e há uma porta verde para este jardim.

O grito de raiva do mordomo teria bastado para mostrar que Gillot acabara de dizer a verdade.

- Vamos correr! exclamou o velho Pardaillan.

Mas o cavaleiro permaneceu imóvel, bastante pálido.

"Você duvida da sinceridade desse pedante?"

Vamos levá-lo conosco, e se ele mentiu...

- Não. Tenho certeza que ele disse a verdade.

- Oh ! sim, senhor, exclamou Gillot, apertando as mãos.

O chevalier refletiu que tinha visitado a casa da rue de la Hache várias vezes e que sempre encontrara a porta fechada desde seu único encontro com Alice. Mas neste coração generoso, esta não foi a única preocupação que surgiu. Ele se perguntou com 1409

angústia que mistério a vida de Alice escondia e que infortúnio para Déodat sairia desse mistério.

- Vamos lá ! ele finalmente disse. Eu saberei a verdade questionando-a... se a encontrar!

O velho Pardaillan não entendeu essas palavras, mas se preparou para seguir o filho.

"Vocês dois estão vivos", disse ele a Gilles e Gillot. Vá se enforcar em outro lugar!

– Ai! Carrasco, eu certamente serei! disse o mordomo.

“Vou testemunhar sua fidelidade”, disse o cavaleiro. Não se preocupe, prometo informar ao marechal de Damville sobre a excelente resistência que você apresentou.

“Eu acredito em você, senhor, e obrigado, pois é a única coisa que pode me salvar.

"Eu prometo a você que seu mestre será informado", disse o cavaleiro.

– Há muitas maneiras para um demônio arrant que queria jogar meu cadáver no Sena, em vez de 1410

enterrá-lo de maneira cristã! exclamou o velho caminhoneiro! Você é bom demais, cavaleiro; e eu também, ao seu contato, me mimo. Você verá que isso nos trará azar!

Durante essa discussão, Gillot havia desaparecido.

Sem dúvida, ele não queria ficar sozinho com seu tio. Gilles estava sentado em um bloco, com a cabeça entre as mãos, refletindo sobre seu triste destino. Os dois pardaillanos deixaram-no em suas meditações fúnebres e saíram do hotel para dirigir-se imediatamente à rue de la Hache.

"Quem pode morar na casa com a porta verde?" perguntou o velho caminhoneiro. Provavelmente algum oficial de Damville que se entrincheirou lá com uma pequena guarnição. Portanto, proponho a você, meu filho, que espere até o anoitecer. Viremos estudar a localidade. Reconheceremos a força da guarnição e tomaremos as medidas necessárias para garantir que o ataque seja bem-sucedido na primeira tentativa.

O cavaleiro hesitou por um momento, depois disse:

– Meu pai, creio que neste caso demora 1411

deixe-me agir sozinho... Não há nenhum oficial, nenhuma guarnição, rue de la Hache.

"Ah, então você conhece a casa?"

- Sim. E só tenho medo de uma coisa, que esteja desabitada... neste momento.

“Eu não entendo, cavaleiro. Eu só suspeito que há um segredo aí.

- O que não é meu! É o segredo de um amigo que amo como de um irmão... do homem que mais amo e respeito no mundo, depois de você, meu pai.

"E você quer ir sozinho?" Você me garante que não há perigo?

“Sem perigo, pai. É essencial que eu esteja sozinho.

- Bom. Nesse caso, espero por você no final da rua.

- Não. Vamos separar aqui. Talvez nos vejamos. E se percebermos que alguém está esperando por mim, que alguém pode intervir, isso provavelmente seria suficiente para impedir que a porta se abrisse para mim.

1412

- Então eu vou esperar por você... onde? No *Divino* ? É bastante perigoso. Ah! pobre Catho, que saudade!

“Mas, pai, você pode esperar por mim no Catho's, se quiser.

- Bah! Então você a viu de novo enquanto eu estava definhando no fundo do porão?

- Sim ; com o dinheiro que você deu a ela, ela montou um novo cabaré na rue Tiquetonne.

- De quem é o nome ?

– A *Pousada dos Dois Mortos Falantes* .

– Ah! digno Catho! excelente Catho! você se lembrou... Vou me casar com ela, cavaleiro!

Com essa piada, pai e filho se separaram; o cavaleiro continuando seu caminho em direção à rue de la Hache, o velho caminhoneiro indo em direção ao novo cabaré de Catho para esperar seu filho enquanto saboreia uma caneca de hipócratas.

Rue Tiquetonne, ele realmente viu uma pousada com uma loja e uma placa de 1413

novo. Foi a *Hospedaria dos dois mortos que falar* . Só que, para corrigir o que pode ter sido demasiado macabro no ensinamento, Catho, que, como vimos, não era uma besta, mandou pintar dois pretos... seus copos. Enquanto o velho Pardaillan admirava o letreiro e entrava no cabaré, o cavaleiro aproximou-se da casa pela porta verde. Ele imediatamente notou que as persianas estavam cuidadosamente abaixadas sobre as janelas, como se a casa estivesse desabitada. Com o coração batendo forte, ele bateu o martelo. A porta permaneceu fechada, a casa silenciosa. Mas desta vez o cavaleiro estava determinado a descobrir o que estava acontecendo por trás dessas paredes e descobrir o que havia nesse silêncio e nesse mistério. Bateu novamente várias vezes sem obter resposta. Então ele olhou para a direita e para a esquerda para ter certeza de que nenhum vizinho estava olhando para ele, então, saltando para frente, ele alcançou a crista do muro de fronteira. Então ele se levantou com a força de sua mão e pulou no jardim.

Ele caminhou direto para a porta da casa, decidiu 1414

quebrar a fechadura. Ao chegar lá, a porta se abriu e, na penumbra, uma forma branca apareceu para Pardaillan, que ficou atordoado, enraizado no local.

Era Alice de Lux!

Como ela estava mudada! Como ela estava pálida! E que tristeza pungente se espalhava em suas feições encantadoras!... E como parecia rouca, quase dura, sua voz quando disse:

“Apresse-se, senhor, já que você está forçando minha porta!

O cavaleiro obedece. Alice de Lux o conduziu até a sala onde Marillac o havia apresentado. Ela permaneceu de pé. Ela não lhe ofereceu um assento.

“Por que você me persegue assim? ela diz.

Não posso ser deixado para morrer em paz! Bateu três ou quatro vezes à minha porta, e eu não abri para você... Um homem galante teria compreendido e respeitado minha solidão e minha dor...

“Madame”, disse o cavaleiro, recuperando-se da emoção que o dominava, “sua estranha acolhida 1415

já me teria expulsado desta casa, se um interesse poderoso não me obrigasse a suportar um ultraje que não mereço...

Essa repreensão passou por Alice sem movê-la.

“Só uma palavra,” ela disse friamente. “Você veio dele?...

"Você está me perguntando, eu acredito, se eu fui enviado a você pelo Conde de Marillac?"

- Sim senhor. Sim, ela continuou, ficando animada, só pode ser ele quem te enviou. Ele viu a Rainha de Navarra, não viu?

E a rainha falou! A rainha queria salvá-lo da criatura hedionda que sou! Ele sabe agora! Ele sabe ! E ele não ousou vir ele mesmo gritar seu desprezo e seu ódio para mim! Achei que ele era mais corajoso... e você, senhor, é uma comissão singular que você aceitou lá!...

Uma espécie de febre estava tomando conta agora. O cavaleiro estupefato gostaria de detê-la, de fazê-la entender que estava enganada. E ele ficou paralisado por essa curiosidade mórbida que toma 1416

o homem de repente colocado na presença de um fenômeno assustador.

“Monsieur”, continuou o espião, com aquela estranha volubilidade que já apontamos, “nem uma palavra. Eu sei tudo o que ele disse para você me contar. Não há necessidade de repeti-

lo. Além disso, eu não toleraria isso. Vá, senhor, vá, e diga a ele que a punição virá de mim... deixe-o ser tranqüilo... estou desaparecendo da vida dele...

isso é tudo ! Quanto a você, senhor, desde o primeiro momento em que o vi, entendi que estava trazendo o desastre aqui. Você foi um mensageiro de infortúnio quando veio me dizer que o conde ia ver Jeanne d'Albret!

Ah! Por que ele mesmo não veio! Eu o teria contido!... Ainda deu tempo!... Agora acabou... pela segunda vez, você está se fazendo mensageiro de um luto horrível... Vamos, senhor, não vou te digo, ponto amaldiçoado!

“Madame”, exclamou Pardaillan fora de si, “você está cometendo um erro terrível; não foi o conde de Marillac que me enviou! Venho do meu próprio movimento, e para mim!

1417

Alice de Lux, que estava branca como a morte, corou um pouco, depois ficou lívida de novo.

“Ele não mandou você! ela gaguejou.

- Não ! ele não voltou!

- Não é ele! ela continuou perplexa.

- Repito, senhora: é por minha conta que venho!

- O que foi que eu disse? O que foi que eu disse? Insano!...

Ela cobriu o rosto com as duas mãos. E então os soluços começaram a subir em seu peito e resmungar em sua garganta, sem uma lágrima filtrando por seus dedos pálidos. O cavaleiro ajoelhou-se:

“Madame”, disse ele com uma voz tão viril e tão gentil que parecia o sotaque ideal de franqueza e piedade, “Madame, peço-lhe que acredite que já esqueci palavras que escaparam ao seu delírio. ! Quem quer que seja, vejo em você apenas uma pobre mulher que sofre e chora! E para poupá-la dessa dor que estoura em você, madame, por 1418

a afeição que tenho pelo conde, seu nobre prometido, consentiria em morrer! Não sei de que culpa você pode se culpar... O que eu sei, o que vejo de maneira marcante, é o amor prodigioso que você tem pelo meu amigo! Ah! acredite, senhora, tal amor é capaz de redimir até um crime!

Alice baixou os braços.

"Fale comigo de novo", ela gaguejou. Sofri tanto tempo sozinho, sozinho comigo mesmo! Há tanto tempo que uma palavra de piedade não refresca as queimaduras deste coração infeliz.

E o cavaleiro agora esqueceu por que tinha vindo! Ele se levantou, agarrou as duas mãos de Alice, puxou-a para si, tomou-a nos braços, e seus lábios suavemente pousaram nos cabelos perfumados da jovem.

E tudo era tão verdadeiro, tão profundamente fraterno, que Alice nunca se lembrava de ter sentido tal sensação de calma e gentileza. Naquele exato momento, o cavaleiro encontrou as únicas palavras que estavam em harmonia 1419

com a situação, com os pensamentos da jovem e com seus próprios pensamentos:

- Ele te ama ; pode ter certeza de que nunca uma mulher como você foi objeto de uma adoração tão terna e apaixonada; ele te ama a ponto de não querer saber o que é obscuro e secreto em você; você é sua luz; você é sua alegria; você é o amor dele! Não acredite ao menos que ele me disse... seu amor brilha em cada uma de suas palavras; ele fala de você como os crentes falam de sua divindade... Tranquilize-se, pobre mulher que sofreu... o amor de tal homem, tal amor, digo, é capaz de sublimes esforços...

- Oh ! ela disse, você arrebata minha alma. Se fosse possível que minha nobre noiva não pudesse saber!

“Digo de novo que ele te ama. Dê a esta palavra o significado do absoluto. Não importa, então, se ele sabe ou não o que você quer esconder dele. Acredite em mim, de você para ele, dele para você, não há nada real, existente, que valha a pena conhecer, a não ser o seu admirável amor por ele, o amor dele por ele.

amor para você...

“Que nobre coração você é!

“Sim, madame”, disse Pardaillan com aquela estranha simplicidade que fazia o indiferente nunca saber se ele estava zombando, “sim, eu sei que meu coração está bem colocado; e por isso julgo com serenidade os teus terrores, por isso pude compreender o que há de augusto e imaculado no teu amor ao conde, se fosses a criatura que te acusas de ser. Uma alma capaz do amor que você experimenta só pode ser uma alma bonita. Feliz o Conde ser amado por você! E feliz por ser amada por ele!

“Você não sabe,” ela disse, tremendo. Ó tu que derramaste em minha alma dolorida as únicas consolações que ouvi em minha vida de desespero, ó tu que acolhi como um inimigo e que te revelas ao meu irmão, tu que aplacas minha dor porque talvez tenhas que sofrer , me escute, você deve saber o que eu sei!

"Não, senhora", gritou o cavaleiro com um 1421.

medo secreto, deixe que o silêncio cubra o terror de sua alma, como as peles puras e tranquilas de um lago às vezes cobrem fundos atormentados... De que adianta mexer esses fundos quando é tão fácil se deixar deslizar na superfície sorridente? dessas águas?

- Caro amigo !...

– Um amigo, sim, senhora. Um amigo do Conde... daquele que te ama, e um amigo seu. E o que seria essa amizade se eu não te defendesse de você mesmo, se não impedisse de seus lábios palavras que talvez o aliviassem na hora, mas que você se arrependeria depois! Você não precisa pensar no presente, Alice, é no futuro. Se eu deixar você falar, mais tarde, quando a felicidade te acalmar, quando você for a esposa de Marillac, quando o esquecimento de seu passado finalmente chegar para aniquilar esses segredos, então, Alice, você pensaria com amargura que um homem conhece esses segredos !

Ela se encolheu. Sem querer, o cavaleiro acabara de tocar a ferida mais aguda do coração de Alice.

1422

- Um homem ! ela sussurrou tão baixinho que Pardaillan não a ouviu. Quantos são, infelizmente! que conhecem o abominável segredo da minha vida!

E toda estremecendo de angústia, ela se calou, enfiou de volta em si o segredo pronto para escapar dela.

“Então,” ela continuou, mais calma, “o Conde não está de volta a Paris.

- Não senhora.

"E," ela disse hesitante, "você não ouviu falar dele?" Você não sabe o que ele está fazendo... o que ele está pensando? Oh ! que especialmente... eu daria minha vida para saber o que ele está pensando no momento.

“Não tenho notícias disso, madame; mas todos em Paris sabem que a rainha de Navarra está em Blois, em conferência com o rei da França. É, portanto, certo que o conde está em Blois há mais de quinze dias.

- Quinze dias !...

“Também, senhora. Ouro, para um cavaleiro 1423

como o Conde, de Blois a Paris são quatro dias de marcha.

Um poderoso flash de alegria apareceu nos olhos de Alice. Com seu tato habitual, o cavaleiro não tirou nenhuma conclusão do que acabara de dizer.

Mas esta conclusão se impôs na mente de Alice:

“Se a Rainha de Navarra tivesse me denunciado, ele já estaria aqui há muito tempo!

Então, com toda a probabilidade, Jeanne d'Albret não havia falado. Por quê ? Como os feridos que cuidadosamente evitam levantar a venda que cobre a dor, na esperança de esquecê-la por não vê-la, Alice evitou investigar por que a rainha de Navarra não havia falado. Ela se contentou em esperar que sim, decidida, se Marillac não soubesse de nada em seu retorno, levá-lo com ela para fora da França.

A partir de então, voltou a ser a encantadora dona da casa que era. A seu chamado, a velha Laura trouxe frutas, refrescos, geleias, conforme a moda. Mas Pardaillan não queria provar nenhum dos doces que ela lhe deu.

apresentado.

Agora ele estava tremendo também. Esse espírito de tão alta generosidade havia esquecido sua doença para consolar a maldade alheia. Mas de qualquer forma, ele veio para ouvir de Loise... E não era essa parte daquele terrível segredo que ele se recusou a aprender? Comovido, perturbado, perturbado por esse pensamento, ele não sabia como abordar a terrível questão. Foi a própria Alice que lhe deu a oportunidade.

“Chevalier”, disse ela, quando conseguiu dominar sua própria emoção, “você algum dia me perdoará pela maneira indigna com que o acolhi...

— Não pense mais nisso, senhora. E deixe-me lembrar que você me deu a honra de me chamar de seu amigo...

– Sim... meu amigo... o único, posso dizer!

– E se eu apelasse para essa amizade que você quer me mostrar?

– Ah! ela disse em uma sincera explosão de gratidão, eu o abençoaria!

Sonhe ! Você não me disse que se você veio me ver, foi por sua própria conta...

“De fato, senhora! perguntou o cavaleiro com crescente emoção.

Essa emoção não poderia escapar de Alice. Ela olhou para o jovem com cuidado.

"Ouça, cavaleiro", disse ela. Só posso te dizer uma coisa. É que se a felicidade quisesse que você precisasse de mim, eu me sentiria capaz, por você, de todos os sacrifícios.

“Madame”, disse então o cavaleiro, “talvez seja realmente um grande sacrifício que eu vá pedir a você.

- Seja o que for, estou pronto! disse Alice rapidamente. Acho que em você uma dor que permitiu que você entendesse a minha. Você me deu consolo. A hora que você me fez viver é inesquecível... Chevalier... ela acrescentou com a emoção contagiante da sinceridade, você me parece a mais bela encarnação da lealdade. Outro, em frente ao 1426

confissões arrancadas de mim pelo desespero, teriam se retirado de mim. Os mais generosos ao menos teriam querido avisar ao meu noivo... sim, era aí que teriam colocado a sua amizade... Tu, cavaleiro, não me perguntaste nada. Você teve pena de um sofrimento real sem querer saber suas causas. E isso é grande, isso é nobre... E isso me exalta e me faz vislumbrar a possibilidade do sacrifício como uma das maiores alegrias da minha vida... Fala então, porque eu te digo; Estou pronto !

O chevalier ouvira estas palavras com a simplicidade atenta que lhe era habitual.

- Madame, disse ele, decidindo-se, saiba que eu também amo. E para você ter uma ideia do que pode ser esse sentimento, vou te dizer apenas uma coisa: aquele que eu amo é para mim o que o Conde de Marillac é para você...

Agora suponha, senhora, que o conde, seu noivo, esteja detido prisioneiro em minha casa... e suponha que você venha me pedir sua liberdade... Ah! senhora, na sua agitação, vejo que me compreendeu!... Por que Loïse de 1427

Montmorency é uma prisioneira, eu sei muito bem... mas por que o Marechal de Damville a deu a você, eu não sei e não quero saber... Uma única palavra, Madame, uma única: Will o sacrifício que você está disposto a fazer por mim chega a libertar Jeanne de Piennes e sua filha?

Enquanto o cavaleiro falava, Alice parecia mais chateada.

– Você ama Loïse... Loïse de

Montmorency...

- Sim Madame !

“Infelizmente!” murmurou Alice estupidamente.

"O que você está dizendo, senhora? ...

“Digo que sou muito infeliz, e que há fatalidade em minha vida, e que tudo que se aproxima de mim está murcho!...

- Sra ! senhora ! Alguma coisa ruim aconteceu com Loïse? gritou o cavaleiro, cujos lábios trêmulos ficaram brancos.

– Não, não!... Sem desgraça!... Mas...

1428

“Mas?... Você não pode me devolver, pode?...

“Loise e sua mãe não estão mais aqui!...

O golpe atingiu o jovem com força. Ele tinha certeza de que Alice de Lux estava dizendo a verdade. Ela estava realmente desesperada.

“Eles não estão aqui”, continuou ela, “desde o dia seguinte ao que você me disse que o conde de Marillac ia ver a rainha de Navarra.

"Damville os levou de volta!" rosnou o cavaleiro. este homem está se escondendo! Mas mesmo se eu viajar pela França, eu vou colocar minhas mãos nele! E daí...

“Não, cavaleiro! O marechal não os levou de volta! Sou eu, sou eu, louco, eu cujos raros bons pensamentos se transformam em mal, sou eu que lhes dei liberdade...

O jovem sentiu seu coração se expandir, um grito de alegria expirou em seus lábios.

- Livre! Eles são livres!...

– Quando me vi condenado, quando 1429

Entendi que meu nobre noivo ia me amaldiçoar... ah! cavaleiro, que horrível emaranhado de infortúnios em minha vida!...

Primeiro veja: Damville está perseguindo duas mulheres infelizes dignas de amor e piedade... ele deve recorrer a mim para mantê-las!... E eu sou forçado a obedecer! Sou obrigado a constituir-me carcereiro de duas mulheres diante das quais me senti tão miserável que mal me atrevi a aparecer em sua presença!

Por que fui obrigado a obedecer? Há esse mistério que sua generosidade não quis conhecer! Mas vamos continuar: desde o dia em que pensei que Marillac estava se separando de mim para sempre, não tive mais que temer as revelações com que Damville me ameaçava, já que essas revelações, a rainha de Navarra as fez ela mesma! os prisioneiros... digo-lhes: "Perdoem-me o mal que vos fiz...

vá... você está livre!...” E agora, se essa desastrosa explosão de generosidade não tivesse chegado a mim, Loïse sairia daqui, guiada por você que a ama! Ah! sim, eu sou amaldiçoado!

pois o muito bom que quero fazer muda 1430

na calamidade!

"Você exagera o infortúnio, madame", disse o cavaleiro suavemente. Já é uma alegria imensa para mim saber que Loïse não está mais em poder do maldito Marechal... Mas eles não lhe disseram onde pretendiam se aposentar?

– Ai! Fiquei tão chateado que nem pensei em perguntar a eles... E então...

se eu perguntasse, eles não teriam respondido.O que eu era aos olhos deles, se não um carcereiro miserável!

– Então, nem uma palavra que pudesse levar alguém a adivinhar...

- Nada. Nenhuma palavra.

Houve um momento de silêncio.

“Senhor,” ela disse timidamente, “eu acho que as perguntas que você provavelmente está se fazendo e que você é nobre o suficiente para não perguntar por medo de me sobrecarregar. Juro que durante a estada nesta casa, Jeanne de Piennes e sua filha não sofreram – exceto pelo confinamento. Eu tentei ser para eles 1431

mais um servo do que... o que eu era... Juro-lhe, além disso, que o marechal não esteve aqui.

"Eu gostaria", disse Pardaillan, "de lhe fazer uma pergunta... Não se preocupe, Madame, é muito pessoal para mim... Você deve ter falado com eles algumas vezes?...

– Apenas duas ou três vezes.

“Bem”, retomou o chevalier, “nessas circunstâncias... ou outras circunstâncias... bem, espere, senhora, eu quero saber se meu nome já foi pronunciado por Loïse...

- Nunca ! disse Alice.

Uma nuvem passou pela testa do jovem.

Seus olhos nublaram. Um suspiro profundo inchou em seu peito.

"Por que ela falaria sobre mim?" ele pensou. Ela me esqueceu há muito tempo... E mesmo assim... foi a mim que ela pediu ajuda na manhã em que fui presa.

Pardaillan não tinha mais nada a ver com Alice de Lux. Então ele se despediu. Mas a jovem implorou que ele voltasse para vê-la. Ele prometeu. Este 1432

mulher infeliz o inspirou com um profundo interesse. Ela lhe parecia uma esfinge da qual ele teria sido o complexo de Édipo.

Saindo da casa da rue de la Hache, Pardaillan dirigiu-se à rue Tiquetonne, ao cabaré dos *Dois mortos que falam* . É lá, não esquecemos, que o velho Pardaillan o esperava. Para

Levando tudo em conta, a visita que acabara de fazer deixou uma boa impressão nele: Loise não estava mais em poder de Damville, e isso era um ponto essencial.

Pensando nessas coisas, o chevalier avançou rapidamente para a Rue Tiquetonne; e assim chegou à rue de Beauvais, que era uma das artérias da velha Paris que conduzia àquele coração de pedra que era o Louvre. Lá ele encontrou uma multidão de pessoas que ele teve que parar.

Olhou para o Louvre e viu que a ponte levadiça havia sido baixada da porta que dava para a Rue de Beauvais. Agora, na ausência do rei, todos os portões do Louvre ergueram suas pontes levadiças. Não só a ponte foi derrubada, mas uma companhia de arcabuzeiros tomou posição em 1433

a rua, em traje de gala, gibão com as armas da França, capacetes com plumas ondulantes.

À sua esquerda, em Paris, o cavaleiro ouviu um grande barulho, aquele barulho do swell que é o barulho da multidão. Ao seu redor, as pessoas estavam com suas melhores roupas de domingo; as mulheres corriam para tentar tomar um lugar ao longo da rua onde os vigias, com golpes de suas alabardas, tentavam manter uma passagem livre.

- O que é isso ? Pardaillan perguntou a uma menina bonita que se agarrou ao seu braço para não ser empurrada.

- Ei! você não sabe, disse a menina. É nosso senhor o rei que volta ao seu Louvre!...

Mas nesse momento ocorreu uma debandada na multidão: acabava de se espalhar o boato de que o rei e sua escolta não passariam pela rue de Beauvais, mas fariam um desvio pela rue Montmartre. Num abrir e fechar de olhos, a rua esvaziou-se como um rio momentaneamente cheio que corre por mil córregos, e as pessoas começaram a 1434

corra para a rue Montmartre. O cavaleiro retomou seu caminho em direção à rue Tiquetonne.

1435

XLVIII

Um episódio homérico

O velho Pardaillan, como vimos, chegara à *Pousada dos Dois Mortos Falantes* . Ele foi recebido de braços abertos pela digna anfitriã, Dame Catho. O caminhoneiro, com um olhar, inspecionou o cabaré, com seus potes de estanho e seus pratos de cobre pendurados em quase todos os lugares, nas paredes ou nas vigas do teto baixo, suas mesas brilhantes com pés maciços, seus bancos com costas esculpidas, seus jarros e taças de grés. Através de uma porta aberta, podia-se ver os reluzentes utensílios de cobre de uma cozinha e o fogo de sua lareira com grandes ferros de engomar retorcidos e prateleiras enegrecidas.

Em suma, a pousada tinha uma mina de prosperidade que abriu a boca de Pardaillan em um largo sorriso de satisfação.

– Catho, disse Pardaillan uma vez sua inspeção 1436

terminou, você merece ser parabenizado. Sua estalagem é admirável; Quisera Baco que eu sempre tivesse encontrado tal!

"Graças a você, senhor", disse Catho. Graças às suas belas coroas. Mas eu não acho que este vai queimar como o outro?

– Você se arrependeria de sua devoção heróica?

- Não, senhor. Mesmo se eu tivesse me encontrado depois do incêndio sem um centavo no avental, ainda assim teria ficado feliz em tê-lo ajudado a derrotar os filisteus,... você... e seu filho... não verão, senhor seu filho?

– Sim, meu bom Catho. Apenas, eu o advirto que você se colocará em despesas desnecessárias. Aquele sujeito foi tolo o suficiente para entregar seu coração.

Deste modo...

- Oh ! senhor, você acredita que uma pobre menina como eu... e então, teria sido bom quando eu era bonita... agora, ai!...

E pobre Catho, puxando um pequeno espelho de seu 1437

bolso, examinou com um suspiro de angústia seu rosto horrivelmente marcado pela varíola.

Pardaillan sentou-se a uma mesa e, como lhe era impossível ficar parado, pediu a Catho que lhe servisse uma pequena omelete de cinco ou seis ovos – para esperar, disse.

A omelete, salteada na frigideira em lume forte, foi comida com o respeito devido a uma das operações mais artísticas de Catho. Mas então descobriu-se que o velho roadster ainda tinha tempo de sobra. Desta vez foi, portanto, dedicado ao abate de uma galinha, que desapareceu gradualmente.

Depois do frango, e novamente para matar o tempo, houve o massacre de um pote de geleia. Tudo isso não passou sem a absorção de dois ou três bons frascos; de modo que depois de ter esperado duas horas da maneira que acabamos de explicar, Pardaillan sentiu-se forte como Sansão, ágil como seu próprio filho, e pensamentos de batalha passaram por seu cérebro.

Como resultado, de repente, ouvindo trombetas ao longe, ele afivelou sua espada, colocou seu boné de penas pretas no canto de sua 1438

orelha esquerda, e endireitando o bigode, dirigiu-se à rue Montmartre, de onde vinha o som das trombetas, depois de ter avisado Catho que voltaria dentro de alguns minutos para encontrar o filho.

"Então você vai ver a entrada do rei?" disse Catho.

– Ah! ah! é, pois, o nosso Carlos a quem estas trombetas guerreiras sinalizam?

- Sim senhor. Diz-se que o rei será acompanhado por Madame de Navarra e seu filho, bem como uma série de senhores huguenotes que se abraçaram com os cavalheiros católicos.

- Bom ! E eu que vi a guerra!... Finalmente, vamos sempre ver as belas roupas e as belas armas dos guardas. Será quase uma guerra.

Dito isto, Pardaillan subiu a rue Tiquetonne e não tardou a emergir na rue Montmartre. Mas ali, ele foi pego em um redemoinho de pessoas e carregado, empurrado contra a porta de uma casa.

1439

- Um andar da cadeira! Quem quer ver e ouvir?

Veremos nosso Senhor, o Rei, veremos Madame Catherine em sua carruagem dourada, veremos MM. de Guise em seus cavalos altos, veremos... um chão a cadeira!...

Assim gritou um menino. Pardaillan deu-lhe alguns trocados e subiu na cadeira, que estava encostada na porta da casa em questão. Esta porta estava firmemente fechada. E olhando para cima, Pardaillan notou que as janelas do único andar também estavam fechadas, ao contrário das casas vizinhas onde todas as janelas estavam forradas de cabeças curiosas, onde só se viam olhos arregalados, pescoços torcidos na rua e bocas abertas para gritar :

- Vida longa ao rei ! Vida longa ao rei !

De seu posto, Pardaillan agora se ergueu sobre a multidão e viu a procissão real se aproximando lentamente, enquanto os sinos de todas as igrejas de Paris soavam a toda velocidade e os colverins do Louvre trovejavam. Primeiro veio uma empresa do bairro burguês, em 1440

armas. Eles se adiantaram repetindo:

- O rei ! o rei ! Quarto para o nosso rei!

À frente deles, a multidão avançava para a direita e para a esquerda, abrindo-se como o mar sob a espora de um navio. Atrás deles marchava uma companhia de arcabuzeiros, em ordem magnífica, depois os partisans, e finalmente apareceram os guardas do rei, liderados por Cosseins, e precedidos por uma dupla fila de trompetistas a cavalo. Imediatamente depois, em uma suntuosa carruagem inteiramente dourada, encimada por uma coroa esmagadora, puxada por doze cavalos brancos enfeitados com ouro, cada um deles na mão de um gigantesco suíço, apareceu o rosto pálido de Carlos IX.

As laterais da carruagem estavam dispostas de modo que todos pudessem ver o rei. Ele estava vestido de preto, conforme o costume, e olhava com uma espécie de ansiedade para aquela imensa gente que gritava viva.

Na mesma carruagem, no mesmo banco que Carlos IX, sentado à sua esquerda, estava Henri de Béarn, que ele próprio estava saudando, 1441

fez sinais amistosos para os homens, riu das mulheres e finalmente conseguiu esconder de todos os olhos o medo que mordia em suas entranhas.

- Vida longa ao rei ! Vida longa ao rei !

O clamor vinha da rua, descia pelas janelas; os braços acenaram; chapéus estavam pulando no ar.

Atrás da carruagem real vinha uma máquina pesada, não menos dourada, na qual Catarina de Médici estava sentada. Perto dela, Jeanne d'Albret!... Catherine estava radiante. Ela não parava de cumprimentar as pessoas apenas para sorrir para Jeanne d'Albret. Ah! esse sorriso envolvente, essa carícia monstruosa da aranha que leva sua vítima. Às vezes, um lampejo de alegria selvagem deslumbrava o rosto da velha rainha; então ela apertou as mãos de Jeanne e as apertou nervosamente, como se ela estivesse com medo de escapar dele novamente, ou melhor, para ter certeza de que ela finalmente a estava segurando!

Jeanne d'Albret, muda, impassível, pensava no filho. O que quer que tenha acontecido, ela acreditou 1442

assegurar por muito tempo o trono e a felicidade de Henrique aceitando seu casamento com Margarida da França! Vagamente ela sentiu que perigos terríveis a ameaçavam. Mas forte, inabalável em suas resoluções, guardava uma máscara de uma serenidade um tanto fria e altiva. Ao seu redor, a multidão aclamava furiosamente Catarina de Médici!

– Viva a rainha da Missa! alguém gritou.

A palavra foi imediatamente adotada e ressoou com acentos de ameaça surda.

No entanto, a procissão avançou. Atrás das duas carruagens reais, o Duque d'Anjou a cavalo: à sua direita, Coligny, calmo e frio, acariciando a barba branca com uma das mãos; à sua esquerda, o Duque de Alençon; então o Duque de Guise, que exultou, fez seu corcel empinar e recebeu com sorrisos radiantes sua parte das aclamações. Em seguida, as carruagens das damas de companhia; depois uma multidão de senhores e príncipes, o duque de Nevers, o duque de Aumale, o duque de Damville, o senhor de Gondi, o senhor de Mayenne, o senhor de Montpensier, o senhor de Rohan, o senhor de la Rochefoucauld, senhores 1443

Católicos e huguenotes confusos, misturados, cada um com sua pequena escolta de cavalheiros arrojados, padres, bispos a cavalo, monges em teoria, soldados, infantaria, cavaleiros; era um sonho estranho, uma multidão fantástica, uma encenação suntuosa e deslumbrante que parecia ser regulada pelas fanfarras das trombetas...

Empoleirado em sua cadeira, Pardaillan observava essa magia com um sorriso zombeteiro.

"Aqui estão os huguenotes na praça", ele resmungou. Mas entrar não é tudo. Como eles vão sair?

A velha raposa realmente cheirou algum truque de Catherine em toda essa demonstração.

No entanto, o espetáculo o divertia, quase o fascinava, bom espectador parisiense que era. E com a ajuda de Catho, ele conseguiu esquecer que tinha um interesse vital em não ser visto. De repente, seu olhar, que vagava ao acaso, solicitado pelos mil detalhes do espetáculo, cruzou-se com um olhar extravagante, ao qual se agarrava, por assim dizer.

1444

"Marechal de Damville!" o caminhoneiro repreendeu com uma maldição.

Ao mesmo tempo, ele saudou com seu sorriso mais gracioso e seu gesto mais bonito. Damville, com um puxão violento, parou seu cavalo e ficou petrificado, com os olhos cravados nesse Pardaillan, que ele acreditava estar morto no fundo dos porões de seu hotel, cujo cadáver ele havia dado ordem de jogar no Sena. ... e que lhe parecia muito viva, toda eriçada de ironia.

" Oh ! Oh ! pensou neste momento o velho caminhoneiro, a festa está completa! Todos os meus assassinos estão me observando! Segure firme, Pardaillan! »

Ele redobrou seus sorrisos e reverências. De fato, perto de Damville, três ou quatro cavaleiros também pararam.

– O homem que grelhamos no cabaré! um exclamou.

"Ele que morreu com o Chevalier de Pardaillan!" disse outro.

– Morto, grelhado, queimado, reduzido a cinzas, aqui está ele novamente em carne e osso!

1445

Esses cavaleiros, que estavam na comitiva do Duque d'Anjou, eram Quélus, Maugiron, Saint-Mégrin e Maurevert.

No entanto, Pardaillan, a quem todos esses olhares convergiram para ele não perturbaram em nada, começou a pensar que a reunião poderia muito bem acabar mal para ele. Como resultado, ele tentou descer de sua cadeira para se espremer no meio da multidão e desaparecer.

“Cavalheiros”, disse ele, “vocês são demais para olhar para mim. Você acabaria me fazendo corar por esse excesso de honra.

Infelizmente, a multidão estava tão lotada, tão compacta ao redor dele, que ele foi forçado a permanecer imóvel em seu pedestal. Tudo isso durou apenas alguns momentos.

No momento em que Pardaillan tentava em vão descer de sua cadeira, o duque d'Anjou se virando, percebeu que vários de seus cavalheiros haviam parado.

Ele chamou Quélus, seu favorito, que se aproximando de 1446

ele começou a falar com ela rapidamente. O duque de Anjou então fez um sinal ao capitão de sua guarda. Então todos, levados pela marcha da procissão, continuaram a avançar. Mas, por mais rápidos que tenham ocorrido esses vários movimentos, eles não conseguiram escapar do olhar penetrante do velho caminhoneiro.

“As coisas estão dando errado! ele disse em voz alta, para surpresa de seus vizinhos imediatos.

Deve-se notar, de fato, que Pardaillan não foi o único empoleirado em uma cadeira. Perto dele, à sua esquerda, havia uma mesa que acomodava sete ou oito curiosos. À sua direita, uma espécie de cavalete estava coberta por uma dúzia de pessoas. Havia também muitas cadeiras. Pardaillan tomou o único caminho que lhe restava fazer: derrubou a cadeira, que caiu; no momento seguinte, ele se viu na estrada cercado por pessoas que gritavam, furiosas. O aspecto marcial de Pardaillan os silenciou.

Mas isso não era tudo:

– Era preciso, a todo custo, sair dessa multidão e desaparecer o quanto antes. Carro Pardaillan ne 1447

não tinha dúvidas de que as palavras proferidas pelo duque d'Anjou ao ouvido do seu capitão da guarda tinham a ver com a sua modéstia, outro excesso de honra de que teria prescindido. Então ele começou a empurrar.

Nesse momento, em vez de se abrir diante dele, a multidão recuou violentamente e, para não ser arrastada, Pardaillan agarrou-se à aldrava da porta em frente à qual estava sua cadeira. O que estava acontecendo ?

Parecia que parte da procissão real estava se virando, refazendo seus passos. Uma vintena de cavaleiros, a trote rápido, correu sem se preocupar com os gritos de terror das mulheres e as blasfêmias dos burgueses. Houve um vôo desesperado, um refluxo desordenado das ondas populares.

E Pardaillan, agarrado ao seu martelo, viu a inundação fluir sem entender as causas desse vazamento. Finalmente, ele se viu sozinho, completamente sozinho contra esta porta. Então ele largou o martelo e se virou.

Agora, no movimento brusco que ele executou naquele momento, o martelo bateu em seu prego 1448

redondo. A batida ecoou fracamente no interior da casa.

Pardaillan então se virou e ficou estupefato: ele se viu sozinho em um grande semicírculo, cuja corda era formada pelas casas da rua e cuja circunferência era formada por cavaleiros enfileirados. O cavaleiro que estava no meio dessa fila era alto, soberbo, de barba negra e olhos duros; ele usava um traje de severa magnificência. Era Henri de Montmorency, duque de Damville, marechal dos exércitos do rei.

Ao lado dele, um homem com um sorriso maligno meditava sobre Pardaillan com um olhar mortal. Foi Orthes, visconde de Aspremont, que montou em seu cavalo para encontrar seu mestre e tomou seu lugar na procissão. Na ala direita da curva estavam Maurevert e Saint-Megrin.

Na ala esquerda, Quélus e Maugiron. Os intervalos foram preenchidos por cavaleiros que seguiram os mignons por ordem do Duque d'Anjou.

Pardaillan sentou-se. Seu corpo longo e magro 1449

e seco parecia alongar novamente. Seus olhos se estreitaram e lentamente escanearam a reunião. Calcanhares juntos como em desfile, pernas rígidas, punho esquerdo no quadril, desnudou-se com a mão direita, fez uma larga saudação com o chapéu, cuja pena preta parecia querer arrebatar a todos, depois colocou o chapéu de volta em sua cabeça, assegurou-lhe no canto da orelha com um soco de seu punho, e em voz de fanfarra, ele disse:

“Olá, senhores assassinos!

Um murmúrio feroz percorreu a fileira de cavaleiros. Sozinho, Damville permaneceu frio e terrível. Mas um deles fez um gesto e todos se calaram: era o capitão da guarda do duque d'Anjou. Ele diz :

"Monsieur de Pardaillan, sua espada!"

- Vamos então! trombeteou a voz de Pardaillan. Você fala como se fosse o próprio Xerxes. Vou te responder como se meu nome fosse Leônidas, nem mais nem menos! Você quer minha espada: venha e pegue!

1450

Ao mesmo tempo em que desembainhava o florete em um daqueles gestos extravagantes que seu filho herdara, segurou-o por um momento ereto sobre a cabeça, depois, apoiando a ponta na ponta da bota, curvou-se ligeiramente, apoiando as duas mãos no guarda cruzada e deu uma risada amarga e desesperada. Seu pensamento supremo naquele momento foi:

“Ao invés de apodrecer nas profundezas de algum calabouço de onde eu só saía para caminhar até Montfaucon ou para a Place de Grève, vamos morrer aqui e mostrar a esses malandros como cair com elegância!

Maugiron tomou a palavra e disse:

- O senhor é duro! Tem uma casca que resiste a grelhar, senão teria ficado nas cinzas do cabaré Truanderie onde a fumámos, não é, senhores?

Houve uma explosão de risos; antes de nocautear o animal, eles estavam determinados a se divertir.

Pardaillan respondeu:

– Se minha casca fosse difícil de cozinhar, seu rosto de 1451

o mignon era fácil de escaldar, se não me engano; um pouco mais, fritei você em óleo fervente como um belo badejo; você perdeu algumas escalas.

Maugiron fez um gesto de raiva.

- Sobre! ele gritou, empurrando seu cavalo.

Mas um gesto de Damville o deteve. Ele também queria colocar sua palavra.

– Oi senhores! você não vê que estamos lidando com um asno vestido com pele de leão?

Na minha palavra, o bandido roubou um armário no meu hotel para se vestir decentemente.

– Ah! monsenhor, Pardaillan trombeteou, você está enganado, parece-me! O burro é você, e o leão sou eu. A prova, e eu desafio você a refutá-la, a prova, é que eu quis usar luvas em sua casa sem conseguir; Eu só encontrei luvas de casco, nenhuma se encaixava na minha garra. E, no entanto, experimentei todas as luvas do teu estábulo, todas, digo-te, até à que ainda está pregada à tua porta!...

“Cão desgraçado! gritou Damville.

1452

- Vamos ficar juntos! disse Pardaillan. É leão?

É cachorro? É burro?

- Vou rasgar sua carcaça com uma cinta!

- Aqui ! Achei que sua arma fosse a espada. Desculpe ! é a tanga, como um manobrista!

- Senhor ! sua espada! repreendeu o capitão de Anjou novamente. Em nome do rei, sua espada!

– No seu coração ou na sua barriga! sua escolha !

ralado Pardaillan.

- Vamos acabar com isso! disse Damville.

Essa cena durou muito menos tempo do que leva para lê-la. Deve-se notar que a cada um desses insultos, que se cruzavam e tilintavam como espadas que agarravam o combate, todo o círculo avançava com um novo passo e se fechava em torno de Pardaillan, ainda de pé contra a porta. Quando o marechal deu a ordem para acabar com isso, os cavaleiros ainda avançaram.

Todos eles tinham espadas em suas mãos.

Atrás desse círculo, à direita e à esquerda, a rua estava preta de gente; uma multidão barulhenta e inquieta, 1453

nervoso, no som distante das bandas de metais, no rugido de sinos e canhões, tentando ver o que estava acontecendo; nas janelas, centenas de espectadores estavam encostados.

- Eles vão levá-lo! um gritou.

- Morto ou vivo ! disse uma mulher que estava interessada em lacaios.

– Natal para o bigode grisalho! gritou um menino empoleirado no parapeito de um primeiro andar.

Pardaillan cumprimentou o menino com um gesto e um sorriso.

- À frente ! rosnou Henri de Montmorency.

- Um momento ! disse uma voz amarga. Monsieur aqui é o pai de um certo Chevalier de Pardaillan que se atreveu a insultar Sua Majestade o Rei mesmo em seu escritório. Leve-o vivo! E a tortura saberá fazê-lo dizer onde está o filho!

Foi Maurevert quem falou assim. O conselho foi terrível. Os olhos de Damville brilharam com sangue. Esse cavaleiro, esse filho, como o velho, conhecia o segredo de sua conspiração.

Se ele pudesse aniquilar os dois do mesmo 1454

golpe!... No momento em que os cavaleiros, esporeando seus cavalos, avançaram sobre Pardaillan, o marechal gritou:

- Sim ! sim ! vivo ! E que diga onde está o filho!...

- Aqui está ! trovejou uma voz vibrante, rugindo, formidável.

Nesse segundo, houve uma desordem inexprimível na tropa: viu-se um dos cavaleiros cair, rolar na poeira da estrada; e, em seu lugar, em seu cavalo, apareceu um jovem com o rosto congelado em um sorriso de intensa ironia, mas com olhos flamejantes; e este recém-

chegado, com uma manobra ousada, enlouqueceu o cavalo que acabara de tomar posse, arando-lhe os flancos com a espora, quebrando a boca com puxões furiosos no freio; o animal relinchou de dor, começou a chutar, empinar, atirar com os quatro cascos; o círculo recuou, a multidão fugiu com uivos; e o velho Pardaillan, num clamor de delirante alegria e mortal inquietação paterna, soltou um grito:

1455

- Meu filho !...

"Espere, senhor", respondeu o cavaleiro friamente.

Porque era ele!... Eis o que aconteceu: Ao sair da casa da rue de la Hache, o cavaleiro, parado por um momento na rue de Beauvais pela multidão que esperava a passagem do rei, conseguiu retomar seu caminho para o Cabaret des *Deux falando morto* quando esta multidão correu para a rue Montmartre, por onde a procissão real deveria passar. O cavaleiro, portanto, chegou naturalmente à rue Montmartre e entrou nela no momento em que os últimos cavaleiros da procissão se afastavam em direção ao Sena.

Lá, um grande grupo de espectadores pairava em torno de algo que ele não podia ver. Mas o que o cavaleiro viu perfeitamente foi a alta estatura do marechal de Damville. Estava prestes a passar, quando inspecionando os cavaleiros que dominavam a multidão, reconheceu Maurevert e os lacaios que pareciam avançar em direção a uma porta, enquanto trocavam palavras 1456

acompanhados de gestos ameaçadores contundentes que eram obviamente dirigidos a um pedestre que eles cercavam.

O primeiro pensamento do chevalier foi afastar-se para não ser reconhecido e tentar chegar à Rue Tiquetonne. E já começava a recuar, quando julgou reconhecer a voz do pai! Imediatamente, ele correu de cabeça para a multidão; empurrando, cutucando, chutando; vociferações indignadas da burguesia.

Ele passou. Em poucos segundos, ele alcançou os cavaleiros que cercavam Pardaillan. Ele viu seu pai encostado na porta, alertando-se enquanto a gangue avançava.

O cavaleiro olhou em volta como se pedisse conselhos às circunstâncias e sorriu. Em ocasiões supremas, ele tinha aqueles sorrisos de espada que eram terríveis de se ver. Com um movimento rápido, ele segurou sua espada. Com um segundo gesto, ele sacou sua adaga.

Então ele pulou.

Agarre-se ao couro do estribo do primeiro cavalo 1457

que ele se deparou, içando-se na sela, colocando a ponta de sua adaga na garganta do cavaleiro estupefato e aterrorizado foi para ele um assunto de um momento:

- Desça, senhor! disse o cavaleiro, gelado e sorridente.

“Você está louco, senhor!

– Não, estou cansado e preciso de um cavalo. Desça, ou eu vou te matar!

O cavaleiro ergueu o punho da espada para atordoar o estranho adversário. Mas não teve tempo de terminar. Uma adaga no peito o atingiu. Ele capotou e rolou. O cavaleiro montou na besta e puxou sua espada.

E furiosamente ele pulou. Teve a rapidez e o brilho de um relâmpago.

- Meu filho ! gritou o velho Pardaillan.

O cavaleiro sorriu para ela.

E havia algo de fantástico em ver esse louco que parecia evoluir na Besta do Apocalipse, cujo cada gesto era um raio, cuja imensa espada traçada 1458

com vergões deslumbrantes e corado a cada gatilho, cujo cavalo saltava, saltava, chutava para a direita, chutava para a esquerda, furioso louco, sim, e ainda assim seu rosto imóvel parecia ironia viva, sua boca franzida como se fosse lançar uma zombaria sem violência , os olhos, agora, revelando pensamentos agridoces em vez de fúria!

Um grande espaço permanecia vazio ao redor do velho motorista. E então houve alguns segundos de descanso durante os quais todos estudaram rapidamente a situação. O cavaleiro, no centro desse espaço vazio, havia parado seu cavalo trêmulo e o segurava com mão de ferro. E o animal imóvel, o focinho ao vento, o cabelo preto eriçado de dor, parecia uma estátua de bronze salpicada de espuma. O cavaleiro estava calado, os lábios apertados, atentos. O velho Pardaillan, com sua voz rouca, insultava seus adversários, que lhe respondiam de longe.

No entanto, enquanto gritavam um com o outro, esses poucos segundos de trégua assustada foram aproveitados pelo velho Pardaillan. Tabelas, 1459

as cadeiras, as escadas, tudo ao seu redor que servira aos curiosos, agora em desordem, agarrou-os rapidamente, empilhou-os em baluartes com a prodigiosa habilidade que tinha para este tipo de operações, e a este baluarte, que ficava diante do portão em que foi encurralado, deixou apenas uma passagem estreita.

"Para o cavaleiro, quando ele está desmontado", ele resmungou.

Quanto ao marechal de Damville, ele se afastou, um pouco envergonhado por ter enganado sua dignidade na tarefa de prisão; porque para ele a prisão não era duvidosa. Os lacaios, como vimos, rugiram insultos e ainda assim caíram na batalha. Os cavaleiros, liderados pelo capitão da guarda de Anjou, apenas esperavam um sinal de seu chefe. Esta pausa provocada pela intervenção relâmpago do cavaleiro durou um total de dez segundos.

O capitão, com um gesto, impôs silêncio aos asseclas e disse, dirigindo-se aos dois pardaillanos:

– Senhores, em nome do rei, façam bem 1460

cuidado!... Vocês estão se encontrando?

“Não,” disse o cavaleiro friamente.

– Você está se rebelando?

- Sim.

“Avante, então!... Guardas, prendam estes dois homens!...

Os guardas de um lado, os lacaios do outro, avançaram com espadas altas sobre o cavaleiro que tinha de ser capturado ou morto antes de chegar ao velho Pardaillan. O cavaleiro entendeu que o último minuto havia chegado. Seu pensamento supremo era para Loise. Mas esse pensamento acabou de passar por sua mente.

No momento em que o ataque recomeçou com mais fúria, e desta vez definitivamente, quis repetir a manobra desesperada que acabara de dar. Então ele pegou as rédeas e deu um terrível golpe duplo nas laterais de sua fera.

Mas o cavalo, em vez de fugir, soltou uma queixa de cortar o coração e caiu!...

- Xingamento ! rugiu o cavaleiro que, saltando agilmente, encontrou-se de espada na mão, 1461

mas segurado de perto por cerca de quinze cavalos.

O que aconteceu?... À primeira intervenção do cavaleiro, um dos assaltantes desmontou e segurou na mão uma daquelas adagas curtas de lâmina larga que são armas tão letais. Este homem era Maurevert.

Acompanhou com atenção os movimentos do cavaleiro, e no momento em que o capitão gritou:

"Avante" ele correu a pé, agarrou-se à rédea do cavalo e enfiou a adaga bem no peito dele, com um golpe certeiro e violento. Atingido no coração, o animal afundou, morrendo. O cavaleiro estava prestes a morrer, e já estava começando a enfiar sua espada na massa que fervilhava ao seu redor.

- Deste jeito ! gritou o velho Pardaillan.

O cavaleiro virou a cabeça, viu a muralha que seu pai erguera; um lampejo de última esperança brilhou em seus olhos e ele correu para a abertura que havia sido deixada

aberta. Ele mal estava seguro – que segurança –! atrás deste abrigo precário que a abertura foi bloqueada pela queda de um 1462

cavalete que o velho caminhoneiro mantinha suspenso à distância de um braço.

O pai e o filho viram-se então encerrados nesta cidadela improvisada que poderia, se necessário, constituir uma defesa durante dois ou três minutos. Trocaram um olhar que foi o último abraço de despedida, pois não tiveram tempo de se beijar ou mesmo de apertar as mãos:

Nesse momento, o marechal de Damville, que ficara de lado, aproximou-se, fascinado pela curiosidade, dividido entre o medo de ver os pardaillanos escaparem, o ódio que lhe inspiravam e a admiração que não podia defender-se.

Os cavalos tinham marchado em fila cerrada sobre o obstáculo. Mas houve um recuo, com relinchos de dor, as feras empinando, os cavaleiros praguejando como pagãos: o velho Pardaillan à esquerda, o cavaleiro à direita começou a esgrimir; de momento a momento, com aterradora certeza, com a velocidade da luz, as duas espadas emergiram entre o 1463

barras das cadeiras empilhadas, por entre as pernas da mesa, dispararam como víboras de aço, ferroaram os cavalos nas narinas, nos peitos, e os dois indomáveis sitiados, silenciosos, ajuntados sobre si mesmos, o velho caminhoneiro em uma atitude de uma fera que anseia carnificina, o jovem, imperturbável e frio, apareceu como Titãs de outra época.

O capitão, com um gesto, novamente parou o ataque: esta tática não deu certo, outra teve que ser empregada. Esta foi a segunda parada neste clinch trágico e maravilhoso.

- Por todos os diabos do inferno, murmurou o capitão dos guardas, lamento prender esses dois homens...

- Você está machucado? disse o velho Pardaillan.

– Nem um arranhão, e você, meu pai?

- Nada ainda. Vamos Morrer Bem, de Pilatos.

"Vamos tentar não morrer", disse o cavaleiro friamente.

1464

- Com os pés no chão! ordenou o capitão.

Uma dúzia de cavaleiros saltou de seus cavalos; os mignons estavam entre eles, enfurecidos por essa resistência, sonhando com a tortura e repetindo entre si:

"Precisamos deles vivos!"

Então um círculo de espadas se formou ao redor da muralha; doze ou quinze pontos convergiram para o Pardaillan; houve um grande silêncio neste pequeno espaço, enquanto a multidão continuou, à direita e à esquerda, para fazer ouvir o seu rugido surdo: o momento foi pungente.

"Renda-se então, pelo deus da morte!" disse o capitão.

Os Pardaillans balançaram a cabeça. O capitão deu de ombros e disse:

- Pegue eles!

Juntos, a esta palavra que era um sinal para eles atacarem, juntos as espadas brilharam, as pontas vasculharam as matas, duas ou três lâminas se partiram com um golpe forte, quatro homens caíram, o sangue jorrou e o bando recuou 1465

para um novo assalto, sem se importar com seus mortos, gritou a uma só voz:

- Eles pegam! Eles pegam!

Foi um sucesso; os dois Pardaillan estavam vermelhos de sangue, ambos feridos na cabeça, nos braços, no peito.

“Adeus, cavaleiro! disse o velho caminhoneiro, ajoelhando-se.

- Adeus, meu pai! disse o cavaleiro, apoiando-se nos cotovelos para não cair.

"Em nome do rei, renda-se, e eu considero sua rebelião nula e sem efeito!" gritou o capitão, com uma emoção que não dominava.

- Obrigado senhor! disse o cavaleiro com sua voz mais bonita. Ao morrer, é para você que eu vou olhar, pois você é o único rosto aqui que um homem honesto pode olhar... Cobra-nos!

O capitão fez um sinal e gritou:

– Derrube-o primeiro!...

E novamente o formidável grau de aço avançou como uma besta monstruosa, em 1466

arremessando seus pontos. No mesmo instante, sob golpes furiosos, a barricada desmoronou, a passagem ficou livre.

- Este é o fim do fim! exclamou o velho Pardaillan numa gargalhada suprema.

Ao mesmo tempo, ele deu duas ou três estocadas.

“Adeus, Lois! murmurou o cavaleiro, todo o seu ser estremecendo, fechando os olhos por um momento.

E quando voltou a abri-los, aqueles olhos, permanecia ofegante, deslumbrado, extasiado, atingido por um espanto sobre-humano, sonhando que estava morto, ou que, na vertigem da angústia, lhe ocorrera uma aparição consoladora e radiante. para conduzi-lo aos portões do infinito. E foi isso que ele viu: as pontas das espadas ameaçadoras que estavam a uma polegada de seu peito foram levantadas ou abaixadas. Os assaltantes recuaram para a direita e para a esquerda, atônitos, fascinados, deixando livre uma estrada ladeada de aço que terminava em Henri de Montmorency a cavalo, imóvel, petrificado, 1467

coberto de uma palidez lívida. Ao longo deste caminho, uma mulher vestida de luto avançou, lenta e majestosa...

- A Dama de Preto! ofegou o cavaleiro.

E na soleira da casa, em frente à porta onde estava a barricada, em frente a esta porta que se abriu de repente, estava uma adorável jovem em sua pose ao mesmo tempo medrosa e ousada, com seus cabelos dourados fazendo um glorioso nimbo , seu rosto suave e pálido, - e do alto da soleira baixou para o cavaleiro um longo olhar carregado de admiração e temor...

- Lois! gaguejou o jovem que, com um movimento muito gentil, ajoelhou-se no chão banhado em sangue.

Duas lágrimas surgiram na borda dos longos cílios da garota. E então seu olhar velado com uma ternura celestial.

– Poderes do céu, posso morrer... ela me ama!...

O cavaleiro caiu para trás, desmaiou, enquanto o velho Pardaillan, mordendo seu duro 1468

bigode grisalho, resmungou:

– Ah! É Loïse, Loïson, Loïsette? Bem, não lamento morrer com essa visão nos meus olhos!

*

A dama de preto, Jeanne de Piennes, avançava em direção a Henri de Montmorency.

No momento em que a porta se abriu de repente, no momento em que essa mulher apareceu, lançando-se entre as espadas e os feridos, os assaltantes recuaram assustados. E a senhora parecia tão grandiosa, com a testa alta, majestosa e calma, parecia tão imponente que o espanto se transformou em respeito, que todos entenderam que algo estranho ia acontecer, e que nenhum desses homens furiosos agora não gostaria de desferir um último golpe nos feridos que com um gesto ela colocou sob sua proteção.

Jeanne de Piennes parou a dois passos de 1469

Marechal de Damville. Hipnotizado, Henri a viu chegar como se vê uma aparição caminhando em um sonho. Não havia mais nele nem amor, nem fúria, nem ciúme: havia apenas o prodigioso espanto de vê-la ali. Como ? Por quê ?

Sua cabeça estava perdida nisso. Ele estava esperando, só isso.

“Monsenhor”, disse Jeanne de Piennes, “eu pego esses dois homens: eles são meus. Um deles é aquele que me trouxe de volta a criança que me foi roubada; o outro é seu filho. E minha infinita gratidão vai de um para o outro. Eu lhe digo, meu senhor, estes dois homens são meus.

E eu lhe pergunto: tenho que explicar a todos aqui que dívida contraí para com eles?

Devo falar?

Com um aceno de braço ela envolveu os cavaleiros imóveis, os servos estupefatos, a multidão agora silenciosa, ofegante diante desta cena. O marechal deu uma largada longa. Ele engasgou em revolta. Seus olhos sangrentos olharam ferozmente ao seu redor, depois voltaram para Jeanne de Piennes. E sob o olhar dela, sob aquele olhar límpido, ele 1470

curvado, vencido... vencido na aparência, pois um sorriso fatal deslizou sobre seus lábios descoloridos.

Em voz baixa, rouca, quase imperceptível, ele respondeu:

"Esses dois homens são seus, senhora...

pegue eles!...

E sob seus puxões violentos, seu cavalo recuou para as casas em frente; mas ali ele parou, e Henri permaneceu presente... outro sorriso fugaz e terrível torceu sua boca. Jeanne de Piennes recorrera ao capitão da guarda do duque d'Anjou.

“Senhor,” ela disse, “você está em uma missão aqui...

"Ordem do rei, senhora!" disse o capitão com voz firme. Eu tenho que parar esses dois cavalheiros...

– Senhor, meu nome é Jeanne, Condessa de Piennes, Duquesa de Montmorency...

O capitão curvou-se profundamente. Houve um estremecimento entre os presentes, tal foi a amargura que irrompeu naqueles poucos 1471

palavras, – amargura e também forte vontade.

“Sou uma garantia viva para você”, continuou Jeanne de Piennes. Minha palavra responde pelos dois prisioneiros.

“Se é assim, madame”, disse o capitão, “Deus me livre de duvidar da segurança da alta, nobre e poderosa Dame de Piennes et de Montmorency. E se os dois prisioneiros não devem sair desta casa...

"Eles não vão deixá-la, senhor!"

- Eu obedeço, senhora. Acrescento: fico feliz em obedecer, porque são dois homens valentes.

Jeanne de Piennes curvou-se e virou-se para os dois feridos que, depois de se levantarem, assistiam a esta parte da cena, esforçando-se heroicamente para se levantar. Com as últimas palavras do capitão, com o mesmo movimento, eles embainharam suas espadas. Jeanne de Piennes avançou em direção ao velho Pardaillan:

“Monsieur”, ela disse com sua voz suave e orgulhosa, “você me daria a grande honra de descansar em minha pobre casa?...

1472

Ela estendeu sua mão. O velho caminhoneiro, emocionado, apoiou-se nessa mão e os dois entraram na casa.

Então, com um gesto tímido, Loise apresentou a mão ao cavaleiro. Ele a agarrou com um estremecimento e se endireitou em toda a sua altura. Dilacerado, sangrento, soberbo, ele apareceu por um momento como o leão que, após a vitória, leva sua leoa para fora do campo de batalha.

A visão desapareceu. A porta se fechou atrás de Loïse e do cavaleiro...

- Capitão! rosnou Henri, vinte guardas na frente desta casa, noite e dia! Você me responde em sua cabeça prisioneiros... e prisioneiros!...

"Eu ia dar minhas ordens, meu senhor!"

respondeu o capitão com altivez.

"Faça isso!... E dê a sua estrela da sorte que a senhora de Piennes, que falsamente se autodenomina Duquesa de Montmorency, é sua boa garantia até o fim!"

O capitão rapidamente fez seus arranjos: 1473

os mortos e feridos foram removidos; enviaram reforços; e logo vinte guardas foram postados na frente da casa, que deveria ser vigiada dia e noite.

Ao longe, os canhões do Louvre trovejaram.

1474

XLIX

O diamante

Como Jeanne de Piennes e sua filha Loïse se encontraram nesta casa da rue Montmartre, como e por que intervieram na cena que acabamos de reconstituir, eis o que o leitor tinha o direito de se perguntar, e é isso que temos o dever de lhe contar.

A permanência dos dois prisioneiros na casa da rue de la Hache fora tão triste quanto se pode imaginar; mas o sofrimento moral não havia sido complicado por nenhum sofrimento físico. Alice de Lux manteve seu papel de carcereira; ficou ali com vergonha, com desespero, e tentou pelo menos atenuar o que havia de odioso nesse papel. Nas raras ocasiões em que ela teve que falar com o 1475

senhora de Piennes, apresentava-se mais como serva do que como guardiã. Os prisioneiros que a temiam a princípio acabaram tendo pena dela.

Dias e noites passavam sombrios, desolados.

No entanto, esse confinamento no fundo de duas salas estreitas afetou a saúde de Jeanne de Piennes. Ela resistiu ao mal com a bravura que conhecemos dela. Mas, no final, tantos choques violentos, tantas tristezas, uma dor tão longa que parecia afundar mais fundo nela à medida que avançava na vida, finalmente chegaram ao seu coração.

Seus olhos se arregalaram, cercados por um círculo azulado: uma grande fraqueza, pouco a pouco, tomou conta dela.

Podemos dizer que essa infeliz mulher não viveu mais a não ser por um esforço de energia moral e amor materno. Jeanne de Piennes não era mais do que uma mãe. Seu último sonho era deixar sua filha em segurança... e depois morrer!

1476

Sim, ela agora via a morte como o descanso final. Na verdade, sua última esperança havia desaparecido. Que esperança? A carta que ela escrevera a François de Montmorency!

Ela não tinha dúvidas de que esta carta tinha sido entregue. Ao interrogar Alice de Lux, ela conseguiu se convencer de que o marechal estava em Paris. Parecia-lhe impossível que François não tivesse recebido aquela comovente carta em que ela contava a verdade sobre a tragédia de Margency. E François não veio em seu socorro! François a estava abandonando, acreditando que ela ainda era culpada!

É verdade que ele conseguiu procurá-la sem encontrá-la; mas mesmo isso lhe parecia impossível. Em sua carta, ela acusou Henri de Montmorency tão abertamente que, inevitavelmente, ele deve ter aparecido a François como o sequestrador. Como último recurso, o marechal poderia ter apelado à justiça real.

Nenhuma intervenção ocorreu: desde que ela foi arrancada de sua residência na rue Saint-Denis, sempre houve nada além de silêncio ao seu redor. Um momento ela era 1477

agarrando-se a essa esperança de que o Chevalier de Pardaillan não tivesse entregado a carta. Ela tentou imaginar que ele era perverso o suficiente para não cumprir a missão que ele havia dado a si mesmo, como o pai já havia sido perverso o suficiente para realizar o sequestro de Loise.

Mas à força de pensar nisso, ela disse a si mesma que até isso era impossível. Às vezes ela dizia a si mesma que um homem tão jovem, que provavelmente amava sua filha, ainda não poderia ter atingido esse grau de maldade. Às vezes ela dizia a si mesma que o próprio interesse do cavaleiro deve tê-lo impelido a cumprir sua missão. Ela, portanto, chegou a admitir que François de Montmorency a estava abandonando. E essa terrível convicção que lhe tirou a esperança secreta de sua vida ativou a doença que a atormentava.

Quanto a Loise, desde que soubera que aquele jovem em quem confiara tão ingenuamente era filho do homem que a raptara há muito tempo, vinha fazendo esforços inúteis para odiá-lo ou esquecê-lo. Tal era a situação moral das duas mulheres, quando uma noite Alice de 1478

Lux foi até eles.

Ela estava ainda mais pálida do que o normal.

Jeanne e Loise olharam para ela com terror misturado com pena. Alice estava na frente da Dama de Preto, com os olhos baixos.

“Madame”, disse ela, “pelo menos faça-me a justiça que fiz de tudo para suavizar seu cativeiro.

“É verdade”, disse Jeanne, “e não estou reclamando.

"Uma circunstância abominável em minha vida infeliz, madame, me obrigou a ser um carcereiro."

"Você me disse, pobre mulher, e eu reclamei com você com todo o meu coração...

"Então," disse Alice, estremecendo levemente, "quando você estiver livre você não vai sair me xingando... você não vai guardar nenhum ódio contra mim?"

Jeanne balançou a cabeça amargamente.

– Livre!... Ai!... seremos algum dia?

1479

- Tu es!

Um sobressalto abalou Jeanne de Piennes.

Lois ficou pálida.

“Vocês dois estão livres”, retomou Alice, com calma firmeza; esta circunstância de que vos falei já não existe. Adeus, senhora...

adeus, querida mocinha... guarde para mim mais pena do que ressentimento!... Eu te livro da minha presença que deve ser odiosa para você... Esta porta está aberta... as portas de baixo estão abertas. ... Até a próxima!

A estas palavras, Alice de Lux retirou-se. A mãe e a filha permaneceram por um momento como se estivessem sobrecarregadas com a triste alegria que sentiam. Então, eles se beijaram em um abraço cheio de efusão. Nesse momento, um pensamento fez Jeanne de Piennes estremecer. Ia encontrar-se com a filha sem recursos, sem casa, sem pão. Voltar à casa da rue Saint-Denis era, sem dúvida, cair no poder de Henri de Montmorency. Eles eram livres, sim! mas para onde ir?

Jeanne entendeu que ela não teria mais o 1480

força para trabalhar para sua filha, como antes.

Então essa liberdade que estava sendo oferecida a ele era apenas uma mudança de desespero. Ela só ganhou por não mais temer Henri de Montmorency.

- O que vamos nos tornar? ela não pôde deixar de sussurrar.

“Mãe”, disse Loïse corajosamente, como se tivesse seguido passo a passo os pensamentos de Jeanne, “você trabalhou para nós duas; agora será a minha vez, só isso!... E quanto ao mais urgente, ainda temos aquele lindo diamante que você me mostrou mais de uma vez.

“Aquele diamante, querida! Ouça, você tinha acabado de ser tirado de mim, eu estava chorando, eu estava correndo como um louco, parecia que meu coração tinha sido arrancado, a alma da minha vida tinha sido tirada, e eu entendi que estava prestes a morrer, quando este homem se apresentou na cabana; carregou-te nos braços e entregou-te a mim enquanto dizia algumas palavras, e delirando de alegria, devorei-te de carícias, este ser generoso, cujo olhar leal jamais esquecerei cheio de 1481

de lágrimas, desapareceu... Desapareceu, minha Loïse, mas a sua fisionomia rude e franca ficou na minha memória... Sabes o quanto venero este homem; você sabe que a gratidão que dedico a ele é igual ao horror que o abominável Pardaillan me inspira... Agora, ouça agora... Peguei você em meus braços e parti para Paris. Eu não sonhava então que estava sem recursos, como hoje!... Na floresta, um cavaleiro me juntou... Tendo me questionado, tendo entendido que eu não possuía nada no mundo, este generoso cavaleiro colocou esta bela diamante em seu peito, este presente cuja riqueza é superada aos meus olhos pela

riqueza de coração de quem me ofereceu... que nos ofereceu... Esse cavalheiro, Loïse, era ele! Ele era o homem que trouxe você de volta para meus braços!

“Você me disse, mãe!

– Na miséria em que me encontrava então, nunca quis me desfazer desse diamante que me lembrava o generoso estranho. É tudo o que tenho dele, já que nem sei o nome dele... o diamante, Loïse, vamos ficar com ele 1482

piedosamente.

– Sim, mãe... você tem razão.

– E então, escute, meu filho... quem sabe se um dia, não será usado para fazer você reconhecer este homem com o coração de ouro... Se eu não estivesse mais lá... Se eu morresse. ..

“Mãe!” exclamou Loïse em um grito de cortar o coração.

- Calma, querida. Espero viver o suficiente para vê-lo feliz...

– Mãe, mãe, cale a boca, você está partindo meu coração...

– Bem, pode ser que este diamante lhe seja útil então, ou que você o venda, ou que o faça reconhecer por este digno amigo desconhecido que, tenho certeza, virá em seu auxílio... isso, meu filho... vamos... vamos...

Nesse momento, Alice de Lux reapareceu diante de Jeanne de Piennes.

– Senhora, ela disse com a voz mudada, perdoe-me por ter ouvido parte de 1483

sua entrevista; Não estou dizendo que ouvi sem querer... eu escutei... essa é uma das desgraças da minha vida: entrei, tive que me acostumar a escutar ao meu redor...

Uma lágrima escorreu pelas bochechas pálidas do espião. Jeanne olhou para aquela mulher infeliz com uma espécie de terror. O que era essa mulher estranha que deve ter adquirido o hábito de ouvir ao seu redor!...

“De qualquer forma,” continuou Alice de Lux com um esforço, “eu ouvi. Você se encontra sem recursos, eu deveria ter pensado nisso; Sou rico, senhora, mais rico do que gostaria; Tenho duas ou três casas em Paris.

Você aceitará um deles como refúgio?

Uma hesitação conteve Jeanne de Piennes.

- Infeliz! gaguejou Alice, eles não devem pensar que minha oferta esconde uma emboscada!...

"Não, não, madame", gritou a senhora de preto; Eu juro a você que esse pensamento terrível não pode me ocorrer! Acho que entendo que você deve 1484

arriscar muito para nos libertar; Tenho total confiança em você...

- Então ? sussurrou Alice. Oh ! se você acha que me deve alguma gratidão, deixe-me a alegria de fazer um pouco de bem... inspirá-lo apenas com desconfiança, aceite pelo menos isso.

Com essas palavras, ela colocou no canto de uma mesa uma bolsa que poderia conter cem coroas de ouro. Um rubor brilhante corou o rosto de Jeanne de Piennes.

Loise virou-se envergonhada. Alice se ajoelhou.

“Madame”, disse ela com a voz entrecortada, “é uma mulher moribunda que lhe oferece este pouco de ouro destinado a tornar as primeiras vezes menos difíceis para esta nobre jovem...

Jeanne olhou para a filha e começou.

"Eu te machuquei tanto", Alice continuou, concordando em mantê-lo detido aqui, "que eu tenho 1485

como um coração roído. Juro-te que adoçarás os últimos dias de uma mulher infeliz ao receberes este pequeno presente. Pois se você receber, então, senhora, eu acreditarei que você me perdoou...

Jeanne de Piennes dirigiu ao carcereiro um olhar de infinita misericórdia. Uma hesitação final o deteve por um momento. Mas a generosidade prevalecendo em seu coração, ela estendeu as duas mãos para Alice que as agarrou e as beijou ardentemente. Jeanne então pegou a bolsa.

Queria dizer algumas palavras de despedida a esse estranho carcereiro por quem não sentia mais nada além de pena, mas Alice já havia se levantado e, silenciosamente, havia desaparecido.

- Vamos lá! disse Jeanne então.

“Mulher estranha! pensou Jeanne de Piennes, quando estavam na rua. Quem sabe se esta existência não esconde alguma catástrofe ainda mais terrível do que a que me atingiu!...

Infelizmente! o mundo é então um vasto campo onde só crescem as flores do infortúnio?

No primeiro momento, a ideia de que ela estava livre, que finalmente estava fugindo de Henri, deu-lhe uma alegria que reavivou suas faces murchas. Um leve sorriso brincou em seus lábios.

- Como você está linda hoje, mãe!

perguntou Loise, dando-lhe o braço. Faz muito tempo que não te vejo assim... Você vai se recuperar, você vai ver. E aí, se a doença te vencer, eu estarei lá, eu, para te tratar e te curar...

E a jovem, escondendo cuidadosamente a tristeza secreta de seu coração, parecia toda alegria, toda luz. A mãe voltou a ter esperança. Talvez ela conseguisse esquecer o passado!...

Enquanto isso, ele tinha que encontrar uma casa, algum alojamento. A Rue Montmartre, uma pequena casa desabitada, parecia atender às condições de modéstia, calma e afastamento que ela procurava. Ela se instalou lá imediatamente e começou a fazer planos de partida com Loise.

Loise olhou para a mãe com preocupação: nunca a vira tão febril; ela 1487

falou com uma volubilidade assustadora. Nesse mesmo dia, Jeanne teve que ir para a cama. O delírio a agarrou. Foi a primeira vez que Loise se viu na presença de tal evento. Ela não perdeu a cabeça, no entanto. E, sozinha para lutar, ela só lutou com mais firmeza.

Dias se passaram. Jeanne, desta vez, escapou da morte que a esperava. Mas quando ela conseguiu se levantar, ela entendeu que estava condenada. Respirava com dificuldade, e várias vezes por noite os sufocamentos antes espaçados a longos intervalos vinham ameaçá-la. De qualquer forma, ela parecia se recuperar desse alerta.

Um dia, enquanto conversavam com tristeza, Loïse tentando sorrir, a mãe tentando lhe dar a ilusão de saúde plena voltou, nesse dia, pois, ao combinarem deixar Paris no dia seguinte, ouviram grandes rumores na rua. Tendo examinado o que estava acontecendo, eles entenderam pelas conversas da multidão e pelo desdobramento das companhias de guardas, que o rei estava voltando para Paris. Joana de 1488

Piennes fechou as janelas e baixou as persianas. Essa visão não só a afetou um pouco, mas ela também temia ser vista.

Duas ou três horas se passaram. A mãe e a filha, sentadas perto uma da outra e de mãos dadas, ouviam com indiferença os ruídos do lado de fora que faziam o silêncio da casa parecer mais profundo. De repente, eles se encolheram. A aldrava tinha acabado de soar.

– Quem pode bater? murmurou Joana.

“Mãe”, disse Loïse com voz trêmula, “parece o golpe do martelo de alguém pedindo ajuda!...

Mas Jeanne balançou a cabeça. Os ruídos do lado de fora ficaram mais altos.

“Não”, disse ela, “provavelmente foi por acaso que o martelo foi levantado.

Nossos leitores talvez não tenham esquecido que foi o velho Pardaillan quem, sem querer, aliás, bateu à porta deste 1489

casa.

E, como Loïse permanecia trêmula, subitamente pálida, a mãe acrescentou:

“Fique tranquilo, meu filho. Além disso, entreabrindo as persianas, veremos...

Ela se levantou e foi até a janela. Mas, naquele momento, ela permaneceu enraizada no local. Ela tinha acabado de ouvir o nome Pardaillan mencionado! E esse nome, foi gritado entre insultos, ameaças, gritos de ódio!

Loise já havia corrido até a janela e aberto as venezianas para poder ver sem ser vista. Sua mãe então se juntou a ela.

Ao redor da porta de sua casa, havia um semicírculo de cavaleiros que cercavam alguém que não podiam ver, pois esse alguém havia se amontoado contra a porta, sob o toldo. Mas se não o viram, ouviram seu nome. Era mesmo Pardaillan quem todos esses cavaleiros que avançavam pouco a pouco ameaçavam.

Pardaillon! Dele ! O homem que sequestrou 1490

Lois!

Seria esta a punição para o crime? O que o destino quis que foi precisamente sob os olhos de Jeanne e Loïse que o desgraçado foi atingido...

Porque ele ia ser espancado até a morte... era inevitável.

Nesse momento, um duplo grito abafado escapou das duas mulheres que, após um movimento de recuo, voltaram para a janela, como se estivessem invencivelmente atraídas.

- Dele ! murmurou Jeanne de Piennes, Henri de Montmorency!

"O Cavaleiro de Pardaillan!" murmurou Loise ao seu lado.

E invencivelmente atraídos, eles retomaram seus locais de observação.

- Nosso gênio do mal está aqui! continuou a mãe. Loise, minha filha, quem sabe se o maldito Pardaillan não nos descobriu! Quem sabe se não foi ele quem trouxe seu mestre aqui!

Que terrível fatalidade pesa sobre nós!...

Mas qual é o seu problema, minha filha?... Você está chorando!...

- Mãe ! Oh ! mãe ! gaguejou Loïse em 1491

abraçando a Senhora de Piennes em seus braços.

E, confusa, desnorteada, acrescentou:

– Devemos salvá-lo!... Eu morro se ele morrer!

- Salvar ! gritou Joana. Salve quem!... Meu filho, volte para si mesmo... não temos ninguém para salvar aqui... há apenas nossos dois inimigos mais cruéis!

– Ah! minha mãe, tenho certeza que ele não é nosso inimigo. Apesar de tudo, não posso acreditar que ele seja desleal.

"Mas de quem você está falando?"

– Olha, mãe... aqui... à esquerda, bem perto da porta...

Jeanne de Piennes inclinou-se para mais perto, correndo o risco de ser vista e, ao ver o cavaleiro, compreendeu o que se passava no coração da filha... De repente, ela ficou muito pálida, os olhos arregalados de espanto, olhando para alguém que Loise não via. E esse alguém era aquele cuja imagem ela mantinha clara e piedosamente gravada em seu 1492

memória, aquele a quem ela havia dedicado infinita gratidão, o homem que lhe trouxera a pequena Loïse!...

Então ela se afastou da janela. O que aconteceu dentro dela? Sem dúvida, com a rapidez onírica das resoluções supremas, ela pesou a dívida contraída em relação a esse homem contra o horror que Henri lhe inspirava. Ficar calada, testemunhar calada, imóvel, o massacre, era abandonar o único homem do mundo que lhe mostrara uma pena cuja lembrança, cada vez que pensava nisso, lhe trazia lágrimas aos olhos. Intervir, tentar salvá-lo, era render-se ao formidável opressor de quem ela escapou por pouco. A luta foi curta.

Ela agarrou a mão da filha e disse simplesmente:

- Venha !...

Então eles desceram e abriram a porta.

E, aumentada pelo sacrifício, transfigurada, augusta, ela apareceu aos olhos dos assaltantes... O resto sabemos.

1493

*

Quando as duas mulheres que apoiavam os feridos voltaram para casa, quando a porta foi firmemente fechada, sua primeira ocupação foi cuidar dos arranhões e cortes que haviam recebido. Nenhum desses numerosos ferimentos era perigoso e a fraqueza dos dois Pardaillan veio da perda de sangue. Os dois homens deixaram-se ir em silêncio.

Diabo, pensou o pai, se eu não quisesse ser ferido todos os dias para ser cuidado pelas mãos daquela menininha! »

"Estou no paraíso! pensou o filho ao seu lado. »

Por um senso natural de propriedade, era Jeanne de Piennes quem cuidava do chevalier, enquanto Loise cuidava do velho Pardaillan.

A partir do momento em que o cavaleiro entrou na casa, a jovem retomou este 1494

semblante de modéstia calma e orgulho encantador que era habitual para ele. Em várias ocasiões, seu olhar encontrou o do cavaleiro sem que ela sentisse a necessidade de desviar o olhar. E ele também havia retomado aquela máscara de frieza cética, aquele sorriso que parecia zombar de si mesmo.

Terminados os curativos, o velho caminhoneiro levantou-se da cadeira em que fora obrigado a sentar-se e, curvando-se com aquela graça um tanto cavalheiresca que era peculiar a esses dois homens, disse:

– Senhora, tenho a honra de apresentar-lhe meu filho, o Chevalier de Pardaillan, e eu, Honoré Guy Henri de Pardaillan, do ramo mais jovem dos Pardaillan, família renomada em Languedoc por seus altos feitos e sua pobreza.

Pobres somos, senhora, com todo o orgulho; mas, pelo deus da morte, temos o coração bem colocado. Isto é para lhe dizer, senhora, que nossa gratidão só perecerá conosco, e que colocamos à sua disposição as duas vidas que você tem apenas 1495

Salve ? ...

"Monsieur", disse Jeanne com a voz alterada, "minha gratidão não está satisfeita com o que acabei de fazer...

"Eu não entendo, senhora...

"Você não me reconhece?...

Você pelo menos reconhece este diamante, que você deixou cair na mão de minha filha naquela noite de vergonha e dor quando eu estava indo para Paris? Você não se lembra da pobre mulher que conheceu na floresta, não muito longe de Montmorency?

“Lembro-me perfeitamente, senhora. Eu simplesmente quis dizer que não entendi sua gratidão, quando você deveria me odiar.

“E é por isso, senhor, que eu mesmo permaneço profundamente perturbado e meu espanto é inexprimível. Vejo em você o homem generoso que trouxe minha filha de volta para mim.

Eu sempre ignorei seu nome. E este nome que você mesmo me ensina é o que você jogou em mim no dia em que você apareceu para mim 1496

no chalé carregando meu filho nos braços: esse é o nome do homem que raptou Loise.

"Então vou acabar com seu espanto, correndo o risco de incorrer em sua maldição", disse o velho Pardaillan com voz firme. O homem que raptou a pobre menina para obedecer a Henri de Montmorency e o homem que a trouxe de volta para você, esses dois homens, Madame, são um e o mesmo, e ele está na sua frente... Sim, é verdade , senhora, eu cometi o crime. E na minha existência amargurada pela miséria, é a única ação seriamente censurável que tenho de me censurar... Eu poderia respirar com facilidade... Concordo, aliás, que foi uma reparação insuficiente e que eu merecia seu ódio... Amaldiçoe-me então, madame, como você me amaldiçoou outrora!...

“Loise”, disse Jeanne de Piennes, “aqui está o homem generoso, o homem de coração que incorreu no ódio de um senhor terrível para devolvê-la à sua mãe...

1497

Que seja abençoada a hora em que posso agradecê-lo com toda a minha alma!

Loise caminhou até o velho caminhoneiro, agarrou suas duas mãos e estendeu sua encantadora testa para ele. Ao colocar os lábios naquela testa, o velho caminhoneiro sentiu seus olhos nublarem com uma névoa úmida.

Foi sem dúvida uma das emoções mais fortes que ele experimentou em sua vida.

“Meu filho”, disse ele, “os desejos de um velho corredor como eu talvez não sejam um talismã de felicidade; mas se fosse preciso apenas dar minha pobre vida para te fazer feliz, seria uma alegria para mim morrer imediatamente...

Jeanne então colocou o anel adornado com o famoso diamante no dedo da filha.

“Eu jurei que ele nunca me deixaria”, disse ela. Minha filha manterá meu juramento.

Neste momento, os olhos de Loïse encontraram os do cavaleiro, e ela empalideceu sob o esforço de um sentimento mais profundo, como se aquele anel de infortúnio que acabava de ser colocado em seu dedo fosse 1498

tornou-se seu anel de noivado.

*

Passada a primeira hora nessas emoções, foi a vez do cavaleiro falar. A dama de preto perguntou-lhe se tinha recebido a carta que devia enviar a François de Montmorency. O cavaleiro então contou como havia sido preso, colocado na Bastilha e como havia saído dela.

Loise escutou-o com avidez e pensou ter ouvido alguma história fabulosa da época de Carlos Magno.

Jeanne de Piennes ouvia com angústia.

E quando o chevalier veio dizer que o marechal de Montmorency havia recebido e lido a carta, ela não pôde conter uma exclamação dolorosa:

– Ah! ela gritou, "então ele me condenou, já que ele não está aqui!...

O cavaleiro entendeu o significado exato desse grito de dor. Ele tinha um sorriso singular e se contentou com 1499

dizer :

– Senhora, peço-lhe três dias para lhe dizer o fim do que tinha para lhe dizer: dois dias para curar esses furos, um dia para dar um passo... marechal foi capaz de fazer à sua carta. Acredito, sim, realmente, acredito que não cabe a mim dizer como foi essa recepção.

Por mais misteriosas que fossem essas palavras, Jeanne, apesar de si mesma, concebeu uma imensa esperança. Um rubor brilhante corou suas bochechas pálidas. E em voz tão baixa que ninguém a ouviu, ela sussurrou:

– Ó meu Francisco, um minuto desta alegria redimiria dezoito anos de martírio!

Em seguida, cuidamos da instalação dos dois Pardaillans. Não era o espaço que faltava, mas faltava a mobília. Finalmente, o velho Pardaillan e seu filho exigiram ser relegados a uma espécie de sótão abundantemente provido de feno. Eles se estabeleceram lá sumariamente, apesar da forte oposição da Dama de Preto e sua filha.

1500

"Madame", disse o velho caminhoneiro, "o cavaleiro e eu dormimos no campo e sob as estrelas tantas vezes que este alojamento nos parecerá um luxo real.

Foi, portanto, neste feno que os dois homens dormiram quando a noite caiu. Nunca o cavaleiro encontrou um sofá tão macio e nunca teve sonhos tão felizes em seu sono. Porque estar cansado; ou excesso de felicidade, ele quase imediatamente adormeceu em um sono pesado.

Mas o velho Pardaillan não estava com sono. Começou então, segundo o seu velho hábito, a "estudar a localidade", como dizia. Este estudo levou-o ao œil-de-boeuf que iluminava este sótão e que dava para a rua. E o que viu na rua o fez estremecer.

Vinte soldados comandados por um oficial foram instalados na estrada. Eles acenderam tochas cujos reflexos vermelhos e tristes iluminavam suas silhuetas. A maioria deles dormia na própria estrada, enrolados em seus casacos. Mas quatro, suportados 1501

em arcabuzes, permaneceu de pé contra a porta, enquanto dois, a alabarda no ombro, andavam para cima e para baixo.

O velho caminhoneiro soltou aquele assobio longo e modulado que nele revelava admiração ou preocupação em seu ponto mais alto. Ele inclinou a cabeça, preocupado. Esses soldados que os guardavam, ele os havia esquecido!...

Ele havia esquecido que ele e seu filho eram, afinal, apenas prisioneiros em liberdade condicional, e que só a fiança da senhora de Piennes lhes garantia uma liberdade momentânea. E pensando nisso, chegou a dizer a si mesmo que nunca havia sido tão prisioneiro! Na verdade, ele não tinha nem mesmo o recurso de uma fuga, a esperança de uma fuga; o depósito oferecido e aceito proibia-o de qualquer tentativa de fuga, sob pena de entregar aquele que o havia salvado!...

O cavaleiro também provavelmente havia esquecido tudo isso porque estava dormindo profundamente. O velho Pardaillan examinou-o com ternura à luz do lampião que acendera.

“Pobre cavaleiro! ele sussurrou, estou com medo 1502

forte que estamos finalmente na ratoeira da qual não se sai mais! Receio que seu verdadeiro infortúnio data do minuto em que você entrou aqui!...

Ah! meu pobre cavaleiro, quantas vezes eu te disse para tomar cuidado com o amor!...

A situação era realmente mais terrível do que nunca para os dois aventureiros indomáveis, mais terrível talvez do que quando por trás de sua frágil muralha receberam a carga furiosa de vinte espadas dirigidas contra eles. Eles poderiam então se defender! Agora eles estavam acorrentados! E quando o capitão dos guardas quisesse vir buscá-los, eles só teriam que segui-lo sem resistência, sob pena de infligir uma terrível negação ao fiador da senhora de Piennes!...

O cavaleiro morreria cem vezes em vez de atacar a mãe de Loise assim!

- Amor ! amor ! resmungou o velho caminhoneiro, balançando a cabeça, aqui estão muitos dos seus tiros!...

Estamos mesmo perdidos, e desta vez sem remissão!...

Ele voltou novamente para a clarabóia e olhou de um 1503

olhos sombrios os soldados que vigiavam!

E então, pensou, se não fossem os guardas, seríamos menos prisioneiros? Para o inferno com o amor! Maldito depósito! o que fazer, morbleu! o que se tornar? Esperando que alguém venha e nos dê um sinal de que o carrasco está pronto?...

Ei! por todos os diabos, aqui está realmente nosso último recurso: esperar!... E durante este tempo, o machado é afiado, a menos que o cordão seja tecido!... Bah!... no final... isso ou algo mais !...

vale a pena, afinal, o lindo momento que vivi hoje!..."

Então o velho Pardaillan deitou-se no feno ao lado do filho e, depois de vê-lo dormir por muito tempo, adormeceu por sua vez.

1504

eu

O fim de uma dor

Na manhã seguinte, um raio de sol passando pela janela redonda em forma de olho de boi acordou o velho Pardaillan. Ele avistou seu filho, que, um cotovelo no joelho, o queixo na mão, parecia absorto em alguma reflexão dolorosa. Uma tristeza extraordinária se espalhou pelo rosto do jovem. Ele não estava suspirando, e o sorriso irônico em seus lábios simplesmente tinha uma ponta de amargura. O pai olhou para ele por um longo tempo, então de repente:

- Ei! qual é o problema, cavaleiro! Estou observando você com o canto do olho há dez minutos, e se não consigo ouvir os gemidos que você está empurrando dentro de si, posso adivinhá-los! Você tem o laço no pescoço?

O machado sobe em você?

"Não estou gemendo, pai: estou pensando.

1505

– Podemos saber o quê?

"Para aqueles soldados que guardam o portão.

- Zumbir! você viu ?

- Sim. Agora, devo ir procurar o marechal de Montmorency e trazê-lo aqui", continuou o chevalier, em desespero concentrado.

– Ah! ah!

- Eu vou conseguir, meu pai! terminou o jovem febrilmente. Tenho certeza de que conseguirei, se houvesse mil guardas nesta rua! Porque fiz à mãe de Loïse uma promessa que será cumprida... Tenho certeza!

– Ah! ah! certeza demais!...

- Sim, meu pai! Trarei o marechal aqui, e então...

- Então ? chegar ao fim, vamos ver!

"Bem, meu papel vai acabar, pai.

O marechal, é bastante natural, levará sua filha. E isso é tudo. Você vê que não há nada para ficar triste, como você disse. Então, 1506

Pai, tudo o que tenho a fazer agora é comparecer ao casamento de Mademoiselle de Montmorency com o rico e poderoso senhor que o marechal sem dúvida pretende para ela, e então estaremos livres...

retomaremos nossos antigos projetos, viajaremos o mundo juntos, percorreremos o universo...

– Você quer dizer ao redor da Place de Grève ?

- O que você quer dizer ?

– Que nosso fim do mundo, para nós, se entretanto sairmos de Paris, chama-se Montfau con2 !

– Ah! ah! disse o cavaleiro por sua vez, seu rosto se iluminando com uma alegria fatal. Pela minha fé, você está certo, meu pai, e eu não sonhei com isso!... É verdade pardieu! estamos aqui prisioneiros da fé da mãe de Loïse, e não podemos...

1 Place de Grève (atualmente Place de l'Hôtel de Ville).

2 Montfaucon (aldeia nos arredores de Paris, atualmente Buttes-Chaumont). Dois lugares onde ocorreram execuções capitais e onde ficava a forca mais famosa da Idade Média.

1507

- Oh ! não há apenas a fé da senhora de Piennes! Lá estão os guardas!

O cavaleiro deu de ombros, não pelo que seu pai acabara de dizer, mas para responder ao seu próprio pensamento. Quão sinceramente ele desejava que aqueles guardas pudessem impedi-lo de passar! E que ele não poderia se juntar ao marechal! Faria qualquer coisa para passar!... Mas enfim, se não passasse!... Já vislumbrava uma batalha, a dama de Piennes e Loïse levada por ele de Paris. .. e depois...

Mas esta garantia, esta palavra dada pela senhora de Piennes! Nós iremos ! Tudo isso não existia mais se os guardas começassem as hostilidades, se eles mesmos quebrassem a trégua. E Pardaillan fez questão de forçá-los a começar a batalha. Seu olhar brilhou. Suas narinas dilataram.

"É melhor! pensou o velho caminhoneiro.

Mas quase imediatamente o chevalier voltou a cair em seu desânimo sombrio: não podia sair de casa e sentiu que superaria todos os obstáculos.

1508

“Em todo caso”, retomou seu pai, como se tivesse seguido seu pensamento, “você pediu três dias para buscar o marechal.

O cavaleiro balançou a cabeça.

“Pedi três dias”, disse ele, “porque pensei que estava mais gravemente ferido do que estou. Mas eu sou forte. O curativo que você vai me dar vai acabar com esses arranhões miseráveis.

E com outro encolher de ombros, acrescentou:

"Essas pessoas não sabem nem bater...

"Sim", disse o velho Pardaillan calmamente, "nossos golpes são mais adequados para nós...

E começou a cuidar ativamente das feridas do filho, feridas menores, aliás, que já haviam sido curadas no dia anterior.

– Agora, ele disse então, como você vai sair?

Eu, que nada prometi, confesso que não vejo o caminho... pelo menos em plena luz do dia. Eu aconselho você a esperar até o anoitecer.

“O Marechal estará aqui hoje”, disse 1509.

o cavaleiro com firmeza.

O velho Pardaillan começou a assobiar uma melodia de caça, e o cavaleiro começou sua busca.

- Eu encontrei ! ele disse depois de uma hora.

O velho se assustou e resmungou:

"Para o inferno com as donzelas!" Vamos ver, o que você achou?

O cavaleiro mostrou-lhe uma clarabóia que dava para o telhado.

- O que ! Você quer atravessar os telhados?

– Já que não tem outro jeito. Dê-me a escada curta, meu pai, para que eu possa chegar a este buraco...

O caminhoneiro pega a mão do filho e diz:

“Uma última palavra, cavaleiro. Você nunca quis fazer o que quisesse. E, no entanto, se bem me lembro, você me jurou seguir o conselho que lhe dei. Chegou a hora de manter sua palavra. O que eu sempre te disse? Desconfie de todos e de si mesmo! E sobretudo nunca se envolver em nada que não lhe diga respeito! Ouro, 1510

por não ter mantido o juramento que você me fez, você nos colocou em um embaraço cruel. Você não desconfiou do seu coração, cavaleiro, ah!

que raça são as pessoas de coração! E aqui está você apaixonado: de repente você corta suas garras e unhas. Mas que seja, vou passar a toalha ao passado, admito sua estupidez em gostar de sua Loïsette e admito que pessoas mais espertas do que você teriam gostado de seus cabelos dourados como uma tela bonita, e de seus olhos claros quanto a água traiçoeira. Eu passo toda a condenação sobre isso. Você gosta.

Bem, pela morte de Deus, deixe as coisas acontecerem!... Você quer trazer aqui o marechal que vai se curvar a você, dizer um grande obrigado e levar sua filha embora, desejando-lhe todo tipo de felicidade. Mas por que ? O que diabos você está se metendo aqui de novo? Você está em uma casa cercada. Quem te obriga a ir quebrar os ossos nos telhados? Cavaleiro ! cavaleiro ! se intrometa em seu amor, já que você é louco o suficiente para amar! Mas fique em paz e deixe em paz esse digno marechal que não o chama, a quem ninguém o envia: isso não é da sua conta!

“Você está errado, pai! Esse sou eu 1511

visto.

"Então você vai desobedecer seu pai de novo, seu velho pai!"

– Dê-me a escada curta!

- Você decidiu? Nada pode convencê-lo de que você ainda está fazendo algo estúpido? Devoção, cavalheirismo, proteção a rostos bonitos cujos olhos choram, grandes golpes de

espada a ladrões poderosos que devemos respeitar... É isso que te seduz? É isso que você quer? Bem, eu te sigo!... É a renúncia a todos os bons princípios pelos quais guiei minha vida...

Não havia ironia no que o velho roadster disse ali. Falou com plena convicção.

O cavaleiro o abraçou.

O velho Pardaillan colocou as mãos entrelaçadas para que o cavaleiro pudesse colocar o pé sobre elas como se fosse um degrau. O jovem correu para a frente, alcançou os ombros e, levantando os braços, agarrou-se à beira da clarabóia. Momentos depois, ele estava no telhado da casa.

1512

O cavaleiro estava do outro lado do telhado que ficava em frente à rua. Sua visão se estendia por uma série de pequenos pátios e jardins. Se ele descesse ao pátio da casa, estava em apuros. Só havia um jeito. Era para chegar ao telhado da casa vizinha. Ali procurava e encontrava sem dificuldade alguma janela por onde pudesse entrar na casa e chegar à rua.

A posição do cavaleiro era a mais perigosa. De fato, o telhado da casa, como todos os telhados vizinhos, de inclinação acentuada, construído em ângulo muito agudo, apresentava um caminho quase intransitável. Havia uma chance de nove em dez de rolar. No entanto, não foi isso que impediu o cavaleiro em sua tentativa.

Vendo as dificuldades que teve de superar para sair de casa, disse a si mesmo que essas dificuldades seriam exatamente as mesmas na hora de voltar. Mas se ele pudesse se arriscar nessas rotas aéreas, o marechal de Montmorency poderia segui-lo?

O cavaleiro entendeu que não poderia propor 1513

o marechal um meio semelhante de encontrar-se na presença de Jeanne de Piennes. Certamente François de Montmorency não teria hesitado. Mas ele, um cavaleiro, não podia arriscar outra vida além da sua. Muito desapontado com essas reflexões, ele estava prestes a se virar para a clarabóia, quando ouviu um leve ruído, um sinal de chamada.

- Pss! nós fizemos.

Levantou a cabeça para o telhado da casa vizinha, mais alto do que aquele onde estava, e viu, emoldurado por uma janela estreita, a figura de um homem que o examinava com singular interesse.

“Onde eu vi esse rosto? pensou o cavaleiro.

O homem era velho. Ele usava uma barba branca. Ele tinha olhos suaves e calmos com um olhar luminoso e profundo.

"Vá para casa", disse o homem.

"Deixe-me ir para casa, senhor?"

- Sim. Você está querendo se salvar, não é 1514

não ?

- Em vigor.

– Bem, o caminho que você está tomando é impossível. A casa onde você está preso se comunica com a minha por uma porta que eu condenei, mas que abrirei. Volte, jovem, e espere.

O cavaleiro reprimiu uma exclamação de alegria. Ele queria agradecer ao velho generoso. Mas já havia desaparecido.

“Mas onde diabos eu vi aquele homem? »

pensou novamente o cavaleiro, deixando-se escapar pela clarabóia, segurando-se pelas pontas dos dedos, deixando-se cair no sótão.

- O que está acontecendo ? perguntou o velho Pardaillan.

O cavaleiro relatou o que acabara de acontecer.

O pai e o filho imediatamente começaram a limpar o feno que estava empilhado nos fundos do sótão e que obviamente escondia a porta indicada pelo estranho – se é que tal porta existia! se esse estranho não fosse um traidor! Para sua intensa alegria, 1515

a porta finalmente apareceu para eles, e ao mesmo tempo eles ouviram que por trás dessa porta, alguém se dedicava a um certo trabalho. Depois de alguns minutos a porta se abriu e um velho alto, vestido de veludo preto, apareceu, levantou o boné, examinou os dois Pardaillans por um momento e disse:

“Monsieur Brisard, e você, Monsieur de La Rochette, seja bem-vindo.

Os dois Pardaillan se entreolharam com espanto.

- O que ! resumiu o velho, você não reconhece o homem que você salvou na rue Saint-Antoine, em frente à casa do boticário, ao mesmo tempo que esta jovem?...

O velho Pardaillan deu um tapa na testa.

"Os dois nomes que dei à senhora!"

ele sussurrou. Se sim, pardieu! acrescentou em voz alta. Lembro-me perfeitamente de si, senhor...

"Ramus", disse o velho com nobre simplicidade.

-Ramos! Isso mesmo. Só eu vou 1516

dizer-lhe, senhor. Meu nome não é Brisard e nunca fui sargento de armas, como lhe digo. Este cavaleiro não se chama M. de La Rochette...

Ramus estava sorrindo.

– Eu lhe dei esses dois nomes então, porque era do nosso interesse nos esconder... Meu nome é Honoré de Pardaillan, e este senhor é meu filho, o Chevalier Jean de Pardaillan.

"Senhores," disse Ramus, "eu testemunhei a luta terrível ontem. Infelizmente! Em que tempos vivemos?... E vou explicar como me encontro aqui. Mas por favor entre primeiro...

Os dois Pardaillan obedeceram, e Ramus os conduziu por um lance de escadas. Eles então se encontraram em uma bela sala de jantar de aparência opulenta.

"Senhores", disse Ramus, "como eu estava lhes dizendo, ontem eu me postei nesta rua para ver o rei passar. Então eu vi a marcha do cortejo, e então testemunhei o combate terrível que você lutou. Lá, eu ouvi seus nomes.

Mas a polidez me obrigou a manter aqueles 1517

que vocês mesmos me entregaram... Em suma, uma vez que você entrou na casa vizinha, quando vi os guardas se instalarem diante da porta, compreendi que um grande perigo o ameaçava e que poderia tentar escapar. Então fiz meu pequeno plano. Vida pela vida! Eu te devia o meu. queria comprar o seu...

O velho Ramus parou por um momento e sorriu maliciosamente.

"Você vai ver", continuou ele, "que para um velho como eu, meu plano não carecia de certa elegância. - Bah! me faz meu homem, por que assim? – Porque vou receber a visita de alguns parentes que moram em Blaisois – Ah!

faz de mim o homem, sem dúvida cavalheiros que vieram de Blois com Sua Majestade? –

Exatamente ! São cavalheiros jovens e dignos que devo alojar em um 1518

uma casa decente, e a sua me foi apontada como perfeitamente burguesa. "Você pode ver, senhor! disse o homem lisonjeado para mim.

O velho Ramus suspirou por um momento, enquanto os dois Pardaillan olhavam para ele com espanto misturado com gratidão.

"Vejo o que os espanta, senhores", retomou o erudito, com seu bom humor de velho, "vocês se perguntam como pude mentir assim.

"Você é um homem digno!" exclamou Pardaillan sênior.

“Em suma”, continuou o estudioso, “o senhorio se recusa a me deixar sua casa por uma semana. Eu lhe ofereço cem libras por seis dias, ele se recusa...

duzentas libras por cinco dias, ele se recusa... Finalmente, consigo a casa por três dias, não vou dizer a que preço... Mudo imediatamente... e aqui estou...

1519

"Corbacque, senhor, toque nela!" exclamou o velho caminhoneiro.

O estudioso colocou a mão na de Pardaillan e acrescentou simplesmente:

- Tudo que você tem a fazer é me seguir. Você vai sair daqui da maneira mais natural do mundo, ou seja pela porta, que porta não é vigiada, porque dá no beco...

“Senhor”, disse então o cavaleiro, “por razões que meu pai lhe explicará, não podemos partir... pelo menos não imediatamente. Estarei, portanto, sozinho, no momento, para tirar proveito da questão que você nos oferece. Por favor, acompanhe-me até a porta, irei embora, enquanto meu pai lhe dará as explicações necessárias.

“Vamos, jovem!

O cientista desceu outra escada. O cavaleiro se viu diante de uma porta que entreabriu. Ele então se virou para Ramus, curvou-se profundamente e disse:

1520

- Meu pai, obrigado...

O cientista começou. Este título de pai que lhe foi concedido pelo jovem, o tom com que falara comoveu-o e pareceu-lhe a recompensa mais digna do que fizera.

O cavaleiro já havia entrado levemente pela porta. Ele então percebeu que estava na Ruelle aux Fossoyeurs, que era perpendicular à Rue Montmartre. O beco estava desprotegido.

Em vez de tomar a rue Montmartre, onde arriscou atropelar os guardas, o cavaleiro correu pelo beco, fez um desvio bastante longo e depois tomou a estrada para o Hôtel de Montmorency, onde não demorou a chegar.

Então as coisas aconteceram por si mesmas, pela sequência mais natural e implacável.

Cercado, levado na casa da rue Montmartre, tendo descoberto que toda fuga era impossível, agora o reconhecimento do velho Ramus o guiava, por assim dizer, pela mão 1521

à porta do Hôtel de Montmorency!

Bateu furiosamente, dizendo a si mesmo que sua última esperança era que o marechal tivesse partido de repente, como pretendia. Então... ah! então ele voltou para a rue Montmartre, forçou os guardas a iniciarem as hostilidades por algum truque, assim quebrou a trégua, salvou Loïse e sua mãe por algum prodígio de bravura louca, levou-os e obteve Loïse em casamento...

O chevalier estava neste ponto de suas rápidas deduções, quando a porta se abriu, e enquanto Pipeau, por meio de uma carícia e para mostrar sua alegria ao encontrar seu mestre, mordia suas mãos gritando, o suíço lhe disse:

– Ah! monsieur le chevalier, com que impaciência o espera monseigneur!...

O jovem sorriu um daqueles sorrisos terríveis, como Orest deve ter tido há muito tempo .

quando lutou em vão sob a mão do 1º Orestes, herói mitológico grego marcado pela fatalidade do destino.

fatalidade.

– Ah! ele disse simplesmente, Monsenhor está me esperando?

- Sim, sim... venha depressa!

Alguns momentos depois, Pardaillan se viu na presença do marechal que, febrilmente, lhe disse:

– Aqui está você, caro amigo, eu só estava esperando por você. Nós vamos partir...

"Saia, meu senhor!" Sair de Paris?

- Sim. Tenho motivos para acreditar que continuaríamos a vasculhar Paris em vão. Fui informado de uma misteriosa escolta que, na estrada para Guyenne, acompanha um carro fechado...

Eles estão aqui, cavaleiro! Guyenne é o governo de Damville. Ele deve em breve se juntar ao seu governo. Ele os fez sair na frente dele. Vamos nos juntar a esta escolta, vamos atacá-la. Estou levando doze dos meus cavaleiros mais corajosos. Só você vale doze outros, e eu...

– Monsenhor, atrevo-me a pedir-lhe que espere até

até esta noite para sair de Paris, disse o cavaleiro, que naquele momento estava certamente sublime em sua tranquilidade.

"Por que, Pardaillan?" Por que. Vamos sem perder um segundo! Vamos lá ! a cavalo...

- Monsenhor, eu insisto...

– Você está hesitando... você!...

– Não hesito: fico! E você fica também, meu senhor! Você vai embora, mas só esta noite. Por enquanto, por favor, acompanhe-me sozinho, a pé...

O sotaque do jovem era tão singular que Montmorency exclamou com voz trêmula:

– Pardaillan, você sabe de uma coisa!

"Vem, senhor! disse o cavaleiro, com aquele mesmo sotaque em que havia igual dose de ironia e desespero.

O marechal teve uma última hesitação, então disse:

– Vamos!... Mas pense que a hora é 1524

precioso. Se você tivesse atrasado mais uma hora...

“Bem, meu senhor, o que você teria feito se eu não tivesse chegado por mais uma hora?

- Eu estava indo sem você.

O rosto do cavaleiro permaneceu imóvel.

Mas uma imprecação irrompeu no fundo de seu coração.

No momento seguinte eles estavam a caminho, e logo chegaram à Travessa dos Coveiros sem ter tido o menor encontro que pudesse detê-los. Eles bateram. Ramus abriu. Entraram na casa, e chegaram a esta bela sala de jantar onde Ramus havia apresentado os dois Pardaillan, o cavaleiro disse pacificamente:

– Sr. Ramus; você quer forçar sua generosidade a ponto de nos deixar sozinhos por uma hora nesta sala?

"Esta casa é sua, meu filho, enquanto for minha", disse o velho erudito, que imediatamente se retirou para um quarto no andar térreo.

- Onde estamos ? disse o marechal, atônito, perturbado, preocupado, presa desse indefinível 1525

ansiedade que antecede eventos importantes, bons ou ruins.

"Monsenhor", disse o cavaleiro, sem responder a esta pergunta, "peço-lhe que espere aqui por alguns minutos...

- Feito ! murmurou o marechal.

O chevalier saiu e François de Montmorency ficou sozinho. O jovem voltou rapidamente ao sótão onde havia dormido. Lá ele encontrou o velho Pardaillan, que exclamou imediatamente:

- Eles estão à tua espera; eles se importam com você...

O cavaleiro sentou-se, ou melhor, deixou-se cair num palheiro.

“Padre”, disse ele, “tenha a gentileza de informar Madame de Piennes e Mademoiselle de Montmorency que o marechal está esperando por eles.

- Diabo ! disse simplesmente o velho caminhoneiro que, aproximando-se do filho e pondo a mão em seu ombro, murmurou:

- Cavaleiro !...

1526

- Meu pai ?...

– Você está sofrendo, hein?... me fale um pouco sobre isso...

"Você está enganado, meu pai", disse o chevalier, naquela voz que era tão terrível em sua tranquilidade; Fui buscar o marechal de Montmorency para levar sua filha. Ele está lá. Ele está esperando. Isso é tudo. Lembre-se apenas que você sempre me disse para cair graciosamente no dia em que caí. Aqui, a elegância, parece-me, consiste em não sofrer.

" Doce ! gemeu o velho caminhoneiro para si mesmo. Você quer manter sua dor para si mesmo.

Guarde-o, logo choraremos juntos... Morte de todos os demônios! O que ele ia fazer no Marshal's. »

Ao mesmo tempo desceu ao andar onde se encontravam Jeanne de Piennes e Loïse e, quanto ao cavaleiro, procurou um canto escuro do sótão para que não o vissem quando atravessassem para entrar em ramus.

1527

*

François de Montmorency permanecera imóvel, os olhos voltados para a porta por onde o cavaleiro desaparecera, lutando contra essa angústia de que falamos, tentando suavizar as batidas violentas de seu coração comprimindo-o com uma das mãos. O homem não é nem inteiramente bom nem inteiramente mau. E devemos dizer que naquele momento, naquela bela alma, um pensamento ruim se arrastou.

Ele tinha a sensação de que tinha sido arrastado para uma emboscada. E, no entanto, ele tinha uma confiança ilimitada no cavaleiro. Mas quem poderia afirmar, nestes tempos sangrentos, que o amigo mais devotado na aparência não era um traidor, um enviado do inimigo? O silêncio era profundo na casa, e os minutos se passaram. Essa sensação de desconforto aumentou a ponto de o marechal colocar a mão em sua adaga.

- Quem sabe ? ele sussurrou.

1528

Nesse momento, a porta se abriu lentamente, Jeanne de Piennes apareceu. Ela ainda estava vestida com aquelas roupas pretas que realçavam a beleza trágica de seu rosto pálido, iluminado por seus dois grandes olhos profundos. Ela viu François e parou como se estivesse petrificada, com as mãos entrelaçadas, o olhar fixo.

E, no entanto, o velho Pardaillan a avisara!E parecia que naquele olhar havia sobretudo um espanto infinito, esse tipo de espanto que se tem na hora da morte. Se podemos falar assim, ela desapareceu em pensamento, enquanto permaneceu de pé, como uma estátua de Luto. Ela estava ciente do que estava acontecendo? Não é certo.

François, ao vê-la, foi sacudido como por uma furiosa descarga elétrica. Ele queria pronunciar o nome de Jeanne, e seus lábios emitiram apenas um som rouco e ininteligível. Seus olhos se arregalaram como antes da aparição fatal de um fantasma; uma névoa úmida os cobriu em uma névoa; então, no mesmo instante, as lágrimas começaram a escorrer uma a uma, 1529

lento e firme, daqueles olhos, enquanto o rosto mantinha uma imobilidade de pedra. E foi assim que ele a olhou com uma avidez onírica, na qual havia medo, dor, amor, piedade, ah! principalmente pena...

Ele caminhou em direção a ela...

Como ela, ele juntou as mãos...

Caminhava com passos curtos e pesados, oprimido pelo peso dos pensamentos que o esmagavam...

Caminhava sem uma palavra, sem um gemido, sem um soluço, enquanto em seu rosto imóvel, pálido como cera, as lágrimas caíam uma a uma, lentas e regulares.

Quando ele estava perto dela, ele se ajoelhou, sua testa curvada aos pés da estátua de luto, e então os soluços explodiram em sua garganta e em seus lábios, os gemidos encheram o salão com sua música, assustadora e divina, e uma palavra, uma única palavra, uma palavra que estremeceu, que chorou, que lamentou e que assumiu todas as formas de pavor, de piedade, irrompeu entre esses gemidos sobre-humanos:

1530

- Desculpe desculpe desculpe!...

Quanto tempo Francisco permaneceu prostrado assim?

Quanto tempo a palavra terrível que se retorceu em seus lábios rolou entre os gritos abafados, os soluços e os gemidos?

Pouco a pouco, François endireitou-se...

Suas mãos agarraram as mãos geladas de Jeanne...

Então, com o mesmo movimento imperceptível, como se ele tivesse se levantado para o céu, ele se levantou, a abraçou, seu rosto estava perto do rosto de Jeanne...

Agora ele queria falar, tudo o que tinha no coração queria escapar, ele tentou organizar seus pensamentos, combinar as palavras para dizer o que havia sofrido e o quanto se amaldiçoara por seu crime. , ou seja, de sua suspeita injusta...

E quando ele estava prestes a falar, Jeanne, com um movimento muito gentil, colocou os dois braços em volta do pescoço e com um sorriso de puro êxtase, 1531

deixou cair a cabeça no ombro de François...

Ah! Por que Francisco, naquele momento, foi tomado por um estranho terror?

Esse movimento dos braços de Jeanne, ele o reconheceu! Este abraço de seu pescoço, ele o reconheceu! Aquele sorriso, aquela atitude da cabeça amada apoiada em seu ombro, ele os reconheceu!...

Foi como na Margency, ali, perto da casa da enfermeira, na terrível noite do casamento e da partida!... Mesmo movimento, mesmo gesto, mesma atitude, mesmo sorriso!...

- Joana! Joana! gaguejou François num delírio de angústia.

E seus cabelos se arrepiaram, a angústia se transformou em horror, quando reconheceu a voz, o sotaque, a entonação que Jeanne tinha na noite de Margency... aquela voz perturbada, oprimida, hesitante, expressão soberana de infinita alegria e medo tímido.

E Jeanne murmurou.

– Ó meu amado, você finalmente conhecerá, o 1532

querido segredo que não ouso confessar a você há três meses... Você deve finalmente saber... e então iremos contar ao meu pai juntos...

- Joana! Joana! gritou o marechal, ofegante.

– Escute, meu François... ouça-me com atenção...

este momento é solene... Meu amado, sou sua esposa, e nossa união é abençoada...

- Joana, Joana! gritou o marechal.

– Escute... aqui está o segredo querido, tão doce e tão formidável... François, você vai ser pai...

E ela ergueu para ele seus olhos puros, seus olhos cândidos de menina, seus olhos onde todos os pensamentos humanos haviam desaparecido, e onde apenas um sentimento brilhava, como uma estrela dourada brilhando no zênite, na noite de tudo... o sentimento que ela expressou em um sorriso adorável com estas palavras:

– François, eu vou ser mãe...

Um grito de desespero, uma terrível imprecação, uma palavra exalada dos lábios do marechal:

"Louco! Ela é louca!

E ele caiu para trás, derrubado, inconsciente.

*

O marechal de Montmorency acabava de encontrar a quem tanto amava.

O que seria do reencontro desses dois seres que se amavam, do amor jovem do Chevalier de Pardaillan, dos grandes interesses e da luta travada entre huguenotes e católicos.

O que nossos leitores saberão em breve.

FIM DO VOLUME UM

Este livro é o 914º publicado na coleção *À tous les vents* da Quebec Electronic Library.

A Biblioteca Eletrônica de Quebec é propriedade exclusiva da

Jean-Yves Dupuis.

Esboço do Documento